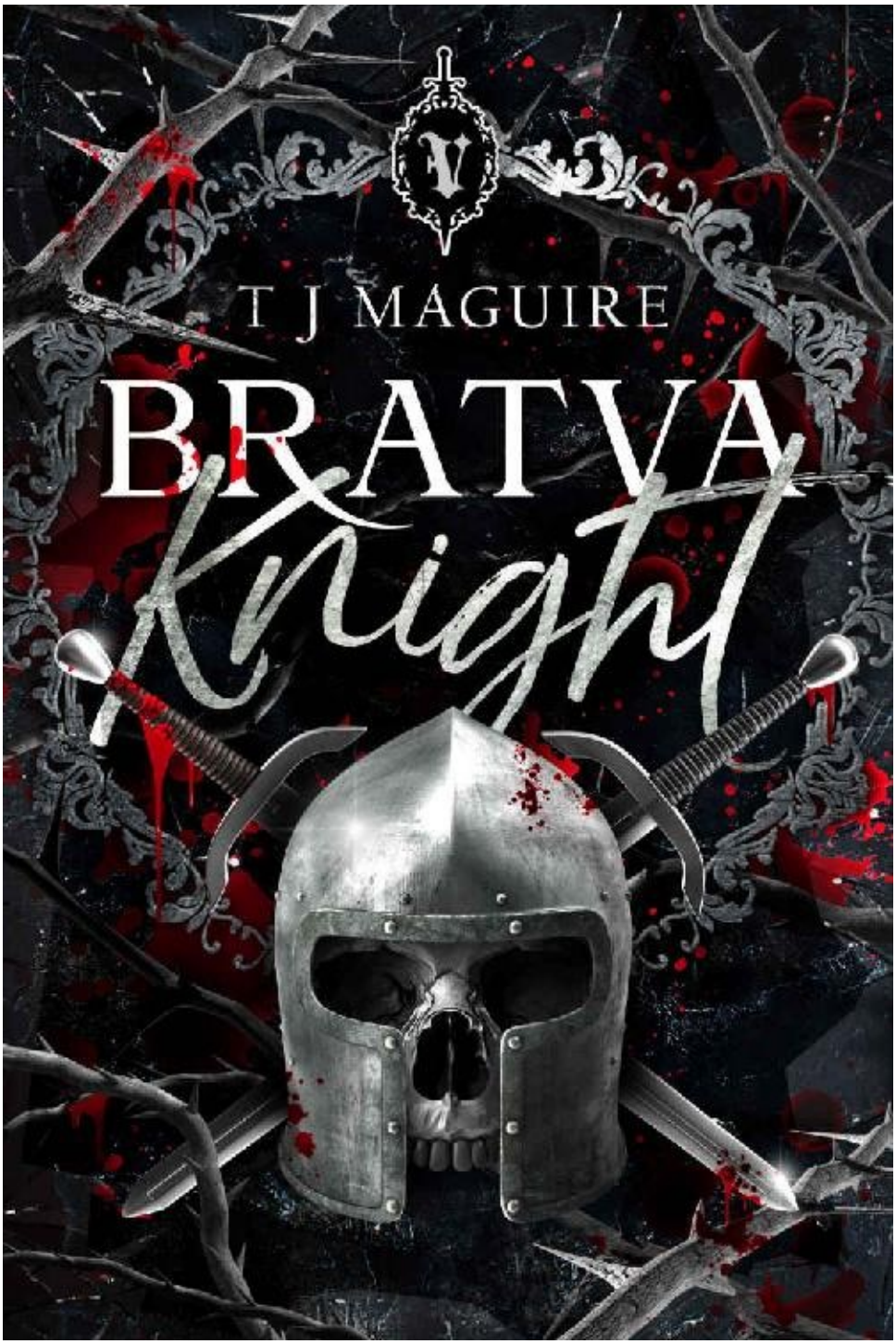
Bratva Knight

T J Maguire



Índice

Direitos autorais

Aviso de conteúdo

Dedicação

Menção especial

1. Capítulo Um

2. Capítulo Dois

3. Capítulo Três

4. Capítulo Quatro

5. Capítulo Cinco

6. Capítulo Seis

7. Capítulo Sete

8. Capítulo Oito

9. Capítulo Nove

10. Capítulo Dez

11. Capítulo Onze

12. Capítulo Doze

13. Capítulo Treze

14. Capítulo Quatorze

15. Capítulo Quinze

16. Capítulo Dezesseis

17. Capítulo Dezessete

18. Capítulo Dezoito

19. Capítulo Dezenove

20. Capítulo Vinte

21. Capítulo Vinte e Um

22. Capítulo Vinte e Dois

23. Capítulo Vinte e Três

24. Capítulo Vinte e Quatro

25. Capítulo Vinte e Cinco

26. Capítulo Vinte e Seis

27. Capítulo Vinte e Sete

28. Capítulo Vinte e Oito

29. Capítulo Vinte e Nove

30. Capítulo Trinta

31. Capítulo Trinta e Um

32. Capítulo Trinta e Dois

33. Capítulo Trinta e Três

34. Capítulo Trinta e Quatro

35. Capítulo Trinta e Cinco

36. Capítulo Trinta e Seis

37. Capítulo Trinta e Sete

38. Capítulo Trinta e Oito

39. Capítulo Trinta e Nove

40. Capítulo Quarenta

41. Capítulo Quarenta e Um

42. Capítulo Quarenta e Dois

43. Capítulo Quarenta e Três

44. Capítulo Quarenta e Quatro

45. Capítulo Quarenta e Cinco

46. Uma pequena nota minha para você

47. Persiga-me

Cavaleiro Bratva

T. J. Maguire

Conteúdo

Direitos autorais

Aviso de conteúdo

Dedicação

Menção especial

1. Capítulo Um

2. Capítulo Dois

3. Capítulo Três

4. Capítulo Quatro

5. Capítulo Cinco

6. Capítulo Seis

7. Capítulo Sete

8. Capítulo Oito

9. Capítulo Nove

10. Capítulo Dez

11. Capítulo Onze

12. Capítulo Doze

13. Capítulo Treze

14. Capítulo Quatorze

15. Capítulo Quinze

16. Capítulo dezesseis

17. Capítulo dezessete

18. Capítulo dezoito

19. Capítulo Dezenove

20. Capítulo Vinte

21. Capítulo Vinte e Um

22. Capítulo Vinte e Dois

23. Capítulo Vinte e Três

24. Capítulo Vinte e Quatro

25. Capítulo Vinte e Cinco

26. Capítulo Vinte e Seis

27. Capítulo Vinte e Sete

28. Capítulo Vinte e Oito

29. Capítulo Vinte e Nove

30. Capítulo Trinta

31. Capítulo Trinta e Um

32. Capítulo Trinta e Dois

33. Capítulo Trinta e Três

34. Capítulo Trinta e Quatro

35. Capítulo Trinta e Cinco

36. Capítulo Trinta e Seis

37. Capítulo Trinta e Sete

38. Capítulo Trinta e Oito

39. Capítulo Trinta e Nove

40. Capítulo Quarenta

41. Capítulo Quarenta e Um

42. Capítulo Quarenta e Dois

43. Capítulo Quarenta e Três

44. Capítulo Quarenta e Quatro

45. Capítulo Quarenta e Cinco

46. Uma pequena nota minha para você

47. Me persiga

Direitos autorais © 2023 por TJ Maguire Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do editor, exceto conforme permitido pela lei de direitos autorais dos EUA. Para solicitações de permissão, entre em contato com TJ Maguire A história, todos os nomes, personagens e incidentes retratados nesta produção são fictícios. Nenhuma identificação com pessoas reais (vivas ou falecidas), lugares, edifícios e produtos é intencional ou deve ser inferida.

Capa do livro por Faera Lane

Editado por BLD Creative

Aviso de conteúdo

Antes de continuar, esteja ciente de que este livro tem um aviso de conteúdo. Se você é um leitor sensível, prossiga com cautela.

-Violência extrema

- Linguagem áspera

-Colares de mão

-Assassinato/morte

-Cenas sexuais gráficas

-Tentativa de agressão sexual

-Tortura

-Natimorto/perda de um filho

-Pensamentos suicidas

Dedicação

A todos que pegarem este livro, obrigado por darem uma chance a mim. Vocês fizeram o sonho deste pequeno autor independente se tornar realidade.

Menção especial

Um agradecimento especial à minha carona ou morte, Carolyn, e à Nikita. Obrigada a ambas pelo apoio inabalável.



Capítulo Um

NIKOLAI VOLKOV

"EU JURO, VOCÊ ME DEIXA completamente louco!”

Eu gritei, olhando para a pequena bomba na minha frente.

Tatiana Andreeva era a ruína da minha existência. Cabelo longo e dourado. Pele

macia e beijada pelo sol. Quadris curvilíneos. Ela tinha o rosto de um anjo e a atitude do diabo.

Por quatro anos, ela consumiu todos os meus pensamentos acordados. Me fez doer com uma necessidade ardente e implacável. Por quatro anos, ela me torturou com olhares acalorados e aquela boca atrevida. Testando minha paciência, meu autocontrole. Ela estava sempre na minha mente. Sob minha pele. No meu coração. Não importa o que eu fizesse ou o quanto eu tentasse, eu não conseguia tirá-la de lá.

Tatiana sorriu, um brilho naqueles olhos castanhos encantadores. Ela gostava de me irritar, vivia pra caralho para isso. "Calma, Nicky, antes que você tenha um aneurisma."

Eu cerrei os dentes. Ela sabia que eu odiava quando ela me chamava de Nicky. Ela fazia isso de propósito só para me irritar, como tudo o mais que ela fazia. Um espinho constante no meu lado.

“Quantas vezes eu já disse para você não correr sozinho? É

perigoso.”

“E quantas vezes eu já disse para você cuidar da sua própria vida. O que eu faço não é da sua conta. Não mais.”

A dor atravessou meu coração e eu respirei fundo. A culpa passou pelo rosto de Tatiana por um breve momento antes que ela a desligasse, retornando à rainha do gelo fria e dura que ela sempre foi ao meu redor.

Ela pode pensar que esse era o caso, mas não poderia estar mais errada. Tudo e qualquer coisa a ver com ela era problema meu. Não importa o que acontecesse entre nós, não importa onde estivéssemos um com o outro, ela sempre seria minha preocupação.

O calor escaldante do sol de Las Vegas me atingiu, o suor escorrendo pela minha nuca. Estávamos na esquina da minha casa. Eu podia ver a cerca alta de ferro que cercava a propriedade, alta e alta, à distância.

Tatiana morava a apenas alguns quilômetros de distância.

Eu a vi correndo na beira da estrada quando estava voltando para casa. Ela não tinha a mínima noção, inconsciente do perigo em que se colocou. Seria tão fácil para alguém simplesmente encostar e enfiá-la no carro.

Merdas como essa aconteciam o tempo todo em Vegas.

Pessoas desapareciam, para nunca mais serem vistas ou ouvidas.

Três vans azuis passaram zunindo, parando na minha garagem e na guarita. Isso me fez franzir a testa em suspeita.

Quem diabos são eles? Eu não sabia de nenhum visitante aparecendo.

Minhas suspeitas desapareceram quando os portões de ferro se abriram, permitindo a entrada deles. Quem quer que fossem, eles tinham recebido permissão para entrar.

Caso contrário, não teriam conseguido entrar.

“Olha, Nicky, tenho um lugar onde preciso ir. Então, se terminamos aqui—”

“Não, não terminamos aqui,” eu lati, interrompendo-a. Eu entrei no espaço dela, ficando nariz com nariz com ela enquanto a encarava.

A respiração de Tatiana engatou levemente, seus olhos flamejando. A tensão sexual estalava o ar ao nosso redor, crua e magnetizada. Minha pele zumbia com a consciência de tê-la tão perto, nossos corpos a menos de uma polegada de distância um do outro.

Era assim que era conosco. Do jeito que sempre foi. Toda vez que estávamos na órbita um do outro, era como se a atração entre nós simplesmente explodisse , acendendo como gasolina no fogo.

A química que ardia entre Tatiana e eu era cósmica. O tipo de merda sobre a qual as pessoas escreviam histórias, cantavam músicas. Ela nunca desapareceria. Nunca diminuiria. Nunca diminuiria. Ela brilharia tão forte quanto o sol até o dia em que morrêssemos.

O som de um tiro desviou meu olhar de Tatiana e ele se voltou para minha casa de três andares à distância.

Isso veio de lá?

Mais tiros ecoaram no ar e eu entrei em ação, sacando minha Beretta das costas.

Rapidamente entreguei as chaves do meu carro para Tatiana. “Saia daqui. Agora.”

Eu deveria saber que ela não iria me ouvir.

Ela olhou para minha mão aberta com escárnio, seu lábio se virou em desgosto. "Se você acha que eu vou embora quando algo está claramente acontecendo, você é ainda mais idiota do que eu pensava."

“Droga, Tatiana, não tenho tempo para discutir isso com você. Entra nessa porra de carro, ou juro por Deus, você vai se arrepender. Não estou brincando com você.”

Ela colocou as mãos nos quadris, me encarando. "Eu. Não.

Vou. Sair." Seus ombros estavam eretos com determinação,



lábios pressionados firmemente juntos.

Meu telefone vibrou no meu bolso. Eu o peguei, mantendo minha carranca irritada firmemente nela. Dei uma olhada rápida na tela. Era uma mensagem do meu irmão, Aleksandr, no nosso grupo de WhatsApp com todos os nossos soldados.

Não havia palavras. Apenas um emoticon.

Saí correndo.

Corpos espalhados pelo jardim da frente, quebrados e sangrando.

Alguns

tinham

sido

baleados,

outros

espancados e cortados com o que imaginei ser um machado ou facão de algum tipo. Gritos ecoavam ao nosso redor, seguidos por tiros e sons de pessoas brigando, grunhindo e rosnando, gritando de dor.

Eu me movi rapidamente, meu corpo curvado em um leve agachamento enquanto eu subia apressado a entrada de cascalho, minha arma firmemente presa na minha mão. Eu tentei me concentrar, não deixar minha mente divagar. O

medo que eu sentia pela minha família me consumia, mas eu tinha que manter minha cabeça no lugar e lidar com o alvo na minha frente.

Tatiana estava bem ali comigo, seus passos leves e rápidos enquanto ela ficava nos meus calcanhares. Seus dedos perfeitamente manicurados estavam enrolados no cabo da minha arma reserva, seu aperto impecável. Já que ela

estava tão decidida a vir comigo, eu tinha que dar a ela algo para se proteger. Eu sabia que, não importava o que eu dissesse ou o quanto eu gritasse com ela, ela faria o que bem entendesse. Tatiana nunca me ouvia.

“Lembre-se, fique ao meu lado,” eu sussurrei, abaixando-me para verificar o pulso de um dos nossos soldados.

Morto. Isso me fez xingar.

Como diabos isso aconteceu? Quem está nos atacando?

“Eu vou ficar bem. Não se preocupe comigo,” ela respondeu, um foco tipo laser queimando em seus olhos enquanto ela escaneava nossos arredores.

Logicamente, eu sabia disso. Tatiana pode não ser uma soldada da Bratva, mas ela passou pelo mesmo treinamento que todos nós tivemos. Ela sabia como se

comportar. Ela poderia até chutar minha bunda se a ocasião exigisse.

Mas isso não impediu que o medo explodisse dentro de mim. Ela estava se colocando em perigo. Havia uma chance, não importa quão pequena, de que ela pudesse se machucar. Morrer.

Só o pensamento fez meu coração se partir. Em um mundo sem Tatiana, eu estaria perdido. A vida simplesmente não valeria a pena ser vivida.

Subi os degraus da varanda que levavam à porta da frente rápida e silenciosamente, observando onde colocava meus pés calçados com botas para que as tábuas não rangessem.

A porta estava ligeiramente entreaberta. Fui empurrá-la para abri-la mais, mas uma voz raivosa à minha esquerda me fez enrijecer.

Eu conheço essa voz.

Eu corri pela lateral da casa, saindo para o quintal. Grupos de pessoas estavam travados em brigas de dois ou três, espalhados pelo quintal até o armazém. Era um caos.

Sangrento. Brutal. Como uma porra de uma zona de guerra.

Meus olhos iam e vinham de cada grupo de pessoas, procurando, procurando... ali .

Meu irmãozinho, Lukyan, estava deitado de costas, com uma lâmina a poucos centímetros de sua garganta. Ele lutava com um homem de macacão preto que estava montado em seu peito, rosnando e rosnando com esforço enquanto tentava empurrar a faca para longe de sua pele.

Mirei e atirei. Alguém chutou minha arma para longe ao mesmo tempo em que puxei o gatilho, fazendo-me errar o tiro. Nós travamos uma luta corpo a corpo, socando e batendo um no outro enquanto lutávamos pelo controle.

Tatiana estava tentando obter uma linha de tiro limpa, mas com o quanto estávamos nos movendo, era impossível. Eu podia vê-la no canto do olho, hesitando em atirar com medo de me acertar.

“Tati...vai...para...Lukyan,” eu grunhi, bloqueando os golpes do meu agressor.

Tatiana hesitou. Seus olhos dispararam para Lukyan, que estava lutando para impedir que a faca perfurasse sua pele, a lâmina se aproximando cada vez mais a cada segundo.

“Vai!”, eu rugi, o desespero na minha voz a incitando a ir para frente. Eu precisava dela para salvar meu irmão.

Um soco doloroso no queixo me atordoou, me desequilibrando. O homem foi me derrubar e eu torci meu corpo para fora do seu alcance, envolvendo meus braços em volta do seu pescoço por trás. Eu apertei com força, cortando sua capacidade de respirar enquanto eu o levantava

do

chão.

Ele

se

debateu,

chutando

descontroladamente e ofegando por ar.

Apliquei ainda mais pressão e quebrei seu pescoço. Ele ficou mole em meus braços e eu o deixei cair no chão, respirando pesadamente. Meus olhos se voltaram para Tatiana. Ela estava evitando habilmente golpes de faca de outro homem, seus movimentos leves e fluidos enquanto

ela se contorcia e virava, me lembrando de uma dançarina.

Lukyan lutou implacavelmente ao lado dela, atacando e defendendo, atacando e defendendo.

Eu vi vermelho e pulei para a luta. Fiquei perto de Tatiana, ajudando-a quando ela precisava (o que, para ser honesto, era quase nada). Agarrei um pulso ossudo

e o torci para dentro, empalando a faca na mão de um homem bem no seu estômago. Eu o chutei para longe e usei a mesma perna para dar outro chute rápido e veloz na cabeça de outro homem, nocauteando-o.

Tatiana pegou o que parecia ser um tipo de martelo e o balançou no rosto de um homem loiro, dentes e sangue espirrando no ar. Lukyan chutou e socou, esfaqueou e cortou. Ele lutou com aquela viscosidade primitiva que ele mantinha enterrada profundamente sob aquela persona travessa de playboy, matando e matando e matando.

Eu não tinha certeza de quanto tempo lutamos. Parecia uma eternidade, mas eu sabia que não poderia ter sido mais do que quinze minutos, no máximo. Quando acabamos matando o último daqueles filhos da puta, estávamos todos ofegantes, cobertos da cabeça aos pés de sangue e suor.

Havia uma orelha no ombro de Tatiana. Dentes salpicavam o cabelo de Lukyan. Intestinos e órgãos esmagados sob meus sapatos de quando eu tinha cortado o estômago de um homem. Era como se uma maldita bomba tivesse explodido em nosso quintal, sangue e partes do corpo chovendo como neve.

“O que diabos aconteceu?” Eu respirei fundo, olhando para o mar de corpos mortos. A adrenalina ainda corria em minhas veias, tornando impossível para mim ficar parado.

“Não sei”, Lukyan ofegou, limpando o sangue da testa com as costas da mão. “Eu estava no armazém malhando quando ouvi a primeira rodada de tiros. A maioria dos homens estava. Quando saímos, vimos esses filhos da puta”

— ele chutou um dos corpos a seus pés — “correndo em nossa direção com armas. Não tenho ideia de como eles conseguiram entrar na propriedade sem que o alarme fosse disparado.”

“Nós nos preocuparemos com o como e o porquê depois.

Agora, precisamos lidar com eles. Há mais algum?”

“Não sei. Ainda não tive a chance de verificar a casa.”

“Tudo bem,” eu assenti. “Vocês três” — eu apontei para três dos nossos soldados curvados com as mãos nos joelhos, recuperando o fôlego — “limpem o resto da

área externa. Nós tomaremos a casa. Vocês viram Aleksandr? Ou o pai?” Eu perguntei, voltando minha atenção para meu irmão.

“Não e não. Eles provavelmente estão lá dentro.” Ele olhou para Tatiana. “Obrigado por salvar, a propósito.”

Ela sorriu, dando-lhe uma piscadela brincalhona. "Não mencione isso." Seu sorriso se transformou em uma carranca enquanto ela olhava por cima do ombro de Lukyan, olhando atentamente para a casa através das portas de correr de vidro. "Quem é esse?"



Capítulo Dois

TATIANA ANDREEVA

EU OBSERVEI A PEQUENA mulher do tamanho de uma fada pular nas costas de um dos atacantes, derrubando-o fora de vista. Eu nunca a tinha visto antes, e eu conhecia todo mundo na Bratva. Mesmo não sendo uma soldada, eu ainda era muito uma mulher Bratva. Eu passei por todo o treinamento, fiz todo aquele trabalho duro. Eu até passei pela iniciação, só para depois descobrir que não era o que eu queria fazer da minha vida. Na verdade, não.

Não era a brutalidade disso. O sangue e a matança. Essa merda não me perturbou (embora fosse irritante toda vez que uma das minhas unhas quebrava depois de uma luta de sparring, especialmente depois que eu tinha acabado de gastar US$ 500 em um novo conjunto). Sem mencionar que os uniformes que os executores tinham que usar eram os pedaços de tecido mais feios que eu já tinha visto na minha vida.

Surpreendentemente , não foi nenhuma dessas coisas que me fizeram decidir não seguir o mesmo caminho que meu pai. Foi simplesmente porque meu coração não estava nisso.

Eu queria explorar a moda. Eu queria criar minha própria linha de roupas, como Brooke Davis, e me mudar para uma das capitais da moda do mundo. Paris ou Milão. Caramba, eu até escolheria Londres. Qualquer lugar que me afastasse do homem que tinha partido não só meu coração, mas minha alma.

Nikolai Volkov era o sonho molhado de toda mulher.

Ombros enormes e largos. Músculos duros e firmes. Cabelo escuro. Um rosto que envergonhava todas aquelas estrelas de cinema de Hollywood. Queixo quadrado. Pele bronzeada impecável. Maçãs do rosto altas. Ele era alto. Gostosão.

Feroz. Mas seus olhos eram o que eu mais amava. Era tão fácil se perder neles. Azul brilhante, como o oceano.

Eu tinha uma queda por ele desde os meus dezesseis anos, seguindo-o por aí como um cachorrinho. Mas ele mal me notava. Eu era apenas a melhor amiga idiota da irmã dele.

Ele apenas resmungava um "Olá" sempre que eu estava lá, e era isso. Ele nem olhava para mim, sempre com a cabeça enfiada naquele laptop que ele carregava para todo lugar que ia.

Porém, algum tempo depois que completei dezenove anos, tudo mudou.

Eu estava hospedado lá uma noite e ele me encurralou em um dos muitos corredores escuros da casa deles, parecendo sombrio e misterioso.

“O que você está fazendo andando por aí sozinha, Tati?”

Um arrepio percorreu minha espinha. Parei morto no meio do caminho, arrepios percorrendo minha pele. O corredor estava escuro, tão escuro que mal conseguia distinguir a silhueta de Nikolai enquanto ele se encostava na parede na minha frente.

Eu estava agudamente ciente do fato de que não estava usando calças. Eu tinha acordado no meio da noite, com a boca tão seca quanto o deserto do Saara. Eu sempre dormia de cueca, então não me incomodei em vestir uma calça antes de ir até a cozinha para pegar um copo d'água.

Se eu soubesse que o lobo mau estava rondando os corredores... Eu ainda não teria feito isso. Vamos ser honestos, eu estava tentando chamar a atenção de Nikolai há anos. E foi só recentemente que ele começou a retribuir

essa atenção com olhares longos e acalorados que queimaram minhas entranhas. Ele incendiou todo o meu corpo.

“Eu poderia te perguntar a mesma coisa. Você costuma andar por aí no escuro às três da manhã?”, perguntei, arqueando uma sobrancelha. Não me cobri porque queria que ele olhasse para mim, me visse como uma mulher e não apenas uma criança.

Nikolai deu um passo à frente e um raio de luz trouxe seu rosto à vista. Porra, eu nunca superaria o quão bonito ele era. Ele tirava meu fôlego toda vez que eu o via. Meu coração batia forte no meu peito, batendo tão forte que eu podia ouvi-lo em meus ouvidos. Eu o queria tanto, senti-lo me tocar, suas mãos duras e calejadas na minha pele.

Seus olhos percorreram meu corpo e subiram novamente em uma leitura lenta, como um homem guardando cada detalhe na memória. “Às vezes. Depende de quem estou perseguindo.”

Por que essa declaração me irritou? Quem diabos ele estava perseguindo quando

não estava lá?

Fiz um movimento ousado e me aproximei. Sua cabeça se inclinou para o lado curiosamente, seu olhar percorrendo minhas pernas novamente, quase como se ele não pudesse se conter. Foi a maior exposição que já tive perto dele. Ele gostou do que viu? Eu não sabia dizer. Pode ter havido um lampejo de interesse em seus olhos, mas eu não tinha certeza.

"Você está me perseguindo, Nicky?", sussurrei suavemente, arrastando uma mão lentamente pela minha frente. Parei no cós da minha calcinha, passando um dedo sobre a pele exposta da minha barriga inferior. Eu queria testá-lo, para ver se ele realmente estava interessado. Eu não corria atrás de homens que não me queriam. Não mais.

Nikolai observava meus movimentos como um predador observando sua presa. Imóvel mortal. Foco de laser.

Músculos contraídos, como se ele estivesse pronto para atacar a qualquer momento.

"Não me chame de Nicky", ele rosnou baixo, seus olhos ainda fixos na minha mão.

“Por quê? Eu meio que gosto. Nicky, Nicky, Nicky—”

Um suspiro abafado saiu da minha boca quando ele correu para mim, sua mão se curvando em volta da minha garganta enquanto ele me empurrava contra a parede. Seu corpo estava rente ao meu, sua respiração soprando sobre meu rosto. Eu podia sentir cada centímetro glorioso dele.

Todos aqueles músculos duros e tonificados, construídos por uma vida inteira de treinamento.

Ele nunca tinha estado tão perto de mim antes, nunca tinha me tocado antes. A excitação borbulhando dentro de mim explodiu a ponto de eu mal conseguir respirar.

Sua língua correu pelo lábio inferior enquanto ele olhava para minha boca, os olhos queimando com o que eu tinha certeza que era vontade, desejo. "Cuidado, Tatiana", ele rugiu. "Eu gosto de punir garotinhas como você."

“Você?”, sussurrei, a euforia me enchendo por dentro.

“Mostre-me.”

Sua risada profunda e gutural fez minha boceta formigar.

Sua mão acariciou a frente do meu corpo lentamente e eu me arqueei para frente, desesperada por seu toque. Eu sonhei com esse momento tantas vezes, que beirava a obsessão.

Ele agarrou o tecido da minha calcinha e puxou para trás, soltando-a com um estalo. Eu gritei e ele cobriu minha boca com a mão. "Shhh. Você não quer acordar ninguém, quer?"

Balancei a cabeça, respirando pesadamente.

“É isso mesmo. Você vai ser minha boa menina agora, não é, Tati?”

Eu balancei a cabeça ansiosamente. Minha habilidade de falar estava fora, mas eu precisava que ele soubesse que eu faria qualquer merda que ele pedisse, contanto que ele continuasse me tocando.

“Bom.” Ele manteve uma mão cobrindo minha boca enquanto movia a outra pela minha frente lentamente, torturantemente, com um toque agonizantemente leve que me fez contorcer. “Eu estava me perguntando qual é o seu gosto.”

“Você tem?”, murmurei.

Ele assentiu, seus olhos penetrando os meus. “Desde que eu te vi naquele vestidinho vermelho. Você se lembra disso?”

Como eu pude esquecer? Esse foi meu décimo nono aniversário. Foi a primeira vez que consegui chamar a atenção dele. A primeira vez que ele realmente **olhou** para mim e me viu. Eu estava nas nuvens desde então.

“Devo descobrir? Hmm, Tati? Devo descobrir qual é o seu gosto?”

Tentei não parecer muito ansioso, mas porra, eu estava.

Envolvi meus dedos em volta do pulso dele e tirei sua mão da minha boca. "Eu

acho que você deveria."

“Eu acho que eu também deveria.” A mão dele desapareceu na frente da minha calcinha e eu gemi quando seu dedo roçou levemente meu clitóris. Ele me deu um olhar de repreensão e eu mordi meu lábio para não fazer outro som.

Deus, o toque dele era tão bom. Tão insuportavelmente bom.

Ele mergulhou o dedo dentro de mim. Eu ofeguei, meus quadris girando enquanto o prazer subia pela minha espinha. Ele o puxou para fora muito rápido e o trouxe para cima entre nossos corpos. Seus olhos ficaram grudados nos meus enquanto ele chupava o dedo na boca e soltava um gemido profundo e masculino.

“Perfeito e doce, exatamente como eu pensava.”

Porra. Isso.

Eu me inclinei para frente e bati meus lábios nos dele, incapaz de me segurar por mais um segundo. Ele me beijou de volta ansiosamente, sua língua empurrando para dentro da minha boca. Ele assumiu o controle do beijo rapidamente, segurando minha cabeça firmemente em suas mãos, inclinando-a para um lado e para o outro para obter melhor acesso. Eu gemi e ele engoliu o som antes que pudesse ser ouvido por qualquer outra pessoa. Ele empurrou contra mim, me sufocando contra a parede, seu corpo duro esfregando em mim.

Porra, ele se sentiu incrível.

O som de alguém rindo o fez rasgar a boca com um rosnado. Sua mão se moveu ao longo da parede ao meu lado e ele apertou um botão escondido sob uma das arandelas de luz. Então ele estava me empurrando **contra** a parede.

Eu não tinha ideia do que estava acontecendo. Eu estava apenas acompanhando o passeio enquanto ele me empurrava para dentro e a parede se movia de volta para o lugar, nos deixando presos em algum tipo de passagem escondida. Sua mão estava de volta, cobrindo minha boca novamente enquanto as vozes ficavam cada vez mais altas.

Oh, Deus, nós vamos ser pegos. Por que isso me excitou, eu não tinha ideia.

Eu não queria parar, não queria que fosse o fim. Se esse fosse o único momento que iríamos compartilhar juntos, eu iria me lembrar disso pra caralho. E eu iria garantir que **ele** se lembrasse também.

Peguei sua mão livre e a coloquei de volta onde estava um momento atrás. Seus olhos dispararam para mim em surpresa e seus lábios se curvaram em um sorriso perverso e selvagem.

“Essa é a Drea.”

Balancei a cabeça, a memória que tinha acabado de me dominar desapareceu em um instante. De onde diabos isso veio?

Nikolai já estava se dirigindo para a casa, com o cenho franzido.

“Drea?” questionei.

“Ela é o brinquedo do Aleksandr.” Lukyan andou ao meu lado, checando a câmara da arma. “Ele é muito protetor com ela, então não tente dormir com ela nem nada.”

Eu ri. “Ok, então.”

Quando finalmente conseguimos entrar, Drea estava tentando arrastar um dos agressores para a sala ao lado.

Ela era uma coisinha tão pequena, com apenas um metro e meio e coberta da cabeça aos pés de tatuagens. Ela tinha uma vibe bem punk-rock.

Fiquei um pouco surpreso. As poucas mulheres com quem eu tinha visto Aleksandr não se pareciam em nada com ela.

Não que isso fosse necessariamente uma coisa ruim. As mulheres com quem Aleksandr tendia a se interessar eram um pouco arrogantes.

Nikolai pegou uma arma do chão e apontou para ela. “O

que você está fazendo fora do seu quarto?”

Ela nem pareceu perturbada. Na verdade, ela nem olhou para ele, continuando a

tentar puxar o homem inconsciente pelo chão. "O que" — puxa — "porra" — puxa — "parece?", ela rosnou com esforço.

“Parece que você está tentando salvar um dos agressores.”

“Salvar?!” Ela bufou e se levantou em toda sua altura.

“Esse filho da puta acabou de esfaquear Dayton. Estou tentando arrastá-lo de volta para Aleksandr.”

Dayton? Quem diabos é Dayton?

“O quê?” O pânico impregnava a voz de Nikolai. “Onde?”

“Naquela sala atrás de mim.”

“Lukyan, agarre as pernas dele.” Nikolai e Lukyan trabalharam juntos para carregá-lo para a sala que Drea indicou.

Aleksandr estava no chão, embalando uma criança em seus braços. Sangue escorria de um buraco no meio de sua garganta, e ele estava mortalmente pálido. Se ele estivesse vivo, não estaria por muito mais tempo.

“Porra,” Lukyan exalou.

Aleksandr olhou brevemente para cima antes de se concentrar novamente em Dayton. “Chame o médico.”

Fiquei ao lado de Nikolai enquanto ele se aproximava.

"Zander." Aquela palavra tinha uma infinidade de significados. Ele sabia só de olhar que pedir ajuda seria inútil. O garoto não ia conseguir.

“Chame!” Aleksandr rugiu.

Minha respiração engatou. Eu nunca o tinha visto tão bravo. Tão frenético. Tão desesperado.

Dayton agarrou a frente da camisa de Aleksandr, agarrando-se a ele. Ele engasgou e chorou, seu corpo tremendo e os olhos tão arregalados e cheios de terror que partiram meu coração. Eu nunca tinha conhecido o garoto antes, mas

ele era apenas isso: um garoto. Eu me senti mal por ele.

"Está tudo bem, está tudo bem", Aleksandr me acalmou, mas eu podia dizer que ele estava dizendo isso mais para si mesmo do que para Dayton.

Então, assim, o garoto simplesmente parou de respirar. Seu corpo ficou mole nos braços de Aleksandr e Aleksandr não fez nada além de encará-lo, chocado, como se não pudesse acreditar no que tinha acabado de acontecer.

O homem responsável por esfaqueá-lo — aquele que Nikolai e Lukyan tinham carregado para dentro do quarto

— tossiu de repente. O olhar de Aleksandr se voltou para

ele rapidamente, como uma cobra enrolada para atacar.

Uma raiva sombria tomou conta de seu rosto.

Ele colocou Dayton no chão com uma gentileza que eu não sabia que ele era capaz e marchou em direção ao cara, mostrando os dentes enquanto soltava um rosnado profundo e selvagem. Nikolai agarrou meu braço rapidamente e me puxou para fora do caminho dele. Todo mundo saiu do caminho dele, deixando um caminho livre entre Aleksandr e o homem.

Ele montou em seu peito e começou a martelar nele, repetidamente. Ele bateu a cabeça no chão, cravou os dedos em seus olhos. Ele o esmurrou completamente —

gancho de direita, gancho de esquerda, gancho de direita, gancho de esquerda — enquanto ele gritava um rugido animalesco que sacudia a porra da casa inteira.

Nunca nos vinte e tantos anos que conheci Aleksandr, eu o tinha visto daquele jeito. Ele era... assustador.

“Jesus Cristo,” Lukyan suspirou, observando. “Pare-o, Nik, antes que ele se machuque.”

Não gostei do som disso. Claro que não queria que Aleksandr se machucasse. Mas não era ele. Era outra coisa.

Outra pessoa . E se ele se voltasse contra Nikolai?

Nikolai hesitou, mas deu um passo cauteloso para frente. O

pânico tomou conta de mim e não consegui me impedir de estender a mão para ele para pará-lo, mas ele já estava se aproximando do irmão. Ele o tocou levemente no ombro.

“Zander—”

Ele girou e deu um soco bem no rosto dele. Nikolai voou para trás e Aleksandr voltou a bater no corpo morto abaixo dele.

Um grito saiu da minha boca e corri até Nikolai, passando minhas mãos freneticamente sobre ele. "Você está bem?"

“Estou bem,” ele resmungou, esfregando o maxilar. Ele foi se levantar e tentar de novo, mas eu o empurrei de volta

para baixo.

“Não,” eu sibilei. “Não chegue perto dele. Não até que ele se acalme.”

“Ele não vai se acalmar, Tati. Foram necessários cinco homens para subjugá-lo da última vez que ele ficou assim.

Se não fizermos isso, que porra é essa?”

Olhei por cima do ombro e vi Drea no colo de Aleksandr, a cabeça enterrada profundamente no peito dela, os braços em volta dela firmemente enquanto ela sussurrava algo para ele e somente para ele.

A coisa toda me chocou. Aleksandr não era uma pessoa afetuosa. Não o Aleksandr que eu conhecia. Quem era essa mulher?

Ajudei Nikolai a se levantar e ele olhou para eles com o mesmo choque que tenho certeza que estava no meu rosto.

Ele limpou a garganta desajeitadamente para chamar a atenção deles e Aleksandr levantou a cabeça. Um pouco daquela escuridão se foi. Ele parecia estar de volta

ao controle.

Ótimo. Se ele batesse em Nikolai de novo, eu ia bater nele .

“Ainda há alguém vivo?” Aleksandr resmungou, sua voz grossa.

“Se estiverem, não ficarão por muito tempo”, disse Nikolai, olhando ao redor para os vários corpos espalhados pelo chão.

“Descubra o que você puder deles rapidamente antes que morram.”

Nikolai assentiu. “Estou pronto.” Ele fez uma pausa, hesitando. “Sinto muito, Zander.”

O maxilar de Aleksandr se apertou. Ele não disse nada, apenas sacudiu a cabeça uma vez em reconhecimento.

Eu segui Nikolai para fora da sala e de volta para a cozinha. “Preciso começar a verificar os corpos, ver quem está vivo e quem está morto.”

“Eu posso ajudar você.” Não tinha como eu ir embora. É, eu não estava na Bratva tecnicamente, mas eu ainda podia ajudar com coisas assim. Além disso, eu não me sentia confortável em ir embora ainda.

Trabalhamos juntos para mover os corpos mortos para uma pilha. Era uma tarefa cansativa e tediosa, especialmente quando começamos a arrastar os corpos do andar de cima.

Qualquer um que ainda estivesse vivo era levado para o armazém e colocado no fosso — o lugar onde a Bratva mantinha todos os seus prisioneiros.

Não conversamos enquanto trabalhávamos. Ele não me perguntou por que eu estava ficando. Fiquei grato por isso, porque nem eu tinha uma resposta para essa pergunta.

Nenhuma que eu estivesse disposto a reconhecer ainda, de qualquer forma. Cerca de dez minutos depois de começarmos a verificar os corpos, Lukyan entrou correndo na sala, seu rosto uma máscara de medo e angústia.

Nikolai despreocupadamente deixou o corpo cair em suas mãos e correu até seu

irmão. “O quê? O que é isso?”

“É o pai,” ele sussurrou, tão baixo que eu mal conseguia ouvi-lo. “Ele foi sequestrado.”



Capítulo Três

TATIANA ANDREEVA

“H COMO VOCÊ ESTÁ SE SEGURANDO ?” Olhei para minha melhor amiga sentada no chão de seu antigo quarto, a expressão vazia em seu rosto fez a preocupação apertar meu peito.

Ela estava totalmente desanimada. Desaparecida. As luzes estavam acesas, mas

não havia ninguém em casa. Estava claro que ela estava em choque, tendo problemas para aceitar os eventos das últimas vinte e quatro horas. Não que eu a culpasse. Eu também estava tendo dificuldade em acreditar.

Dimitri Volkov era como um pesadelo. O “John Wick” do nosso mundo. Um bicho-papão literal em ternos Armani caros. Ele era o tipo de homem do qual monstros fugiam.

Como foi que um homem tão poderoso e temível foi sequestrado? De sua própria casa?

Era algo que todos nós estávamos achando difícil de aceitar, mas especialmente Illayana.

Ela tinha aquela mentalidade do tipo "Ninguém pode vencer meu pai, ele é um super-herói". Exceto que Dimitri era mais como um supervilão .

Quando Illayana não respondeu, eu desci do sofá de dois lugares em que estava sentado e rastejei em sua direção.

Meus braços a envolveram firmemente, apertando, tentando lhe dar o máximo de conforto que eu podia. Meu toque a tirou de seu torpor e ela retribuiu o abraço

sinceramente, seu aperto quase doloroso. Ela soluçou em meu ombro, suas emoções em espiral.

Batidas altas vinham da porta do quarto dela. "Illayana? O

que está acontecendo? Você está bem?", uma voz profunda explodiu.

Revirei os olhos. O cão de guarda do marido dela ainda estava parado do lado de fora do quarto dela. Os gritos dela tinham sido altos o suficiente para ele ouvir, e agora ele estava perdendo a cabeça de preocupação. Foi preciso empurrá-lo fisicamente para fora do quarto para fazê-lo sair da primeira vez.

Eu conhecia minha melhor amiga. Ela odiava mostrar fraqueza na frente dos outros. Ela tendia a manter seus sentimentos perto do peito, não os revelando a ninguém.

Eu entendia que Arturo era seu marido, mas o relacionamento ainda era

relativamente novo. Bastou um olhar para o rosto de Illayana para saber que ela não a deixaria ir até que estivesse sozinha.

Bem, não havia como eu permitir que isso acontecesse. Eu não ia deixá-la sentar ali sozinha e tentar lidar com as emoções que eu sabia que iriam transbordar a qualquer momento.

Ela se agarrou a mim com força como se eu fosse sua tábua de salvação, mantendo-a com os pés no chão. Suas lágrimas encharcaram minha camisa, seus gritos abafados enquanto ela enterrava a cabeça mais fundo em meu ombro. Deixei que ela chorasse pelo tempo que precisasse, sem apressá-la. Depois de alguns minutos, ela se recostou, seus olhos vermelhos e inchados.

“Porra,” ela suspirou, fungando. “Eu não choro assim desde

—” suas palavras foram abruptamente interrompidas. Dor brilhou em seus olhos.

Não precisei que ela terminasse a frase para saber do que ela estava falando.

“Preciso me controlar. Todo esse choro não vai adiantar nada”, ela riu sem humor, tentando rir daquilo. Ela queria uma distração. Fiquei feliz em atender.

“Quão louca é toda essa coisa de 'Aleksandr e a mulher do cartel'?”

Foi um choque e tanto para mim, isso era certo. Eu tinha visto Aleksandr com mulheres, claro. Aquela vadia interesseira, Mila, por exemplo. Mas eu nunca o tinha visto daquele jeito .

Aquela mulherzinha tinha conseguido domar Aleksandr, o príncipe controlador e durão da Bratva. Pensei que morreria antes de ver o dia.

A mudança de assunto funcionou e Illayana sorriu. “Eu sei.

Tão louco. Ele me contou sobre ela antes de sair da festa de Arturo.”

Eu engasguei, a mão voando para o meu peito em falsa mágoa. “E você não me contou ?”

O sorriso dela se alargou um pouco mais. “Como se você me contasse tudo,” ela disse, revirando os olhos.

Ela estava brincando, só brincando. Mas eu ri junto com ela, fingindo que não era a grande, gorda e fodida fraude que eu era. Illayana pensou que eu tinha contado tudo a ela, que eu nunca esconderia nada dela. A verdade era, no entanto, que eu tinha escondido a coisa mais agonizante e traumática que já me aconteceu. A culpa tomou conta de mim, como sempre acontecia quando eu pensava no quanto eu estava escondendo da minha melhor amiga.

Quando as coisas começaram entre Nikolai e eu, eu tinha medo de contar a ela, medo de que ela ficasse brava comigo por fazer coisas desagradáveis com seu irmão mais velho. Conforme o tempo passava, ficava cada vez mais difícil contar a ela.

Nikolai e eu nos esgueiramos por mais de um ano, transando naqueles quartos escondidos que eles tinham

por todo aquele labirinto de uma casa sangrenta. Foi o momento mais emocionante e estimulante da minha vida. A emoção de ser pego. O jeito como ele me fodia contra a parede, sua mão cobrindo minha boca para que ninguém pudesse ouvir meus gritos de prazer.

“Que bucetinha molhadinha e apertada você tem, minha Tati.”

"Você consegue sentir o quão fundo eu estou dentro de você? Porra, você é tão gostosa, baby."

“Meu. Todo meu, porra.”

Ele sussurrava as coisas mais sujas e imundas no meu ouvido enquanto me segurava presa na parede, seu hálito quente na minha pele, e eu desmoronava completamente sob ele.

E então tudo mudou.

Num piscar de olhos, nosso relacionamento desmoronou, saindo do controle. Não importa o que eu fizesse ou dissesse, eu não conseguia parar. Eu não conseguia—

Bati a porta com força naquele trem de pensamento instantaneamente. A dor do que aconteceu foi demais para suportar na primeira vez. Eu não podia me deixar ir por aquele caminho novamente. Eu não podia reviver isso. Não há como eu

sobreviver.

“Ah, T. Está tudo bem. Sei que você está preocupado com meu pai e o que isso significa para a Bratva, mas não se preocupe. Nós o encontraremos. E até lá, Aleksandr está cuidando disso”, disse Illayana, dando um tapinha reconfortante em meu braço.

Ela pensou que eu estava chateado com a situação, que o olhar de tristeza e desespero nos meus olhos era sobre o ataque. Todas as vidas que perdemos. Não sobre—

NÃO!

“Obrigada, garota. Mas eu deveria ser a pessoa que te conforta .”

Illayana sorriu afetuosamente. “Você fez. Agora é a minha vez. É isso que melhores amigas fazem. Nós cuidamos uma da outra.”

A culpa sufocando meu peito dificultava a respiração. Eu ignorei, como sempre fiz. Eu estava ficando muito bom nisso, para ser honesto.

“Estou tão animada para você se mudar para Nova York.”

Illayana se levantou e entrou pela porta aberta de seu banheiro, indo até a pia. Ela abriu a torneira e jogou um pouco de água no rosto antes de passar as mãos pelos cabelos e apertar o rabo de cavalo. Seus olhos se fixaram nos meus através do espelho na frente dela. “Sinto muito, mas não estarei lá quando você chegar. Não posso sair de Vegas agora, não enquanto meu pai estiver desaparecido.”

Acenei com a mão no ar, levantando-me para me juntar a ela. Encostei-me no batente da porta. “Nem se preocupe com isso. De qualquer forma, não vou embora por algumas semanas. Espero que até lá ele seja encontrado e toda essa merda seja resolvida.”

Ela mordeu o interior da bochecha. “Espero que sim.”

Eu podia dizer que ela não acreditava, que ela já tinha aceitado em sua mente que não veria seu pai novamente.

Pelo menos, não viva.

Admito que as chances não eram grandes. Mas se ela não podia ter fé de que o encontraríamos vivo, eu teria que ter isso por ela.

“Lembra daquela vez que Dimitri matou uma gangue inteira quando tentaram atacar vocês quando vocês eram crianças? Ou da vez que ele matou seis homens com uma faca enfiada na barriga? Dimitri é durão. O filho da puta mais durão e assustador que eu conheço. Se alguém pode sair vivo, é ele, Illayana. Acredite no seu pai. Tenha fé nele.

Confie nele.”

Illayana exalou pesadamente. “Você está certo.”

“Eu sei. Estou sempre certo,” pisquei.

Ela se virou, jogando água em mim de brincadeira. “Você está animado para finalmente se mudar e ir para a faculdade? É o que você sempre quis fazer.”

Calor se espalhou por mim, até meus dedos das mãos e dos pés, e um sorriso brilhante e radiante se curvou em meus lábios. “Animado é um eufemismo.”

Há um mês, recebi minha carta de aceitação no FIT, The Fashion Institute of Technology na cidade de Nova York.

Não contei a ninguém que estava me candidatando, só para garantir que não seria rejeitada. Nem meu pai. Nem Illayana. Nem Nikolai. Ninguém.

Preenchi o requerimento, escrevi uma redação de admissão incrível e enviei páginas e páginas dos meus projetos, sem realmente achar que seria aprovado . Imagine minha surpresa quando a carta chegou!

Para a Srta. Tatiana Andreeva,

Temos o prazer de informar-

Eu só li até lá antes do grito irromper da minha boca. Eu pulei para cima e para baixo de excitação, gritando tão alto que meu pai veio correndo lá de baixo porque ele pensou que eu estava sendo atacado ou algo assim. Ele chutou a porta como se fosse o LVPD fazendo uma apreensão de drogas ou algo assim, uma arma em cada mão e os olhos cheios de pânico.

Acabei contando a ele que tinha visto uma aranha e ele relaxou instantaneamente, porque um enorme ataque de gritos era uma reação perfeitamente normal para mim sempre que via uma aranha. Aberrações assustadoras de oito patas.

“A propósito,” comecei, dando um olhar desconfiado para meu melhor amigo. “Como você conseguiu convencer meu pai a me deixar ir?”

Illayana estremeceu levemente. “É, uh...olha, eu tive que oferecer a ele algo que você nunca, nem em um milhão de anos, aceitaria.”

“Então por que você ofereceu isso?”

“Porque era a única maneira de fazê-lo concordar. Depois que você me disse que tinha sido aceito — o que, a propósito, ainda estou chateado por você ter esperado três malditas semanas para me contar — eu falei com Ivan.

Ofereci a ele a maldita lua e as estrelas e tudo o mais para deixar você ir. Quando isso não funcionou, eu o ameacei.”

Arqueei uma sobrancelha em diversão. “Ameaçou ele?”

“Não com dor. Vamos lá, me dê um pouco de crédito. Eu não machucaria seu pai.” Eu não achava que ela faria isso, mas ri levemente enquanto ela continuava. “Eu disse a ele que se ele te impedisse de ir e viver seu sonho, eu mandaria o Pai designá-lo para o fosso.”

Uma risada estridente saiu da minha boca. Ohhh, isso foi frio.

Ter guardas no fosso era considerado um dos piores trabalhos entre os soldados. Envolvia ficar em pé na frente de uma porta durante todo o turno, certificando-se de que qualquer prisioneiro que você estivesse vigiando não escapasse.

“Mas ele ainda disse não,” Illayana bufou, saindo do banheiro. “Eu estava pronta para dar uma pancada na cabeça dele. Eu estava ficando tão irritada.”

“Aposto que sim”, eu ri.

Ela se jogou na cama e se virou para mim, deitada de lado.

Ela usou a mão para apoiar a cabeça, o braço dobrado no cotovelo. “Perguntei a ele o que seria necessário para fazê-lo concordar com a mudança. Ele disse: 'Nada'. Eu disse:

'Deve haver alguma coisa'. Ele disse: 'Não, a menos que você possa garantir a segurança dela—'

"O que é impossível", interrompi, sentando-me novamente no pequeno sofá de dois lugares em frente à cama dela.

“Bem, não exatamente. Eu disse a ele que não podia garantir, mas que poderia chegar bem perto.”

“Certo. Essa oferta 'misteriosa' que você mencionou com a qual eu não concordaria.” Eu coloquei meus pés descalços embaixo de mim, ficando confortável. Eu acenei uma mão no ar. “Okay, desembucha.”

Illayana hesitou por um momento, seus olhos evitando os meus. “Eu disse que você estaria disposta a ter um chip de rastreamento instalado. Como o meu.”

“Você o quê?!” exclamei, minha voz ficando mais alta. Bati com a mão na testa, gemendo. “Illayana, por que você faria isso?”

“O quê?” Ela deu de ombros inocentemente. “Ele disse sim.”

“Porque ele sabe que eu nunca concordaria com isso. Você sabe como me sinto sobre essa merda. Não tenho ideia de por que você permite isso. Você está chipado como um animal de merda.”

“Ei. Essa coisa” — ela tocou levemente a nuca — “salvou minha vida. Sem ela, eu provavelmente estaria morta e enterrada nua em uma vala em algum lugar agora.”

Eu bufei. “Ok, ponto justo. Eu vou te dar essa.”

“Só faça, T. Não é nada demais. Você nem consegue sentir a coisa. Se isso tira seu pai do seu pé e lhe dá a habilidade de se mudar para Nova York sem culpa, que mal isso vai fazer?”

Ela tinha razão. Eu tinha vinte e quatro anos e nunca tinha morado sozinha. Eu

estava morrendo por dentro por essa liberdade,

pela

habilidade

de

andar

pela

casa

completamente nua se eu quisesse.

Durante toda a minha vida, fomos só eu e meu pai. Minha inútil, a chamada "mãe", nos abandonou quando eu era

apenas um bebê, deixando-nos para nos defendermos sozinhos. A culpa que senti sobre me mudar veio disso. Eu senti como se estivesse abandonando-o. Como ela .

Eu queria viajar pelo mundo. Explorar coisas diferentes, culturas diferentes. Mas toda vez que eu mencionava isso, papai reclamava e delirava sobre como não era seguro.

Nada tinha acontecido para fazê-lo pensar dessa forma, para desencadear aquela superproteção insuportável. Era puramente porque ele sabia o quão perigoso e cruel o mundo poderia ser, e ele não queria que eu fosse vítima disso. Ele me manteve por perto porque tinha medo de me perder. Eu não queria lutar porque não queria machucá-lo.

Mas Illayana estava certa. Se tudo o que eu tinha que fazer era ser chipado como um cachorro para que meu pai concordasse com a minha partida, era um pequeno preço a pagar.

Balancei a cabeça, rindo baixinho. “Sabe, fiquei surpresa pra caramba quando ele me ligou outro dia e disse que eu podia ir. Fiquei tão chocada que deixei cair minha tigela de sopa quente no meu colo. Quando perguntei o que o fez mudar

de ideia, ele apenas disse: 'Pergunte para aquele seu melhor amigo'. Ele não achou que eu concordaria com os termos.”

“Mas você vai, certo? Você vai fazer isso?”

“Sim,” eu soltei, irritada. “Essa é a primeira vez que ele me dá a oportunidade de sair de casa. Eu seria uma idiota se desperdiçasse isso.”

“É claro que sim,” Illayana assentiu. “Quando ele vai voltar da Rússia?”

"Amanhã." Admito que fiquei bem irritado por ele ter ido embora. Ele não me deixou visitar meu melhor amigo em Nova York sem me dar um sermão de seis horas sobre segurança e todas as coisas ruins que podem acontecer.

Mas ele tinha permissão para sair vagabundeando do outro lado do mundo? Falando em padrões duplos.

Agora, porém, estou feliz que ele tenha ido. Se não tivesse ido, ele teria sido pego no ataque.

Illayana e eu conversamos um pouco mais, colocando a conversa em dia sobre tudo que tínhamos perdido na vida um do outro no último mês. Ela me contou tudo sobre os problemas que a The Outfit estava dando a ela e a Arturo.

Como Franco estava fodendo com a distribuição deles, dificultando a venda do produto. De alguma forma, ele estava descobrindo os locais de suas casas de fabricação e distribuição e as invadindo antes mesmo que eles soubessem o que estava acontecendo.

Quando sugeri que eles poderiam ter outro rato, ela foi inflexível de que não era o caso. Depois de toda aquela confusão com Diego e o dinheiro que ele roubou, Arturo fez uma verificação completa de todos os seus homens. Ele estava mais do que confiante de que não havia mais ninguém na Cosa Nostra cuja lealdade pudesse ser questionada.

Então como Franco estava descobrindo os novos locais de suas operações apenas horas depois de terem sido estabelecidas? Era um problema sério. Um que eu sabia que a preocupava muito.

“Que tal eu ir para Nova York mais cedo e ajudar? Dessa forma, você pode ficar

aqui o tempo que precisar e eu posso mantê-lo atualizado sobre o que está acontecendo, para que você não fique arrancando os cabelos de estresse.”

Illayana piscou surpresa. “Mas e a faculdade?”

“Eh,” dei de ombros. “As aulas só começam daqui a um mês. Eu só ia mais cedo para me acomodar e me mudar para o apartamento. Que, a propósito, estou pagando aluguel. Não me importa o que você diga.”

Arturo (e Illayana agora, eu acho, por extensão) era dono de vários prédios de apartamentos na cidade e eles me ofereceram um para ficar enquanto eu estava em Nova York.

Eu, claro, aceitei, porque encontrar um apartamento decente em Nova York era um pesadelo. Mas quando o assunto do aluguel surgiu, Illayana se recusou terminantemente a ouvir.

“Você escolheu não estar nesta vida, no entanto. Tem certeza de que isso é algo que você quer fazer?”

“Eu não escolhi entrar na Bratva por dois motivos. Um: os uniformes são quase nojentos. Eu prefiro cortar meu próprio pé e comê-lo do que ser pego usando aquelas coisas feias e indutoras de vômito que você faz aqueles capangas usarem. E dois: eu precisava de tempo para trabalhar na minha linha de moda. É isso. Eu amo sangue e violência tanto quanto você, talvez mais. E estou ansioso por isso. Contanto que eu possa escolher minhas próprias roupas.”

Illayana riu suavemente. “Você realmente faria isso por mim?”

Peguei um travesseiro e joguei na cabeça dela, fazendo-a rir de novo. "Puta, você já deveria saber que eu faria qualquer coisa por você. Você é minha carona ou morte. O

Dominic Toretto para o meu Brian O'Conner. O Shrek para o meu Burro. O James P Sullivan para o meu Mike Wazowski."

“Eu entendi, eu entendi,” Illayana interrompeu, mal contendo o riso. “E ei, por que eu sou o Shrek?”

“Você quer ser o Burro?” Dei de ombros. “Tudo bem, você pode ser o Burro.

Você é meio babaca de qualquer jeito.



Capítulo Quatro

NIKOLAI VOLKOV

E A PORTA DO QUARTO DA MINHA irmã se abriu e Tatiana e Illayana saíram rindo.

Apesar de eu ter certeza de que ela tentou esconder, eu podia dizer que Illayana estava chorando. Seus olhos estavam vermelhos e levemente inchados e suas bochechas estavam coradas. Eu podia contar a quantidade de vezes que eu tinha visto minha irmã chorar em uma mão. Ela não era uma chorona, não normalmente. Mas ela era uma

"menininha do papai" de cabo a rabo. O sequestro do nosso pai a atingiu duramente. Mais duramente do que ela jamais admitiria para alguém. Eu estava feliz que Tatiana estava lá para ajudá-la a passar por isso.

Arturo estava andando de um lado para o outro no corredor do lado de fora do quarto de Illayana quando cheguei, energia nervosa em cada passo. Não havíamos dito uma palavra um ao outro. Eu tinha apenas me sentado, minhas costas apoiadas na parede oposta ao quarto dela, antebraços pendurados sobre meus joelhos dobrados. E nós esperamos.

E esperou e esperou.

Aleksandr estava em seu escritório, lidando com as consequências do ataque. Ele passou as últimas horas dirigindo para todas as casas de nossos soldados caídos para entregar pessoalmente as notícias de suas mortes.

Cada uma delas havia cobrado seu preço, mas a pior de todas, de longe, foi Dayton.

Dayton era filho de Mikhail. Seu filho há muito perdido, do qual ele não tinha ideia até recentemente. Mikhail o enviou aqui para ser treinado. Ele cresceu como um civil, não a par da vida do crime organizado. E, como tal, ele realmente não tinha estômago para algumas das coisas que testemunhou. Aparentemente, o garoto vomitou e chorou depois de ver alguém morrer. Algo assim era perigoso para um homem como Mikhail, cuja reputação determinava se ele viveria ou morreria.

Então Aleksandr foi designado para treiná-lo. Torná-lo mais forte. Ensiná-lo a lutar. A segurar uma arma. A atirar.

Depois de passar um tempo juntos, eles se tornaram um pouco próximos. Aquele garoto de alguma forma conseguiu se infiltrar no coração guardado do meu irmão mais velho.

Acho que nem ele percebeu o quanto, até que o garoto morreu.

Eu só tinha visto Aleksandr desmoronar daquele jeito uma vez: quando encontramos o corpo da nossa mãe. E foram necessários cinco homens para subjugá-lo em seu acesso de raiva.

Então você pode imaginar minha surpresa quando aquela mulherzinha, Drea Ortega, Don do Cartel Los Zeta, conseguiu

fazer

tudo

sozinha.

Isso

me

chocou

profundamente. Isso me deixou completamente sem palavras.

Eu sabia desde o começo que eles compartilhavam algum tipo de conexão. Aleksandr não era misericordioso — nem de longe isso, na verdade. Ele não tinha problema em machucar quem quer que fosse que ele precisasse para obter as respostas que queria.

Mas com Drea, houve hesitação, relutância. E então recusa total. Ele chegou ao ponto de machucar um dos nossos homens porque ele a agrediu. Nunca na minha vida eu o

tinha visto remotamente protetor ou possessivo com uma mulher. Até ela.

O andar de Arturo parou no momento em que a porta de Illayana se abriu. Ele marchou em sua direção, agarrando os lados do seu rosto em um abraço terno. "Você estava chorando", ele sussurrou suavemente, descansando sua testa contra a dela.

Illayana fechou os olhos brevemente, respirando-o, um sorriso amoroso se esgueirando em seu rosto. “Estou bem.”

Arturo olhou fundo nos olhos dela. “Não. Você não é.” Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela, acariciando sua bochecha.

“Ah, gente!” Tatiana disse, abanando o rosto como se estivesse prestes a chorar.

“Vocês são tão fofos!” O olhar irritado que Arturo lançou para ela sugeria que ele não gostava de ser chamado de “fofo”.

Fiquei de pé e Illayana se afastou de Arturo para me dar um abraço. “Obrigada por vir me ver, Nik. Você realmente não precisava.”

Dei um tapinha nas costas dela, sem dizer uma palavra.

Claro, havia uma parte de mim que estava preocupada com ela. Depois que ela saiu correndo do escritório do pai ao ouvir a notícia do desaparecimento dele, todos nós ficamos preocupados. Eu tinha começado a segui-la quando Tatiana nos parou e disse que cuidaria disso.

Mas eu estaria mentindo se não dissesse que o principal motivo de eu estar lá era por causa da linda loira que estava ao lado dela.

"Estou feliz que você esteja bem", eu disse, me afastando.

Arturo voltou imediatamente, envolvendo um braço em volta do ombro dela e a guiando de volta para o quarto.

“Está tarde. Você precisa descansar.”

Illayana não lutou contra ele. “Falo com você amanhã, T.

Bem, mais tarde hoje, já que são tipo 3 da manhã,” ela riu.

“Até mais, menina”, Tatiana piscou, balançando os dedos em despedida.

Assim que a porta se fechou atrás deles, nossos olhos se encontraram, o ar ao redor de nós se encheu de tensão sexual. Nenhum de nós conseguiu evitar. Nossos olhares foram atraídos um para o outro, determinados a nos encontrar, mesmo que estivéssemos perdidos em um mar de pessoas. Estava fora do nosso controle.

“Você está olhando”, Tatiana cantou, com humor na voz.

Eu arqueei uma sobrancelha. “Você também.”

Ela riu suavemente, e foi o som mais lindo que já ouvi.

Parecia que fazia uma vida inteira desde que a ouvi rir daquele jeito. Uma risada genuína, do coração, não cheia de desprezo ou aborrecimento.

“Certo, você me pegou.” Ela me deu o menor sorriso brincalhão antes de mudar para seu outro sorriso — o falso.

O que ela sempre usava perto de mim.

Da perspectiva de um estranho, parecia um sorriso normal.

Como se ela estivesse feliz em me ver. Feliz em falar comigo. Mas eu podia ver a diferença. A pequena ruga no canto dos lábios. A maneira como seus olhos embaçavam ao menor toque quando ela olhava para mim. O desdém em camadas em sua voz quando ela falava comigo. Tudo mostrava que ela não tinha me perdoado pelo que aconteceu.

“Eu... uh, vou indo”, ela disse, virando-se e indo em direção às escadas.

Eu sabia o que isso significava e não ia aceitar isso de jeito nenhum.

“São três da manhã, Tatiana. Você não vai correr para casa.”

“Dá um tempo, Nicky. Não estou a fim de ouvir você fazer birra agora.”

Aborrecimento explodiu dentro de mim com seu tom desdenhoso. Eu a segui escada abaixo, tentando controlar meu temperamento. Tatiana combatia a raiva com raiva. Eu não chegaria a lugar nenhum se gritasse com ela e dissesse o que fazer. Ela não aceitava comandos muito bem (pelo menos, não fora do quarto).

“Eu te levo para casa.”

“Não, obrigada”, ela respondeu por cima do ombro, sem olhar para trás.

“Não foi uma oferta.”

“E ainda assim, estou recusando de qualquer maneira.” Ela entrou no saguão, caminhando direto para a porta da frente.

Minha contenção se rompeu. Anos de emoções reprimidas vieram à tona em espiral e eu não tinha mais forças para contê-las. Raiva, culpa, dor. Todas elas

me atingiram de uma vez. Eu não conseguia morder minha língua por mais um segundo.

“Por quanto tempo você planeja me punir?” Eu sibilei, minhas mãos se fechando em punhos.

Tatiana parou de repente, sua espinha enrijecendo. Ela se virou para mim lentamente, seu rosto uma máscara de raiva. "Punir você?" ela sussurrou suavemente, como se não pudesse acreditar que eu sequer proferi essas palavras. "Você acha que estou tentando punir você?"

“Não é?” Tristeza escorria da minha voz. “Você me culpa pelo que aconteceu. Você me culpa—”

“Eu não te culpo pelo que aconteceu, Nikolai. Nunca culpei. Eu te culpo pelo que aconteceu depois .”

Eu franzi a testa. “O que—”

“Eu te liguei 137 vezes!” Tatiana gritou, marchando em minha direção. “137 vezes! E o que você fez? Você rejeitou minhas ligações. Você desligou seu telefone. Você me

ignorou . Quando eu mais precisei de você, você não estava lá .”

A culpa me sufocou, apertando meu coração, dificultando minha respiração. “Tatiana—”

"Não!" Ela me empurrou com força no peito, me forçando a dar um passo para trás. "Eu não quero ouvir isso! Eu não quero ouvir as mesmas desculpas de merda de você! Você não acreditou em mim! Você não confiou em mim! Você acreditou no que Kurt disse sem nem me dar uma chance de explicar. Você me cortou, se recusando a falar comigo. E

então..." Suas palavras foram interrompidas com um engasgo, lágrimas brilhando em seus olhos. "Eu precisava de você, Nikolai. Eu precisava de você mais do que eu jamais precisei de alguém na minha vida, e você não estava lá. Você tem alguma ideia de como foi? Ouvir que o coração do nosso filho tinha parado de bater? Ter que dar à luz a ele, sabendo que ele nunca daria seu primeiro suspiro?

Nunca abriria os olhos? Que eu nunca ouviria seu primeiro choro? Eu tive que fazer tudo sozinha porque você estava bravo comigo por algo que nem aconteceu!" Lágrimas escorriam livremente pelo seu rosto e tudo dentro de mim se quebrou.

Caí de joelhos aos pés dela, sobrecarregado por suas palavras. Enterrei minha cabeça em seu estômago, o mesmo estômago que criou nosso filho, e chorei ao lado dela. Meus braços a envolveram, segurando-a contra mim enquanto ambos lamentávamos a vida do filho que nunca conhecemos.

“Me desculpe. Porra, me desculpe mesmo, Tati.”

Seus dedos penteavam meu cabelo, seu toque acalmando minha alma. Eu não merecia isso. Tudo o que ela disse estava certo. Eu a abandonei quando ela mais precisava de mim. Não havia nada que eu pudesse fazer para compensar

isso. Mas eu tinha que tentar, mesmo que isso levasse o resto da minha vida.

Ela se afastou do meu abraço, colocando distância entre nós. Doeu tanto quanto da primeira vez. Vê-la ali, bem na minha frente, mas nunca ser capaz de alcançá-la. Nunca ser capaz de tocá-la. Isso me matou.

Tatiana enxugou as lágrimas das bochechas, ficando de pé.

“O que aconteceu — perder nosso filho — não foi culpa de ninguém. Nem sua. Nem minha. Foi algo que estava fora do nosso controle. Nunca te culpei por isso, Nikolai, e me desculpe se fiz você pensar que fiz.” Ela respirou fundo, se concentrando no que diria em seguida. “Mas eu nunca poderei te perdoar por me abandonar, por não confiar em mim. Por me acusar de te trair e então simplesmente me cortar da sua vida como se eu não fosse nada. Como se nós

” — ela colocou a mão na barriga — “não fôssemos nada.

Você era a única pessoa no mundo em quem eu achava que podia confiar. Que eu achava que sempre estaria lá por mim, para me amar, me confortar, me proteger. E você me decepcionou.”

As palavras dela me cortaram como uma faca no coração.

Eu sabia que ela não estava dizendo nada disso para me machucar

deliberadamente. Ela estava apenas falando a verdade dela, e por mais que doesse, eu estava grato por isso. Nos dois anos desde aquela noite horrível, ela nunca se abriu sobre como se sentia.

“Não sei se algum dia poderei te perdoar por isso, Nikolai”, ela continuou, abrindo a porta da frente.

Pulei de pé, o pânico apertando meu peito. Eu não podia deixar a conversa terminar ali. Eu não podia deixá-la sair pela porta sem ao menos tentar consertar as coisas.

“Tatiana—”

"Não", ela avisou, levantando a mão para me silenciar.

"Preciso de espaço de você. Por que você acha que estou

me mudando para Nova York? Porque toda vez que olho para você, toda vez que te vejo, lembro-me do quanto você me machucou. Minha confiança em você, na sua capacidade de estar lá para mim quando preciso de você, se foi. Ela desapareceu no momento em que você rejeitou meus chamados quando eu estava deitada naquela cama de hospital, chorando por você. Enquanto eu segurava nosso precioso garotinho em meus braços, implorando a Deus para de alguma forma trazê-lo de volta para mim. Eu tentei e tentei perdoar. Esquecer. Seguir em frente. Mas não tenho certeza se isso vai acontecer." Ela girou nos calcanhares e saiu pela porta, sem olhar para trás.

Corri atrás dela, meus pés parando na beirada da varanda da frente. Emoções conflitantes guerreavam dentro de mim enquanto eu a observava desaparecer na escuridão. Eu não queria nada mais do que segui-la. Forçá-la a falar comigo.

Perdoar-me. Mas eu sabia que não podia. Eu não estava lá para dar a ela o que ela precisava quando ela estava mais vulnerável. Ela apenas abriu seu coração para mim. Ela me disse que não podia confiar em mim.

Eu tinha que mostrar a ela que ela podia, que eu era um homem em quem ela podia confiar novamente.

Olhei para os dois soldados guardando a porta da frente.

Havia um leve constrangimento no ar por ouvir nossa conversa, mas ignorei. “Sigam-na. Certifiquem-se de que ela chegue em casa em segurança. Qualquer coisa que aconteça com ela e vocês serão os únicos a sofrer.”

Ambos os homens assentiram.

"E nem uma palavra sobre o que vocês acabaram de ouvir, ou eu corto suas línguas."

Eles empalideceram.

“O que você está esperando? Vá atrás dela!”

Eles saíram correndo atrás de Tatiana.

Eu estava disposto a me comprometer e respeitar seus desejos de precisar de espaço de mim. Eu não estava, no entanto, disposto a me comprometer com sua segurança.

Isso simplesmente não ia acontecer.

Ela pode se recusar, pode ficar um pouco irritada quando perceber que coloquei guardas em seu rabo. Mas eu prefiro uma Tatiana irritada do que uma morta.

Soltei um suspiro exausto, me virando. Meu olhar colidiu com um conjunto de olhos azuis brilhantes e fiquei tenso.

Aleksandr estava no saguão, sua expressão normalmente estoica e cautelosa desapareceu, substituída por choque.



Capítulo Cinco

TATIANA ANDREEVA

E DOIS ANOS ATRÁS

“Estou lhe dizendo, doutor, há algo errado. Eu posso sentir.” Eu andava de um lado para o outro na pequena sala de estar da casa dos meus tios, com a mão na minha barriga inchada, implorando silenciosamente para que o Bebê V se mexesse. Dizem que a intuição de uma mãe começa muito antes do bebê nascer. Bem, elas estão certas, quem quer que sejam. E minha Intuição de Mãe estava me dizendo que algo estava muito, muito errado.

O dia todo, senti que algo estava errado. Normalmente, o Bebê V era uma bola

de atividade desde o momento em que o sol nascia. Ele chutava e chutava, movendo-se para cima e para baixo, de um lado para o outro, rolando como se estivesse tentando encontrar a posição mais confortável possível no pequeno e apertado espaço que tinha.

Eu comecei a gostar. No começo, parecia que havia um pequeno alienígena vivendo dentro de mim. Quando ele chutava, eu não só conseguia sentir o movimento, mas também vê-lo. Isso me fez pensar naquelas criaturas parecidas com aranhas em Aliens VS Predator , aquelas que explodem pela sua caixa torácica e saem do seu peito.

Não vou mentir, isso costumava me assustar pra caramba.

Mas eu tinha aprendido a amar. Eu esperava ansiosamente por isso todas as manhãs. Era como um relógio. Ele empurrava minha bexiga com tanta força que eu tinha que

correr para o banheiro ou arriscar mijar nas calças. Então ele se movia, como se dissesse: "Bom dia, mamãe".

Isso me fazia sorrir todas as vezes. Eu falava com ele, dizendo: "Sim, sim, eu sinto você", antes de seguir com meu dia.

Mas esta manhã foi… diferente.

Eu não o senti se mover nenhuma vez. Eram três horas da tarde, e minha ansiedade tinha aumentado tanto que me senti mal.

“Você tentou os exercícios que sugeri esta manhã?”, perguntou o médico pelo telefone, com um tom calmo e compreensivo.

“Sim. Bebi um refrigerante, tomei um banho, tentei comer comida apimentada. Nada funcionou. Ainda não o senti se mover.” Minha voz tremia, o pânico que eu sentia era evidente. Cutuquei minha barriga pela enésima vez, tentando provocar algum tipo de movimento nele.

Não funcionou.

“Alguma dor?” perguntou o médico.

“Houve um pouco de cólica antes, mas foi só isso. Não era exatamente dor. Mais desconforto.”

“Okay. Pode não ser nada, Srta. Andreeva. Às vezes, os bebês têm períodos de inatividade em que podem ficar horas sem se mover. Pode significar que ele está apenas dormindo. Mas se você está preocupada, por que não vem até o hospital para que possamos dar uma olhada no garotinho?”

Alívio me encheu. “Sim, eu gostaria de fazer isso. Obrigado.

Estarei aí em trinta minutos.”

“Vou avisar as enfermeiras da recepção, para que você seja levado imediatamente. Tente não se preocupar. Tenho certeza de que ele está bem.” O tom do médico não era alarmante. Deveria ter me acalmado, mas não acalmou.

Havia uma sensação terrível afundando fundo em meu

intestino. Não importa o quão positivo eu tentasse permanecer, ela não iria embora.

Saí correndo de casa o mais rápido que pude, certificando-me de pegar a bolsa de bebê que arrumei meses atrás, só por precaução. Estava cheia de todas as coisas que eu poderia precisar para o Bebê V. Macacões em três tamanhos diferentes, fraldas, gorros e luvas pequenas, alguns brinquedos macios (mesmo sabendo que ele não conseguiria brincar com eles). Dizer que "arrumei demais"

seria um eufemismo. Minha tia e meu tio não estavam em casa, mas deixaram um dos carros deles em casa, caso eu precisasse.

Quando os contatei pela primeira vez e pedi para vir e ficar por um tempo, eles ficaram agradavelmente surpresos. Não nos víamos com frequência, talvez apenas uma vez por ano no aniversário do meu pai, mas isso não significava que não éramos próximos. Eles me ligavam de vez em quando para saber como eu estava, e eu fazia o mesmo por eles. Eles moravam a apenas algumas horas de Vegas, então chegar até eles não tinha sido um problema. Aparecer grávida, no entanto? Isso definitivamente tinha sido um problema.

Eles me importunaram com um milhão de perguntas.

“Quem é o pai?”

“Você vai se casar?”

“Seu pai sabe?”

Eram todas perguntas que eu não estava com vontade de responder. Eu estava lá há mais de três meses e meio, e embora eles tentassem todos os dias me fazer falar, eu não lhes dei nada.

Eu ainda não estava pronta para falar sobre isso, para falar sobre o que aconteceu com Nikolai.

Argh, a coisa toda ainda me deixou tão furioso. Eu nunca imaginei que Nikolai fosse um idiota, mas cara, ele estava realmente agindo como um.

Nós estávamos em um relacionamento secreto por mais de um ano quando descobri que estava grávida. Eu estava nervosa pra caramba para contar a ele, mas descobri que todo aquele nervosismo não tinha razão.

Nikolai ficou em êxtase quando contei a ele. Ele realmente caiu de joelhos aos meus pés e beijou minha barriga, sussurrando bobagens para o bebê em russo, como se ele pudesse entendê-lo. Ele queria contar à sua família — e a todos os outros — as novidades, mas eu não estava pronta.

Eu ainda não tinha criado coragem para contar a Illayana que estávamos nos vendo. Eu precisava de tempo. Tempo para descobrir o que eu ia dizer, como eu ia dizer. Minha melhor amiga me amava, mas eu sabia que ela ficaria putaaaa quando eu contasse a ela.

Então, ele relutantemente concordou em manter isso em segredo até que eu estivesse pronta. Por cinco meses, foi fácil esconder a gravidez. Eu não comecei a mostrar até bem depois do meu primeiro trimestre, e depois disso eu só usei roupas largas. Roupas largas de grife , mas roupas largas mesmo assim.

Então, numa tarde horrível, tudo desabou. Nikolai me acusou de traí-lo com Kurt, um dos soldados da Bratva com quem eu havia treinado. Eu não tinha ideia de onde ele tirou uma ideia tão idiota, e ele nem mesmo explicou direito. Ele simplesmente irrompeu pela minha porta da frente, gritando comigo e dizendo as coisas mais horríveis.

"Aposto que o bebê nem é meu, é?", ele sibilou na minha cara, com repulsa nos olhos.

Nikolai era do tipo quieto e silencioso, mas quando ele estava bravo? Nossa, cara. Não havia como acalmá-lo, nem falar com ele.

Tentei argumentar com ele, tentei dizer várias e várias vezes que não tinha ideia do que ele estava falando. Que eu nunca o trairia, muito menos com Kurt! Mas não importa o

que eu dissesse, ele não ouvia. Era como se sua mente já estivesse decidida, como se ele tivesse provas. Mesmo que não houvesse nenhuma!

“Aposto que o bebê nem é meu, é?”

Essas palavras ficaram ecoando na minha cabeça quando ele foi embora. Assim que a confusão se dissipou, a raiva rapidamente entrou em cena. Como ele ousa? Como ele ousa questionar minha lealdade? Ele não me conhecia? Não parecia.

Depois que Nikolai saiu furioso, decidi ir embora por um tempo. Eu estava tão bravo com ele por ser tão idiota. O

fato de ele não aceitar nenhuma das minhas ligações só me irritou ainda mais. Ele nem me deu a chance de conversar, de descobrir por que ele achava que eu tinha dormido com Kurt. Era como se ele tivesse me descartado sem me deixar tentar me defender.

Nikolai era um cara muito possessivo. Se outro homem sequer olhasse para mim, ele tinha sua arma apontada para sua cabeça antes que o cara pudesse piscar. O que quer que o tenha feito pensar que eu o traí, trouxe à tona essa nuvem de raiva que tornou impossível para ele ver a razão.

Havia uma pequena, minúscula e insignificante parte de mim que entendia. Porque se a situação fosse inversa, eu seria o mesmo. Pior, na verdade. Mas isso não desculpava seu comportamento, suas palavras.

“Aposto que o bebê nem é meu, é?”

Uma vez que fui ficar com meus tios, tentei ligar de novo. E

de novo. E de novo. Ele ignorou todas. Eu mandei mensagem dizendo que ele estava sendo um idiota e que eu nunca

dormi

com

Kurt.

Ele

nunca

respondeu.

Eventualmente, eu simplesmente desisti. Eu daria à luz nosso filho, faria um teste de DNA e então enfiaria na cara idiota dele. Então eu o faria rastejar pelo resto da vida.

Parei no hospital e rapidamente estacionei o carro na Baía de Emergência. Isso constituía uma "emergência", e se alguém tentasse me dizer o contrário, eu o esfaquearia na porra da garganta.

Assim que peguei minha bolsa de bebê, corri para dentro, indo direto para a recepção.

“Oi,” cumprimentei a mulher mais velha com os óculos de aro de chifre. “Meu nome é Tatiana Andreeva. Estou aqui para ver o Dr. Spendel.”

“Ah, sim. Ele me disse que você viria. Vou só pegar alguns detalhes seus e depois vou te guiar direto.”

Depois que respondi suas perguntas gerais e assinei, ela se levantou da cadeira e mancou até a porta, abrindo-a bem para mim. Tentei controlar meus nervos, mas era quase impossível enquanto ela me guiava pelo hospital e passava por todas as salas de exames abertas até chegar à que me foi designada. Ela abriu a cortina, revelando uma cama de hospital, alguns monitores e uma cadeira solitária no canto.

Havia uma TV descendo do telhado e algumas revistas sobre a longa mesa que

ficava encostada na parede.

“Ok, querida, sente-se e fique confortável. O Dr. Spendel pediu um ultrassom primeiro, então faremos isso e então ele virá te ver. Você precisa de alguma coisa? Algo para comer ou beber?”

Balancei a cabeça, colocando a bolsa do bebê na cama. Eu estava muito nervoso para sequer pensar em comer. Eu provavelmente vomitaria se tentasse.

A mulher, cujo crachá dizia “Maureen”, me deu um sorriso tranquilizador. “Tudo bem. Se precisar de alguma coisa, não tenha medo de apertar o botão de ‘ligar’ ali mesmo”, ela disse, apontando para o botão. “Uma das outras enfermeiras virá ajudar. O técnico de ultrassom não deve demorar muito.”

Agradeci e ela saiu, fechando a cortina atrás de si.

Sem nada para fazer além de sentar e esperar, peguei meu telefone e comecei a folhear o Instagram, Tik Tok, Twitter.

Eu tinha contas para todos eles. O Instagram era puramente para postar fotos dos meus designs de moda ou estética fotográfica. O Tik Tok era para quando eu estava entediado e queria rir. E o Twitter? Bem, eu nem sabia como usar esse, para ser honesto.

Demorou nove minutos e trinta e sete segundos para o técnico de ultrassom aparecer. Quando ele chegou, eu era apenas uma grande bola de ansiedade e estresse. O bebê V

ainda não tinha se mexido.

“Olá, Tatiana. Eu sou Bill. Vou fazer o ultrassom para você hoje.” Ele parecia bem agradável, com uma bela cabeleira escura e um sorriso bonito, mas eu não estava com um humor particularmente falante, então tentei o meu melhor para não dar a minha “cara de cadela descansada” e deitei na cama.

Bill não me fez nenhuma pergunta enquanto esguichava gel na minha barriga exposta. Ele moveu o transdutor através dela em pequenos círculos antes de expandir mais. Meu coração estava batendo a mil por hora. Eu cerrei e soltei minhas mãos, esperando ansiosamente para ouvir o que estava acontecendo. Minhas palmas estavam suadas e minha respiração tinha acelerado a ponto de eu

estar ofegante. Meu corpo começou a tremer.

Foi estúpido da minha parte vir aqui sozinho. Eu deveria ter chamado alguém. Minha tia ou tio. Meu pai. Nikolai.

Eu precisava do Nikolai.

Bill franziu a testa para a tela, movendo o bastão de ultrassom sobre meu estômago no mesmo lugar repetidamente. Ele clicou em alguns botões na máquina, apertando os olhos com força enquanto continuava a mover o dispositivo. Algo passou pelo seu rosto antes que ele

pudesse disfarçar. Foi tão rápido que não consegui descobrir o que era.

Ele me deu um pequeno sorriso. "Ok. Vou chamar o médico agora." Ele me entregou um lenço para limpar o gel enquanto rolava a máquina para o lado.

“Espera, o que o ultrassom disse? O bebê está bem?”, perguntei, sentando-me.

“Infelizmente, não posso discutir os resultados com você.

Sinto muito. Isso é para o médico. Vou buscá-lo e volto em um momento.”

“Não,” eu exclamei, minha ansiedade aumentando. “Você não pode fazer isso. Você tem que me dizer. Ele-ele está bem, não está?”

Bill desviou os olhos por um breve segundo, a máscara escorregando antes que ele conseguisse colocá-la de volta no rosto. "Vou chamar o médico." Ele saiu correndo da sala, tornando impossível para mim questioná-lo mais.

O pânico apertou meu peito a ponto de eu ter dificuldade para respirar. Eu não sabia o que estava acontecendo, mas eu tinha visto episódios suficientes de Grey's Anatomy para saber que, o que quer que fosse, era ruim. Lágrimas brotaram em meus olhos, turvando minha visão. Eu tirei meu telefone do bolso, minhas mãos tremendo enquanto eu puxava o número de Nikolai e apertava LIGAR.

O telefone tocou três vezes antes de cair na caixa postal.

Ele rejeitou a chamada.

Não, por favor, Nikolai. Por favor. Responda. Liguei para ele várias vezes, todas indo direto para o correio de voz.

Ele desligou o telefone.

Oh, Deus, não.

Ele não pode fazer isso comigo. Eu preciso dele. **Nós** precisamos dele.

Bill voltou com o Dr. Spendel, seus rostos calmos, mas os olhos tensos. Meu medo aumentou, o coração batendo

forte. O Dr. Spendel usava o tradicional jaleco branco, um estetoscópio pendurado no pescoço. Ele tinha aquela vibração reconfortante de pai mais velho, aquela que simplesmente deixa você à vontade. Ele era um pouco gordinho, com uma cabeleira espessa e um sorriso gentil.

“Senhorita Andreeva, peço desculpas pela espera. Como você está?”

Minha primeira resposta normalmente seria: "Como diabos você acha que eu estou?" Mas me segurei para não gritar com ele para que pudéssemos continuar. Eu precisava saber o que estava acontecendo com meu filho, se ele estava bem.

Por favor, fique bem.

“Tudo bem”, respondi, franzindo a testa enquanto Bill puxava a máquina de ultrassom de volta para o lado da cama.

O Dr. Spendel olhou para mim com olhos simpáticos. “Sei pelo nosso telefonema anterior que você está preocupado, e deve estar se sentindo incrivelmente ansioso, então não vou deixá-lo esperando mais. Vou apenas dar uma olhada rápida e ver o que está acontecendo.”

Eu queria perguntar por que ele precisava olhar quando Bill tinha olhado apenas alguns momentos antes, mas não disse nada enquanto ele levantava minha blusa e esguichava gel na minha barriga.

Bill tentou preencher o silêncio com perguntas mundanas sobre mim e minha vida. Ele estava tentando me distrair, mas não estava funcionando. Todo o meu foco estava no Dr.

Spendel enquanto ele movia a varinha de ultrassom sobre meu estômago, no pequeno vinco no meio de suas sobrancelhas espessas que gradualmente ficavam mais e mais profundas.

“Bem?”, perguntei, interrompendo Bill no meio da frase.

Ele não conseguia ler o quarto sangrento? Por que eu iria querer responder perguntas sobre o que eu gosto de fazer no meu tempo livre quando eu estava ansiosamente esperando para ouvir sobre o que estava acontecendo com meu filho?

Dr Spendel limpou a garganta e me deu um pequeno sorriso. “Ok, terminamos. Bill, se você puder, por favor, pegar a máquina e nos dar o quarto. Obrigado.”

“Dr. Spendel,” eu insisti, irritado pelo fato de que nenhum dos dois estava me dando uma resposta. “O. Bebê. Está.

Bem?”

O Dr. Spendel pegou a cadeira e colocou-a ao meu lado, sentando-se. “Tatiana,” ele exalou, tristeza cobrindo sua voz. “Enquanto conduzia o ultrassom, não consegui encontrar um batimento cardíaco. Sinto muito mesmo ter que lhe dizer isso, mas seu bebê faleceu.”

Meu mundo inteiro desabou.

Não. Não. Não. NÃO!

Lágrimas se acumularam em meus olhos. Eu lamentei, envolvendo meus braços em volta do meu estômago. "Não!"

Eu gritei, chorando histericamente. O tempo desacelerou enquanto a pior e mais agonizante dor que eu já havia experimentado me cortava. Meu coração, minha alma, **tudo** dentro de mim morreu ali mesmo. Com meu filho.

Eu me senti sendo puxado para um vazio profundo e escuro onde eu não conseguia ouvir nada. Eu podia ver o Dr.

Spendel falando, ver seus lábios se movendo, mas suas palavras estavam vindo como estática.

“Corda…enrolada…nada que você pudesse ter feito…não é sua culpa…”

Não tive certeza de quanto tempo fiquei ali sentado, fingindo que conseguia entender o que ele estava dizendo, fingindo que estava ouvindo.

Eu sabia que deveria ter entrado antes. O dia todo, eu senti que algo não estava certo, que era estranho eu não ter sentido ele se mover. Mas eu não fiz nada.

Eu não fiz nada.

Eu era a mãe dele. Era meu trabalho protegê-lo. Ele deveria estar seguro comigo. Como eu poderia decepcioná-lo daquele jeito?

“Vou lhe dar o medicamento que inicia a dilatação, depois a ocitocina, e seu corpo saberá o que fazer a partir daí.”

Olhei para os olhos do Dr. Spendel. "Desculpe? Pitocina?"

Minha voz estava rouca. Eu me senti entorpecida. Nada daquilo parecia real. Era real? Eu estava sonhando?

Oh, Deus, por favor, deixe-me sonhar. Deixe-me acordar na minha cama com Nikolai, com nosso filho chutando loucamente na minha barriga.

Por favor, Deus. Não faça isso comigo. Não o tire de mim.

Ele franziu a testa ligeiramente. “Para induzir o parto.”

Repeti suas palavras em transe. “Induzir o parto?” Mais lágrimas caíram, a dor era avassaladora. “Você está dizendo que eu tenho que dar à luz a ele, mesmo que ele-ele esteja...” Eu não conseguia nem terminar a frase.

A compaixão brilhou no rosto do Dr. Spendell. “Tem alguém para quem eu possa ligar para você?”, ele perguntou. “Sei que isso é muita coisa. Quero ter certeza de que você tem o apoio de que precisa.”

Nikolai. Preciso do Nikolai.

Com as mãos trêmulas, tentei ligar para ele novamente.

Mas ele não atendeu.



Capítulo Seis

NIKOLAI VOLKOV

“M ESCRITÓRIO . AGORA.” ALEKSANDR deu um passo para a esquerda e apontou para as escadas, parecendo um pai irritado que tinha acabado de pegar seu filho tentando sair de casa às 2 da manhã.

Esfreguei minha têmpora, suspirando pesadamente.

“Zander—”

“Nem tente, Nikolai. Eu deixei você evitar minhas perguntas por anos . Estou farto. Você vai subir essas escadas e falar comigo, ou então Deus me ajude, eu

mesmo vou te arrastar até lá e te espancar. A escolha é sua. Mas não tem como você sair dessa conversa.”

Meu irmão mais velho, senhoras e senhores.

“Sabe, quando alguém diz que não quer falar sobre algo, a maioria das pessoas respeita a vontade dele e deixa para lá.”

Ele me encarou sem expressão. “Eu não sou a maioria das pessoas. Ande.”

Revirei os olhos, fazendo o que ele tão "gentilmente" pediu.

Eu poderia tentar lutar com ele sobre isso, mas honestamente, qual seria o sentido? Aleksandr cumpriria sua ameaça. Eu não tinha certeza de quanto tempo ele estava ali, o que exatamente ele tinha ouvido. O que eu sabia era que era o suficiente para ele ter uma ideia geral sobre o que tinha acontecido. O gato estava fora da bolsa.

Aleksandr entrou na fila atrás de mim enquanto eu subia as escadas, seus pés batendo como um aviso de que ele estava

ali, caso eu decidisse fugir.

Como se aquele grande idiota pudesse me pegar.

A porta do escritório de Aleksandr estava aberta, então entrei direto e parei no centro da sala.

“Sente-se”, Aleksandr exigiu, fechando a porta.

Eu estava mentalmente exausto demais para repreendê-lo por tentar me dar ordens. Tudo o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas havia sugado cada grama de força de mim. O ataque. O sequestro do meu pai. Tatiana.

As palavras dela doíam mais do que qualquer dor física que eu já tivesse suportado antes.

Minha confiança em você, na sua capacidade de estar lá para mim quando preciso, acabou.

Não tinha mais nada em mim para lutar contra meu irmão.

Sentei-me.

Aleksandr foi até sua mesa e tirou dois copos da gaveta, colocando um na minha frente e o outro na frente de sua cadeira vazia. Ele foi até o carrinho de bebidas no canto da sala ao lado, pegando uma garrafa de vodca. Depois de encher meu copo e o dele, ele se sentou, recostando-se.

"Falar."

Olhei para o meu copo. “Nem sei por onde começar.”

“O começo é sempre uma boa opção.”

“O começo”, repeti, rindo sem humor.

“Sim,” Aleksandr disse, estreitando os olhos. “Quando as coisas… evoluíram para algo mais entre você e Tatiana?”

A inclinação suspeita em sua voz fez minha espinha enrijecer. "Muito depois de ela ter feito dezoito anos, e o fato de você estar me perguntando isso me faz querer quebrar seu nariz de merda."

“Não foi isso que eu quis dizer, mas é bom saber”, ele sorriu.

Olhei feio, tomando um gole da minha bebida. A queimadura bem-vinda do álcool deslizando pela minha

garganta ajudou a acalmar meus nervos.

Geralmente, eu amava o lado brincalhão de Aleksandr. Era raro ele se entregar a isso. Mas eu simplesmente não estava no clima. Eu apreciei o fato de que ele estava tentando aliviar o clima, no entanto.

“Quero dizer, quando vocês começaram a se ver?”

“Quatro anos atrás,” eu respondi, a lembrança daquela primeira noite no corredor — a primeira vez que a provei, senti ela gozar em volta dos meus dedos — me fez sorrir.

“Nós tivemos um relacionamento secreto por mais de um ano.”

Surpresa passou pelo rosto de Aleksandr. Ele sabia que algo estava acontecendo entre Tatiana e eu, mas acho que ele não percebeu o quão longe isso ia.

“Ela não se sentia confortável em contar a ninguém, pelo menos não até que contasse a Illayana primeiro. Quanto mais tempo passava, porém, mais difícil ficava para ela contar a ela. Naquele primeiro ano, tudo era…”

Eu não conseguia nem encontrar palavras para descrever.

Como você descreveria a melhor coisa que já aconteceu com você? Como você resumiria tudo em poucas palavras simples? Simplesmente não dava para fazer, então eu nem tentei.

“Então, Tatiana me disse que estava grávida, e meu mundo inteiro ficou muito mais brilhante. Não me lembro de ter sido tão feliz antes. Nem uma vez na minha vida, Zander.”

Um sorriso genuíno enfeitou os lábios do meu irmão. Ele desapareceu um momento depois, no entanto, porque ele sabia que a felicidade da qual eu falava não duraria.

“Ela estava com cerca de cinco meses de gravidez quando eu estraguei tudo. Olhando para trás agora, percebo que idiota eu fui por não confiar nela, por deixar velhos medos e cicatrizes do meu passado controlarem minhas ações.”

Aleksandr franziu a testa, tentando acompanhar. Mas ele não conseguiria, não até que soubesse a história completa.

“Eu tinha acabado de tomar banho no armazém e estava me vestindo quando ouvi alguns soldados falando merda.

Só lixo normal de vestiário. 'Meu pau foi chupado ontem à noite.' 'De Claire e Anette, quem você acha que tem a buceta mais apertada?' 'Quem é a garota mais gostosa que você já fodeu?' Foi nessa hora que eu me desliguei. Fiquei cansado de ouvi-las. Então, um dos filhos da puta chamado Kurt disse o nome de Tatiana. Eu estava com tanta raiva, Zander. Eu vi vermelho. Eu sabia que Tatiana não era virgem quando começamos a foder, mas isso não significava que eu queria ouvir sobre ela com outro homem. Eu disse a ele que se ele não calasse a boca, eu

cortaria sua língua fora.”

Aleksandr assentiu em concordância, como se minha ameaça fosse completamente justificada. “Justo. Continue.”

“Não sei se ele estava tentando se exibir para os amigos ou só me irritar, mas ele começou a se gabar de como tinha transado com ela seis meses atrás. Não acreditei nele até que ele mencionou a tatuagem que ela tem na bunda.

Quando ouvi isso, fui direto para a casa da Tatiana e a acusei de traição. Acusei-a de mentir sobre o bebê ser meu.

Fiquei louco, Zander. Disse as coisas mais horríveis e depois a cortei da minha vida sem deixá-la dizer uma palavra. Ignorei as ligações dela. E então ela foi para o hospital e—”

“Ok, devagar.” Aleksandr colocou uma mão no meu ombro e isso me chocou pra caramba. Eu nem tinha percebido ele se levantando e vindo até mim. Eu estava muito perdido no meu passado. “Você está entrando em uma espiral. Vamos fazer isso um passo de cada vez. Primeiro, como você sabia quando Kurt disse que tinha visto essa tatuagem, que ele

não estava falando apenas de uma vez que eles transaram no passado? Antes de vocês ficarem juntos?”

“Porque aquela tatuagem era nova . Ela fez isso um mês ou mais antes de engravidar. Eu estava lá. É a primeira letra do meu nome.”

Aleksandr arqueou uma sobrancelha. “Você marcou a bunda dela?”

Puxei minha camisa para o lado, revelando o “T” tatuado sobre meu coração. “Ela me marcou também.”

“É por isso que você parou de tirar a camisa sempre que pulava no ringue.”

“Basicamente. Eu não precisava que Illayana ficasse desconfiada.” Soltei um suspiro. “Por causa da minha história com Galina, eu fui rápido em presumir o pior.

Presumi que Tatiana tinha mentido para mim e me traído.

Não importava o que ela tentasse me dizer.”

“Claro,” ele respirou, como se algo tivesse acabado de se encaixar para ele. “Eu esqueci da Galina.”

Galina era uma ex-namorada minha de quando eu morava na Rússia, antes de nos mudarmos para os EUA. Eu era jovem quando a conheci. Continuei transando com ela até os meus vinte e poucos anos. Quando eu disse a ela que iria me mudar para a América, ela percebeu que eu não tinha intenção de levá-la comigo. Então ela decidiu tentar forçar minha mão. Ela deliberadamente engravidou transando com um bando de homens aleatórios e tentou fazer o bebê passar como meu.

Descobri a verdade apenas alguns dias antes de partirmos.

Um dos nossos soldados se aproximou de mim, dizendo que sua esposa recebeu algumas mensagens de texto preocupantes de Galina. Ela estava se gabando de como seu plano de me manipular havia funcionado, que havia uma grande probabilidade de que a criança não fosse minha. Deixei-a na Rússia com uma equipe de médicos

monitorando-a de perto, para que eu soubesse quando ela desse à luz. Ainda havia uma chance, não importa quão pequena, de que o bebê pudesse ter sido meu, e eu não a abandonaria se fosse esse o caso.

Oito meses depois, Galina deu à luz uma linda menina. Eu não era o pai. A decepção que senti naquele dia foi devastadora. Só então percebi o quanto eu esperava que o bebê fosse meu.

Foi uma surpresa assustadora. Aos vinte e um anos, eu não estava nem perto de estar pronta para ter um filho. Mas ouvir que você vai se tornar mãe e depois ter isso tirado de você... doeu. Uma pequena parte de mim também se importava com Galina. Eu facilmente imaginei um futuro com ela, então sua traição me irritou.

Avançando nove anos para o momento em que pensei que estava acontecendo tudo de novo. Para o momento em que ouvi aquele filho da puta do Kurt alegar que fez sexo com Tatiana bem na época em que ela engravidou. Todos aqueles sentimentos de quase uma década atrás voltaram correndo. Só que dessa vez, eles eram piores, mais explosivos. Porque, diferente de Galina, eu estava

perdidamente e irrevogavelmente apaixonado por Tatiana.

A ideia de que ela me traiu e mentiu para mim havia nublado todo o senso de racionalidade, tornando impossível para mim ver o que estava bem na frente dos meus olhos.

“O que aconteceu depois?” Aleksandr empurrou, sua mão em meu ombro me mantendo no chão, centrado.

“Tatiana foi ficar com a tia e o tio por um tempo. Ela estava chateada comigo por acusá-la de traição e queria ir embora. Eu era muito teimoso e cabeça-dura para deixar minha raiva passar, então a deixei ir. Tentei encontrar aquele safado do Kurt, para poder matá-lo, mas ele desapareceu depois de todo o incidente do 'armazém'.

Tatiana e eu não nos falamos por meses. Acho que ela

estava esperando que eu caísse em si. Ou ela estava apenas me dando um gelo, como eu fiz com ela. Não tenho certeza.

As coisas pioraram na época do trabalho do Campos.”

“Delano Campos?” Aleksandr perguntou, com uma leve carranca no rosto. “Eu me lembro daquele trabalho. Você e o pai marcaram uma reunião com ele para ver se ele era o cara que vendia armas em Vegas.”

Eu assenti. Vegas era estritamente território da Bratva, o que significava que se qualquer outra pessoa tentasse vender armas em nosso território, isso custaria a vida dela.

Estávamos recebendo relatos de outras armas sendo vendidas no mercado, e levei mais de duas semanas para rastrear quem era o responsável.

Delano Campos.

Ele era pequeno, tinha acabado de se mudar da Irlanda para Vegas e estava tentando se estabelecer como um traficante de armas, sem perceber que o território que ele estava tentando reivindicar já estava tomado — por nós.

Meu pai e eu então organizamos um encontro sob falsos pretextos, fingindo que

estávamos interessados em comprar dele.

“Tatiana me ligou quando estávamos na mesa”, eu disse, respirando através da dor da lembrança. “Olhei para a tela, vi o nome dela e rejeitei a ligação.”

Aleksandr estremeceu.

“Quando ela ligou de volta imediatamente, desliguei meu telefone. Na minha mente, usei a desculpa de que estava muito ocupado lidando com os negócios da Bratva para atender a ligação dela. Mas, no fundo, havia uma pequena parte de mim que sabia que era só porque eu ainda estava bravo. Eu ainda não tinha lidado com minha raiva. Eu queria puni-la, então a ignorei. Sentei-me naquela mesa conversando com um aspirante a gangster que eu não queria nada mais do que estripar, enquanto a mulher que

eu amo estava deitada em uma cama de hospital, chorando por mim.”

Culpa, vergonha e tristeza me atingiram com a força de um trem de carga. Doeu tanto quanto naquela época. Talvez mais.

“Quando finalmente liguei meu telefone novamente algumas horas depois, havia mais de cem chamadas perdidas e mensagens de texto”, continuei, olhando para longe. “No momento em que percebi o que estava acontecendo, corri para o hospital. Mas quando cheguei lá, já era tarde demais.” Lágrimas se formaram, rolando pelo meu rosto. “Meu—” Respirei fundo, as palavras que estava prestes a dizer como uma faca no coração. “Meu filho se foi. Ele morreu no útero. Tatiana teve que dar à luz a ele sozinha, sem ninguém lá para ajudá-la, para estar lá por ela. Ela o estava segurando em seus braços quando finalmente cheguei lá, e o olhar em seu rosto”—eu balancei minha cabeça—“Eu nunca vou esquecer, o quão quebrada ela parecia.”

“Oh, pirralho.” Oh, irmão. Aleksandr me abraçou, me dando um conforto que eu não merecia de forma alguma. “Por que você não me contou? Por que você não contou a ninguém ?”

“Eu não podia. Depois que o enterramos, Tatiana me disse que não queria que ninguém soubesse, que ela só queria esquecer. Depois do que eu fiz, o mínimo que eu podia fazer era respeitar os desejos dela e estar lá para ela de qualquer forma que ela precisasse, já que eu não estava lá para ela quando realmente importava.”

“Mas e você?”, ele perguntou, me estudando atentamente.

“Quem estava lá por você ? Ter que guardar tudo isso para si… não foi justo.”

Dei de ombros despreocupadamente. Era difícil não conseguir falar sobre isso com as pessoas mais próximas de mim. Tatiana tinha ido embora abruptamente depois do

pequeno funeral que fizemos para ele, e prometi não dizer uma palavra sobre isso a ninguém.

Quando ela voltou seis meses depois, ela agiu como se nunca tivesse acontecido. Ela se recusou a falar sobre isso, se recusou a reconhecer o passado entre nós. Ela me manteve à distância, nunca me deixando chegar muito perto e me dando sua atitude corajosa de sempre, mas envolta em frieza.

“Não importava o que eu queria, Zander. Tudo o que importava era Tati.”

Meu irmão olhou para mim como se quisesse dizer alguma coisa, mas pensou melhor e ficou de boca fechada.

“O que você viu antes, foi a primeira vez que Tatiana falou comigo sobre aquela noite. Sobre nosso filho. Todas as outras vezes que tentei, ela me ignorou, como eu fiz com ela. Uma sensação de vingança, eu acho. Uma que eu merecia.”

"Ok, já ouvi o suficiente", ele disse, se levantando. Ele colocou as mãos nos quadris, me encarando como um pai prestes a dar uma palestra de dez horas. "Agora me escute, Nikolai Vasili Volkov. Não importa o que você fez ou deixou de fazer, você já sofreu o suficiente. Sim, você cometeu um erro. Um grande erro. Mas você perdeu algo também. Não consigo nem começar a entender o quão difícil deve ter sido para Tatiana. Não apenas perder seu filho, mas também ainda ter que dar à luz a ele sem ninguém lá para apoio ou conforto. Teria sido absolutamente devastador para ela. Mas essa culpa que você está abrigando? Você precisa deixar isso para lá. Não foi intencional. Se você tivesse a menor ideia de que algo estava errado, que Tatiana precisava de você, você nunca teria ignorado seus chamados. Qualquer pessoa com cérebro pode ver o quanto você se importa com ela, que você nunca a teria abandonado se soubesse."

Eu sabia que ele estava apenas tentando ajudar, mas suas palavras me irritaram. Ele estava tentando me fazer sentir melhor. Eu não merecia me sentir melhor. Aleksandr nunca entenderia. Ele nunca entenderia como era saber que você decepcionou a mulher que ama. Tê-la olhando para você com olhos mortos e frios cheios de traição, sabendo que você era a razão disso.

Foi de cortar o coração. De esmagar a alma.

"Isso é um pouco 'o sujeito falando do que é preto', não é?", perguntei, levantando-me e ficando frente a frente com ele.

"O que isso quer dizer?" ele franziu a testa.

“Quer dizer, como você pode ficar aí e me dizer para deixar de lado minha culpa quando você carrega a sua há dez anos?” Eu retruquei, me referindo à nossa mãe.

Ele pensou que eu não sabia, mas eu sabia. Eu vi como ele se culpava pelo que aconteceu com ela. Era claro em cada ação que ele fazia. Na maneira como ele sempre nos colocava em primeiro lugar, nunca se importando com seus próprios desejos ou necessidades. Na maneira como ele estava disposto a sacrificar tudo e qualquer coisa para nos proteger. Sua vida, sua felicidade. Ele realmente achava que eu era tão ignorante? Que eu não conseguia ver?

Ele olhou para mim com todo o foco de uma cobra-rei mortal, sem dizer uma palavra. O silêncio desceu entre nós.

A culpa começou a se infiltrar em meu coração com minhas palavras.

Quando ele estava pronto para falar novamente, ele falou devagar, suavemente, com uma inclinação sombria na voz.

"Eu sei o que você está tentando fazer, e não vai funcionar."

Ele fechou os olhos brevemente, respirando fundo e se acalmando. "Você está sofrendo por dentro, pirralho mladshiy, irmãozinho. Eu não vou ajudar você a sofrer por fora também, não importa o que você diga para mim."

Esse era o problema com irmãos mais velhos, não era? Eles literalmente

estiveram lá por você a vida toda. E isso significava que, às vezes, eles conheciam você melhor do que você mesmo.

Eu nem tinha percebido que era isso que eu estava tentando fazer, não até ele mencionar. Eu estava ansioso por uma briga. Para machucar alguém e ter essa pessoa me machucando de volta. Para me punir pelo que eu tinha feito.

“Não?” Eu exalei interrogativamente, afundando de volta na minha cadeira. “Nem mesmo se eu disser que vou fazer uma visita à sua pequena rainha do cartel?”

Ele estreitou os olhos perigosamente. “Ok, agora você está forçando a barra.”

Eu ri, pegando meu copo e terminando o resto da minha bebida. “Estou brincando. Mais ou menos.”

Ele resmungou, voltando para sua cadeira. Ele se sentou, os olhos nunca deixando os meus enquanto perguntava,

"Qual era o nome dele?"

Tristeza me envolveu. Seu nome. Apesar do que eu tinha feito, apesar de não estar lá para Tatiana, o nome que ela tinha escolhido para nosso filho era um nome que eu não merecia. “Nikolas,” eu sussurrei, mais lágrimas caindo dos meus olhos. “Nikolas Ivan Volkov.”



Capítulo Sete

TATIANA ANDREEVA

"UM ABSOLUTAMENTE NÃO !" MEU pai gritou, olhando para mim.

Escondi meu sorriso atrás da minha caneca de café, aconchegando-me mais no sofá. A TV tocava levemente ao fundo, o aroma relaxante da minha vela com aroma de lavanda me cercava como um abraço reconfortante.

Peter Sutherland em The Night Agent estava chutando algumas bundas, me prendendo completamente. Eu estava apenas no episódio seis, e já sabia que seria um dos meus dez programas de TV favoritos. Eu gostava de Rose. Ela era diferente de muitas outras protagonistas femininas. Ela não corria e se escondia

quando o protagonista masculino estava brigando com algum cara mau, tentando protegê-la.

Ela pulava na briga, balançando troncos como se fossem tacos de beisebol, quebrando ossos. Eu me amava como uma rainha selvagem.

"Você disse que eu poderia ir." Tentei evitar que a diversão que sentia transparecesse na minha voz, mas, com base no olhar rabugento que meu pai lançou em minha direção, acho que não funcionou.

“Eu disse para falar com Illayana.”

"Sim."

“E você fez?”

“Sim”, repeti, estourando o “p”.

“Então você concorda com isso? Porque eu não estou brincando, Tatiana,” ele disse severamente, cruzando os

braços sobre o peito.

“Eu sei, pai.”

“Se você quiser ir para Nova York, você tem que ter o microchip colocado. Essa é a condição.”

Coloquei um biscoito na boca, e minhas palavras saíram em um murmúrio confuso enquanto eu respondia: "Eu sei, pai".

Ele me deu um tapa na cabeça, como o Agente Gibbs faz com Tony em NCIS. "Não fale com a boca cheia."

Eu ri, esfregando a parte de trás da minha cabeça com uma mão enquanto tomava um gole do meu café com a outra.

“Encare isso, Pops. Você só está chateado porque não esperava que eu concordasse com seus termos. Bem, eu concordei. Illayana já me marcou para ver o médico da família depois de amanhã. Essa mudança vai acontecer.”

Ele se jogou no assento vazio ao meu lado, chutando os pés para cima da mesa de centro à sua frente. “É como se você quisesse me dar um ataque cardíaco, se mudando para Nova York sem ninguém para cuidar de você”, ele resmungou, beliscando a ponta do nariz. “É a cidade onde o crime nunca dorme. Talvez—”

“Não. Nem pense nisso,” eu interrompi, dando uma cotovelada nas costelas dele. Ele grunhiu, segurando seu lado. “Eu não quero ou preciso de um guarda-costas. Sua única condição era eu pegar aquele rastreador idiota. Você não pode ficar adicionando outras merdas para tentar me fazer desistir.”

“Quem disse? Eu sou o pai aqui.”

“Não seja um idiota.” Ofereci-lhe um biscoito e ele aceitou a contragosto.

“O que estamos assistindo?”, ele perguntou antes de enfiar o filme na boca.

“ The Night Agent. É sobre um agente do FBI bonitão que tem que salvar uma garota de um bando de homens maus que estão atrás dela.”

“Parece chato. Coloque aquele programa que estávamos assistindo antes de eu ir embora. Você sabe de qual estou falando, aquele com os cientistas.”

Eu sorri, rindo suavemente. "Você quer dizer Big Bang Theory ?" Peguei o controle remoto, mudando para Big Bang , e papai assentiu. Ele se acomodou mais no sofá, estendendo a mão para mais biscoitos enquanto assistíamos TV juntos, aproveitando a companhia um do outro. Pode parecer super ridículo, mas meu pai é meu melhor amigo. Sem sombra de dúvida. Não conte para Illayana.

Sempre fomos eu e ele. Ele e eu. Quando criança, eu era a definição clássica de uma "garota feminina". Tudo que eu tinha tinha que ser rosa. Eu gostava de me maquiar e usar vestidos bonitos. Eu gostava de tomar chá com minhas bonecas e pentear seus cabelos. Eu odiava ficar suada ou sujar minhas unhas. Você pensaria que um homem como meu pai teria dificuldade em criar uma filha; um homem Bratva grande, rude e robusto que não tinha nenhuma experiência com crianças. Mas em vez de tentar me mudar, mudando meus interesses para coisas com as quais ele poderia se sentir mais confortável, ele me abraçou. Ele me deixava pintar suas unhas de rosa brilhante, passar maquiagem nele, pentear seu cabelo com lindos grampos de borboleta. Ele ficava sentado lá por horas e brincava de boneca comigo, afinando sua voz profunda e pesada mais alta para imitar qualquer uma das minhas Barbies que ele estivesse segurando. Ele lia

livros para mim, contos de fadas sobre princesas e seus cavaleiros de armadura brilhante.

Eu adormecia todas as noites sonhando em encontrar meu cavaleiro. Alguém que me amaria, me protegeria, cuidaria de mim. Estaria lá para mim em todos os sentidos.

Mas quando precisei do meu cavaleiro, ele não estava lá.

Nunca senti que estava faltando algo na minha vida, faltando uma mãe. Meu pai era tudo que eu sempre precisei. Um pai. Uma mãe. Um amigo.

"Você não me perguntou como foi minha viagem?", papai perguntou, me olhando de soslaio.

“Talvez porque eu tenha medo de que se eu perguntar, você me diga.”

Ele exalou um suspiro exasperado. “Nós temos que conversar sobre isso eventualmente.”

"Nós fazemos?"

Papai pegou o controle remoto e desligou a TV. “Tatiana—”

“Eu nem sei por que você foi em primeiro lugar. Não me entenda mal, depois do que aconteceu com o ataque e tudo mais, estou feliz que você foi. Se você tivesse ficado, você poderia ter se machucado. Mas ela não merecia que você voasse do outro lado do mundo para vê-la.”

“Apesar do que aconteceu, do que ela fez, ela ainda é minha esposa.”

“Ela nos abandonou ,” eu rosnei, minha raiva aumentando rapidamente. “Simplesmente arrumou suas coisas no meio da noite e nos deixou . Deixou você , seu marido de quinze anos. Deixou a mim, seu bebê de duas semanas. Ela nos deixou como se não significássemos nada para ela. Porque adivinha? Não significávamos. E agora? Ela acha que depois de vinte e quatro anos de silêncio, ela pode simplesmente voltar para nossas vidas como se nada tivesse acontecido?” Eu balancei minha cabeça, me levantando.

Energia raivosa e inquieta fluía pelo meu corpo. Toda vez que o assunto da

minha suposta "mãe" surgia, uma raiva sombria e implacável tomava conta da minha mente. Eu a odiava. Eu a odiava com cada célula dentro de mim. Não me importava com as desculpas que ela tinha para nos

deixar, por que ela fez o que fez. Uma mãe nunca deveria abandonar seu filho.

Meu pai e eu tivemos praticamente a mesma conversa logo antes de ele ir embora e, pelo visto, isso também terminaria do mesmo jeito.

Papai se inclinou para frente, apoiando os cotovelos nas coxas enquanto juntava os dedos. Ele esperou antes de responder, escolhendo as palavras com cuidado. Ideia inteligente, considerando que eu tinha um temperamento bem ruim quando estava irritado.

“Você tem todo o direito de se sentir do jeito que se sente.

Ela entende o que fez e quer se desculpar. Compensar você.”

“Eu não preciso que ela me compense. Eu preciso que ela se foda. Eu não entendo por que você é tão rápido em perdoá-la, depois do que ela fez.”

Ele olhou para mim, olhos cheios de tristeza e mágoa. "Eu a amo", ele sussurrou, sua voz a mais suave que eu já tinha ouvido antes.

Eu me senti mal imediatamente. Foi fácil para mim esquecer que ele teve uma vida antes de mim. Uma vida com ela . A filha de Satanás.

“Ela não merece seu amor, pai. Não naquela época, e certamente não agora.”

Ele me deu um pequeno sorriso. “Você sabe tão bem quanto eu que não podemos escolher quem amamos, Tatiana, se eles merecem ou não.”



Sentei-me na varanda da frente da minha casa, o ar frio de Las Vegas beliscando minha pele e me fazendo tremer.

Meus pensamentos eram caóticos, voláteis. A conversa com meu pai sobre minha mãe ainda tocava repetidamente na minha cabeça, piorando meu humor a cada segundo. Como ela ousa? Quem ela pensava que era? Que direito ela tinha de tentar voltar para nossas vidas como se tivesse todo o direito de estar lá?

A cadela que era minha mãe — Svetlana Andreeva —

tentou entrar em contato comigo algumas semanas atrás, o que eu prontamente ignorei. Eu não tinha vontade de ouvir uma maldita palavra que saísse da boca dela. Não havia nada que ela pudesse dizer que compensasse vinte e quatro anos de abandono. Por vinte e quatro aniversários perdidos e vinte e quatro Natais

perdidos. Por nunca estar lá para mim durante todos os momentos que uma mãe deveria estar. Quando perdi meu primeiro dente. A primeira vez que menstruei. Meu primeiro dia de ensino médio. Minha formatura. Para me ensinar sobre maquiagem, ou meninos.

Para me ensinar o que significa ser uma mulher.

Tudo isso tornou impossível para mim perdoá-la.

Quando ela não conseguiu entrar em contato comigo, decidiu falar com meu pai. Ela pediu para ele voar até a Rússia, e ele não teve problema em dançar conforme a música dela. Eu ficava irritado porque tudo o que ela tinha que fazer era estalar os dedos e meu pai vinha correndo.

Eu disse a ele para não ir. Que não havia nada que nenhum deles pudesse me dizer para me fazer mudar de ideia. Eu não tinha ideia do que ela poderia querer de mim, e eu não me importava. Ela não precisava estar seis pés abaixo da terra para estar morta para mim.

O peso do meu telefone na minha mão me tirou da minha mente. Olhei para a tela pela centésima vez, encarando o nome de Nikolai, uma mistura de emoções tomando conta de mim.

Uma parte de mim não queria falar com ele. Não queria nem chegar perto daquela porta, muito menos abri-la.

Então havia essa outra parte de mim. Essa parte que estava lentamente ficando maior e maior a cada dia, que estava morrendo de vontade de refazer aquela conexão com ele, morrendo de vontade de simplesmente deixar ir toda aquela raiva e ressentimento que ainda queimavam dentro de mim e seguir em frente.

De todos na minha vida — meu pai, Illayana, minha tia e meu tio — ele era a única pessoa com quem eu queria falar.

A única pessoa que eu sentia que entenderia. A única pessoa em quem eu queria confiar sobre o que estava acontecendo.

Pare de ser uma vadiazinha. Eu apertei LIGAR.

O telefone mal tocou uma vez antes de Nikolai atender, sua voz frenética. “O

que foi? Você está bem?”

Meus lábios se curvaram em um pequeno sorriso com a reação dele ao meu chamado. Eu não podia culpá-lo por isso, para ser honesta. Foi a primeira vez desde aquela noite que eu o procurei .

“Não há nada errado. Estou bem.”

Eu quase podia sentir seus olhos se estreitarem com suspeita através do telefone. Talvez minha habilidade de adivinhar se resumisse ao fato de que eu o conhecia tão bem.

"Você está bem?"

“Sim…não, quero dizer,” eu exalei, balançando minha cabeça. “Eu não sei.”

“Tati,” ele disse suavemente, mas severamente. “Qual é o problema?”

É por isso que você ligou para ele, seu idiota. Fale com ele.

“Minha mãe entrou em contato comigo algumas semanas atrás.”

Ele ficou quieto por um momento. “Sua mãe?”

“Hummm.”

“O que ela queria?”

“Para me ver? Falar comigo? Me foder ainda mais? Não tenho ideia, sério. Desliguei na cara dela no segundo em que percebi que era ela, e ignorei todas as ligações dela desde então.”

“Como ela conseguiu seu número?”

“Não sei, não me importo. Não quero nada com ela. Meu pai, no entanto,” balancei a cabeça, ainda frustrado com a coisa toda. “Ele quer dar uma chance a ela. Você sabe por que ele foi para a Rússia?”

“Não, mas tenho a sensação de que tem algo a ver com ela.”

"Sim." Eu me levantei, andando por toda a extensão da varanda da frente e

voltando. "Ela ligou para ele e disse que precisava vê-lo. Mas ela não tinha passaporte, então o que ele fez? Ele pegou o primeiro voo que conseguiu e foi até ela. Apesar de tudo que ela fez, ele ainda está disposto a perdoá-la. Não tenho certeza do que ela realmente queria dele, de nós. Talvez ela tenha pensado que teria mais sorte em fazê-lo me convencer a falar com ela se ela pudesse dar a ele as lágrimas de crocodilo pessoalmente. Talvez ela só quisesse foder com ele. Ver se ela ainda o tinha fisgado. Eu não sei, e eu não me importo."

Ele riu baixinho e isso me fez tremer. Aquele som profundo e estrondoso sempre me excitava. Fazia meu coração disparar.

“Certo. Parece que você não se importa.”

"Eu não", respondi bruscamente, ainda andando de um lado para o outro.

Ele riu de novo, e eu queria sorrir para ele e estrangulá-lo ao mesmo tempo. “Você quer saber como eu sei que você se importa, Tati? Porque você balbucia quando algo importa para você. Sua voz fica mais alta e suas palavras saem apressadas, como se você estivesse tentando contar as mentiras o mais rápido possível, para que talvez até você acredite nelas.”

Minha boca se abriu de indignação. “Eu não faço isso.”

“Sim, você faz, amor."

Borboletas floresceram no meu estômago. Eu deveria repreendê-lo por me chamar assim. Eu deveria dizer a ele que apelidos como esse não eram apropriados para o relacionamento quase platônico que tínhamos agora. Mas a verdade era que eu não queria que ele parasse. Eu gostava pra caralho.

A última vez que falamos, eu disse a ele que queria espaço dele. Que eu não queria vê-lo ou falar com ele. Naquele momento, eu quis dizer isso. Eu quis dizer cada palavra. Eu realmente acreditava que não seria capaz de seguir em frente a menos que eu me distanciasse dele. Até que eu tentei esquecê-lo e a dor que vinha toda vez que eu o via.

Mas como eu poderia esquecê-lo, seguir em frente, quando ele ainda fazia meu coração disparar como uma britadeira toda vez que eu pensava nele? Toda vez que eu ouvia sua voz?

“Você não me conhece tão bem quanto pensa, Nicky.”

“Eu te conheço melhor do que qualquer outra pessoa no mundo,” ele disparou de volta imediatamente, ignorando

minha tentativa de irritá-lo e mudar a conversa. Eu o chamei de Nicky para irritá-lo, para distraí-lo sempre que eu estava me sentindo vulnerável. Ele não estava caindo nessa dessa vez, no entanto. “Eu sei que você odeia a cor laranja porque acha que ela te lava. Eu sei que você prefere Dean a Sam Winchester. Que você não suporta o cheiro de canela, mas ama donuts de canela, que Twinkies são seus doces favoritos, e eu sei que você tem andado de um lado para o outro na sua varanda desde o momento em que falamos ao telefone.”

Parei abruptamente, franzindo a testa desconfiadamente.

“Como você sabe que eu estava andando de um lado para o outro?”

“Como eu disse, eu conheço você.”

Uh-huh, certo.

Olhei para a câmera de segurança pendurada no alto do lado de fora da minha casa. “Você está me observando, não está?”

Ele hesitou brevemente antes de responder. “Sim.”

"Por que?"

“Eu queria ver por mim mesmo que você estava bem.”

Balançando a cabeça, levantei minha mão no ar, estendendo meu dedo médio e sorrindo largamente.

Não fiquei muito surpreso que ele tivesse invadido nosso sistema de segurança. Ele já tinha feito coisas assim antes; usando câmeras e essas coisas para rastrear onde eu estava indo, quem eu estava vendo, o que eu estava fazendo. No começo, fiquei indignado. Senti como se fosse uma grande invasão da minha privacidade. Mas agora? Eu estava honestamente tão acostumado com isso, que nem me incomodava mais. Simplesmente saiu dos meus ombros.

Nada que Nikolai fez realmente me surpreendeu mais.

“Oh, Tati,” ele respirou, com uma pitada de excitação na voz. “Você já esqueceu o que aconteceu da última vez que

fez isso comigo?”

Prendi a respiração, a lembrança daquele dia me atingiu com tanta força que me senti tonto.

“Alguém já lhe disse que você se parece exatamente com Blake Lively, só que mais gostosa?”

Revirei os olhos. O homem da Cosa Nostra ao meu lado —

Giovanni? Não, Matteo? Não. Ah, porra. Não importava o nome dele, não importava — estava exagerando tanto que não tinha como acontecer alguma coisa entre nós.

Quando o vi pela primeira vez, batendo palmas e comemorando enquanto todos nós gritávamos "surpresa"

para Arturo em sua festa surpresa de trigésimo aniversário, pensei em ficar com ele.

Ele era meu tipo, para um tee: grande, alto, um pouco sombrio. Ele me lembrava Nikolai. Acho que era por isso que eu me sentia atraído, se eu fosse honesto comigo mesmo.

Nós conversamos um pouco, flertando um com o outro, e quando ele perguntou se eu queria ir a algum lugar para um pouco de "privacidade", eu estava interessada — ênfase no **was** . Quando fiquei sozinha com ele, percebi que não era o que eu queria. Que eu estava usando-o para preencher um vazio para outra pessoa.

Eu não tinha tido relações físicas com mais ninguém desde Nikolai. Toda vez que eu tentava, eu não conseguia. Eu sentia que estava sendo infiel, o que era estúpido. Nós não estávamos juntos. Não estávamos há muito tempo.

Enzo (de novo, não tenho certeza do nome) pegou minha mão, entrelaçando

nossos dedos enquanto nos fazia parar ao redor da lateral da casa. O contato pareceu... errado.

"Você é tão fodidamente linda", ele sussurrou, se aproximando. Ele me puxou para perto dele, trazendo nossos corpos a centímetros um do outro.

“Eu estava me perguntando se seus lábios são tão macios quanto parecem.” Ele abaixou a cabeça, sua boca se aproximando cada vez mais da minha.

Coloquei minhas mãos em seu peito, empurrando de volta.

“Espere—”

“Tatiana!” Uma voz profunda cortou o ar, uma voz que eu reconheceria em qualquer lugar.

Olhei por cima do ombro de Eduardo e arregalei os olhos.

Ah Merda.

Nikolai avançou em nossa direção como um homem em uma missão, suas mãos cerradas em punhos, músculos salientes. Sua mandíbula estava cerrada, uma raiva escura e primitiva irradiando dele. Eu já tinha visto aquele olhar em seu rosto antes, logo antes de ele estrangular alguém até a morte por dar um tapa na minha bunda.

"Quem é esse?", perguntou Qual-é-a-cara-dele, franzindo a testa para o homem grande e corpulento que vinha em nossa direção, seu corpo ainda perigosamente perto do meu.

Eu me afastei dele, minhas costas batendo na parede de tijolos atrás de mim. “Eu correria se fosse você.”

Ele zombou, parecendo ofendido. “Correr? Dele?” Ele levantou o polegar sobre o ombro. “Não tenho medo de um bandido de segunda categoria cujos braços são maiores que o cérebro—”

Nikolai agarrou um punhado do cabelo de Elias e esmagou seu rosto na parede. O idiota que avisei para correr gritou de dor, o estalo de seu nariz quebrando ecoando no ar.

Suspirei enquanto ele desabava no chão, com sangue escorrendo pela parede. “Eu disse para você correr,” eu disse, olhando para ele chorando na grama.

“Não fale com ele, porra,” Nikolai rosnou, pegando-o pelas costas da camisa. Ele puxou uma faca e a segurou na garganta.

“Nikolai, não. Você só vai—”

Ele enfiou a faca no queixo de Emilio, matando-o sem hesitar.

“—causar problemas,” eu bufei, balançando a cabeça.

Ele tinha acabado de matar um soldado da Cosa Nostra na casa do Don do cara. As coisas já estavam tensas entre eles e nós. Isso só causaria mais problemas quando as pessoas descobrissem.

“Porra, Nicky. Você precisa controlar esse seu temperamento ciumento.”

Nikolai pegou o corpo sem vida de Emiliano e o jogou para o lado como se fosse um pedaço de lixo. Então ele estava bem contra mim, seu corpo nivelado com o meu.

Eu engasguei ao senti-lo, minha mente ficando em branco.

Ele olhou para mim, positivamente transbordando de raiva.

“Ele

beijou

aqueles

lábios?”

Nikolai

sussurrou

sombriamente, segurando meu queixo.

Meu coração batia forte no peito, meu corpo em chamas.

Fazia quase dois anos desde que ele me tocou assim, e foi tão incrível quanto da primeira vez.

“Responda-me, amor.” Ele se inclinou para mais perto, sua voz patinando sobre minha pele. “Você deixou ele te beijar?”

“Não,” eu engoli. Eu era incapaz de resistir a ele quando ele estava tão perto, quando eu podia sentir seu corpo pressionado contra o meu. Quando eu podia respirar o cheiro inebriante de sua colônia, misturado com seu cheiro natural sedutor. Isso tornava tão fácil esquecer toda a merda ruim que aconteceu entre nós.

Os hipnotizantes olhos azuis de Nikolai percorreram meus braços nus. “Mas você deixou ele te tocar, não deixou?”

Revirei os olhos. “Parece que você está esquecendo uma informação muito importante aqui, Nicky. Não é da sua conta se ele me tocou, se ele me beijou. Eu posso fazer o

que eu quiser. Foder quem eu quiser. Então, por que você não pega isso aqui”—eu levantei meu dedo médio—“e vai se foder?” Eu perguntei, sorrindo docemente.

Seu olhar foi para minha mão e voltou para meu rosto rapidamente. Ele se moveu com uma calma mortal, envolvendo seus dedos em volta dos meus. O contato pele a pele era eletrizante.

“O qu-o que você está fazendo?” Estremeci enquanto ele lentamente trazia minha mão para baixo do meu corpo e entre minhas pernas. A maneira como sua mão estava enrolada na minha me impediu de abaixar meu dedo médio.

"Você acha que eu vou simplesmente aceitar essa sua atitude malcriada, Tatiana?" ele resmungou, sua outra mão roçando a parte interna da minha coxa.

A antecipação subiu pela minha espinha. Meus olhos dispararam ao redor de nossos arredores, a música e as risadas da festa flutuando no ar. Estávamos completamente ao ar livre. Qualquer um poderia vir andando pela lateral da casa e nos pegar.

"Você vai ficar aqui e se foder com esse dedo que você tão rudemente apontou

na minha direção", ele disse com a voz rouca, olhando profundamente nos meus olhos.

Juro por Deus, tive que morder meu lábio para parar de choramingar. Eu não conseguia nem colocar em palavras o quão bom era tê-lo tão perto, o que seu toque fazia comigo.

“Nikolai,” olhei de um lado para o outro, respirando pesadamente. “Alguém podia ver.”

Ele riu sombriamente. "Mas você gosta disso, não é, amor?

Você gosta de saber que podemos ser pegos a qualquer momento." Ele enganchou os dedos em volta da minha calcinha e puxou-os para o lado, libertando minha boceta.

"A ideia de alguém tropeçando em nós, vendo você à minha mercê. Isso te excita, não é?"

Não me incomodei em responder porque ele sabia que eu gostava. Eu não queria de forma alguma ser pego. Mas a ideia disso?

Sim, foi emocionante pra caramba.

Ele roçou meu próprio dedo sobre meu clitóris, me fazendo suspirar.

“Diga-me o que você sente,” ele respirou contra o lado do meu pescoço. “Você está molhada para mim, minha Tati?”

Não tinha como segurar o gemido daquela vez. Eu tinha mais de dois metros e meio de puro músculo me pressionando contra a parede, sussurrando coisas sujas no meu ouvido.

Eu estava completamente desamparado, e ele sabia disso.

“Sim,” eu ofeguei, girando meus quadris levemente, tentando aumentar a pressão. Poderia ter sido meu próprio dedo que estava me dando prazer, mas Nikolai era quem o controlava. Decidindo para onde ele iria, se seria um toque leve ou forte.

"Como está minha boceta, hmm?" ele ronronou, empurrando meu dedo através das minhas dobras. Ele parou na minha entrada, não me deixando ir mais longe.

"Eu não a toco há tanto tempo", ele praticamente choramingou. "Eu sinto falta dela." Ele mordeu meu pescoço e eu gemi. "Ela sente minha falta?"

“Deixe-me enfiar meu dedo e eu lhe direi.”

Ele se inclinou um pouco para trás, sorrindo para mim.

Havia um olhar pecaminoso em seus olhos, um que fez meu pulso disparar pra caralho.

Ele empurrou minha mão para frente e meu dedo escorregou para dentro, um gemido saindo dos meus lábios. Ele pressionou mais e mais fundo, desembrulhando sua mão da minha enquanto ia até meu dedo médio estar até a junta profundamente em minha boceta. Seu aperto se moveu para minha palma, firme e restritivo, não me

permitindo um centímetro para brincar. Eu ainda conseguia mover meu dedo para frente e para trás, mas não era o suficiente para me fazer gozar.

E Nikolai sabia disso.

Ele sabia que eu precisava de mais, e eu sabia que não conseguiria até dar a ele a resposta que ele estava procurando.

Teimoso, cabeça-dura—

“Sua boceta sente sua falta”, sussurrei.

Ele me deu um sorriso selvagem, de pura satisfação masculina. Ele começou a mover minha mão, manipulando-a de uma forma que fez minhas costas arquearem de prazer. Eu gemi seu nome.

Nikolai me observou com os olhos semicerrados, seu braço desaparecendo sob meu vestido de verão, junto com o meu.

“Mais, Nikolai, mais”, implorei, completamente perdida no momento, rolando meus quadris.

“Você quer meus dedos, amor? Você precisa que eu ajude?”

“Sim. Sim.”

Ele abaixou a cabeça, passando a língua sobre meu lábio inferior. “Você sabe o que eu quero ouvir.”

Eu choraminguei, minhas pernas tremendo. Fazia tanto tempo desde que eu gozava pela mão de outra pessoa, tanto tempo desde que alguém além de mim me dava prazer. Depois do que aconteceu entre nós, eu disse a mim mesma várias vezes que nunca mais cairia sob seu feitiço.

Que tínhamos terminado. História antiga.

“Eu pertenço a você.”

Possessividade sombria brilhou em seus olhos. Seu aperto na minha mão afrouxou, mas quando tentei tirar meu dedo da minha boceta, ele me parou. Eu estava prestes a gritar com ele, a palavra "idiota" literalmente na ponta da minha língua. Ela desapareceu no momento em que senti seu dedo deslizar para dentro de mim, bem ao lado do meu. Nós dois

gememos. Nikolai se aproximou, seu pau cavando em meu quadril. Isso deixou tudo ainda mais quente. Sentir o quão duro ele estava, sabendo que era tudo por minha causa, era excitante pra caralho. Mesmo depois de todos aqueles anos.

“Você está tão molhada, baby. Deus, eu senti falta disso.

Senti falta da sua boceta gulosa me chupando.” Ele manteve seu toque leve, mas firme. Exatamente do jeito que eu gostava. A excitação queimava em minhas veias. Eu gemia enquanto a pressão entre minhas pernas aumentava cada vez mais, meu orgasmo se aproximando rápido.

“Eu amo esse som de merda,” Nikolai grunhiu, aumentando o ritmo. “É melhor você se apressar, amor. Acho que ouvi alguém chegando. A menos que você queira que eles vejam você gozar em meus dedos? É isso que você quer? Hmm?”

Ele deslizou outro dedo dentro de mim e eu gritei, agarrando seu ombro e me segurando nele enquanto eu me desnudava.

"Porra, Nikolai", eu ofeguei pesadamente, esfregando minhas mãos contra as dele.

Eu ia gozar. Estava bem ali. Eu podia sentir que estava se aproximando cada vez mais. A combinação de suas palavras, seu cheiro, seu toque, a perspectiva de alguém nos pegar... era demais.

Porra. Porra.

Nikolai bateu os lábios nos meus para abafar meu grito enquanto um prazer escaldante e escaldante explodia dentro de mim, espalhando-se por mim como uma onda impetuosa. A sensação e o gosto da língua dele na minha boca intensificaram tudo. Ele me beijou sensualmente, devagar e profundamente enquanto bombeava nossos dedos para dentro e para fora mais algumas vezes antes de retirá-los completamente.

Minha cabeça caiu para frente, descansando contra seu peito enquanto eu tentava recuperar o fôlego. Deus, Nikolai dava os melhores orgasmos. Sem sombra de dúvida. Em parte eram suas habilidades, mas muito disso era só ele . A maneira como ele me conhecia melhor do que ninguém. Ele sabia exatamente do que eu gostava.

Dando um pequeno passo para trás, Nikolai levantou nossas mãos entre nós, nossos dedos brilhando do meu orgasmo. A fome queimava em seus olhos. Ele olhou para minha umidade como um homem faminto, desesperado para provar. Seus olhos se fixaram nos meus, a intensidade em seu olhar quente o suficiente para me queimar enquanto ele lentamente sugava nossos dedos em sua boca.

Minha respiração engatou.

Ele gemeu, longo e baixo, revirando os olhos.

"Oh, porraaaaaa", ele arrastou para fora, afundando suas bochechas e chupando mais e mais forte, como se estivesse tentando obter cada gota de mim. Havia algo tão fodidamente quente sobre um homem que amava seu gosto. Que não conseguia ter o suficiente disso. Quem—

“Estou te dizendo, cara, levar um dedo na bunda é realmente muito bom.”

Fiquei tenso quando Lukyan dobrou a esquina, com um dos guardas de Illayana,

Christian ou Luca (eu nunca conseguia dizer qual era qual) ao seu lado.

Eles pararam no mesmo instante quando nos viram; eu pressionado contra a parede, Nikolai com nossos dois dedos na boca.

Lukyan apenas sorriu. “Estamos interrompendo?”



Capítulo Oito

NIKOLAI VOLKOV

EU OLHEI PARA TATIANA através da tela do meu laptop, a expressão ligeiramente vazia em seu rosto me dizia que ela estava revivendo aquele momento entre nós na festa de aniversário de Arturo.

Eu estava dormindo quando ela ligou. O pânico que tomou conta de mim quando ouvi o toque dela pela primeira vez foi tão forte que literalmente roubou o ar dos meus pulmões.

Tatiana não me ligou desde a noite em que nosso filho morreu. Ela nunca mandou mensagem, nunca tentou falar comigo. Ela ignorou ativamente todas as minhas tentativas de entrar em contato com ela.

Então, quando percebi que era ela ligando, meu primeiro pensamento foi que ela tinha se machucado. Pensei que algo devia ter dado muito errado para ela entrar em contato comigo. Foram anos de silêncio de rádio. Acontece que ela só precisava de alguém para conversar. E ela tinha me escolhido.

Isso fez uma lasca de esperança atravessar meu coração.

Talvez ainda houvesse uma chance de que as coisas pudessem ser consertadas entre nós, apesar do que ela disse na noite anterior.

O assunto da mãe dela era delicado. A conversa poderia seguir um de dois caminhos: ela poderia rir e mudar de assunto, ou ela poderia simplesmente surtar e explodir com você. Tudo dependia do humor dela, na verdade.

“Você está pensando nisso, Tati?”, perguntei, baixando a voz.

Eu me mexi na cama, chutando uma das minhas pernas para fora do cobertor enquanto ajustava a posição do meu laptop. Levei apenas dois segundos para hackear o sistema de segurança da casa deles. Mesmo que ela tivesse me dito que estava bem, eu ainda precisava ver por mim mesmo, com meus próprios olhos, para realmente acreditar.

Tatiana estremeceu, seus olhos se erguendo rapidamente para a câmera. Apesar da escuridão ao redor dela, eu podia vê-la perfeitamente. Ver aqueles cachos longos e dourados presos em um coque bagunçado, fios emoldurando seu rosto lindo e delicado.

Ela limpou a garganta, endireitando a coluna e ficando mais ereta. “Não.”

“Estou”, eu respirei, meu pau dolorosamente duro com a lembrança do gosto dela. “Eu penso nisso todo dia. Então, a menos que você queira repetir, eu sugiro que você guarde esse dedo.”

Seus olhos dispararam para sua mão no ar, o dedo médio ainda apontado para a câmera, como se ela tivesse esquecido completamente que estava segurando-a. Seus olhos voltaram para mim e se estreitaram em desafio. Ela colocou o telefone entre a orelha e o ombro e então levantou a outra mão, me dando os dois dedos médios com um sorriso brilhante e radiante no rosto. Tatiana sabia muito bem o que acontecia quando ela me testava daquele jeito, no que isso resultaria, e ainda assim ela fez isso de qualquer maneira.

Ela estava fazendo isso para se distrair? Esperando que eu pudesse ajudar a tirar a mente dela do drama com a mãe?

Eu estava em conflito. Por um lado, eu não queria nada mais do que tirar vantagem da situação e agir na tensão sexual ardente que ainda ardia entre nós. A luxúria estava

literalmente pulsando dentro de mim como uma enxaqueca nível dez, exceto que em vez de ficar restrita apenas à minha cabeça, era todo o meu corpo. Especificamente, meu pau. Mas, por outro lado, eu estava preocupado em ultrapassar os limites dela e afastá-la.

A coisa na festa de Arturo tinha sido diferente. Eu estava completamente consumida por ciúmes, possessividade e raiva. A única coisa que poderia ter me parado naquele momento era Tatiana me dizendo para fazer isso, o que eu tinha certeza de que ela faria se não quisesse que nada sexual acontecesse. Ela era muito obstinada. Ela não tinha problema algum em mandar alguém se foder se fosse o que ela queria.

Eu tinha que pisar com cuidado. A última coisa que eu queria fazer era comprometer o pouco progresso que tínhamos feito até então. Felizmente, eu sabia exatamente como descobrir se ela estava procurando uma distração que só eu poderia fornecer.

"Ty khochesh', chtoby tebya nakazali, lyubimaya?" Você quer ser punido, amor?

Ela olhou para a câmera, completamente imóvel.

Aqui vamos nós.

O que ela respondesse determinaria para onde isso iria. Se ela risse e mudasse de assunto, era um não categórico. Se ela me desse uma atitude e dissesse algo

malcriado...

Ela agarrou o telefone na mão novamente, um sorriso irônico nos lábios enquanto dizia: "O que você vai fazer, Nicky? Resmungar e rosnar para mim pelo telefone? Ooo, estou tremendo nas minhas botas."

A excitação surgiu em minhas veias. Sentei-me um pouco mais ereto, respirando fundo para tentar esconder a ansiedade em minha voz.

"O que te faz pensar que eu não vou descer aí e te colocar no meu colo?" Eu dei zoom no rosto dela, observando em

êxtase enquanto seus dentes cravavam no lábio inferior.

“Vou entrar e trancar a porta.”

Eu ri sombriamente. Eu estava perto o suficiente para ver um arrepio percorrer seu corpo. Era do frio ou das minhas palavras?

“Você realmente acha que eu não tenho a chave da sua casa, Tati? Ou que eu não arrombaria aquela porta para chegar até você?” Eu estalei a língua, curtindo o jeito que a respiração dela engatou.

“Você não pode. Meu pai está em casa.”

“Provavelmente deveria ter pensado nisso antes de me dar essa atitude malcriada que você sabe que me irrita tanto.

Garotas más são punidas, lembra?”

Isso foi um gemido?

Juro que eu poderia gozar só com o som dos gemidos dela.

Eu não precisaria de mais nada, nem mesmo para acariciar meu pau.

Eu estava prestes a dizer algo mais quando a porta do meu quarto se abriu tão rápido que bateu na parede. Peguei minha arma que estava na mesa de cabeceira e apontei para a porta em menos de um segundo.

“Porra, Lukyan,” eu rosnei, olhando feio para meu irmão mais novo idiota.

“Quantas vezes eu já disse para você bater, porra?”

Lukyan me deu seu sorriso travesso característico. Seus olhos se moveram rapidamente para o laptop no meu colo e de volta para o meu rosto. "Oh, minha culpa. Eu te peguei em um momento inconveniente?", ele perguntou, levantando as sobrancelhas para cima e para baixo.

“Saia”, eu disse bruscamente, abaixando minha arma.

“Oo, é a Tatiana?” Ele se aproximou da lateral da cama e olhou para a tela. “Ela está prestes a fazer algum tipo de show de strip ou algo assim?”

" O que ele acabou de dizer?" Tatiana gritou no meu ouvido, seu rosto virado para a câmera, as sobrancelhas franzidas em um olhar furioso.

“Merda, isso é ao vivo?” ele sorriu. “Pervertido. Posso assistir?”

“É isso. Vou desligar agora.”

“Tatiana, espere—”

Bip, bip, bip.

Xinguei, afastando o telefone do ouvido para fazer cara feia para a tela. Droga.

Tatiana girou e entrou em casa sem nem mesmo olhar para a câmera.

Bati meu laptop com força, frustrado. Não era nem o fato de termos sido interrompidos antes das coisas ficarem sexuais que me incomodava. Era que era uma oportunidade para progredirmos e foi interrompida, devido ao idiota parado ao meu lado. Minha carranca mudou do meu laptop para Lukyan. Suas mãos voaram para cima em rendição.

“Uau, não atire no mensageiro. Só estou aqui porque Aleksandr me mandou te pegar. Se você quer culpar alguém por interromper sua pequena sessão de 'sexo por telefone', é ele.”

Suspirei, colocando meu laptop na mesa de cabeceira ao lado da minha arma. “O que ele quer?”

Qualquer traço de brincadeira desapareceu de seu rosto, a raiva de Volkov que todos nós possuíamos rapidamente tomou conta. “É sobre Dominik. O filho da puta está no telefone. Agora mesmo.”

Não precisei de mais nada. Por mais difícil que fosse para mim, tirei Tatiana e nosso relacionamento caótico da cabeça e corri para o escritório do meu irmão.



“Você não vai me enganar com isso, sobrinho. Entregue o controle, ou seu pai sofre.”

Olhei para Dominik e os homens atrás dele, a raiva pulsando em meu corpo. Eu disse a Aleksandr na noite em que Dominik fez contato conosco que as chances de ele concordar com um um-contra-um eram mínimas. " Mais do que mínimas", acredito que foi a frase que usei. Não só isso, mas deixá-lo em qualquer lugar

perto da casa foi um erro. Que deveríamos ter marcado o encontro em algum lugar neutro. A última vez que Dominik esteve lá, metade da nossa casa tinha sido explodida em pedaços. Eu não confiava nele para não tentar fazer algo parecido.

Mas meu irmão estava determinado a apresentar uma frente unida ao nosso tio, a mostrar a Dominik que sua tentativa de nos eliminar não fez nada além de nos aproximar e nos tornar mais fortes.

A atmosfera estava tensa. Lukyan e Illayana estavam ao meu lado, suas atitudes brincalhonas e travessas de sempre substituídas por seriedade completa — uma palavra que eu nunca teria usado para descrever aqueles dois.

A nova esposa de Aleksandr estava parada a alguns metros atrás dele. Uma proteção sombria irradiava dela enquanto ela encarava meu tio, seus dedos agarrando firmemente a faca em sua mão, como se ela estivesse tendo problemas para se conter e não esfaqueá-lo no peito. Aleksandr não

respondeu às palavras de Dominik, sua postura permanecendo rígida, olhos duros.

“Tudo bem. Lembre-se de que tentei lhe oferecer uma saída. Você fez sua cama, agora vai ter que deitar nela. O

que acontece depois é com você.” Dominik girou nas pontas dos pés e saiu furioso do quarto, os quatro homens do MC

que vieram com ele o seguindo para fora.

Aleksandr olhou para Lukyan. “Siga-o,” ele ordenou.

Lukyan assentiu, indo atrás de Dominik. As chances de rastreá-lo até onde ele estava hospedado não eram grandes. Ele presumiria que enviaríamos alguém para segui-lo quando ele partisse, e tomaria as devidas precauções para garantir que não nos levaria até sua base de operações.

“Você acredita na coragem daquele idiota?” Illayana rosnou, olhando feio para ele. “Ele realmente achou que você concordaria em simplesmente entregar tudo?”

Aleksandr não respondeu, o tumulto interior que ele estava passando estava bem no fundo dos seus olhos. Drea ofereceu-lhe conforto e, para minha surpresa, Aleksandr não hesitou.

Eu conhecia bem meu irmão. Se algo acontecesse com nosso pai, ele se culparia, independentemente do fato de que não era culpa dele. Ele apenas veria que teve a chance de salvá-lo, e não aproveitou.

Illayana bufou, mãos nos quadris. “Nós deveríamos tê-lo matado. Ou pelo menos capturado. Deixá-lo ir foi um erro.”

“Nenhuma quantidade de tortura teria feito Dominik falar”, eu disse.

“Você não sabe disso. Eu aprendi uma coisa ou duas do meu tempo na Cosa Nostra. Eu poderia tê-lo feito falar.

Talvez.”

Eu duvidei. Dominik pode ser um babaca egocêntrico, traidor e arrogante, mas ele tinha a resiliência de Volkov.

Poderíamos tê-lo desmontado pedaço por pedaço e acho que ele não teria dito uma palavra sequer.

“Falando em Cosa Nostra,” Aleksandr começou, dando a Drea um pequeno sorriso de apreciação antes de se virar para encarar Illayana. “Você provavelmente deveria voltar logo, não acha? Você se foi por quase uma semana.”

Arturo retornou a Nova York alguns dias atrás para cuidar de negócios. Illayana havia escolhido ficar para ajudar a procurar Father, mas ela não podia ficar para sempre. Seu lugar era ao lado do marido, ajudando-o em sua luta contra The Outfit.

“Não.” Illayana esticou os braços acima da cabeça, seus ossos estalando. “Eu disse a Arturo que vou ficar até encontrarmos o Pai. Mas está tudo bem. Tatiana vai ajudar até eu voltar.”

Fiquei tenso, meus olhos se voltaram para ela em choque.

“O que você acabou de dizer?”

“Tatiana.” Ela disse seu nome como se eu não soubesse quem ela era. “Ela vai para Nova York mais cedo, antes das aulas começarem, para dar uma mãozinha com a The Outfit.” Illayana franziu a testa. “O quê? O que há com essa cara?”

A raiva correu vermelha pelo meu cérebro. Tatiana ia fazer o quê ? Não é que eu não acreditasse nela. Ela era inteligente, capaz. Ela tinha uma habilidade única de ver coisas que outras pessoas talvez não percebessem. Suas habilidades não eram o problema. O fato de ela estar se colocando em perigo era o que fazia a raiva correr solta em minhas veias.

Minhas mãos se fecharam em punhos e meus dentes rangeram.

Aleksandr olhou para mim nervosamente. “Dê-nos o quarto.”

Illayana franziu a testa novamente, dessa vez para Aleksandr. Seus olhos dispararam entre nós dois enquanto eu começava a andar de um lado para o outro. Eu não conseguia ficar parada. O pensamento de Tatiana em perigo me encheu de tanto medo e inquietação, que senti que não conseguia respirar. Era como se um peso enorme e pesado estivesse sentado no meu peito, me sufocando.

“Por quê?” Illayana perguntou, com confusão na voz.

“Preciso falar com Nik a sós. Vai. Agora, Illayana.”

Seus lábios franziram em agitação, mas ela não fez mais perguntas. Drea agarrou a camisa de Aleksandr e o puxou para baixo até seu nível, dando um beijo em sua bochecha.

Meu irmão revirou os olhos, agindo como se não tivesse gostado da demonstração de afeição, mas o pequeno sorriso em seu rosto dizia o contrário. Ela sussurrou algo em seu ouvido antes de deixá-lo ir. Ela acenou para mim em despedida e então caminhou em direção a Illayana, passando o braço pelo dela.

“Nós realmente não tivemos a chance de conversar. Vamos nos conhecer. Aleksandr me disse que você gosta de lutar quando está irritado. Quer uma rodada?”

A ansiedade brilhou nos olhos da minha irmã. Ela amava uma boa briga, especialmente quando não estava de bom humor.

Depois que Drea levou Illayana para fora da sala, Aleksandr fechou a porta e se virou para mim.

“Não. Eu não quero ouvir isso.”

“Duro,” ele retrucou, cruzando os braços sobre o peito.

“Você precisa ir.”

Parei de andar, surpreso com suas palavras. “O quê?”

“Eu conheço você, Nikolai. Não tem como você conseguir se concentrar em nada além de Tatiana, agora que sabe que ela está se envolvendo em negócios perigosos. Você não vai me servir de nada tão distraído.”

“Não posso simplesmente ir embora.” Só a ideia disso fez uma bola de culpa se alojar no fundo do meu estômago. Eu me sentiria como se estivesse abandonando meu pai se fizesse isso.

“Não há nada que você possa fazer aqui que não possa fazer lá. Leve toda a merda que precisar com você. Veja o que pode descobrir sobre as gangues de MC que Dominik tem sob seu controle e envie os dados de volta para mim.

Posso deixar Lukyan fazer todo o trabalho de base. Você continua me dizendo que preciso dar mais responsabilidade a ele.”

“Você faz. Mas eu—”

“Além disso, preciso que você examine alguns novos clientes em potencial em Nova York. Então é uma situação ganha-ganha.”

Minhas sobrancelhas abaixaram. “Esse é o território do Valentino.”

“Não mais. Ele foi desleixado e foi pego por um policial disfarçado em suas fileiras. Ele foi acusado de tráfico de armas, assassinato, extorsão e cerca de uma dúzia de outros delitos. Ele e todos em sua organização estão indo para a prisão perpétua. Isso libera seu território, e eu quero reivindicá-lo antes que qualquer

outra pessoa o faça.”

“Isso é sensato? Com tudo o que está acontecendo com o Pai e Dominik, estamos bem esticados agora.”

“O avô já está enviando homens para substituir os que perdemos, assim como uma nova rodada de suprimentos.

Como meu segundo, preciso que você vá e examine esses novos clientes.”

Outra rodada de choque passou por mim. Juro que, naquele ritmo, meu coração estava prestes a parar com todas as surpresas que as pessoas continuavam me dando.

Aleksandr piscou. “Não me diga que você está surpreso?

Quem mais seria se não você, Nik?”

“Eu pensei que talvez Ivan? Ou Vladimir?”

Ele balançou a cabeça, levemente entretido. “Juro, me deixa perplexo como alguém tão inteligente também pode ser tão colossalmente estúpido.”

Estreitei os olhos.

Segurando um lado da mesa, ele gesticulou com um movimento de cabeça para que eu pegasse o outro enquanto ele dizia: "Ambos são capazes, claro." Nós levantamos a mesa juntos e a colocamos de volta onde ela pertencia. "Mas eu confio em você mais do que em qualquer um, e não há mais ninguém que eu prefira ter como meu segundo. Assim que tivermos o Pai de volta, tudo voltará ao normal. Ele voltará a ser Pakhan , eu serei o segundo novamente, e você pode voltar para o conforto da sua tecnologia. Até lá, preciso de você no térreo, preparando-se para novos clientes. Você pode organizar os encontros para que possa trabalhar de acordo com a agenda da Tatiana. Dessa forma, você sabe que ela está bem enquanto você estiver fora cuidando dos negócios."

Eu soprei ar pelo nariz em um bufo enquanto pegava uma das cadeiras. “Eu sei o que você está fazendo. Você acha que me mandar para Nova York sob o pretexto de negócios da Bratva vai me fazer sentir melhor sobre ir embora. Não vai, mas eu vou mesmo assim. Você está certa. Eu serei completamente inútil para você

enquanto estiver preocupada com a segurança de Tatiana.”

Aleksandr começou a organizar e arrumar sua mesa enquanto eu colocava o último de seus móveis de volta no lugar. “Há outra opção. Tatiana só está se envolvendo nos negócios da Cosa Nostra porque Illayana está aqui.

Poderíamos simplesmente dizer a Illayana para voltar.

Dessa forma, nenhum de vocês precisa ir.”



Eu já tinha considerado isso, e não daria certo. Tatiana planejava se mudar para Nova York de qualquer maneira.

Ela já estava pronta para ir embora na semana. Mesmo que Illayana voltasse, eu

temia que já fosse tarde demais.

Tatiana iria querer ajudar de qualquer maneira. Ela ofereceria seus serviços mesmo que Illayana estivesse lá.

Ela iria se envolver não importa o que acontecesse, o que significava que eu precisava estar lá para cuidar dela.

Passos fortes ecoaram ao nosso redor. Aleksandr e eu olhamos para a porta no momento em que ela se abriu, Lukyan ofegante e sem fôlego.

“Vocês… caras,” ele bufou, segurando seu lado como se tivesse uma pontada de correr tão rápido. “Venham…

rápido. Illayana… Drea… eles são…” ele balançou a cabeça, como se não conseguisse encontrar as palavras. “Só venham!”

O armazém estava em alvoroço. Imagine-se em um estádio lotado. Restavam trinta segundos no relógio. Empate. Todo mundo estava gritando, torcendo para que seu lado vencesse.

Foi exatamente nisso que Aleksandr, Lukyan e eu nos deparamos.

Havia uma multidão de pessoas cercando o ringue no centro do armazém. Todos os equipamentos da academia estavam parados, nenhuma máquina em uso. Todos

estavam muito focados no espetáculo que estava acontecendo; a luta entre Illayana e Drea.

Aleksandr e eu trocamos um olhar, um que dizia: "Isso não pode acabar bem", antes de correrm os para a frente.

Abrimos caminho pela multidão de pessoas até chegarmos à frente, avistando Illayana dando um gancho de direita brutal que fez a cabeça de Drea estalar para o lado.

A multidão gemeu coletivamente, o som ecoando ao redor de nós. Aleksandr estremeceu com o sangue escorrendo pelo queixo de Drea de seu lábio agora estourado.

Eu cavei no meu bolso e tirei uma nota de cem dólares, segurando-a. “Em Illayana.”

Aleksandr olhou ferozmente antes de comparar meu dinheiro com o dele. “Drea,” ele resmungou.

Claro que ele apostaria em Drea. Ela era sua esposa, afinal.

Ainda era loucura pensar nisso. Aleksandr... casado.

Loucura pra caralho.

“Vocês dois estão perdendo seu tempo”, Lukyan disse, apontando para eles. “Olhem para aqueles dois. Não tem como nenhum deles desistir. A única maneira dessa luta terminar é por nocaute.”

Ele estava certo. Com a forma como Drea e Illayana estavam se atacando, estava bem claro que ambas não tinham intenção nenhuma de parar até que não pudessem mais lutar. Ambas estavam cobertas de hematomas. O olho de Illayana estava inchado e fechado. Drea estava favorecendo sua perna direita, tentando manter o peso longe dela, me fazendo pensar que minha irmã a tinha colocado em algum tipo de imobilização que agora estava lhe causando dor. Seus nós dos dedos estavam manchados de sangue, gotas dele no chão sob seus pés. Estava claro que nenhuma delas estava segurando seus socos.

Drea deu um soco e Illayana o segurou, seus dedos envolvendo o pulso de Drea e segurando firme.

“Merda”, Aleksandr xingou, o rosto cheio de desconforto.

Eu conseguia entender o porquê. Entre as duas, Illayana tinha uma ligeira vantagem com seus membros longos e alcance mais longo. A habilidade de Drea era sua velocidade, sua habilidade de entrar e sair, desferindo golpes rápidos e decisivos antes que seu oponente percebesse o que aconteceu.

Agora que Illayana a dominava, ela não podia usar sua velocidade.

Illayana atacou com um chute alto na cabeça de Drea. Ela bloqueou, levantando seu braço livre e então atacou, derrubando Illayana em um tackle correndo.

O aperto de Illayana afrouxou, dando a Drea a oportunidade que ela precisava para soltar seu braço e começar a golpeá-la com socos alternados de cada mão.

A multidão rugiu com a brutalidade sendo liberada. A maldade.

Uma coisa que eu notei sobre Drea quando a assisti lutar anteriormente foi que ela tinha esse tipo de atitude de

"brigão". Ela sabia que, com sua estatura menor, ela tinha que ser rápida. Não se permitir chegar muito perto de seu oponente. Mas quando ela os imobilizou, seu estilo de luta mudou de mortal e cauteloso para animalesco pra caralho.

Illayana fez o melhor que pôde para desviar dos golpes de Drea. Quando a oportunidade se apresentou, ela partiu para a ofensiva, inclinando-se para a frente para prender Drea em um mata-leão.

Drea lutou, batendo os punhos no lado de Illayana para tentar fazê-la soltar, mas minha irmã se segurou forte, cerrando os dentes pela dor. Drea tinha apenas alguns segundos antes de desmaiar. Não havia saída. Essa luta tinha acabado—

As mãos de Drea correram freneticamente pelo corpo de Illayana, como se ela estivesse procurando por algo. Então

Illayana gritou de dor, suas costas se curvando. Saindo do aperto, Drea se afastou, mão na garganta enquanto Illayana se movia para suas mãos e joelhos, um braço enrolado em seu lado.

“O que foi isso?” sussurrei para Aleksandr.

Ele os observou atentamente. “Drea tem uma queda por pontos de pressão.”

"Ahh."

Eles se encararam do outro lado do ringue antes de correrem para frente, começando tudo de novo. Você podia dizer que ambos estavam com dor e exaustos, mas era como se nenhum deles quisesse ser o primeiro a ceder.

Enquanto voltavam a trocar golpe após golpe brutal, os guardas de Illayana, Christian, Luca e Lorenzo, abriram caminho pela multidão transbordante, vindo direto em nossa direção.

“Atenção.” Acenei para os homens da Cosa Nostra.

Aleksandr gemeu, passando a mão pelo rosto. Como eu, ele sabia exatamente por que eles estavam se aproximando de nós. Também como eu, ele não estava nem um pouco interessado em ouvir.

“Você precisa parar com isso”, Luca, o mais sensato dos gêmeos, sibilou.

"Eu?" meu irmão falou lentamente, sem tirar os olhos do anel.

“Sim! Olhe para eles! Você precisa entrar lá e acabar com isso, ou eles vão se matar!”

Era uma suposição muito razoável, considerando o quão duro Illayana e Drea estavam indo um para o outro. Eles estavam brigando como se se odiassem, quando, na verdade, não era sobre isso. Era sobre quem era melhor.

Pura e simplesmente.

"Eu pensei que Christian fosse o gêmeo idiota", Lukyan interrompeu, com um sorriso malicioso nos lábios.

“Ei!” Christian gritou, ofendido, ao mesmo tempo em que Luca rosnou, “O quê?”

Lukyan apontou para o ringue. “Você nunca, nunca se mete no meio de uma briga de garotas. A menos que queira perder um olho.”

“Arturo vai arrancar meus olhos se descobrir que eu fiquei aqui parado e a vi se machucar desse jeito.” Ele olhou para Aleksandr. “Ou você entra aí e impede sua esposa, ou eu—”

"Cuidado." A voz de Aleksandr caiu perigosamente baixa, seus olhos se voltando para Luca, cheios de raiva.

“Desculpe meu irmão.” Christian colocou uma mão no ombro de Luca, puxando-o para trás enquanto ele tomava seu lugar. “Depois da última punição que todos nós recebemos, você pode entender por que estamos todos um pouco nervosos. Arturo deu instruções específicas para Illayana não ser machucada e, bem,” —ele gesticulou para o ringue com um aceno de mão, Illayana e Drea

travadas em um agarrão— “Eu diria que isso constitui como

'prejudicial', você não diria?”

Lukyan franziu a testa. “Ok, isso é tipo uma situação de Sexta-Feira Muito Louca ? Desde quando você é” —ele apontou para Christian— “a voz da razão? E você” —ele apontou para Luca— “o cabeça quente?” Ele franziu os lábios em desgosto óbvio. “Não combina com você. Eu não gosto. Troque de volta.”

Aleksandr e eu reviramos os olhos.

“Olha,” comecei, tomando conta da conversa. “Vocês lembram o que Illayana fez com Rayna, certo? Vocês estavam lá?”

Todos os três homens estremeceram.

“Isso não é nada comparado ao que ela fará com você se você tentar impedi-la de lutar. Você, por outro lado,” eu disse, olhando para Aleksandr.

Havia um homem no mundo que minha irmã ouvia sem um pingo de hesitação. Ele não estava aqui, mas Aleksandr estava em segundo lugar. Ele suspirou, olhando para o anel incerto. Eu tinha a sensação de que ele estava mais preocupado com a ira de sua esposa do que com a de Illayana.

“Lukyan está certo,” eu pressionei. “Aqueles dois não vão parar até que um deles seja nocauteado. É melhor acabar com isso agora.”

O grunhido de concordância de Aleksandr fez os guardas de Illayana quase caírem de joelhos em alívio. Ele andou os poucos passos até o ringue e bateu a mão no chão de lona.

“Chega, Drea. Acabe com isso.”

Illayana congelou, olhando para ele com o cenho franzido e os braços erguidos como se fosse uma boxer.

Drea fez beicinho.

“Agora”, disse Aleksandr com firmeza.

Ela mostrou a língua para ele. "Estraga-prazeres." Ela correu para frente, sua nova explosão de velocidade pegando Illayana completamente de surpresa. Drea fez o que só poderia ser descrito como um "ataque de futebol", seu pé esmagando a canela de Illayana e fazendo-a cair.

Drea capitalizou, subindo nas costas de Illayana e prendendo-a em um mata-leão, seus braços se curvando firmemente ao redor de seu pescoço. Suas pernas envolveram seu torso em seguida, e então ela se afastou.

Com força.

Illayana se debateu, rolando de um lado para o outro, fazendo tudo o que podia para se libertar, mas não adiantou. Não havia nada que ela pudesse fazer. O aperto era hermético.

“Desista, Illayana!” Luca gritou.

Lukyan zombou. “Ela não está batendo.”

Com certeza, nem mesmo três segundos depois, a cabeça de Illayana começou a cair para frente, seus braços caindo frouxos ao seu lado. Drea imediatamente afrouxou seu aperto, guiando a cabeça de Illayana para baixo para descansar suavemente no chão.

A multidão foi à loucura. Gritando. Aplaudindo. Aplaudindo.

A boca de Luca estava escancarada. "Você está me dizendo que ela poderia ter feito isso esse tempo todo?", ele rosnou enquanto Christian e Lorenzo pulavam no ringue para checar Illayana. "Por que ela não fez isso logo de cara?"

"Porque Drea gosta de lutar. Ela não quer que acabe rápido", Aleksandr resmungou.

“Essa família é louca. Vocês são todos loucos. Olhe para sua irmã. Oh, porra. Arturo vai surtar. Eu estou ferrado. Nós estamos ferrados. Ele—”

“Relaaaax,” Lukyan arrastou para fora, interrompendo-o.

“Ela está bem. Viu.” Ele apontou para Illayana, que estava lentamente começando a se sentar, uma expressão ligeiramente atordoada em seu rosto.

“Vocês, caras da Cosa Nostra, precisam relaxar pra caralho. As mulheres não são as criaturinhas frágeis que você pensa que elas são. Elas são capazes de muito mais do que você dá crédito a elas. Aquela caixa protegida em que você as mantém não faz nada além de colocá-lo em desvantagem e desperdiçar todo aquele potencial inexplorado.”

Aleksandr arqueou uma sobrancelha para mim, surpreso.

De vez em quando, Lukyan dizia algo... sábio. Não acontecia com muita frequência, porque, por algum motivo, ele gostava de agir como se não fosse tão inteligente ou perspicaz quanto realmente era. Mas quando ele dizia algo profundo, sempre pegava todo mundo de surpresa.

Illayana ignorou a tentativa de Christian e Lorenzo de ajudá-la a se levantar e se levantou.

Minha irmã era uma péssima perdedora, então fiquei surpreso quando ela abriu um sorriso largo, com os dentes manchados de vermelho por causa do sangue.

“Você estava se segurando”, ela disse a Drea, oferecendo sua mão.

“Mal,” Drea respondeu, apertando sua mão. “Você é muito boa.”

“Você também. E rápido também, muito rápido pra caralho.

Como você consegue se mover tão rápido?”

“Ter apenas cinco pés de altura tem suas vantagens. Você aprende a tirar vantagem de ser menor do que quase todo mundo.”

Illayana riu e então agarrou seu lado, gemendo dolorosamente. “Eu nunca fiquei com tanto ciúme da altura de alguém antes. Você sabe que eu quero uma revanche, certo? Sem se segurar dessa vez.”

Drea sorriu, abrindo a boca para responder, mas foi interrompida quando Christian, Luca e Lorenzo gritaram:

"Não!"



Capítulo Nove

TATIANA ANDREEVA

EU ENTREI NO ESCRITÓRIO DE ARTURO , a excitação queimando em minhas veias. Eu estava vestida com esmero. Saltos Louboutin. Calças pretas justas e justas.

Espartilho de renda vermelha que acentuava as mulheres.

Um sobretudo de mangas compridas. Cada peça foi desenhada e feita por mim.

Meu cabelo estava cortado, colorido e seco com secador à perfeição, sem um único fio fora do lugar. Eu tinha um novo conjunto de unhas de acrílico

(vermelha e preta para combinar com minha roupa, é claro) com uma adaga ensanguentada pintada na minha terceira unha em ambas as mãos.

Eu era nada menos que meticulosa quando se tratava de combinar minha roupa com meus acessórios. As primeiras impressões eram muito importantes, afinal. Quem disse que você não pode ficar bem e chutar algumas bundas sérias também?

Mesmo que eu não tenha tido um papel ativo na Bratva, não pude negar o quão emocionante foi estar lá. Estar realmente entrando na ação pela primeira vez.

Eu estava mais do que feliz com minha vida e o caminho que escolhi, mas às vezes juro que estava sofrendo de um caso grave de FOMO. Não era como se eu não estivesse interessado na vida. Eu estava. Foi uma das razões pelas quais agarrei a chance de ajudar Illayana.

Havia uma parte em mim que amava a violência, como todas as mulheres da Bratva. Eu gostava de armas. Facas.

Granadas eram minhas favoritas; explodir coisas era muito divertido. Eu estava animada para sujar as mãos. Falando figurativamente, é claro.

Arturo estava sentado atrás de sua mesa preta e elegante, vestindo um impressionante terno de três peças quando entrei. Seus olhos azul-esverdeados estavam firmemente fixados no iPad em suas mãos, as sobrancelhas franzidas em uma carranca profunda.

Seu irmão, Vincenzo, estava de pé ao seu lado. Ele era parecido na aparência, mas também drasticamente diferente. Os irmãos compartilhavam a mesma estrutura óssea: mandíbula forte, feições esculpidas, nariz reto. O

mesmo cabelo escuro, embora com um estilo diferente.

Mas era aí que as semelhanças terminavam.

Os olhos de Vincenzo eram de um tom brilhante de verde.

Absolutamente hipnotizante de se olhar. Ele tinha esse charme inato e juvenil sobre ele. Um olhar e você sabia que ele era a definição de livro didático de "palhaço da turma".

O mundo exterior o conhecia como um dos solteiros mais cobiçados de toda Nova York. O mundo do crime organizado, no entanto, sabia que ele era muito mais mortal do que aparentava.

O mesmo que seu irmão.

“Senhorita Andreeva,” Arturo cumprimentou, colocando seu iPad de lado e se levantando. “Bem-vinda.” Ele ofereceu sua mão e eu dei um passo à frente, dando-lhe um aperto firme.

Vincenzo me deu uma olhada rápida, seus olhos me examinando da cabeça aos pés antes de seus lábios se curvarem em um sorriso travesso. "É bom ver você de novo... Tatiana, não é?"

“Sim.” Nós nos conhecemos uma vez, brevemente no casamento de Illayana e Arturo antes de tudo virar uma merda. Ele era tão atraente pessoalmente quanto nos tabloides. “E esse sorriso não vai funcionar comigo,” eu disse, balançando meu dedo no ar.

Ele me deu um sorriso deslumbrante. “Eu adoro quando eles jogam duro. É meu jogo favorito.”

“Quieto, Vin,” Arturo ordenou. “Por favor, sente-se.” Ele gesticulou para as duas poltronas na frente de sua mesa com um aceno de mão.

Eu escolhi permanecer de pé.

Ele deu de ombros e sentou-se, juntando os dedos. “Eu entendo que Illayana informou você sobre nossa situação com Franco, e você se ofereceu para ajudar?”

“Ela mencionou que você tem tido alguns problemas com ele. Algo sobre como ele continua encontrando os locais de seu estoque e casas de distribuição, roubando e incendiando-os. Minhas aulas só começam daqui a um mês, então pensei em dar uma mão. Illayana é uma cabeça estressada. Se eu puder ajudar a aliviar um pouco desse estresse para ela, eu farei isso.”

“Sim, ela é”, Arturo concordou.

“Sem ofensa, Pretty, mas como você planeja nos ajudar?

Pelo que entendi, você não está envolvida nos negócios do dia a dia da Bratva," Vincenzo disse.

"Por escolha, não porque eu não consegui lidar com isso.

Tenho outros planos para o meu futuro. Mas passei pelo treinamento, sou engenhoso e sou um novo par de olhos que pode olhar para essa situação de um ângulo diferente.

Um que você pode não ter notado antes."

"Illayana falou muito bem de você", começou Arturo.

"Claro que sim. Eu sou incrível."

"Ela disse que você é inteligente, rápido. Bom sob pressão.

E que você é o"—ele olhou para o irmão—"como ela

chamou isso?"

"O Michael Scofield da Bratva."

Meus lábios se curvaram. Ela sempre dizia isso. Eu realmente não concordava com isso. Eu era bom em detectar coisas que outras pessoas poderiam deixar passar, mas isso não significava que eu estava no mesmo nível de Michael Scofield. O cara era fictício, mas ele era tão foda.

"Certo. Não sei o que isso significa, mas Illayana me garante que é uma coisa boa", continuou Arturo. "Agora, eu valorizo a opinião da minha esposa, confio explicitamente na palavra dela. Ela está inflexível de que você será um grande trunfo, e eu acredito nela."

"Mas?"

" Mas tenho certeza de que você pode entender por que um homem na minha posição precisa ter certeza de que as pessoas a seu serviço são capazes de fazer o trabalho."

Olhei para ele por um momento. "Então…o quê? Você quer me testar ou algo

assim?”

“Acho que você poderia dizer isso.”

Cruzei os braços sobre o peito, estudando-o atentamente.

Um lampejo de irritação passou por mim. “Ok, tudo bem.

Eu farei seus testes. Se você me responder uma pergunta.”

Ele deu de ombros e gesticulou para que eu fosse em frente.

“Se eu fosse homem, esses 'testes' ainda seriam necessários?”

“Ha!” Vincenzo bateu palmas uma vez, humor nos olhos.

“Oh, ela é boa.”

Arturo olhou feio para o irmão antes de se concentrar em mim novamente. “O fato é, Tatiana, que eu não te conheço.

Não sei do que você é capaz, e preciso garantir que você seja capaz de lidar não só com você mesma, mas com qualquer situação que possa encontrar enquanto estiver agindo em nome da La Cosa Nostra.”

“E se eu fosse um homem, você não se preocuparia com a minha 'capacidade'. Que tal você parar com essa merda, Arturo? Só admita para que possamos passar para seus testes idiotas.”

Seus olhos se estreitaram em aborrecimento. “Tudo bem.

Admito que há alguma verdade nisso.”

Exatamente como eu presumi. A Cosa Nostra era da velha escola. Muito da velha escola. As mulheres deveriam ser abrigadas e protegidas, nunca colocadas em perigo. Blá, blá, blá.

Eu sabia que a aparição de Illayana dentro da Cosa Nostra tinha causado problemas. Os soldados não estavam acostumados a receber ordens de uma mulher. Ou mesmo a ver uma mulher tão envolvida na vida cotidiana, por falar nisso. Então, sim, de certa forma eu conseguia entender o pensamento sexista de

Arturo. Era tudo o que ele e seus homens sabiam, afinal.

Embora eu tivesse certeza de que meu melhor amigo estava a caminho de mudar isso.

“Bom,” eu assenti. “Vamos logo com isso então.”

Arturo se recostou, batendo o dedo no apoio de braço.

“Minha esposa mencionou várias vezes que você é bastante observador.”

Não merecia uma resposta, então não disse nada.

“Quando você entrou, você examinou a sala, bem como Illayana faz quando pisa em um lugar desconhecido. Algo que eu não tenho dúvidas é parte do seu treinamento. Há três 'X's' escondidos por toda a sala. Sem olhar ao redor, eu quero que você os aponte—”

Acionei o mecanismo na minha manga direita e o trilho deslizante preso ao meu antebraço rapidamente lançou uma faca na minha mão, meus dedos se curvando ao redor do cabo. Arremessei a lâmina para a direita, acertando o pequeno "X" desenhado na parede enquanto ativava o

mesmo mecanismo na minha manga esquerda, outra faca escorregando na minha palma. Girei, avistei o próximo "X"

que vi gravado na terceira prateleira da estante e soltei, minha faca voando pelo ar e atingindo sua marca bem no centro. Alcancei o suporte em volta da minha cintura, puxando outra faca. Com um movimento do meu pulso, lancei-a para o último "X" que vi quando entrei na sala pela primeira vez — aquele logo acima da cabeça de Arturo.

O Don da Cosa Nostra não vacilou, nem piscou quando minha faca se cravou na parede logo acima dele.

Três alvos. Três alvos. Menos de três segundos.

Houve um momento de silêncio, ambos os homens me encarando com surpresa atordoada. Então Vincenzo falou.

“Deus, eu amo as mulheres da Bratva.” Ele se inclinou para frente, com ânsia nos olhos. “Você está saindo com alguém?”

“Quieto, Vin.” Arturo olhou para mim. “Um simples, 'Lá estão eles' teria sido o suficiente.”

Dei de ombros, uma expressão brincalhona no rosto. “Isso foi mais agradável.”

“Sim. Parece que você e minha esposa compartilham a mesma afinidade por facas.”

“É uma coisa da Bratva.” Eu estalei meu pescoço. “Foi isso?

Se foi, estou imensamente decepcionado.”

Arturo parecia querer sorrir, mas se conteve. “Não exatamente. Vin, traga-o para dentro.”

Vincenzo saiu, retornando um momento depois com outro homem. Ele tinha cabelo loiro escuro e pele clara. Suas mãos estavam amarradas na frente dele, um terno italiano bem passado grudado em seu corpo.

Vincenzo o colocou de joelhos na minha frente e me ofereceu uma arma, estendendo-a para mim.

Pegando a arma, virei-a, admirando-a. “Esta é uma das nossas.”

Arturo assentiu. “Bom olho.”

“E você quer que eu, o quê? Mate-o? É esse o teste?”

"Sim."

Olhei para ele desconfiado. Algo estava... errado.

Certamente não era só para ver se eu tinha coragem de matar? Não podia ser tão simples. Ou idiota, para falar a verdade.

Meus olhos se estreitaram em concentração enquanto eu estudava o homem de joelhos diante de mim. A lembrança de seu rosto passou pela minha mente. Levei todos os fatos em consideração antes de nivelar meu olhar em Arturo, uma

mão no meu quadril.

realmente não quer que eu o mate.”

“O que te faz dizer isso?”

“Bem, para começar, essa arma nem está carregada.” Eu a joguei na mesa, os olhos de Arturo a rastreando pela superfície enquanto ela deslizava até parar com o cano apontando para ele. “E outra, ele é um dos seus homens.”

“Meus homens?” ele repetiu, apontando para o peito.

“Como vocês chegaram a essa conclusão?”

“Primeiro, o terno. Brioni. Corte perfeito, feito na Itália. As cavas são um pouco mais altas e o formato geral é mais aerodinâmico. Também é o traje personalizado para todos os seus soldados. Segundo, o fone de ouvido. Às vezes, pode ser difícil localizá-los se você não sabe o que procurar, mas eu o vislumbrei quando ele virou a cabeça. Terceiro, ele está armado. Pelo menos uma arma na cintura, outra amarrada no tornozelo. Duvido muito que você permitiria que alguém que planejasse matar permanecesse armado. E, por último, ele estava na sua festa. Segurança, se bem me lembro. Conduzindo verificações de perímetro. Agora, só posso supor que você queria ver por si mesmo se eu era tão observador quanto Illayana alegou. Se eu seria capaz de detectar esses pequenos detalhes e, na remota hipótese de

não conseguir, você me deu uma arma que não estava carregada para que eu não matasse seu homem acidentalmente.”

Todos os três homens me encararam em silêncio, atônitos.

“O quê?”, perguntei, meu olhar se deslocando entre eles.

“Eu estava errado?”

Vincenzo riu, aquele charme de menino dele transbordando em sua risada. “De jeito nenhum, Bonitinha. Na verdade, você está certa.” Ele olhou para o irmão. “Illayana nos disse que isso era perda de tempo. Levante, Elio. A farsa acabou.”

Elio se levantou e um simples puxão nos punhos os soltou.

“Você pode ir. Obrigado, Elio.”

“Chefe.” Ele fez uma reverência em despedida e saiu.

“Já terminamos?”, perguntei, olhando para meu relógio Cartier. “Estou ficando meio faminto.”

“Quase”, respondeu Arturo, olhando além de mim.

Anos de treinamento Bratva me disseram para me virar — e para me virar agora — meus instintos literalmente gritando na minha cabeça que havia perigo. Eu girei rapidamente, meus braços subindo para bloquear a faca que vinha direto em minha direção, segurada por Elio. Dei uma joelhada no estômago dele, tirei a faca da mão dele, torci seu braço atrás das costas e o chutei na perna, forçando-o a ficar de joelhos. Seu corpo inteiro travou, congelando no local quando pressionei a ponta afiada da lâmina contra sua garganta, segurando sua vida na palma da minha mão.

Outra rodada de silêncio percorreu a sala.

Vincenzo foi quem quebrou de novo, seus olhos queimando com calor e focados inteiramente em mim. “Sério, você está saindo com alguém? Deixe-me levá-la para sair.”

Arturo suspirou exasperado para seu irmão. “Você pode deixá-lo ir agora.”

Como eu estava me sentindo um pouco vingativo, puxei o braço de Elio para cima, fazendo-o gritar de dor antes de finalmente soltá-lo. Virando a lâmina, ofereci-lhe o punho enquanto ele lentamente se levantava. Seu olhar estava cheio de raiva e constrangimento. Ele o arrancou da minha mão e se virou para encarar Arturo.

"Chefe-"

“Não dê desculpas. Eu odeio desculpas. Apenas vá.”

Elio fez uma reverência, sem ousar dizer mais nada enquanto saía correndo.

“Certo, você me convenceu de que é competente e pode se virar. Vamos ao que interessa”, Arturo começou, pegando seu iPad. “Você terá acesso a todos os

nossos sistemas, a qualquer coisa que precise para conduzir sua investigação.

Vou precisar da sua impressão digital.” Ele estendeu o dispositivo para mim e eu coloquei meu polegar na tela.

“Meus homens estarão disponíveis para você quando precisar deles. Estou confiante de que nenhum deles me traiu. Mas, como discutimos antes, Franco de alguma forma conseguiu obter informações importantes sobre minhas operações, o que sugere um vazamento de algum tipo. Um que preciso encontrar e remover o mais rápido possível se quiser retomar as atividades. É aqui que você entrará. Vou designar dois guarda-costas para você enquanto estiver aqui. Um deles será meu irmão.” Vin balançou os dedos para mim, os lábios curvados em um sorriso. “Como ele é meu segundo, isso verificará para os outros que você está trabalhando em nome da Cosa Nostra e também lhe dará proteção adicional, caso precise.”

Eu assenti. “Boa ideia.” Isso significava que, se alguém duvidasse do que eu estava fazendo ou para quem eu estava trabalhando, a presença de Vincenzo seria o suficiente para acabar com qualquer incerteza. “Você disse dois. Quem é o segundo?”

Arturo gesticulou para que eu me virasse. Olhei por cima do ombro, a raiva me atacando.

Você só pode estar brincando comigo.



Capítulo Dez

NIKOLAI VOLKOV

E ATIANA VAI ME MATAR .

O olhar em seu rosto dizia tudo. Ela estava fumegando .

Enfurecida.

Na verdade, se havia uma emoção pior do que raiva, ela estava cerca de três níveis acima disso.

Exteriormente, porém, ela não demonstrou nenhuma reação à minha chegada

repentina. Ela era muito boa em deixar você ver apenas o que ela queria que você visse.

Mas eu a conhecia melhor do que ninguém. Eu sabia o que aquela ruga na ponta dos lábios dela significava, o que o leve vinco em suas sobrancelhas representava. Isso significava que ela estava concentrando toda a sua força em não me xingar na frente de todos. Isso significava violência, dor — minha, especificamente.

Ela estava impecavelmente vestida, como Tatiana sempre estava. Seu cabelo estava liso em vez de seus cachos habituais, fluindo pelas costas em uma linda cachoeira dourada. Sua postura era perfeita, forte. Ela vibrava completa e total confiança. Ela não dava a mínima para o que os outros pensavam dela, porque acreditava em si mesma e no que era capaz. Era tudo o que ela precisava.

Mesmo que ela tivesse escolhido não se envolver na vida, ela estava completamente em seu elemento. Como se ela tivesse sido feita para isso. Feita para mim.

Eu estava do lado de fora do escritório de Arturo desde o momento em que ela entrou. Eu tinha ouvido tudo o que foi dito entre eles. Orgulho encheu meu peito pelo quão incrível ela era, pela facilidade com que ela passou naqueles testes ridículos que Arturo insistia em fazê-la passar. Eu disse a ele que seria perda de tempo. Que Tatiana era melhor do que qualquer um de seus soldados, e não havia como ele vencê-la ou pegá-la desprevenida.

Ela era boa demais.

Os olhos raivosos de Tatiana me seguiram enquanto eu caminhava para o lado dela, como um predador observando sua presa. Meu coração estava acelerado, martelando em meus ouvidos. Como foi que, depois de todos aqueles anos, depois de tudo o que aconteceu entre nós, minhas entranhas ainda se transformavam em mingau ao redor dela?

Eu era um homem de trinta e dois anos, mas perto dela eu me sentia como um garoto de dezesseis anos tentando encontrar confiança para falar com sua paixão.

“Nikolai, bem-vindo,” Arturo cumprimentou, ficando de pé.

Ele saiu de trás da mesa e me ofereceu sua mão.

Eu o sacudi. "Obrigado por me deixar estar aqui." Por mais que isso me irritasse, tínhamos que falar com Arturo primeiro. Eu não podia proteger Tatiana enquanto ela conduzia negócios da Cosa Nostra sem pedir permissão a ele.

Ele então me disse que estava planejando colocar dois guardas nela enquanto ela estivesse ali, então eu simplesmente sugeri que eu tomasse o lugar de um deles.

“Claro. A família de Illayana é sempre bem-vinda. Bem, exceto por um.”

Não era difícil adivinhar a qual ele se referia. Só havia uma pessoa que tinha o poder de irritar alguém tanto assim.

“Certo. Lukyan tem esse efeito nas pessoas.”

“Eufemismo do século. Aleksandr mencionou que você estará verificando alguns clientes em potencial enquanto estiver aqui?”

"Sim."

“Se precisar de mais informações sobre eles, me avise.

Posso pedir para nosso técnico, Renzo, ajudar você.”

Eu assenti uma vez. “Agradeço.”

Ele olhou para Tatiana. “Seu apartamento está pronto. Vou deixar um carro disponível para você usar enquanto estiver aqui. Há um pequeno problema que acho que devo mencionar.”

“Problema?” Tatiana franziu a testa.

“Seu apartamento era o último disponível no prédio, então significa que vocês dois terão que dividir. É um apartamento de dois quartos, então há bastante espaço.

Isso será um problema?”

Tatiana disse “Sim” ao mesmo tempo que eu disse “Não”.

O olhar de Arturo disparou entre nós dois. “Certo. Bem, vou deixar vocês dois resolverem isso então. Aqui estão as chaves.” Ele tirou um molho de chaves e as

entregou para Tatiana. “O carro está esperando por você na frente e eu coloquei sua bagagem lá dentro. Você pode passar o dia se situando e podemos nos reunir amanhã para descobrir o primeiro passo.”

“Não precisa. Estou pronta para ir agora. Vou só deixar minhas coisas e já volto”, Tatiana disse, guardando as chaves no bolso. Ela sempre foi do tipo que ia direto ao ponto. “Preciso de uma lista de todos que estavam nas casas de dinheiro e distribuição que Franco invadiu e incendiou, assim como uma lista de todos que tiveram acesso a elas. Existe alguma vigilância por vídeo?”

“Não. Câmeras e casas de drogas não combinam muito.”

“Ponto justo. O fato de Franco continuar descobrindo a localização de suas casas sugere um vazamento dentro de

sua organização. Se você tem certeza de que não está vindo de um de seus homens, pode ser tão simples quanto alguém etiquetando um de seus veículos.”

“Marcação?”

“Com um rastreador. É o que eu faria. Qual melhor maneira de descobrir a ida e a volta dos negócios do meu inimigo do que rastrear os veículos que seus soldados usam? Isso me diria tudo o que preciso saber: para onde eles vão, quanto tempo ficaram lá, se eles seguem um cronograma. Sugiro fazer uma varredura em todos os seus carros.

Possivelmente todos os seus pertences também — os seus e os dos seus homens. É possível colocar um dispositivo de rastreamento em qualquer coisa hoje em dia.”

Ela não tinha ideia de como estava certa nisso.

“Esse é realmente um ponto muito bom.” Ele olhou para o irmão. “Faça acontecer. Mande todos os homens se apresentarem na casa para uma triagem.”

“Aye, aye chefe, cara.” Vincenzo se afastou da mesa, caminhando em direção a Tatiana com um olhar faminto nos olhos que me irritou pra caramba. “Só uma pergunta, Pretty. Como você sabia que aquela arma não estava carregada?”

“O peso estava errado,” Tatiana deu de ombros, como se fosse a mais simples

das respostas. “Uma Glock 19 padrão pesa aproximadamente 1,7 libras, totalmente carregada.

Era muito leve.”

Aquele olhar faminto cresceu, engolindo seus olhos inteiros. “Você. Eu. Uma garrafa de uísque e uma lata de chantilly. Preciso dizer mais alguma coisa?”

Rosnei, dando um passo à frente para me colocar entre eles. Isso forçou Vincenzo a recuar um passo, aquele sorriso idiota de menino nos lábios pelo qual ele era bem conhecido ainda estava em seu rosto.

“Então você está saindo com alguém. Isso é legal. Eu entendo a indireta.”

“Não, você não pode”, Arturo zombou.

“Você está certa,” Vincenzo riu. Sua cabeça disparou ao meu redor para olhar para Tatiana. “O que você disse, Bonita? Alguém já lambeu chantilly do seu corpo inteiro?”

Antes que eu percebesse o que estava fazendo, minha mão estava em volta da garganta dele e eu o estava forçando para trás, seu corpo se curvando sobre a mesa. Rosnei de novo, dessa vez bem na cara dele, meus dentes à mostra como um animal do caralho.

Naquele momento, eu me senti como um. Minhas emoções estavam à flor da pele. Eu odiava quando alguém flertava com Tatiana. Ainda mais quando eu podia ver com meus próprios olhos.

Vincenzo era tudo o que eu não era: divertido, despreocupado, charmoso. Ele conseguia fazer Tatiana sorrir. Eu queria matá-lo.

Ouvi um clique e então senti o cano de uma arma pressionando minha têmpora.

“Peço gentilmente que liberte meu irmão.” Arturo falou calmamente, racionalmente. No entanto, eu ainda conseguia ouvir a ameaça subjacente em seu tom.

Um movimento na minha visão periférica chamou minha atenção. Vislumbrei Tatiana, sua própria arma apontada diretamente para a cabeça de Arturo, um

olhar escuro em seus olhos que dizia que ela estava disposta a explodir a cabeça dele para me proteger.

Ignorei

Arturo,

concentrando-me

inteiramente

em

Vincenzo, olhando profundamente em seus olhos para que ele pudesse ver o quão sério eu estava.

“Se fizer mais um comentário ou sugestão inapropriada em relação a ela, eu te mato.”

Um pouquinho de humor desapareceu de seus olhos, substituído por medo. Ele tinha ar mais do que suficiente para respirar. Eu não estava cortando completamente a circulação. Mas ele estava definitivamente lutando, ofegante. Seria muito fácil para mim quebrar seu pescoço e acabar logo com isso.

Arturo engatilhou sua arma. “Não vou perguntar de novo.”

“Não faz diferença para mim quantas vezes você pergunte.

Não vou deixá-lo ir até que ele entenda,” respondi friamente, meu olhar ainda preso ao de Vincenzo. “Você?

Entendeu?”

Ele chiou. “Entendi.”

Inclinei-me para a frente, abaixando minha voz para pouco mais que um sussurro para que somente ele pudesse me ouvir. “Ela é minha . Você me ouviu? Se você der em cima dela de novo, eu vou te cortar em mil pedacinhos e espalhar por Nova York, para que você nunca possa ser enterrado inteiro. Para que sua alma nunca possa encontrar paz. Fui claro?”

“Cristal”, ele suspirou.

“Bom.” Eu o soltei, dando três passos para trás.

Arturo guardou sua arma e correu para o lado do irmão, ajudando-o a se levantar. Seu olhar se voltou para Tatiana, que ainda estava apontando sua arma para ele.

Ela riu sem jeito, um sorriso tenso no rosto enquanto abaixava a arma. "Bem, isso aumentou rapidamente." Ela lançou um olhar acusatório na minha direção. Foi a primeira vez que ela realmente reconheceu minha presença desde que entrei na sala. No momento em que estivéssemos sozinhos, no entanto, isso mudaria. Ela ia me deixar ter isso. Eu tinha certeza disso.

Vincenzo tinha uma mão na garganta, respirando pesadamente enquanto Arturo sussurrava asperamente em

seu ouvido. Mão no ombro, ele guiou Vincenzo para fora da sala e então se virou para mim.

“Faça algo assim de novo e eu te mato. Não me importa se você é irmão de Illayana. Agora saia do meu escritório.” Ele segurou a porta aberta, a mensagem clara.

Eu arqueei uma sobrancelha. Ele parecia completamente sincero, mas eu duvidava muito que ele fosse até o fim.

Illayana nunca o perdoaria por matar um de seus irmãos.

Família era algo que crescemos valorizando acima de tudo.

Claro, nós amávamos bater um no outro às vezes (ok, na maioria das vezes). Mas também não havia nada que não fizéssemos para proteger um ao outro. Era uma das razões pelas quais, não importava o que Arturo dissesse ou fizesse, ele estava seguro de mim. Machucá-lo significava machucar Illayana. Enquanto minha irmã o amasse, eu não o machucaria.

O mesmo não pode ser dito do seu irritante irmãozinho.

“Eu me desculparia pelo comportamento dele,” Tatiana começou, caminhando em direção à porta. “Mas a culpa é sua por trazê-lo aqui.”

“Dificilmente. Ele não está aqui por mim. Vou mandar por e-mail as listas que você pediu em breve.”

“Perfeito. Obrigada.” Ela saiu, eu logo atrás dela. Ela não disse uma palavra, não que eu realmente esperasse que ela dissesse. Pelo menos, ainda não. Eu sabia que ela tinha muito a dizer.

Quando saímos, havia um carro esperando na frente da casa, um dos soldados de Arturo parado ao lado dele. Ele entregou as chaves para Tatiana e então voltou para dentro da casa. Havia dois guardas posicionados na porta da frente. Mais patrulhando o terreno. Não estávamos totalmente sozinhos, então fiquei surpreso pra caralho quando ela girou e me deu um soco bem na cara.

Um xingamento russo saiu da minha boca enquanto eu cambaleava para trás. “ Blyad , porra , Tatiana! Que porra

__”

Ela balançou novamente e eu recuei, conseguindo evitar seu punho. Dor explodiu em meu maxilar com seu primeiro golpe. Ela continuou balançando, me forçando a bloquear enquanto eu recuava.

“Seu egocêntrico” — strike — “egoísta” — strike — “idiota de ossos grandes”.

Batida.

Batida.

Batida.

“Droga, Tatiana. Chega!” Ela deu um chute no meu lado e eu grunhi com o impacto, meu braço se enrolando em volta da perna dela para mantê-la parada. Seu equilíbrio era perfeito, apesar do fato de que ela estava de pé em uma perna e usando saltos de quinze centímetros.

"O que diabos você está fazendo aqui, Nikolai?" ela rosnou, com os punhos erguidos, protegendo o rosto.

“Você realmente precisa perguntar?” Ela tentou arrancar a perna do meu alcance, mas eu a segurei firme, recusando-me a soltá-la.

Ela queria um confronto? Bem, ela estava tendo um, porra.

"No segundo em que você concordou em fazer isso, você deveria saber que eu estaria aqui. Você acha mesmo que eu deixaria você entrar em uma situação potencialmente perigosa sem mim?"

"Deixe-me?"

Porra. Palavras erradas para dizer à Tatiana.

A tempestade de raiva que se abateu sobre ela foi suficiente para assustar até a mim.

“Agora, espere um segundo. Apenas acalme-se—”

Ela se contorceu, colocando as mãos no chão para se estabilizar enquanto balançava a perna livre para me

chutar bem na porra da cara. A força do golpe me balançou, me fazendo perder o controle sobre ela e cair no chão. O gosto de sangue encheu minha boca.

Puta merda. Eu tinha esquecido o quão forte ela chutava quando estava irritada.

Tatiana se lançou sobre mim, a lâmina afiada pressionando minha garganta, me deixando tenso.

Certo, ela passou da fase de "chateada" e entrou direto no território de "totalmente louca".

As pernas dela estavam de cada lado do meu corpo, suas curvas suaves moldando-se contra mim como se ela tivesse sido feita para mim, me encaixando perfeitamente. Não era a primeira vez que Tatiana segurava uma faca na minha garganta, e eu duvidava muito que seria a última também.

“Você acha que preciso da sua proteção, Nicky ?”

Estreitei os olhos e ela me encarou de volta.

“ Precisa ? Não.” Eu agarrei seu pulso, torcendo a lâmina para longe do meu pescoço e rolando nós dois para que eu estivesse agora por cima, a lâmina

pressionando contra sua garganta.

Sua respiração ficou presa e seus olhos se dilataram.

"Mas eu quero estar lá caso você faça isso. Você espera que eu coma, durma, faça qualquer coisa sabendo que você pode estar em perigo?"

“Espero que você confie que eu consigo me virar sozinha”, ela sibilou. Seu cotovelo se levantou, acertando meu nariz.

Minha cabeça foi jogada para trás e ela me deu um soco na garganta.

Eu engasguei, a faca escorregando por entre meus dedos enquanto minhas mãos apertavam minha garganta. Tatiana era habilidosa o suficiente para garantir que seu golpe não causasse dano, mas ainda doeu. Muito.

Ela me empurrou com força no peito e eu caí para trás. Nós nos esforçamos, Tatiana se levantando e eu mal

conseguindo ficar de joelhos antes que ela me desse um poderoso chute giratório no rosto.

Eu bloqueei, meu braço subindo para proteger o lado da minha cabeça. Então eu fui para a ofensiva, pulando de pé para atacar. Para frente e para trás, para frente e para trás, nós trocamos golpes, movendo-nos centímetro por centímetro pela entrada de cascalho. Os guardas de Arturo nos observavam com expressões perplexas, sem saber muito bem o que fazer com a coisa toda.

"Não vejo qual é o problema", resmunguei, recuando para evitar o golpe e então desferindo um soco.

“O problema é que—” ela desviou do meu soco, guiando meu punho por seu corpo enquanto ela se contorcia para longe. Então ela me deu uma joelhada no estômago, me fazendo gemer. “—que eu vim aqui para fugir de você.”

Bati nela com meu ombro e ela perdeu o equilíbrio, caindo de bunda em uma poça gigante de lama.

“Ugh, Nikolai!” ela gritou horrorizada. “Você tem alguma ideia de quão caro é esse tecido?”

Não consegui evitar. Eu ri. Ela parecia tão adorável com aquele olhar amuado no rosto, os braços esticados em desgosto e água suja e marrom pingando das mãos.

“Você…você está mesmo rindo de mim agora?” ela transbordou de indignação.

"Não consigo evitar", ri, observando-a se levantar lentamente.

Ela sacudiu a água e tirou uma mecha de cabelo do rosto, soltando um suspiro. “Eu quis dizer o que disse antes, sabe.

Eu disse que precisava de espaço. Por que você me seguiria até aqui?”

“Eu já te disse o porquê. Só de pensar em algo acontecendo com você me impossibilita de respirar. Não consigo comer.

Não consigo dormir. Se envolver em negócios da Cosa Nostra é perigoso. Franco é perigoso. Eu não estava lá para

você da última vez que você precisou de mim. Eu me recuso a cometer o mesmo erro novamente. Por favor, não me peça para fazer isso.”

Os olhos dela perfuraram os meus, o silêncio rangendo entre nós. Um silêncio que falava muito. Era muito raro deixar Tatiana sem palavras. A indecisão brilhou em seu rosto e de repente me senti culpado por colocá-la nessa posição.

Finalmente, ela exalou. “Tudo bem,” ela quase gemeu.

“Mas vamos deixar uma coisa clara agora. Você está aqui puramente como um observador. E o músculo. Eu não quero que você interfira ou tente assumir.”

“Eu nunca faria isso.”

Ela me lançou um olhar inexpressivo. “Sim, você faria.”

“Ok, eu faria. Mas juro que não farei.”

“É melhor não. Essa é a minha hora de me divertir. Não preciso que você estrague tudo com sua atitude de macho alfa, 'Olha, meu pau é maior'.” Ela sacudiu as mãos para se livrar de qualquer acesso de água e saiu da poça. Seus lábios franziram em desgosto óbvio, olhando para a lama na sola de seus saltos.

“Esses eram novos,” ela choramingou, arrancando-os de seus pés.

“Vou comprar um par novo para você.”

Os olhos dela se arregalaram levemente em surpresa, então se estreitaram desconfiadamente. “Eu sei o que você está fazendo. Você está tentando me bajular comprando merda para mim.”

Ela me pegou ali. Tatiana tinha uma longa lista de hobbies.

Correr. Ler. Assistir a programas de TV ridículos. E fazer compras. Comprar roupas novas, sapatos, acessórios. Eu sabia que tinha que compensá-la de alguma forma. Ao estar ali, eu a desequilibrei. O mínimo que eu podia fazer era substituir seus sapatos estragados.

“Para minha sorte, não me importo”, Tatiana continuou.

“Louboutins. Coleção primavera outono. Tamanho dez.” Ela os entregou para mim enquanto passava, indo em direção ao carro.

Eu me virei e a segui, seus saltos balançando em meus dedos ao meu lado. Os guardas de Arturo ainda estavam nos

encarando

estranhamente,

uma

mistura

de

perplexidade e choque em seus rostos. Não que eu me importasse. Eles podiam pensar o que quisessem sobre a situação. Suas opiniões sobre mulheres eram ofensivas e ultrapassadas, para dizer o mínimo. Era 2023. Como eles ainda conseguiam pensar do jeito que pensavam estava além da minha compreensão. Quanto mais eles viam Illayana e Tatiana em ação, mais provável seria que mudassem suas opiniões e maneiras.

Então, sim, eu realmente não me importei que ela tivesse acabado de chutar minha bunda por todo o jardim da frente de Arturo. Isso pode fazê-los pensar duas vezes antes de impor seus modos mais sensuais a ela e à minha irmã no futuro.

Tatiana destrancou o carro e abriu a porta, jogando seu casaco molhado no banco de trás. Um espartilho de renda vermelha grudava em seu corpo como uma segunda pele, suas curvas deliciosas em plena exibição. Memórias de mim agarrando aquelas curvas... suas coxas, seios, quadris...

passaram pela minha mente, aquecendo meu sangue. Meu pau latejava quando ela se curvava, bunda no ar quando ela se inclinava para dentro do carro. Porra. A quantidade de vezes que eu a tive naquela mesma posição. Na minha cama. No capô do meu carro. Sobre a mesa da sala de jantar—

“Tire esses pensamentos da cabeça, Nicky”, ela disse, sem nem olhar para trás, com a voz abafada dentro do carro.

“Que pensamentos?” Eu sorri, me aproximando. Descansei meu antebraço no teto e me inclinei para frente, apertando-a. “Você nem está olhando para mim. Como sabe o que estou pensando?” Tomei cuidado para não tocá-la de fato, mantendo minha metade inferior a um fio de cabelo de distância da dela.

Energia sexual estalou entre nós. Ela sabia o quão perto eu estava, mesmo que não estivéssemos nos tocando. Ela podia sentir isso.

Eu também poderia. Nossos corpos literalmente ansiavam um pelo outro, e quando você estava tão perto de algo que desejava, você estava hiperconsciente disso.

Ela olhou por cima do ombro para mim. Suas mãos estavam firmemente grudadas no banco de trás, suportando seu peso. “Você acha que eu preciso olhar para você para saber o que você está pensando?” ela perguntou, em voz baixa.

Meus olhos percorreram suas costas esbeltas antes de retornar ao seu rosto. "Havia um ponto nisso?" Acenei com a mão para seu corpo. "Ou era só para me torturar?"

Ela deu um passo para trás, finalmente saindo do carro.

“Um pouco dos dois.” Ela levantou o telefone, sacudindo-o levemente no ar. Devia estar no casaco dela.

"Não aja como se não gostasse de ser torturado, Nicky." Ela tentou ir embora, mas eu bloqueei seu caminho, meu braço disparou para agarrar o teto do carro bem ao lado de sua cabeça, prendendo-a.

“O nome, Nicky… aposente-o.”

“O que eu ganho se fizer isso?”

“Posso te dizer o que você não vai conseguir. Você não vai conseguir um apartamento cheio de aranhas, baratas e todas as outras criaturas rastejantes que eu possa imaginar.”

Ela engasgou. “Você não faria isso.”

“Você quer mesmo testar o quanto eu desprezo esse apelido de merda, Tati?” Eu ameacei.

Sua indignação se transformou em um olhar furioso. “Tudo bem. Considere isso... 'aposentado'”, ela zombou, usando aspas no ar.

Eu sorri brilhantemente, mostrando meus dentes. Eu tinha vencido. Pelo menos por enquanto. Conhecendo Tatiana, no entanto, ela já estava no meio do planejamento da minha morte. Especificamente, como fazer parecer um acidente.

Ela desprezava insetos de qualquer tipo. Especialmente se fossem do tipo que tinha pernas demais. Illayana e Lukyan costumavam provocá-la o tempo todo sobre como ela seria capaz de lidar com tortura e nunca quebrar, mas se alguém trouxesse uma aranha para o quarto, ela desmoronaria.

Tatiana subiu no banco do motorista e eu a segui, entrando no lado do passageiro.

“Talvez eu deva dirigir”, eu disse nervosamente, observando-a colocar o cinto de segurança.

“Você jurou que não tentaria assumir o controle.”

“Não estou. Só estou me oferecendo para dirigir.”

“E eu estou apenas oferecendo um soco na sua garganta.

De novo.”

Bati a porta e rapidamente coloquei meu cinto enquanto ela ligava o carro. Suas mãos correram sobre o volante admiravelmente, um olhar ansioso em seu rosto.

Em casa, havia uma espécie de regra tácita entre todos nós de que Tatiana não tinha permissão para dirigir. Nunca.

Ela sabia como, é claro. Não era esse o problema. O

problema era que ela tinha um leve problema de raiva ao volante, e por leve eu quero dizer grave .

Eu não era do tipo que rezava, nem de longe. Mas, porra, eu rezava. Rezava para qualquer divindade que houvesse no céu para que chegássemos inteiros ao nosso destino.



Capítulo Onze

TATIANA ANDREEVA

“T O SINAL ESTÁ VERDE, seu idiota, vá!” Eu gritei, apertando a buzina repetidamente enquanto olhava para o carro na minha frente. Nikolai grunhiu quando eu arranquei, seu corpo batendo de volta no assento enquanto eu pisava fundo no acelerador.

Eu desviei para dentro e para fora das faixas, correndo pela rodovia em direção ao prédio de apartamentos indicado pelo GPS. O rosto de Nikolai estava cheio de desconforto, uma mão no teto e a outra segurando o console central como se ele estivesse com medo de cair do carro ou algo assim.

Eu estava bem ciente do fato de que ele não gostava da minha direção. Ninguém gostava.

“Devagar, Tatiana.”

“Você passou num sinal vermelho, Tatiana.”

“Não, você não pode atropelar o ciclista só porque ele ocupa metade da faixa, Tatiana.”

Blá, blá, blá.

Em um momento, Nikolai até instalou cintos de segurança extras em seu carro porque ele tinha muito medo da minha direção.

Não era como se eu fosse um motorista ruim ou algo assim.

Mas acho que eu não era necessariamente um bom motorista também. Dirigir era terapêutico para mim, acredite ou não. E naquele momento, eu precisava de uma porra de terapia.

Emoções conflitantes guerreavam dentro de mim pela supremacia. Eu estava feliz. Irritado. Aborrecido. Animado.

Frustrado. A presença de Nikolai me surpreendeu. A última coisa que eu esperava era que ele me seguisse até aqui, especialmente com tudo o que estava acontecendo com a Bratva no momento. Com seu pai.

O fato de ele ter falado muito, acalmando um pouco daquela raiva ardente que eu ainda tinha dele. Apesar de quão difícil, tenho certeza, foi para ele deixar sua família em tal momento, ele fez isso. Por mim.

De certa forma, ele estava certo. Eu deveria ter previsto sua chegada porque eu o conhecia . Eu sabia que a profundidade de sua proteção só tinha piorado com o tempo.

Eu tinha presumido erroneamente, depois da nossa última conversa na casa dele, que ele entenderia por que eu precisava me distanciar dele. O que mais me surpreendeu, no entanto, foi o quão feliz eu estava por tê-lo aqui comigo.

O quão... aliviada eu estava. Isso tinha me chocado completamente, para ser honesta, e foi um dos fatores que contribuíram para o porquê de eu estar tão brava. Eu não queria me sentir assim — como se eu precisasse dele.

Foi isso que tornou tudo tão difícil pra caralho. Partes diferentes de mim sentiam coisas diferentes. Eu só queria cair de joelhos e gritar para que minhas emoções se controlassem. Parecia que eu estava sendo puxado para mil direções diferentes, e eu não tinha certeza de onde iria acabar.

Havia também o fato muito preocupante de que eu me sentia mais segura quando ele estava por perto (fisicamente, pelo menos. Mentalmente era uma história totalmente diferente).

Eu sabia que não podia confiar nele de novo. Não quando da última vez tudo o que ele precisou para me questionar

foi um babaca falando besteiras falsas sobre mim. Como eu sabia que isso não aconteceria de novo?

A cada dia, porém, pouco a pouco, ele estava voltando para o meu coração bem guardado. Isso me assustava, porque eu não sabia por quanto tempo mais eu poderia resistir a ele. Especialmente quando ele continuava fazendo e dizendo todas as coisas certas.

“Tatiana, por favor, pelo amor de Deus, você pode ir mais devagar ? Não estamos com pressa.”

“Talvez eu esteja.” Com pressa de sair daquele carro.

Longe dele.

Ficar preso em um espaço tão confinado, com o cheiro dele enchendo o ar, me deixou tonto. Eu sempre amei o cheiro dele.

Os olhos dele rolaram na minha direção. “Por quê? Tem alguma liquidação na Saks ou algo assim?”

“Ha. Ha. Muito engraçado.” Virei para a esquerda abruptamente e a cabeça de Nikolai bateu contra a janela, fazendo-o grunhir de dor. “Ops. Desculpe. Acidente.”

Ele olhou para mim e eu sorri de volta.

Um carro me cortou quando eu estava tentando mudar de faixa e eu freei, tocando minha buzina. "Já ouviu falar em sinalização, seu idiota cabeça-dura?!" Eu gritei pela janela antes de me concentrar novamente na estrada. "Então, em qual hotel você quer que eu te deixe?"

“Não vou ficar num hotel.”

“Uh, sim, você é.” Ele não podia ficar comigo. Ele simplesmente não podia. Eu desmoronaria na primeira noite de merda. “Não tem como dividirmos um apartamento, Nikolai.”

“Não tem como não estarmos. Você acha que eu sou idiota?

Você deixou bem claro que não me quer aqui. Eu sei que você não me contaria se estivesse saindo, atrás de pistas.

Ficar no apartamento garante que você não vai sair escondido no meio da noite sem mim.”

“E se eu prometer que não farei isso?”

“Você estaria mentindo, e nós dois sabemos disso. Então poupe seu fôlego, porque não há nada que você possa dizer ou fazer para mudar minha opinião. Vamos falar sobre o trabalho. Você já tem algumas ideias sobre de onde o vazamento na Cosa Nostra pode estar vindo?”

Minhas mãos agarraram o volante com mais força, meus nós dos dedos ficando brancos. Essa era sua voz severa.

Aquela que dizia "Eu não vou ceder nisso, então você pode muito bem seguir em frente e esquecer isso, porra." Bem, eu seguiria em frente, (por enquanto), mas eu não tinha intenção de esquecer isso.

“Tenho alguns, sim. Depende de certos fatores. Cenário um: um ou mais veículos deles foram etiquetados, e Franco está monitorando cada movimento deles. Ele sabe que a melhor maneira de prejudicar a operação de Arturo é dificultar ao máximo que ele faça e distribua seu produto.”

“Parece plausível.”

“O cenário dois”, continuei, “é que eles realmente têm um rato e estão repassando qualquer informação que Franco esteja procurando diretamente para ele”.

“Plausível também”, respondeu Nikolai.

“Mas acho que há mais do que isso.”

Ele olhou para mim. “De que maneira?”

“Não acho que isso seja só para derrubar Arturo. Acho que Franco quer mais. Acho que ele quer envergonhá-lo.”

Ele franziu a testa pensativamente. “O que te faz dizer isso?”

“Pense nisso.” Dirigi até o estacionamento subterrâneo do complexo de apartamentos. “Se Franco realmente queria destruir a Cosa Nostra, por que ele não declarou guerra total? Por que ele simplesmente não atacou Arturo de

frente em sua casa? Ele certamente sabe a localização.

Não, ele está prolongando , tentando tornar isso o mais humilhante possível para Arturo e sua família. Talvez como vingança pela morte de seu irmão?”

“Faz sentido. Se for esse o caso, muda a motivação por trás dos ataques.”

“E isso importa?”, perguntei, olhando para ele.

“Pode ser ou não”, ele respondeu, alívio estampando seu rosto quando estacionei o carro e desliguei o motor. Ele agia como se estivesse em perigo mortal sempre que entrava em um carro comigo. Bebê grande.

“Ataques motivados pela necessidade de humilhar têm o potencial de ser mais perigosos. Não há limite para o quão longe alguém irá para humilhar outra pessoa se sentir que merece. Simplesmente derrubá-los nunca será o suficiente.

Eles vão querer destruir e manchar tudo o que já construíram.”

Estremeci levemente. “Isso não é um bom presságio para os De Lucas.”

“Essa rixa entre eles e os Gambinos remonta a anos . O pai de Arturo roubou a noiva de Nero. Isso certamente teria sido um golpe para seu ego. Ele passou anos odiando Alessandro por isso, e sem dúvida ensinou seu irmão a sentir o mesmo ódio. Arturo é o resultado daquele ato.

Adicione o fato de que Arturo também matou Nero, e Franco tem motivos mais do que suficientes para atacar a Cosa Nostra com tudo o que ele pode pensar. Há muito sangue ruim.”

Saí do carro e ele me seguiu. Ele abriu o porta-malas e franziu a testa, tirando minhas duas malas.

“É isso?” ele perguntou. “Isso é tudo que você trouxe?”

“É tudo o que eu poderia levar sem ter que pagar por bagagem extra.”

Sua carranca aumentou. “Desde quando dinheiro é um problema para você? A Bratva paga muito bem.”

Sim, foi. O problema é que o dinheiro não era meu . Era do meu pai.

Por anos, eu fiquei falando sem parar sobre ter minha liberdade. Uma vida minha. Esse foi um passo nessa direção, mas eu nunca seria verdadeiramente independente se continuasse pegando o dinheiro do meu pai, fazendo com que ele pagasse tudo para mim. Eu precisava começar a pagar minhas próprias contas. Me sustentar.

Ia ser difícil. Tão, tão difícil. Eu estava bem ciente do fato de que eu era mimada. Tudo o que eu sempre quis, meu pai providenciou. Roupas. Carros. Pôneis. "Não" não era uma palavra no vocabulário do meu pai quando se tratava de bens materiais. Isso me acostumou a um certo tipo de estilo de vida, um do qual seria difícil me afastar.

Mas eu estava determinado a fazer isso, a fazer isso sozinho.

"Não vou mais aceitar o dinheiro do papai", eu disse orgulhosamente, endireitando os ombros.

“Você não está... como planeja se sustentar enquanto estiver aqui?”

“Vou conseguir um emprego.”

Ele olhou para mim completamente perplexo, sem dizer uma palavra. Então ele caiu na gargalhada. A raiva fez minha espinha ficar reta e eu olhei para ele.

Essa porra—

Girei minha perna para trás e o chutei bem na canela. Sua risada parou em um instante, gritando de dor.

“ Blyad! Porra! Tatiana! Isso doeu!” Ele estava agachado sobre um joelho, segurando a canela com as duas mãos.

"Ótimo", respondi bruscamente, levantando as alças das minhas malas e saindo correndo, arrastando minha bagagem atrás de mim.

“Tati, espera.” Passos arrastados ecoaram atrás de mim. Eu não ia dar a ele a satisfação de se virar, nem mesmo para vê-lo mancar, o que eu tinha noventa e nove por cento de certeza de que ele estava fazendo. “Eu não queria te insultar.”

Eu o ignorei, com a cabeça erguida.

“Eu fiquei surpreso”, ele disse, finalmente me alcançando.

“Você nunca teve um emprego antes.”

“E daí? Isso não significa que a ideia seja ridícula pra caralho.” Apertei o botão do elevador, me recusando a olhar para ele. Eu odiava o quão envergonhada eu me sentia. Sim, eu nunca tinha tido um emprego antes. Mas isso não significava que eu não era capaz de ter um.

“Desculpa, Tati. Eu não devia ter rido. Estou realmente orgulhosa de você. A maioria das pessoas na sua posição nem se daria ao trabalho. Elas ficariam contentes vivendo do dinheiro da família. Você vai fazer isso sozinha, e isso é incrível.”

Eu conhecia Nikolai bem o suficiente para saber quando ele estava sendo falso e quando ele estava sendo sincero. Ele quis dizer cada palavra que tinha acabado de dizer.

"Obrigado."

O elevador chegou com um ding , a porta se abrindo amplamente. Nikolai me ajudou a trazer as malas para dentro e então fomos embora, para o sétimo andar.

“Que tipo de emprego você vai procurar?” Nikolai perguntou, me cutucando levemente com o ombro.

“Tenho uma entrevista em um pequeno café do outro lado da rua do campus.”

“Um café?”, ele perguntou claramente, mas o brilho em seus olhos me disse que ele queria rir de novo. “Não consigo imaginar você servindo os outros.”

“Por quê? Você acha que eu sou tão superficial?”

“O quê?” ele franziu a testa. “Não. O que eu acho é que você vai socar o primeiro cliente que falar rudemente com você.”

“E isso seria… ruim?”, perguntei, genuinamente curioso.

“Se você quiser manter seu emprego, sim, seria muito ruim.”

O elevador nos jogou para fora em um corredor bem iluminado. Nikolai pegou minhas malas e liderou o caminho até chegarmos ao 7c. Peguei as chaves e destranquei a porta. O telefone de Nikolai tocou quando começamos a entrar. Ele deixou minhas malas perto da porta e pegou seu telefone, atendendo.

“ Da? Sim? ”

Deixei-o conversando em particular e entrei mais no apartamento. Era tudo o que eu esperava que fosse: charmoso, clássico, elegante. Uma paleta neutra cheia de respingos de preto, branco e cinza. Tinha uma sala de estar espaçosa

e

uma

cozinha

bem-acabada

com

eletrodomésticos modernos. Os quartos ficavam em extremidades opostas do apartamento, o que me encheu de alívio. A última coisa que eu precisava era de um daqueles momentos clichês de filme em que os personagens principais se encontram tarde da noite. Coloquei minhas malas na frente de um dos quartos e me virei para encarar Nikolai enquanto ele entrava no apartamento.

“É legal. Espaçoso, como Arturo disse.”

“Sim. Muito.” Ele vagou sem rumo e eu não pude deixar de notar a impressão um tanto vaga em seu rosto.

"O que está errado?"

“Nada.” Ele parou na janela do chão ao teto e olhou para a vista.

Admirei seu corpo longo e musculoso. O raio de sol brilhando em seu rosto duro e angular, o jeito como fazia seus olhos brilharem.

“Nikolai.” Ele não olhou para mim, continuando a olhar para fora como um homem completamente consumido por seus pensamentos. “O que foi? Quem estava no telefone?”

“Alexandre.”

“Está tudo bem?”

“Depende da sua definição da palavra, eu acho.”

Eu tinha a sensação de que sabia o que o estava incomodando. “Seu pai?”

“Mmm.” Ele se moveu pela sala, tocando levemente a mobília com os dedos. “Não houve sorte em encontrá-lo.

Considerando como as coisas terminaram na reunião com Dominik—”

“Você está preocupado que ele esteja morto.” A culpa pesava no meu coração. Illayana me contou como foi a reunião. As palavras finais de Dominik. Eu conseguia entender por que ele estava tão preocupado.

“Estou preocupado que, se ele ainda não morreu, logo estará.” Ele virou o rosto. “A animosidade entre meu tio e meu pai é grande. Fiquei surpreso ao ouvir que ele não o matou no momento em que colocou as mãos nele, para ser honesto. Depois que Aleksandr se recusou a entregar o controle da Bratva, só posso imaginar o que Dominik fez com ele—”

“Não.” Fui até ele, a agonia em seu rosto me impossibilitando de fazer nada. Apertei suas mãos nas minhas com força. O contato repentino o chocou, seus olhos se voltaram para mim. “Não pense nisso, Nikolai. Não imagine. Não vai te fazer bem. Vou te dizer o que disse a Illayana. Tenha fé em seu pai. Ele é forte. Ele não vai cair sem lutar. Eu sei disso.”

“Eu também”, ele suspirou. “Eu me sinto tão… impotente.

Como se eu devesse estar fazendo mais.”

A culpa que senti aumentou dez vezes. “Nikolai, você deveria ir para casa. Seu pai precisa de você. Sua família

precisa de você. Você não deveria estar desperdiçando seu tempo aqui comigo.”

“É isso que você pensa? Que estou apenas perdendo meu tempo?” ele balançou a cabeça, movendo as mãos para segurar as laterais do meu rosto. “Cuidar de você nunca poderia ser considerado uma perda de tempo, Tati. Nunca.

Você não percebeu até agora que não há lugar na Terra onde eu não te seguiria? Nada que eu não faria para mantê-la segura? Nada que eu não sacrificaria? Sim, meu pai precisa de mim. Mas não há nada que eu possa fazer lá que eu não possa fazer aqui. Se tivermos ao menos uma pista de onde ele pode estar, eu irei.”

“E eu também.” Agarrei seu pulso com força, empurrando meu rosto mais fundo em sua mão. “Porque não importa o que tenha acontecido entre nós, eu sempre estarei aqui para você quando precisar de mim. Sempre.”



Capítulo Doze

TATIANA ANDREEVA

“S "O SENHOR VISITOU TRÊS das cinco casas de dinheiro que foram invadidas por Franco, Sr.

Bianchi?" Perguntei ao soldado da Cosa Nostra sentado à minha frente enquanto eu percorria as informações fornecidas por Arturo no iPad .

5'11. Trinta e um anos. Legado de criança, significando que ele veio de uma longa linhagem de homens que trabalharam para a família: seu pai, tio, irmão, bisavô.

Não havia nada alarmante nele. Não vi nenhum sinal vermelho em seu arquivo. Além de sua atitude, claro. Mas isso não era surpreendente, considerando que todos os homens que entrevistei antes dele eram exatamente iguais.

Eles eram todos rudes, desagradáveis e completamente babacas.

Eram 19h e ele era o último soldado com quem eu tinha que falar. Eu tinha passado pela lista de homens que Arturo me deu em poucas horas, falando com cada um e escolhendo suas histórias. Com base nas evidências na minha frente e suas respostas às minhas perguntas, eu estava inclinado a ficar do lado de Arturo e Illayana. Eu não acreditava que nenhum deles traísse a Cosa Nostra. Não ativamente, pelo menos.

Não tinha sido um momento particularmente agradável, admito. Nenhum deles estava feliz em ser questionado por um estranho. Uma mulher . Eles olhavam através de mim, falavam como se eu nem estivesse ali. Alguns deles até me

ignoraram completamente e tentaram falar com Nikolai, que estava parado atrás de mim o tempo todo como um guarda-costas. Ou Vincenzo, que mal estava prestando atenção, olhando para o telefone. Era como se uma mulher no comando fosse ridícula para eles.

Se estivéssemos em casa, e eu estivesse lidando com soldados da Bratva e não da Cosa Nostra, estaríamos tendo uma conversa muito diferente. Uma em que eu deixasse minha lâmina falar por si só.

Mas por mais que eu estivesse morrendo de vontade de colocar esses homens em seus devidos lugares, eu não conseguia. Eu era um profissional, estava ali para fazer um trabalho e ajudar meu melhor amigo. Eu não podia sair por aí ferindo seriamente ou mutilando cada soldado que falasse desrespeitosamente comigo. Não naquele momento.

Mas o dia chegaria.

“Sr. Bianchi?” Eu empurrei, encarando o homem.

Ele tinha um corpo magro e olhos castanhos escuros que me encaravam como se eu o tivesse insultado gravemente ao me dirigir a ele.

“O quê?” ele latiu em um tom cheio de desprezo. Eu tive que me esforçar muito

para não pular sobre a mesa e enfiar minha faca em sua garganta.

“Você visitou algumas das casas de dinheiro invadidas por Franco, correto?”

“E daí? Muitos de nós fizemos. É o nosso trabalho.” Ele murmurou algo baixinho em italiano e Nikolai rosnou atrás de mim.

Eu não era fluente em italiano, então não tinha ideia do que ele disse, mas, com base na raiva que eu podia sentir irradiando de Nikolai, não foi nada bom.

“Sim, é seu trabalho. E certamente você pode admitir o quão estranho é que Franco tenha conseguido encontrar a

localização dessas casas em poucas horas após sua instalação?”

"Não preciso admitir absolutamente nada, e certamente não preciso ficar aqui sentado e ser questionado por você ", ele zombou, levantando-se de um salto.

Vincenzo ficou em posição de sentido como um cachorro que acaba de ouvir a palavra “guloseima”, seu corpo todo enrijecendo. Ele deu um passo à frente, como se estivesse se preparando para intervir.

Fiquei de pé, erguendo uma mão para pará-lo. “Está tudo bem. Se você quiser ir embora, fique à vontade.”

Ele me lançou um olhar presunçoso, como se tivesse acabado de vencer uma batalha entre nós.

Virei-me para Vincenzo. “Você pode informar Arturo que Rocco Bianchi não está disposto a responder minhas perguntas, por favor?”

Vincenzo sorriu, abaixando a cabeça levemente. “Claro, Srta. Andreeva.” Ele conseguiu dar um passo antes de Rocco falar, sua voz cheia de pânico.

“Espere! Não. Não.” Ele bufou irritado antes de se jogar de volta em seu assento.

“Fantástico,” eu disse alegremente, caminhando ao redor da mesa, meu dedo arrastando pela superfície atrás de mim enquanto eu andava. “Você pode me dizer quais são exatamente suas funções nas casas de dinheiro?”

“Meu trabalho é coletar o dinheiro dos traficantes e depositá-lo nas casas. Mal fico lá por mais de dez minutos.”

“Entendo.

E

por

quantos

revendedores

você

é

responsável?”

“Eu lido com o Lower East Side. Então, mais ou menos vinte a vinte e cinco revendedores.”

“Você se encontra com todos eles pessoalmente?”

"Sim."

"Com que frequência?"

“Uma vez por semana.”

“No mesmo lugar? Mesma hora?”

"Sim."

Eu assenti, pulando na mesa para me sentar. Eu tinha trocado de roupa antes de sair do apartamento, já que minha briga com Nikolai tinha me deixado encharcada. Em mais de um lugar.

Mas eu não ia pensar nisso porque se pensasse, não conseguiria me concentrar. Já era difícil o bastante estar no mesmo cômodo que ele, sentindo seus olhos me seguindo aonde quer que eu fosse.

Embora a saia lápis preta que eu estava usando agora fosse até meus joelhos, ela ainda chamou a atenção de Rocco quando cruzei as pernas, e seus olhos se voltaram para minhas panturrilhas e costas.

“Então é seguro dizer que você tem uma rotina?”

“Uh...sim, eu acho.”

“Você já notou alguém te seguindo enquanto você faz suas cobranças?”

"Não."

“Você tem certeza?”

Ele franziu o cenho. “Eu sei como identificar uma cauda.”

“Tenho certeza que sim.” Coloquei condescendência suficiente na minha voz para irritá-lo. Funcionou, seu maxilar cerrou. “Você já conheceu Franco?”

“Não,” ele respondeu imediatamente sem um único pingo de hesitação. Mas a leve mudança em sua postura quando fiz a pergunta me deixou desconfiado.

“Nunca? Nem uma vez?”

“Você é surdo, assim como estúpido? Eu disse não.”

Sensível, sensível.

“Você acredita nos rumores que circulam de que há um rato na Cosa Nostra?”

"Não ouvi nenhum rumor, e mesmo se ouvisse, não acreditaria neles. Você teria que ser um idiota do caralho para traí-los."

“E o Diego? Ele roubou mais de $50.000, depois fugiu.”

“Aquele ali é o exemplo perfeito. Você ouviu sobre o que fizeram com o corpo dele?”

Ah, sim, eu tinha ouvido falar bem. Qualquer um remotamente conectado à vida tinha ouvido o que aconteceu. Diego era um dos homens que tentaram estuprar Illayana quando Nero, o antigo Don do Chicago Outift e irmão de Franco, a

sequestrou. Ela o matou antes que ele tivesse a chance, então você pensaria que era aí que sua punição teria terminado. Mas não terminou. Nem de longe.

Arturo o esfolou. Ele cortou a carne direto dos ossos, da cabeça aos pés. Então, ele cortou sua língua e seus olhos antes de cortar sua cabeça e deixar os pedaços bem no meio do Central Park, artisticamente dispostos como um louco assassino em série.

Depois que seu corpo foi encontrado, Arturo vazou uma história anônima para a imprensa, dizendo que ele tinha sido morto como retaliação por trair as pessoas erradas.

Claro, ninguém sabia que tudo tinha sido feito post-mortem. Apenas as pessoas que estavam lá naquele dia sabiam disso. Arturo queria que os outros pensassem que isso tinha sido feito enquanto ele estava vivo. Era mais assustador assim. Fale sobre enviar uma mensagem.

“Ele foi estúpido o suficiente para roubar e teve o que merecia.” Rocco endireitou os ombros, seu peito estufando com o que eu tinha certeza que era orgulho. “Quatro gerações de homens Bianchi trabalharam para a família De Luca. Eu daria minha vida por eles. Eu mataria por eles. Eu faria qualquer coisa que eles me pedissem, até mesmo sentar aqui e ter minha honra questionada por uma mulher

que não tem nada a ver com essa vida. Arturo é meu Don.

Ele paga meu salário, cuida de mim e da minha família. Ele nos trata com respeito, apesar da mancha da minha irmã mais nova. Se ele não tivesse matado Diego, eu mesmo teria feito isso, porque aquele filho da puta não merecia viver depois de trair a Cosa Nostra.”

Olhei por cima do ombro para Nikolai, minhas sobrancelhas levemente erguidas. Rocco falava com tanta paixão, tanta devoção a Arturo e sua família. Achei difícil acreditar que ele faria algo errado contra eles.

Nikolai deu de ombros, o primeiro movimento que ele fez desde que essas entrevistas começaram. Ele se saiu muito bem em não interferir, o que foi um choque. Especialmente quando alguns dos soldados começaram a falar merda, dizendo coisas desrespeitosas e depreciativas. Eu esperava que ele interviesse após o primeiro insulto, mas fiel à sua palavra, ele estava me deixando lidar com

isso. Eu apreciei.

“Okay.” Eu pulei da mesa, passando a mão pela minha frente para ajeitar minhas roupas. “É tudo o que tenho para você. Pode ir.”

Rocco hesitou, seus olhos disparando para Vincenzo antes de mover um único músculo, como se estivesse buscando permissão. Como se eu dizer as palavras não fosse o suficiente para ele.

Você não pode matá-lo. Você não pode matá-lo.

Vincenzo não disse nada, um silêncio constrangedor rapidamente encheu a sala. Rocco limpou a garganta e se levantou, abotoando o paletó do terno. Ele curvou a cabeça respeitosamente para Vincenzo em despedida e se virou, preparando-se para sair.

“Acho que você está esquecendo de alguma coisa, Rocco”, Vincenzo alertou.

"Chefe?"

Ele não disse uma palavra, encarando o homem, deixando-o descobrir o problema por si mesmo. Com um suspiro de má vontade, Rocco me encarou, abaixando a cabeça um pouco antes de sair pisando duro da sala.

“Ele geralmente não é tão rude,” Vincenzo comentou, franzindo a testa em pensamento. “Imagino o que deu nele.”

“A mesma coisa que aconteceu com todos os outros.”

Mulheres não passavam de troféus a serem exibidos na Cosa Nostra. Ele não achava que eu merecia seu respeito, então não queria dar. “Eu aprecio o que você fez, mas preferiria que você não interferisse.”

“Eu sei que quando você me pediu para ficar de fora, eu concordei — o que, a propósito, ainda não entendo completamente — mas eu não podia permitir isso. Precisei de tudo em mim para não colocá-lo — ou qualquer um deles, nesse caso — no lugar deles quando falaram com você de forma tão rude. Você está aqui como um convidado, conduzindo um trabalho para nós. Isso lhe dá direito a um certo nível de respeito.”

“Concordo”, Nikolai resmungou.

Suspirei, pegando meu iPad. “Normalmente, eu também concordaria, mas esta é uma situação diferente. Seus soldados acham que mulheres não têm lugar nos negócios, e a única maneira de mudar isso é mostrando a eles exatamente do que somos capazes.”

Illayana já estava bem a caminho de conseguir isso. Ela me contou na festa de Arturo como ela teve que punir vários soldados por desrespeitá-la. Um soco no rosto aqui, um chute bem colocado ali. Como Sra. Don, ela tinha autoridade para fazer isso.

“Ter um homem vindo em minha defesa toda vez que alguém me insulta desfaz todo o trabalho duro que Illayana

está tentando fazer”, terminei, colocando meu iPad na bolsa e pendurando-o no ombro.

“Ok, entendi seu ponto.” Vincenzo abriu as largas portas duplas da sala de interrogatório e nos levou para fora. “O

que você pensa sobre ele, afinal? Rocco? Você acha que ele pode estar trabalhando contra nós?”

“Não.” Disso eu tinha certeza. “Ele se importa demais com a Cosa Nostra para fazer algo prejudicial a ela. Mas, ele definitivamente está escondendo algo.”

“Sério? Como o quê?”

“Eu não sei. Ele está escondendo .”

Vincenzo olhou para Nikolai enquanto ele nos conduzia pelo corredor em direção à porta da frente. “Você concorda?”

“Sim”, foi tudo o que ele respondeu.

Vincenzo parou no saguão, esperando como se esperasse que Nikolai dissesse mais alguma coisa. Quando ele não disse, Vincenzo balançou a cabeça. “Você não fala muito, não é?”

“Depende de com quem estou falando”, Nikolai resmungou.

“Ah, é assim mesmo, hein?” ele riu baixinho.

Nikolai não se incomodava em falar com pessoas de quem não gostava. Ele respondia com o básico: “Sim.” “Não.”

“Vai se foder.”

“Não se preocupe, você vai gostar de mim.”

“Duvido muito”, Nikolai respondeu claramente, seu rosto transmitindo seu absoluto tédio com toda a conversa.

“Vocês vão. Todo mundo faz isso”, ele piscou. “Vamos, eu acompanho vocês para fora”, ele disse, indo em direção à porta.

“Na verdade, Illayana me pediu para pegar algo no quarto dela.” Dei um sorriso brilhante, agindo completamente inocente. Nikolai olhou para mim. Seu rosto não mudou,

continuando exatamente o mesmo, mas eu podia ver o olhar questionador em seu olhar.

Vincenzo não suspeitou de nada, encolhendo os ombros.

“Tanto faz. Eu vou te mostrar onde é.” Ele levou Nikolai e eu pela escada circular até chegarmos ao último andar, parando em frente a um conjunto de portas duplas. “Este é o quarto deles. Só não toque em nada da merda do Arturo.

Ele fica irritado com esse tipo de coisa.”

“Entendi. Nós te encontramos lá embaixo.”

Vincenzo franziu a testa levemente. Mantive o sorriso no rosto e ele finalmente deu de ombros, indo embora. Meu sorriso caiu no segundo em que ele saiu de vista. Segurei a mão de Nikolai, correndo de volta para as escadas.

"Vamos."

"O que você está-"

“Shh.” Espiei por cima do corrimão, apenas vislumbrando Vincenzo descendo o último degrau e entrando no saguão.

Dando passos leves e rápidos, corri para o segundo andar, arrastando Nikolai atrás de mim. Virei à direita, fui direto para o terceiro quarto e corri para dentro, fechando a porta atrás de mim.

“Rápido, encontre o interruptor de luz.” Eu tateei ao longo da parede quando a luz de repente inundou o quarto.

“Pronto. Agora você vai me dizer o que está acontecendo?”

Nikolai perguntou, com as mãos nos quadris.

“Não há tempo. Apenas fique de olho.” Piscando rapidamente para me ajustar à luz repentina, olhei ao redor da sala.

Era tão grandioso quanto seria de se esperar do Don da Cosa Nostra: cama de dossel, pinturas a óleo douradas nas paredes e móveis caros de mogno.

Havia leves toques femininos, que me garantiam que eu estava no quarto certo: maquiagem na cômoda, saltos no chão, roupas cor-de-rosa na cama.

Havia apenas duas mulheres hospedadas naquela casa, então eu estava bastante confiante de que estava no lugar certo. Mas, só por precaução, fiz uma verificação mais completa. Qualquer dúvida foi esmagada quando vislumbrei o porta-retratos em uma das mesas de cabeceira. Uma foto de Gabriella com seus pais. Te peguei, vadia.

Peguei minha bolsa e tirei um par de luvas pretas de látex, calçando-as. Puxei o pequeno saco ziploc contendo as folhas de hera venenosa em seguida, tirando-as cuidadosamente.

Nikolai me observou com olhos calculistas enquanto eu me movia pelo quarto, esfregando a hera venenosa em tudo que podia. Levantei os cobertores, espalhando-a nos lençóis.

O travesseiro foi o próximo, e então fui para a cômoda, abrindo a primeira gaveta. Estava cheia de calcinhas e sutiãs rendados. Perfeito. Tirando-os um por um, passei a hera venenosa pela costura interna de cada roupa íntima.

Aquele meu lado maligno e vingativo mostrou sua linda face, me fazendo sentir tonta por dentro.

Isso vai te ensinar a flertar com o marido da minha melhor amiga, sua vagabunda. Eu adorava uma pequena revanche.

“Tati,” Nikolai sibilou, sua orelha pressionada contra a porta. “Alguém está vindo.”

Porra.

Fechei a gaveta e rapidamente coloquei a hera venenosa de volta no saco plástico. Correndo para o lado de Nikolai, tirei as luvas e as enfiei na minha bolsa. O clique-claque dos saltos altos era inconfundível. Nós íamos ser pegos.

Uma ideia surgiu na minha cabeça e, antes que eu tivesse a chance de me convencer do contrário, agarrei Nikolai pelas lapelas do paletó e o joguei contra a parede, selando meus lábios nos dele. Ele não perdeu o ritmo, me beijando de

volta com seriedade, como se esse tivesse sido nosso plano o tempo todo — encontrar um quarto para foder. Suas mãos se moveram para baixo e agarraram minha bunda com força, apertando com pressão suficiente para fazê-la arder.

Então ele me levantou, envolvendo minhas pernas ao redor dele. Um gemido profundo e masculino retumbou em sua garganta, um que incendiou minha boceta.

Meu Deus, como ele tem um gosto bom.

A língua dele era macia e ele a movia bem, como se estivesse tentando me devorar.

Um toque foi tudo o que precisou. Foi como jogar querosene no fogo. Nós estávamos indo um para o outro como se fosse a primeira vez. Mordendo. Beijando.

Transando, esfregando para cima e para baixo.

Eu estava vagamente ciente da porta se abrindo. Para ser honesto, eu deveria ter prestado mais atenção, considerando que estávamos fazendo isso apenas como

um disfarce. Mas no momento em que seus lábios tocaram os meus, todos os pensamentos simplesmente desapareceram da minha mente. Tudo em que eu conseguia focar era em seu corpo contra o meu.

“Ahhh! Quem diabos é você?!” gritou a voz estridente da ex de Arturo.

Nikolai e eu não paramos, ignorando-a completamente. Eu gostaria de dizer que era para vender o estratagema, mas isso seria uma mentira descarada.

Foi porque eu não queria parar.

Nosso beijo se tornou selvagem, nossos dentes se chocando, mãos cravando fundo na pele uma da outra.

Minha saia estava esticada para cima e eu estava usando a calcinha mais fina que eu tinha, então eu podia sentir tudo enquanto Nikolai me movia, me fazendo esfregar minha boceta contra seu estômago duro.

“Porra,” eu gemi em sua boca. O prazer subiu pela minha espinha.

“O que diabos você está fazendo aqui?!”

Nikolai arrancou a boca e eu literalmente choraminguei, tentando trazer seus lábios de volta aos meus. "Que porra é essa?", ele rosnou, olhando feio para Gabriella.

Ela deu um passo para trás diante da maldade dele, visivelmente assustada. Isso me excitou ainda mais. Eu adorava quando ele ficava todo rosnando.

Ele beijou meu pescoço, mordendo e mordiscando minha pele. “Fique e observe se quiser. Tati não se importa, não é, amor?”

Gabriella engasgou de indignação, seu rosto ficando vermelho brilhante.

Eu ri. "Você acha que a Sra. Vanilla aqui aguentaria nos observar?" Eu movi meus quadris mais rápido e nem tentei lutar contra o gemido que saía dos meus lábios.

“Saia do meu quarto!” ela gritou.

“Estamos pegando emprestado agora. Você pode voltar mais tarde?”

Vincenzo apareceu, chocado como o inferno ao ver o que estava acontecendo.

“Vinny! Olha o que eles estão fazendo! Parem eles!”

“Uh—” ele estava confuso, isso era flagrantemente óbvio.

Confuso sobre como acabamos no quarto de Gabriella quando ele nos levou para o de Illayana. “Certo. Vamos, vocês dois. Vou encontrar outro quarto para vocês fornicarem.”

"Mas este tem uma audiência", eu choraminguei, deixando meus pés caírem de volta no chão.

"Você é nojento", Gabriella sibilou.

“Já estou bravo por você ter nos interrompido,” Nikoali rosnou. “Não me teste insultando minha mulher.”

“É o meu quarto!”

“Pronto, pronto, querido. Está tudo bem.” Dei um tapinha no peito de Nikolai e então entrelaçei nossos dedos, levando-o para longe. “Você sabe onde nos encontrar se quiser aprender uma coisa ou duas,” pisquei, saindo, seguida por Nikolai e Vincenzo.

Gabriella bateu a porta atrás de nós.

Houve um momento de silêncio e então eu comecei a rir.

Nikoali riu suavemente, o que foi quase o equivalente a um ataque de risos dele.

“Eu quero mesmo saber o que vocês dois estavam realmente fazendo lá?” Vincenzo perguntou, erguendo as sobrancelhas.

“Não. Você não quer saber.”

“Não pensei assim,” ele riu suavemente. “Eu não gosto dela de qualquer maneira, então não é problema meu. Arturo também não. Ele estava prestes a se livrar dela, mas Illayana disse para ele não fazer isso.”

“Sério? Por quê?”

“Não faço ideia. Algo sobre como ela tem algo planejado para ela. Não sei. Vamos, vamos. Eu pessoalmente te acompanho até seu carro, já que vocês dois claramente não são confiáveis andando pela casa sozinhos. Não gostaria que Arturo chegasse em casa e visse vocês transando nas escadas. Mas eu não me importaria com o show”, ele piscou.



Capítulo Treze

NIKOLAI VOLKOV

“E " VOCÊ VAI ME CONTAR o que foi tudo isso?", sussurrei no ouvido de Tatiana enquanto Vincenzo nos acompanhava escada abaixo.

“O quê?” ela sorriu.

Estreitei os olhos. “Não aja toda inocente comigo. Nós dois sabemos que você é tudo menos isso.”

Por mais que eu quisesse acreditar que aquela exibição lá em cima era para nosso benefício, eu sabia que não era.

Pelo menos, não no começo. Começou porque ela precisava de uma desculpa para estarmos naquele cômodo. Como sempre, porém, no momento em que tocamos, mudou para algo mais . Algo cru. Animalesco. Passou de zero a cem em meio segundo.

“Tudo bem, tudo bem,” ela bufou. “Torça meu braço sangrento, por que não? Foi só uma pequena vingança. Só isso.”

“Vingança?” Eu franzi a testa. “Pelo quê? Você nunca falou com a mulher antes.”

“Então? Preciso falar com alguém primeiro para ter um motivo para foder com eles?”

“Geralmente sim.”

Vincenzo parou para falar com um dos soldados que veio correndo para o foyer. Eu agarrei o braço dela, impedindo-a de dar mais um passo.

“Desembucha, Tatiana.”

Ela cruzou os braços sobre o peito. “A vadia mereceu.”

“Tenho certeza que sim. Importa-se de me dizer por quê?”

“Ela continua flertando com o marido da minha melhor amiga. Então eu esfreguei hera venenosa na calcinha dela”, ela disse orgulhosamente.

Claro. Faz todo o sentido.

“Isso não é algo que Illayana deveria estar fazendo?” Minha irmã não era do tipo que deixava outras pessoas lidarem com seus problemas. Ela também herdou o

ciúme sombrio pelo qual nós, Volkovs, éramos bem conhecidos. Então fiquei surpreso ao ouvir que ela não a matou.

Especialmente depois do que ela disse a Aleksandr e a mim na festa de Arturo.

“Ah, ela tem as próprias coisas planejadas. E é diabólico.

Mas se você mexer com ela, você mexe comigo . Eu tinha que fazer alguma coisa. É meu trabalho, como a melhor amiga louca.”

Senti uma vontade enorme de sorrir, um sentimento que só surgia perto de Tatiana.

Vincenzo veio até nós e voltamos nossa atenção para ele.

“O que está acontecendo?” Tatiana perguntou.

“Você estava certo.”

“Eu geralmente sou. Sobre o quê?”

“Nós encontramos isso em nossos carros.” Ele estendeu três dispositivos de rastreamento, a luz verde piscando em cada um indicando que todos ainda estavam ativos.

Tatiana e eu os alcançamos ao mesmo tempo, nossas mãos colidindo. Um choque percorreu meu corpo. Nossos olhos se encontraram, o olhar em seu rosto confirmando que ela também sentiu isso. Era como se nossos corpos soubessem que tínhamos negócios inacabados. Eu realmente me perguntei se haveria um dia em que eu não seria afetado por ela. Por seu toque, seu gosto, sua presença. Eu duvidava muito.

Virei o rastreador, estudando-o atentamente. “Edição padrão. Pode ser facilmente comprado online.”

“Não vejo um dispositivo anti-adulteração”, acrescentou Tatiana.

“Eu também não.”

“O que isso significa?”, perguntou Vincenzo.

“Isso significa que eles não teriam sido notificados de que você os encontrou e os removeu.”

Tatiana girou-o no ar, dando uma boa olhada nele de todos os lados. “Quanto tempo você acha que dura a bateria destes?”

“A maioria tem apenas cerca de seis a oito horas. Mas eu já os vi durar até quatro semanas. Podemos pesquisar o número do modelo online e descobrir exatamente, no entanto.”

Tatiana assentiu. “Deveríamos descobrir antes de colocá-los de volta. Se estiverem quase acabando, eles vão querer trocá-los antes que morram.”

A cabeça de Vincenzo disparou entre nós enquanto falávamos. “Espera aí, espera aí. Por que nós os colocaríamos de volta?” ele questionou, parecendo confuso.

“Eles estão usando isso para rastrear seus soldados e descobrir para onde eles estão indo. Mais especificamente, onde vocês estão montando suas casas.” Ela devolveu o dispositivo para Vincenzo. “Agora que sabemos, podemos usá-lo contra eles.”

“Você quer dizer armar uma armadilha?” A ansiedade brilhava em seus olhos verdes.

"Exatamente."



Fiquei olhando para a tela do meu laptop, esfregando as têmporas, esperando aliviar um pouco da dor latejante atrás dos meus olhos. Quando Tatiana e eu voltamos para o apartamento, já eram quase 23h. Depois que Vincenzo encontrou os dispositivos de rastreamento, bolamos um plano para armar uma armadilha para Franco.

Não estava claro se ele estava lá pessoalmente durante os ataques. A oportunidade de descobrir era promissora demais para perder. Na pior das hipóteses, teríamos um de seus tenentes de alta patente em vez disso.

Tatiana foi direto para a cama, mas havia muita coisa na minha mente para sequer tentar dormir. Decidi, em vez disso, ficar acordada e ver se conseguia encontrar meu pai, ou pelo menos Dominik. Não tive sorte. Nenhum dos meus

programas de reconhecimento facial captou nada. Havia centenas de "possíveis correspondências" que acabaram não sendo nada. Levei horas para passar por todas elas, mas eu tinha que ter certeza. Era como se elas tivessem literalmente desaparecido da face da Terra.

Não deveria ser possível. Especialmente nos dias de hoje.

Havia uma câmera em cada esquina de cada rua. Às vezes duas ou três. Como ele as estava evitando?

Foi a segunda vez na minha vida que me senti um fracasso total e completo. Meus empregos na Bratva eram segurança e tecnologia, ambos nos quais eu falhei miseravelmente nas últimas semanas.

Mesmo que eu nunca tivesse imaginado a traição de Mila, eu deveria ter me preparado para isso.

Eu assumi a responsabilidade pelo que aconteceu e precisava consertar isso.

Com um suspiro profundo, recostei-me na cadeira, passando a mão pelo rosto. Eu estava olhando para a tela por tanto tempo que minha visão estava começando a ficar turva. Eu sabia que precisava descansar, mas simplesmente não conseguia me forçar a ir para a cama. Ainda não. Essa sensação incômoda estava me incomodando, arranhando meu cérebro e me provocando. Eu estava perdendo algo vital. Crucial. E eu não conseguiria dormir até descobrir.

“Nikolai.”

Virei-me, a voz suave de Tatiana me assustou. Ela estava parada na porta de sua casa com uma regata e um short curto de pijama, um robe de seda preta pendurado sobre os ombros. Eu sabia que ela tinha colocado o short para meu benefício, porque ela sempre dormia de calcinha.

“São 2:30 da manhã.” Preocupação brilhou em seu rosto.

Ela se moveu, sentando-se na mesa em frente a mim. “Você dormiu?”

"Ainda não."

Ela suspirou, balançando a cabeça. “Você realmente deveria descansar um

pouco. Você deve estar exausto.”

Dei de ombros, sem tirar os olhos dela. Você é tão linda.

Eu queria dizer as palavras. Elas estavam ali, na ponta da minha língua. Mas não importava o quanto eu quisesse, eu não conseguia fazê-las passar pelos meus lábios. Eu estava com medo de assustá-la. De certa forma, ela me lembrava um animal arisco. Sempre que algo do nosso passado surgia, ela disparava na direção oposta. Isso incluía elogios.

"O que você está fazendo?" ela perguntou suavemente, seus olhos indo do meu laptop e voltando.

Ela sabia o que eu estava fazendo. Ela só estava tentando me fazer falar sobre isso na esperança de me fazer sentir melhor.

“Por que você está acordado?”, perguntei em vez de responder.

Seus lábios franziram. “Você está desviando.”

Eu estava, mas precisava. Não conseguia mais pensar nisso. Não conseguia pensar no que meu fracasso em proteger minha família resultou, no que estava acontecendo com meu pai naquele exato momento. Se ele estava vivo — o que, para ser honesto, eu realmente não acreditava.

Aleksandr recusou a oferta de Dominik, e as últimas palavras do meu tio consumiram meus pensamentos a cada segundo. “ Última chance, sobrinho. Entregue o controle ou seu pai sofre.” “O que acontecer depois é com você.”

Não sei bem o que Tatiana viu no meu rosto, mas ela deve ter percebido o quanto eu queria desesperadamente evitar falar sobre isso.

“Você quer uma distração,” ela assentiu, um olhar de determinação em seus olhos enquanto desaparecia de volta para seu quarto, retornando um momento depois com um baralho de cartas. Ela as jogou na mesa, sentando-se.

“O que é isso?”, perguntei, empurrando meu laptop para o lado e apoiando os cotovelos na mesa.

“Estou te dando o que você quer. Vamos jogar pôquer.”

Inclinei a cabeça, arqueando uma sobrancelha enquanto ela embaralhava o baralho. “Pôquer?”

"Sim."

“Sem querer ofender, mas não acho que um jogo de pôquer vá me distrair.”

“Por que não?”, ela começou a distribuir as cartas.

“Sempre funcionou no passado.”

“Isso é porque nós jogamos strip poker, Tatiana. Não era o jogo que estava distraindo. Era você. Nua.”

Os olhos dela bateram em mim, a mão congelada no ar. A tensão sexual estalou entre nós, quente e cheia de energia ardente e crepitante. Era algo que costumávamos fazer o tempo todo. Não podíamos sair como casais normais.

Esconder nosso relacionamento era uma ideia com a qual ambos estávamos felizes, mas isso veio com pontos negativos. Então, nós inventávamos maneiras de nos entreter. Depois de levá-la escondida para a casa principal (e sejamos honestos aqui, transar nas passagens escondidas nas paredes), nós nos trancávamos no meu quarto e fazíamos todo tipo de coisas imundas e depravadas. Coisas pelas quais uma freira teria um ataque cardíaco. Coisas pecaminosas e sujas.

Nossa versão de “strip poker” não era a mesma que tenho certeza de que era a de todo mundo. Quem perdesse a mão não tinha apenas que tirar uma peça de roupa. Também tinha que fazer um desafio, geralmente de natureza sexual, porque esses eram os melhores.

Porra, eu estava ficando duro só de pensar nisso.

Nós nos encaramos, nenhum de nós disse uma palavra. A tensão continuou a crescer e crescer, tão espessa que sufocava o ar ao nosso redor.

Tatiana voltou a distribuir. “Compra de cinco cartas?

Mesmas regras?”

Apesar da excitação pulsando em minhas veias, eu tive que dizer, "nós não temos que fazer isso." A última coisa que eu queria era que ela se sentisse pressionada, como se fosse seu trabalho me distrair. Não era.

“Cale a boca e pegue suas cartas.”

Uma risada escapou e eu fiz o que ela exigiu.

Nós dois olhamos para nossas cartas. Tatiana descartou uma e eu descartei três. Como ela era a distribuidora, ela

distribuiu as cartas de substituição antes de olhar para sua mão novamente, lábios franzidos.

"Aposto meias", Tatiana disse, projetando um ar de nervosismo que eu não acreditava totalmente. Como mencionei antes, nossas regras para strip poker diferiam da maneira como outras pessoas jogavam. Uma pessoa apostava uma peça de roupa. Dependendo de quão confiante você estava em sua mão, você poderia igualar a aposta dela. Se você ganhasse, ela tinha que remover a peça de roupa que apostou originalmente. Ou você poderia aumentar apostando uma peça diferente. Como calças. Ela poderia desistir, o que significava que tinha perdido a mão e tinha que remover qualquer peça de roupa que tinha apostado originalmente, ou poderia igualar. Quem tivesse o menor conjunto de cartas de jogo tinha que remover as calças.

Você poderia jogar de várias maneiras diferentes. Você poderia blefar para passar, fingir que tem uma mão ruim para que a outra pessoa se sinta confiante demais e aposte mais alto, achando que vai ganhar. Que era o que eu tinha a sensação de que Tatiana estava fazendo naquele momento.

Ou você pode começar bem, apostar alto e torcer para ter a melhor mão.

Eu a estudei atentamente, batendo meus dedos na mesa.

“Levante. Camisas.”

Tatiana sorriu. “Combine.” Ela mostrou suas cartas.

Quatro de um tipo.

Suspirando, levantei-me e desabotoei minha camisa, jogando os ombros para trás enquanto o tecido escorregava do meu corpo.



Capítulo Quatorze

TATIANA ANDREEVA

E CALMA, GAROTA.

Calor se espalhou pelo meu peito, meu coração batendo forte. Era como se ele tivesse sido literalmente esculpido pelo próprio Deus. Pele bronzeada. Linhas duras e definidas. Músculos salientes. Abdômen esculpido.

Eu sempre tive uma fraqueza séria pelo peito de Nikolai.

Um olhar foi o suficiente para fazer lágrimas correrem pelas minhas coxas. Adicione o "T" tatuado sobre seu coração e eu estava tão perto de desmoronar ali mesmo. De perder intencionalmente todas as rodadas para acabar nua na frente dele.

Eu não tinha mais ninguém para culpar além de mim mesmo. Ao concordar com o jogo, eu me coloquei exatamente na posição que eu estava tentando desesperadamente evitar.

Esse era o problema da Tatiana do Futuro, no entanto. A Tatiana do Presente iria tirar vantagem total e deixar a FT

lidar com as repercussões.

Os músculos de Nikolai flexionaram enquanto ele alcançava a mesa para pegar as cartas. “Tem certeza de que quer continuar jogando?”

“Não fui eu quem acabou de perder.”

Ele sorriu. “Certo.”

Estreitei os olhos desconfiadamente. Ele sabia o quanto eu amava seu peito. Olhando para ele. Tocando-o. Lambendo-

o... o filho da puta perdeu de propósito. Provavelmente para tentar me distrair. Bem, ele ia pagar por isso.

“Qual é o seu desafio?”, ele perguntou enquanto embaralhava as cartas preguiçosamente, com um olhar muito presunçoso no rosto. Qualquer desafio que eu escolhesse seria uma recompensa para ele também. O que eu poderia fazê-lo fazer que o deixaria louco?

Empurrei minha cadeira um pouco para longe da mesa.

Nikolai me observou cuidadosamente, cada fragmento de seu foco em mim enquanto eu esticava minha perna.

“Lamba minha perna até eu mandar você parar.”

Ele não se moveu a princípio, me encarando fixamente nos olhos. Eu reconheci

aquele olhar escuro e selvagem. Era um jogo muito, muito perigoso que estávamos jogando. E

eu não me importava nem um pouco.

Nikolai se levantou lentamente e caminhou até mim. Ele caiu de joelhos aos meus pés e olhou para minha perna com admiração. Suas mãos ásperas e calejadas envolveram meu tornozelo, levantando-o no ar. Ele usou um toque suave e leve, aquelas mãos fortes e poderosas capazes de tantas coisas perigosas me segurando com tanta ternura e cuidado. Isso me fez queimar pra caralho , a pressão aumentando na minha boceta.

Ele se inclinou para frente e beijou a base do meu tornozelo.

Minha respiração ficou presa.

Senti sua língua em seguida, correndo vagarosamente pela minha perna. Meu corpo inteiro estava em chamas, iluminado como uma porra de árvore de Natal. Comecei a me contorcer, a vontade avassaladora de esfregar contra algo tornando impossível para mim ficar parada.

pensei que isso era uma má ideia .

A língua dele estava molhada e quente e, quando imaginei ela no meu clitóris, juro que poderia ter gozado ali mesmo.

Sua mão estalou, agarrando minha outra coxa e ele rudemente empurrou minhas pernas mais para longe enquanto ele se movia para cima e para cima, sua língua arrastando sobre minha pele hipersensível. Porra...

merda... porra. Ele empurrou meu shorts para cima para fora do caminho enquanto ele continuava a ir mais alto.

“Pare”, eu ofeguei quando ele alcançou o ápice das minhas coxas.

Ele parou imediatamente, mas manteve a língua pressionada na minha pele, olhando para o meu corpo por entre as minhas pernas. Seus olhos estavam dilatados, suas pupilas engolindo quase todo aquele lindo azul cristalino.

Ele olhou para mim com esse olhar selvagem e faminto, como se quisesse me

comer viva, dar uma mordida na minha pele.

Lambi meus lábios, meu peito subindo e descendo com força enquanto eu tentava recuperar o fôlego. "Sua oferta", sussurrei, meu coração batendo forte no peito.

Ele afastou o rosto e se levantou, ficando de pé sobre mim.

O pequeno Nicky estava em posição de sentido, se esforçando em suas calças de moletom cinza, cada centímetro glorioso em exposição.

"É melhor você torcer para não perder a próxima rodada", ele resmungou, com a voz profunda e grossa.

Eu sorri. “O mesmo para você.” O que eu tinha planejado em seguida o faria surtar. Eu tinha certeza disso.

Ele retornou ao seu assento e distribuiu a próxima rodada, com movimentos rígidos.

Minha mão era uma merda. Nem um único par. Eu me livrei de quatro cartas, o que não era uma boa aparência e mostrou que eu não tinha nada.

Nikolai me deu um sorriso selvagem. Ele descartou duas e distribuiu as cartas de substituição. Eu o observei cuidadosamente em busca de pistas, mas Nikolai era difícil

de ler em um dia normal. Havia altos riscos neste jogo.

Então, era virtualmente impossível tentar lê-lo agora.

“Aposto que sim.”

Olhei para minhas cartas. Agora eu tinha dois pares. Não era uma mão ruim, mas também não era necessariamente uma ótima.

Eu poderia igualar, e provavelmente perder, ou aumentar.

Blefar pra caramba com ele e esperar que ele desista.

Vá com tudo ou vá para casa.

“Levante. Calças e roupas íntimas.”

Ele arqueou uma sobrancelha. Ele olhou para suas cartas e depois de volta para mim, cálculo em seu olhar. Eu coloquei um ar calmo e casual, esperando que ele visse isso como se eu estivesse confiante em minhas cartas. Eu deveria ter pensado melhor, no entanto. Nikolai conseguia me ler como um livro de merda.

"Corresponder."

Merda.

Ele me mostrou suas cartas primeiro e eu queria arrancar meus malditos cabelos. Eu não era uma grande perdedora, como Illayana. Mas ainda assim, eu não gostava de perder.

Ninguém gostava.

Ele tinha três 7s e dois Ks — um full house. O full house dele superava meus dois pares de merda a qualquer momento.

O sorriso de lobo em seu rosto fez meu coração disparar.

Ele se recostou, casual como você quiser, e esperou, seus dedos batendo levemente na mesa. Eu não era do tipo que recuava. Fiquei de pé e não hesitei em puxar meu short e calcinha para baixo, saindo deles.

O corpo inteiro de Nikolai travou no lugar. Ele estava mortalmente imóvel, seus olhos grudados na minha boceta.

Eu não podia culpá-lo. Eu mantive minha garota limpa e

muito bem cuidada. Água e abacaxi eram parte da minha dieta diária.

“Vire-se”, ele ordenou duramente.

“É esse o seu desafio?”, perguntei, meu tom leve e brincalhão.

“Mais como um pedido educado.”

“Um pedido geralmente vem com a palavra 'por favor'.”

“Você não gosta quando eu uso a palavra 'por favor'. É

muito suave para você. Vire-se, porra.”

Arrepios percorreram todo o meu corpo. Ele estava certo.

Nesse contexto, eu não gostava quando ele dizia "por favor". Eu ansiava por esse lado rude e dominador da personalidade dele em momentos como esse. Onde ele me dizia o que fazer, o que dizer, quando eu poderia gozar.

Mas você pode apostar que se esse fosse qualquer outro cenário — como ele me pedindo para fazer um sanduíche ou algo assim — ele teria que usar a palavra "por favor".

Caso contrário, eu cortaria as bolas dele e penduraria na minha árvore de Natal como decoração.

Virei-me lentamente, dando-lhe bastante tempo para admirar a vista. Quando o encarei novamente, suas mãos estavam cerradas em punhos, apertando com tanta força que seus nós dos dedos ficaram brancos. Era como se ele estivesse usando toda a sua força para manter as mãos exatamente onde estavam.

Os olhos dele eram selvagens. Cheios de fome e desespero.

Eu gostava quando ele estava desesperado. Ele era mais selvagem então.

“Seu desafio,” ele começou, estalando o pescoço. “Sente-se na mesa com as pernas bem abertas, de frente para mim.

Eu quero dar uma boa olhada nessa boceta rosa bonita.

Minha boceta rosa bonita.”

Ah, você—

Essa foi boa. Uma muito boa. Sorte minha, e acho que dele, não havia um pingo de autoconsciência sobrando no meu corpo. Nikolai tinha fodido esses pensamentos para fora de mim.

Durante todo o tempo em que estivemos juntos, e mesmo muito depois, ele me

encheu de elogios. Nem sempre eram sobre minha aparência. Ele elogiou minha mente. Minha resiliência. A lealdade que eu tinha por aqueles com quem me importava.

Subi na mesa, me aproximei até ficar bem na frente dele e abri minhas pernas o máximo que pude, dando a ele uma visão completamente desobstruída.

Seu olhar aquecido estava firmemente preso na minha boceta e eu tremi. O olhar que ele estava me dando me deixou tão fodidamente molhada, que estava literalmente pingando de mim para a mesa.

Fiquei tão excitado que mal conseguia respirar.

Nikolai se inclinou para frente e passou o dedo pela pequena poça da minha umidade, levando-a aos lábios.

"Sua vez", ele rugiu, sugando-a para dentro da boca.

Meu clitóris latejava . Eu nunca tinha estado tão desesperada por ele antes. Por seu pau. Sua língua. Por foder tudo.

Juntei as cartas e embaralhei, tudo isso enquanto Nikolai continuava a saborear minha umidade com o dedo como se fosse a coisa mais deliciosa que ele já tinha comido. Quanto mais ele fazia isso, mais excitada eu ficava.

É melhor ele torcer para que eu perca essa rodada, porque vou fazê-lo sofrer .

Distribuí a mão. Descartamos as cartas que não queríamos e dei as reposições. Fizemos nossas apostas. Minha camisa contra as calças dele.

Ele venceu e eu bati meu punho na mesa.

Eu disse que não era um grande perdedor, mas não que eu não fosse um.

Depois de tirar minha camisa, sentei-me ali em toda a minha glória nua. Bem, exceto pelo par de meias fofas em meus pés. Sua língua correu sobre seus lábios enquanto ele olhava para meus seios. Meus mamilos endureceram sob seu olhar.

“Faça algo que você tem evitado fazer”, ele disse, em voz baixa.

Franzi a testa. Algo que tenho evitado fazer?

O olhar em seu rosto me provocava a fazer algo ousado, e eu nunca fui de recuar diante de um desafio. Havia uma coisa que eu estava morrendo de vontade de fazer desde o momento em que ele tirou a camisa, e agora eu podia fazer isso sob o prefácio de um desafio.

Ganhei, ganhei, porra.

Eu deslizei até a beirada da mesa e me empurrei, ficando entre suas pernas. Ele me observou como se eu fosse a única pessoa em seu mundo. A coisa mais quente e sexy que ele já tinha visto na vida. Isso incendiou minhas entranhas.

Seu olhar percorreu cada centímetro da minha pele.

Lentamente. Metodicamente. Admiravelmente. Com cada fragmento de seu foco. Um terremoto de nível cinco não poderia abalar seu foco agora.

Minhas mãos se moveram, agarrando suas coxas musculosas enquanto eu me abaixava até meus joelhos.

Suas narinas se dilataram, seu corpo permaneceu imóvel como uma estátua. A antecipação brilhou em seus olhos escurecidos. Eu arrastei o momento um pouco, deixando essa antecipação crescer mais e mais até que ele começou a se contorcer, ansioso para descobrir o que diabos eu iria fazer.

Com um sorriso no rosto, inclinei-me para frente e passei minha língua por seu abdômen esculpido e seu peito hercúleo. Ele gemeu, sua cabeça inclinando para trás enquanto eu continuava subindo e subindo, arrastando minha língua pelo meio de sua garganta e passando-a sobre seu queixo. Nikolai respirava com dificuldade, seu corpo tremendo embaixo de mim. O fato de que eu podia afetá-lo tanto a ponto de ele literalmente tremer me fez sentir tão poderosa.

Estávamos cara a cara, nossos lábios a apenas uma polegada de distância um do outro. Nossos olhares estavam travados, tão focados um no outro, como se fôssemos as únicas duas pessoas no mundo.

Eu senti como se pudesse ficar assim para sempre, perdida em seus olhos azuis ardentes. O tempo parecia parar, e eu nunca quis que ele acabasse.

"É o meu acordo, ou o seu? Sinceramente não consigo lembrar", ele respirou pesadamente, encarando minha boca.

Eu sorri. “Seu.” Eu endireitei minha coluna, ficando de pé e seus olhos se voltaram para meus seios, de repente diretamente na frente dele.

"Esse jogo vai me matar", ele engasgou, lambendo os lábios como se desejasse que fossem meus mamilos.

Meu sorriso se transformou em um sorriso aberto. "Ainda não. Não terminamos." Arrastei meus dedos sobre seu peito duro enquanto me virava e voltava para minha cadeira, sentando-me.

Nikolai limpou a garganta, tentando se ajustar discretamente antes de pegar as cartas. Apesar do olhar desconfortável em seu rosto, eu podia ver que seu humor tinha melhorado. Eu estava tão feliz por isso.

Eu não conseguia nem descrever o sentimento que tomou conta de mim quando vi o quão tenso ele estava, olhando

para seu laptop como se ele tivesse todas as respostas para seus problemas. Eu sabia o quão estressado ele estava. O

quão sem esperança ele se sentia por não conseguir encontrar seu pai. Tudo o que eu queria fazer era fazê-lo se sentir melhor. Tirá-lo daquele lugar escuro em sua mente e puxá-lo para um lugar mais leve. Só porque ele não estava lá para mim quando eu mais precisei dele, não significa que eu não estaria lá para ele quando ele precisasse de mim .

Eu faria qualquer coisa para aliviar o sofrimento emocional que ele estava passando naquele momento. Até me colocaria em uma posição que eu sabia que provavelmente me arrependeria depois.

Ele distribuiu a próxima mão. Peguei minhas cartas, a excitação inundando minhas veias quando as vi. Nikolai era ótimo em pegar meus tells, então tentei o máximo que pude permanecer indiferente para que ele não pegasse nada.

“Última aposta”, ele disse, distribuindo as cartas de substituição. Ele só tinha suas calças e cuecas sobrando, e eu estava nu, exceto pelas meias nos meus pés.

A parte de despir foi apenas um precursor, um trampolim antes da verdadeira diversão começar.

Os desafios.

Nós ainda jogávamos mesmo quando ambos ficamos sem roupas. O objetivo do jogo era fazer a outra pessoa estalar.

Perder o controle. Eu era o campeão reinante, e isso era simplesmente porque eu sabia exatamente o que era preciso para fazer Nikolai quebrar.

Virei minhas cartas primeiro. Royal flush. As sobrancelhas de Nikolai se ergueram em leve surpresa. Ele nem se incomodou em me mostrar sua mão, sabendo muito bem que não conseguiria vencê-la.

Ele se levantou e tirou o moletom, ficando com uma cueca boxer preta. Suas coxas eram enormes; enormes e

transbordando músculos. O apelido “Thunder Thighs”

combinava bem com ele (eu deveria saber, eu inventei).

Então havia a cobra na cueca dele. Ou, mais precisamente, a lata de Pringles, porque era assim que a maldita coisa era grande e grossa. Era monstruosa pra caralho .

Nikolai abriu bem os braços. “Quer que eu vire para você?”

Eu ri e girei meu dedo no ar. “Vá em frente então.”

Ele manteve os braços estendidos e girou lentamente, me dando bastante tempo para aproveitar a obra-prima do seu corpo. Eu definitivamente aproveitei.

Ele me encarou novamente, com um sorriso diabólico nos lábios.

Havia tantos lados diferentes em Nikolai. Seu lado rude e dominador. Seu lado cruel. Seu lado que não aceitava besteira. Mas esse? Seu lado despreocupado e brincalhão?

Era meu favorito. Sem dúvida.

Era um lado dele que ele escondia dos outros. Ele mostrou um pouco disso para seus irmãos, mas mesmo assim, ainda estava parcialmente preso atrás dessa parede impenetrável de contenção. Eu tinha visto isso mais vezes do que eu poderia contar.

“Seu desafio”, ele desafiou, permanecendo de pé.

Eu já sabia o que ia fazer. Fiquei de pé e fui até ele, adicionando um balanço extra nos meus quadris. Nikolai observou, os olhos ligeiramente estreitados em cálculo, como se estivesse tentando descobrir o que eu estava fazendo.

“Eu te desafio a não lamber os lábios”, eu disse, parando na frente dele.

Ele franziu a testa, confuso. “O que—” suas palavras foram interrompidas quando ele viu minha mão se mover para baixo entre minhas pernas. Deslizei 2 dedos dentro da minha boceta encharcada e gemi.

“Tati,” ele rosnou em advertência.

Eu apenas sorri enquanto os bombeava para dentro e para fora algumas vezes, deixando-os bem molhados antes de segurá-los no ar bem na frente dele.

Ele exalou pesadamente, permanecendo mortalmente imóvel enquanto eu esfregava minha umidade em seus lábios. Sua mandíbula ficou tensa, seus olhos tão ferozes e selvagens quanto eu já os tinha visto antes, como uma fera selvagem pronta para atacar.

“Você já está pronta para desistir, moya lyubov' ?” Meu amor? ” Eu sussurrei, chupando meu dedo na boca. O

carinho escapou antes que eu pudesse impedi-lo.

Eu não tinha certeza do que foi que finalmente o fez surtar.

Se foi minha umidade em seus lábios, eu chupando-a do meu dedo ou o fato de que eu o chamei de algo que não o chamava há dois anos. Talvez tenha sido uma combinação dos três. Eu não sabia, e não me importava porra nenhuma.

O ponto era que ele havia surtado.

Ele me pegou, me jogando na mesa com um beijo punitivo e contundente. Ele enfiou a língua na minha boca e gemeu, agarrando meu rosto com força enquanto eu o beijava de volta. Suas mãos estavam em todos os lugares, tocando cada centímetro da minha pele. Ele puxou meus mamilos.

Puxou meu cabelo para trás para morder a lateral do meu pescoço. Me segurou com um aperto punitivo que sem dúvida deixou hematomas na minha pele. Eu vivi para isso.

“Diga que eu posso ter você,” ele implorou, me beijando com força. “Por favor, Tati. Diga que eu posso ter você.”

“Sim, Nikolai, sim. Leve-me. Eu quero você pra caralho.”

“Obrigado, porra.” Ele lambeu meu pescoço e selou seus lábios em volta do meu mamilo, chupando forte. Ele espalmou meu outro seio e apertou. “Porra, eu senti sua falta. Eu senti sua falta pra caralho. Meu lindo amor,” ele disse asperamente, movendo suas mãos para baixo.

Apesar do quanto meu coração inchou com suas palavras, eu sabia que era errado, que eu não podia fazer isso com ele. Não era justo dar a ele falsas esperanças de que algo mais poderia florescer daquilo quando eu sabia que não poderia.

Não havia como negar a atração que compartilhávamos. A conexão, não apenas física, mas mental. Emocionalmente.

Mas eu ainda não confiava nele. Não com meu coração.

“Espere, espere, espere.”

Ele parou instantaneamente, suas mãos congelando em meus quadris. “O que há de errado?”, ele perguntou, olhando para mim.

Engoli em seco nervosamente. “Você sabe que isso vai ser só sexo, certo? Que não vai ser nada mais?”

Suas sobrancelhas se franziram em uma carranca. “O

quê?”

Suspirei, sentindo-me culpado. “Nikolai—”

Ele se afastou de mim e deu três passos para trás.

Sentei-me rapidamente, estendendo a mão para ele.

“Espere, não precisamos parar. Só queria deixar claro.”

“Oh, você tem. Você deixou bem claro,” ele disse entorpecido.

“Nikolai, por favor. Não fique bravo.”

“Não estou bravo, Tati.” Ele pegou suas roupas e começou a vesti-las novamente.

"Você não está?"

“Não.” Ele não parecia bravo, e eu conhecia Nikolai bem o suficiente para saber quando ele estava bravo, então eu estava inclinado a acreditar nele. Mas ele definitivamente era alguma coisa .

“Então o que você está fazendo?”, perguntei, observando-o atentamente. “Não precisamos parar. Ainda podemos nos divertir.”

Ele riu sem humor. "Eu não quero apenas me divertir com você, Tati." Ele ficou na minha frente completamente vestido, olhando para mim com total e absoluta seriedade.

"Eu quero você inteira . Eu quero cada parte sua, não apenas seu corpo ou as partes que você está disposta a dar.

Eu quero tudo . O bom, o ruim e cada momento lindo e precioso no meio. Você não está pronta para me dar isso agora, e eu entendo. Eu entendo. Eu quebrei sua confiança e você está com medo de me deixar voltar. Mas me escute agora, Tatiana Vera Andreeva. Eu nunca vou parar de tentar recuperar o que tínhamos. O que eu destruí. Eu vou esperar minha vida inteira por você. Porque você vale cada segundo dessa espera, não importa o quão agonizante seja."



Capítulo Quinze

TATIANA ANDREEVA

“S O, VOCÊ ACHA QUE ESTÁ pronto para atender seu primeiro cliente?”

Coloquei um sorriso falso enquanto olhava para Belinda, a mulher que estava me treinando no Rise and Grind café, tentando agir mais excitada do que eu realmente estava.

Eu tive o pior sono que tive em muito, muito tempo na noite anterior. Eu estava uma bagunça grande, quente e fodida.

Reprimido por todas as atividades sexuais do nosso jogo de strip poker sem

absolutamente nenhum alívio.

Acredite, eu tentei.

Depois que Nikolai me deixou sentada nua naquela mesa —

algo que eu nunca imaginei que ele faria — eu me retirei para a segurança do meu quarto. Ele tinha todo o direito de parar as coisas antes que elas fossem mais longe. Eu não podia oferecer a ele o que ele queria, embora quanto mais tempo eu passasse com ele, mais meu coração frio descongelasse. Apesar do fato de que eu estava cada vez mais perto de perdoá-lo pelo que aconteceu, eu ainda não conseguia me convencer a confiar nele novamente. Confiar que ele estaria lá para mim quando eu precisasse dele.

Depender dele. Eu não tinha certeza se algum dia conseguiria.

Tomei um banho frio na esperança de que isso aplacasse a excitação ardente que nosso jogo causou. Não adiantou nada. Fui para a cama tão excitado quanto um homem que acabou de tomar uma carga de Viagra.

De manhã, agimos como se a coisa toda não tivesse acontecido, evitando o assunto como uma praga e seguindo com o nosso dia normalmente. Conversamos um pouco, o que não foi nem um pouco estranho, apesar do que aconteceu na noite anterior. Ele me contou sobre seus planos de verificar clientes em potencial para a Bratva, e eu disse a ele sobre o quanto eu estava ansiosa para meu primeiro turno de teste no café.

Fizemos um rápido passeio pelos terrenos do FIT para que eu pudesse ter uma ideia do campus. Fiquei surpreso que ele quisesse vir comigo, para ser honesto. Eu realmente não achei que seria a praia dele. Mas ele me seguiu como se não quisesse estar em nenhum outro lugar.

Ele demonstrou interesse em tudo que eu apontava, tudo que me empolgava. Ele me fazia pergunta após pergunta, mesmo que moda não fosse algo que lhe interessasse nem remotamente.

Apesar de ser extremamente rico, ele se vestia de forma simples — geralmente em preto ou cinza — e muito casual.

Ele não era do tipo que se importava com marcas, roupas de grife. Se servisse,

ele usava. Simples e direto. Suas roupas eram mais práticas do que estéticas. Mas nem sempre funcionava assim. Ele ficava bem em tudo que vestia, independentemente.

Depois de darmos algumas voltas pelo campus e dar uma olhada em algumas das palestras, ele me acompanhou até o café do outro lado da rua, prometendo que voltaria à tarde para me buscar quando meu turno terminasse.

Então passei o dia aprendendo os detalhes do café com Belinda. Aprendi a fazer café (no qual eu era péssima) e a trabalhar no caixa (no qual eu era péssima). E aprendi a carregar uma bandeja corretamente, para não derramar as bebidas ou a comida (no qual eu era realmente boa . Eu tinha equilíbrio perfeito).

Eram todas tarefas mundanas que eu nunca tinha feito antes. Mas eu tinha a vontade e a determinação para refinar essas habilidades, porque eu odiava ser ruim em alguma coisa. Era o perfeccionista em mim.

O café era um lugarzinho boujee com muitos móveis de alta qualidade e uma decoração linda. As mesas estavam bem arrumadas em uma certa ordem que acalmava aquela parte um pouco caótica da minha mente. Aromas de café, chocolate e doces recém assados enchiam o ar. Havia uma certa calma e relaxamento que instantaneamente te dava as boas-vindas e te envolvia. Fazia você se sentir em casa, cercado pelas pessoas que você amava.

A verdade é que eu meio que gostava do lugar. Era todo o aspecto de "servir as pessoas" que estava me dando nos nervos. Os clientes que eu tinha visto passar até agora eram formados em babaquice. Havia alguns legais, claro.

Mas noventa por cento deles eram babacas arrogantes que achavam que ser legal era algo que os garçons não mereciam. E a pior parte? Os garçons simplesmente aceitaram , deixando as pessoas falarem com eles e os tratarem como lixo porque tinham medo de perder suas gorjetas ou seus empregos. Isso era algo com que eu realmente lutaria. Chamar as pessoas quando elas estavam sendo idiotas era algo que eu realmente gostava.

Belinda me cutucou de brincadeira, com um sorriso nos lábios em formato de coração. Ela era a gerente do café e a que me entrevistou antes do turno de teste começar.

Ela definitivamente era o meu tipo de vibe: jovem, mas meio durona, engraçada,

sedutora, perspicaz. Seu senso de humor combinava com o meu perfeitamente. Ela estava vestida com o mesmo uniforme preto que eu, um avental amarrado na cintura. Ela tinha uma pele escura linda e cabelos escuros longos e soltos.

“Vamos lá, você tem que servir alguém eventualmente”, ela brincou, servindo uma xícara de café e colocando-a em uma bandeja. Ela passou para outra garçonete antes de se virar para mim. “Por que você não tenta aquele casal na mesa do canto ali? Eles parecem legais.”

O radar de vulva dela deve estar desligado porque eles definitivamente não pareciam legais. Eu os bati no segundo em que entraram. Ele era arrogante e desagradável, e ela era rude e mal-humorada.

“Talvez não.” Eu conhecia meus limites. Não haveria como me parar se eles me tratassem como uma merda absoluta.

Eu cortaria uma vadia.

“Bem, que pena. Você não escolhe seus clientes. Vá,” ela disse severamente, apontando um dedo. Eu gemi, pegando um dos tablets que usávamos para fazer os pedidos e indo até eles.

“Olá, meu nome é Tatiana. Vou servir você hoje.” O Sr.

Babaca olhou para mim com olhos sebosos. Isso fez minha pele arrepiar pra caralho. “Você quer começar com alguma bebida?”

“Eu quero um latte de caramelo. Creme e três açúcares,” a Sra. Douche exigiu. Porque por favor é muito difícil de dizer. “E duas fatias de torrada de abacate.”

“Sem problemas.” Coloquei o pedido dela no tablet e enviei de volta para a cozinha. “E para você?”

“Café preto e um prato de bacon, ovos e salsichas. Faça rápido. Da última vez, vocês levaram quase dez minutos para trazer minha comida.”

Sim, porque demora para cozinhar, seu babaca. Não aparece do nada, seu viscoso, narigudo e cheio de espinhas

—

“Vou ver se podemos apressar isso para você. Se precisar de mais alguma coisa, me avise.” Peguei os cardápios e

voltei para o balcão, o sorriso falso sumindo do meu rosto no momento em que me virei.

Belinda me deu um sorriso encorajador enquanto limpava a superfície do balcão da frente. “Viu, não foi tão ruim, foi?

Você foi ótimo. Agora, vou fazer os pedidos de bebida deles.

Você pode ir limpar as mesas três e doze? Lembra do que eu disse?”

“Se você tem tempo para se inclinar, você tem tempo para limpar. E é realmente o que Sheldon Cooper diz.”

Ela levantou as sobrancelhas. “Companheiro fã do Big Bang?”

“Isso é colocar de forma branda. Tenho certeza de que consigo recitar cada palavra de cada episódio palavra por palavra.”

“Você deveria vir para a Trivia Night que eles estão tendo no Smoke and Mirrors Bar em algumas noites.” Ela colocou duas xícaras sob a máquina de café, mexendo e girando diferentes mostradores. “Eles têm uma vez por mês, e este mês é no Big Bang Theory. Alguém acabou de sair do meu time e eu tenho uma vaga.”

Franzi a testa. “Eu nunca tinha ido a uma noite de trivia antes.”

“O quê?” ela exclamou. “Meu Deus, agora você tem que vir.

Eles são muito divertidos. Há bebidas, comida medíocre e uma atmosfera muito competitiva. No mês passado, quase houve uma briga de socos.”

“Sério?” Eu arqueei uma sobrancelha, meu interesse oficialmente atingiu o pico. Eu amava uma boa e velha briga de socos. “Conte comigo. Só me avise onde e quando.”

Belinda gritou, pulando para cima e para baixo. “Sim!

Obrigada. Eu não queria entrar com um membro da equipe a menos. Estou determinada a vencer Jessica dessa vez.”

“Quem é Jessica?”

Ela rosnou. “Minha nêmesis. Ela e seu time vencem todo mês. Todo. Maldito. Mês. Estou farta disso. E ela também não é gentil com isso. Ela esfrega isso na minha cara e me provoca com isso. Uma vez, só uma vez, eu quero vencê-la para poder esfregar isso na cara dela .”

Eu sorri. “Não se preocupe, eu vou te ajudar a conseguir sua vitória.”

“Eu sabia que eu e você iríamos nos dar bem,” ela piscou.

“Agora, vá limpar essas mesas enquanto eu termino de fazer essas bebidas. Por favor e obrigada.”

Dei-lhe uma rápida saudação e então fui fazer o que ela pediu. Eu estava na metade do trabalho quando ouvi a voz estridente e irritante da Sra. Douche.

"Ei!"

Levantei meus olhos para ela, continuando a limpar a mesa.

“Sim?”

“Eu pedi meu latte há vinte minutos. Por que diabos está demorando tanto?”

Eles nem estavam no café há vinte minutos.

Saco mentiroso de—

"Vou verificar isso para você", respondi com os dentes cerrados.

“Bem, apresse-se.”

Vou me apressar e quebrar esta cadeira na sua cabeça.

Optei por tomar a opção mais segura e não dizer o que realmente estava pensando, voltando para o balcão.

“Seu rosto parece absolutamente assassino”, disse Belinda, com diversão nos olhos.

“Não sei por quanto tempo mais posso fazer esse trabalho”, respondi honestamente. Eu não era do tipo que morde a língua e não diz o que realmente estava pensando. Se alguém estava sendo uma vadia rude, eu dizia que estava sendo uma vadia rude do caralho. Fim da história.

Os olhos dela cortaram para o relógio pendurado na parede e atrás. “Você está aqui há cinco horas e serviu apenas dois clientes.”

"E eu estava tão perto de dar um soco na garganta deles", eu disse, mantendo meus dedos a apenas um fio de cabelo de distância. "Sério, você ouviu o quão rudes eles foram?

Comandando-me como se eu fosse o maldito servo deles?"

“As pessoas são rudes. Especialmente com os garçons,” ela deu de ombros, colocando duas canecas na minha frente.

“Aqui estão as bebidas deles. Não esqueça de levar em uma bandeja e lembre-se de sorrir. Pode ajudar com a gorjeta.

Você tem um sorriso bonito.”

“Eles podem pegar a gorjeta e enfiar no cu, pelo que me importa”, eu disse com o sorriso mais brilhante no rosto.

Ela riu, balançando a cabeça.

Levei as bebidas até eles e as coloquei na mesa. “Aqui está, rapazes.”

“Já era hora, porra,” resmungou a Sra. Douche. Ela tomou um gole e seu rosto se transformou em desgosto. Ela bateu a xícara de volta, o líquido espirrando por toda a mesa. “Eu disse três açúcares. Três! O quê, você é surdo? Quão difícil é fazer uma xícara de café decente? Tire e faça direito.

Onde está nossa comida?”

Olhei para ela, meus olhos vidrados com uma raiva mortal.

Nem tentei esconder o olhar que tomou conta do meu rosto. Era o olhar que eu tinha logo antes de matar alguém.

Ah, havia tantas coisas naquela mesa que eu poderia usar para fazer exatamente isso. Uma faca. Um garfo. Eu poderia quebrar a xícara de café e usar um caco dela para cortar sua garganta de orelha a orelha.

A Sra. Douche engoliu em seco, nervosa, e baixou o olhar.

Isso mesmo, vadia. Eu sou o Alfa aqui.

“Vou descobrir mais sobre sua comida”, eu disse lentamente.

"O-obrigada", ela resmungou, ainda evitando meus olhos.

Talvez o olhar no meu rosto dissesse a ela que eu era definitivamente capaz de matá-la sem piscar um olho, e agora ela estava preocupada em me irritar ainda mais.

Ótimo.

Entrei na cozinha para perguntar a Jeffery quanto tempo até meus pedidos ficarem prontos. Ele disse que faltavam apenas alguns minutos, então usei esse tempo para limpar o armário de exposição que continha todos os doces, muffins e bolos recém-assados.

O café não estava cheio. Além do Sr. e da Sra. Douche, havia apenas três outros clientes, todos sendo atendidos por outros garçons.

Um ding soou no ar. "Peçam", Jeffery gritou, colocando dois pratos de comida sob as lâmpadas aquecidas do passe. Eu os verifiquei, certificando-me de que eram definitivamente meus pedidos antes de levá-los aos meus clientes. Nenhum deles disse uma palavra para mim quando coloquei a comida deles na mesa.

Como garçom, eu sabia que deveria reconfirmar os pedidos, mas não tinha certeza do que sairia da minha boca, então preferi não dizer nada.

Belinda estava terminando de servir alguém no caixa quando eu estava voltando para trás do balcão. “Você a ameaçou? Ela está branca como um fantasma.”

“Quem? Sra. Douche?” O sorriso no rosto de Belinda me disse que ela não ficaria brava se eu fizesse isso. Que, na verdade, ela acharia bem divertido. “Não com palavras.”

Os olhos verdes dela brilharam. “Você deu a ela uma cara de 'cadela descansando', não foi?”

“Não. Eu dei a ela minha cara de 'vou te matar'.”

Ela riu, sem levar minhas palavras a sério, mesmo que eu estivesse

sendo

completamente

honesto.

"Isso

provavelmente vai custar sua gorjeta."

“Eu não poderia me importar menos”, admiti. “Ela só teve sorte de eu não ter esfaqueado sua garganta.”

Ela riu de novo, seu sorriso lentamente desaparecendo quando eu não ri junto com ela. “Você está... brincando, certo?”

"Não."

O resto dos clientes que tive naquele dia foram agradáveis e gentis. Eles não trouxeram à tona aquele meu lado raivoso e assassino, então isso foi uma vitória no meu livro.

Minha maior gorjeta do dia foi de US$ 7,64. Minha menor foi de US$ 0,50, cortesia do Sr. e da Sra. Idiotas. No total, ganhei US$ 54,17. Meu cérebro correu solto, tentando descobrir como eu pagaria por tudo que precisava pagar se eu só ganharia US$ 50 em gorjetas por dia. Ganhar tudo sozinho seria mais difícil do que eu pensava.

Eu me dava bem com todos os outros trabalhadores, Belinda em particular. Nós

falávamos merda e brincávamos sobre coisas aleatórias durante todo o turno, o que ajudava a fazer o tempo passar mais rápido. Ela não tinha problema em colocar seu boné de "chefe vadia" sempre que precisava, separando o pessoal do profissional. Era uma característica que eu definitivamente admirava.

Por mais que eu odiasse o aspecto de "servir clientes" do trabalho, eu estava me divertindo bastante. Certo, era só o primeiro dia. Mas ainda assim, eu gostava. Esse era meu primeiro emprego, e era bom finalmente fazer algo diferente de fazer compras e assistir TV. Sim, eu estava trabalhando para minha linha de moda. Mas eu nunca tinha trabalhado um dia sequer na minha vida antes, tido um emprego de verdade. Eu nunca tinha ganhado meu próprio dinheiro ou me sustentado.

Então, mesmo com meus pés doloridos, meus sapatos sujos, com comida no cabelo e completamente coberto de suor, eu me sentia ótimo.

“Você fez um bom trabalho hoje”, disse Belinda, tirando o avental e colocando-o na bolsa.

Eram 3 da tarde, e nós dois tínhamos acabado de terminar o dia. A sala dos funcionários estava tomada por conversas enquanto os trabalhadores que chegavam para começar o turno da tarde trocavam de uniforme. Armários abriam e fechavam com força. Sapatos rangiam no chão. Saudações e despedidas foram trocadas. Era tudo um pouco demais, na verdade, como uma sobrecarga sensorial.

“Mesmo que tenha sido apenas um teste, posso garantir que você conseguiu o emprego. Você é esforçado e aprende rápido; duas qualidades que sempre procuro em uma equipe.”

Um peso ansioso que estava me sufocando o dia todo saiu do meu peito. Eu não queria ter que procurar outro emprego. Este era perfeito. A uma curta distância do campus, colegas de trabalho simpáticos e atmosfera agradável. Clientes de merda excluídos.

"Obrigado."

“Posso lhe oferecer três turnos por semana para começar, e então veremos o que acontece a partir daí?” Ela começou a se despir, tirando sua camisa de trabalho e saia.

“Parece bom. Ainda não tenho meu horário de aula, mas assim que tiver te aviso meus dias.”

“Perfeito.” Ela vestiu uma calça jeans skinny e uma regata.

“Você não vai se trocar? Se você for tímida, tem um banheiro logo ali.”

Eu estava muito longe de ser tímido. “Opinião honesta, como estou agora?”

Ela soltou o cabelo e passou os dedos por ele, sacudindo-o.

“Tem certeza de que quer uma opinião honesta? Já me disseram que posso ser bem direta.”

“Dê para mim.”

“Você parece um café da manhã de cachorro. Seu cabelo está uma bagunça crespa. Sua maquiagem está borrada.

Você tem farinha no rosto, o que me deixa completamente perplexo porque você não cozinhou nada hoje. Então como isso foi parar aí? E suas roupas estão cobertas de manchas de comida.”

Eu ri, balançando a cabeça em diversão com suas palavras.

“Perfeito.”

Nikolai achou a ideia de eu conseguir um emprego risível.

Sim, ele me disse que estava orgulhoso de mim, que acreditava em mim. Mas eu sabia o que ele estava pensando, o que ele nunca verbalizaria. Ele não achava que eu conseguiria fazer isso e continuar. Eu queria que ele me visse depois de um dia duro de trabalho com nada além de um sorriso no rosto.

Belinda franziu a testa e abriu a boca para responder, mas foi interrompida por um homem de cabelo azul-petróleo curto que entrou na sala dos professores.

“Venha rápido,” ele ofegou pesadamente. “Nível cinco McHottie no balcão da frente.”

“Nível cinco?” Belinda zombou. “Nunca houve um nível cinco aqui antes.”

“Bom, agora tem”, ele insistiu. Seus olhos se voltaram para mim. “Ei, garota nova.”

“Este é Darren,” Belinda apresentou, ficando de pé. “Ele é o gerente da tarde.”

“Apresentações depois! Você tem que vir dar uma olhada nesse cara antes que ele vá embora. Eu quase desmaiei, entrando pela porta.”

Belinda revirou os olhos. “Você está exagerando. Nível cinco nunca entra nessa merda. Nível quatro, talvez. Mas não— oh meu Deus .” Seus olhos se arregalaram enquanto ela espiava pela pequena fresta da porta da sala dos funcionários, olhando para a loja. “Ele é um Nível cinco.”

“Ok, alguém vai me contar aqui?”, perguntei, observando os dois salivarem por aquele homem misterioso sentado no café.

“Um Nível cinco é o mais quente que uma pessoa pode ser em nossa escala,” Belinda disse, nem mesmo olhando para mim. “Para ser um Nível cinco, ele tem que ser alto—”

“Cabelo escuro—” Darren continuou.

“Musculoso—” Belinda interrompeu.

“Tem aquela vibe perigosa de bad boy—”

“Olhos lindos—”

“Namorado clássico de livro”, Darren concluiu.

Eles ficavam trocando ideias como se estivessem lendo uma linha de uma lista que só eles conheciam.

“Sim! Descrição perfeita. Oh, merda. Aí vem Desiree. É

melhor você sair e atirar antes que ela coloque suas patas pegajosas nele todo”, Belinda disse, cutucando Darren com o cotovelo.

“Nós nem sabemos se ele é gay.” Ele começou a arrumar o cabelo de qualquer maneira, se preparando.

Cansado de não estar envolvido em qualquer merda que estivesse acontecendo agora, eu subi na ponta dos pés para poder espiar por cima das cabeças deles e ver esse misterioso Nível cinco. Revirei os olhos internamente.

Claro.

“Ele não é gay.”

Darren olhou por cima do ombro para mim. “E como você poderia saber disso, garota nova?”

“O nome é Tatiana.”

“Oh, que rude da minha parte”, ele afirmou em um tom sarcástico.

“Não seja um idiota, Darren. Nós gostamos dela,” Belinda disse, piscando para mim.

“Ok, tudo bem. Tatiana , você se importa em explicar como você sabe que o Nível Cinco não é gay? Não é algo que

você pode dizer só de olhar para alguém.”

“É bem verdade.” Voltei para meu armário e peguei minha bolsa, colocando-a sobre meu ombro. “O nome dele é Nikolai, e ele é meu ex.”

Eles ficaram de queixo caído.

“Seu-seu ex?!” Darren arfou. “Seu sortudo filho da puta.

Como você pôde largar um pedaço de costela desse jeito ? ”

Aqueles

sentimentos

familiares

de

ressentimento

começaram a rastejar de volta para mim, como acontecia toda vez que eu pensava no nosso passado. Mas esse sentimento foi rapidamente substituído por raiva quando Belinda falou.

“Oh, merda. Desiree está indo para o beijo.”



Capítulo dezesseis

NIKOLAI VOLKOV

“S O, POR QUE NÃO COMEÇAMOS com quem você é e o que você precisa?”, perguntei, abrindo meu fichário. Corri minha caneta pela página até chegar ao nome que estava procurando.

Alex Delacourt, presidente do Dark Knights Motorcycle Club. Ele comandava o New York Charter e, pelas informações apresentadas na minha frente, ele estava atualmente em uma guerra territorial com outro MC rival

— os Scavengers.

Depois de deixar Tatiana no café para seu turno de teste, fui direto para minhas reuniões com os clientes em potencial que Aleksandr havia mencionado. Foi uma boa distração, algo que eu precisava desesperadamente naquele momento.

A noite passada tinha sido torturante por uma série de razões. Afastar-me de uma Tatiana nua e disposta tinha que ser a coisa mais difícil que eu já tive que fazer. Cada parte do meu corpo literalmente gritava por ela. Eu ansiava por sua pele macia e suave, o gosto de sua boceta, a sensação dela enrolada em volta do meu pau, apertando-o com um prazer quase doloroso. Eu deveria saber que não seria tão fácil, no entanto.

Tatiana estava preparada para me dar seu corpo, mas não seu coração. Sua alma. Partes dela nunca seriam o suficiente para mim. Eu queria cada centímetro do caralho.

Eu queria suas risadas. Seus sorrisos. Sua atitude atrevida

pra caralho. Eu queria ser aquele em quem ela poderia confiar, confiar de novo.

Eu ainda não tinha certeza de como faria isso acontecer.

Até agora, meu único plano era apenas estar lá. Para sufocá-la constantemente com minha presença e provar a ela que eu não iria a lugar nenhum. Que eu planejava estar bem ali, ao lado dela, pelo tempo que fosse preciso para ganhar sua confiança novamente. Ou morrer tentando.

Alex deu uma tragada no charuto nos lábios, soprando um anel de fumaça. Ele estava usando seu corte: um colete de couro preto de motociclista e um par de jeans rasgados. Ele era mais velho. Quarenta e poucos anos, com cabelo castanho curto e olhos cinza-escuros.

"Sua prancheta aí não diz tudo o que você precisa saber, rapaz?", ele perguntou, me lançando um olhar condescendente.

Eu tinha todas as informações disponíveis sobre ele e seu MC, de fontes públicas e privadas. Mas eu queria algo mais do que eu poderia encontrar online ou de boca em boca.

Nós não trabalhávamos com pessoas que não conhecíamos ou em quem não confiávamos. Fazer essa merda te matava, ou pior, te pegava e te jogava na cadeia. Era imperativo que eu descobrisse exatamente que tipo de homem Alex era, se ele era do tipo confiável. O tipo que ficaria de boca fechada e não deduraria de onde ele tirava seus suprimentos se ele fosse pego pela polícia.

Eu nivelei meu olhar nele, encarando-o de cima a baixo. Ele pensou que, por ser mais velho que eu, isso lhe dava o direito de falar comigo como se eu fosse uma criança. De não me dar o respeito que eu merecia. O respeito que minha posição exigia.

Ele limpou a garganta, sentando-se um pouco mais ereto e evitando meus olhos. Disseram-me que as pessoas me

achavam intimidador, especialmente quando eu as encarava por sair da linha.

“Eu sou Alex Delacourt e sou o presidente da Dark Knights Charter aqui em Nova York.”

“Muito bem,” eu assenti. “E que tipo de armamento você está procurando?”

“AK-47s, MP4s, algumas pistolas de tiro único, facas de combate e facas bowie.”

Anotei-os ao lado do nome dele enquanto ele falava, fazendo uma contagem mental do inventário que eu sabia que já tínhamos disponível.

“Estamos no meio de uma guerra territorial no momento e eu os quero para—”

Levantei uma mão no ar, silenciando-o. “Não preciso saber para que você os quer. Só preciso saber quantos e quando você precisa deles.”

“Vou precisar de uma caixa de cada até o final da semana.”

Definitivamente era possível. Tínhamos tudo o que ele estava pedindo e eu poderia facilmente organizar a entrega. A questão permanecia: ele era o tipo de

homem com quem queríamos fazer negócios?

“O depósito para tal pedido seria de cinquenta mil.”

“Depósito?” ele franziu a testa. “Eu nunca precisei pagar um depósito quando trabalhei com Valentino.”

“Valentino assumiu riscos. É por isso que sua bunda está sentada em uma prisão federal agora. A Bratva não assume riscos. Se você quiser trabalhar conosco, será em nossos termos, nossas regras. Você pode aceitar ou rejeitar.”

Seus lábios franziram em desgosto óbvio. Ele estava acostumado a ser o homem no comando, ditando suas próprias regras. Não tê-las impostas a ele. Especialmente por alguém que era seu júnior. Homens como ele odiavam ouvir alguém mais jovem do que eles.

“Ótimo. Vocês têm um acordo. Eu posso te transferir o dinheiro.”

Balancei a cabeça. “Somente dinheiro. Não deixamos rastros de papel.”

A irritação brilhou em seus olhos e ele resmungou baixinho:

"Valentino sempre fez transferências eletrônicas".

Fiz uma anotação rápida e fechei meu fichário, colocando a tampa de volta na caneta. Respirei fundo, batendo os dedos enquanto o estudava atentamente. Meu instinto estava me dizendo que ele não era confiável. Com base nessa pequena interação, percebi que ele agia impulsivamente, que deixava suas emoções tomarem conta dele. Somado ao fato de que ele não gostava que lhe dissessem o que fazer — e tinha problemas em receber ordens de qualquer pessoa mais jovem do que ele — e isso significava que trabalhar com ele era uma receita para o desastre.

Eu só conseguia imaginar o que aconteceria se Lukyan tentasse dizer a ele o que fazer.

Ele era o pior tipo de cliente.

“Vou ser franco com você, Sr. Delacourt. A Bratva não fará negócios com você.”

Ele piscou, esperando que eu elaborasse. Quando não o fiz, sua confusão se transformou em raiva. “Isso é uma piada?

Porque se for, não é engraçado.”

“Eu não brinco.”

Ele se levantou abruptamente, sua cadeira caindo no chão.

"Quem diabos você pensa que é, garoto ?" ele sibilou. Ele pressionou suas mãos contra a superfície da mesa e se inclinou para frente, tentando me intimidar entrando no meu espaço pessoal. "Agora você me escuta, seu merdinha.

Se você acha—"

Pulei e esmaguei seu rosto na mesa, meus dedos agarrando firmemente a parte de trás do seu pescoço. Ele lutou,

grunhindo com excreção, mas o aperto que eu tinha em sua nuca tornou impossível para ele escapar.

“Agora me escute ” , sussurrei sombriamente em seu ouvido, “não aceito ameaças nem ser tratado com desrespeito.” Peguei uma faca e segurei bem na frente de seu olho. Ele enrijeceu, ficando mortalmente imóvel.

“Quero que escolha suas próximas palavras com muito cuidado, Sr. Delacourt, porque o que disser a seguir determinará se sairá vivo ou não daqui.”

Ele engoliu em seco nervosamente, seu olhar fixo na faca a milímetros de distância de perfurar seu olho. Se ele ao menos vacilasse, ele perderia o controle.

“Peço desculpas.”

“Por quê?”, pressionei. Desculpas não significavam porcaria nenhuma a menos que você soubesse pelo que estava se desculpando.

“Por falar com você como merda, ok?! Me solte.”

Eu o segurei por mais alguns segundos, só para que ele entendesse que eu não o estava deixando ir porque ele exigiu. Que eu estava fazendo isso porque eu

escolhi.

Meu aperto afrouxou e ele se jogou para trás, colocando distância entre nós. Eu vi o momento exato em que ele decidiu fazer um movimento passar pelo seu rosto, sua mão se movendo para sua cintura.

"Faça isso e eu te mato antes mesmo que você tenha a chance de sacar essa arma", avisei, meus músculos tensos em preparação.

Sua mão pairou no ar bem ao lado do quadril, seus dedos se movendo para frente e para trás levemente como se ele estivesse ansioso para pegá-la. Ficamos ali, olhando um para o outro como se estivéssemos em um duelo de faroeste à moda antiga, apenas esperando para ver quem faria o primeiro movimento. Ele levaria meio segundo para agarrar sua arma. Mais dois segundos para puxá-la e

apontá-la para mim. Tempo de sobra para eu matá-lo antes que ele disparasse um tiro.

Alex rosnou em frustração, quase batendo o pé enquanto se abaixava. Eu mantive minha guarda alta, observando-o atentamente.

“Você cometeu um grande erro, garoto ”, ele zombou.

“Você não tem ideia de com quem está se metendo. Você nunca mais vai conseguir trabalho nesta cidade. Vou garantir isso.”

“Sério?”, eu disse lentamente. “Acho que Nova York agora será a cidade mais segura do mundo, não é? Já que não haverá mais armas chegando.”

Ele franziu a testa.

“Você parece confuso. Deixe-me elaborar.” Joguei minha faca, a lâmina afundando profundamente em sua coxa.

Ele gritou, caindo no chão e segurando sua coxa, sangue escorrendo por entre seus dedos. "Que porra é essa?!" Ele pegou sua arma e eu corri para frente, chutando-a para fora de sua mão.

Eu o esmaguei de costas com uma bota no peito. “A operação de Valentino desmoronou, e agora reivindicamos seu território. Você sabe o que acontece

quando você interfere nos negócios da Bratva?” Eu apliquei mais pressão, esfregando meu pé profundamente em seu esterno. Ele engasgou, ofegando por ar, suas mãos me agarrando com desespero. “Você morre.” Eu saquei minha arma e a pressionei em sua testa, puxando o cão para trás.

“Espere! Espere! Espere!” ele disse asperamente, suas pupilas engolidas pelo medo. “Por favor.”

Uma palavra como essa vinda de um homem como ele teria sido extremamente difícil de pronunciar.

Eu tinha duas opções diante de mim. Matá-lo ou mostrar misericórdia. Normalmente, misericórdia era algo que eu não possuía. Mas em situações como essa, eu pensava



cinco movimentos à frente. Matá-lo agora sem ninguém para testemunhar, ou entender o motivo, só causaria mais problemas para nós. Tínhamos muita merda para nos preocupar. Não precisávamos adicionar outro inimigo à nossa lista.

Inclinei-me para frente até ficarmos cara a cara, fazendo-o olhar para mim com firmeza nos olhos. “Entenda uma coisa, Sr. Delacourt. Não importa o quão grande ou durão você pense que é, você não é nada comparado à Bratva.

Nosso alcance é infinito. Temos pessoas em todos os lugares, algumas até mesmo dentro da sua própria organização. Se você ficar no nosso caminho, você e todos no seu pequeno clube serão mortos da forma mais horrível que se possa imaginar. E eu tenho uma imaginação muito vívida. Fui claro?”

“S-sim,” ele gemeu.

“Excelente.” Foi muito mais fácil quando eles entenderam a gravidade da situação.

Fiquei de pé em minha altura máxima, finalmente tirando meu pé do peito dele. Ele engoliu uma grande lufada de ar e se encolheu de lado, gemendo de dor. “É uma pena que não pudemos fazer negócios. Uma das poucas coisas que não toleramos é desrespeito, e você teve isso em abundância. Talvez você possa usar isso como uma lição para a próxima vez.”

“Como vão as coisas?”, perguntei a Aleksandr pelo telefone enquanto acelerava pelas ruas do centro de Nova York.

Ele resmungou, a resposta típica que meu irmão dava para praticamente tudo. “O mesmo. Ainda não há notícias do pai ou de Dominik. É como se eles literalmente tivessem desaparecido no ar. Alguma sorte do seu lado?”

“Nenhum.” Troquei de faixa e virei à direita, minhas mãos deslizando sobre o volante. “Nenhum dos meus programas de reconhecimento facial captou nada. Milhares de possibilidades, mas é só isso.”

“Você acha que é possível que eles tenham deixado o país?”

“Não. Tenho todos os nossos contatos nos aeroportos em alerta máximo para ele, e ele não tem um avião particular.

Ele poderia tentar alugar um, mas eu sinalizei isso. Se alguém tentar fretar um avião que corresponda à descrição dele, serei notificado.”

“Então onde diabos ele está?” Aleksandr rosnou. Algo fez barulho no telefone, provavelmente meu irmão chutando ou batendo em algo por pura frustração. Então uma voz leve e feminina começou a gritar com ele em espanhol. Drea.

"Eja de romper mierda. Acabo de limpiar el piso, imbécil!"

Pare de quebrar merda! Acabei de limpar o chão, idiota!

"É minha casa maldita, eu romperei tudo o que eu quero romper!" É a minha maldita casa. Eu quebro tudo o que eu quiser quebrar! Ele gritou de volta em espanhol.

"Você quer dormir fora?! De um puto mundo mais." Você quer dormir lá fora?! Diga mais uma maldita palavra.

Meu irmão resmungou baixinho: "Você não pode me fazer dormir lá fora, sua louca."

"¿Que foi isso?!“ O que foi isso?!

“Nada!” ele rosnou.

"Isso é o que eu penso." Foi o que eu pensei.

Eu ri, a conversa inteira me divertindo pra caramba. "Ela é uma mulher briguenta, não é?"

“Você nem sabe da metade, pirralho mladshiy, irmãozinho

.”

“Mas você parece feliz. Tirando todos os gritos, claro.”

“Estou feliz. Bem, tão feliz quanto posso estar, dado tudo o que tem acontecido ultimamente. Como foram as reuniões com clientes em potencial?”

Contei tudo a ele. Só tive tempo de me encontrar com dois deles até agora. Alex Delacourt e Max Ines. Alex não era alguém com quem trabalharíamos, agora ou

no futuro, mas Max era. Ele era respeitoso, não tentava sair do lugar ou me ditar como as coisas deveriam ser feitas e não parecia o tipo de pessoa que delataria seus fornecedores.

“Tudo bem, então vamos organizar um pedido para Max e Alex está fora. E os outros três?”

Entrei no estacionamento subterrâneo do complexo de apartamentos e estacionei o carro, mas mantive o motor ligado. “Ainda não tive a chance de sentar com eles, mas farei isso em algum momento nos próximos dias.”

“Corra com isso. Preciso de você de volta aqui em três dias.”

"Para quê?"

“Você realmente precisa que eu te lembre?”

Franzi o cenho. Do que ele poderia estar falando? Então me ocorreu.

“Ah.” A culpa me sufocou.

“Não se sinta culpada,” ele disse instantaneamente. Meu irmão me conhecia muito bem. “Tem acontecido tanta merda ultimamente. Não estou surpreso que você tenha esquecido. Você só precisa ficar aqui esta noite, então pode voltar para Tatiana na manhã seguinte.”

“Claro que estarei lá.”

Mesmo que ele tenha me dito para não me sentir culpado, eu ainda me sentia. Que tipo de filho esquece o aniversário da própria mãe? Virou uma tradição de família passar o

aniversário dela juntos. Nós todos nos sentamos comendo junk food e assistindo a todos os seus programas de TV

favoritos. Seria a primeira vez em sete anos que meu pai não estaria lá. A tradição só começou depois que ele voltou de sua matança.

“Eu sei que você ficará nervoso em deixar Tatiana—”

“Não, não, está tudo bem”, interrompi. “As coisas progrediram e na verdade temos um plano em andamento para capturar Franco e alguns de seus homens. Não está definido para acontecer por mais uma semana, então tenho tempo. Não há nada que Tatiana possa fazer até lá, então, em termos de tempo, é realmente perfeito. Ela estará apenas se preparando para as aulas e trabalhando no café.

Nada muito perigoso que exija um guarda-costas.”

“Desculpe, pensei ter ouvido você dizer que ela está trabalhando em um café?”

“Eu fiz. Foi o que eu disse.”

“Tatiana?”

"Sim."

“Tatiana Andreeva ?”

“Existe outra Tatiana que você conhece que eu não conheço? Sim, a porra da Tatiana Andreeva.”

Um momento de silêncio… e então uma gargalhada completa. “Você está brincando.”

“Cale a boca antes que eu voe até aí e arranque seus dentes”, rosnei. “Ela está indo sozinha e isso merece um respeito do caralho. Estou orgulhoso dela e—”

“Calma, calma. Sinto muito por ofender sua mulher. Foi uma reação impulsiva. Imaginar ela em um café fazendo café e servindo pessoas? Vamos lá, tenho certeza de que até você riu dessa imagem.”

“Não, porra, eu não fiz isso.”

Mentiroso .

"Uh-huh. Certo." Ele sabia que eu estava falando merda.

“Tinha mais alguma coisa que você queria? Ou sua missão foi cumprida agora que você me irritou?”

“Missão cumprida. Vejo você em três dias.”

“Na verdade, antes de você ir, Drea está aí?”

“Por quê?” ele perguntou desconfiado.

“Eu só preciso perguntar uma coisa a ela. Conselho de menina, sabe?”

Eu conhecia meu irmão bem o suficiente para saber que ele estava estreitando os olhos.

“Coloque ela na porra do telefone, Zander.”

“Tudo bem. Malyshka! Aqui, Nikolai quer falar com você.”

Ouvi um farfalhar no telefone, então ouvi a voz dela.

“Ei. O que está acontecendo?”

“Você quer me colocar no viva-voz para que Aleksandr possa me ouvir também?”

“Ok. Aí está. O que foi?”

“Aleksandr te chamou de louca e disse que você não conseguia fazê-lo dormir lá fora.”

“Ei!” Aleksandr gritou.

“Ah, é mesmo?” Drea falou lentamente. “O que mais ele disse?”

“Cale a boca, Nikolai!” ele gritou, sua voz ficando cada vez mais suave a cada palavra, como se o telefone estivesse se afastando dele. “Drea, volte aqui e me dê esse telefone!”

Eu ri e desliguei. É isso que você ganha por tirar sarro da minha mulher.

Drea era definitivamente uma mulher do tipo "sem frescuras". O tipo que não tolerava nenhuma porcaria do parceiro, mesmo que ele fosse cinco vezes maior que ela.

Eu esperava que ela fizesse a bunda dele dormir lá fora.

Ahhh, que visão seria essa.

Desliguei o motor e saí do carro, esticando meu corpo com um gemido. O dia tinha sido longo e tedioso, e eram apenas 2 da tarde. Mas foi em parte minha culpa. Eu tinha tentado

enfiar tanta coisa em tão pouco tempo que estava me movendo sem parar desde que acordei naquela manhã. Mas eu estava determinado a ter sucesso e terminar o plano que eu tinha bolado tarde da noite, e nada iria me parar.

Abri o porta-malas e olhei para dentro, com as mãos na cintura. Eu só tinha uma hora antes de ter que ir buscar Tatiana. Como diabos eu vou fazer isso?



Capítulo dezessete

TATIANA ANDREEVA

EU NÃO SABIA QUEM era essa vagabunda Desiree. Eu nunca a conheci, então ela deve ter vindo com a turma da tarde. Mas eu tinha um pressentimento, baseado no que Belinda disse, que ela era a mulher cujos lábios estavam se movendo em direção a Nikolai.

Ah, porra, não.

Saí da sala dos funcionários, indo direto para eles. Claro, eu entendia o quão injusta era minha raiva e ciúmes.

Nikolai e eu não estávamos juntos por minha causa .

Eu disse a ele inúmeras vezes que nada significativo aconteceria entre nós novamente. Que eu estava desesperada para seguir em frente com ele. Então eu não tinha o direito de interferir com ele e outra mulher. Eu sabia disso. Entendi . E eu não dava a mínima. Eu não me importava que fosse irracional. Eu não me importava que fosse injusto. Eu não me importava que isso me fizesse parecer a ex-namorada psicopata.

Nikolai sempre seria meu , e eu não queria outra mulher sequer respirando o mesmo ar que ele. Muito menos tocando-o, beijando-o.

Desiree era uma mulher baixa e curvilínea, com cabelos longos e escuros. Ela era linda, com maçãs do rosto altas e sobrancelhas perfeitamente desenhadas. O tipo de mulher que qualquer homem adoraria ter em mãos.

Exceto por Nikolai. O aborrecimento em seu rosto era tão claro quanto um céu azul sem nuvens. Ele estava sentado

no balcão da frente quando saí da sala dos funcionários, os antebraços firmemente plantados na superfície e o corpo curvado para frente. A rigidez em seus ombros mostrava o quão desconfortável ele estava quando Desiree se inclinou em sua direção, tentando plantar um beijo em sua bochecha.

Ele se levantou abruptamente e recuou. “Eu disse para você recuar. Não estou interessado,” ele sibilou, vibrando de raiva.

Vê-lo rejeitar de cara essa linda mulher que vinha até ele me deixou toda tonta

por dentro. Isso significava que ele não estava de forma alguma retribuindo os avanços dela.

“Bem, isso é simplesmente ridículo. Todo cara está interessado em mim.” Os quadris dela balançavam demais , rondando em direção a ele.

Os olhos de Nikolai se voltaram para mim quando cheguei atrás dela, suas feições se transformando em angústia, como se ele estivesse com medo de que eu pensasse que algo estava acontecendo entre eles. “Tati—”

“Ele disse que não está interessado, Half-Pint. Precisa que eu soletre para você?”

Desiree se virou. “Sinto muito, e você?”

“Eu sou a pessoa que vai esmagar sua cara naquela vitrine se você não der marcha ré.”

“Rawrr, nós temos uma briga de gatinhos”, Darren cantou, estalando os dedos no ar.

Belinda abriu caminho entre Desiree e eu. “Ok, por que não nos acalmamos? Desiree, vá se trocar para seu uniforme.

Seu turno já começou. Tatiana, recolha suas garras e leve seu brinquedo para casa. Darren, cale a boca e vá fazer seu trabalho.”

“Sim, senhora. Você sabe que eu adoro quando você fica toda mandona”, ele piscou. Ele agarrou o braço de Desiree e começou a levá-la para longe, mas nossos olhares

permaneceram travados, como dois predadores de ponta prestes a ter um confronto.

Belinda estalou os dedos a uma polegada de distância do meu rosto, chamando minha atenção para ela. “Haverá muitas outras oportunidades de brigar com ela. De preferência, não no local de trabalho. Um conselho, no entanto? Não traga o Nível Cinco aqui. Desiree é o tipo de pessoa que não dá a mínima se você é namorada dele ou não. Ela vai tentar transar com ele de qualquer maneira.”

"Eu não sou namorada dele", afirmei automaticamente, as palavras parecendo

venenosas na minha língua.

“Bem, você é alguma coisa. A maioria das pessoas não age assim, a menos que __”

“Sem querer ofender, mas isso não é algo que eu queira falar com uma garota que acabei de conhecer.”

Ela colocou uma mão no peito fingindo mágoa. “Ah, e eu aqui pensando que estávamos bem no caminho para nos tornarmos melhores amigas.”

Eu zombei. “Eu tenho uma melhor amiga, e ela é do tipo ciumenta.”

“O quê? Ela vai me matar por ser sua amiga ou algo assim?”

"Você e eu."

A risada dela me fez pensar que ela pensou que eu estava brincando. Eu não estava. Não é como se eu não pudesse ter outras namoradas. O lugar para a primeira, no entanto, foi firmemente tomado por uma louca, empunhando uma faca, ligeiramente errática, Princesa Bratva que virou Rainha Cosa Nostra. E eu não faria de outra forma.

“Você está brincando de novo, certo?” Belinda perguntou com olhos nervosos.

Olhei para Nikolai. “Ela é sua irmã. O que você acha? Estou brincando?”

“Não”, ele respondeu sem rodeios.

Os olhos dela dispararam entre nós antes de pousar em mim. "Sabe, esta é a segunda vez que você menciona matar alguém. Se eu não soubesse melhor, pensaria que você era realmente um assassino", ela riu, ainda se recusando a ver o que estava bem na frente dela. Acho que era de se esperar. A maioria das pessoas achava a ideia de assassinar alguém absolutamente abominável. Eu, por outro lado?

Achei divertido.

“Certo, vá”, ela continuou. “Eu tenho seu número, te mando uma mensagem com os detalhes da Trivia Night mais tarde.”

Quando Nikolai e eu entramos no carro e fomos para casa, ele falou.

“Você sabe que não estava acontecendo nada, certo? Com aquela mulher. Eu disse a ela que não estava interessado, mas ela continuou—”

“Nikolai, relaxa,” eu disse, interrompendo-o. Apesar de quão fofo ele era quando divagava, eu não gostava de vê-lo tão assustado. “Não importa se algo estava acontecendo.

Eu não deveria ter reagido do jeito que reagi. Eu não tenho o direito—”

“Você tem todo o direito.”

“Não, Nikolai. Não. Você é livre para falar com quem quiser.”

Ele tirou os olhos da estrada para olhar para mim. “É uma coisa boa que a única pessoa no mundo com quem eu quero falar esteja aqui comigo, então, não é?”

Borboletas floresceram em meu coração. Para um homem de tão poucas palavras, ele certamente sabia como usá-las.

“Como foi seu primeiro turno, afinal? Não vi nenhum policial lá fora, então presumo que você não esfaqueou ninguém?”

“Precisei de cada grama de força de vontade que eu possuía, eu te digo isso.” Contei a ele sobre meu dia e ele

me contou tudo sobre o dele. A coisa toda foi muito...

normal. Como um marido e uma esposa tendo uma longa conversa e colocando o papo em dia no fim do dia.

Eu o observei atentamente enquanto ele falava, admirando-o. A maneira como seu corpo se movia enquanto ele trocava de marcha. O som profundo e barítono de sua voz. Eu poderia observá-lo por horas e nunca me cansaria. Tudo o que ele fazia me cativava, fazia meu coração bater como uma britadeira no meu peito.

Um pensamento passou pela minha mente, espiralando em um devaneio. Eu não tinha forças para pará-lo. Nós dois juntos. De mãos dadas. Beijando. Adormecendo um ao lado do outro, enrolados nos braços um do outro. Comprar

uma casa juntos. Casar. Ter filhos—

A dor me apunhalou como uma adaga no coração e eu respirei fundo. Eu quase conseguia sentir o peso do nosso filho em meus braços, a memória era tão real, tão vívida que eu tive que olhar para baixo para ter certeza de que não estava realmente acontecendo. Ele não estava lá, mas eu conseguia imaginá-lo como se estivesse. Enrolado em um cobertor azul-bebê macio, seus olhos fechados como se estivesse dormindo. Apenas dormindo.

A dor no meu coração aumentou de uma leve pulsação para uma angústia pura e crua, me paralisando. Meus olhos se encheram de lágrimas e elas caíram antes que eu pudesse contê-las, molhando minhas bochechas. Deus, eu sentia falta dele. Eu sentia tanta falta dele que doía fisicamente.

Sem ele, eu sentia como se metade de mim estivesse faltando. Metade da minha alma se foi. Eu não conseguia respirar e temia morrer de dor. Como ainda podia doer tanto?

Nikolai parou no meio da frase, seus olhos em mim. “Tati,”

ele sussurrou preocupado. Ele rapidamente entrou no estacionamento subterrâneo e desligou o motor, pulando

para fora do carro. Ele correu para o meu lado, escancarando a porta e agarrando meu rosto, me forçando a olhar para ele.

"Vse v poryadke, lyubov' moya. YA zdes'. YA prav zdes.“

Está tudo bem, meu amor. Estou aqui. Estou bem aqui.

Ele não precisava que eu lhe dissesse o que estava errado.

Por que eu estava chorando. Ele simplesmente sabia .

Como sempre fazia.

As lágrimas aumentaram, turvando minha visão a ponto de eu não conseguir nem enxergar. Eu teria dado qualquer coisa para ouvi-lo dizer essas palavras naquela época. Para tê-lo me segurando como ele está agora, me emprestando sua força. Me ajudando a superar a dor. Me apoiando. Isso é tudo que eu sempre

quis.

A agonia de não só perder Nikolas, mas ser abandonada pela única pessoa que deveria estar sempre lá para mim, me cortou tão mal quanto naquela época. Minha dor se transformou em raiva. Era uma emoção muito mais simples de lidar, então eu a abracei. Acolhi-a.

"Não." Dando um tapa em suas mãos, desafivelei meu cinto de segurança e saí, certificando-me de pegar minha bolsa antes de bater a porta.

“Você está bem—”

“Eu disse não, Nikolai. Apenas vá embora. Eu não quero você aqui.” Eu ia me afastar, mas ele agarrou meu braço, me parando.

“Eu não me importo se você não me quer aqui. Você pode me bater, gritar comigo, me empurrar para longe, mas eu não vou a lugar nenhum . Você me ouviu, Tatiana? Não importa o que você diga ou faça. Eu. Não. Vou. A. Lugar.

Nenhum.”

Nós

nos

encaramos,

nossa

respiração

pesada

completamente sincronizada. Ele olhou para mim com seriedade completa e absoluta, olhos queimando com

determinação, com a vontade de me fazer ver a verdade em suas palavras.

“Eu vou te provar que você pode confiar em mim com seu coração, Tati. Eu não vou te decepcionar de novo.”

Eu não sabia bem o que dizer de volta. A raiva tinha se dissipado, deixando apenas a dor para trás. Eu não queria lidar com isso, então eu simplesmente fui embora. Ele me deixou ir, mas manteve o ritmo comigo, ficando bem ao meu lado enquanto subíamos de elevador até o sétimo andar e entrávamos no apartamento. O que eu vi quando entrei no meu quarto me chocou, me fazendo congelar na porta.

“O que… o que é isso?” Caixas e caixas e caixas estavam empilhadas na minha cama. Tantas, que eu nem conseguia contar todas. As palavras “Christian Louboutin” estavam rabiscadas do lado de fora delas. Eram sapatos.

"Eu não tinha certeza de qual cor você queria", Nikolai disse suavemente, parando tão perto de mim que eu podia sentir sua respiração soprando na minha nuca.

Meus olhos percorreram todas as caixas. “Então você, o quê, pegou todas elas?”, perguntei incrédula.

"Sim."

“Nikolai.” Olhei por cima do ombro. “São sapatos de cinco mil dólares. Cada um.”

"Então?"

“Eu—” As palavras me escaparam. Ele realmente entrou em uma loja e comprou tudo isso? A imagem por si só era incompreensível. Nikolai... fazendo compras? O fato de ele fazer isso quando eu sei o quanto ele odiava fazer compras significou ainda mais para mim. Ele se colocou completamente fora de sua zona de conforto... puramente por mim.

Eu sabia que a coisa mais inteligente a fazer era provavelmente não aceitá-los, fazê-lo pegá-los de volta. Mas

foda-se. Eles eram meus agora.

“Você não precisava fazer isso.”

“Isso te deixou feliz?” ele sussurrou suavemente.

"Sim."

“Então sim, eu fiz.”

O desejo avassalador de beijá-lo me agarrou com força. Às vezes ele conseguia ser tão doce pra caralho. E na maioria das vezes, era completamente involuntário. Ele não fazia essas coisas, querendo ser doce. Ele só fazia porque, para ele, era algo natural de se fazer. Ao dizer isso, porém, ele era extremamente seletivo sobre para quem mostrava esse lado de si mesmo. Eu nunca o tinha visto fazer algo assim para mais ninguém.

Qualquer um.

E, porra, se isso não me fez sentir especial pra caramba.

“Obrigado por isso. Eu realmente não sei o que dizer.”

“Você não precisa dizer nada. Eu faria qualquer coisa por você.”

Meu coração se aliviou, um pouquinho da minha alma se curou com suas palavras e o que elas significavam.

Eu andei até a cama, passando meus dedos sobre as caixas.

“Não tenho ideia de onde vou colocar todas elas.”

Nikolai se inclinou casualmente contra o batente da porta.

“Verifique o seu mais próximo.”

Franzindo a testa, fui até o closet do outro lado do quarto, me congelando no local pela segunda vez em cinco minutos. Armários de sapatos do chão ao teto agora se alinhavam no interior do closet, algo que não estava lá quando saí esta manhã. Havia espaço suficiente para caber cada par de sapatos que ele tinha me dado... e mais um pouco.

“Você instalou armários para sapatos?”

“Não. Eu os construí.”

“Você o quê?” Esse homem continuou a me surpreender a cada momento.

Ele deu de ombros, evitando meus olhos como se de repente estivesse envergonhado. Mas isso não podia estar certo. Eu nunca tinha visto Nikolai envergonhado antes.

“Quando você teve tempo para fazer tudo isso?”, perguntei, ainda em choque.

“Voltei aqui depois de deixar você. Levou a maior parte do dia para construir. Então fui para minhas reuniões, comprei quase toda a loja Christian Louboutin, voltei aqui para deixar seus sapatos e então peguei você.”

Isso significava que ele tinha praticamente corrido sem parar o dia todo. Que ele provavelmente tinha trabalhado até a beira da exaustão. Tudo por mim. Para me dar algo porque ele queria me fazer feliz.

Ele continuou destruindo aquela parede que eu mantinha entre nós. Logo ela ruiria completamente, e eu não tinha certeza se teria forças para reconstruí-la.

Eu nem pensei que queria.



Capítulo dezoito

NIKOLAI VOLKOV

“H VOCÊ JÁ OUVIU FALAR DOS jogos Til Death?”

Franzi a testa, olhando para Mikhail por cima do ombro do meu irmão. Era meio-dia e estávamos no escritório de Aleksandr. Tatiana e eu tínhamos chegado em casa cedo esta manhã para o aniversário da minha mãe.

Fiquei surpreso quando ela se ofereceu para voltar comigo.

Na verdade, "oferecer" era uma palavra muito branda. Ela exigiu . Não aceitaria um não como resposta, na verdade.

"Você andou dando uma olhada nas mercadorias do Arturo?

Porque você deve estar chapado pra caramba se acha que eu não vou estar lá pra você ou pra minha melhor amiga num dia como esse." Então ela vomitou em cima dos meus sapatos.

Tatiana nunca conseguiu lidar muito bem com álcool. Ela tomou dois coquetéis e meio na Trivia Night que fomos ontem à noite, e puf — entra Tatiana bêbada.

Acho que foi uma combinação do fato de que ela raramente bebia e sua tolerância extremamente baixa ao álcool. Foi uma boa coisa eu ter organizado pegar nosso avião particular para o voo, porque eu duvidava muito que uma companhia aérea regular a deixaria embarcar nas condições em que ela estava.

Ela passou o voo inteiro roncando na cabine. Não que ela fosse acreditar nisso. Ela estava convencida de que não roncava. Mesmo quando eu mostrei a ela uma prova concreta com um vídeo dela dormindo, com a boca aberta e

roncando tão alto que parecia um trem descarrilando, ela ainda negou.

“Não sou eu. Você editou.” Então ela se virou e voltou a roncar.

A voz do meu irmão me puxou de volta para o presente.

“Não, eu deveria ter feito isso?”

“É um torneio estilo gladiador, de luta até a morte, que acontece uma vez por ano em uma ilha remota na costa da Europa. Líderes mundiais, políticos e os incrivelmente ricos se reúnem para assistir e fazer apostas sobre quem vencerá.”

Aleksandr olhou por cima do ombro para mim com olhos questionadores. Dei de ombros. Nunca tinha ouvido falar de algo assim antes. Mas não fiquei surpreso ao ouvir que Mikhail sabia disso. Aquele homem tinha os dedos mergulhados em tudo. Ele não era um homem de quem eu tinha medo, mas ele definitivamente era um que exigia cautela. Ele era uma das poucas pessoas que tinham permissão para entrar na propriedade sem aprovação prévia. Então, eu geralmente não ficava surpreso quando ele simplesmente entrava direto pela porta da frente.

Desta vez, no entanto, foi diferente. Durante sua última visita, ele deu um soco no rosto de Aleksandr depois de ouvir sobre o que aconteceu com seu filho.

Tendo perdido um filho, eu entendi melhor do que ninguém o que ele estava passando. Essa foi a única razão pela qual deixei o ataque passar sem retaliação. Se tivesse sido qualquer outra pessoa, no entanto, eles teriam morrido antes que seu braço voltasse para o lado.

Era meu trabalho proteger Aleksandr. Não só porque ele era agora meu Pakhan , mas porque ele passou a vida inteira cuidando de mim e dos meus irmãos. Era minha vez de cuidar dele . As chances de Mikhail fazer qualquer outra

coisa eram mínimas. Mas eu ainda me recusei a baixar a guarda, observando-o como um falcão.

“O homem que supervisiona os jogos se chama Talon”, Mikhail continuou. “Algumas semanas antes dos jogos começarem, ele envia uma lista de quem estará competindo, junto com suas estatísticas. Dessa forma, as pessoas podem tomar decisões informadas sobre suas apostas. Ele envia pequenas prévias do que os lutadores são capazes. Vídeos deles lutando, etc., etc..”

“Como corridas de cavalos?”, perguntei.

“Sim, mas com pessoas em vez disso.” Ele puxou um tablet, iniciando-o. “Essas pessoas nos jogos nem sempre estão lá voluntariamente. Algumas estão, mas a maioria delas não.

Elas foram traficadas especificamente para entrar nos jogos, para torná-los mais divertidos. Boxeadores.

Lutadores do UFC. Fuzileiros. Pessoas que garantiriam uma boa luta.”

Meu cérebro juntou as peças como um quebra-cabeça enquanto ele falava. Por que ele estava lá, quando tenho certeza de que era o último lugar onde ele queria estar. Por que ele estava trazendo à tona um jogo de luta até a morte do qual nunca tínhamos ouvido falar antes. O fato de ele ter mencionado que as pessoas eram forçadas a lutar contra sua vontade.

Tudo começou a fazer muito sentido.

“Eu nunca fui aos jogos, mas recebo notificações quando um novo está prestes a começar”, ele continuou. “Recebi este e-mail criptografado ontem. Ele contém a lista para este ano. É uma pequena prévia do que está por vir. Este é um clipe de

um dos lutadores sendo colocado nos jogos.”

Ele entregou o tablet para Aleksandr. Estava pausado em um vídeo.

Eu sabia o que isso mostraria, mas me inclinei mais para perto, mesmo assim, precisando ver por mim mesmo se o

que eu estava pensando estava certo. Foi uma daquelas vezes em que eu estava desesperadamente torcendo para estar errado.

Quem editou o vídeo fez questão de manter rostos fora dele, mostrando apenas clipes cortados juntos de golpes brutais, braços balançando, punhos conectando com carne macia, pernas voando pelo ar. Talvez fosse para construir o suspense, esperando até o último momento possível para revelar os lutadores, garantindo assim a atenção completa e total dos espectadores.

Definitivamente funcionou. Meus olhos estavam grudados na tela, catalogando tudo o que eu via, esperando por aquele pequeno detalhe que confirmaria minhas suspeitas.

O comentarista narrou o que estava acontecendo enquanto acontecia. "Oh, que uppercut brutal!", disse a voz masculina, com uma multidão de pessoas aplaudindo ao fundo. "Não acho que ele vai se levantar dessa, pessoal!

Oh, espere, ele vai tentar de novo! Que luta!" Um estalo ensurdecedor soou pelo alto-falante, tão alto que pôde ser ouvido sobre a multidão rugindo quando um par de mãos agarrou a cabeça de um homem e torceu bruscamente, quebrando seu pescoço em um movimento limpo. "E nós temos um vencedor!"

A câmera se afastou, mostrando um homem parado no meio do ringue, costas brilhando de suor e músculos salientes.

Ele largou o homem morto em seus braços e se virou para encarar a câmera.

Exalei em derrota.

“O vencedor, senhoras e senhores, é o Açougueiro Bratva!”

A multidão ficou absolutamente louca. Gritando, cantando, batendo palmas. A câmera ficou no meu pai por mais alguns segundos e eu gravei cada detalhe na

memória. O

sangue escorrendo pela lateral da cabeça dele. A raiva

queimando em seus olhos. A subida e descida pesadas do peito dele enquanto ele respirava com dificuldade.

A tela ficou preta.

“Porra,” Aleksandr xingou. Ele deslizou pela tela, indo para outro vídeo, mas esse era de outra pessoa. “Tem mais algum?” ele perguntou, continuando a deslizar e deslizar.

“Não.” Mikhail pegou o tablet de volta. “Esse é o único de Dimitri. O resto é dos outros competidores.”

"Quantos?"

“Vinte e quatro no total.”

“Por que eles enviaram isso para você ?”, perguntei, me aproximando.

“Talon e eu temos um pouco de…rivalidade, eu acho que você poderia dizer. Nós fomos para o internato juntos. Eu, ele e seu pai. Nós todos costumávamos ser amigos, na verdade.”

“O que aconteceu?” Aleksandr questionou.

“A mesma merda que sempre acontece em escolas elitistas como essa. Ele achava que era dono da escola e de todos nela, incluindo Dimitri e eu. Nos primeiros anos, ele não era tão ruim, mas quando éramos veteranos, ele tentava nos dar ordens como se não passássemos de cães trabalhadores.”

Eu zombei, balançando a cabeça. Não havia como meu pai deixar uma criança qualquer pisar nele daquele jeito, mesmo quando ele era tecnicamente uma criança. Ele tinha muito orgulho, mesmo naquela idade.

“Nossa reação exatamente”, Mikhail disse, apontando para mim. “Nós brigamos feio no último ano. Talon é do tipo que ama o controle. Ele prospera na habilidade de fazer os outros fazerem o que ele quer que eles façam através do

medo e da intimidação. Essa merda não funcionou conosco.

Seu pai é filho de um dos homens mais brutais da Rússia. E

eu? Bem, eu odeio que me digam o que fazer. Então,

quando não seguimos cegamente a linha como todos os outros, as coisas ficaram violentas. Ele ateou fogo no nosso dormitório... conosco dentro dele."

"Jesus Cristo", Aleksandr explodiu.

"Tivemos que pular da nossa janela de quatro andares para escapar. O filho da puta tinha barricado a porta para que não pudéssemos sair. Dimitri quebrou a perna e eu quebrei três costelas e desloquei meu ombro. Talon recebeu uma semana de detenção como punição."

"Uma semana de detenção? ", repeti, minha voz se elevando em exclamação. "Por quase matar dois estudantes?"

"Talon vem de uma família rica antiga . O tipo de dinheiro que pode fazer os problemas desaparecerem num piscar de olhos. O pai dele é dono de várias grandes empresas de petróleo e simplesmente jogou dinheiro na escola até que tudo foi esquecido." Mikhail passou a mão pelo cabelo loiro, afastando-o do rosto. "Depois da formatura, ele foi para a Europa. Não ouvi o nome dele de novo até alguns anos atrás. Ele já tinha construído seu próprio império naquela época, construído inteiramente com o dinheiro do pai. Ele comprou sua própria ilha particular. Pelo que ouvi, ele nunca vai embora."

Aleksandr se inclinou para frente, cotovelos apoiados na mesa. ""Onde fica? Esta ilha?"

"Seu palpite é tão bom quanto o meu. Estou tentando encontrá-lo desde o primeiro momento em que descobri sobre ele."

"Você não disse que os jogos são realizados nesta ilha?", perguntei com uma carranca. "Então alguém em algum lugar deve saber onde é."

"Você pensaria, não é?" ele suspirou, recostando-se. "Seus protocolos de segurança estão fora de série. Você precisa de um convite para embarcar no avião que o leva para um

local não revelado. De lá, você é levado para uma doca e colocado em um barco que o leva para outro barco, e depois para outro barco. Tudo isso com os olhos vendados para garantir que você não tenha a mínima ideia de para onde está indo."

"Fale sobre minucioso", Aleksandr resmungou.

"E o e-mail é o convite?" Eu imaginei.

"Há um código QR anexado ao e-mail que é específico para cada pessoa. Ele contém uma foto do destinatário, então, uma vez escaneado, eles podem verificar se você é o portador do convite."

"Você parece saber muito sobre o processo," Aleksandr disse, cruzando os braços sobre o peito. "Explique uma coisa para mim. Você nos disse que vocês são rivais. Que esse cara tentou te matar . Então, como é que você sabe tanto sobre essa coisa toda? E conseguiu receber um convite para sua ilha particular elusiva?"

"Porque Talon está tentando se exibir", respondi.

As sobrancelhas de Mikhail levantaram-se ligeiramente em surpresa.

"Ele precisa de você lá fora para que ele possa acenar com as mãos e dizer: 'Olhe para toda a minha merda. Merda que você não tem'."

"Você realmente é o esperto, não é?" Mikhail riu suavemente. Seus olhos se voltaram para Aleksandr. "Sem ofensa."

"Não foi levado," meu irmão deu de ombros. "Ele é."

"Nikolai está certo. Talon não nos envia os convites porque ele nos quer lá. Ele faz isso porque tem uma necessidade patológica de ser melhor que todos. De ser o homem mais inteligente, rico e bonito da sala e ter todos bajulando-o e tratando-o como se ele fosse da realeza. A razão pela qual eu sei tanto sobre seus protocolos de segurança é porque eu tentei mais de uma vez contorná-los, encontrar uma

maneira de entrar em sua estúpida ilha particular para que eu possa incendiá-la até o chão."

“Você continua dizendo 'nós',” Aleksandr declarou. “Isso significa—”

“Sim,” Mikhail assentiu. “Seu pai recebeu os convites também.”

Aleksandr e eu nos entreolhamos. Seus olhos me disseram tudo o que eu precisava saber. O pai também não havia mencionado nada sobre isso para ele.

“Conte-me tudo sobre os jogos”, exigiu Aleksandr.

“Não tenho muito conhecimento sobre isso, infelizmente.

Só posso mostrar os vídeos dos lutadores e suas estatísticas. É isso. Como eu disse, nunca fui aos jogos, então só sei o básico. São vinte e quatro lutadores e eles lutam até a morte. Pode ser um contra um, em duplas ou em grupos. Seu pai e eu decidimos no primeiro ano em que Talon enviou os convites que nunca iríamos. Que nunca daríamos àquele filho da puta a satisfação da nossa presença. Eu não necessariamente concordei com essa decisão, no entanto. Talon entrou no meu território com a criação de seus Til Death Games. Invadiu meus ganhos comerciais. Eu queria encontrar uma maneira de acabar com isso e acabar logo, independentemente de Dimitri concordar ou não. Então, tenho mantido um controle rígido sobre isso, tentando encontrar a localização de sua ilha.”

“Por que não aceitar o convite e ir, então?”

“Ir sozinho seria uma sentença de morte. Duvido muito que Talon me deixaria sair — vivo, pelo menos. E não haveria como levar meus homens comigo. Minha melhor chance é encontrar a localização da ilha e planejar um ataque.”

“Teve sorte até agora?”, perguntei.

“Não. Mas eu tenho uma ideia que pode levar a alguns resultados promissores. O que eu quero saber é, como Talon colocou as mãos em Dimitri em primeiro lugar? Seu

pai não é exatamente um homem fácil de se pegar.”

Aleksandr enrijeceu um pouco. Suas mãos se fecharam em punhos apertados na mesa, os nós dos dedos ficando brancos. Eu não precisava ver seu rosto para saber o que ele estava sentindo. Meu irmão pode ser difícil para os outros lerem, mas para mim ele era tão fácil de ler quanto um livro. No momento em que ele

viu aquele vídeo e entendeu o significado dele, ele teria sido tomado pela culpa, culpando-se por não aceitar o acordo de Dominik e salvar nosso pai.

Coloquei uma mão em seu ombro para dar apoio e apertei levemente. “Você sabe que Dominik o sequestrou.”

“Sim,” Mikhail franziu a testa. “Você está me dizendo que ele o entregou para Talon?”

“É exatamente isso que estou lhe dizendo.”

“Porra. Eu sabia que ele era um babaca, mas fazer isso com seu próprio irmão?” ele balançou a cabeça em descrença.

“Que atitude de babaca de verdade.”

“Há mais alguma coisa no e-mail?”, perguntei, tentando montar algum tipo de plano na minha cabeça. As precauções que Mikhail mencionou tornariam muito difícil obter a localização da ilha. Se por algum milagre conseguíssemos encontrá-la, também haveria o problema da segurança. Um homem como Talon teria seu próprio exército particular. Uma infiltração dessa magnitude exigiria mais do que possuímos por conta própria.

“Apenas as informações do voo.”

“Tudo bem,” Aleksandr explodiu, estalando o pescoço. Tirei minha mão do ombro dele e dei um passo para trás. Ele só precisava de um momento para se controlar e agora que ele tinha, eu tinha fé que ele não explodiria. “Precisamos descobrir o que vamos fazer. Nikolai, ligue para Lukyan e leve-o para casa para uma reunião de família.”

Eu assenti, saindo do quarto. Depois de fechar a porta atrás de mim, peguei meu telefone e disquei o número de Lukyan.

“Ring-a-ding-ding, você pegou o rei”, ele respondeu.

"Onde você está?"

“Ter meu pau chupado. Por quê?”

Gostaria de ter ficado surpreso com suas palavras, mas honestamente elas estavam no mesmo nível de Lukyan.

“Precisamos de você em casa, agora. Reunião de família.”

Ele ficou em silêncio por um momento. “Posso terminar primeiro?”

Revirei os olhos. “Temos uma pista sobre o Pai.”

"Já estou aí", ele disse imediatamente, desligando antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa.

Balancei a cabeça, rindo baixinho. Ele pode ser um idiota às vezes, mas sempre aparecia quando era preciso.

Enfiando meu telefone de volta no bolso, eu estava prestes a me virar e me juntar a Aleksandr e Mikhail quando meu olhar colidiu com um par de olhos castanhos que normalmente faziam meu coração disparar.

Desta vez foi diferente, porque aqueles olhos não pertenciam a uma loira louca que possuía minha alma. Eles pertenciam ao pai dela. Ivan Andreeva era um homem grande, com ombros largos e um peito largo e volumoso.

Ele tinha um nariz ligeiramente torto devido a anos de danos repetitivos de lutas e um cavanhaque bem aparado.

Ele era um dos soldados mais antigos e fiéis do meu pai.

Apesar de ter sido contratado originalmente pelo meu avô, Sergei, ele provou várias vezes onde estavam suas verdadeiras lealdades.

Ivan parou morto no topo da escada quando me viu. Nós nos encaramos, o silêncio reinando entre nós. Ele nunca tinha dito nada diretamente para mim, mas eu sabia que ele estava ciente do que aconteceu entre Tatiana e eu. Todo

o seu comportamento em relação a mim mudou. Ele passou de quieto, mas amigável, para não fazer nada além de me encarar sempre que me via. Eu suspeito que a única razão pela qual ele nunca me confrontou sobre isso foi porque Tatiana disse a ele para não fazer.

“O que você precisa, Ivan?”

“Uma palavra com Aleksandr,” ele resmungou, o corpo tenso.

Eu assenti. “Eu vou avisá-lo.” Eu me virei, alcançando a maçaneta da porta quando suas próximas palavras me fizeram congelar.

“Quero que você fique longe dela.”

Essas oito palavras fizeram a raiva correr pelas minhas veias. Claro, eu entendi de onde ele estava vindo. Que ele estava apenas tentando proteger Tatiana — uma qualidade que eu admirava no homem. Mas não havia nada neste mundo que pudesse me manter longe dela.

“Você passou dos limites, Ivan. O que acontece entre Tatiana e eu não é da sua conta.”

Ele marchou em minha direção. “Como pai dela, é meu trabalho protegê-la, e isso significa mantê-la longe de você

.” Ele ficou de igual para igual comigo. “Eu não confio em você. Eu não confio que você pode cuidar dela, ou estar lá para ela quando ela precisar de você. Você já deixou isso claro. Ela merece algo melhor do que você, e eu vou garantir que ela tenha isso.”

Havia uma ameaça subjacente em suas palavras, uma que não me agradou. “O que isso quer dizer?”

“Eu organizei um encontro para ela e se tudo correr bem, ela se casará—”

Eu o empurrei contra a parede com meu braço firmemente alojado contra sua garganta. "A única pessoa com quem ela vai se casar sou eu ", eu rosnei.



Capítulo Dezenove

TATIANA ANDREEVA

"C “ACORDE, ACORDE, VADIA.”

Eu gemi, rolando e esmagando um travesseiro sobre meus ouvidos. “Vá embora.”

“Você dormiu o dia todo. É hora de levantar,” Illayana disse, tentando tirar o travesseiro.

“Eu não quero.”

“Que pena. Para cima. Para cima!” Ar frio atingiu minha pele quando o cobertor desapareceu de repente em uma corrida.

“Illayana!”, eu choraminguei, me enrolando em uma bola.

Ela sempre fazia isso, droga. Em alguns aspectos, éramos tão parecidas, mas em outros éramos completamente e totalmente opostas. Este foi um ótimo exemplo.

Eu amava meu sono. Prezava por ele. Precisava dele como um viciado em cafeína precisa de seu café. Eu definitivamente não era uma pessoa matinal. Eu era conhecido por dormir até tarde e ainda ficar puto quando alguém me acordava. Illayana, no entanto, era brilhante e borbulhante, não importava a porra da hora do dia.

“Vamos, preciso que você se levante. Você vem comigo até a loja.”

“Por quêêêêê?” Eu me arrastei. Minha boca estava seca e eu podia sentir uma leve dor de cabeça chegando. Eu realmente era um peso leve.

“Porque não tem junk food aqui e precisamos de um pouco para a noite de cinema hoje à noite.”

Abri os olhos de repente. Claro . Deus, eu podia ser tão idiota às vezes. A razão de eu estar ali era para ajudá-la a passar o dia, não ficar deitado na minha bunda o dia todo.

Todos os anos, no aniversário da mãe, os Volkovs se reuniam para assistir a todos os filmes favoritos de Yekaterina enquanto comiam todos os seus lanches favoritos.

Illayana tinha apenas onze anos quando sua mãe foi tirada dela. Apenas uma criança. Como seu pai havia fugido para se vingar dos responsáveis, sobrou para Aleksandr e Nikoali cuidarem dela. Eles criaram essa tradição familiar para honrar o dia em que sua mãe veio ao mundo, e eles fizeram isso todos os anos desde sua morte.

“Ok, ok. Estou me levantando.” Bocejei, esticando meu corpo antes de chutar minhas pernas para o lado da cama e ficar de pé. “Quando partimos?”

“Em dez minutos.” Ela colocou alguns itens em uma bolsa preta: um pouco de

batom, seu telefone, algumas adagas e uma pistola Glock 19. A garota nunca ia a lugar nenhum desarmada.

“Você está louco?”, gritei. “Em que universo você acha que eu consigo ficar pronto em dez malditos minutos? Preciso de pelo menos uma hora. No mínimo.”

“Vamos literalmente ao mercado”, Illayana disse, balançando a cabeça em diversão. “Você pode ir do jeito que estiver. Talvez arrumar seu cabelo. Parece um ninho de pássaro.”

Estreitei os olhos, alisando meu cabelo. "Bunda." Vários buquês enormes de flores chamaram minha atenção.

Arqueei uma sobrancelha. "Você comprou uma floricultura ou algo assim enquanto eu estava fora?"

Seus lábios se curvaram, um olhar de amor e adoração brilhando em seus olhos azuis brilhantes. “São de Arturo.

Para hoje.”

"Ah, ele é um amorzinho", eu disse, efusiva.

Illayana bufou. “Apresse-se e prepare-se. Eu quero ir.”

"Como Sua Alteza ordena." Deslizei para dentro do banheiro e estremeci ao ver meu reflexo no espelho. "Oh, meu Deus." Ela estava ficando louca se achava que eu sairia com essa aparência. Tirando minhas roupas, pulei direto para o chuveiro, deixando a temperatura da água chegar a um ponto quase escaldante antes de entrar nele.

Não havia nada melhor do que um banho escaldante. O

banheiro instantaneamente se encheu de vapor. Cantarolei para mim mesma enquanto lavava meu cabelo e limpava meu corpo, completamente imperturbável quando Illayana abriu a porta do banheiro.

“Então, Arturo me disse que você encontrou dispositivos de rastreamento nos carros dos nossos soldados?” Ela foi até o espelho e o limpou para poder ver seu reflexo, retocando o cabelo.

“ Eu não fiz. Seus homens fizeram. Eu apenas disse a eles onde procurar.”

"Não acredito que não me ocorreu procurar rastreadores", ela desanimada, com os ombros caídos.

“Você é muito duro consigo mesmo. Ajustar-se da Bratva para La Cosa Nostra teria sido uma merda. Especialmente quando você leva em conta as diferenças drásticas em nossos estilos de vida. Lidar com tudo isso teria me deixado louco, posso te dizer isso. Não acho que meu cérebro teria funcionado corretamente, tentando descobrir o que estava acontecendo nessas circunstâncias.”

Ela resmungou, cruzando os braços sobre o peito. “Eu ainda deveria ter percebido. Ou pelo menos considerado a possibilidade.”

Minha melhor amiga mudou muito desde que se tornou a Sra. Don. Ela costumava ser selvagem. Despreocupada.

Caótica. Ela atravessava um lugar como um tornado sem se

importar muito com os danos que causava, o único desejo que passava pela sua mente era se divertir.

Agora ela estava pensativa, cheia de seriedade e determinação. Havia quase esse ar maduro ao redor dela, como se ela tivesse conseguido envelhecer anos apenas nessas últimas semanas.

Ela estava decidida a fazer um bom trabalho. Em provar a si mesma aos homens da Cosa Nostra e mostrar a eles que ela era muito mais do que um rosto bonito. Que ela merecia estar ao lado de Arturo.

“Vou te contar o que eu disse a Arturo. Às vezes, tudo o que é preciso para descobrir algo é um novo par de olhos.”

Desliguei o chuveiro e saí, certificando-me de encará-la de frente para que ela não visse o 'N' tatuado na minha bunda.

Illayana levantou uma toalha e eu a peguei, enrolando-a em volta do meu corpo. “Ele te contou sobre a armadilha que está armando para Franco e seus homens?”

“Sim.” Ela me entregou uma segunda toalha para o meu cabelo. “Uma semana

parece muito tempo para esperar por isso, no entanto.”

“Olhe para isso logicamente. As últimas cinco casas de distribuição que Arturo montou foram invadidas e queimadas até o chão. Faria sentido que Arturo tomasse precauções antes de montar outra. Se ele simplesmente pulasse direto nisso, Franco poderia ficar desconfiado e recuar. Ele é inteligente o suficiente para perceber que eventualmente sua sorte acabará e vocês descobrirão o que ele anda fazendo.”

“Verdade. Eu disse a ele que voltaria para buscá-lo.”

“E seu pai?”

Ela soltou um suspiro cansado, culpa brilhando em seus olhos. “Não há mais nada que eu possa fazer aqui. Não temos pistas. Nada. Com todos os nossos recursos e todos os nossos contatos, pensei que agora teríamos algo . Uma

dica, um sussurro — qualquer coisa. Mas é como se ele tivesse simplesmente desaparecido da face da Terra. Como se ele estivesse—”

“Não diga morto!” Eu interrompi, minha voz abafada pela toalha sobre meu rosto. Eu joguei meu cabelo para trás e apertei os fios ainda molhados com a toalha. “Ele não está morto, Illayana. Ele não está. Tenho certeza disso. Um homem como Dimitri não é morto silenciosamente. Ele é o grande e mau Açougueiro da Bratva. Uma morte como a dele seria transformada em um grande espetáculo. Seu tio não seria capaz de se ajudar, nesse aspecto. Ele iria querer ter certeza de que seu pai não apenas sofresse, mas que todos soubessem que ele era o responsável por isso. Que ele finalmente conseguiu vencê-lo.”

"Você está tentando me fazer sentir melhor? Porque se estiver, você está fazendo um péssimo trabalho", ela resmungou.

“Minhas palavras podem ser duras, mas elas têm verdade nelas.” Joguei as toalhas no cesto de roupa suja e comecei a me vestir. “Seu pai está vivo. Apenas foque nisso por enquanto e não pense em mais nada. Não deixe seu medo e preocupação consumirem você. Seja forte por ele.”

Illayana bufou. “Vou tentar.”

Concordando,

fiquei

ao

lado

dela

no

espelho,

completamente vestida e tentando decidir o que fazer com o tufo de cabelo na minha cabeça. “Não se sinta pressionada a voar para Nova York para essa armadilha para Franco e seus homens. Tenho certeza de que Arturo entenderia se você ficasse aqui.”

“Eu sinto que preciso estar lá. Não é meu trabalho como—”

“Sra. Don?” Dei de ombros. “Talvez. Mas você também tem um dever para com sua família. Você não deveria ter que escolher entre os dois.”

“Arturo me contou o plano. Você acha que vai funcionar?”

Zombando, eu disse: “Claro que vai funcionar. Eu inventei isso.”

O plano era fingir montar outra casa de distribuição, com uma armadilha elaborada escondida lá dentro. Pelo que eles conseguiram reunir, a Outfit entraria primeiro nas casas e as atacaria, pegando qualquer coisa de valor.

Depois, eles incendiariam, destruindo qualquer coisa que sobrasse lá dentro. Se eles continuassem com seu MO

atual, isso significava que eles entrariam na casa primeiro, nos dando a oportunidade perfeita de pegá-los. O plano já estava sendo posto em prática. A Outfit atacaria apenas algumas horas depois que as casas fossem estabelecidas, então o momento era crítico.

Minha presença não era necessária para essa armadilha.

Eles não precisavam de mim lá. Mas também não havia como eu perder isso. A

chance de sujar minhas mãos de sangue.

Mexi um pouco mais no meu cabelo e adicionei alguns toques leves de maquiagem. Illayana conversou ao meu lado enquanto eu terminava de me arrumar, me contando tudo sobre como, apesar de se sentir culpada por não estar com Arturo, ela estava gostando de estar de volta em casa.

Havia algo reconfortante sobre o familiar. Sobre estar cercada por todas as coisas com as quais você cresceu e que simplesmente traziam uma sensação de paz à sua alma. Eu tinha a sensação de que Illayana se sentia assim em relação a casa. Que estar lá ajudou a lidar com algumas das pressões que estavam atualmente tomando conta de sua vida.

“Ok, estou pronto.”

Illayana riu, olhando para o relógio. “Você pode olhar isso?

Apenas quarenta e cinco minutos. Deve ser algum tipo de recorde para você,” ela piscou.

“É mesmo, espertinho.”

Sua risada suave me seguiu até a sala ao lado. Peguei minha bolsa que estava pendurada nas costas de uma das cadeiras do dia e verifiquei lá dentro para ter certeza de que tinha tudo o que precisava. Sendo minha carteira, que tinha todos os US$ 57, minha bolsa de maquiagem de viagem, uma arma, algumas adagas e meu telefone. Havia também o cartão de crédito de emergência que meu pai me deu para o caso de eu precisar, que eu me recusei terminantemente a usar.

“Ouvi bem que você conseguiu um emprego?”

Virei-me, encarando-a. “Sim. E antes que você ria, saiba que estou armado.”

As mãos dela voaram em rendição, os lábios se curvaram em um sorriso. “Eu não vou rir. Mas estou confusa. Por que você conseguiu um emprego? Você sabe que Arturo vai te pagar pelo trabalho que você está fazendo para a Cosa Nostra, certo? Quer dizer, isso é tecnicamente um emprego.”

“Eu sei, mas não quero. Isso é algo que preciso fazer sozinho, sem ajuda de mais ninguém. Nunca tive um emprego de verdade antes, e acho que quero ver se

consigo fazer isso”, dei de ombros.

“Você é estranho, mas tanto faz.” Ela se aproximou e me deu um tapa no ombro. “Só saiba, eu planejo entrar o tempo todo e te irritar pra caramba, e você não pode dizer nada porque 'o cliente sempre tem razão',” ela piscou.

“Vou cuspir no seu café”, ameacei, meio brincando.

O telefone dela tocou. Ela foi até onde tinha colocado a bolsa na cama e a pegou, olhando para a tela. Ela sorriu.

“Arturo”, ela respondeu com uma voz amorosa.

Coloquei meu dedo na boca e engasguei. Ela jogou o dedo do meio para cima.

“Estou bem, como você está?” ela respondeu. Ela ficou em silêncio por alguns momentos, ouvindo-o falar. “Não, eu



tenho alguns minutos. Eu posso falar.”

“Te encontro lá embaixo,” eu disse, indo em direção à porta para dar a ela um pouco de privacidade. Ela assentiu, colocando a mão sobre o receptor.

“Não vou demorar”, ela sussurrou.

“Leve seu tempo. Eu cobro por hora,” eu pisquei.

Vozes altas e raivosas chegaram aos meus ouvidos enquanto eu descia as escadas. Minhas sobrancelhas se abaixaram em uma carranca profunda.

Eu conheço essas vozes . Meus olhos se arregalaram. Oh, porra, eu conheço essas vozes. Urgência em meus passos, eu rapidamente corri para o segundo

andar, avistando meu pai dando um violento gancho de direita no rosto de Nikolai.

O choque me congelou. Eu encarei, minha boca escancarada enquanto eles lutavam um com o outro, batendo nas paredes, grunhindo e rosnando.

Que porra é essa?

Uma porta se abriu, Aleksandr e Mikhail apareceram na porta. Havia uma carranca profunda no rosto de Aleksandr enquanto ele observava os eventos se desenrolarem, Nikolai e meu pai indo um para o outro como se se odiassem. Ele não fez nenhum movimento para intervir. O

que significava que eu tinha que fazer isso.

“Ei!” Corri para frente e me enfiei entre eles quando a primeira oportunidade se apresentou. Empurrei seus peitos, afastando-os. “Chega!”

Meu pai estava nas minhas costas e eu estava encarando Nikolai de frente. Seus olhos se voltaram para mim, cheios de raiva. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo, do que meu pai disse a ele. Mas eu sabia que tinha que ser ruim. Nikolai não explodiu assim do nada. Ele tinha um controle inacreditável sobre si mesmo e suas ações. Seria preciso algo drástico para que ele de repente começasse a bater em alguém. Especialmente meu pai.

“Já chega”, repeti, com a voz severa.

Sua mandíbula cerrou, como se ele quisesse dizer algo, para brigar comigo sobre isso. Mas eu me mantive firme, encarando-o. Ele rosnou e saiu furioso, desaparecendo escada abaixo. Eu descobriria o lado dele da história mais tarde.

Virei-me e olhei nos olhos do meu pai. Não havia um pingo de arrependimento em seu rosto. Não que eu estivesse surpreso. Ele estava morrendo de vontade de pôr as mãos em Nikolai desde aquele dia no hospital. Desde que ele descobriu o que aconteceu. A única coisa que o segurava era eu. Isso estava claramente fora de questão agora.

Aleksandr

e

Mikhail

pairavam

na

porta,

um

constrangimento zumbindo no ar. Eles tiveram que passar por nós para passar, e pareciam hesitantes.

Eu arqueei uma sobrancelha. “Se você já terminou de aproveitar o show, preciso de um momento sozinha para falar com meu pai.”

Aleksandr limpou a garganta. Ele assentiu uma vez e passou rapidamente, Mikhail a reboque.

Quando ficamos sozinhos, lancei meu olhar furioso para meu pai.

"Não vou me desculpar", ele disse imediatamente, ficando mais ereto.

Eu não tinha intenção de pedir desculpas a ele. Eu sabia que não faria sentido. Meu pai era tão teimoso quanto eu.

"O que aconteceu?"

Papai bufou, passando a mão no queixo. Ele estremeceu levemente, a marca vermelha em sua pele era uma indicação de que Nikolai conseguiu dar um bom tiro. “O

que deveria ter acontecido anos atrás. Já era hora, e você sabe disso.”

"Pai-"

“Não, Tatiana. Eu não quero ouvir isso. Eu não quero ouvir você defendê-lo. Eu não quero ouvir o sermão. Eu sou seu pai. Eu sou o pai. Eu te dou sermão , não o contrário.”

Eu exalei, cruzando meus braços sobre o peito. “Vá em frente então.”

“Como você pode perdoá-lo depois do que ele fez com você? Como você consegue ao menos falar com ele?

Suportar vê-lo? Estar no mesmo cômodo que ele? Como—”

ele se interrompeu abruptamente, balançando a cabeça com raiva.

Tentei não me opor ao seu tom áspero e abrasivo. Era raro ele falar comigo desse jeito.

“De onde vem isso?”, perguntei, confuso.

“As pessoas falam, Tatiana. Especialmente em nosso mundo. Eu sei que ele te perseguiu até Nova York. Eu sei que vocês têm trabalhado juntos nesse problema que a Cosa Nostra está tendo com a The Outfit. Eu só não quero que você se machuque de novo. Estou tentando te proteger.”

“Como? Lutando com ele?”

“Dizendo para ele ficar longe de você.”

Ha! Seria preciso mais do que um pai superprotetor para assustar Nikolai. Na verdade, não acho que nada poderia

assustar aquele homem.

“Você não tinha o direito de fazer isso.”

“Você é minha filha. Minha única filha. É meu trabalho cuidar de você. Cuidar de você, não importa o que aconteça. Não importa o quão teimosa você esteja sendo.”

“Não estou sendo teimoso, pai,” eu soltei, uma onda repentina de exaustão me atingindo. “Essa coisa com Nikolai… é complicada.”

“O que há de complicado nisso, Tatiana? Ele abandonou você—”

“Como a mamãe fez? Mas você não tem problema em esquecer disso.”

Ele recuou como se eu tivesse lhe dado um tapa. A culpa floresceu em meu peito. Não era justo, eu sabia disso. Mas eu disse mesmo assim. Não consegui

evitar. Simplesmente escapou.

“O que aconteceu entre sua mãe e eu foi completamente diferente.”

Eu zombei. “Certo. Ela era apenas sua esposa e abandonou um bebê recém-nascido em vez disso. Completamente diferente.”

“É,” papai rosnou. “Nikolai deixou você deitada em uma cama de hospital, se contorcendo de dor enquanto você dava à luz a vida dentro de você que não estava mais viva.

Como—”

Um suspiro alto e audível atingiu o ar. Eu enrijeci. Os olhos do papai se ergueram e seu rosto ficou mortalmente branco.

Ah, não. Não, não, não. Eu não queria me virar. Não me virei. Eu sabia o que encontraria se o fizesse, e não estava pronto para isso. Porra. Como pude ser tão estúpido para ter essa conversa ali e naquele momento? De todos os lugares? Eu queria me dar um soco.

“Tatiana?” A voz da minha melhor amiga era suave, cheia de confusão e mágoa.

Papai olhou para mim, olhos cheios de arrependimento.

“Sinto muito, Tatiana. Eu—”

“Não é sua culpa,” eu sussurrei suavemente. “Só... vá.” Não havia ninguém para culpar além de mim. Eu tinha anos para falar sobre isso com Illayana e não o fiz. Eu evitei porque eu era muito covarde para lidar com isso. Meu passado estava me alcançando agora, e eu não podia fugir dele. Eu não podia me esconder. Eu tinha que encarar de frente.



Capítulo Vinte

TATIANA ANDREEVA

E DOIS ANOS ATRÁS

“Empurre, Tatiana. Você tem que empurrar.”

A dor era excruciante. Não apenas a dor física, mas a dor do meu coração, da minha alma.

Eu não queria fazer isso. Eu só queria rastejar para um buraco escuro e sem fim e morrer. Meu filho se foi. Não havia como trazê-lo de volta. Qual era o sentido? Qual era o sentido de tudo isso?

Outra onda de dor me atingiu de frente e eu gritei, fechando meus olhos com força. Deus, doeu. Eles me ofereceram uma epidural para anestesiar a dor, mas eu não queria. Apesar de quanto doía, eu queria sentir cada segundo disso. Era o mínimo que eu podia fazer para trazê-lo a este mundo.

Eu tinha um trabalho. Um trabalho . Proteger e nutrir a vida que crescia dentro de mim... e eu falhei. Eu falhei com ele.

Eu ainda não entendia o que estava acontecendo. Eu estava muito sufocada pela tristeza para realmente compreender o que o médico tinha dito. Tudo o que eu sabia era que eles queriam induzir o parto para que eu pudesse dar à luz. Que eu estava muito avançada e tinha que tirá-lo de lá. Foi de partir o coração ouvir isso. Outro golpe na minha alma já despedaçada.

Onda após onda de dor agonizante me agarrou com força, me agarrando em suas garras e se recusando a me soltar.

Eu gritei, lágrimas caindo pelo meu rosto.

“Tente de novo”, implorei à enfermeira ao meu lado, agarrando-me ao corrimão da cama com toda a força que pude.

Um olhar de pena cruzou seu rosto. “Eu liguei para ele mais de duas dúzias de vezes, querida. O telefone dele continua desligado.”

“Por favor,” eu solucei. “Por favor, tente de novo. Tente de novo. Eu preciso dele. Ele tem que estar aqui. Eu preciso dele. Eu preciso de—ahhhh.” Outra crise de dor me atingiu, a vontade avassaladora de empurrar me pressionando. Eu me contorci e me virei, tentando encontrar uma maneira de fugir da dor, mas nada funcionou. Nada funcionou.

“Ok, Tatiana. Quando a dor bater de novo, preciso que você faça força, ok?” A voz do Dr. Spendel estava calma, mas firme. Suas mãos estavam entre minhas pernas, suas sobrancelhas abaixadas em preocupação enquanto ele focava toda sua atenção no que estava acontecendo.

Balancei a cabeça. "Não posso." Eu não conseguiria fazer isso sem Nikolai. Eu nunca me imaginei como o tipo que precisa de um homem, mas, meu Deus, eu precisava dele.

Eu precisava que ele segurasse minha mão. Que me envolvesse em seus braços e me dissesse que tudo ficaria bem, mesmo sabendo que nunca ficaria.

Onde ele estava? Por que ele não estava aqui? Eu pensei que ele me amava, que ele sempre estaria lá por mim. Eu pensei—

Eu gritei enquanto mais dor tomava conta do meu corpo.

“Chame-o de novo!”

A enfermeira olhou para o Dr. Spendel em busca de orientação. O Dr. Spendel assentiu. “Continue tentando”, ele ordenou.

A enfermeira apertou rediscar no telefone. Ele não tocou, um serviço de mensagens genérico tocando no alto-falante.

“Não, não,” eu gemi em agonia. Como ele pôde fazer isso?

“Nikolai, por favor.” Outra enfermeira veio e me ofereceu um copo de água enquanto colocava um pano úmido sobre minha testa.

“Tem mais alguém que eu possa chamar para você?” a enfermeira perguntou. “E sua mãe? Seu pai? Um amigo?”

A única pessoa que eu queria era Nikolai. Ele era o único que podia me ajudar. Eu sabia que podia ligar para meu pai, ou talvez para Illayana. Mas o pensamento de qualquer um deles estar aqui não me trazia conforto. Nikolai. Eu precisava de Nikolai.

Quanto mais eu chorava, mais meu coração se partia. Ele me abandonou. Eu não conseguiria fazer isso sem ele, eu simplesmente não conseguiria—

“Tatiana!”

Meus olhos se voltaram para o Dr. Spendel.

“Eu sei que isso dói. Eu sei.” Eram lágrimas nos olhos dele?

“Mas eu preciso que você empurre. Maureen vai continuar ligando para ele, mas eu preciso que você se concentre em mim, ok? Apenas se concentre em mim e

empurreeeee.”

Um grito saiu da minha garganta enquanto eu usava toda a minha força para fazer o que ele disse. As contrações me rasgavam como um tsunami e eu tentava ignorar a dor do meu coração partido, focando somente no Dr. Spendel.

“É isso. Continue.”

Quanto mais eu empurrava, mais eu chorava, chamando por Nikolai repetidamente, rezando para que ele pudesse de alguma forma me ouvir. Que ele de repente irrompesse por aquela porta e me abraçasse, me beijasse e me emprestasse sua força. Porque eu não conseguiria fazer isso sozinha. A dor de saber que, depois de tudo isso, eu nunca veria meu filho sorrir. Nunca o ouviria rir ou chorar.

Eu nunca o veria abrir os olhos ou me chamar de mamãe.

Era demais. Era demais.

“Nikolai, por favor. Preciso de você”, solucei, implorei. Ele não faria isso comigo. Não meu Nikolai. Não meu cavaleiro.

“Você está quase lá. É isso. Mais um grande empurrão.”

A enfermeira continuou a rediscar o número de Nikolai várias vezes, o som do serviço de mensagens ecoando pela sala, um lembrete constante de que eu estava fazendo isso sozinha. Que ele não viria.

Quantas vezes ela ligou para ele? Eu nem sabia.

“Ahhhhhh!” Houve uma última e agonizante explosão de dor e então nada. Apenas alívio instantâneo. Eu me joguei de volta na cama, ofegante.

O Dr. Spendel se levantou, embalando meu filho em seus braços.

Chorei tanto que as lágrimas obscureceram minha visão e não consegui enxergar direito. Meu bebê. Meu precioso e pequeno bebê. Desde o momento em que descobri que estava grávida, imaginei esse exato momento. O momento em que meu filho veio ao mundo. Era para ser o melhor momento da minha vida.

Mas, em vez disso, foi o pior.

Estendi a mão para ele e o Dr. Spendel o colocou em meus braços gentilmente, com muito cuidado e ternura, certificando-se de embalar sua cabeça, mesmo que nós dois soubéssemos que isso não importava.

Ele era lindo. Absolutamente lindo.

Passei meu dedo suavemente pelo lado do rosto dele. “Oi, Nikolas.”

Illayana sentou-se calmamente na cama, com lágrimas nos olhos enquanto eu contava o que tinha acontecido. Contei tudo a ela, sem esconder um único detalhe. Contei sobre como Nikolai e eu começamos a nos ver. Contei quando

descobri que estava grávida. Contei sobre a briga que Nikolai e eu tivemos. Contei tudo. Cada. Coisa.

Ela não disse uma palavra o tempo todo. Ela apenas sentou lá e escutou enquanto eu despejava todo meu coração e alma. Não havia raiva em seu rosto, nenhum julgamento.

Apenas tristeza completa e absoluta.

Quando terminei, ela imediatamente se levantou e me abraçou. Ela me abraçou tão forte que eu mal conseguia respirar. Eu estava evitando essa conversa por tanto tempo, que honestamente não sabia o que esperar quando finalmente contei a ela.

“Por que você não me contou?” ela sussurrou no meu cabelo, me segurando mais forte. “Por quê?”

Eu apenas balancei a cabeça. Eu ainda não tinha certeza do porquê de ter escondido isso dela por tanto tempo. No começo, eu simplesmente não queria falar sobre isso. Com ninguém — não apenas com ela. Com o passar do tempo, percebi que era mais fácil fingir que isso não aconteceu.

Mais fácil não pensar nisso do que desenterrar a memória horrível daquele dia.

Ela se afastou, me encarando profundamente nos olhos.

“Eu não entendo. Como você estava grávida e eu não sabia?

Eu sou uma melhor amiga tão ruim que não percebi?”

“Você se lembra quando eu fui embora por alguns meses para visitar meus tios?”

A realização passou rapidamente pelo seu rosto. “Foi então?”

Eu assenti.

“E então quando você desapareceu da face da Terra porque disse que iria mochilar pela Europa?”

Baixei o olhar para minhas mãos. “Eu precisava de um tempo… depois. Eu não estava realmente mochilando. Eu estava aqui, na casa do meu pai. Não saí do meu quarto por meses.”

Os olhos dela se arregalaram. “Tatiana, por quê? Por que você não veio até mim? Eu estaria lá por você.”

“Eu sei que você teria, Illayana. Eu sei disso.” A verdade da questão era que eu não a queria lá. Eu não queria ser consolado. Eu não queria ser segurado e receber falsas promessas sobre como tudo ficaria bem. Eu só queria morrer. Era simples assim.

Parecia que ela ia insistir mais no assunto, mas no fim decidiu deixar para lá. “Aquele cara, Kurt, o cara que começou toda essa merda entre você e Nik. Por que ele fez isso? Por que ele disse que vocês dormiram juntos quando você não dormiu?”

“Bem, nós costumávamos dormir juntos, lembra? Aquele estagiário que eu te contei?”

“Era ele?”

“Sim. Nós transamos por alguns meses enquanto nós dois estávamos passando pelo treinamento Bratva. Então…”

"Nik?" Era tão estranho falar sobre isso com ela, mas só porque eu estava escondendo isso há muito tempo.

“É. Quando as coisas começaram com Nikolai, eu terminei com Kurt imediatamente. Ele ficou puto, mas Nikoali está

__”

“Whoa, whoa.” Ela levantou as mãos. “Eu não preciso desses detalhes. Ele é meu irmão. Eu não quero saber o que vocês estão aprontando.”

Eu ri baixinho. “Ponto justo. De qualquer forma, Kurt não gostou de ser dispensado. Acho que ele causou problemas entre Nikolai e eu como forma de se vingar de mim.”

Illayana franziu a testa. “Mas como ele sabia sobre vocês dois?”

“Ele nos pegou. Uma vez. Estávamos transando no armazém tarde da noite quando ele entrou. Nikoali ameaçou matá-lo se ele dissesse uma palavra. O que ele

levou muito a sério porque, olá, seu irmão pode ser um filho da puta assustador quando quer.”

Illayana resmungou.

“Tudo estava bem, por um tempo. Nós estávamos nos vendo há cerca de um ano quando engravidei. Mas acho que Kurt decidiu que queria causar drama, então ele continuou dando dicas de que ele e eu tínhamos dormido juntos recentemente. Tão recentemente que Nikolai pensou que o bebê era de Kurt e não dele. O resto, você sabe…”

Ela balançou a cabeça com raiva. “Deus, ele pode ser tão cabeça-dura às vezes. Não acredito que ele não te ouviu quando você disse que não tinha dormido com Kurt. Ele já deu alguma explicação sobre o porquê de ter agido daquele jeito?”

Desviei o olhar. Ele tinha. Nikolai me contou tudo sobre Galina e toda a coisa de "passar o bebê como se fosse dele, mesmo sabendo que havia uma grande probabilidade de ser de outra pessoa". Finalmente me deu alguma clareza sobre o porquê de ele ter agido daquela forma quando Kurt falou demais. Nikolai tinha sido picado no passado, e ele pensou que eu tinha feito exatamente a mesma coisa com ele. Isso desculpou seu comportamento... até certo ponto.

Mas eu não podia contar isso a Illayana. Não era meu segredo para contar.

Quando não respondi, Illayana perguntou: “O que aconteceu com ele? Kurt?”

Dei de ombros. “Não sei. Ele desapareceu logo depois que Nikolai e eu nos separamos. Sei que se espalhou a notícia de que Nikoali estava procurando por ele. Acho que ele percebeu o quanto ele errou e correu na primeira chance que teve. Consegui ter uma breve conversa com ele antes que ele fugisse. Se eu não estivesse grávida, teria tentado matá-lo. Acontece que ele estava me espionando há meses, me perseguindo. Foi assim que ele descobriu sobre a

tatuagem na minha bunda. Ele costumava me vigiar no meu quarto.”

“Assustador,” ela estremeceu. “Tem mais alguma coisa que você tem negligenciado em me contar?” Seu rosto estava tenso, olhos duros.

Havia? Eu quebrei a cabeça, tentando pensar se havia mais alguma coisa que eu estava escondendo dela. Melhor desabafar agora e acabar logo com isso.

“Minha mãe me ligou algumas semanas atrás.”

“Sua mãe?” ela franziu a testa.

Eu assenti. “Ela estendeu a mão. Disse que queria me ver.”

“Que porra é essa?” ela exclamou. “Onde diabos ela esteve nos últimos vinte e quatro anos?”

“Não perguntei. Só disse para ela se foder e desliguei. Meu pai foi à Rússia para vê-la na época do ataque. Ela tentou convencê-lo a falar comigo, para me fazer concordar em vê-la, mas não estou interessado em nada que ela tenha a dizer ou em quaisquer desculpas que ela tente me dar.”

Illayana fez mais algumas perguntas. Algumas sobre minha mãe. Algumas sobre Nikolai, nosso relacionamento e como conseguimos escondê-lo por tanto tempo. Tentei responder o mais honestamente possível. A mudança em sua personalidade foi tão gradual no início que nem percebi. A tristeza e a compaixão que ela demonstrou lentamente começaram a desaparecer, substituídas por aquele temperamento infame de Volkov.

Quando a conversa parou, dei uma olhada rápida para ela.

Ah, sim, ela estava puta.

Pelo olhar em seu rosto, eu poderia jurar que ela estava se preparando para cair ali mesmo. Eu estava esperando por isso. Preparando-me para isso. Eu tinha visto aquele brilho perigoso em seus olhos dezenas de vezes antes de ela desafiar seus irmãos para o ringue. Ia acontecer. Era—

Illayana se levantou abruptamente e marchou em direção à porta. Ela a abriu com tanta força que ela bateu na parede com um baque alto , e ela desapareceu na esquina sem olhar para trás.

Franzi o cenho. Ela estava louca para lutar, mas estava ignorando? Isso não parecia a Illayana que eu conhecia. A menos que algo a estivesse impedindo de lutar comigo ?

Talvez ela se sentisse mal por mim. Talvez depois que eu contei a ela o que aconteceu, ela não achou certo ficar brava comigo.

Isso só deixou—

Meus olhos se arregalaram. Merda . Eu pulei de pé e saí correndo pela porta.



Capítulo Vinte e Um

NIKOLAI VOLKOV

EU ENCAREI A TELA DO MEU laptop, lábios franzidos em leve agitação. Meu maxilar doía, uma leve onda de dor se espalhando pelo meu rosto enquanto eu abria a boca para terminar o resto da minha bebida. Porra, Ivan bateu forte. Se fosse qualquer outra pessoa, eu a teria matado por ousar sair da linha daquele jeito. Ivan escapou impunemente porque era o pai de Tatiana. E... bem...

porque eu merecia o strike. Ele estava certo. Eu tinha decepcionado Tatiana. Eu não a merecia, mas você acha que isso me impediria de tê-la de qualquer maneira?

De jeito nenhum.

Tatiana provavelmente me mataria por entrar nessa com Ivan. Normalmente, eu conseguia me segurar para não retaliar contra ele. Eu conseguia ignorar o jeito que ele olhava para mim com desgosto e desprezo. Eu conseguia ignorar as palavras desrespeitosas que ele resmungava sempre que eu passava. A única coisa que eu não conseguia ignorar era ele me dizendo que planejava casar Tatiana.

A raiva que me consumia me engoliu por inteiro. Não havia como eu conseguir me segurar naquilo. Mesmo se eu quisesse — o que eu não queria.

Só a ideia disso... a noção dela estar ligada a outro homem, beijando-o, tocando-o, transando com ele...

O copo na minha mão quebrou , minha raiva incontrolável.

Eu xinguei, deixando os cacos de vidro restantes

escorregarem por entre meus dedos para se juntar aos outros no chão.

Eu me casaria com Tatiana ali mesmo se ela deixasse. Eu planejaria uma proposta grande, grandiosa e elaborada —

uma digna dela — me ajoelharia aos seus pés e pediria para ela passar o resto da vida comigo, se eu achasse que havia a menor chance de ela dizer sim. Eu sabia que não havia, no entanto. Eu tinha que trabalhar para chegar lá, o que eu estava mais do que determinado a fazer.

Meu laptop apitou, me avisando que o arquivo que eu estava baixando tinha terminado. Eu o abri e rapidamente examinei as informações. Eu precisava descobrir tudo o que eu pudesse sobre Talon. Seus pontos fortes. Suas fraquezas. O tamanho do seu sapato. Eu queria saber tudo o que havia para saber sobre ele. Nada estava fora dos limites.

Talon Scardo. Cinquenta e quatro anos. Frequentou o Sunset Boarding School for Boys e se formou como o primeiro da turma.

Eu zombei. Outra vantagem do dinheiro do papai.

Nenhuma faculdade listada, o que significava que ele provavelmente não frequentou nenhuma. CEO de algumas grandes empresas da Fortune 500 nos EUA, bem como de várias outras empresas ao redor do mundo. Ele tinha os dedos mergulhados em tudo, de empresas de segurança privada a empresas de limpeza comuns. Uma ideia floresceu em minha mente e eu não consegui conter meu sorriso. Se fosse possível, se eu pudesse de alguma forma fazer funcionar, eu tinha minha entrada.

Preciso falar com Mikhail primeiro, se ele ainda estiver aqui. Ver se ele sabe—

Uma mão fechou meu laptop com força. “Levanta logo, porra.”

Olhei para cima, encarando os olhos azuis raivosos da minha irmã. Ela estava me encarando como se quisesse cortar minha garganta.

"Você é surdo? Eu disse, levante-se, porra", ela rosnou.

Eu arqueei uma sobrancelha. “Um pouco cedo para uma visita do Dragão Vermelho, não é? Aquele calendário de período que Lukyan e eu fizemos costuma ser bem preciso.”

O rosto dela ficou vermelho, os dentes cerrando com tanta força que eu tinha certeza que ela iria quebrá-los. Se fosse fisicamente possível, haveria vapor saindo de suas orelhas.

“Não brinque,” ela cuspiu. “Como você pôde?”

Suspirei, revirando os olhos. “Você vai ter que ser mais específico. Não tenho ideia do que você está falando.”

Illayana era fácil de irritar. Ela podia estar falando sobre qualquer coisa. Talvez eu tenha movido um dos pertences dela e não o tenha colocado de volta exatamente onde o encontrei. Ou talvez eu tenha comido acidentalmente algo na geladeira que ela mesma tinha planejado comer (mas se esqueceu de contar a alguém). Esses foram apenas alguns exemplos de vezes em que ela ficou chateada comigo no passado.

“Você vai mesmo se fazer de bobo agora?”

Esfreguei minhas têmporas em exasperação. “Illayana—”

Lukyan irrompeu pela porta da frente, ofegante. Seu casaco pendia dos ombros, como se não quisesse desperdiçar os poucos segundos extras que levaria para vesti-lo

corretamente,

e

seus

cadarços

estavam

desamarrados. “Ok, ok, estou aqui. Eu estou—” ele franziu a testa, seus olhos disparando entre Illayana e eu. “Uh, o que está acontecendo?”

Nós dois o ignoramos.

“Como você pôde esconder algo assim de mim, Nikolai?

Como ?”

Eu enrijeci, meu corpo inteiro ficou frio. Aquele olhar nos olhos dela… a dor estampada na voz dela…

Olhando por cima do meu ombro, meus olhos se conectaram com os de Tatiana. Ela estava torcendo as mãos na frente dela, mordendo o lábio inferior nervosamente. Minha garota não ficava nervosa, então isso só podia significar uma coisa.

Eu exalei pesadamente, voltando-me para Illayana. “Ela finalmente te contou.”

“Te disse o quê?” Lukyan perguntou.

“ Você deveria ter sido o único a me contar, Nik. Você! ” Ela me empurrou com força no peito, me forçando a bater no encosto do sofá. “Não acredito que você esconderia algo assim de mim. Vocês dois!”

Raiva pulsava através de mim. “Não faça disso tudo sobre você, Illayana. Não . Isso era entre Tatiana e eu. Não tinha nada a ver com você.”

“Nada a ver comigo?” ela suspirou, horrorizada. “Você é meu irmão. Ela é minha melhor amiga. Ele era meu —” ela se interrompeu, balançando a cabeça. “Não aja como se isso não me envolvesse. Envolve, porra.”

Aleksandr entrou na sala, provavelmente tendo sido alertado sobre o confronto iminente pela voz alta e raivosa de Illayana. "O que está acontecendo aqui?" Sua esposa estava ao seu lado, observando com uma carranca no rosto.

Illayana girou para encará-lo. “Você sabia?”

“Sabe de uma coisa? ” Lukyan exigiu.

O olhar de Aleksandr disparou entre nós dois, avaliando a situação. Ele deve ter descoberto a que ela estava se referindo, porque seus ombros caíram levemente, a cabeça inclinada para frente.

A respiração de Illayana engatou. “Você fez,” ela engasgou em choque. “Você sabia… e nunca disse nada?!”

“Illayana...” Aleksandr começou.

“Ele te contou?” Tatiana o interrompeu no meio da frase.

“Te disse o quê ?” Lukyan rosnou, interrompendo novamente, seus olhos passando rapidamente pela sala.

“Juro por Deus, se alguém não me disser o que está acontecendo agora —”

“Cale a boca, Lukyan!” todos nós gritamos.

Seus lábios se apertaram firmemente, mas ele não disse mais nada, mantendo a boca fechada.

“Não por escolha”, Aleksandr disse rapidamente para Tatiana. “Eu… ouvi a discussão que vocês tiveram aqui algumas semanas atrás.” Ele estava me defendendo, tentando deixar claro para Tatiana que eu não traí sua confiança e disse a ele quando ela expressamente me disse para não dizer uma palavra a ninguém. Lá estava ele de novo, sempre cuidando de mim.

“Isso é inacreditável,” Illayana sibilou, sua raiva aumentando. “Eu não percebi

que esse era o tipo de família que éramos. O tipo que guardava segredos enormes e transformadores um do outro. Bem, estou feliz que agora eu sei."

"Pare de ser infantil," eu rebati. "Esse momento de partir o coração aconteceu com Tatiana e eu. Pare de fazer tudo sobre você ."

"Ah, é isso." Illayana deu dois passos para trás, erguendo os punhos. "Fique de pé, porra. Eu te desafio para o ringue."

"Illayana, não", disse Tatiana, balançando a cabeça, com as mãos no ar em um gesto calmo e de rendição.

Ela deveria saber que perda de tempo era tentar argumentar com minha irmã quando ela estava num humor como esse. A única pessoa que provavelmente poderia acalmá-la estava a milhares de quilômetros de distância.

"Eu não vou lutar com você, Illayana." Não haveria sentido nisso. Ela não venceria, e perder só a irritaria ainda mais.

Eu sempre poderia deixá -la vencer, mas eu também estava

irritado, e não estava disposto a ceder ao seu comportamento malcriado.

"Você age como se tivesse uma escolha nisso. Não tem. Ou se levanta e vem para o armazém ou eu vou lutar com você aqui mesmo."

Eu zombei, não acreditando em uma palavra do que ela disse. Ela sabia tão bem quanto eu que não tínhamos permissão para brigar naquele quarto—

Illayana atacou, batendo em mim, suas mãos envolvendo minha garganta. O sofá tombou para trás e nós caímos no chão, grunhindo com o impacto.

Filho da—

Illayana me deu um soco no maxilar, a dor percorrendo meu rosto, então ela voltou a me estrangular. Ela tinha a vantagem, basicamente sentando-se bem no meu peito, usando seu peso para me manter no chão. Mas eu já tinha terminado de apaziguá-la.

Agarrei seus dois pulsos com força, forte o suficiente para doer. Ela estremeceu.

Eu me torci para fora, forçando-a a soltar e então me inclinei para frente, esmagando minha testa em seus lábios em uma cabeçada brutal. Illayana gritou, mas se recuperou rapidamente, cravando seus dentes profundamente em meu antebraço, me mordendo.

“Ai! Illayana!” Eu balancei meu antebraço, tentando desalojá-la. Ela travou a mandíbula, recusando-se a soltar, como se fosse algum tipo de cachorro raivoso. Ela certamente estava agindo como uma cadela.

Eu a enfiei na lateral do rosto — uma, duas vezes. Ela finalmente me libertou do aperto mortal de seus dentes, e eu fui golpeá-la novamente.

“Dostatochno!” Chega!

Anos

de

condicionamento

me

fizeram

congelar

instantaneamente, meu punho pairando a uma polegada da bochecha de Illayana. Deus, se eu não tivesse certeza

absoluta de que o Pai não estava lá, eu poderia jurar que era ele. Soou exatamente como ele. Exatamente . Eu sabia que essa era a única razão pela qual Illayana congelou também.

Passos altos ecoaram pela sala agora silenciosa e então Illayana foi arrancada de mim pelas costas da blusa. Eu pulei de pé rapidamente, captando o olhar desapontado de Aleksandr. Ele ainda estava segurando Illayana pelas costas da blusa.

“Não olhe para mim desse jeito. Ela começou.” Apontei um dedo acusador para Illayana.

Ela abriu a boca para responder, mas Aleksandr a sacudiu bruscamente.

“Quietos,” ele retrucou. “Vocês dois conhecem a regra da Mãe. Nada de brigas na sala de estar.”

“Ela é a única—”

Aleksandr rosnou, cortando o ar com a mão para me silenciar. “Eu disse, quieto . Temos coisas mais importantes para lidar, então vamos resolver isso agora mesmo. Illayana tem o direito de lhe dar um desafio, e você não tem o direito de negá-la. Regras do pai.”

Meus punhos cerraram-se ao meu lado. Ele estava certo. O

pai inventou o conceito do anel por várias razões. Uma delas era para resolver quaisquer desentendimentos entre nós. Ele não queria que guardássemos rancores ou ressentimentos um pelo outro. Nós os desafiaríamos e lutaríamos para resolver. Uma vez que a luta acabasse, era isso. O assunto foi considerado resolvido e nós dois tínhamos que seguir em frente.

Aleksandr finalmente deixou Illayana ir e a forçou a olhá-lo nos olhos. “Você ainda—”

"Claro que sim", ela disse entre dentes.

“Tudo bem.” Eu estalei meu pescoço. “Vamos acabar logo com isso, então.”



Eu recuei, evitando o punho de Illayana, abaixei-me por baixo do braço dela e a acertei nas costelas. Ela respirou fundo, cheia de dor, e seus olhos se arregalaram. Eu caí, estiquei uma perna e girei, chutando seus pés para fora bem debaixo dela e fazendo-a bater no chão. Eu me levantei em minha altura máxima e coloquei um pé no centro do peito dela, mantendo-a abaixada. Eu não apliquei muita pressão. Eu não estava tentando matá-la. Mas ela me irritou tanto, que eu queria pelo menos fazer doer um pouco. Ou muito.

Nós estávamos brigando por quase uma hora, e eu temia que não houvesse um fim à vista. Minha irmã estava com raiva . Mais do que raiva. Acho que muito dessa raiva vinha de estar magoada. Em vez de lidar com essa emoção, ela se apoiou fortemente em sua raiva, deixando-se sucumbir a ela.

Eu estava tendo dificuldade em segurá-la mais. Ela continuou vindo, vindo, vindo, recusando-se a desistir ou desistir.

Como desafiante, a luta não poderia terminar até que ela a encerrasse, por toque ou nocaute. E eu estava ficando sem opções sobre maneiras de terminar essa luta com segurança.

"Desista, Illayana." Eu já havia dito essas mesmas três palavras várias vezes e ela fez a mesma coisa que estava

fazendo naquele momento; ela mostrou os dentes e balançou a cabeça, recusando-se terminantemente.

"Não vou parar até arrancar seus malditos dentes."

Suspirei, aplicando um pouco mais de pressão, fazendo-a engasgar. "Você vai olhar para trás neste momento e se arrepender do quão idiota você está sendo."

Ela engasgou. “Não, não vou.”

“Sim, você vai. Você está exagerando.”

“Exagerando?” ela gritou. “Você mentiu para mim por anos

. Você escondeu esse evento enorme e traumático de mim

__”

“Olha como você está agindo!”, gritei para ela. “Você pode honestamente nos culpar?”

Um movimento atrás de mim me fez olhar por cima do ombro, avistando Tatiana subindo no ringue. As pessoas estavam do lado de fora, observando. Aleksandr, Drea, Lukyan, os guardas de Illayana e alguns outros soldados.

Bem no fundo da multidão estava Ivan, seus pés firmemente plantados no chão e braços cruzados sobre o peito.

“Deixe-a ir, Nikolai,” Tatiana ordenou.

Tirei meu pé do peito de Illayana e dei um passo para trás.

Ela imediatamente pulou e correu para mim novamente, mas Tatiana se colocou entre nós, parando-a.

“ Sou eu quem você realmente quer lutar, Illayana. Não Nikolai. Se dependesse dele, ele teria te contado tudo sobre isso no momento em que aconteceu. Fui eu quem disse a ele para não dizer uma palavra.”

“Tatiana—”

“Não, Nikolai.” Ela levantou a mão, me dizendo para não dizer mais nada. “Você sabe que é verdade. Eu sou a única que queria manter nosso relacionamento em segredo. Eu sou a única que não queria contar a eles. A única pessoa a culpar aqui sou eu.”

Não havia ninguém para culpar. Tatiana e eu tínhamos o direito de manter o que estava acontecendo entre nós em segredo. Não éramos obrigados a contar nada a ninguém.

Eu queria dizer. Até abri a boca para fazer isso, mas um olhar de Tatiana me fez fechar a boca.

Ela olhou para Illayana de frente. “Quando fizermos isso, acabou. Deixamos tudo aqui. Seguimos em frente.

Combinado?”

Illayana franziu os lábios em desgosto, seus olhos ainda queimando de raiva. Ela assentiu uma vez. “Concordo.” Ela deu um passo para trás e levantou os punhos.

Tatiana estalou o pescoço. Ela deslizou uma mão sobre seus dedos finos e tirou seus anéis, segurando-os para mim. Eu os peguei dela e ela tirou seus brincos em seguida, deixando-os cair na minha palma aberta.

“Tati—” comecei.

“Nós dois sabemos que essa é a única maneira de acabar com isso. Ela precisa lutar. Então eu vou deixá-la.”

“Você não deveria ter que fazer isso.”

Ela deu de ombros antes de me dar uma piscadela. “Se eu quisesse uma melhor amiga sensata e razoável, não teria escolhido Illayana.” Ela sacudiu a cabeça para o lado. “Vá, rápido. Antes que ela mude de ideia.”

Eu não me importava se ela mudasse de ideia. Eu não me importava se ela ainda estivesse chateada. Eu não me importava se ela quisesse lutar até não conseguir mais ficar de pé sozinha. Naquele momento, tudo o que eu me importava era Tatiana.

Ela estava fingindo ser corajosa, mas eu sabia que reviver o passado era doloroso para ela, e que ela estava disposta a aceitar qualquer punição que Illayana aplicasse porque, por dentro, ela sentia que merecia por esconder isso dela todos esses anos. Illayana era sua melhor amiga. A culpa de

manter esse segredo pesava muito sobre ela todos os dias, e de repente tudo estava vindo à tona.

Soltando um grunhido irritado, virei-me e desci do ringue.

Aplausos ecoaram pela sala, altos e barulhentos enquanto Tatiana e Illayana corriam uma para a outra.

“Aqui. Para o seu olho.” Lukyan empurrou uma bolsa de gelo no meu peito, mantendo o olhar fixo no anel, recusando-se a sequer olhar para mim. Ele — assim como Illayana — estava bravo porque eu nunca lhe contei o que aconteceu. Sua escolha de punição, no entanto, foi o tratamento do silêncio (tanto quanto Lukyan era capaz de ficar em silêncio, é claro). Ele via a perda de sua

“personalidade deslumbrante” (palavras dele, não minhas) como uma punição pior que a morte.

A multidão gemeu quando Tatiana acertou um gancho de direita brutal, a cabeça de Illayana chicoteando para o lado, e então plantou um chute frontal rápido em seu peito, mandando-a voando para trás. Eu sentiria pena dela se ela não estivesse sendo tão pirralha.

Aleksandr andou até meu lado. “Você está bem?”

“Estou bem”, resmunguei, estremecendo quando coloquei a bolsa de gelo contra

minha pele. Porra, ela me pegou bem.

Meu rosto, braço, ombro e abdômen doíam. Apesar da raiva dela, ela não causou nenhum dano duradouro. Eu teria uma porrada de hematomas.

Aleksandr suspirou. “Nikolai—”

“Não quero falar sobre isso. Não agora.”

Ele estreitou os olhos. “Tudo bem. Mas, depois.” Seu tom não interveio em nenhum debate sobre o assunto, então eu apenas assenti com a cabeça e me concentrei novamente na luta.



Capítulo Vinte e Dois

TATIANA ANDREEVA

EU GIROU UM CHUTE e Illayana desviou, atacando com o seu próprio. Eu levantei um braço, protegendo o lado da minha cabeça e então me inclinei para frente, esmagando minha testa em seu nariz. Nós trocamos golpe após golpe. Não havia sutileza, nenhuma estratégia por trás dos ataques. Nós apenas nos atacamos como se estivéssemos em uma boa e velha briga de bar.

Eu sabia que o dia estava chegando; no momento em que contei a Illayana meu segredo mais profundo e obscuro. No segundo em que vi aquela raiva rolar em seu rosto, tomando conta dela, eu soube . Eu sabia que ela não aceitaria nada menos do que isso.

Eu a traí, escondi coisas dela que ninguém deveria esconder de sua melhor amiga. Ela queria me punir por isso. Apesar da tristeza que sentiu depois de ouvir o que aconteceu, apesar de me abraçar e me confortar, ela queria me punir. A mágoa e a raiva que a consumiam a impediam de fazer menos do que isso.

Illayana se chocou contra mim, me derrubando no chão.

Minhas costas bateram no tatame e eu grunhi, a dor subindo pela minha espinha. Illayana me cutucou na lateral do corpo várias vezes, sem mostrar nenhuma indicação de que iria diminuir o ritmo. Eu levantei para a direita e nós rolamos pelo chão. A multidão foi à loucura, nos aplaudindo e exigindo mais violência. Mesmo que já tivéssemos feito isso em abundância.

Nós lutamos pela posição dominante, grunhindo e rosnando um para o outro. Ignorei a dor no meu corpo, trancando-a atrás de uma porta na minha mente, e usei toda a minha força para colocá-la de costas. Eu me arrastei rapidamente, prendendo minhas pernas em volta da cabeça dela em um triângulo e apertei . Illayana engasgou, tentando respirar, sua mão livre arranhando inutilmente minha pele, mas eu me recusei a soltar. Ela nunca iria desistir, nunca iria desistir. Só havia uma maneira de isso acabar. Eu tinha que fazê-la desmaiar.

Levava em média nove segundos e meio para deixar alguém inconsciente com um triângulo de estrangulamento quando aplicado corretamente. Estávamos lentamente chegando a esse ponto.

No momento em que senti o corpo de Illayana começar a relaxar, eu imediatamente me soltei, desenrolando meus membros do seu pescoço e

deitando de costas, ofegante de exaustão.

Illayana respirou fundo e levou as mãos à garganta enquanto arfava pesadamente.

“Terminamos?”, perguntei, tentando recuperar o fôlego.

"Quase."

Franzi o cenho. Antes que eu pudesse pensar em mais nada, ela se esticou e me deu um tapa no rosto.

“Ai!”

"Agora terminamos", ela gemeu, rolando de costas.

Puta desgraçada.

Ela sempre tinha que dar o último golpe, mesmo se perdesse.

Não pude deixar de sorrir, apesar da dor percorrendo meu corpo. Havia muita coisa que eu amava na minha melhor amiga. Sua personalidade selvagem, louca e um tanto errática. Sua lealdade inabalável. Sua ferocidade. Mas o que eu mais amava era sua capacidade de ser cem por

cento ela mesma. O que você via nela era o que você tinha.

Genuinidade completa. Se ela estava chateada ou chateada com você, ela não tinha problema em deixar você saber.

Mesmo que ela soubesse que estava sendo um pouco irracional sobre isso. Como naquela época.

Ficamos esparramados no chão do ringue, ambos ofegantes e olhando para o teto.

“Desculpa, sabia? Desculpa por ter escondido tudo de você.”

Illayana virou a cabeça para olhar para mim. “Eu sei que você é,” ela murmurou suavemente, aquela raiva e luta de momentos atrás quase sumiram. “Eu sei que você é.” Sua voz…

“Mas você ainda não me perdoou, não é?”

“Não estou mais com raiva.”

“Não foi isso que eu perguntei.”

Ela suspirou. Ela se sentou e cruzou as pernas, de frente para mim. Eu fiz o mesmo e nós nos encaramos. Seu cabelo estava uma bagunça, uma mancha de hematomas se espalhando por sua pele. Eu tinha a sensação de que não parecia muito melhor. Ela conseguiu algumas fotos muito boas.

Na minha visão periférica, vislumbrei Nikolai levando todos embora, tentando nos dar espaço para conversar sem ouvidos curiosos. Os únicos que lutaram foram os guardas de Illayana. Eles se afastaram demais para que eu ouvisse o que estavam dizendo, mas tive a sensação de que foi mais ou menos assim:

“Arturo disse que não poderíamos deixá-la fora de vista.”

“Ela precisa que a protejamos.”

“Ai, por que você está me machucando?”

Eu tinha certeza da última porque Nikolai segurava um dos gêmeos pela nuca e o fazia sair do armazém à força.

No final, éramos apenas Illayana e eu.

“Eu pensei que éramos melhores amigas”, ela começou.

“Nós somos”, insisti, interrompendo-a.

Ela balançou a cabeça. “Não, não estamos. Melhores amigas não escondem algo tão grande uma da outra. Elas não escondem. Você preferiu passar por tudo isso sozinha do que me ligar. Por quê?” Lágrimas brilharam em seus olhos. “Você achou que eu não entenderia? Que eu não estaria lá para você quando precisasse de mim? O quê?”

“Illayana, é-é—” Eu não conseguia encontrar as palavras.

Não as certas, de qualquer forma. Nada que eu pensava parecia certo, parecia

suficiente para explicar tudo. Mas eu tinha que tentar.

“Naquele momento, a única pessoa que eu queria era Nikolai. Claro que eu sabia que você viria se eu chamasse.

Nunca houve nenhuma dúvida em minha mente sobre isso.

Nenhuma. Mas…” Minhas palavras foram interrompidas quando aquela dor muito familiar explodiu dentro do meu peito, tornando impossível respirar. “Naquele momento, Nikolai era tudo que eu queria. A única pessoa que eu estava disposta a ver. Se confortar. Por favor, tente entender isso.”

“Eu entendo.” Ela se inclinou para frente, colocando sua mão sobre a minha. “Eu entendo por que, na época, você não conseguiu me contar. Você estava lidando com tanta coisa. Tanta perda.” Ela balançou a cabeça. “Eu não consigo nem imaginar a dor. Eu sinto muito, muito mesmo que você tenha passado por isso.”

Dei um pequeno suspiro de alívio. Nós ficaríamos bem. Nós

—

“O que eu não entendo é por que você não veio até mim depois de . Já faz dois anos, Tatiana. Dois anos , e você nunca disse nada. Você estava planejando me contar? Se eu não tivesse entrado naquela conversa com você e seu pai, você teria levado esse segredo para o túmulo?”

“Não!”, respondi imediatamente, então franzi a testa.

Agora que ela fez a pergunta, eu não tinha certeza. Eu teria? Era verdade que eu não tinha intenção de contar a ela tão cedo, mas eu teria eventualmente... certo?

Illayana sorriu, mas não continha calor. Apenas mágoa e tristeza. “Acho que nós dois sabemos que isso não é verdade, não é?”

Minha boca se abriu, mas nada saiu. Por mais que me doesse admitir, ela estava certa. Nunca houve um cenário que eu tenha imaginado em que eu contasse a ela. Percebi que tinha planejado evitar essa conversa pelo maior tempo humanamente possível. Que — sem querer — eu tinha planejado levar esse segredo para o túmulo.

“Eu não conseguia falar sobre isso, Illayana. Eu simplesmente... não conseguia.” Lágrimas caíram dos meus olhos e eu nem me incomodei em tentar contê-las.

Compaixão brilhou em seu rosto e ela se moveu para os joelhos, arrastando os pés para frente. Ela me abraçou, enterrando meu rosto em seu ombro e eu chorei mais forte.

Chorei tanto que mal conseguia respirar, agarrando-me a ela como se ela fosse minha tábua de salvação. Ela não disse nada, balançando-me lentamente para frente e para trás enquanto passava as mãos pelo meu cabelo.

Não sei quanto tempo ficamos assim. Podem ter sido horas.

Podem ter sido minutos. Tudo o que eu sabia era que, no final, eu estava tão emocionalmente exausto, que senti que poderia desmaiar.

Quando o choro diminuiu, substituído por soluços silenciosos, Illayana se afastou. Ela enxugou as lágrimas do meu rosto com os polegares, e foi só então que percebi que ela também estava chorando.

“Sinto muito por não ter te contado. Sinto mesmo.”

Ela me deu um meio sorriso. Eu podia ver em seus olhos que ela tinha mais a dizer, mas me ver desmoronar a fez

hesitar em expressar isso.

“Vá em frente. Diga o que você quer dizer.”

Ela balançou a cabeça. “Não se preocupe—”

“Diga, Illayana. Precisamos expor tudo agora. Você nunca deixou nada impedi-la de falar o que pensa. Não comece agora. Apenas diga.”

Ela mordeu o lábio inferior nervosamente. Eu assenti uma vez em encorajamento e ela suspirou. “Eu entendo por que você não disse nada no momento. Eu entendo. Mas nós deveríamos ser melhores amigas, Tatiana. Nós deveríamos estar lá uma para a outra. Para confortar uma à outra durante aqueles momentos difíceis e complicados. O fato de você sentir que não podia vir até mim, confiar em mim...

isso dói. Você escondeu essa grande parte da sua vida de mim. Você mentiu para mim por anos. Melhores amigas não fazem isso.”

Ela estava certa. Se a situação fosse inversa, eu ficaria incrivelmente magoado por ela ter escondido tanto de mim.

“Houve tantas oportunidades para você se abrir para mim.

Eu compartilho tudo com você. Tudo . E todo esse tempo, você estava sentado em algo enorme. Monumental. Como eu deveria confiar em você agora?”

Eu poderia dizer a ela que nunca mais faria isso, que sempre serei honesto com ela a partir de agora. Mas ela não acreditaria em mim. Eu tinha quebrado a confiança dela, e isso era algo difícil de recuperar. Eu sabia por experiência própria.

Abaixei a cabeça. “Não sei para onde vamos daqui.”

Illayana ficou quieta por um momento. “Nem eu.”

Então ela se levantou e foi embora, me deixando sentado sozinho no meio do ringue.



“Tem certeza de que quer ir embora?”, meu pai perguntou, parado na porta do meu quarto com os olhos de um pai preocupado.

Eu assenti, enfiando as últimas roupas na minha bolsa.

Depois que Illayana foi embora, eu a cacei, desesperado para consertar as coisas.

Ela não queria me ver.

Hoje já era um dia difícil o suficiente para ela. Eu não queria acrescentar mais nada a ele do que já tinha. A melhor coisa a fazer era ir embora. Eu queria estar lá para ela. Para Nikolai também. Mas eu estava com medo de que minha presença a aborrecesse ainda mais.

Tentei mandar mensagem e ligar. Nenhuma resposta. Eu não queria fazer o dia de hoje ser todo sobre mim, então eu disse a ela que se ela me quisesse lá, tudo o que ela tinha que fazer era me dizer e eu iria imediatamente. Custe o que custar. E eu a deixei em paz.

Pensei em voltar para Nova York e começar a trabalhar em alguns designs para minha linha de roupas. O problema era que eu não tinha uma estação de trabalho. Em casa, eu tinha assumido um dos quartos extras e o transformado em meu "covil de design", com uma mesa industrial, máquina de costura, manequim, réguas, quadros de cortiça, cadernos de desenho... tudo o que eu precisava para criar e desenhar minhas próprias roupas. Eu não tinha nada parecido em Nova York.

“Ela não me quer aqui, pai.”

“Ela só está chateada. Dê um tempinho para ela se acalmar e tenho certeza de que tudo ficará bem.”

“É isso que estou fazendo.”

“Você não precisa correr milhares de quilômetros para fazer isso, no entanto. Você pode ficar aqui.”

Balancei a cabeça novamente. “É melhor eu ir embora.”

Ele bufou, entrando para sentar na beirada da minha cama.

Ele sabia que não havia sentido em discutir comigo.

“Desculpe. Eu não quis dizer—”

“Pai, isso não é culpa sua de forma alguma. A única pessoa a culpar aqui sou eu. Eu deveria ter contado a ela há muito tempo.”

Ele assentiu pensativamente. “Eu estava dizendo a você há algum tempo que você deveria simplesmente engolir a isca e contar a ela. Poderia ter se poupado de um monte de problemas se você tivesse me escutado.”

Eu o encarei e ele riu.

“Só estou dizendo. Seu velho é sábio além da idade. Não te mataria ouvi-lo de vez em quando.”

Joguei um travesseiro na cabeça dele. “Pare de falar de si mesmo na terceira pessoa. É estranho.”

Ele riu de novo. “Tudo bem. Brincadeiras à parte, tenho um favor para lhe pedir.”

"O que?"

“Quero que você conheça alguém.”

“Alguémoooo…?” Eu arrastei para fora.

“Ele é filho de um dos meus amigos.”

“Você não tem amigos,” eu disse automaticamente. Então suas palavras foram registradas corretamente em meu cérebro, e eu me encolhi em choque. “Espera aí, você está tentando me arrumar um encontro?! ” eu gritei.

“Não! Bem, quero dizer, se você gosta dele, então sim, você pode chamar isso de um encontro. Mas—”

“Pai! Não!”

“Só me escute! O nome dele é Steve. Ele tem vinte e seis anos, é alto, bonito e engraçado. Acho que vocês dois poderiam realmente se dar bem.”

"Eu não vou sair com um cara qualquer", eu disse, franzindo o rosto.

“Não é aleatório. Steve.”

“Ah, então com certeza. Me inscreva.”

Papai sorriu. “Ótimo! Eu realmente pensei que teria que te convencer mais sobre isso—”

“Estou brincando!” Dei um tapa no braço dele. “Mesmo que eu estivesse interessado em namorar — o que não estou —

não preciso da sua ajuda para encontrar um encontro. Eu consigo fazer isso sozinho.”

“Eu sei disso. Mas eu realmente acho que você gostaria do Steve.” Eu abri minha boca, mas ele levantou uma mão, me silenciando. “Só me escute primeiro, depois você pode falar. Eu não estou pedindo para você sair com ele. Eu não estou. Eu só quero que você o conheça . Pegue um pouco de comida e tenha uma conversa com o homem. Isso é tudo. Nada mais.”

“Parece um encontro para mim,” resmunguei baixinho. “Por quê?”

“Porque eu realmente acho que vocês vão se dar bem, e mesmo que nada romântico aconteça, pelo menos isso vai dar a vocês um amigo fora desta vida. Fora dos Volkovs.”

Eu levantei minhas sobrancelhas em surpresa. “Ele não é Bratva?”

“Não,” ele balançou a cabeça, seu cabelo loiro escuro caindo sobre seu rosto. “Como eu disse, ele é filho de um velho amigo meu da Rússia. Eu os vi na minha viagem.

Steve conhece a Bratva, mas ele não é um membro ativo.

Como você. Ele mencionou que estava vindo para Nova York e eu pensei que vocês poderiam se encontrar para

jantar. Só isso. Não precisa ser um encontro se você não quiser.”

“Mas você espera que se transforme em um.”

Ele deu de ombros inocentemente. “Se você gosta dele, você gosta dele. Só para constar, eu não acho que ele te machucaria como Nikolai fez.”

Eu o estudei desconfiado. Havia algo mais acontecendo aqui. Eu não conseguia entender direito, mas ele definitivamente estava tramando algo.

“Desculpe, pai, não estou interessado em namorar ninguém. Ou fazer novos amigos. Já tenho dificuldade suficiente em manter os que já tenho. Não preciso de mais.”

“Tatiana, por favor.” Ele colocou uma mão sobre a minha, capturando meu olhar e segurando-o com olhos intensos e suplicantes. “Eu não te peço muito. Na verdade, eu não te peço nada. Mas eu estou te pedindo isso. Faça isso por mim. Por favor .”

“Arghhh, pai,” eu gemi, abaixando minha cabeça. Ele estava colocando a carta da culpa bem grossa. Ele sabia que não havia nada que eu não faria por ele, especialmente quando ele implorava daquele jeito. Velho insuportável.

não é um encontro. Certifique-se de dizer isso a ele. E você não tem permissão para usar isso de novo pelo resto do ano. Na verdade, pelos próximos dois anos!”

“Bom.” Ele limpou a testa com as costas da mão, alívio enchendo seu rosto. “Porque eu já dei seu número a ele e ele vai te mandar uma mensagem em breve.”

"Você o quê?!"



Capítulo Vinte e Três

NIKOLAI VOLKOV

E O QUARTO ESTAVA QUIETO. Tão quieto que você podia ouvir um alfinete cair. Nós todos nos sentamos no escritório de Aleksandr na manhã seguinte, um ar tenso e estranho nos cercando, assim como na noite passada. Não era exatamente como todos nós planejamos passar o aniversário da nossa mãe. Lukyan não estava falando comigo. Illayana não estava falando comigo. Ou Aleksandr.

Nós nos amontoamos em volta da TV assistindo a todos os filmes favoritos da nossa mãe e comendo seus lanches favoritos. Era nossa maneira de prestar homenagem à mulher incrível que nos deu à luz e nos criou. Nossa maneira de

celebrar sua vida. Exceto que, ao contrário dos anos anteriores, onde a noite consistiu em risadas, união e brigas de comida, este ano não foi nada além de olhares raivosos e comentários sarcásticos.

Nem mesmo o bolo de aniversário de Praga que Aleksandr e eu fizemos especialmente para a noite aliviou a tensão. E

meus irmãos adoraram bolo de chocolate.

Tatiana me mandou mensagens a noite toda, me perguntando como eu estava e se certificando de que eu estava bem. Contando piadas para tentar me distrair da dor esmagadora daquele dia. Eu apreciei isso mais do que eu poderia colocar em palavras.

Geralmente, ela estaria lá conosco. Mas ela sentiu que, com tudo o que estava acontecendo, seria melhor manter distância. Pelo menos até Illayana se acalmar.

Ela também mandou mensagem, mas minha irmã estava ocupada demais sendo a pirralha que era para responder. O

fato de ser o dia seguinte e ela ter tido a noite inteira para se acalmar não ajudou em nada. Na verdade, todo esse tempo só a deixou mais irritada.

Aleksandr tinha acabado de transmitir as notícias que Mikhail nos trouxe para Illayana e Lukyan. Eles ficaram sentados em silêncio e ouviram cada palavra, o que era uma indicação por si só da seriedade da situação. Eles nunca ficavam parados. Era extremamente preocupante.

Eles estavam sentados um ao lado do outro no sofá contra a parede mais distante, rostos sombrios. Aleksandr estava atrás de sua mesa e eu estava sentado em uma das poltronas na frente dela. Ele estava tentando não parecer tão ansioso quanto eu sabia que ele se sentia. Aprendi há muito tempo a captar as dicas sutis da linguagem corporal do meu irmão: a tensão em seus ombros, o leve aperto de sua mandíbula, o desconforto em seus olhos azuis claros.

Tudo isso me mostrou o que ele estava tentando desesperadamente

esconder.

Ele

queria

parecer

imperturbável com a coisa toda, então não preocupou Illayana e Lukyan.

Mikhail, para seu desânimo, ainda estava lá. Ele tentou ir embora depois de nos contar sobre Talon, mas Aleksandr o convenceu a ficar, lembrando-o de que, apesar de como ele pudesse se sentir sobre nós agora, Dimitri era seu amigo mais antigo. Precisávamos da ajuda dele se quiséssemos trazê-lo de volta.

Ele ainda tinha muita culpa e ressentimento em relação a nós por causa do que aconteceu com seu filho. Ele não estava interessado em falar com nenhum de nós a menos que fosse absolutamente necessário, e até insistiu em ficar no mesmo quarto em que Dayton estava.

O fato de ser bem ao lado do Aleksandr fez com que fosse um pouco estranho esta manhã quando eles se encontraram.

“Okay,” Lukyan explodiu, inclinando-se para trás. “Então é como um acordo do tipo Squid Game?”

Aleksandr franziu a testa. “Não sei o que isso significa.”

“É um programa de TV.” Illayana manteve os olhos fixos no chão, braços apoiados nas coxas, mãos entrelaçadas. “Um bando de pessoas faz desafios mortais por dinheiro enquanto outros assistem e apostam em quem ganha.”

“Então sim, acho que é assim.”

“Exceto que as pessoas nos Til Death Games não se inscreveram para isso”, acrescentou Mikhail.

“Qual é o plano?” Havia uma sensação de desespero e urgência na voz de Lukyan que eu nunca tinha ouvido antes. “Se essa ilha dele não pode ser encontrada, então como diabos vamos resgatar o Pai?”

“Na verdade, tenho uma ideia para isso.” Virei-me para Mikhail. “Onde Talon consegue seu cajado?”

“Sua equipe?” ele franziu a testa.

“Sim. Ele tem uma ilha inteira para administrar, atendendo aos ricos e abastados. Ele precisaria de trabalhadores para mantê-la. Garçons, chefs, jardineiros, empregadas, seguranças. Você sabe de onde ele tira isso?”

“Não. Mas eu poderia descobrir.”

Lukyan inclinou a cabeça. “Você quer ir disfarçado?”

“Acho que é a maneira mais rápida e eficiente de encontrarmos a ilha. Um de nós se passa por um trabalhador e entra nos bastidores. Reunimos o máximo de informações que podemos. Detalhes do layout, quantas pessoas ele tem, suas medidas de segurança e onde eles mantêm os prisioneiros para que, quando nos infiltrarmos, não fiquemos correndo às cegas.”

“Você realmente acha que isso vai funcionar?” Illayana levantou o olhar do chão. Seus olhos estavam cheios de raiva (se era de mim ou da situação, eu não tinha certeza).

“Considerando as precauções que esse cara Talon já tem em vigor, você realmente acha que ele não iria investigar completamente qualquer um que planeja empregar? Tenho certeza de que ele acharia suspeito quando visse que um dos filhos de Dimitri se candidatou para trabalhar para ele.”

Eu já tinha pensado nisso. “Usamos um pseudônimo com um histórico extenso que enganaria até a pessoa mais paranoica do mundo. Tudo o que ele verá é uma pessoa normal procurando emprego.”

“Isso ainda deixa a questão de encontrar a ilha,” Mikhail pressionou. “Talon definitivamente fará com que todos —

incluindo seus trabalhadores e seus pertences — sejam escaneados em busca de dispositivos de rastreamento e escuta. Será uma bala instantânea no cérebro se ele encontrar um.”

“Então não teremos um”, dei de ombros. “Teria que haver um centro de comando de algum tipo lá. Poderíamos usar isso para descobrir a latitude e longitude da ilha. Então, tudo o que precisaríamos fazer é retransmitir essas coordenadas.”

Aleksandr assentiu. “Gostei. Quanto tempo vai levar para você criar esse alias?”

“Eu já tenho um. Estou construindo há anos.” Peguei meu iPad da pequena mesa ao meu lado e, depois de alguns toques, tinha as informações de um Damien Cszar na tela.

Eu o entreguei a Aleksandr. Ele correu os olhos pela tela e soltou um grunhido de aprovação. Ele o ofereceu a Mikhail, parado atrás dele.

“Parece bom”, disse Mikhail, estudando-o atentamente.

“Você pode adicionar um histórico criminal também? Nada

muito louco. Talvez uma acusação de agressão e agressão, ou algo assim? Tenho a sensação de que Talon se inclinaria mais para os tipos que estão dispostos a quebrar uma regra ou duas.”

Fazia sentido, considerando as atividades ilegais que aconteciam naquela ilha. Ele precisaria ter certeza de que ninguém iria correndo para a polícia.

Eu assenti. “Fácil.”

“E substitua por uma imagem minha em vez disso,”

Aleksandr comandou. “Eu serei aquele que irá disfarçado.”

Eu bufei. “Você está brincando, certo?”

Suas sobrancelhas se juntaram. “Não, não estou.”

“Aleksandr, de todos nós, você é o único que não consegue fazer isso. Você é a cara do Pai.”

“Ele está certo”, Lukyan declarou. “Uma olhada em você e fica óbvio que você é filho de Dimitri Volkov.”

Ele bufou de aborrecimento, mas não negou. Ele sabia que estávamos certos.

“Todos nós sabemos que sou a melhor escolha. Sempre me pareci mais com a mãe do que com o pai”, eu disse.

“Tudo bem, tudo bem. Vamos deixar do jeito que está.” Ele definitivamente não estava feliz com isso, no entanto. Ele olhou para Mikhail. “Quanto tempo você vai levar para descobrir o que precisamos?”

“Não demora.” Ele se afastou da parede e pegou seu telefone. “Vou colocar meu pessoal nisso agora mesmo.

Devo ter algo para você nos próximos dias.” Sem mais nada a acrescentar, ele foi embora.

“Quero ver de novo”, exigiu Illayana.

Aleksandr e eu trocamos um olhar. Ela estava falando sobre o vídeo do Pai brigando. O que foi enviado no e-mail. Eu não sabia o que de bom viria em assistir pela terceira vez, mas acenei para Aleksandr mostrar a ela novamente de qualquer maneira. Ele entregou o iPad a ela. Lukyan se

inclinou sobre o ombro dela para assistir também, olhos focados. Foi o mais sério que eu já o vi antes, o mais longo que eu já o vi ficar sem fazer uma piada idiota. Isso me preocupou.

Levantei-me e fui até o lado de Aleksandr, colocando uma mão espalmada sobre a mesa para me inclinar para frente, para que nossos irmãos não pudessem ouvir nossa conversa.

“Precisamos ficar de olho neles. Essa coisa toda vai ser difícil para eles lidarem.” Pela primeira vez em suas vidas, o pai tinha sido espancado. O homem que eles admiravam por toda a vida estava sendo mantido em cativeiro e forçado a lutar por sua vida, enquanto outros assistiam e comemoravam.

Aleksandr grunhiu em concordância. Seu olhar estava fixo em Illayana e Lukyan enquanto eles assistiam ao vídeo repetidamente. “Não se preocupe. Eu vou assisti-los.”

Eu assenti. “Onde está a patroa?”

“Fora ver o irmão dela. Ela está tentando ter uma ideia aproximada de quantos homens ela pode trazer para a mesa se precisarmos.”

“Será que o irmão dela vai mesmo permitir isso? Nossa última interação com ele

não foi exatamente muito boa.”

“Drea parece pensar assim. Mas não acho que ele faria isso por nós . Ele fará isso por ela. Eles podem ser apenas uma organização pequena, mas seus números ajudarão.” Ele olhou para mim por cima do ombro. “Preciso que você leve uma dúzia de soldados e cuide de algo para mim.”

"O que?"

“Eu tenho as localizações de duas das gangues MC que ajudaram no ataque contra nossa casa. Quero que você lide com elas.”

Um sorriso se curvou em meus lábios. “De alguma forma em particular?”



A escuridão fria varreu seus olhos. “Faça-os sofrer.”

Quando cheguei em casa, já era tarde. Meu corpo inteiro doía, a exaustão fluía em cada osso dentro de mim a ponto de meus membros parecerem gelatina. Havia sangue no meu cabelo. Debaixo das minhas unhas. Encharcado nas minhas roupas. Infiltrando-se na minha pele.

A noite tinha sido longa . A primeira gangue MC, The Chaos Lords, tinha montado seu clube em uma casa de crack.

Pisos encharcados de mijo e vômito. Janelas quebradas.

Paredes mofadas. Eu senti que precisava de uma vacina contra tétano só de entrar naquele maldito lugar.

Era fácil ver como Dominik conseguiu convencê-los a trabalhar para ele. Tudo o que ele tinha que fazer era jogar um maço de dinheiro neles e eles estariam dispostos a fazer o que diabos ele quisesse. Os drogados fariam qualquer coisa pela próxima dose.

Era uma pequena carta, consistindo de sete membros. Eu presumi que provavelmente havia mais antes do ataque, mas

agora

havia

apenas

sete

restantes,

todos

completamente doidos de suas mentes, Deus sabe o que, quando chegamos.

Foi uma infiltração fácil. Nós nos esgueiramos sob a cobertura da escuridão e cortamos suas gargantas enquanto eles estavam desmaiados, sem sofrer uma única baixa. Não havia honra entre ladrões entre nós. Filhos da

puta invadiram nossa casa e tentaram nos matar.

Estávamos apenas retribuindo o favor. A diferença é que fomos bem-sucedidos.

Deixamos o Prez e o Vice Prez por último. O único pedido de Aleksandr era fazê-los sofrer. Os outros eram apenas peões, lacaios. Apenas seguindo ordens.

Aqueles dois, no entanto, decidiram ativamente ir contra nós. E isso teve um preço — esse preço foi seus olhos, línguas, mãos e pés.

Quando terminamos, eles estavam irreconhecíveis. Apenas cadáveres sem vida e ensanguentados que pareciam ter sido atacados por Edward Mãos de Tesoura.

A segunda gangue MC, The Brotherhood, era um pouco mais organizada que a primeira.

Para começar, eles trancaram suas malditas portas. Havia onze membros no MC. Ainda tínhamos a cobertura da noite e o elemento surpresa trabalhando a nosso favor, mas a Irmandade se adaptou rapidamente quando atacamos, e eles lutaram duro. Foi quase... admirável. O Presidente e o Vice-Presidente foram mortos no tiroteio, então não consegui torturá-los como fiz com os Lordes do Caos.

Decepcionante, mas inevitável.

Perdi quatro soldados, o que era quatro a mais. Eu esperava emergir vitorioso e ileso. Um em cada dois teria que servir.

Antes de partirmos, esculpi um grande "V" no centro da testa de todos eles, assim como fiz com todos os membros dos The Chaos Lords, para que não houvesse dúvidas sobre o motivo pelo qual suas vidas foram perdidas.

Eu tinha planejado ir direto para o meu quarto e tomar banho quando entrasse pela porta da frente, mas a figura solitária sentada no sofá da sala de estar me fez parar. Era Aleksandr. Ele estava sentado perfeitamente imóvel, envolto em escuridão, a única luz vinha da TV na frente

dele. Não estava passando, apenas pausado em algum programa de TV.

Esperei mais alguns segundos, mas ele não fez nenhum movimento para assistir. Apenas continuou sentado ali, encarando a tela.

Você está cansado. Com fome. Dolorido. Coberto de sangue. Apenas suba e tome um banho e desça depois.

Apenas vá. Apenas—

Xinguei baixinho e entrei na sala. Sentei-me na poltrona ao lado do sofá e gemi

de satisfação. Foi bom levantar do chão. Havia um ferimento de faca na minha coxa que estava me dando dor de cabeça desde o momento em que a adrenalina começou a passar.

O olhar de Aleksandr se voltou para mim e depois de volta para a TV. “Se o pai estivesse aqui, ele cortaria sua cabeça por sentar na mobília da mãe, coberta de sangue.”

“Acho que é uma coisa boa ele não estar aqui então, não é?” Eu não gostei da expressão no rosto dele, do tom sem emoção na voz dele. Estava ainda mais frio do que o normal.

“Como foi?”

"Multar."

“Alguma vítima?”

Girei meu ombro e então me inclinei para trás, olhando para o teto. “Quatro. Shane, Lev, Nina e Dima.”

“É uma pena. Dima mostrou-se promissor.”

Eu concordei com a cabeça. “Eu me certifiquei de trazer os corpos de volta, para que suas famílias pudessem colocá-los para descansar.”

Quando não houve resposta, virei a cabeça para olhar para ele. Ele ainda estava olhando para a TV como um zumbi.

“O que está acontecendo?”

“Nada”, ele respondeu automaticamente.

“Jura pela mãe?”

Ele não disse nada.

Soltando um suspiro de irritação, peguei o controle remoto que estava na mesa de centro. "Bem, não vamos ficar aqui sentados em silêncio..." sua mão se esticou e agarrou meu pulso, me impedindo de apertar o play.

"Não."

Estreitei os olhos desconfiadamente. Que porra é essa de problema? Se fosse raiva que eu estivesse sentindo nele, provavelmente deixaria passar. Aleksandr estava bravo e mal-humorado o tempo todo. Mas não era isso.

Eu poderia jurar que era…tristeza.

“ Fale comigo , Zander. Nós dois sabemos que não vou a lugar nenhum até que você vá. Então tenha pena de mim, porque estou cansado e com fome e só quero dormir.” Ele só tinha misericórdia e compaixão por aqueles que amava.

Eu não estava acima de fazê-lo falar por culpa.

Ele estalou a língua e me soltou, se acomodando de volta no sofá. Eu soube que tinha vencido quando ele estalou o pescoço. Ele fazia isso sempre que tinha que falar sobre algo desconfortável. Um traço de família, eu acho, porque eu também fazia isso.

“Eu costumava assistir isso…com Dayton. Antes de ele ser morto.”

Claro. Isso era sobre o garoto. Eu deveria saber. Ele estava evitando o assunto desde que aconteceu.

“Você não quer assistir sem ele?”

“Você sabia que a primeira vez que ele me pediu para assistir algo com ele, ele ficou tão nervoso que praticamente mijou nas calças?”, ele disse, ignorando minha pergunta.

“Eu não sabia disso.”

“E então quando eu disse sim?” ele deu uma risada sem alegria. “Você pensaria que eu tinha acabado de oferecer a ele um milhão de dólares ou algo assim, ele estava tão

animado. Era como se ninguém nunca tivesse se sentado e assistido a um filme com ele antes.”

Com base no que ouvi sobre a vida do garoto, não ficaria tão surpreso se fosse

verdade.

“Ele era um merdinha quando chegou aqui. Desrespeitoso.

Ressentido. Má atitude. Sabe o que eu faço com pessoas assim?”

“Você os tirou da surra.” Eu sabia disso por experiência própria.

“Essa merda nunca iria funcionar em Dayton, no entanto.

Aquele garoto tinha sido espancado a vida inteira. Depois que eu descobri isso, descobri o que ele realmente queria, toda a atitude dele mudou.”

“E o que foi isso?”

Seus olhos se moveram para mim e se mantiveram. “Ele só queria que alguém se importasse com ele.”

Inclinei a cabeça para o lado, estudando-o atentamente. “O

que havia nele, Zander? Você já viu muitas crianças com histórias de partir o coração como a dele antes. Por que essa te afetou tanto?”

Ele olhou para baixo, observando seu dedo se mover em um círculo lento no apoio de braço. “Acho que parte disso foi o fato de que ele me lembrava muito Lukyan durante sua adolescência. Mas, diferente de Lukyan, ele tinha essa timidez sobre ele que simplesmente tinha esse jeito de quebrar suas barreiras. Eu senti... pena dele. Tudo o que ele queria era uma família. Alguém para cuidar dele. Eu pensei—”

“Você poderia ser isso para ele?”

Ele não respondeu, mas eu tinha a sensação de que estava certo. Meu irmão tinha um grande coração. Um coração grande e guardado , mas grande mesmo assim. Se você conseguisse de alguma forma superar isso, ele cuidaria de você até o dia em que morresse.

O silêncio caiu sobre nós. Eu não tinha certeza do que mais dizer. Eu sabia que isso seria difícil para ele expressar, então decidi que uma distração seria melhor. Apertei play no controle remoto.

Aleksandr suspirou imediatamente. “Nikolai—”

“Cale a boca, estou tentando assistir.”

“Você perdeu quase toda a primeira temporada. Você não terá ideia do que está acontecendo.”

Eu chutei meus pés para cima da mesa de centro e os cruzei nos tornozelos. “Acho que você vai ter que me explicar então.”



Capítulo Vinte e Quatro

NIKOLAI VOLKOV

“F OU A MILÉSIMA VEZ, não sei onde está sua porra de adaga. Não toquei nela,” Illayana rosnou, olhando feio para Lukyan do outro lado da mesa da cozinha.

“Estava no meu quarto ontem à noite antes de eu ir dormir.

Acordei esta manhã e ele desapareceu misteriosamente .

Você está tentando me dizer que não teve absolutamente nada a ver com isso? Hein?”

"É exatamente isso que estou lhe dizendo, sua aberração de pescoço longo", ela sibilou.

Lukyan engasgou de indignação, a mão voando para sua garganta. “Eu não tenho um pescoço longo!”

Peguei outra colherada do meu cereal, ouvindo meus irmãos brigarem como um bando de... bem, por falta de uma palavra melhor, idiotas. Eles estavam brigando desde que acordaram esta manhã, e não pararam nenhuma vez.

Era como se nunca tivessem ido embora.

Aparentemente, a adaga favorita de Lukyan tinha desaparecido, e ele culpou Illayana por isso. Uma provável culpada, considerando que ela costumava fazer essa merda muito quando eles eram crianças; pegando as coisas dele e escondendo em algum lugar da casa. Mas ela estava jurando a torto e a direito que não tinha feito isso, e eu estava inclinado a acreditar nela.

Geralmente, ela se gabava e o provocava sobre isso. "Nah, nah, na-nah-nah, você nunca vai encontrar." Ou algo assim.

O fato de ela não estar fazendo isso agora me fez pensar que ela não era responsável.

“Eu não fiz isso”, Illayana rosnou.

“Ninguém mais poderia ter feito isso!” Lukyan agressivamente enfiou uma torrada na boca e arrancou um pedaço. “A menos que alguém tenha subido na lateral da casa, entrado pela minha janela, atravessado meu quarto enquanto eu

dormia, roubado da minha mesa de cabeceira e depois saído furtivamente — tudo sem me acordar. É isso que você está dizendo que aconteceu?”

"Sinceramente, não me surpreenderia se alguém tivesse todo esse trabalho para te sacanear, considerando o quão irritante você é", ela sibilou.

“Você é muito chato”, concordou Christian, dando uma mordida em seus ovos.

Lukyan deu-lhe um tapa na cabeça. “Ninguém te perguntou.”

“Tem certeza de que não o perdeu?”, perguntei.

Lukyan se endireitou e se virou ligeiramente para me dar as costas. “Christian, você poderia informar meu irmão que, devido aos seus modos enganosos, não estou mais conversando com ele. E que, embora eu esteja triste com o que foi revelado, ainda quero dar um soco na cara dele.”

Revirei os olhos.

Christian deu de ombros e me encarou, abrindo a boca.

“Entendi”, eu disse, levantando uma mão para silenciá-lo.

Se esse era o jogo que ele queria jogar, então tudo bem.

“Christian, você poderia, por favor, perguntar ao meu irmão se ele talvez tenha perdido sua adaga?”

Christian se virou para Lukyan, mas antes que ele pudesse dizer uma palavra, Lukyan disse: "Por favor, diga ao meu irmão..."

“Ah, pelo amor de Deus, diga a ele”, Christian empurrou-o levemente no ombro. “Eu não sou seu garoto de recados. E

isso é estúpido.” Pela primeira vez, concordei com o homem.

“Espera, suas coisas não estavam sumindo em Nova York?”

Luca tomou um gole de seu café, as sobrancelhas franzidas em uma carranca profunda. “É, eu lembro de você reclamando sobre como alguém roubou sua escova de dentes ou algo assim?”

Parei no meio da colher, o leite pingando da minha colher na minha tigela. Meu olhar se fixou no de Lukyan.

“Não…você acha?” ele sussurrou, como se estivesse com medo da resposta.

Fiquei tentado a dizer: "Pensei que você não estivesse conversando comigo ", mas achei melhor não cutucar a criança chorona.

“Pode ser.” Acontece que meu irmão mais novo tinha um pouco de perseguidor. Tudo começou depois que ele se mudou para Nova York com Illayana. Alguém estava deixando pequenos bilhetes de amor para ele, declarando que eles eram almas gêmeas. Destinados a ficar juntos.

Alguns de seus pertences também tinham desaparecido.

Esperávamos que levá-lo de volta para Vegas o tirasse do radar de seu perseguidor, mas claramente, eles apenas o seguiram.

“Não,” Lukyan negou novamente. “Não tem jeito. Como diabos ela conseguiu entrar na casa?!”

Se a responsável foi a perseguidora, então ela era muito mais astuta e engenhosa do que esperávamos inicialmente.

Era definitivamente possível que alguém burlasse nossa segurança. Improvável... mas possível. O terreno deveria ser patrulhado 24 horas por dia, sete dias por semana, em dois turnos rotativos, consistindo de seis homens em cada.

As chances de alguém pular a cerca, atravessar o quintal, passar pelos cachorros, subir pela lateral da casa e entrar

no quarto de Lukyan sem ser detectado eram mínimas.

Menos que mínimas. Não havia como. De jeito nenhum.

Porra .

“Vá checar as câmeras de segurança e veja se elas pegaram alguma coisa”, eu disse a Lukyan. Eu tinha uma suspeita furtiva no meu intestino de que não importava quão pequenas fossem as chances, o misterioso perseguidor de

Lukyan de alguma forma conseguiu fazer isso. Ele assentiu, enfiando o resto de sua torrada na boca antes de se levantar.

“Uh, com licença?” Illayana gritou enquanto começava a se afastar.

"Você está dispensado", ele disse por cima do ombro, sem olhar para trás.

“Tenho certeza de que você me deve um pedido de desculpas!”

Lukyan...desculpas? Eu tinha mais chances de cagar margaridas do que Illayana tinha de fazer aquele idiota se desculpar por qualquer coisa. Terminei o resto do meu cereal e levei minha tigela vazia para a pia, lavando-a rapidamente antes de colocá-la no suporte do painel. Luca e Christian conversavam entre si enquanto comiam, enquanto Illayana brincava com seu telefone e beliscava levemente sua comida.

Lukyan voltou alguns minutos depois com um iPad nas mãos. “Olha.” Ele virou o aparelho para mim.

“O que eu deveria estar olhando aqui?” Na tela, havia seis feeds de câmeras individuais, todas mostrando um ângulo diferente do lado de fora da casa. Algumas apontavam para o portão que cercava nossa propriedade. Algumas apontavam diretamente para a casa em si. Nada parecia suspeito ou fora do lugar.

Então eu vi. Uma pequena figura vestida com o que eu só poderia descrever como um traje preto de ladrão de gatos

correndo pelo gramado. O material era justo. Com base na cintura fina e nas curvas, eu estava inclinado a concordar com a avaliação original de Lukyan de que sua perseguidora era uma mulher.

Ela se movia rápida e eficientemente, se protegendo quando necessário para evitar os soldados em patrulha.

Quando um dos cães — Boris, presumi, com base na coloração — a viu, pensei que ela estava acabada. Em vez de atacá-la, como eles tinham sido treinados para fazer com qualquer intruso, ele foi até ela e a deixou dar um tapinha em sua cabeça.

Isso me disse duas coisas. Uma: ele era familiar o suficiente com ela para não considerá-la uma ameaça. E duas: essa provavelmente não era a primeira vez que ela fazia isso.

Quem é essa mulher?

Depois de jogar para Boris o que parecia ser um pedaço de carne crua, ela subiu na lateral da casa — à mão livre —

abriu a janela de Lukyan (o que significava que o idiota não a havia trancado) e desapareceu lá dentro. O carimbo de tempo na filmagem era 1:59 da manhã. Ela não reapareceu até 3:17 da manhã.

O que diabos ela estava fazendo todo esse tempo?

Observando-o dormir?

Deslizei para as câmeras internas para ver se ela tinha saído do quarto e ido bisbilhotar a casa ou algo assim.

Ela não tinha. Durante os setenta e oito minutos inteiros em que esteve lá dentro, ela não saiu do quarto dele nenhuma vez. Preocupante.

Ela saiu pela janela e começou a descer pela lateral da casa. Ela parou na descida, parando bem na frente de uma câmera. Usando apenas uma mão para não cair, ela abriu o zíper da frente do traje com a outra e tirou um pedaço de papel, segurando-o para a câmera ver:

Você fica tão fofo quando dorme.

Ela guardou o bilhete e então puxou a adaga da qual Lukyan estava reclamando a manhã toda. Ela levantou a parte inferior da máscara para revelar os lábios e então passou a língua pelo lado cego da lâmina de uma maneira sexualmente sugestiva. Depois de mandar um beijo de despedida para a câmera, ela caiu no chão e saiu do mesmo jeito que veio: quieta e sem ser detectada.

Olhei para meu irmão. “Você viu isso?”

“É.” E ele não parecia nem um pouco assustado com isso.

Não. Ele parecia… animado. Exultante.

Só meu irmão ficaria animado com a perspectiva de ter um perseguidor louco.

“Por que você está assim?”

“Como o quê?” ele perguntou inocentemente.

“Como se você estivesse tonto de antecipação. Não deveria estar. Essa mulher invadiu seu quarto e observou você dormir por mais de uma hora. Ela é perigosa. E louca.”

“Eu sei.” Seus olhos praticamente brilharam . “Minhas duas coisas favoritas. Mal posso esperar para conhecê-la.”

“Lukyan,” eu gemi, enterrando meu rosto em minhas mãos.

Ele riu. “Olha, obviamente ela tem que morrer. Eu não sou idiota. Eu sei que não podemos continuar fazendo ela me seguir por todo lugar. Ela eventualmente verá algo que não deveria, se é que já não viu. Mas eu definitivamente vou transar com ela primeiro. Talvez duas vezes. Uma com aquela roupa de gatuno, com certeza.”

“Eu quero ver, eu quero ver”, cantou Christian, aproximando-se.

“Viu o quê? Nós transando?” Lukyan deu de ombros, imperturbável. “É, se você quiser. Você pode até participar, se for a praia dela.”

“Não, a filmagem — espere, o quê?”

“Oh, meu B.” Ele entregou o iPad para Christian e pegou uma maçã da ilha da cozinha. Ele deu uma mordida,

mastigando irritantemente alto enquanto Christian assistia ao mesmo vídeo que eu assisti um momento atrás.

“Droga. Ela é realmente louca.”

Luca se juntou a nós. “Minha vez. Mostre-me.”

“Ok, não.” Eu arranquei o iPad das mãos de Christian antes que ele pudesse

passá-lo adiante. “Nós não estamos glamourizando a vadia perseguidora louca —”

“Ei, isso é rude. Não sabemos se ela é uma vadia, ou se ela é perigosa. Ela nunca fez nada ameaçador.” Lukyan deu outra mordida em sua maçã.

“Ela não cortou os dedos de uma das garotas que você transou?” Luca questionou, arqueando uma sobrancelha.

“ Para mim ,” ele emendou, apontando para o peito, sua boca transbordando. “Nunca fez nada ameaçador para mim. ”

Balancei a cabeça em exasperação. Era fácil ver em momentos como esse por que Aleksandr estava hesitante em confiar mais responsabilidades a Lukyan. Sua vida estava em perigo potencial, e ele não conseguia levar isso a sério o suficiente para pelo menos parar de fazer piadas. Se Christian e Luca não estivessem na sala, eu o repreenderia.

Mas isso era um assunto de família, e eu não estava prestes a expor tudo na frente dos outros. Mas precisava ser resolvido — e agora ...

Então eu fiz a única coisa garantida para fazer os gêmeos desaparecerem. “Onde está Illayana?”

Ambos giraram, olhando para o assento vazio onde Illayana estava com expressões horrorizadas. Eu a vi sair furtivamente alguns minutos atrás, aproveitando que os gêmeos estavam distraídos.

“Oh, merda,” ambos disseram ao mesmo tempo. Luca apontou para seu irmão. “Você vai para cima. Eu vou para baixo. Vão.” Eles dispararam em direções diferentes.

Eles nunca iriam encontrá-la. A menos que ela quisesse ser encontrada. Ela conhecia esta casa como a palma da mão.

Se ela quisesse ficar escondida, ninguém tinha a mínima sorte em encontrá-la.

“Tenho a sensação de que não vou gostar do que você vai dizer.” Lukyan jogou o miolo da maçã no lixo ao lado dele.

“Você está com a mesma cara do meu professor de história do décimo ano quando eu disse a ele que não tinha feito o dever de casa. Decepção raivosa.”

“Você precisa levar essa situação mais a sério.”

“Que situação?” Ele parecia genuinamente confuso, e isso me fez querer estrangulá-lo.

“A situação do perseguidor,” eu sibilei. “Pare de tratar isso como uma piada e entenda que sua vida pode muito bem estar em perigo por causa dessa mulher. Quando perseguidores não pegam o objeto de sua obsessão, eles podem se tornar violentos. Essa mulher já matou uma vez por você. O que acontece se ela decidir que quer você só para ela? O que acontece quando ela descobrir que você está arranjado para se casar com Anya?”

Ele empalideceu.

“Esse casamento é a única coisa que mantém Illayana segura. Se algo acontecer com Anya, o avô não vai se importar se fomos responsáveis por isso ou não. Ele só vai ver que seu arranjo foi ferrado e nos punirá de qualquer maneira. Você quer que Aleksandr pare de te tratar como um palhaço da turma incompetente e comece a te levar a sério? Dê a ele uma porra de um motivo para isso.”

Eu saí furiosa, a culpa das minhas palavras já começando a se infiltrar no meu coração. Eu não gostava de repreendê-lo ou esmagar seu espírito. Eu gostava de sua natureza despreocupada, mas havia um tempo e lugar para isso, e ele precisava aprender isso.

Eu teria que contar a Aleksandr sobre a violação de segurança. Ele não ficaria feliz com isso. Eu podia imaginar, seus grunhidos e rosnados enquanto ele batia o punho na mesa. Lukyan gostava de chamá-lo de “O Hulk”

quando ele ficava bravo... um nome apropriado.

Dobrei a esquina e entrei no saguão, seguindo em direção às escadas para subir até o escritório de Aleksandr, quando alguém gritando me fez parar.

“Pare! Não ouse! Não!”

Franzi a testa, minha cabeça inclinada para o lado enquanto eu escutava com

mais atenção. Era… Drea?

“Não! Não! Afaste-se!”

Estava vindo da área de jantar. Saquei minha arma e corri de volta pelo corredor. Drea e eu não éramos exatamente melhores amigos, mas meu irmão a amava. Se ela estava em perigo, eu tinha que salvá-la. Por ele.

Os gritos ficaram mais altos e mais distintos conforme eu me aproximava da sala de jantar. Definitivamente, alguma coisa estava acontecendo. Levantei minha perna e chutei a porta para baixo, correndo para dentro da sala. O que vi me fez parar bruscamente, minha boca aberta em choque.

Drea estava amarrada, de pernas abertas na mesa de jantar, com os braços e pernas amarrados por uma corda.

Aleksandr estava de pé na frente da metade inferior dela, protegendo seu corpo da vista, mas eu tinha a sensação de que ela estava nua da cintura para baixo. E em suas mãos estava uma pistola de tatuagem.

“Nikolai. Oh, graças a Deus. Me ajude. Seu irmão enlouqueceu!” Drea sibilou, puxando suas amarras.

“Eu não fiquei louco”, Aleksandr respondeu calmamente.

“Eu disse a você, estou cansado de ver o nome de outro homem em seu corpo. Então, vou me livrar dele.”

“E eu disse que eu daria um jeito nisso! Só não tive tempo.

Logan era meu tatuador. Presumi que você não iria querer

que eu fosse até ele para o trabalho, então tenho que encontrar outra pessoa.”

“Você assumiu corretamente.” O zumbido da pistola de tatuagem ecoou pela sala, e Drea gritou.

“Aleksandr, não ouse! Você não tem ideia do que está fazendo! Você vai foder tudo.”

Ele franziu a testa para ela. “Eu sei o que estou fazendo. Eu pesquisei no Google.”

“Você pesquisou no Google…” ela suspirou, horrorizada.

“Oh, meu Deus.”

“Só relaxa.” Ele olhou para a pistola de tatuagem em suas mãos, girando-a para um lado e para o outro, estudando-a atentamente antes de concordar. “É, eu montei corretamente… eu acho. Estamos prontos para começar.”

“Toque-me com essa coisa e você não poderá entrar na minha boceta por um mês inteiro!”

Aleksandr realmente hesitou, um olhar aflito cruzando seu rosto. Então ele sacudiu a cabeça. “Está acontecendo, malyshka . Eu te dei tempo para se livrar disso sozinha e você não fez isso. Estou tomando as coisas em minhas próprias mãos. Nenhuma mulher minha terá o nome de outro homem em seu corpo.”

Um floreio de palavrões em espanhol saiu da boca de Drea.

Lukyan se aproximou do meu lado, seus olhos se arregalando quando ele olhou para dentro do quarto. Então ele girou nas pontas dos pés, voltando pelo caminho que veio.

Eu recuei e fechei a porta. Honestamente, fiquei surpreso que Aleksandr tenha resistido por tanto tempo. A possessividade que ele demonstrou em relação à sua pequena esposa do Cartel era quase tão forte quanto a minha possessividade em relação à Tatiana. Não há como eu tolerar o nome de outro homem em seu corpo.

Francamente, na minha opinião, Aleksandr foi bastante

generoso com o prazo. Drea deveria saber que se ela não cobrisse ou removesse o nome, meu irmão cuidaria disso sozinho.

Pensar em Tatiana fez meu coração vacilar. Deus, eu senti falta dela. Eu senti falta dela no segundo em que ela saiu da minha vista. Eu não queria nada mais do que ir até ela, mas eu não podia voar para Nova York naquela época.

Havia muito planejamento a ser feito.

Meus pensamentos estavam consumidos por ela. O que ela estava fazendo. Com quem ela estava. Se ela estava feliz ou triste. Se ela estava comendo comida suficiente ou bebendo água suficiente.

Eu poderia não conseguir estar com ela naquele momento, mas eu tinha um jeito de checar como ela estava. Só para ver se ela estava bem. Um jeito que ela... não sabia. Peguei o telefone extra que eu mantinha carregado e comigo o tempo todo. Eu folheei alguns dos aplicativos, apenas dando uma olhada rápida neles quando meu corpo inteiro travou, uma raiva sombria me inundando como uma onda gigante.

Que porra é essa?



Capítulo Vinte e Cinco

TATIANA ANDREEVA

O H, ISSO FOI UMA péssima ideia.

Olhei para Steve do outro lado da mesa, seriamente arrependida da minha decisão de fazer esse favor idiota ao meu pai. Não era um encontro. Deixei isso bem, bem claro para Steve quando ele me mandou uma mensagem.

Steve . Eu zombei internamente, tomando um gole da minha água. Que tipo de nome era "Steve" afinal? Ele era tudo o que meu pai dizia que ele era. Alto. Bonito.

Engraçado. Ele tinha cabelos loiros claros e cacheados, olhos castanhos profundos e um rosto bonito. Ele usava um terno bonito e simples, sem gravata. O colarinho aberto era um bom visual nele.

Mas você conhece alguém que é mais bonito, não é?

Eu não deveria me sentir culpada. Eu sabia disso. Eu não estava fazendo nada errado. Isso não era um encontro. Eu disse isso a ele. Eu disse isso ao meu pai. Eu disse isso a mim mesma .

No entanto, enquanto eu estava sentado em frente a Steve neste restaurante agradável e um tanto chique, eu não conseguia deixar de me sentir culpado de qualquer maneira. Se a situação fosse inversa — se fosse Nikolai sentado aqui jantando com outra mulher — eu ficaria puto .

Não importa quais fossem as circunstâncias.

Eu sou um hipócrita do caralho.

Quando Steve me mandou a primeira mensagem, eu nem respondi. Pelo menos, não imediatamente. Eu ignorei, esperando que se eu fingisse que não tinha recebido ou algo assim, eu pudesse evitar a coisa toda.

Então ele mandou mensagem de novo, contando uma piada sobre como ele nunca tinha sido ignorado por alguém que ele nunca conheceu antes. Isso me fez rir... então eu respondi.

Ele me chamou para almoçar (o que, para ser honesta, eu teria preferido muito mais, porque então não pareceria tão datado). Mas eu tinha turnos diurnos no café com Belinda para completar meu treinamento, aos quais eu absolutamente não conseguia dizer não. Por quê? Porque tudo o que eu podia pagar para o jantar nas duas últimas noites eram palitos de peixe.

Peixe. Palitos.

Fazer isso sozinho foi difícil . Se eu não estivesse tão determinado a mostrar não só a mim mesmo, mas a todos os outros, que eu poderia fazer isso, eu teria cedido e usado meu cartão de crédito de emergência.

Conversas leves, o tilintar de utensílios e o cheiro de comida italiana deliciosa giravam ao meu redor. L'ultima Cena era um restaurante lindo. Tinha uma atmosfera barulhenta e divertida, uma vibração fofa e rústica, e era inteiramente de propriedade e operado pela La Cosa Nostra. Foi uma das razões pelas quais o escolhi. Isso significava que, se eu quisesse esfaquear Steve com um garfo por ser muito prático, eu poderia. O lugar inteiro era composto por pessoas da máfia, desde os garçons, aos chefs, aos seguranças nos fundos. Isso praticamente garantia que ninguém piscaria se um pouco de sangue fosse derramado. Eu nem ficaria surpreso se a maioria dos outros clientes também fossem da máfia. Reconheci alguns

dos soldados de Arturo que vi em sua casa, sentados nas mesas quando entrei.

Eu tinha quase certeza de que o lugar todo era uma fachada, um negócio que eles usavam para canalizar seu dinheiro sujo e transformá-lo em moeda limpa e legal. Eu sabia que eles tinham uma variedade de negócios diferentes por esse mesmo motivo. O IRS era uma vadia.

“Então, seu pai mencionou que você é formada em moda?”

Steve casualmente folheou o menu preto e elegante em suas mãos, sendo gentil o suficiente para ignorar o constrangimento zumbindo entre nós. Estávamos tendo uma conversa fiada estranha desde o momento em que nos sentamos.

Nós cobrimos o básico: nossos nomes, idades, alguns comentários sobre o clima. Você pensaria que com cada pergunta que fazíamos, isso lentamente se tornaria menos desconfortável... mas não aconteceu. Na verdade, piorou.

“É. Bem, quase. Minhas aulas ainda não começaram.”

Houve um momento de silêncio. “Você está em Nova York a negócios? Ou só de visita?”

“Um pouco dos dois. Meu pai quer se mudar para os EUA, então estou aqui fazendo um pouco de exploração, tentando encontrar um lugar.”

"Oh legal."

Um garçom se aproximou e pediu uma garrafa de vinho e alguns aperitivos para a mesa.

“Este é um lugar legal”, ele comentou, olhando ao redor da sala. “Você já esteve aqui antes?”

"Não, mas ouvi coisas boas." Eu não podia realmente dizer a ele que tinha escolhido isso para poder matá-lo se necessário.

Ele esperou, como se esperasse que eu dissesse mais alguma coisa. Quando não o fiz, ele me deu um sorriso amigável. "Você realmente não quer estar aqui, quer?"

Eu ri sem jeito. “É tão óbvio assim?”

“Mais ou menos,” ele riu junto comigo e eu me senti começando a relaxar lentamente. “Se você não se importa que eu pergunte, por que você está aqui, se você não queria vir?”

“Porque meu pai é um intrometido e ele espera que eu goste de você e esqueça completamente meu ex.”

“Ah, pais intrometidos. Eu sei uma coisa ou duas sobre eles.”

“Ele tem boas intenções”, eu suspirei. “Há muita história ali. Algumas boas, outras ruins.”

O garçom reapareceu com o vinho e a comida, colocando-os na mesa.

“Parece que ele só está tentando te proteger”, ele deu de ombros, colocando uma

fatia de bruschetta na boca. “Eu sei que, quando minha irmã passou por algo parecido com o ex dela, meu pai—” seus olhos vagaram atrás de mim por um momento e ele enrijeceu, suas próximas palavras morrendo.

“Está tudo bem?”, perguntei, estudando-o atentamente.

Ele limpou a garganta, ajustando-se em seu assento. “Está tudo bem.”

“Eu acreditaria que se você não parecesse você simplesmente cagaria nas calças ou algo assim. O que está acontecendo?”

“Não quero te alarmar.” Ele estendeu a mão e colocou a dele sobre a minha no que tenho certeza que ele pretendia ser um gesto reconfortante, mas o toque parecia estranho.

Errado. Eu puxei minha mão instantaneamente e ele franziu a testa ligeiramente, mas continuou. “Tem um homem atrás de você que fica olhando para cá, e não é de uma forma amigável. Talvez devêssemos ir para outro lugar? Tem algo nele que não parece muito... certo.”

O que?

Virei-me no meu assento, meu olhar colidindo com um par de olhos azuis gelados que colocaram todo o meu corpo em chamas. Sentado três mesas adiante, olhando diretamente para nós com foco absoluto... estava Nikolai. Ele estava vestido com uma camisa preta de botões, os primeiros botões abertos e revelando um peito lindo e bronzeado. As bordas do "T" tatuado em sua pele apareciam para fora de sua camisa, chamando minha atenção como sempre. Suas mangas estavam arregaçadas, exibindo aqueles antebraços grossos e musculosos que eu tanto amava. Minhas partes femininas quase formigavam . Deus, ele parecia delicioso pra caralho, como escuridão e pecado, tudo embrulhado em um pacote enorme e musculoso.

O restaurante estava cheio de gente, cheio de barulho e distrações, e ainda assim era como se fôssemos as únicas pessoas na sala. Como se ele não conseguisse ver mais ninguém além de nós.

Depois de me dar um momento para me acostumar com o que estava vendo, Nikolai sorriu e me fez uma saudação com dois dedos, tão casual quanto você quiser.

Minha mente correu solta. O que ele estava fazendo ali?

Como ele sabia que eu estava ali? Por que ele tinha que parecer tão bem pra caralho? Por que ele estava sentado ali, nos observando como uma espécie de pervertido?

Todas as perguntas que planejei fazer a ele naquele momento.

Virei-me para Steve. "Você provavelmente deveria ir."

Talvez já seja tarde demais. Se Nikolai pensou que isso era um encontro, não havia dúvidas em minha mente de que ele mataria Steve.

“Vai?” Ele franziu o rosto em confusão. “Eu não vou te deixar sozinha, especialmente quando tem um cara ali nos encarando como se quisesse nos matar.”

Você. Não nós. Só você.

“O nome dele é Nikolai. Ele é meu ex.”

Os olhos de Steve se arregalaram. Ele se inclinou para frente, abaixando a voz. “Ele está te perseguindo?”

Sim, e eu gosto disso.

“É…complicado.” Essa foi a melhor coisa que consegui pensar naquele momento.

Sua mandíbula endureceu. “Ele é da Bratva, não é?”

Quando não respondi, ele zombou. “Claro que é. Caras da Bratva como ele sempre acham que comandam o mundo e podem fazer o que bem entenderem, como assediar suas ex-namoradas. Foi exatamente isso que aconteceu com minha irmã. Estou quase pensando em marchar até lá e—”

“Eu não faria isso se fosse você.”

“O que ele vai fazer? Não é como se ele fosse me matar ou algo assim. Estamos em um espaço público, cercados por pessoas. Duvido muito—” seus olhos se

moveram rapidamente atrás de mim e se arregalaram em choque e medo.

E agora?

Olhei por cima do ombro e senti uma vontade enorme de revirar os olhos. Nikolai tinha suas armas dispostas sobre a mesa — três delas, pela minha contagem — todas desmontadas e em pedaços. Ele estava sentado ali, completamente relaxado, limpando cada peça individual enquanto continuava a encarar Steve, deixando claro que, embora suas mãos estivessem ocupadas, sua mente não estava. Ele estava completa e totalmente focado nele, fazendo o trabalho com uma natureza quase robótica, como se estivesse fazendo tudo apenas com pura memória muscular.

Steve ficou tão branco quanto o pano sobre nossa mesa.

Seu corpo inteiro estava congelado, rígido, como se ele estivesse aterrorizado demais para se mover. Nikolai tinha seu olhar preso ao de Steve enquanto limpava o cano de

uma de suas armas, empurrando a escova para dentro e para fora várias vezes antes de colocá-la no chão e remontar a arma com facilidade praticada. A eficiência com que ele trabalhava mostrava o quão treinado ele era com as armas, o quão habilidoso ele era. Que ele possuía a habilidade de atirar em qualquer um nesta sala bem entre os olhos sem um pingo de hesitação.

Nenhum dos outros clientes do restaurante prestou atenção em Nikolai. Nem o garçom que veio e colocou um copo transparente de líquido em sua mesa.

“Uh, talvez eu deva ir”, Steve sussurrou nervosamente.

Eu sorri. “Acho que seria melhor.”

“Ele vai atirar em mim se eu me levantar?”

Provavelmente.

“Vai ficar tudo bem. Apenas fique de pé quando eu fizer isso e eu bloquearei a linha de visão dele.”

Ele assentiu, parecendo um pouco enjoado. Achei tudo isso bem hilário, para ser

honesto. Acontece que Steve era uma dessas pessoas que só latia e não mordia. O tipo que gostava de agir como durão, mas não era nada disso. O tipo que usava quem estivesse ao redor dele como escudo humano para poder correr na direção oposta quando as coisas ficavam perigosas.

Nikolai nunca faria isso. Ele correria em direção ao perigo com um sorriso no rosto.

Coloquei a alça da minha bolsa sobre o ombro e fiquei de pé. Steve seguiu, dobrando-se para dentro para tentar esconder seu corpo atrás do meu.

“Talvez possamos—”

Eu balancei a cabeça. Não havia a mínima chance de eu me encontrar com esse cara de novo, principalmente depois disso.

Ele pareceu arrependido, a indecisão brilhou em seus olhos por um segundo antes que a realidade voltasse.

“Foi um prazer conhecê-lo.” Ele me ofereceu sua mão.

Não vi sentido em falsas gentilezas, então não disse nada enquanto estendia minha mão para apertar a dele.

Algo quebrou, o som de vidro quebrando fez Steve pular para trás com um grito antes que nossas mãos pudessem se tocar. Olhei por cima do ombro, vendo um Nikolai muito presunçoso olhando para mim com os restos de seu vidro agora quebrado no chão ao redor de sua cadeira.

“Sério?”, eu disse sem emitir som.

Ele apenas deu de ombros, todo inocente. A possessividade de Nikolai não tinha limites.

Quando me virei, Steve tinha sumido.

Eu deveria tê-lo seguido para fora daquela porta e não recompensado o comportamento de Nikolai com um pingo da atenção que eu sabia que ele esperava receber. Havia mil maneiras diferentes de ele ter lidado com a situação, e ele escolheu ficar sentado ali, observando e intimidando Steve para que ele

fosse embora sozinho. O poder que o homem exercia... era tão excitante.

Você sabe que vai lá, então vá logo.

Suspirei interiormente. Sim. Sim, eu senti. A atração por Nikolai era forte demais para eu tentar lutar contra ela.

Cada parte de mim queria estar perto dele. Era como se sua presença fosse uma droga, e eu estivesse morrendo por outra dose. Ansiosa para apenas estar perto dele, para sentir a natureza viciante de sua presença.

Nikolai me observou atentamente enquanto eu me dirigia até ele. Seus olhos me percorreram da cabeça aos pés em uma carícia lenta e acalorada, como um leão avaliando sua próxima refeição. O rastro de seu olhar sobre minha pele incendiou meu sangue. Fiquei tonta com aquele olhar selvagem em seus olhos.

Parei em frente a ele. Ele terminou de montar sua última arma e então olhou para mim. O silêncio reinou entre nós,

mas não era um silêncio constrangedor. Era um silêncio crescente, como se algo grande estivesse prestes a acontecer entre nós.

“O que você está fazendo aqui, Nicky?”

Seus olhos se estreitaram levemente. Ele inclinou a cabeça para o lado, estudando-me com um olhar predatório. “Acho que eu deveria estar te fazendo essa pergunta, amor.”

Minha barriga deu uma cambalhota. Deus, eu adorava quando ele me chamava assim.

“Sua pequena façanha acabou de me custar uma refeição grátis.”

Ele levantou a mão e sinalizou para um garçom se aproximar. O garçom colocou uma tigela de macarrão carbonara fumegante na mesa e foi embora. Meu favorito.

Ele tinha planejado deixar isso pronto para mim. Claro que deixou.

Eu arqueei uma sobrancelha. “Um pouco presunçoso. Você acha que eu vou

sentar e jantar com você, depois do que você acabou de fazer?”

A cadeira na minha frente deslizou para fora depois que ele a chutou para baixo da mesa. Seus olhos se voltaram para ela e depois para mim, dizendo — não, exigindo — que eu me sentasse. Ele não disse nada. Ele apenas me encarou, me esperando. A tensão sexual entre nós continuou a aumentar a cada segundo que passava.

“Sente-se,” ele ordenou, a voz áspera. Escura e perigosa.

Eu sentei.

Ele assentiu, satisfeito, e empurrou suas armas para o lado.

Outro garçom apareceu, deixando uma refeição na frente dele antes de rapidamente limpar o vidro no chão e desaparecer.

“Como você sabia que eu estava aqui?”, perguntei, cavando minha comida. Quase gemi. Era cremoso e delicioso.

Ele pegou um telefone e colocou-o sobre a mesa. Eu franzi a testa. "Esse não é seu telefone." Ele o desbloqueou e minha carranca se aprofundou. Esse era meu protetor de tela. Era uma foto minha e do meu pai. Eu procurei na minha bolsa e retirei meu telefone, colocando-o bem ao lado daquele. Eles eram idênticos, até mesmo na colocação dos aplicativos e nos temas de configuração.

Que porra é essa?

Peguei o dele e folheei rapidamente, a compreensão me atingindo como uma tonelada de tijolos. “Você clonou meu telefone?”

Com certeza, quando eu fui para as mensagens, bem ali na tela onde estavam os poucos textos que Steve e eu tínhamos trocado. O onde e quando nos encontrar. Tudo o que eu fazia no meu telefone aparecia ali. Tudo .

“Você parece surpreso,” ele disse casualmente, dando uma pequena mordida em seu risoto. “Mas você está, sério?”

Ignorei isso, porque não, não fiquei muito surpreso. Estava no mesmo nível de Nikolai, na verdade. "Quando você fez isso?"

“Você desapareceu depois que Nikolas morreu, e eu não consegui te encontrar. Jurei que isso nunca mais aconteceria, então quando você finalmente voltou, peguei seu telefone e o clonei, para que eu sempre soubesse onde você estava. Você também pode saber que tem um rastreador aí.” Ele não sabia que eu não tinha desaparecido. Não realmente. Eu apenas me escondi na casa do meu pai e ele presumiu que eu tinha ido correndo para o mais longe que pude, quando na verdade, eu estava bem ali. Debaixo do nariz dele.

Eu provavelmente deveria estar brava com essa enorme invasão de privacidade. Ele estava essencialmente monitorando tudo o que eu estava fazendo. A qualquer hora, dia ou noite, ele poderia simplesmente olhar para isso

e descobrir o que eu estava fazendo. Eu deveria estar brava. Completamente brava. Uma mulher normal estaria.

Mas eu não estava. Porque era exatamente algo que era clássico do Nikolai. Eu já sabia que ele era super possessivo e não tinha limites. Que quando se tratava daqueles com quem ele se importava, ele faria tudo e qualquer coisa para mantê-los seguros — incluindo invadir sua privacidade.

Continuei comendo meu macarrão. “Então, você viu as mensagens entre Steve e eu e simplesmente decidiu aparecer aqui?”

“Você acha que pode ir a um encontro com outro homem e eu simplesmente deixaria?” Ele tomou um gole de seu vinho, seu pomo de Adão subindo e descendo enquanto ele engolia o líquido. Ele riu, balançando a cabeça. “Tati, pensei que você me conhecesse melhor do que isso.”

“Não era um encontro. Eu só estava fazendo um favor ao meu pai.”

“Ah, eu sei tudo sobre isso.” Claro que sabia. Apesar de Illayana não falar comigo, ainda mandei uma mensagem para ela e contei sobre o favor idiota que meu pai me pediu. Ela não respondeu, mas isso não me impediu de mandar mensagens para ela de novo e de novo de qualquer maneira. Nikolai deve ter visto essas mensagens. “E eu vou lidar com Ivan.”

Meu corpo todo enrijeceu. “O quê?”

Ele me encarou fixamente nos olhos, seu olhar nunca vacilando. "Você me ouviu."

Deixei cair minha faca e meu garfo. “Nikolai,” rosnei. “Não ouse fazer o que quer que esteja pensando em fazer. Eu nunca vou te perdoar.”

“Eu não vou matá-lo.” Relaxei com suas palavras. “Mas eu vou puni-lo. Você é minha . Eu não me importo com o que

ele diz ou como ele se sente sobre isso. Ele tentou te arranjar outro homem. Por isso, ele. Será. Punido.”

Reconheci aquele olhar em seu rosto. Eu podia ouvir a finalidade em suas palavras. Nada que eu dissesse mudaria sua mente, mas talvez minhas ações mudassem.

Canalizei toda a raiva que sentia por ele na carranca mais raivosa que consegui reunir enquanto me levantava. Ele tinha a mente certa para parecer um pouco desconfortável.

Ótimo.

Palavras não funcionavam com Nikolai. Ações sim. Ele precisava ver o que aconteceria se ele continuasse com o que quer que estivesse pensando em fazer.

Sem dizer mais nada, fui embora.



Capítulo Vinte e Seis

TATIANA ANDREEVA

EU MAL CONSEGUI SAIR pela porta quando Nikolai me alcançou.

“Tati—” Eu girei e dei um soco no estômago dele. Ele se dobrou, ofegando de dor.

“Isso é por clonar meu telefone.” Eu bati meu punho na lateral do rosto dele e sua cabeça virou para o lado. “E isso é por ameaçar meu pai.” Eu o empurrei e ele perdeu o equilíbrio, caindo no chão.

Continuei andando, pensando que seria o fim, mas mãos fortes me envolveram e

me arrastaram pelo beco atrás do restaurante. Lutei, chutando e gritando, bravo demais para tentar ser racional, mas Nikolai colocou uma mão sobre minha boca para abafar os palavrões que passavam pelos meus lábios. Ele me empurrou contra a parede de tijolos, seu peito pressionado firmemente em minhas costas, me mantendo enjaulada entre ele e a parede.

“Dostatochno,” Chega , ele rosnou no meu ouvido. Arrepios percorreram minha espinha. Ele parecia positivamente selvagem agora. “Estou cansado de você me dar as costas.

Se afastando de mim. Chega.”

Mordi a mão dele e ele sibilou, removendo-a. Mas ele ficou perto, me mantendo exatamente onde eu estava com seu corpo, não me permitindo me mover um centímetro.

"Prometa que não vai encostar um dedo no meu pai."

“Se eu fizer isso, você promete não se afastar de mim novamente?”

“Sim.” Como eu disse, ações falam mais alto que palavras com Nikolai. Eu poderia gritar e berrar por dias, dizendo a ele para não machucar meu pai, mas ele não ouviria. A única maneira de fazê-lo ouvir era mostrando a ele quais seriam as consequências de suas ações. Eu... fui.

“Fineeee,” Nikolai rosnou, nada satisfeito. Eu esperava que ele me soltasse e recuasse, mas ele não o fez. Ele ficou exatamente onde estava, pressionado contra mim, cada curva do seu corpo moldada com a minha, como peças de um quebra-cabeça.

Senti algo grande e grosso cavando na minha bunda e não consegui evitar o giro dos meus quadris. Nikolai estremeceu e sua mão bateu na parede bem ao lado da minha cabeça.

“Não se mova assim”, ele resmungou.

Eu fiz de novo e ele gemeu. "Se eu pedisse para você me levar aqui e agora, você levaria?" Eu sussurrei, a luxúria que vinha crescendo entre nós por semanas espiralando para a superfície.

Havia tantos fatores que aumentavam o que eu estava sentindo. A adrenalina de lutar com ele. A realidade de que estávamos em público. A escuridão do beco nos cercando, nos escondendo da vista, mas o fato de que eu ainda conseguia ver pessoas passando pela entrada. O perigo de ser pego por alguém. Tudo isso adicionava combustível ao meu desejo ardente, e eu sentia que ia explodir se algo não fosse feito.

Eu precisava tentá-lo, levá-lo ao limite para que o controle que ele tinha sobre sua contenção se rompesse e a fera saísse para brincar.

“Aquele cara era bonitinho, não era?” Eu provoquei e ele enrijeceu, seu corpo ficando parado atrás de mim. “Alto.

Bonito—”

“Cuidado,

amor,”

ele

avisou

sombriamente,

me

pressionando mais forte contra a parede. “Você não quer me empurrar.”

Ah, mas eu fiz.

Eu nunca tinha ficado tão quente por ele antes. Tão desesperada para senti-lo sobre cada centímetro da minha pele, me tomando como eu vinha sonhando desde que eu conseguia me lembrar. Essa paixão entre nós nunca iria morrer. Nunca iria dar em nada. Iria queimar para sempre.

“Só desista, Nicky,” eu ofeguei, me contorcendo, tentando encontrar algum tipo de alívio para a dor que crescia entre minhas coxas. “Só nos dê o que nós dois queremos.”

“Eu quero mais,” ele gemeu como se estivesse com dor física. Eu também estava.

“Isso é tudo que posso te dar agora. Pegue ”, implorei, enfiando minha bunda em seu pau atrás de mim. Eu disse as três palavras que garantiriam sua submissão. “ Eu preciso de você .”

Sua mão bateu contra a parede novamente em frustração enquanto um palavrão russo saiu de sua boca, e eu sabia que tinha vencido. Eu sabia que finalmente conseguiria o que queria.

Ele respirou fundo, como se estivesse se controlando, e então senti seus lábios contra meu ouvido. "Como você quer, amor? Rápido e sujo?" Ele passou a língua pela lateral do meu pescoço em uma lambida lenta e lânguida. "Escuro e perigoso?" Minha respiração engatou quando senti a ponta afiada de uma faca raspar a parte interna da minha coxa. "Ou" — ele agarrou meu rosto com força e virou minha cabeça para o lado, me forçando a olhar para ele —

"completamente imundo? " Ele forçou meus lábios a se separarem e deixou uma gota de sua sálvia cair de sua boca na minha. Eu gemi, meus olhos rolando para a parte

de trás da minha cabeça. Porra, ele fez todo o meu corpo tremer . O desejo pulsava em minhas veias.

“Escuro e perigoso.” Minha carne formigou de antecipação quando ele riu baixo em sua garganta.

“Como minha garota ordenar,” ele sussurrou, um sorriso perverso se curvando em seus lábios. “Mãos na parede. E

não se mova .”

Sim…sim .

A excitação subiu por mim, tanto que meu corpo começou a tremer. Fiz o que ele ordenou, colocando minhas palmas espalmadas contra a parede de tijolos. Ele me soltou, mas ficou perto, o calor de seu corpo queimando minhas costas.

Ele abriu minhas pernas com um chute e enrolou os dedos em volta dos meus

quadris, me segurando firme. Meu coração batia forte no peito. O que ele ia fazer? Com Nikolai, tudo estava na mesa.

"Você se lembra da sua palavra segura?" ele sussurrou no meu ouvido, arrepios percorrendo minha espinha.

Como se eu pudesse esquecer. "Pauk." Aranha.

"Bom." Ele chupou meu lóbulo da orelha em sua boca. "Ty khotela tomnogo i opasnogo, lyubimaya? Nu, ty eto poluchish'." Você queria algo escuro e perigoso, amor?

Bem, você vai conseguir. Ele levantou a parte de trás do meu vestido e sugou o ar entre os dentes. "Você usou isso para ele ?" Ele estava se referindo à minha calcinha de renda preta.

“Eu o usei para mim.” Eu estava usando cada grama de força que possuía para não me mover, para não empurrar minha bunda ainda mais em suas mãos sondadoras. Ele me disse para não me mover. Eu seria recompensada se seguisse suas ordens, e Nikolai dava as melhores recompensas.

O calor do corpo dele nas minhas costas desapareceu e então eu senti sua língua correndo pela minha nádega, bem

no lugar onde estava minha tatuagem. A letra 'N'. Mordi meu lábio, minhas mãos cerradas em punhos.

“Você sabe quantas vezes eu pensei nessa bunda?” ele gemeu, mordendo minha carne. “Quantas vezes eu me gozei imaginando estar enterrado fundo nessa bunda ?”

“Nikolai,” eu gemi, minhas pernas tremendo. Minha boceta estava molhada. Quente. Dolorida para ser preenchida.

Ele continuou a me lamber, beijar, chupar e morder como se estivesse adorando minha bunda, esbanjando-a com toda a sua atenção enquanto eu era forçada a não me mover um maldito centímetro. Forçada a aceitar o que ele estava me dando até que ele estivesse preparado para me dar mais.

Aquela tortura gloriosa finalmente terminou quando ele agarrou meus quadris e

me virou. Eu olhei para ele, meu peito arfando. Ele estava de joelhos diante de mim, olhos selvagens, pupilas completamente estouradas. Ele parecia estar mal se segurando. Mal no controle. Como se estivesse a um segundo de estalar e me rasgar. Não que eu me importaria.

"Vou lamber essa buceta até você gozar na minha cara." As mãos dele subiram pelas minhas pernas, desaparecendo por baixo do meu vestido. Os dedos dele engancharam na minha calcinha e ele a puxou para baixo, me ajudando a sair dela. Estreitei os olhos quando ele as guardou no bolso, mas não disse nada.

“Você não vai me assistir. Não. Você vai olhar para lá.” Ele apontou para a entrada do beco. “Você vai assistir todas aquelas pessoas passando, sabendo que a qualquer momento, uma delas pode descer por este beco e nos ver.

Me ver , comendo essa boceta linda e molhada e desejando que elas fossem as que tiveram o privilégio de fazer isso em vez delas.”

Meu Deus. Ele tinha a boca suja do caralho. Eu adorava.

“Isso parece algo que você pode fazer, amor?”

Eu assenti entusiasticamente. “Eu farei o que você quiser.

Apenas coloque sua boca em mim. Eu não aguento mais. Eu senti tanta falta da sua língua.”

Havia muitas partes de Nikolai que eu amava — suas coxas, seus bíceps, seus olhos — mas sua língua? Nada se comparava.

“Você já?” Havia um tom brincalhão em sua voz. “Talvez eu devesse te dar uma Queening Chair. Dessa forma, você pode me chamar para ir te atender quando quiser.”

“Quero que você me sirva agora ”, eu choraminguei. “Você já está me provocando há tempo suficiente.” Eu levantei a frente do meu vestido para mostrar a ele minha boceta nua.

Um olhar faminto passou pelo seu rosto. Ele agarrou a parte interna das minhas coxas e forçou minhas pernas a se afastarem mais para ter uma visão melhor. "Aí está minha boceta linda e rosa", ele sussurrou em admiração. E então sua boca

estava em mim. Bem ali , onde eu precisava dele.

Ele mergulhou para frente como se não pudesse esperar mais um segundo para me provar e selou seus lábios ao redor do meu clitóris. Eu estremeci, gritando com o contato repentino.

Nikolai gemeu fundo na garganta, como se eu fosse quem lhe desse prazer. Seus olhos rolaram para trás da cabeça e ele festejou . Essa foi a melhor — não, a única — maneira de descrever. Ele lambeu, mordiscou, chupou... me arrebatou completamente como se ele fosse um homem faminto e eu fosse uma refeição de cinco pratos.

“ Porra , Nikolai.” Minhas mãos estavam em seu cabelo, segurando sua cabeça contra minha boceta enquanto eu me esfregava nele. “Eu gosto de ter você de joelhos.”

Ele cantarolou em apreciação, movendo a boca mais rápido. Ele agarrou minha bunda firmemente com as duas mãos e me incitou, me empurrando para ir mais forte. O

prazer era tão intenso que eu mal conseguia respirar.

Eu sabia que ele me disse para ficar de olho na entrada, para ficar de olho enquanto as pessoas passavam. Era porque a ideia de ser pega me deixava tão gostosa. Mas Nikoali era mais gostosa.

Muito mais quente.

Observá-lo era o que mais me excitava. Alguns homens só comiam bucetas porque queriam o ato retribuído, não porque realmente queriam fazê-lo. Nikolai, no entanto... oh, ele adorava isso pra caralho. Estava claro na maneira como ele simplesmente se jogava na tarefa, sem segurar um único grama de si mesmo.

Sua língua mergulhou entre minhas dobras e mergulhou em minha boceta. "Mmm, eu senti falta desse buraquinho apertado."

“Continue. Mais, mais,” eu ofeguei.

“Você quer mais?” Sua mão desapareceu atrás das costas e então havia uma arma em sua mão. Ele tirou a boca da minha boceta para sorrir para mim. Então ele

passou o cano da arma pelos meus lábios, até minha entrada. Calor percorreu minhas veias.

Ah, aí vem. A parte escura e perigosa que ele me prometeu.

Confiei minha vida a Nikolai. Eu sabia sem sombra de dúvida que ele correria pelo fogo para me salvar, que ele derrubaria um exército de homens para chegar até mim.

Então, quando ele desligou a trava de segurança e começou a enfiar a arma lentamente na minha boceta, eu não fiquei assustada. Eu não estava com medo de que ela disparasse acidentalmente porque eu sabia que Nikolai tinha as mãos mais firmes, e que ele nunca faria nada que colocasse minha vida em perigo.

Exceto enfiar uma arma carregada na sua vagina.

O fato de ele ter mantido os dedos bem longe do gatilho foi um alívio.

“Isso é perigoso o suficiente para você, Tatiana?”, ele perguntou, observando a arma desaparecer dentro de mim, extasiado. “Ou você precisa de mais? Hmm?”

Eu choraminguei quando ele girou a língua em volta do meu clitóris dolorosamente devagar. A imundície da coisa toda acentuou meu prazer e eu gemi, movendo meus quadris no ritmo de cada estocada de sua arma.

Não consegui mais me segurar. Um prazer escaldante e escaldante explodiu em meu âmago, tão intenso que temi que minhas pernas cedessem, e gritei o nome de Nikolai na escuridão.

“Você. É. De. Tirar. O Fôlego,” Nikolai sussurrou, beijando minha boceta mais algumas vezes antes de sacar a arma.

Ele se levantou lentamente, mantendo contato visual total comigo, e colocou a arma na boca, chupando-a até ficar limpa.

Tenho quase certeza de que acabei de ter outro orgasmo.

"Fico feliz em ver que suas habilidades de comer bucetas ainda são de primeira", ofeguei, tentando recuperar o fôlego.

Ele sorriu, um olhar muito presunçoso e satisfeito consigo mesmo no rosto. Ele colocou a arma atrás das costas e então começou a desfazer o cinto. "Eu vou te foder agora, e eu posso muito bem te avisar, vai ser rápido."

Eu ri baixinho enquanto ele me levantava, minhas pernas envolvendo sua cintura. "Faz um tempo, hein?"

Ele rasgou uma camisinha com os dentes e embainhou seu pau. “Não fiz sexo com ninguém desde você.”

“O quê?” Eu agarrei seus ombros grossos e musculosos enquanto ele me movia para a posição. “Você está me dizendo que não faz sexo há mais de dois anos? Nem uma vez? Com ninguém? ”

Nem eu, para ser honesto. Tocar em alguém que não fosse Nikolai parecia... errado, mesmo que não estivéssemos

juntos. Mas eu não achava que ele se sentia da mesma forma, que ele não teria feito sexo pelo menos uma vez durante nosso tempo separados.

"Você é a única que eu queria." E então ele avançou, me empalando profundamente com seu pau.

Nós dois gememos.

Não tive tempo de pensar nas palavras dele porque ele começou a martelar em mim implacavelmente . Foi tão bom, o prazer tomando conta do meu corpo e mente completamente, tornando impossível para mim focar em qualquer outra coisa, exceto nele.

“Porra, eu senti sua falta. Senti falta disso . Você é tão boa, baby. Tão quente, molhada e apertada.”

Minhas costas raspavam para cima e para baixo na parede de tijolos com cada estocada selvagem de seu pau. Eu gemia, uma sobrecarga de prazer e dor atacando meus sentidos, obliterando meus nervos.

"Me dá essa boca do caralho", ele grunhiu. Ele nem esperou que eu fizesse o que ele ordenou. Ele apenas agarrou meu rosto rudemente em um aperto forte e punitivo e bateu seus lábios nos meus. Ele gemeu quando sua língua deslizou

para dentro da minha boca, batalhando com a minha. Nós nos beijamos como se fosse nossa última vez, tudo quente, pesado e totalmente consumidor. Eu tinha certeza de que nós dois teríamos hematomas no final.

“Sim…sim. Oh, porra. Nikolai. Não pare,” eu choraminguei contra seus lábios. Minhas mãos se moveram para a parte de trás do seu pescoço, minhas unhas cravando em sua pele.

“Mais forte, Tati,” ele gemeu. “Me faça sangrar.”

Eu já estava pegando fogo, meu corpo todo tenso e pronto para explodir, mas ouvi-lo gemer, ouvir suas palavras misturadas com seu prazer me fez disparar em direção ao inferno. Cravei minhas unhas mais fundo e mordi seu lábio,

com força . Ele sibilou, os olhos brilhando. Sangue se acumulou em minha boca. Eu o lambi, passando minha língua sobre seu lábio inferior e lambendo cada gota. Seu ritmo aumentou, as estocadas se tornando selvagens.

Caóticas. Seu pau entrou e saiu, entrou e saiu, e eu gozei.

Joguei minha cabeça para trás e gritei seu nome enquanto uma onda de prazer me inundava.

“Graças a Deus,” ele engasgou. E então eu o senti gozando, senti seu pau pulsar enquanto minha boceta o apertava, apertando.

Nikolai era um bajulador, do tipo que queria ter certeza de que sua parceira também chegaria ao clímax. Ele deve ter se segurado, determinado a ter certeza de que eu chegaria lá também.

Ele gemeu, baixo e longo, seus quadris bombeando mais algumas vezes antes de ele cair contra mim, respirando com dificuldade. Como ele ainda estava me segurando depois de tudo isso, eu não tinha ideia. Eu estava exausta, e não tinha feito nada além de levar uma foda.

Seu pau começou a amolecer, mas ele não fez nenhum movimento para recuar. Ele apenas continuou a me segurar, seu rosto enterrado na curva do meu pescoço como se ele não quisesse me deixar ir.

Para ser sincero, eu também não.

Nikolai e eu estávamos conectados de uma forma que acho que nenhum de nós dois entendia completamente. Se eu acreditasse em almas gêmeas — em duas almas sendo uma, como os dois lados de uma moeda — então não haveria dúvidas em minha mente de que fomos feitos um para o outro.

Aquele momento teve mais significado do que apenas duas pessoas transando. Eu soube disso no momento em que começamos. Aquele muro que eu estava mantendo entre nós estava desmoronando. Ele rachava mais e mais com

cada coisa doce que ele fazia por mim. Com cada palavra amorosa que ele me dizia. Logo, ele desapareceria completamente, e eu não tinha ideia do que faria quando isso acontecesse.

Eu esperava aproveitar a felicidade pós-coito por mais um pouco, mas uma voz profunda e ameaçadora me fez enrijecer.

“Agora é a nossa vez?”



Capítulo Vinte e Sete

NIKOLAI VOLKOV

M MEU SANGUE GELOU .

Eu não sabia quem era, a quem pertencia o dono daquela voz, mas anos de experiência e meus instintos me disseram que não era ninguém bom.

Se eu acreditasse em Deus, eu o teria amaldiçoado pra caralho. Não poderíamos ter uma—só uma—porra de noite juntos sem problemas? Sério?

Tatiana e eu nos olhamos. Seu olhar passou por cima do meu ombro esquerdo e para trás, e então ela piscou seis vezes.

Seis assaltantes. Certo. Administrável.

Se algum deles tivesse a mínima habilidade de luta, estaríamos ferrados.

Eu a abaixei no chão e rapidamente guardei meu pau. Em retrospecto, suponho que eu deveria ser grato por eles pelo menos terem esperado que terminássemos antes de anunciar sua presença.

Mas então, isso levantou a questão... há quanto tempo eles estavam lá? Há quanto tempo seis homens estavam nos observando enquanto eu não tinha a mínima ideia?

Não era hora de me repreender, mas eu definitivamente faria isso mais tarde. Se algo acontecesse com Tatiana porque eu estava muito consumido para monitorar meus arredores, eu nunca me perdoaria.

Virei-me e avaliei a situação com olhos rápidos. Seis homens, espalhados em um amplo arco à nossa frente.

Cada um deles usava um colete de motociclista, com as palavras "A IRMANDADE" estampadas neles.

Merda.

A Brotherhood era uma das gangues de MC com as quais eu lidava em Vegas. Eles devem ter uma carta aqui em Nova York e, depois de ouvir sobre o que aconteceu com seus irmãos, decidiram decretar sua própria vingança.

Um dos homens deu um passo à frente. Ele tinha cabelos longos e desgrenhados e uma barba grande e espessa.

“Permita-me apresentar-me. Sou Bern”, disse ele, colocando uma mão no peito. “E você é Nikolai Volkov.” Ele olhou para mim em busca de confirmação, mas eu não disse nada.

Se fosse Lukyan no meu lugar, ele provavelmente teria contado uma piada e feito um comentário espertinho. Se fosse Aleksandr, ele apenas grunhiria. Eu? Eu não perdi tempo falando a menos que fosse necessário —

especialmente com um inimigo.

E era isso que esses caras eram, definitivamente. Eles não estavam lá para ter uma conversa legal e agradável. Eles estavam lá para me matar.

“Nikolai.” Tatiana espiou por trás de mim como uma pombinha assustada. “Estou assustada,” ela sussurrou, seu corpo tremendo visivelmente.

“Está tudo bem, baby. Vai ficar tudo bem,” eu disse, brincando. Ela choramingou, uma lágrima caindo de seu olho. Ela tinha um aperto de torno em meu braço, encarando os homens na nossa frente com um olhar de medo absoluto.

Se eu não a conhecesse, não soubesse com cem por cento de certeza que ela estava fingindo ser fraca e indefesa para que a subestimassem, eu mesmo acreditaria.

“Não tenha medo, Pretty.” O homem da direita com a cabeça deformada disse. “Estamos aqui apenas por ele.

Não vamos te machucar. Por que você não vem aqui para mim? Eu te levo para longe daqui. Vamos.”

Tudo em mim se rebelou com o pensamento dela se afastando de mim. De ela chegar perto daqueles caras. Mas nossas chances de sobrevivência melhoraram muito se ela estivesse lá com eles. Ela seria capaz de atacar e pegá-los completamente de surpresa, já que tudo o que eles viam era uma mulherzinha chorona e assustada. Um papel que Tatiana estava desempenhando excepcionalmente bem.

“Deixe-a em paz. Ela não tem nada a ver com isso.”

“Eu concordo,” Bern assentiu. “Então por que não deixar Al aqui levá-la embora? Ela não precisa ver o que está prestes a acontecer.”

As mãos de Tatiana desceram pelas minhas costas e agarraram a arma enfiada na minha cintura — a mesma arma com a qual eu a tinha fodido apenas alguns momentos antes.

“E o que seria isso?”, perguntei, observando os homens cuidadosamente. Eles começaram a se mover para frente centímetro por centímetro, tão enganosamente devagar que tenho certeza de que pensaram que eu não notaria.

Mas notei.

“Você acha que pode simplesmente vir atrás dos nossos e nós não retaliaríamos?” Bern estalou a língua. “Eu pensei que vocês, povo Bratva, fossem inteligentes. Mas eu posso ver que não são, porque se fossem, não teriam vindo aqui sozinhos. Agora vocês são nossos.” Ele espiou ao redor do meu corpo para travar os olhos com Tatiana. “Saia, querida. Vamos. Não vamos machucar você.”

Seu lábio inferior tremeu e ela saiu timidamente de trás de mim. Eu não tinha ideia de onde ela tinha escondido a arma. Eu não conseguia vê-la, e ainda assim a senti pegá-la.

“Eu só quero ir para casa, para minha mãe e meu pai. Por favor. N-não me machuque.” Sua voz tremeu tanto que eu honestamente pensei que ela estava prestes a explodir em lágrimas. Suas habilidades de atuação eram fenomenais pra caramba.

“Ninguém vai tocar em você, Princesa. Só queremos falar com seu namorado. Só isso.”

“Só falar?”

Bern sorriu, sem nenhuma ameaça. “Só converse. Você sabe, de homem para homem.” Ele estendeu a mão em oferta. Precisei de cada grama de força de vontade que eu possuía para não pegar minha faca e cortar aquela porra de mão fora, especialmente quando Tatiana se afastou de mim para pegá-la.

Ela obviamente tinha algum tipo de plano para sair dessa, e era meu trabalho estar pronto quando ela o colocasse em prática. Tatiana era uma estrategista nata. A maneira como seu cérebro funcionava, sua habilidade de pensar dez movimentos à frente e criar estratégias rápidas e eficazes era algo que a Bratva estava morrendo de vontade de colocar as mãos. Quando ela decidiu não passar pela iniciação para se tornar uma soldada Bratva, meu pai ficou mais do que desapontado. Ele queria colocar aquela mente genial dela para funcionar.

Eu assisti em agonia enquanto Bern a levava em direção a Al. Eu tive apenas três segundos para me arrepender da decisão de deixá-la ir embora quando ela olhou por cima do ombro para mim.

Minha Tatiana estava de volta. Seus olhos tinham aquele fogo, aquela loucura que eu amava tanto que ela estava se escondendo atrás de todas aquelas lágrimas. Seus lábios estavam em um sorriso sombrio e eu vi o momento exato em que ela planejava atacar. O rosto de Bern caiu um

pouco quando ele percebeu sua expressão, mas então já era tarde demais.

Tatiana se moveu . Ela puxou Bern para si com uma força que surpreendeu o homem e ele tropeçou na arma que ela puxou, o cano pressionando bem em seu abdômen. Ela atirou, girou e atirou novamente, um tiro certeiro direto na testa de Al.

Tudo entrou em overdrive. Saquei minhas armas e dei dois tiros, ambos atingindo seus alvos antes de mergulhar em Tatiana, derrubando-a para fora da linha de fogo.

Balas passaram zunindo por nós, ricocheteando nas paredes de tijolos e batendo nas caçambas de metal. Nós nos agachamos e ficamos abaixados enquanto os dois últimos homens do MC atiravam implacavelmente.

O clique-clique-clique ecoando no beco me disse que eles tinham ficado sem balas. Tatiana e eu nos olhamos. Ela espiou por cima da caçamba e disse: "11 horas e 3 horas".

Eu assenti. “Eu pego onze. Você pega três. Pronto? Vai.”

Nós saltamos e atacamos. Eu atirei com as duas armas, mas ele se abaixou, conseguindo evitar os tiros. Alguém me atacou de lado, me pegando completamente de surpresa.

Porra. Deve ter mais alguém escondido fora de vista.

Perdi o controle das minhas armas quando minhas costas bateram no chão. A dor subiu pela minha espinha, mas eu a ignorei para impedir que a faca subitamente fosse direto para minha garganta.

Um homem no mesmo colete de motociclista que os outros sentou em cima de mim, dedos curvados em volta do cabo da lâmina que ele tentava desesperadamente enfiar na minha pele. Nós lutamos pelo controle, empurrando para frente e para trás, para frente e para trás, a lâmina afiada chegando

perigosamente perto de me cortar.

Seu filho da puta.

Eu mantive um braço erguido para bloquear e rapidamente me abaixei para puxar minha própria lâmina. Então, eu o esfaqueei no rim, no peito e na lateral do pescoço, tudo em rápida sucessão. Sangue espirrou por todo o meu corpo. O

homem gorgolejou, seu corpo ficando frouxo. Eu o tirei de cima de mim e pulei para ficar de pé, procurando por Tatiana.

Ela estava mais abaixo no beco, os dois últimos membros restantes do MC a encurralando. Seu vestido estava rasgado, um rastro de sangue escorrendo pelo lado do rosto. Eu vi vermelho. Uma raiva profunda e sombria tomou conta de mim e eu corri na frente, correndo para eles.

Como. Eles. Ousam.

Como ousam atacar minha Tatiana. Minha linda e radiante Tatiana. Como ousam encurralá-la. Machucá-la. Fazê-la sangrar. Por isso, eu os faria sofrer pra caralho .

Um dos homens se virou e me viu chegando. Ele me encontrou de frente, dando um soco. Eu me abaixei por baixo dele, torcendo a lâmina na minha mão em um aperto reverso e cortando a parte interna do seu bíceps enquanto eu aparecia atrás dele. Ele gritou um palavrão e balançou o braço para trás em um punho giratório para trás. Eu recuei, evitando o golpe e joguei minha faca, acertando-o bem entre os olhos.

Não parei de me mover para vê-lo cair. Girei, me preparando para ajudar Tatiana, mas é claro que minha mulher não precisava de ajuda. Ela estava enfiando uma faca repetidamente no estômago do último homem MC com um sorriso no rosto. Um sorriso verdadeiramente maligno e sádico que a fazia parecer ainda mais bonita. Algo que eu honestamente não achava possível.

Ela ainda estava esfaqueando.

Seis. Sete. Oito.

O sangue se acumulou em círculos ao redor dela, manchando sua pele.

Nove. Dez. Onze.

Ela começou a rir loucamente.

Doze. Treze. Quatorze.

Por mais que eu amasse vê-la eviscerar alguém completamente — e eu amava, tanto que meu pau endurecia a cada segundo que passava — eu sabia que tinha que pará-la. Alguém definitivamente teria ouvido aqueles tiros, aqueles gritos de dor. Tínhamos que sair dali antes que a polícia aparecesse.

Aproximei-me dela e coloquei uma mão em seu ombro.

“Tati—”

Ela girou tão rápido que eu nem vi chegando e me empurrou contra a parede, faca na minha garganta. Ela ofegava pesadamente, os olhos queimando como fogo.

Então ela largou a faca, agarrou meu rosto com as duas mãos e me puxou para baixo em um beijo escaldante. Eu gemi, meus braços se fechando ao redor dela e puxando-a para mais perto. Sua língua mergulhou na minha boca, deslizando contra a minha e me fazendo tremer.

“Você acha que temos tempo para mais uma rodada?” ela perguntou entre beijos.

Desejei a Deus que tivéssemos feito isso. A luta parecia ter feito sua adrenalina subir, como fez comigo. Mas as sirenes tocando à distância me disseram que não tínhamos tempo algum.

Por mais difícil que fosse para mim, afastei meus lábios dos dela, apertei sua mão e corri.



Eu arrastei meu dedo pelo braço de Tatiana lentamente enquanto a observava dormir, completamente hipnotizada.

Cada detalhe, não importa quão pequeno, me atraiu. Seus cílios longos. Aquele narizinho fofo. Quão macia e suave era sua pele.

Depois que fugimos do beco, voltamos para o apartamento dela e transamos de novo. E de novo, e de novo.

Era como se, por termos começado de novo, não pudéssemos parar. Como se estivéssemos recuperando o tempo perdido.

Mal conseguimos passar pela porta da frente antes de estarmos arrancando as roupas um do outro. Nós transamos ali mesmo no chão, então pulamos no

chuveiro para lavar todo o sangue, e acabamos transando de novo, antes de finalmente irmos para o quarto e fazer isso mais uma vez.

Tatiana desmaiou logo depois, completamente exausta. Não que eu pudesse culpá-la. Eu também estava, mas estava com muito medo de dormir. Com muito medo de que quando eu acordasse, tudo teria sido um sonho. A noite inteira. Era um sonho que eu não estava preparado para deixar ir, então fiquei acordado a noite toda, apenas observando-a dormir.

Nós dois estávamos nus, enrolados em seu cobertor, sua cabeça descansando em meu peito. A luz espiava por trás

de suas cortinas pretas, e eu sabia, sem olhar para o relógio em sua mesa de cabeceira, que já era de manhã.

Não senti um pingo de arrependimento por ficar acordado a noite toda. Como eu poderia quando a recompensa era ver a mulher mais radiante do mundo dormir bem ao meu lado? Eu faria isso todas as noites, se fosse fisicamente possível.

Tatiana bufou, um ronco nada feminino saiu dela antes que ela rolasse, me dando as costas. Eu ri suavemente, pegando uma mecha de seu cabelo sedoso e dourado e esfregando-a entre meus dedos.

E a mulher estava certa de que não roncava.

Meu telefone vibrou na mesa de cabeceira ao meu lado.

Rapidamente o peguei antes que o barulho pudesse acordá-la. Embora, quando pensei sobre isso, não achei que nada pudesse ser ouvido sobre aquele ronco. Era como se alguém tivesse jogado pedras em um liquidificador e ligado na velocidade máxima.

Olhei para a tela.

Miguel.

Eu estalei, uma pontada de irritação me cortando. A última coisa que eu queria fazer era levantar. Essa era a maior satisfação que eu sentia em anos. Sinceramente, pensei em ignorar isso para poder ficar nesse momento perfeito um pouco mais, mas sabia que não podia.

Só poderia haver uma razão para ele estar me ligando.

"Podozhd", espere aí, sussurrei em russo quando atendi o telefone.

Inclinei-me para frente, depositando um beijo suave no ombro de Tatiana antes de sair silenciosamente da cama.

Encontrei minhas calças, vesti-as e então saí do quarto, fechando a porta atrás de mim.

“Tudo bem, o que está acontecendo?”, perguntei, entrando mais no apartamento.

“Eu tenho você dentro,” Mikhail disse, indo direto ao ponto.

O que eu apreciei, porque eu queria voltar para a cama antes que Tatiana acordasse.

“Dê-me os detalhes.”

“A Talon é dona de várias grandes empresas de segurança privada. Quando liguei para eles e perguntei sobre a contratação de alguém para a primeira semana de maio, eles me disseram imediatamente que não tinham ninguém disponível.”

“Você acha que ele está usando as pessoas de suas empresas de segurança para cuidar de sua ilha?”

“Sim. Voltei e investiguei um pouco mais a fundo o histórico de emprego deles. Todo ano, na última semana de abril e na primeira semana de maio, nenhum funcionário estava disponível para contratação. Chequei até mesmo os outros negócios dele, os serviços de limpeza, os restaurantes.

Todos fechados por essas duas semanas. Até os calendários que continham as programações deles para os próximos anos tinham essas datas bloqueadas.”

Ele estava tirando seus funcionários de seus empregos normais para trabalhar na ilha. Isso significava que ele usava as mesmas pessoas todas as vezes. Se passar por um trabalhador não funcionaria, nesse caso.

“Você disse que tinha a minha entrada? Como?”

“Há uma lista de espera de pessoas em caso de emergências. Digamos que alguém quebrou a perna e não pode trabalhar, ou alguém morreu entre este jogo e o último. Bem, eles têm uma lista de espera de pessoas para ligar e substituí-los, se necessário.”

“Ah,” eu disse, entendendo. Eu andei preguiçosamente pelo apartamento enquanto falava. “Você quer tirar um dos funcionários da equação e substituí-lo por mim.”

“Já feito. Frederick Anderson encontrou sua morte prematura em um trágico incidente de atropelamento e

fuga na noite passada.”

Eu sorri.

“Mas não antes de eu hackear o servidor deles e colocar seu pseudônimo no primeiro lugar da lista de espera de segurança deles. Você deve receber uma ligação a qualquer momento para te trazer.”

“Mas as pessoas não ficariam desconfiadas? Tipo, o chefe da segurança? Considerando que nunca me conheceram antes.”

“Não. Contratar pessoas seria algo feito especificamente por Talon. Ele é muito controlador para deixar que seja de outra forma. Seu nome estar na lista será o suficiente para as pessoas pensarem que você foi examinado e escolhido pelo chefão.”

Quando entrei no quarto que eu costumava ocupar, franzi a testa. A cama e todos os móveis tinham sido empurrados para um lado do quarto. Do outro lado estava todo o equipamento de design de Tatiana. Seu bloco de desenho, lápis, tesouras, tecidos, fita de costura. Estava tudo espalhado caoticamente, sem organização.

Minha carranca se aprofundou quanto mais eu olhava ao redor da sala. Eu já tinha visto o espaço de design da Tatiana em casa. Não parecia nada com isso. Tatiana era meticulosamente organizada quando se tratava desse tipo de coisa. Tudo tinha um lugar específico e absolutamente não poderia ser colocado em nenhum outro lugar.

Fiquei além de surpreso ao ver isso assim. Por que ela estava—

“Nikolai? Você ainda está aí?”

Limpei a garganta, balançando a cabeça. “Aqui. Desculpe.

Só fiquei distraído por um segundo.”

“Sem problemas. Era tudo o que eu tinha para lhe dizer de qualquer forma. Assim que receber a ligação, me avise e planejaremos o próximo passo.”

“Farei isso. Obrigado Mikhail,” eu disse, desligando.

Cruzei os braços sobre o peito, encarando o cômodo à minha frente, o desgosto crescendo dentro de mim. Eu não gostava disso. Tatiana merecia um espaço melhor para trabalhar.

Enviei algumas mensagens para meu pessoal e me virei, pretendendo voltar para a cama. Mas, claro, meus planos nunca funcionaram do jeito que eu queria.



Capítulo Vinte e Oito

TATIANA ANDREEVA

M MEUS OLHOS SE ABRIRAM no momento em que Nikolai saiu da cama. Fiquei perfeitamente imóvel, ouvindo-o andar pelo quarto enquanto vestia as calças e saía.

Ele estava realmente tentando fazer o "bate e sai" comigo ?

Ah, eu ia cortar as bolas dele! Na verdade, primeiro, eu as chuparia, porque ele fazia um gemido profundamente masculino sempre que eu fazia isso, e era o som mais quente que eu já tinha ouvido na minha vida. Então eu cortaria as bolas dele.

E fazê-lo comê-los.

Eu estava ocupada planejando sua morte enquanto enfiava minha calcinha nas pernas e meus braços através da blusa quando ouvi sua voz, abafada pela porta. Ele estava falando com alguém.

Ahhh, ele saiu para atender o telefone.

Eu ri de mim mesmo e balancei a cabeça. Às vezes, eu realmente exagerei.

Espere um segundo... com quem ele estava falando às—

meus olhos se voltaram para o despertador e os estreitaram desconfiados— 4:30 da manhã?

Eu me esgueirei para frente na ponta dos pés e abri a porta, espiando minha cabeça para fora. Nikolai estava andando lentamente para cima e para baixo no apartamento enquanto falava com quem estava do outro lado da linha. Era difícil para mim acompanhar a conversa,

já que eu só conseguia ouvir suas respostas, mas estava claro que ele estava falando de negócios da Bratva.

Aquela bola de ansiedade que começou a se formar no meu estômago desapareceu. Eu não sabia por que eu automaticamente ia para um lugar negativo quando se tratava de Nikolai. Ele deixou claro uma e outra vez que nunca houve outra mulher em sua vida. Infidelidade não era seu vício.

Mas eu era tão ciumenta e possessiva quanto ele. Então, às vezes, minha mente ficava um pouco louca com cenários, não importa o quão ridículos eles pudessem parecer.

Quando ele terminou a ligação, pensei em correr de volta para a cama e fingir que estava dormindo. Eu não estava pronta para o que aconteceu entre nós ontem à noite acabar. Não tínhamos falado sobre isso, sobre o que significava. Acho que ele estava evitando a conversa porque não queria ouvir o que sabia que eu diria. Que era só sexo. Que não estávamos juntos novamente. Então ele não tocou no assunto, e nem eu. Nós apenas continuamos transando, transando e transando, recusando-nos a falar sobre isso e estragar o momento.

Nikolai se virou e a decisão de voltar para a cama foi tirada de mim no momento em que nossos olhares colidiram.

Meus olhos percorreram aquela forma impecável, maravilhando-me com cada curva e linha definida. Seu corpo... foda-me. Aquele abdômen definido. Os músculos.

Ele era perfeito pra caralho. Cada centímetro dele.

Nós nos encaramos, o silêncio crescendo entre nós, exibindo o elefante na sala. O assunto que ambos tentávamos não reconhecer.

"Eu te acordei?" ele perguntou, guardando o telefone em seu moletom cinza.

“Está tudo bem. Com quem você estava falando?”

“Mikhail. Houve um desenvolvimento em encontrar meu pai.”

“Sério? Essa é uma ótima notícia. Que tipo de desenvolvimento?”

Nikolai foi até a cozinha e começou a abrir armários em busca de comida. Ele me contou tudo sobre as informações que eles descobriram. O e-mail de seu pai brigando. Os jogos dos quais ele estava sendo forçado a participar de repente. Seu plano de se infiltrar nessa ilha misteriosa sob a capa de um pseudônimo.

Quanto mais ele falava, mais ansioso eu ficava. A coisa toda parecia incrivelmente perigosa. Não era que eu não tivesse fé nele, ou acreditasse nele. Eu tinha. Mas ele estava indo fundo na barriga da besta sem apoio. Se algo desse errado, ele não tinha ninguém para ajudá-lo.

Ele bateu a geladeira e se virou para mim, com as mãos nos quadris. Seu peitoral esquerdo flexionou e eu mordi meu lábio. "Tatiana, onde está toda a sua comida?"

“Está ali”, eu disse, sentando-me no banco em frente à ilha da cozinha.

Ele exalou exasperado e tirou alguns itens, segurando-os.

“Meio pão, um pote de manteiga de amendoim e um pouco de macarrão instantâneo não é comida.”

“Semântica”, dei de ombros. Eu não queria dizer a ele que mal tinha dinheiro para comprar comida. Ele tomaria para si a responsabilidade de retificar a situação. O homem tinha comprado para mim dezenas de pares de sapatos Louboutin na remota chance de que isso me faria feliz. Se ele soubesse que eu estava com dificuldades para comprar comida, ele acabaria comprando para mim uma maldita mercearia ou algo assim.

“São ótimas notícias sobre seu pai”, eu disse, mudando de assunto. Então percebi o que disse e me encolhi. “Não as notícias em si. Isso não é ótimo. Eu quis dizer o fato de

haver notícias . Eu sei que Illayana estava surtando porque não havia notícias de seu pai em lugar nenhum. Ela pensou que ele estava morto. Mas agora você sabe que ele está vivo, e isso é—”

Nikolai riu baixinho da minha divagação, com um sorriso brincalhão dançando em seus lábios enquanto olhava para o celular.

“—ótimo,” terminei com um suspiro.

“É.” Aquele sorriso ainda estava em seu rosto. “As informações sobre os jogos foram surpreendentes.” Seus dedos tocaram rapidamente na tela por mais alguns minutos antes de ele guardá-la de volta. “De todos os cenários possíveis que imaginei, esse definitivamente não era um deles.”

“O mesmo. Nunca ouvi falar de algo assim antes. Quer dizer, Mikhail tem as arenas de luta. Mas isso não é até a morte. E cada lutador lá está por escolha.”

“Eu também não. Mas acho que pessoas ricas precisam de algo excitante para fazer seu sangue bombear. Quando você tem a habilidade de comprar qualquer coisa que queira, você fica entediado bem rápido.”

“Você é rico,” eu apontei. Isso significava que ele estava entediado?

“Eu tenho você e mato pessoas para viver. Isso é o suficiente para me manter entretido por uma vida inteira. E

mais.”

Quando abri a boca para responder, ele me lançou um olhar penetrante que me

fez fechá-la de repente. Ele sabia o que eu ia dizer e não queria ouvir.

“Quando você vai embora?”, perguntei, mudando de assunto novamente. Estava rapidamente se tornando uma especialidade minha.

“De acordo com Mikhail, os jogos são sempre realizados na primeira semana de maio.” Ele começou a tirar itens de

cozinha e colocá-los no banco. Pratos, panelas, tábuas de corte, facas. Para quê, eu não tinha ideia. Não é como se ele pudesse cozinhar qualquer coisa com o que tinha na minha despensa. “Dependendo de quão cedo eles querem que seus trabalhadores estejam lá para se preparar, pode ser a qualquer momento entre agora e algumas semanas.”

Uma pressão apertada apertou meu peito e eu esfreguei meu esterno. Eu não gostei disso. Eu não gostei nem um pouco. As chances de algo dar errado eram muito altas.

Tudo o que seria preciso era que alguém o reconhecesse, ou alguém investigasse mais seu pseudônimo, e ele estaria acabado.

Porra, ele e sua família eram pesquisáveis no Google.

Ninguém pensou nisso, porra? Quem inventou esse plano idiota? Não ia dar certo. Esse plano ia falhar. Ele ia ser pego. Eles iam pegá-lo e matá-lo—

“Você está entrando em uma espiral.”

“É claro que estou pirando,” eu sibilei, olhando para ele.

“Nikolai, você e sua família são muito reconhecíveis para esse plano funcionar. Você esqueceu que tem fotos de vocês por toda a internet? 'A rica família russa dona de Las Vegas'? Teve uma maldita notícia sobre vocês três dias atrás. Eu li. Como-eu-não-isso não é-”

Ele me girou e se enfiou entre minhas pernas, agarrando meu rosto com as duas mãos e me forçando a olhar para ele. “Tati, respira . Relaxa e respira.”

Meu corpo formigava com seu toque, mas eu ignorei.

"Estou respirando, seu idiota", eu disse, dando um tapa em suas mãos. Ele riu profundamente, nem um pouco dissuadido.

Ele

ficou

exatamente

onde

estava,

insuportavelmente perto, e agarrou o banco da ilha atrás de mim em ambos os lados do meu corpo. Me prendendo e não me dando absolutamente nenhum lugar para ir, nenhum lugar para me esconder. Ele estava tão perto, eu

podia sentir sua respiração se espalhando pelo meu rosto.

Sentir aquele cheiro inebriante que era todo homem. Todo Nikolai.

“YA tsenyu, chto ty bespokoish'sya za menya, lyubimaya.

Não tebe ne sleduyet etogo delat'.” Agradeço que você esteja preocupado comigo, amor. Mas você não deveria estar, ele sussurrou suavemente.

Engoli em seco, encarando seus lábios. Não conseguia tirar os olhos deles. "YA ne dolzhen?" Eu não deveria?

“Nyet.” Não. Ele inclinou a cabeça para o lado, me observando com cada fragmento de seu foco. “Porque não há nada neste mundo que possa me afastar de você. Não há obstáculo que eu não escalaria. Nenhuma tarefa que eu não completaria. Nenhuma pessoa que eu não mataria para voltar para você. Você, minha linda Tatiana, é o centro do meu universo.” Ele deu o beijo mais suave em meus lábios.

“Moye vse.” Meu tudo.

Bem... merda. Meu coração desmaiou pra caralho . Esse homem me deixou completamente e completamente sem palavras (um feito não facilmente

alcançado). Não eram apenas suas palavras. Era também a sinceridade com que ele as falava. Não havia dúvidas em minha mente de que ele quis dizer cada palavra, e um pouquinho mais do meu coração se curou, outra rachadura do nosso passado simplesmente desaparecendo.

Houve uma batida na porta e eu soltei um pequeno suspiro de alívio. Eu não tinha ideia do que dizer de volta. Quero dizer, o que você diria para alguém que acabou de despejar toda a sua porra de alma para você?

Nada que eu conseguia pensar parecia bom o suficiente, então usei a pessoa batendo na minha porta como a desculpa perfeita para desviar o assunto.

“Eu provavelmente deveria pegar isso,” eu suspirei, lambendo meus lábios. Estava quente lá dentro? Parecia

quente lá dentro.

Ele sorriu e eu juro que meu coração parou. "Sim. Você deveria." Mas ele não se moveu. Ele apenas continuou a me dar aquele sorriso largo, cheshire, todo sexy e tal.

Eu ia matá-lo se ele não parasse de me olhar daquele jeito.

Isso me impossibilitava de pensar. Quando as batidas persistiram, coloquei minhas mãos em seu peito e o empurrei para trás. Ele me deixou, o sorriso ainda estampado firmemente em seu rosto.

Quando abri a porta da frente, havia quatro homens parados ali, todos com várias sacolas grandes nas mãos.

“Nikolai Volkov?” perguntou o cara do meio.

“Uh, ele está lá dentro”, apontei por cima do ombro.

O cara assentiu. “Por aqui, rapazes.” Ele passou direto por mim e entrou no apartamento, os outros homens o seguiram.

"Ei!" Eu estava prestes a dar uma de Xena em cima deles, mas Nikolai falou, suas palavras me fazendo parar.

“Bom. Você está aqui.”

Eu franzi a testa. Que porra está acontecendo?

Todas as sacolas estavam no banco quando virei a esquina e entrei na cozinha. Dez no total.

“Você chegou rápido”, comentou Nikolai enquanto tirava várias notas de centenas de dólares da carteira.

“Com o que você pagou, estava praticamente garantido.”

Nikolai resmungou: “Pela sua eficiência.” Ele entregou três notas a cada um dos homens.

Eles caíram sobre si mesmos em gratidão. “Obrigado, Sr.

Volkov! Obrigado! Se você precisar de mais alguma coisa, nós somos seus caras!”

“Vou manter isso em mente. Obrigado.”

Depois que os homens foram embora, ele começou a desempacotar as malas.

“Sério, Nikolai?” Coloquei minhas mãos nos quadris. “Você comprou mantimentos?”

“Não fique toda surpresa. Nós dois sabemos que você não está.”

“Quando você ao menos—” então eu me lembrei que ele estava mexendo no celular logo depois de descobrir que eu tinha merda toda na minha geladeira. “Ah, você é sorrateiro.”

Eu ia repreendê-lo por isso, mas, honestamente, qual seria o sentido? Nikolai era do tipo que, se nós dois estivéssemos morrendo de sede no deserto, ele forçaria o resto da água pela minha garganta em vez de compartilhá-la. Qualquer coisa que eu dissesse entraria por um ouvido e sairia pelo outro.

"Você precisa parar de fazer merda para mim", eu disse de qualquer maneira, me movendo para ajudar a guardar a comida.

“Prefiro morrer”, disse ele com total seriedade.

Revirei os olhos. “Meio dramático, mas tudo bem.”

Assim que terminamos, ele usou o equipamento de cozinha que havia tirado antes para começar a fazer o café da manhã. O que foi bom para mim, porque eu não sabia cozinhar nem para salvar minha vida.

“Omelete de queijo e tomate ainda é sua favorita?” ele perguntou, quebrando alguns ovos.

“Mm-hmm,” respondi distraidamente, focando no meu bloco de desenho. Eu tinha ido lá e o pegado quando ele começou a cozinhar. Eu estava determinado a terminar o design que eu tinha pensado o mais rápido que pudesse para que pudesse ser feito a tempo.

“No que você está trabalhando tanto aí?” Ele despejou os ovos em uma frigideira bem quente.

“Estou desenhando um terno para você.”

“Um terno?” ele franziu a testa. “Por quê?”

“Para o nosso casamento.”

“O quê?!” ele deixou a tigela cair em suas mãos em choque.

Quando comecei a rir, ele estreitou os olhos. “Você é cruel.”

“Eu sou.” Dei um grande sorriso a ele. “Mas é por isso que você me ama.”

Ele balançou a cabeça e riu, abaixando-se para pegar a tigela. “É. Uma delas, pelo menos.”

Eu pisquei. “Brincadeiras à parte, estou projetando algo para você que espero que ajude a mantê-lo seguro nessa sua missão suicida.”

“Estou intrigado.” Ele cortou algumas cebolas, cebolinhas e tomates, jogando-os na panela.

“Não sei se é possível ainda, mas quero tentar fazer uma roupa para você

completamente feita de Kevlar. Dessa forma, se algo der errado, pode lhe dar tempo suficiente para correr e aguentar até que eu possa vir e salvar sua bunda.”

Quando ele não disse nada, levantei os olhos do meu bloco de desenho, o lápis congelado no ar. Ele olhou para mim com uma mistura de surpresa e afeição, os olhos ligeiramente arregalados. “Por mais que eu aprecie o gesto, Tati, acho que não vou conseguir usá-lo. Provavelmente vou ganhar um uniforme de algum tipo.”

“Então você pode usá-lo sob seu uniforme. Não me importa se está mil graus e você está suando muito. Se eu puder fazer isso funcionar, você vai usá-lo. Fim da discussão.” Eu duvidava muito que fosse tão eficaz quanto um colete à prova de balas de Kevlar, mas mesmo que pudesse oferecer um pouco de resistência, poderia significar a diferença entre a vida e a morte. Olhei-o fixamente nos olhos.

“Prometa-me.”

Ele estalou a língua, servindo a comida. “Tudo bem, eu prometo. Aqui, coma.”

“Estou quase terminando—”

“Não. Agora.” Ele pegou meu bloco de desenho e colocou o prato bem na minha frente. “Só Deus sabe quando foi a última vez que você comeu uma refeição decente.”

“Ontem à noite, na verdade.” Embora eu não tenha conseguido comer tudo. Ele foi e me irritou antes que eu pudesse fazer isso.

Ele estreitou os olhos, não tão satisfeito com aquela declaração quanto eu teria presumido. Ele colocou um copo de suco de laranja e um copo de água ao lado antes de se sentar no banco vazio, de frente para mim.

“Você não vai comer?” Dei uma mordida e tive que segurar um gemido. Tanta delícia de queijo.

"Eu como depois." Ele agarrou meu banco e me puxou para mais perto entre suas pernas, suas coxas enormes e musculosas me prendendo.

Dei de ombros e continuei comendo, sem parar até terminar o prato inteiro.

Empurrei-o para longe quando terminei. “Pronto. Feliz? Posso terminar meu esboço agora?”

“Ainda não.” Ele empurrou o copo de suco de laranja em minha direção. Revirei os olhos, mas tomei um gole, colocando-o de volta na mesa. Ele empurrou o copo de água em minha direção em seguida e eu balancei a cabeça.

“Quanta água você bebeu nos últimos dias?”

“Toneladas. Pelo menos quatro garrafas”, eu disse, mentindo descaradamente. Ele apenas me encarou, sem acreditar em uma única palavra. “Ok, tudo bem, três garrafas.” Seus dedos batiam no banco, esperando. “Duas”, eu emendei. Ele ainda não se moveu, os olhos fixos nos meus. “Tudo bem! Nenhuma, tudo bem?”

Ele assentiu, como se soubesse que essa tinha sido a resposta o tempo todo. Ele empurrou a água para mim novamente, um comando silencioso para bebê-la. Com um rosnado, peguei o copo e engoli tudo de uma vez antes de



fechá-lo de volta. O sorriso que ele me deu depois fez meu pulso acelerar.

“Agora posso terminar meu esboço?”

“Não.” Um suspiro saiu da minha boca quando ele me pegou e jogou minha bunda no banco da ilha, abrindo bem minhas pernas. “Agora é minha vez de comer.”

Entrei no meu apartamento alguns dias depois, completamente exausta. Trabalhar em um emprego de verdade era uma droga . Eu tinha conseguido fazer alguns turnos extras, o que eu estava grata. Isso significava que eu poderia realmente pagar por uma manicure esta semana.

Uma que eu estava precisando desesperadamente . Juro, um pouco da minha

alma morria toda vez que eu dava uma olhada nas minhas unhas. Foi o maior tempo que eu já fiquei sem fazer um autocuidado, e eu não gostei nem um pouco. Isso me deixou irritada.

Depois da nossa manhã memorável outro dia, aquela em que Nikolai comeu minha buceta até eu gozar três vezes, ele foi embora e voltou para Nova York. Havia muita coisa para a qual ele tinha que se preparar. Por mais que eu quisesse que ele ficasse, ele tinha que ir. Eu sentia muita falta dele.

Era engraçado, eu estava colocando tanta distância entre nós por tanto tempo que eu quase conseguia esquecer o quanto eu sentia falta dele. O quanto eu gostava de estar

perto dele. Mas depois daquelas últimas semanas de estar constantemente cercada por ele, seus toques e aqueles olhares acalorados que falavam de um milhão de coisas, tornou-se impossível esquecer. Doía fisicamente estar longe dele. Eu me sentia como uma viciada em drogas, desesperada pela próxima dose. Nós estávamos mandando mensagens de texto e fazendo videochamadas, mas não era o suficiente. Nunca seria o suficiente.

Tirei os sapatos e estiquei os dedos dos pés no carpete macio. Fiquei tão feliz que a noite tinha acabado. Vou fazer um jantar, tomar um banho e depois me enrolar na cama com um bom livro. Sim. Parecia um plano.

Não era só o trabalho que me deixava tão cansado. Eu ficava acordado até 1 da manhã todas as noites, tentando terminar a roupa de Kevlar que eu tinha em mente para Nikolai, para que ele pudesse levá-la com ele em sua missão de resgatar seu pai. Eu finalmente consegui terminar, mas não foi fácil. Tentar costurar Kevlar era uma merda. Mas tudo o que importava era que estava pronto, e se pudesse oferecer a Nikolai mesmo o mínimo de proteção, então eu estava feliz. Já estava a caminho dele, por correio expresso.

Dei um passo em direção à cozinha e congelei. A luz do quarto de hóspedes estava acesa. Eu tinha certeza absoluta de que não estava acesa quando saí esta manhã. Com a testa franzida, fui em direção ao quarto e abri mais a porta.

Meu queixo caiu. O que diabos? O quarto inteiro tinha sido completamente refeito. A cama, as mesas laterais, a cômoda se foram... tudo substituído por um estúdio de design que qualquer especialista em moda mataria para ter. Era ainda melhor do que o espaço que eu tinha em casa.

Uma mesa de trabalho resistente foi empurrada contra a parede com downlights apontados diretamente para ela

para iluminação ideal. Eles não estavam lá antes. Eu teria notado. Havia uma máquina de costura de última geração

— uma MT-KCO1-ZPL SEG Multi Function Silicone Edge Sewing Machine, para ser mais preciso — que custava incríveis US$ 10.000, fácil.

Tudo foi preparado com detalhes meticulosos. Havia uma variedade de tecidos diferentes pendurados na parede, prontos para serem colhidos. Dois manequins de vestido estavam de cada lado da mesa de trabalho. As tesouras, lápis, canetas e fitas métricas estavam perfeitamente alinhados. Era... o espaço do meu estúdio de design dos sonhos.

Sinceramente, não sei quanto tempo fiquei ali, maravilhado com o que estava bem na minha frente.

Depois de pegar meu queixo do chão, peguei meu telefone e liguei para a única pessoa no mundo que poderia ser responsável por isso. Ele atendeu no primeiro toque.

“Boa tarde, amor.”

Minha boca se abriu em um sorriso. Desde que voltamos a nos comunicar constantemente, Nikolai fez um esforço ativo não só para atender todas as minhas ligações, mas atendê-las imediatamente. Ele fez o mesmo com minhas mensagens, respondendo imediatamente. Houve até uma vez em que ele estava lutando com Lukyan que ele escolheu baixar completamente a guarda e atender minha ligação, resultando em um soco sólido no queixo. Eu sabia disso porque ouvi o grunhido de dor sair de sua boca no momento em que ele aceitou.

Eu estava ciente do fato de que ele estava compensando demais. Ele estava tentando provar que, não importa o caso, ele sempre estaria lá quando eu precisasse dele. As emoções que isso despertava dentro de mim me fizeram entrar em parafuso.

“O que você fez, Nikolai?”

“Você vai ter que ser mais específico.”

Meus olhos se estreitaram desconfiados. “A quantas coisas eu poderia estar me referindo? O que mais você fez?”

“Até que eu tenha mais informações, eu imploro a quinta.”

Houve um grunhido e um xingamento russo, mas não era dele. Ele provavelmente estava lutando de novo.

“O espaço de design, Nikolai.”

“Ah.” Tanto humor naquela palavra de uma sílaba. “Você gosta?”

“Você sabe que eu adoro isso.” Andei pela sala, correndo meus dedos amorosamente por tudo. “Mas eu disse para você parar de fazer coisas por mim.”

“E eu disse que preferia morrer.” Outro grunhido. Outra maldição. “Como era antes não era bom para sua mente criativa, Tati, e você sabe disso. Como você vai se tornar a próxima Vera Wang, ou Donatella Versace, ou Christian Dior se não tem espaço para fazer seu melhor trabalho?”

Mordi o lábio. Ele tinha feito alguma pesquisa. Era a única maneira de saber quem eram aquelas pessoas. Nikolai não dava a mínima para moda ou o que ele vestia. Se servisse, ele usava.

“Por mais que eu ame o que você fez — e eu amo — este não é meu apartamento, Nikolai. Estou alugando de Arturo e sua irmã. Que, a propósito, ainda não está falando comigo. Você não pode simplesmente—”

“Eu posso,” ele interrompeu. “Eu já liguei para Arturo e disse a ele o que eu ia fazer. Eu mandei todos os móveis para o depósito e eles serão todos devolvidos quando você for embora.”

Era difícil não notar a formulação. “Eu disse a ele”, não “Eu perguntei a ele”. Se Arturo tivesse dito não, duvido que Nikolai tivesse escutado.

Eu exalei e desabei na poltrona confortável no canto da sala. Ao lado dela estava uma mini geladeira. Que, quando

eu a abri, estava cheia com todas as minhas bebidas e lanches favoritos. O homem realmente tinha pensado em tudo.

“Sinceramente, nem sei o que dizer. O que você fez aqui, para mim, é nada menos que incrível. Obrigada. Significa muito mesmo.”

“Fazer você feliz me faz feliz.”

“Ya byla por schastliva, yesli por ty perestal delat' chto-to dlya menya.” Eu ficaria feliz se você parasse de fazer coisas para mim.

“Vidimo, togda oba budut neschastny.” Acho que nós dois vamos ficar **infelizes** então. Ele respondeu tão rápido quanto. Eu ri suavemente. Valia a pena tentar.

Meu telefone apitou. Olhei para a tela e vi que Arturo estava tentando me ligar. Estranho.

“Eu tenho que ir. Mais uma vez, muito obrigada pelo quarto. É lindo.”

“Ostavaytes' v bexopasnosti, do vstrechi.” Esteja seguro.

Fale logo.

“Ty tozhe.” Você também.

Desliguei e aceitei a ligação de Arturo. “Ei. O que está acontecendo?”

“Estamos indo para Franco em uma hora. Você entra ou sai?”



Capítulo Vinte e Nove

TATIANA ANDREEVA

O H, CARA. NIKOLAI COM CERTEZA VAI me matar.

Eu estava agachado sobre um joelho atrás da pequena mesa na cozinha da nova casa de distribuição falsa de Arturo.

O plano era simples. Deixar Franco e seus homens se infiltrarem. Pegar eles de surpresa. Matar seus homens.

Pegar Franco vivo. Correr.

Simples, certo?

Errado!

Não havia nada de simples nisso porque, por algum motivo, o plano tinha sido levado adiante e Nikolai não estava lá.

Ele não estava lá, e eu estava, e ele ia me matar, porra.

Sim, ok, eu sabia que não precisava estar lá. Mas eu queria ver isso até o fim, e eu sabia que se eu contasse a ele, ele iria reclamar e delirar e exigir que eu não fosse. Eu, é claro, não iria ouvir, e Nikolai passaria a noite enlouquecendo de preocupação porque era fisicamente impossível ir de Vegas para Nova York em uma hora. Então, optei por não contar a ele sobre o que estava acontecendo até depois do fato. Ele já tinha muita merda para lidar. Por que adicionar mais estresse e preocupação desnecessários em seus ombros quando era completamente evitável? Nada daria errado. Eu ficaria bem e deixaria este lugar sem um único arranhão em mim. Por quê?

Porque eles me colocaram lá atrás, bem longe de qualquer ação. Não é como se eu pudesse dizer alguma coisa. Não era meu OP para correr, então se Arturo queria que eu cobrisse a porta dos fundos para garantir que ninguém os pegasse de surpresa por trás, então era isso que eu faria. E

eu faria o melhor trabalho possível.

Ajustei minha posição levemente, mantendo o cano da minha arma apontado para a porta que dava para o quintal.

Arturo tinha feito um ótimo trabalho em fazer esse lugar parecer operacional. Ele chegou até a encher com todo o equipamento que usaria em uma casa de distribuição de drogas adequada, para não levantar suspeitas quando The Outfit invadisse. Havia até manequins vestidos com equipamentos, espalhados pela casa para realmente vender o estratagema. Bastardo completo.

Eu estava vestida com minha melhor roupa de chefe-vadia, o material todo preto, justo e não restritivo, permitindo bastante manobrabilidade. Arturo me ofereceu armas, mas eu educadamente recusei. Eu preferia muito mais trabalhar com as minhas. Havia uma arma e uma faca amarradas em cada coxa, outra faca no meu tornozelo, mais uma atrás das minhas costas e uma metralhadora Scorpion EVO

semiautomática totalmente carregada amarrada no meu ombro. Eu estava tão pronta para foder uma vadia.

“Chegando. ETA dois minutos.” Uma voz crepitou no meu ouvido pelo fone de ouvido. Era um dos homens de Arturo que estava monitorando as ruas, de olho na chegada de Franco.

A excitação aumentou em minhas veias. Verifiquei minha arma mais uma vez, garantindo que tudo estava funcionando antes de me concentrar novamente na porta.

“Achei que seu cão de guarda estaria aqui”, Vincenzo comentou ao meu lado. Havia uma pequena parte de mim

que achava que Arturo o tinha colocado aqui para me proteger, mas eu não tinha certeza.

Meus olhos se voltaram para ele e de volta para a porta.

“Não houve tempo suficiente, senão ele estaria onde você está.”

“Disso, não tenho dúvidas. Eu não sabia que vocês estavam namorando.”

“Por que você faria isso? Nosso negócio é nosso negócio.”

Eu o observei discretamente pelo canto do olho. Havia algo... diferente nele. Foi-se o playboy sarcástico que flertava com qualquer coisa que tivesse um batimento cardíaco. Em seu lugar estava esse predador frio e focado.

Foi uma troca completa de personalidade.

“Alvo confirmado. Indo para a entrada da garagem,” a voz estalou em meu ouvido novamente.

Aqui vamos nós. Aqui vamos nós.

Os minutos seguintes passaram insuportavelmente devagar. Vincenzo e eu esperamos em silêncio. Minhas palmas começaram a suar. Flexionei meus dedos

em volta do cabo da minha arma e respirei fundo. A antecipação estava me matando.

O som de tiros me deixou tenso. Vinha da frente da casa.

Vincenzo e eu trocamos um olhar. Nós dois queríamos ir ver o que estava acontecendo, se eles precisavam de ajuda.

Mas não podíamos abandonar nosso posto. Isso nos deixava vulneráveis a ataques por trás.

Houve movimento na janela, várias figuras escuras e sombrias passando e indo direto para a porta.

“1 hora”, eu disse, alertando Vincenzo caso ele não os visse.

“Entendi.” Ele olhou pela mira da arma, mirando.

“É uma emboscada! VAI!” alguém rugiu da frente da casa.

Eu observei a porta, a janela, a porta, a janela, meu olhar pingando de um lado para o outro entre os dois. Algo

prateado brilhou através da janela e meus instintos gritaram para correr. Eu não tinha ideia do porquê, mas meus instintos nunca me enganaram antes, então eu definitivamente iria ouvi-los.

Sem perder mais um segundo, virei-me e empurrei Vincenzo para fora do quarto e para o quarto ao lado, ao mesmo tempo em que algo vinha voando pela janela.

Houve um clarão e um estrondo alto que fez meus ouvidos zumbirem. Minha visão ficou turva, tornando impossível enxergar.

Os filhos da puta usaram uma granada de efeito moral.

A desorientação tomou conta de mim. Eu tinha sido atingido por um desses bastardos durante meu treinamento com a Bratva. Tinha sido dez vezes pior do que isso. Tinha me deixado tão confuso que eu não conseguia nem formar um pensamento coerente. Pular para a sala ao lado deve ter diminuído seus efeitos, mas eles ainda eram proeminentes o suficiente para prejudicar meus sentidos.

Meus ouvidos ainda estavam zumbindo. Minha visão ainda estava turva. Se eu não me movesse imediatamente , quem quer que tivesse jogado aquela granada de luz estaria bem em cima de mim.

Mexa. Sua. Bunda!

Passei um dedo pela alça sobre meu ombro até sentir minha arma. Com um chiado, fiquei de pé e mirei. Uma figura borrada apareceu na minha frente. Atirei e ela desapareceu do meu campo de visão.

A cada segundo que passava, minha visão melhorava. Usei a parede como cobertura e soltei um suspiro de alívio quando finalmente pude ver mais do que apenas borrões.

Balas atingiam a parede atrás da qual eu estava me escondendo. Abaixei-me um momento antes das balas rasgarem o gesso.

Mais um segundo e meu cérebro estaria espalhado por todo o chão.

Eu troquei olhares com Vincenzo. Ele estava agachado, usando a mesma parede que eu para se proteger, exceto que ele estava do outro lado da entrada.

Usando sinais militares, eu disse a ele para avançar ao mesmo tempo que eu, cruzando nossos caminhos em uma formação em X para que pudéssemos cobrir ambos os lados da cozinha.

Ele assentiu.

“Vai, vai, vai”, eu murmurei.

Entramos em ação, cruzando um sobre o outro enquanto corríamos de volta para a cozinha. Não hesitei em atirar, liberando uma rajada de balas. Minha visão ainda estava um pouco prejudicada, mas os vi mergulharem para se proteger. Três deles, talvez quatro. Eu não tinha certeza.

Aquela granada de luz idiota realmente fodeu com meus sentidos.

Fiquei sem balas rapidamente e soltei a alça do meu ombro, deixando a arma cair. Dois homens me atacaram.

Minhas adagas estavam em minhas mãos antes que eu pudesse pensar, e nós lutamos. Duro .

Para minha sorte, eles eram mais do tipo "Balanço os braços e espero acertar alguma coisa" do que do tipo

"lutador habilidoso". Eu me abaixei e cortei. Bloqueei e esfaqueei. Torci e chutei. Uma chuteira na coxa me fez tropeçar e então eu estava deitado de costas, derrubado no chão. Segurei firme minhas facas no caminho para não perdê-las, porque se eu perdesse, eu sabia que estava acabado.

Mãos envolveram minha garganta, apertando. Não entrei em pânico. Pânico não me levaria a lugar nenhum. Meus dedos se curvaram mais firmemente em volta do cabo da

minha arma e eu a enfiei no olho dele. Ele gritou e eu o empurrei, me levantando.

Um pé veio voando em direção ao meu rosto. Eu desviei para a esquerda, envolvi meu braço em volta da perna dele e corri para frente, desequilibrando-o. Minha lâmina estava em sua garganta antes que ele soubesse o que aconteceu.

Eu sorri, torcendo-a para a esquerda e para a direita, arrastando a matança, tentando fazer seus últimos momentos nesta terra o mais dolorosos possível.

O grito de dor de Vincenzo levantou minha cabeça. Ele estava deitado de costas, uma faca em seu ombro e outra chegando perigosamente perto de seu olho, o homem sentado em seu peito empurrando-a cada vez mais perto.

Três corpos jaziam mortos ao redor dele.

“Ei!” O homem se virou para olhar para mim. Eu joguei minha faca e sua cabeça foi para trás, a lâmina se alojando profundamente em sua testa.

“Pare-o! Não deixe Franco escapar!” alguém gritou. Um segundo depois, Franco disparou para dentro da cozinha e correu em direção à porta dos fundos, tentando escapar.

Pulei, me preparando para persegui-lo, mas meu olhar se fixou em Vincenzo. Ele viu minha hesitação. Eu não queria deixá-lo sozinho quando ele estava vulnerável.

“Vai, vai!” ele insistiu, fazendo uma careta enquanto se movia para se sentar.

Corri, sacando uma das minhas armas. Saí para o ar frio, minha cabeça virando para a esquerda, depois para a direita. Pronto. Ele simplesmente virou a esquina e desapareceu de vista. Xingando, pulei o corrimão, aterrissei agachado e corri atrás dele. A determinação me fez engatar outra marcha, correndo mais rápido. Eu queria pegá-lo. Eu queria derrubá-lo por Illayana. Por todo o sofrimento e inconveniência que aquele bastardo causou ao meu melhor amigo.

Eu derrapei na esquina, rápido demais para parar o impulso do meu corpo, e corri direto para o taser na mão de Franco. Eu gritei quando uma forte corrente elétrica me atingiu, a dor atacando todos os meus sentidos. Meus músculos

travaram e eu caí para frente nos braços de Franco, completamente atordoado. Outra rodada de dor me atingiu quando ele me tasou novamente. Eu gritei. A escuridão se arrastou para dentro da minha visão, tomando conta da minha visão centímetro por centímetro até que eu não vi nada além de preto.



Capítulo Trinta

NIKOLAI VOLKOV

“H COMO VAI A EMBALAGEM ?”

Olhei por cima do ombro, vendo Illayana parada na minha porta, braços cruzados sobre o peito. Considerando que ela não tinha dito uma palavra para mim desde que cheguei em casa alguns dias atrás, fiquei surpreso que ela

estivesse aqui, falando comigo.

Ontem, recebi a ligação que todos esperávamos. Uma mulher chamada Andrea me disse que uma vaga tinha acabado de ficar disponível na empresa de segurança privada para a qual eu havia me candidatado, caso eu ainda estivesse interessado em aceitá-la. Ela falou em código, outra precaução estabelecida pela Talon, sem dúvida, caso alguém estivesse monitorando suas ligações telefônicas.

Tive que escolher minhas palavras com cuidado porque, como alguém nesta lista de espera, eu deveria saber o que suas palavras significavam, mesmo que não fizessem sentido para mim.

Tudo parecia ir bem, porque ela me deu as informações do voo que me enviariam em minha jornada. Em dois dias, eu estaria naquela ilha e a missão estaria em andamento.

Uma mistura de emoções guerreava dentro de mim.

Excitação. Antecipação. Ansiedade. Medo. Não por mim, mas por Tatiana.

Eu temia ir embora, ficar indisponível para ela e qualquer coisa que ela pudesse precisar poderia me atrasar no progresso que eu tinha feito. E se algo acontecesse

enquanto eu estivesse fora? E se ela precisasse de mim?

Não havia como voltar de onde eu estava indo. Não a menos que completássemos nossa missão e salvássemos meu pai, algo que seria extremamente difícil de conseguir.

Havia muitos obstáculos a superar, muitas coisas que poderiam dar errado. Isso me fez hesitar em ir, apesar de saber qual destino meu pai provavelmente sofreria se não o resgatássemos.

“Você está falando comigo agora, não é?” Virei-me e continuei a tarefa mundana de arrumar minhas roupas na mala.

Illayana bufou e entrou no quarto. Ela sentou na beirada da minha cama, me encarando. “Não quero que você vá sem resolver as coisas entre nós.”

“Nós já não fizemos isso? Sim, eu me lembro distintamente.

Esse hematoma no seu rosto, é de mim chutando sua bunda no ringue.”

Ela pegou uma calça preta e jogou em mim. Eu a peguei e coloquei na minha mala. “Se algo acontecer, se você não voltar, não quero que nossas últimas palavras sejam de raiva. Quero resolver isso.”

Palavras muito maduras de alguém que agiu como uma criança completa há menos de uma semana. Mas ela estava tentando, então eu não diria isso.

“Não tenho certeza do que você quer que eu diga, Illayana.

Ou melhor, do que você quer ouvir. Não vou me desculpar

__”

“E eu não quero você também,” ela interrompeu. “Eu só quero ouvir o seu lado do que aconteceu. Eu ouvi o da Tatiana. Agora eu quero ouvir o seu.”

Era algo que eu poderia dar? A lembrança daquele dia era algo que eu tentava ativamente não pensar, não reviver. O

passado era o passado. Não podia ser mudado. Revivê-lo só

causava dor, então eu prometi a mim mesmo que não pensaria nisso se pudesse evitar.

Mas quando olhei para minha irmãzinha e aqueles grandes olhos azuis suplicantes, percebi que não podia dizer não.

Dois anos atrás

“Então, como você pode ver, Sr. Cliveson, tenho estoque mais do que suficiente para atender às suas necessidades.”

Foi preciso um esforço consciente para não revirar os olhos. Sentado em frente ao meu pai e a mim estava Delano Campos, o filho da puta que estava vendendo armas em nosso território. Suspeitamos que era ele, mas ele apenas confirmou e, ao fazer isso, assinou sua sentença de morte.

Ele não percebeu que estava sentado à mesa com o Pahkan da Bratva. Ele pensou que éramos apenas dois traficantes de drogas procurando armas para nos proteger e proteger nosso produto. Não sua concorrência.

Meu telefone vibrou no meu bolso. Eu o tirei e olhei para a tela, meu maxilar travando com força.

Tatiana.

Ignorei a chamada.

Eu não estava pronto para falar com ela ainda. Não depois de tudo. Eu não queria ouvi-la me dizer que idiota eu estava sendo, como eu estava exagerando. Ela só continuou tentando invalidar meus sentimentos. Eu ouvi aquele filho da puta do Kurt, com meus próprios ouvidos, explicar em detalhes sobre o "tempo" deles juntos. Ouvi-o descrever a tatuagem na bunda dela que ela tinha feito comigo **.** A linha do tempo correspondia. Eu não precisava saber de mais nada. O bebê não era meu, assim como com Galina. Eu não iria criar esperanças novamente só para tê-las e meu coração esmagado no esquecimento. Eu não iria.

Ainda assim, havia uma vozinha na minha cabeça que ficava dizendo: "E se?" E se ela estivesse falando a verdade? E se tudo fosse apenas um grande mal-entendido

e o bebê fosse meu? E se ela não tivesse me traído? Essa voz estava lentamente ficando mais e mais alta, mais proeminente. Mais exigente.

Eu queria acreditar, ouvir. O que eu sentia por Tatiana era diferente de tudo que eu já tinha sentido antes. Um amor ardente tão poderoso quanto uma supernova. Absorvente.

Ela era tudo para mim. Era por isso que a ideia de sua traição doía tanto.

Meu telefone vibrou, Tatiana tentando me ligar de novo. Eu ignorei. De novo.

Eu disse a mim mesmo que estava ignorando as ligações dela porque estava lidando com negócios da Bratva, mas, no fundo, eu sabia o verdadeiro motivo. Era porque eu simplesmente não queria lidar com nada disso agora. Eu precisava de mais tempo. Precisava descobrir exatamente o que eu faria sobre a nossa situação. Se acreditaria nela e correria de volta para ela, ou a deixaria ir.

Depois da terceira ligação, desliguei meu telefone e voltei a me concentrar na reunião.

Delano estava falando demais, tentando se fazer parecer um cão Alfa, como se ele fosse o grandão e nós não fôssemos nada. Estava ficando cada vez mais difícil sentar naquela mesa com ele e não dar um tiro em seu cérebro.

Mas, o pai queria esperar. Tínhamos a confirmação de que era ele vendendo armas em nosso território, mas o pai queria saber **de onde** ele as estava tirando.

Você tinha que tirar o fornecedor, assim como o vendedor, para realmente parar. Caso contrário, outra pessoa poderia facilmente substituir Delano e estaríamos de volta onde começamos.

Depois do que pareceram horas, finalmente terminamos e nos despedimos com arranjos para nos encontrarmos em alguns dias, nós com o dinheiro e ele com o inventário. Era lá que atacaríamos.

Meu pai e eu trocamos algumas palavras antes de ele entrar no carro e ir embora. Subi no banco do motorista do meu próprio veículo e respirei fundo, minhas mãos se curvando ao redor do volante.

Eu temia o que encontraria quando ligasse meu telefone novamente. Provavelmente Tatiana, me xingando por ignorá-la. Algo que eu provavelmente merecia. Eu estava ignorando suas tentativas de falar há meses.

Não sei quanto tempo fiquei ali sentado, meu carro funcionando em ponto morto enquanto eu criava coragem para lidar com meus problemas. Eu não podia mais ignorá-los. Ignorá-la. Precisávamos conversar e resolver as coisas, não importa o quanto eu temesse a conversa.

Liguei meu telefone novamente. Um fluxo de mensagens de texto tomou conta do meu aparelho, assim como várias mensagens de voz.

O pânico se instalou quando eu os li. Oh, meu Deus. O que estava acontecendo? Abri uma das mensagens de voz e coloquei o telefone no ouvido.

No começo, não consegui ouvir muito. Pensei que talvez fosse um dial de bolso, mas então ouvi. Ouvi Tatiana, chorando, soluçando, chamando por mim. **Implorando** por mim. Meu coração literalmente se partiu, a dor queimando

minhas entranhas.

Eu nunca a tinha ouvido daquele jeito antes. Nunca tinha ouvido sua voz cheia de tanta dor. Tanto desespero. Tanta agonia. Algo deve estar errado. Algo deve ter dado terrivelmente, terrivelmente errado. Tatiana era a mulher mais forte que eu já conheci. Para ela implorar por mim...

Havia outras vozes. Um homem dizendo para ela empurrar.

Uma mulher perguntou se havia mais alguém que ela pudesse chamar para ela. Tudo isso enquanto Tatiana chorava... por mim. Ela dizia meu nome repetidamente, cada vez como uma faca no coração.

Ela estava em trabalho de parto? Porra. Ela estava em trabalho de parto, e ela me ligou e... Eu **ignorei** . O que eu tinha feito?

Liguei o carro e acelerei pela estrada, meus pneus cantando. Uma das mensagens de texto dizia que ela estava no Hospital Saint Royal. Ficava a apenas algumas horas de distância.

Enquanto dirigia, tentei retornar a ligação. Fiquei aliviado quando ela atendeu.

“Tatiana? Tatiana, você está aí? Estou a caminho. Estou indo.”

“O-olá. Aqui é Maureen.”

Eu desviei erraticamente pelo trânsito, tentando o máximo que pude chegar lá rápido sem me matar. “Onde está Tatiana?”

“Ela está… aqui.” Quando ela não disse mais nada, eu explodi.

“Coloque-a no telefone!”

A mulher gritou de surpresa com meu desabafo, mas eu não me importei. “Querida, aqui. Ele atendeu. Ele está no telefone.” Ela estava falando com Tatiana? Por que ela não estava respondendo?

Engoli o nó na garganta e tentei suavizar minha voz. “Tati?”

Ainda nada.

“O que está acontecendo?” Eu exigi. “Por que ela não está falando?”

“E-eu sinto muito, senhor—”

“Desculpa? Desculpa por quê? Ela está bem, não está?” Por favor, Deus, diga-me que ela está bem. Se ela não estivesse... se algo acontecesse com ela... se ela morresse...

Balancei a cabeça. Se ela morresse, eu a seguiria.

“Tatiana está bem”, disse Maureen, e eu soltei um grande suspiro de alívio.

“E o bebê?” Quando não houve resposta, perguntei novamente, mais firmemente. “E. O. Bebê?”

“Você deveria chegar aqui o mais rápido possível.” Então ela desligou.

Não. Não, não, não. Joguei o telefone e dei um soco no volante, pisando fundo no acelerador.

Minha mente estava ficando louca, imaginando cenários diferentes, cada um pior que o anterior. Ela estava grávida de apenas oito meses. Era muito cedo para ela estar em trabalho de parto.

A culpa me dominou. Por quê? Por que ignorei as ligações dela? Por que desliguei meu telefone?

Quando cheguei ao hospital, dirigi até as portas da frente e pulei para fora do carro, deixando a porta do motorista aberta e o motor ainda ligado. Corri para dentro, olhando ao redor freneticamente por algum tipo de posto de enfermagem ou recepção.

Uma mulher parada na frente de um conjunto de portas duplas me viu e seus olhos se arregalaram. “Você é Nikolai?”

“Sim.” Corri até lá. “Onde ela está? Onde está Tatiana?”

“Por aqui.” Ela apertou um botão na parede e as portas se abriram. Eu a segui, bem atrás dela, tão perto que eu era praticamente sua maldita sombra.

Por que ela está andando tão devagar? Depressa!

A preocupação apertou meu peito, uma pressão crescente dificultando minha respiração, minha calma. Deus, por que eu simplesmente não atendi as porras das ligações dela?

Por fim, ela parou em frente a uma porta fechada e se virou para olhar para mim, seus olhos cheios de tristeza. “Sinto que provavelmente deveria prepará-lo—”

Não tenho tempo para isso.

“Mova-se.” Eu a empurrei para fora do caminho e abri a porta, entrando.

Tatiana estava sentada na cama, balançando lentamente para frente e para trás enquanto olhava para o pequeno embrulho em seus braços. Ela estava sozinha. Não havia mais ninguém no quarto, exceto eles. Um cobertor cobria sua metade inferior e ela ainda estava usando suas roupas de rua, não um vestido de hospital. O que quer que tenha acontecido deve ter acontecido rápido. Seu cabelo estava grudado na testa, encharcado de suor.

O alívio que senti ao vê-la viva e bem durou pouco.

Ela não me reconheceu, não levantou a cabeça para me olhar. Ela só continuou olhando para o bebê em seus braços, como se fossem as únicas duas pessoas no mundo.

Cheguei mais perto, me aproximando dela como um animal arisco. “Tati?”

Nada.

“Tatiana?”

Ela não se moveu, não falou. Ela apenas balançou para frente e para trás, para frente e para trás. Parei ao lado dela e olhei para o bebê.

Ele parecia exatamente com... eu. Deus, ele parecia **exatamente** comigo. O cabelo escuro. O nariz. Os lábios.

Não havia como negar, nem como duvidar. Não havia dúvidas em minha mente de que ele era meu filho.

“Ele é lindo”, sussurrei, esfregando sua cabeça afetuosamente.

O amor explodiu no meu peito, tão forte que me abalou.

Como eu poderia amar tanto alguém que acabei de conhecer ? Como era possível que ele já tivesse consumido **tanto** do meu coração? Um olhar... foi tudo o que precisou.

Um olhar para saber que eu morreria por esse garotinho.

Eu daria minha vida mil vezes mais—

“Por que ele não está se movendo? Ele está dormindo?”

Tatiana continuou sem falar. Eu me curvei para frente, tentando encontrar seus olhos, e o que vi me fez enrijecer.

Eles estavam vazios. Nenhuma luz ou vida. Apenas... vazio.

Puro vazio.

Estendi a mão e segurei seu queixo suavemente, virando seu rosto para mim. "Tati." Seus olhos se conectaram com os meus e foi como ser esfaqueado no coração. Aqueles lindos olhos castanhos que eu tanto amava estavam opacos e sem vida. Ela parecia... quebrada. Era como se seu corpo estivesse lá, mas sua mente tivesse sumido. Eu podia senti-la, vê-la sentada ali bem na minha frente, e ainda assim, ela não estava lá.

Meus olhos se moveram para o bebê em seus braços e as peças se encaixaram. "Não." Eu balancei minha cabeça, me recusando a acreditar no que eu sabia que já era verdade.

"Não." Minhas pernas cederam e eu caí de joelhos, uma dor diferente de tudo que eu já havia experimentado antes partindo meu coração ao meio.

Como? Como-o quê? Eu não conseguia pensar. Não conseguia me mover. Não conseguia respirar. Meu filho.

Oh, Deus, meu filho. A dor... a agonia... a culpa. Ela se contorcia dentro de mim, arranhando meu peito.

Meus olhos se ergueram para Tatiana. Minha linda e forte Tatiana, que ainda não tinha se movido, ainda não tinha falado. Eu soube naquele momento que eu tinha que ser forte por ela. Eu não podia desmoronar. Eu não estava lá para ela quando ela precisava de mim — algo pelo qual eu nunca me perdoaria — mas eu poderia estar lá para ela agora. Eu poderia ser sua rocha e segurá-la. **Ela precisava de mim.** Seria minha hora de desmoronar mais tarde.

Esse momento chegou na noite seguinte, quando cheguei em casa do hospital. Eu tinha dirigido para casa no piloto automático. Para ser honesto, eu nem conseguia me lembrar da viagem. Eu mal conseguia me lembrar do que aconteceu depois de descobrir que nosso filho tinha morrido.

Acho que bloqueei tudo porque era muito doloroso. Tudo que lembro é de tentar estar lá para Tatiana. Segurando-a.

Segurando nosso filho até que as enfermeiras tiveram que levá-lo embora.

Lembro que eles tiveram que literalmente arrancá-lo dos meus braços porque eu não queria deixá-lo ir. Lembro de Tatiana gritando para eles não o levarem. Para levá-la em vez disso. Lembro dela chorando no meu ombro, me agarrando, me implorando para fazer a dor parar.

Então, sua tristeza se transformou em uma raiva tão rápida, que eu não estava preparado quando ela me atacou.

Ela me socou, me chutou, gritou comigo. E eu levei cada golpe... porque eu merecia. Num segundo ela estava me implorando para abraçá-la, e no outro ela estava me implorando para ir embora, me dizendo que ela nunca mais queria me ver.

Eu não queria deixá-la. Eu não queria. Mas eu não conseguia suportar o jeito que ela estava olhando para mim. O desprezo em seus olhos, a mágoa e a traição. Eu não conseguia suportar. Isso arrancou o que restava do meu coração já despedaçado.

Quando o pai dela chegou ao hospital, fiz o que ela pediu e fui embora.

“Nik?” Houve uma batida na janela do motorista. “Nik, o que você está fazendo sentado no carro?”

É Aleksandr? Eu não sabia. Parecia ele.

Eu estava me afogando em um mar de escuridão negra e espessa. Ela me cercava e me sufocava. Ela queria me arrastar para baixo e me esmagar. Eu queria deixar.

“Nikolai?” A porta se abriu. Mãos agarraram meu rosto.

“Ei. O que está acontecendo?”

Eu podia ouvir suas palavras, ouvir a preocupação em sua voz, e ainda assim não conseguia responder. Eu estava afundando mais e mais no abismo, aquela dor no meu peito

me consumindo a ponto de eu não conseguir ver nada além do rosto do meu filho.

Meu lindo filho.

E se eu não tivesse ignorado o chamado de Tatiana? E se eu estivesse lá? Teria feito alguma diferença? Meu filho estaria vivo agora, em meus braços, se eu não tivesse sido o maior babaca do mundo? Se eu tivesse estado lá por Tatiana naqueles últimos meses? Não tivesse causado a ela todo aquele estresse desnecessário?

Ele faria isso?

Ele faria isso?

O buraco no meu estômago ficou maior. O peso esmagador e inescapável da vergonha e da culpa quase me consumindo. Me devorando. Roubando meu fôlego. Minhas palavras. Minha capacidade de me mover ou pensar. Fui arrastado para fora do carro. De alguma forma, minhas pernas funcionaram. Não sei como. Eu não conseguia sentir nada. Eu estava... entorpecido.

“Nikolai. Você está me assustando. Ei. Ei!” Ele estava me sacudindo? Meu corpo estava se movendo para frente e para trás como se eu estivesse sendo sacudido. “Nik?

Nik?!” Uma mão deu um tapa na minha bochecha e o golpe foi como água gelada no rosto, me acordando.

Meus olhos se voltaram para Aleksandr, que segurava minha cabeça com as duas mãos, me encarando com medo profundamente naqueles orbes azuis. Tudo veio de encontro a mim de uma vez. A dor. A perda. A tristeza. O

que eu tinha feito.

A culpa. Oh Deus, a culpa.

Era demais. Era tudo demais.

Eu chorei, um grito alto e penetrante que ecoou na noite, ecoando nas árvores. Minhas pernas cederam, como se não pudessem mais me segurar, e eu caí no chão.

“Whoa-Nik.” Aleksandr tentou me pegar, seus braços envolvendo meu corpo, mas era tarde demais. Caímos de joelhos juntos.

Eu gritei de novo e de novo. De novo e de novo. Minhas mãos arranharam meu peito, tentando aliviar a pressão que eu sentia me sufocando.

Faça isso parar. Faça isso parar. Por favor. Faça isso parar.

Aleksandr estava tentando falar comigo, mas eu continuei gritando. Chorando. Eu me encolhi para dentro, me enrolando em uma bola, e solucei.

“Ahhhhhhh!!!!” Eu lamentei. Minha voz ficou rouca, mas eu não parei. Eu não parei de gritar.

Lágrimas caíram, apenas para serem substituídas por mais.

Meu corpo inteiro tremia enquanto eu chorava e Aleksandr me segurou, implorando para que eu lhe contasse o que estava errado, mas eu não conseguia. Eu não conseguia fazer nada além de gritar enquanto a agonia me rasgava de dentro para fora. Eu não conseguia fazer nada além de chorar por meu filho.

“Oh, Nik.” A sensação dos braços de Illayana me envolvendo me tirou do passado. “Não sei o que dizer.”

Respirei fundo, tentando controlar minhas emoções. A dor ainda estava lá, até hoje. Ela nunca foi embora. Aprendi a vivê-la, mas sempre foi uma dor constante

no meu peito.

Sempre.

Dei um tapinha nas costas dela e limpei a garganta. "Já terminamos de falar sobre isso agora?" Eu esperava que sim. Só havia um limite para o que eu podia suportar. Eu amava meu filho, mas pensar nele me trazia tanta dor que eu só queria deixar a escuridão me engolir e nunca me deixar ir.

Ela fungou e se recostou, enxugando as lágrimas dos olhos.

“Sim. Sinto muito. Eu não deveria ter pedido para você reviver aquilo.”

“Você está perdoada… se resolver as coisas com Tatiana.”

Ela assentiu. “Eu vou.”

“Bom.” Eu me levantei e ofereci a ela uma mão. “Agora, estou com fome. Devemos ir ver o que tem na geladeira?”

“Sim. Por favor.”

Conversamos um pouco enquanto descíamos as escadas.

Quando entramos no saguão, houve uma batida na porta da frente.

“Eu pego”, ela disse, caminhando em direção a ele. “Você vai ver se sobrou algum bolo de chocolate.”

Eu bufei. “Duvido. Lukyan teria comido tudo.”

“É melhor que ele não tenha feito isso!”

Balançando a cabeça, virei-me e fui em direção à cozinha.

“Arturo! Você chegou!”, ouvi Illayana cumprimentar enquanto eu vasculhava a geladeira. Eu estava certa.

Lukyan tinha comido tudo, o idiota. Mas havia um saco de M&Ms. Dei de ombros.

Perto o suficiente.

Rasguei o saco com os dentes e comecei a comê-los enquanto voltava para o saguão. Arturo estava parado na porta, seu irmão ao seu lado com um braço em uma tipoia.

Hematomas marcavam seus rostos. Pareciam que ambos tinham se envolvido em uma briga feia.

O olhar de Arturo se voltou para mim e o olhar em seus olhos me fez enrijecer. Illayana se virou e lágrimas escorriam por seu rosto. Algo ruim tinha acontecido.

Deixei cair o saco de M&Ms. “Onde está Tatiana?”, perguntei, com a voz fria.

Arturo entrou na casa. Ele lambeu os lábios, tentando escolher as palavras com cuidado. “Nossa armadilha para Franco tinha que ser movida para frente—”

“Eu perguntei sobre Franco ou perguntei sobre Tatiana?”

O maxilar de Arturo se apertou.

“Onde ela está, Arturo? Onde está Tatiana? ”

Ele se levantou um pouco mais alto e limpou a garganta.

“Franco está com ela.”

Olhei para ele, suas palavras girando em minha cabeça.

Uma raiva sombria se instalou em mim e eu rugi, investindo contra ele.



Capítulo Trinta e Um

TATIANA ANDREEVA

P AIN ERA ALGO COM O QUAL EU estava familiarizado.

Eu já lidei com muito disso na minha vida, tanto física quanto emocionalmente. Mas levar um Tased? Isso tinha que ser um dos piores. Essa merda doeu .

Tossi e gemi, lambendo meus lábios secos. Meus olhos se abriram lentamente e o pavor imediatamente me encheu quando percebi que estava amarrado em uma mesa. Faixas grossas de couro estavam algemadas em volta dos meus tornozelos e pulsos, tornando impossível me mover um centímetro.

Ah, isso não é bom. Não é bom.

Olhei ao redor da sala, tentando ter uma noção de onde eu estava. A última coisa que me lembro foi de correr atrás de Franco... e dar de cara com o taser em suas mãos.

Porra, como pude ser tão idiota?!

Uma das primeiras coisas que eles ensinaram no treinamento da Bratva foi sempre estar ciente do que está ao seu redor, e sempre verificar antes de correr em uma maldita esquina. Especialmente se você estivesse perseguindo alguém.

Eu estava em um quarto escuro. Cheirava mal, sujo. Uma espécie de cruzamento entre um banheiro mofado e um banheiro químico. Havia outras duas mesas ao meu lado, ambas com as mesmas restrições que as que me mantinham cativo no momento. Sangue seco cobria as duas e tentei não pensar no fato de que o mesmo provavelmente

estava embaixo de mim. Uma variedade de instrumentos de tortura estavam em uma bandeja na minha frente, enferrujados e com crostas de sangue. Havia uma única lâmpada pendurada no teto, lançando sombras por todo o espaço. Sombras que me deixaram em angústia instantânea.

Eu não gostei do escuro.

Uma enorme porta de metal estava bem na minha frente.

Parecia que seria preciso um maldito aríete para quebrar a coisa.

Estou tão ferrado. O único lado bom é que eu ainda estava usando todas as minhas roupas.

Puxei minhas amarras, esperando que elas se abrissem magicamente e eu pudesse escapar. Claro que não se abriram, mas continuei tentando mesmo assim. A dor irrompeu na parte de trás do meu pescoço e me fez chiar.

Será que sofri algum tipo de ferimento durante a luta e a adrenalina me impediu de sentir?

Por que Franco me sequestrou ? Não fazia sentido. Eu não era ninguém de valor.

Eu não tinha nenhuma classificação na Bratva. Não havia nada que eu pudesse oferecer a ele.

Eu não tinha acesso a nenhuma informação. A única pessoa que se importava comigo era—

Nikolai. Merda . Eu tinha que sair dali. Eu tinha que sair.

Mais por ele do que por mim. No momento em que ele descobrisse o que aconteceu, ele perderia a porra da cabeça. Eu conseguia imaginar isso tão claramente quanto o céu noturno. Nikolai surtou quando eu me cortei com um maldito papel. Ouvir que eu tinha sido sequestrado pelo Don do Chicago Outfit era capaz de dar a ele um ataque cardíaco.

A pesada porta de metal rangeu ao se abrir, chamando minha atenção. Franco entrou com dois homens atrás dele.

Ele tinha cabelos castanhos claros na altura dos ombros e

uma barba bem aparada. Ele era um homem de aparência mediana. Um pouco baixo e um pouco gordinho, mas mediano. Ele não se parecia em nada com Nero. Eu nunca teria imaginado que os dois eram irmãos, para ser honesto.

“Bom. Você acordou.” Ele se moveu mais para dentro do quarto. “Você está fora há um tempo. Eu estava preocupado que você não fosse acordar.”

Eu não era ingênua o suficiente para pensar que ele realmente se importava comigo, ou se importava se eu morresse. Eu era uma espécie de moeda de troca para ele.

Essa era a única razão pela qual ele estava preocupado.

“Você cometeu um erro muito grande ao me levar.”

Dos dois homens que entraram com ele, um deles fez meu radar de perigo disparar. Seus olhos percorreram o comprimento do meu corpo em uma avaliação repugnante, queimando com calor. Ele se ajustou atrás das costas de Franco, sua língua praticamente pendurada para fora da boca como um cachorro faminto.

Uma mulher sabia instintivamente quando estava na presença de alguém que representava uma ameaça a ela. É

essa sensação que temos. Uma sensação fria e assustadora que faz todo o nosso corpo tremer.

Foi essa a sensação que tive quando olhei para aquele homem. Como se ele fosse o tipo com quem você não quer ficar sozinho.

Franco parou na minha frente e me estudou. “Não acredito que eu tenha. Veja, eu estava observando você.”

“Porque isso não parece nada assustador”, murmurei baixinho. Tive que escolher minhas palavras com cuidado.

Eu estava em séria desvantagem ali. Franco poderia literalmente fazer qualquer coisa comigo e eu não teria o poder de impedi-lo.

A vulnerabilidade que senti fez meu coração bater forte no peito em pânico, mas tentei ignorar.

“Bem, não você especificamente. Você só estava por perto.

Eu estava observando os Volkovs.” Ele se inclinou para frente. Eu fiquei tenso, mas ele não fez nada ameaçador.

Ele apenas apertou um botão na lateral da mesa. De repente, eu estava me movendo. Eu fui de deitado, olhando para o teto, para completamente ereto.

A gravidade tentou me puxar para baixo e as restrições cravaram dolorosamente na minha pele. Eu não sabia se essa nova posição era melhor ou pior. Meu olhar correu pela sala, procurando por algo — qualquer coisa — que pudesse me ajudar a sair daquela confusão. "Ainda chateado com o que aconteceu com seu irmão?"

O homem zombou. “Por favor. Vocês me fizeram um favor.

Nero não era adequado para liderar. Nunca foi. Sempre foi para ser eu .”

Isso me surpreendeu. Eu pensei que a razão pela qual ele estava causando tantos

problemas para Arturo e a Cosa Nostra era porque ele estava tentando vingar seu irmão.

“Vejo sua confusão, deixe-me explicar.” Ah, ele era um desses . O tipo que gostava de explicar seu plano mestre em algum discurso longo e grandioso. Mate-me agora.

“Nero era o mais velho, então a tradição ditou o papel de Don a ele, mesmo que ele não fosse adequado para isso.”

“Vocês são irritantemente presos às suas tradições.”

Ele sorriu. “Estamos. E eu concordo, é incrivelmente irritante. De qualquer forma, apesar do fato de que meu irmão mais velho era absolutamente sem noção, não tinha nenhum senso de negócios e fazia birras como uma criança, nosso pai ainda passou o papel de Don para ele.

Mas isso foi apenas no título. Eu fui o único a fazer tudo, garantindo que nosso império não desmoronasse. Foi apenas nos bastidores.” Ele passou os dedos sobre os instrumentos na bandeja. “Lealdade é algo absolutamente crucial para a The Outfit. Algo que mantém a fundação da

nossa organização unida. Se eu fizesse um movimento contra Nero, ninguém me apoiaria. Nem os conselheiros, nem os capos, nem os soldados. Ninguém. Então, quando ele foi morto, eu comemorei.”

O homem que me deu arrepios na espinha não tirou os olhos de mim, e isso me deixou nervosa. Eu podia vê-lo no canto do olho, me observando com um olhar desconfiado.

Seu cabelo era de uma cor loira suja que parecia não ter sido lavado há meses. Na verdade, ele parecia não ter sido lavado há meses. Sua pele estava suja. Seus dentes estavam amarelos. Eu queria vomitar só de olhar para ele.

“Embora a morte de Nero tenha sido extremamente benéfica para mim, eu não podia deixar a transgressão passar. A honra e a sobrevivência da The Outfit exigiam que eu punisse os responsáveis. Caso contrário, o que impediria outros de tentar fazer a mesma coisa?”

Ele tinha razão. A Bratva nunca permitiria que alguém que matou um dos seus

vivesse.

“Então você está tentando humilhar Arturo destruindo seu negócio?”

Ele levantou as sobrancelhas levemente em surpresa. “Sim.

Humilhação é muito mais divertida do que destruição total, você não acha?”

“Onde os Volkovs entram nisso então? Eles não foram responsáveis pela morte de Nero. Foi Arturo quem o matou.”

“Com a ajuda deles.” Ele apontou, inclinando a cabeça para o lado. “Sem a interferência deles, duvido muito que La Cosa Nostra teria conseguido. Não só isso, mas eles tiraram nossa vantagem.”

Alavancagem? Ele estava falando sobre Drea?

“Foi ideia sua sequestrar a Rainha do Cartel?”

Ele piscou. “Como se meu irmão inútil fosse pensar em algo tão astuto. Tão grandioso. Eu dei dicas o suficiente para ele

pensar que foi ele quem teve a ideia, mas na verdade fui eu. Acontece que um dos membros do cartel queria que a vadiazinha fosse embora, então ele enviou sondadores para ver quem estaria interessado em tirar a vida dela. Ele não planejou que a mantivéssemos viva. Com ela morta, a liderança do cartel caiu para um cara que ele estava saindo, e é por isso que acho que ele queria se livrar dela.

Mas pensei, por que desperdiçar a oportunidade de ter os Los Zetas sob nosso controle? Com os números adicionados, estávamos prontos para aniquilar La Cosa Nostra para sempre. Eu era o mestre das marionetes puxando todas as cordas.” A presunção em seu rosto era inacreditável.

“Também foi ideia sua sequestrar a filha do Pakhan ?”

Essa presunção desapareceu num instante.

Vou considerar isso como um não.

“Eu pareço um homem estúpido para você, Tatiana?” Se eu fosse honesto, não. Ele parecia muito inteligente e muito capaz. Duas qualidades que definitivamente trabalharam contra mim naquele momento “Nero presumiu que, como o plano de alavancagem tinha funcionado com os Los Zetas, também funcionaria com a Bratva. Quando descobri seu plano, era tarde demais para impedi-lo. Ele já estava em andamento. Não havia nada que eu pudesse fazer.” Ele pegou uma faca da bandeja, estudando-a com admiração.

“Eu sabia o que aconteceria. A notícia da crueldade da Bratva se espalhou por todo o nosso pequeno círculo.

Especialmente Dimitri Volkov. Os rumores de que ele era o Açougueiro da Bratva foram o suficiente para que eu procedesse com cautela. Então, quando Nero a levou para sua pequena casa no meio do nada, eu me certifiquei de que não estava lá, sentei e torci para que ele morresse no fogo cruzado.”

“Então qual é seu plano agora? Você conseguiu o que queria. Você é Don. Você humilhou Arturo. O que diabos você quer comigo?”

Ele bateu a ponta da faca contra meu nariz. “Você será minha salvação.”

Franzi a testa. Isso não soou como eu.

“Como eu disse, tenho observado os Volkovs. De perto. Vejo como o segundo mais velho olha para você. Como ele trata você. Ele ama você.”

Não me incomodei em negar. Se o que ele disse fosse verdade e ele estivesse observando os Volkovs, ele teria visto tudo. Nikolai não era exatamente discreto sobre seus sentimentos por mim.

“Se ele quiser você de volta viva, ele fará a Bratva recuar.

Meu confronto não é com eles. É com Arturo e a Cosa Nostra. Não quero mais problemas com eles. O que meu irmão fez — suas transgressões — morreu com ele. Quero uma ficha limpa. Concordo até em não machucar a filha, a esposa de Arturo. Você sabe, como uma demonstração de boa fé.”

Tentei segurar minha risada. Eu realmente, realmente tentei. Um homem como Franco não gostaria que alguém risse na cara dele. Mas eu honestamente não consegui evitar. "Você assinou sua sentença de morte no minuto em que me

levou. Nikolai vai te matar. Ele vai me encontrar, vir aqui e matar todos vocês."

“Ele vai agora?” Seu sorriso me deixou nervoso. “Estou curioso, como você acha que ele vai te encontrar sem aquele pequeno rastreador na sua nuca?”

Eu enrijeci. Essa era a dor que eu tinha sentido antes. Ele tinha cortado o rastreador de mim. Como diabos ele sabia disso? Não havia como Nikolai me encontrar sem aquele rastreador. Ah, eu estava **super** ferrado.



“Sim, eu sei tudo sobre isso”, ele continuou. “Acho que é de conhecimento geral agora que vocês, pessoal da Bratva, têm uma coisa ou duas com rastreadores. Quero dizer, de onde você acha que eu tirei a ideia de rastrear os carros do Arturo?”

“Ele nunca fará um acordo com você. Nikolai vai te matar por colocar a mão em mim.”

“Não se preocupe. Não pretendo machucar você.”

Se ele me machucou ou não era irrelevante. Nikolai o massacraria por princípio apenas. Por me levar. Disso eu tinha certeza.

Ele colocou a faca de volta na bandeja e endireitou as lapelas do paletó. “Vou esperar alguns dias, deixar a preocupação crescer a ponto de ele fazer qualquer coisa para ter você de volta. Então, vou deixá-lo negociar sua libertação. Até lá, espero que você esteja confortável. No futuro próximo, este é seu novo lar.”

O gemido da porta de metal abrindo lentamente me acordou de um sono muito desconfortável. Depois que Franco saiu, eu tinha gasto toda a minha energia tentando me libertar. Era completamente inútil. Eu nunca sairia dali.

Ele tinha feito um ótimo trabalho em garantir minha captura. Minha cabeça pendia para frente, uma dor dolorosa subindo pelo lado do meu pescoço quando eu tentava levantá-la.

O tempo estava distorcido naquela sala, e eu não tinha ideia de quanto dele havia passado. Tudo o que eu sabia era que meu corpo inteiro doía por estar suspenso daquele jeito. As amarras cravavam minha pele tão dolorosamente que eu conseguia sentir os hematomas. Toda vez que eu me contorcia, a dor me atravessava, o suficiente para me fazer sugar o ar entre os dentes.

Meus olhos se voltaram para os homens que tinham entrado na sala. Pisquei, tentando limpar a névoa da minha visão e enxergar através da escuridão.

“Não sei sobre isso, Dario,” uma voz masculina sussurrou.

“Você ouviu o que Franco disse. Ela não deve ser machucada.”

“Relaxa, Fabroni. Não vamos machucá-la. Só vamos nos divertir um pouco com ela. O que Franco não sabe, não vai machucá-lo.” Passos ecoaram ao meu redor, chegando cada vez mais perto. Um rosto entrou na luz e meu corpo inteiro gelou.

Era o homem que eu tinha visto com Franco — aquele que estava me encarando como se estivesse me despindo mentalmente com os olhos. O medo me encheu.

Não havia uma boa razão para ele estar lá — especialmente sem Franco. Tentei controlar o pânico que corria por minhas veias, mas era quase impossível quando aquela porta grossa de metal se fechou, me trancando no quarto com eles.

Dois homens apareceram atrás dele, um à sua esquerda e outro à sua direita. O da esquerda parecia não querer estar ali. Seus olhos continuavam indo para a porta e voltando, o desconforto literalmente emanando dele. Ele era jovem, com cabelo curto e ruivo, pele clara e olhos castanhos profundos. O outro homem era mais velho e parecia perfeitamente bem com o que estava prestes a acontecer. E

eu sabia o que era.

"Você não quer fazer isso." Minha voz era forte, apesar do medo que me percorria. O que mais me assustava era que não havia nada que eu pudesse fazer para revidar. Se eu não estivesse contido, pelo menos eu poderia dificultar para eles. Lutar contra eles. Machucá-los. Mas tudo o que eu podia era ficar ali, completamente indefeso.

“Oh, acho que sim.” Dario lambeu os lábios. “Não precisa doer, sabia? Se você não lutar, você pode até se divertir.”

Ele correu o dedo pela lateral do meu rosto. Seu toque me repulsou. “Que pele macia e bonita.”

Virei a cabeça e prendi meus dentes em seu dedo, mordendo com força. Sangue encheu minha boca e ele gritou uma maldição. Ele tentou puxá-lo para longe, mas eu apenas mordi com mais força, tentando mordê-lo.

O homem mais velho veio correndo e colocou uma lâmina bem na minha garganta. “Deixe-o ir,” ele sibilou.

Mordi com mais força. É osso que sinto contra meus dentes?

Eu preferia que eles me matassem do que fazer o que eles estavam prestes a fazer. Dario gritou de novo, pegou a faca do outro homem e me acertou com a parte de baixo do cabo bem no rosto.

Eu gritei, e seu dedo escorregou da minha boca.

“Sua puta de merda!” Ele me golpeou de novo, seu punho conectando-se com o

lado do meu maxilar. A dor me abalou e eu gemi, meu corpo cedendo.

Dario começou a puxar minhas calças para baixo.

“E-eu não acho que devemos fazer isso”, Fabroni sussurrou, balançando a cabeça e dando um passo para trás.

Dario se virou e apontou a faca para ele. "Não seja um covarde de merda! Você quer morrer virgem? Hein? Olha isso." Ele segurou minha buceta e eu me debati com raiva, ignorando a dor aguda das amarras. "Está bem aqui, Fab.

Bem aqui, porra. Você pode pegar e finalmente ver como é gozar em algo gostoso, quente e apertado." Ele se virou para mim. "Você é apertada, não é?" Então ele deu de ombros. "Você não precisa responder isso. Eu vou descobrir em um segundo."

“Vocês todos vão morrer, porra!”, eu rugi enquanto ele cortava minha calcinha do meu corpo. Minha metade inferior estava agora completamente nua.

Dario riu, começando a desfazer o cinto. "O que você pode fazer, hein? Você está toda amarrada. Você não pode nem nos parar, muito menos nos matar." Ele deu um passo à frente, seu corpo pressionando contra o meu. Seus lábios estavam no meu ouvido e ele sussurrou: "Desde o momento em que vi você toda amarrada nesta mesa, eu sabia que te teria. Você é linda demais, não consigo evitar.

Especialmente quando você está toda amarrada assim, implorando para ser tomada." Sua língua correu pela minha pele enquanto suas mãos agarravam minhas coxas, afastando-as ainda mais, não importa o quanto eu tentasse lutar contra isso. "Você vai gostar. Confie em mim. Todas elas gostam."

Prepare-se, Tatiana. Eu me recusei a chorar. Eu não daria a ele essa porra de satisfação. E lutar parecia não fazer nada além de excitá-lo mais, então eu fiquei perfeitamente parada.

Prepare-se.

Virei a cabeça e fechei os olhos. Pense em outra coisa.

Qualquer outra coisa. Não—

Estrondo!

Meus olhos se abriram de repente. Aquilo foi… uma explosão?

Tiros e gritos vieram em seguida. Dario rosnou em frustração e se virou para olhar para Fabroni. “Vá ver o que está acontecendo.”

O jovem assentiu e saiu correndo pela porta, fechando-a atrás de si.

“Talvez devêssemos parar”, disse o homem mais velho, parecendo um pouco desconfortável.

"Foda-se isso", cuspiu Dario. "Estou recebendo o que vim buscar. Provavelmente não é nada. Só os soldados brincando ou algo assim." Senti algo duro se enfiar entre minhas pernas. Gritei de raiva e desgosto. A repulsa era uma pressão espessa e pesada, nadando dentro do meu estômago. Eu ia vomitar. Eu tinha certeza disso.

Dario riu. “Não vou demorar. Então você pode ter uma chance—”

Estrondo!

Estrondo!

Estrondo!

Dario girou para olhar para a porta. “O que foi agora?! Um homem não pode foder em paz?!” ele rosnou.

A porta se abriu com força brutal, batendo na parede. Na porta, estava Nikolai.

Ele me encontrou.

Ele estava coberto de sangue da cabeça aos pés, tanto que parecia literalmente que ele tinha se banhado naquilo.

Pingava pelo seu rosto. Encharcava seu cabelo e grudava em suas roupas. A raiva queimando em seus olhos fez minha respiração falhar. Eu nunca o tinha visto tão bravo.

Seu peito subia e descia com respirações profundas e difíceis, seus dentes à

mostra e seu rosto contorcido com tanta fúria, pensei que ele queimaria a sala inteira só com aquele olhar.

Ele percebeu o que estava acontecendo — eu amarrado à mesa com a minha metade inferior completamente nua, Dario pressionado contra mim com as calças abaixadas — e então ele rugiu, seu corpo inteiro tremendo enquanto ele soltava aquele grito bestial e ensurdecedor. Ele investiu. O

homem mais velho correu para encontrá-lo de frente e Dario xingou, rapidamente enfiando seu pau de volta nas calças.

O homem mais velho golpeou sua faca e Nikolai desviou, girando para fora do caminho. Ele balançou a perna em um chute giratório na parte de trás das pernas do homem. Ele caiu de joelhos. Nikolai enfiou uma faca profundamente em suas costas e então se esticou para bater a outra faca em seu peito. Ele as arrancou com a mesma rapidez e o chutou para longe, virando-se para encarar Dario.

Dario pegou uma das armas da bandeja e a levantou, agachado e pronto para atacar. Nikolai estava bravo demais para brincar com ele. Ele avançou e o pegou em um tackle correndo, jogando-o contra a parede.

Dario gemeu, sua arma caindo no chão. Nikolai o jogou por cima do ombro, levantou sua faca no ar—

“Pare!” gritei o mais alto que pude.

Nikolai congelou, a lâmina pairando bem acima do olho de Dario. Seu olhar se voltou para mim. Fiquei surpreso que ele fosse capaz de compreender qualquer coisa, dada a quantidade de raiva que ardia em seus olhos azuis.

“A morte é minha.” Eu puxei as amarras. “Por favor, me deite.” Apesar de quão grata eu estava por ele ter aparecido antes que qualquer coisa acontecesse, apesar de quanto alívio estava fluindo através de mim, eu não aguentaria mais ficar amarrada daquele jeito. Eu precisava me abaixar. Eu precisava me cobrir.

A angústia passou pelo rosto de Nikolai. Ele puxou o braço de Dario para fora, achatou sua mão no chão, palma para cima e enfiou sua faca profundamente nele, prendendo-o no chão. Dario gritou. Nikolai fez a mesma coisa com sua outra mão, efetivamente mantendo-o preso bem onde ele estava.

“Lukyan!” ele gritou.

O irmão dele veio correndo para o quarto, com uma metralhadora nas mãos. Nikolai apontou para Dario no chão e Lukyan assentiu, correndo até lá. Ele manteve a arma apontada para ele enquanto Nikolai corria até mim.

“Tati,” ele respirou, os olhos correndo para cima e para baixo no meu corpo. Sua mandíbula cerrou enquanto ele puxava minhas calças de volta para cima e então suas mãos estavam segurando as laterais do meu rosto, me segurando ternamente. Ele deitou sua testa contra a minha e soltou um suspiro profundo e aliviado.

Fechei os olhos e me inclinei para ele, respirando-o. Ele estava lá. Ele veio. De alguma forma, contra todas as probabilidades, ele me encontrou.

Meu Cavaleiro.

Ele me beijou suavemente na bochecha, reverentemente, com todo o amor e cuidado do mundo antes de rapidamente cortar as amarras. Eu caí para frente e ele me pegou, seus braços fortes envolvendo minha cintura. Meus membros estavam fracos, meus pulsos e tornozelos doendo de dor.

Ele suportou meu peso enquanto me arrastava para longe da mesa e para o chão.

“Estou bem. Estou bem,” eu o tranquilizei, mas ele continuou a passar as mãos sobre meu corpo, precisando ver por si mesmo que eu estava ilesa.

“Eu estava tão preocupada. Tão assustada. Porra, Tatiana.”

Ele me segurou firme, enterrando meu rosto em seu ombro, me apertando com tanta força que eu lutei para respirar.

“Ty v poryadke. Ty v poryadke.” Você está bem. Você está bem, ele sussurrou no meu cabelo. Ele não estava dizendo isso para mim. Não. Ele estava dizendo isso para si mesmo, como se estivesse tentando se assegurar de que eu estava viva. Eu o abracei de volta, o conforto e o apoio que ele estava me fornecendo instantaneamente me deixando à vontade.

Por um segundo horrível, pensei que estava acabada.

Pensei que Dario fosse me estuprar, e não havia nada que eu pudesse fazer para impedi-lo. Nunca me senti tão impotente. Tão desamparada. Eu não gostei disso, porra.

Meus olhos se voltaram para ele, preso ao chão com facas nas mãos, ainda gritando de dor.

A vingança surgiu em minhas veias, esse desejo avassalador de fazer aquele ser humano desprezível sangrar e sofrer me consumia. Eu queria que ele visse como era ser impotente pra caralho, ter alguém fazendo algo com você que você não tinha como impedir. Eu queria que ele se sentisse impotente, como eu me senti.

“Temos tempo?”, perguntei, sem tirar os olhos de Dario.

Nikolai me observava atentamente. Porque ele me conhecia tão bem, porque ele era meu Nikolai, ele sabia sem ouvir as palavras o que eu queria. O que eu precisava.

Ele olhou por cima do ombro para o irmão. “Lukyan.

Hora?”

Lukyan olhou para o relógio. “Dois minutos.”

Nikolai assentiu. Ele me ajudou a ficar de pé e então me levou até Dario, apesar dos meus protestos de que eu conseguiria fazer isso sozinha. Suas mãos nunca deixaram meu corpo, como se ele tivesse medo de que se parasse de me tocar, eu desapareceria.

“Segure-o quieto”, ordenei.

Lukyan jogou sua metralhadora atrás das costas, a tira à qual ela estava presa impedindo-a de cair no chão, e agarrou seus tornozelos, segurando-o no chão. Dario lutou, gritando e se debatendo, xingando e cuspindo, mas cada vez que ele se movia, as facas em suas palmas cortavam mais sua pele, fazendo-o gritar de dor.

Caí de joelhos ao seu lado. “Ajude-me com as calças dele.”

Nikolai não hesitou, puxando as calças para baixo.

“O que você está fazendo?! Pare! Pare com isso!” Sua voz estava cheia de pânico, e isso me fez sorrir.

Ótimo. Deixe-o entrar em pânico.

“Não! NÃO!”

Nikolai não escutou, puxando sua cueca para baixo em seguida. O material se acumulou em volta de seus tornozelos e Lukyan ajustou sua pegada, certificando-se de manter suas pernas paradas.

Estendi a mão e Nikolai bateu o cabo de uma lâmina na minha palma.

Os olhos de Dario se arregalaram. “Espere, espere só. Por favor, não faça isso,” ele implorou, chorando.

Um sorriso sádico surgiu em meus lábios. Agarrei seu queixo com força, segurando a faca para ele ver. "Quantas vezes essas palavras foram ditas a você antes de você estuprar alguém? Hmm?" Eu cravei em sua bochecha e ele gritou, sangue escorrendo por seu rosto. Eu o forcei a olhar para mim, encarando-o bem nos olhos. " Isto é para todas aquelas mulheres que não tiveram um cavaleiro próprio para vir e salvá-las."

Agarrei seu pau flácido em minhas mãos e o cortei bem na base. Dario gritou tão alto que machucou meus ouvidos, seu corpo inteiro se debatendo e convulsionando. Abri sua boca e a enfiei para dentro. Nikolai correu para a bandeja no meio da sala e pegou um rolo de fita adesiva. Mantive minha mão sobre a boca de Dario, certificando-me de que ele não pudesse cuspir seu pau de volta enquanto Nikolai enrolava a fita em volta de sua cabeça e sobre seus lábios.

Dario chorou, choramingando e gemendo. Ele estava perdendo muito sangue. Não achei que ele duraria muito mais.

Eu o chutei no lado e cuspi nele. “Svoloch.” Filho da puta.

Olhei para Nikolai, meu coração tão cheio de amor e gratidão. Ele estendeu a palma da mão em oferenda e eu a

peguei, colocando minha mão na dele.



Capítulo Trinta e Dois

NIKOLAI VOLKOV

EU OLHEI FIXAMENTE PARA A FORMA ADORMECIDA DE TATIANA , incapaz de me acalmar, mesmo que ela estivesse deitada ali, bem na minha frente.

Se eu tivesse chegado mais tarde…

Balancei a cabeça, tentando não pensar nisso, mas a imagem do que eu tinha me metido estava gravada em meu cérebro. Eu temia que ela ficaria lá para sempre. Que eu nunca seria capaz de esquecer.

Depois que Arturo me contou o que aconteceu, eu quase o matei. A única razão pela qual ele ainda estava respirando era porque Aleksandr tinha agarrado meu braço no último segundo, impedindo a lâmina em minhas mãos de perfurar o peito de Arturo. Foram necessários meus dois irmãos e Adrian para me tirar de cima dele. Eu não tinha tempo a perder tentando matá-lo novamente, mas planejei desafiá-lo para o ringue. Eu não precisava de uma arma para matar.

Eu poderia fazer isso com minhas próprias mãos. E eu faria. Illayana teria que lidar com isso.

Arturo estava ciente dos perigos de sua pequena armadilha. Ele deveria ter tomado as devidas precauções e colocado Tatiana com alguém que a protegeria. Ele deveria ter alguém lá fora, pronto para pegar qualquer retardatário que fugisse da casa para que Tatiana não precisasse. Então ela não foi atrás de Franco. Ele não deveria ter seguido adiante com seu plano sem mim lá. Ninguém poderia

proteger Tatiana melhor do que eu. Ele deveria ter me dado o tempo de chegar lá antes de seguir adiante.

Fim. Da. Discussão.

Quando descobrimos que o telefone dela tinha sido jogado fora e o rastreador na parte de trás do pescoço dela tinha sido destruído, todos pensaram o pior. Que nunca a encontraríamos a tempo.

Mas eu nunca arrisquei quando se tratava da vida de Tatiana. Ela tinha outro rastreador com ela. Um que ela não tinha ideia. Um que eu coloquei em seu colar há mais de três anos. Um colar que ela nunca tirou.

Nós rastreamos o sinal até uma casa de dois andares nos subúrbios. Aleksandr, Drea, Ivan, Illayana e Arturo, junto com uma mistura de soldados da Cosa Nostra e Bratva, se infiltraram no local e lidaram com qualquer resistência enquanto Lukyan e eu caçávamos por Tatiana. O rastreador em seu colar era de última geração e conseguia identificar sua localização com precisão, até mesmo em qual cômodo ela estava, então foi fácil para nós encontrá-la.

A imagem dela amarrada naquela mesa, aquele homem se pressionando contra ela, passou pela minha mente novamente e eu cerrei meus dentes, tentando controlar meu temperamento. Eu pensei que já tinha ficado bravo antes. Eu

pensei que sabia o que era raiva de verdade .

Mas foi só naquele momento, bem ali, que eu realmente senti aquela emoção. Era diferente de tudo que eu já tinha experimentado antes. Uma névoa escura e vermelha se instalou sobre mim e eu não queria nada mais do que eviscerá-lo. Cortar todos os seus membros um por um até que ele implorasse para que eu o matasse. Mas eu não faria. Eu faria tudo ao meu alcance para mantê-lo vivo o máximo possível para que ele pudesse sofrer por dias.

Meses. Anos . Então eu poderia torturá-lo todos os dias por ousar tocar minha Tatiana.

Tatiana gemeu em seu sono, rolando para o lado e me encarando. Inclinei-me para frente na minha cadeira e coloquei uma mecha de seu cabelo atrás da orelha, apenas observando-a. O fogo da lareira a lançou nesta linda luz laranja/amarela,

sua

beleza

absolutamente

me

enfeitiçando. As chamas crepitavam, o som estranhamente reconfortante.

Depois que a tiramos de lá, eu a levei direto para casa. Para minha casa. Ivan tentou brigar comigo sobre isso, mas ele deve ter percebido o quão perto eu estava de surtar, porque ele deixou o assunto de lado. Tatiana tomou um banho e dormiu direto na minha cama, apesar de eu tentar fazê-la comer alguma coisa.

Isso foi há aproximadamente sete horas, e eu não tinha me movido do meu lugar ao lado da cama desde então. Eu me recusei a isso. Não era só que eu queria estar lá para ela quando ela acordasse... Eu descobri que era incapaz de sair do lado dela.

Meu telefone apitou. Coloquei a mão no bolso e o tirei. Era uma mensagem de texto de Andrea, confirmando os detalhes do voo para amanhã. Desconforto passou por mim.

Até o sequestro de Tatiana, eu estava mais do que preparado para a missão. Eu tinha repassado o plano mil vezes com meus irmãos. Fiz as malas. Me preparei mental e fisicamente.

Mas agora…

Agora as coisas eram diferentes.

Eu não poderia sair. Só a ideia de não estar no mesmo cômodo que Tatiana me deixou em pânico total. Como eu poderia completar a missão se minha mente estava lá? Se eu estava constantemente preocupado com Tatiana? Eu não podia.

“Por que você parece tão mal-humorado?”

Meu olhar se ergueu e colidiu com aquele par de lindos olhos castanhos que fizeram meu coração disparar. Tudo o que eu conseguia fazer era encará-la, tão incrivelmente grata por ela estar ali, viva e bem.

Tatiana se moveu para se sentar e eu pulei para ajudá-la.

"Pare com isso", ela repreendeu, batendo em minhas mãos.

"Eu não sou inválida. Eu consigo me sentar sozinha na cama."

“Tenha piedade de mim e deixe-me ajudá-lo. Por favor.”

O rosto dela se suavizou. “Eu poderia usar um pouco de água?”

Eu assenti. Fiquei de pé e fui até a jarra de água na minha penteadeira, servindo um copo. Voltei e ofereci a ela. Ela pegou, bebendo tudo de uma vez.

“Obrigada”, ela disse, colocando o copo na mesa de cabeceira. “Certo, fale logo.”

Eu franzi a testa. “Fora com o quê?”

“Você está bravo comigo, não está? É por isso que você parece tão mal-humorado. Você está bravo porque eu entrei na armadilha armada para Franco __”

“Não, Tatiana. Não estou.”

Foi a vez dela franzir a testa. “Você… não é?”

Balancei a cabeça. “Eu sei exatamente que tipo de pessoa você é. Você não gosta de deixar as coisas inacabadas.

Claro que eu sabia que você ia querer ver isso até o fim.

Estou brava que Arturo não me deu tempo para estar lá.

Também estou brava que você não me contou o que estava acontecendo. Eu nem sabia que a armadilha estava acontecendo até Arturo aparecer aqui, me dizendo que você tinha sido levada.”

Ela estremeceu, evitando meus olhos. "É, eu não achei que você gostaria dessa. Mas eu estava tentando te poupar de qualquer preocupação desnecessária."

Dei a ela um olhar inexpressivo. “E como isso funcionou para você?”

Ela mordeu o lábio. “Certo, você venceu. Peço desculpas.

Eu deveria ter te contado. Se a situação fosse inversa, eu gostaria que você me contasse.”

“Você não precisa se desculpar comigo, Tati.” Sentei na cama e coloquei minha mão sobre a dela. Ela se encolheu levemente, tão levemente que duvido que eu teria notado se não estivesse olhando diretamente para ela. A culpa tomou conta do meu coração e eu fui pegar minha mão de volta, mas ela rapidamente a agarrou, recusando-se a soltar. “Você está bem?”

“Estou bem,” ela respondeu imediatamente, me dando aquele sorriso clássico da Tatiana. Não parecia forçado ou falso. E eu saberia. “Sério, estou. Você chegou bem na hora antes que qualquer coisa pudesse acontecer—”

“Tatiana,” eu disse suavemente, mas firmemente. Eu segurei a mão dela com as minhas duas, tentando apoiá-la, confortá-la. “Você não precisa fazer isso comigo. Não subestime e finja que nada aconteceu. Algo aconteceu . Ele te agrediu, independentemente de ter te estuprado ou não.

Ele te tocou quando não deveria, e eu sinto muito por não ter chegado lá antes para impedir.”

Ela olhou para nossas mãos. “O toque dele, era...

repulsivo,” ela estremeceu. “Eu queria poder matá-lo de novo. Eu queria que tivéssemos tido mais tempo para realmente fazê-lo sofrer.”

“Eu também.” Eu levantei a mão dela até meus lábios, beijando sua pele suavemente. “Mas pelo menos sabemos que ele sofreu .”

“Como você me encontrou, a propósito? Franco disse que destruiu o rastreador na minha nuca.”

Meu olhar disparou para o colar em volta do pescoço dela e voltou para cima.

Ela engasgou. “Você não fez isso,” ela disse, tocando o pequeno coração dourado.

“Eu fiz. E não me arrependo.”

“Bem, eu também não”, ela zombou. “Primeiro meu telefone, agora meu colar… quantos outros existem?”

Eu sorri, travessura dançando em meus olhos. “Eu não acho que você queira saber a resposta para essa pergunta.”

Ela riu suavemente. Foi tão bom ouvi-la rir. "Você está certa. Eu provavelmente não." Ela se recostou na cabeceira da cama e exalou pesadamente. Sua cabeça rolou sobre os ombros, seus olhos se fixando nas minhas malas no canto.

Ela ficou em silêncio por um momento. "Quando você vai embora?"

“Não estou.” Levantei-me, desesperado para mudar de assunto antes que ela pudesse fazer mais perguntas. “Está com fome? Vou mandar buscar comida.” Virei-me e dei um passo em direção à porta.

“Pau ...

Eu suspirei. “Tatiana—”

“Você quer que eu chore? Porque eu vou chorar aqui mesmo, agora mesmo, se você não se sentar de novo, porra. Eu vou.”

O humor tomou conta de mim quando ela fez beicinho, projetando o lábio inferior.

Sentei-me novamente, exalando um suspiro cansado. Por onde eu iria começar? Como eu poderia dizer a ela que não queria ir porque não podia deixá-la? Não agora. Não depois do que me meti. Como—

“Você está hesitante em ir embora por causa do que aconteceu, não é?”

Eu deveria saber que ela seria capaz de ver através de mim. "Sim."

“Nikolai.” Sua voz continha uma riqueza de compaixão. A próxima coisa que eu soube, ela estava no meu colo,

montada em mim. Suas mãos mergulharam em meu cabelo e ela me forçou a olhá-la bem nos olhos. “Eu digo isso com todo o amor do mundo, mas você é um idiota do caralho.”

Tentei não me mover. Tentei mesmo, mesmo. Ela tinha acabado de passar por algo incrivelmente traumático. A última coisa de que precisava era que eu a apalpasse. Mas ela estava sentada bem no meu pau, e aquela coisa sempre tinha vontade própria — especialmente quando se tratava de Tatiana. Ficaria em posição de sentido no momento em que ela entrasse na maldita sala.

“Você tem que ir. A vida do seu pai depende disso. Você não pode ficar aqui por mim.”

"Mas-"

Ela colocou um dedo sobre meus lábios, me impedindo de dizer outra palavra. “Parecia que eu tinha terminado?”

Eu balancei a cabeça.

“Isso mesmo. Eu te aviso quando for sua vez de falar.

Agora, você vai ficar quieto e me ouvir.” Ela se ajustou, inadvertidamente esfregando sua boceta no meu pau, e eu engasguei. Ela sorriu brincalhona. “Eu aprecio mais do que posso colocar em palavras que você queira ficar aqui por mim. Sério. Mas você precisa ir, Nikolai. Se você está preocupado que algo vai

acontecer comigo, não vá. Eu prometo que não vou me colocar em nenhuma situação perigosa. Eu prometo que vou sentar no meu apartamento e não fazer nada além de esperar por você. Eu te amo, Nikolai, e se saber que estou segura vai te ajudar a fazer o que você precisa fazer, então eu prometo que não vou levar nem um maldito corte de papel."

Eu enrijeci, meu corpo ficou completamente imóvel. Afastei a mão dela dos meus lábios. "Você me ama?"

Ela sorriu e isso iluminou o quarto inteiro. "Eu sempre te amei. Nunca houve dúvidas sobre isso. Meu problema era se eu poderia ou não confiar em você novamente. Você me

machucou, Nikolai. Tanto que eu não pensei que meu coração e minha alma iriam se curar disso. Mas nestes últimos meses, você me mostrou não apenas com suas palavras, mas também com suas ações que você sempre estará lá para mim. Venha o inferno ou a maré alta. Você provou uma e outra vez que me ama. Que você faria qualquer coisa por mim. Eu sei no meu coração que você nunca me machucaria novamente, como fez antes."

Eu agarrei os lados do rosto dela com as duas mãos, sobrecarregado com suas palavras. "Posso te beijar?"

Ela me respondeu se inclinando para frente e colocando sua boca na minha no beijo mais de parar o coração que eu já experimentei. Meu mundo inteiro se endireitou enquanto eu a beijava de volta, essa sensação de euforia completa me inundando. Parecia certo. Completo. Como se tudo tivesse se encaixado. Como se eu estivesse inteira novamente.

O beijo se aprofundou, movendo-se deste momento doce e perfeito para o fogo absoluto. Seus quadris giraram, o prazer subindo pela minha espinha e me fazendo gemer. Eu me agarrei em seus quadris, interrompendo seus movimentos. "Tati, não precisamos—"

"Por quê?" Ela se abaixou mais forte, um gemido saindo de seus lábios. "Eu quero você."

"Mas você apenas—"

"Eu simplesmente nada." Ela beijou meu maxilar e meu pescoço, minha pele

zumbindo. “Eu não quero que você vá sem apagar o toque dele. Por favor, Nikolai.” Ela chupou meu pescoço, as mãos deslizando pelo meu corpo para agarrar um punhado do meu pau, e eu gozei desfeito.

Meus lábios bateram contra os dela e eu pulei de pé, envolvendo suas pernas em volta da minha cintura. Eu a levei para a cama, beijando-a com mais força, mais rápido.

Ansioso para ter seu corpo nu abaixo de mim.

Ela se agarrou a mim como se nunca quisesse me deixar ir, se enrolando completamente em mim como um macaco-aranha. O toque dela fez coisas comigo. Me transformou em uma maldita bagunça desajeitada. Eu lutei com os botões da blusa dela e a frustração tomou conta de mim. Eu a arranquei.

Tatiana arfou, seus seios se derramando. Eu os encarei com admiração, completamente hipnotizada. Eu os segurei e apertei, apreciando o jeito como ela arqueou as costas, empurrando-os ainda mais para dentro das minhas palmas.

“Sim, Nikolai. Sim.”

Inclinei-me para frente e agarrei seu mamilo apertado, sugando-o para dentro da minha boca. Passei minha língua sobre ele e ela gemeu. Ela fez os sons mais doces do caralho. Isso me deixou tão fodidamente excitado.

Não querendo que a outra se sentisse excluída, beijei seu peito, minha língua lambendo sua pele, e selei meus lábios ao redor de seu outro mamilo. Minhas mãos deslizaram para baixo e tirei seu short sem tirar minha boca dela. Ela se contorceu embaixo de mim, segurando minha cabeça em seu seio e me implorando para chupar mais forte.

Soltei seu mamilo com um estalo . “Você não tem ideia do que faz comigo, Tati,” eu gemi, beijando e mordiscando seu corpo.

Ela se apoiou nos cotovelos e abriu bem as pernas, permitindo que eu me acomodasse entre elas. Seu rosto estava vermelho, os olhos queimando de calor e o peito arfando, os seios se movendo para cima e para baixo, para cima e para baixo.

Ela era tão linda. Como uma linda deusa de cabelos dourados.

Eu sorri e corri minha língua da entrada dela até o clitóris em uma longa e lânguida estocada. Ela gemeu. "Você vai me assistir, não vai?" Eu a lambi novamente. Lentamente,

vagarosamente, me deleitando com seu gosto. "Me assistir lamber essa boceta linda até você gozar em todo o meu rosto?"

Sua cabeça rolou para trás em seus ombros. "Deus, sim", ela ofegou. "Você sabe que eu amo ver você gozar em mim."

“Eu sei.” Ela me observava em qualquer oportunidade que tivesse. “Observe e aproveite, amor. Eu sei que vou.”

Minhas mãos bateram em suas coxas e eu as empurrei mais para longe enquanto enterrava meu rosto entre suas pernas. Ela gritou de prazer e eu o absorvi, deleitando-me com isso, o som fazendo meu pau se contorcer.

“A melhor coisa que já provei,” eu gemi contra ela. Ela era tão macia, tão doce.

Enfiei minha mão nas calças e agarrei meu pau, incapaz de segurar por mais tempo. Eu me acariciei com o mesmo ritmo da minha língua, meu prazer aumentando e aumentando. Tudo sobre ela me fez girar em direção à liberação e eu tive que trabalhar duro para não derramar nas minhas calças. Beijei sua boceta como se estivesse beijando sua boca, movendo meus lábios e língua contra ela suavemente. Lentamente, sensualmente. Exatamente do jeito que ela gostava. Mal parei para respirar, preferindo muito mais sua sensação e gosto do que respirar. Quem queria perder tempo com coisas triviais como respirar quando você tinha o gosto mais inebriante bem na sua frente?

Não eu. Isso era certeza. Eu queria que ela me sufocasse com isso. E eu ia conseguir o que eu queria.

Tatiana gritou de surpresa quando agarrei seus quadris com força e nos girei para que ela estivesse sentada no meu rosto. Não precisei dizer à minha garota para cavalgar meu rosto. Ela sabia, porque era perfeita pra caralho. Ela se movia para frente e para trás em mim, suas mãos

segurando seus seios e a cabeça jogada para trás em prazer.

Ela era uma visão incrível.

Eu gemi enquanto ela penetrava mais forte em mim, seu prazer me dando prazer. Meu pau estava tão duro que doía pra caralho. Eu agarrei um punhado de sua bunda com as duas mãos e apertei, incitando-a.

“Droga, Nikolai. Eu vou gozar logo,” ela choramingou, seus quadris se movendo cada vez mais rápido. Seu pequeno clitóris pulsava contra minha língua e eu sabia que ela estava falando a verdade.

"Ainda não", implorei, supliquei. "Ainda não terminei."

Sinceramente, eu nunca terminaria. O gosto dela era totalmente eufórico. Eu queria engarrafar e fazer uma bebida, para poder prová-la sempre que quisesse.

"Que pena, não consigo me segurar... ah, merda ." Seu corpo inteiro tremeu e então ela gozou, uma onda de umidade inundando minha boca.

Eu morri e fui para o céu. Eu bebi tudo, chupando forte, procurando por mais. Desesperada por mais. Tatiana caiu para frente, respirando pesadamente. Seus seios balançavam acima de mim e eu agarrei um rudemente, puxando-a para baixo para que eu pudesse chupá-lo em minha boca. Minhas mãos estavam todas sobre ela. Minha boca estava toda sobre ela. Eu nunca teria o suficiente.

Nunca.

Tatiana se moveu para trás, puxando seu seio da minha boca. Eu choraminguei e tentei pegá-lo de volta, mas ela me empurrou de volta para baixo com uma mão no peito.

"Você ainda tem essas algemas?" ela ofegou, esfregando sua boceta para cima e para baixo no meu eixo, o atrito insuportável.

“Empate lateral”, eu disse engasgado.

Ela se inclinou e pegou dois pares de algemas e uma camisinha da minha mesa de cabeceira, com um sorriso malicioso nos lábios.

“São para você ou para mim?”, perguntei, a antecipação percorrendo minha espinha. Já tínhamos usado algemas antes. Às vezes era eu algemado, às vezes era ela.

Ela girou um deles em volta do dedo, com um brilho travesso nos olhos. “Você.”

Ofereci meus pulsos ansiosamente. Ela deu um tapa em volta do meu pulso esquerdo e então o algemou na minha cabeceira. Seus seios balançaram bem na minha cara e eu mordisquei sua pele. Ela fez a mesma coisa com meu outro pulso até que eu estivesse completamente à sua mercê.

Ela se recostou, admirando seu trabalho, antes de se abaixar, puxando minhas calças do meu corpo enquanto caminhava.

Porra, isso seria uma tortura absoluta. Eu tinha certeza disso.

Tatiana se inclinou para frente e me beijou suavemente, passando a língua pelo meu lábio inferior antes de começar a descer lentamente, descendo a língua pelo meu queixo, pela minha garganta, pelo meu peito e pelo meu abdômen em uma lambida longa e tortuosa.

Eu gemi de prazer e dor, me esforçando contra as algemas, tentando me aproximar dela. “Tatiana,” eu choraminguei.

“Qual é o problema, Nicky?” Ela agarrou a base do meu pau e eu engasguei, as algemas chacoalhando e gemendo contra a madeira. “Nós dois sabemos que você gosta de ser torturado assim.”

Ela estava certa. Eu estava. Era como uma forma maravilhosa de tortura que me excitava tanto que eu mal conseguia ficar parado.

Eu observei, completamente fascinado, enquanto ela se inclinava, seus cabelos dourados se espalhando sobre

minhas coxas enquanto ela chupava uma das minhas bolas em sua boca.

“Porraaaaa.”

Ela correu a língua pelo meu eixo e então me levou para dentro da boca, a cabeça do meu pau deslizando pela garganta dela. Ela engoliu, sua garganta se contraindo ao meu redor e eu gemi profundamente. As algemas cravaram na minha pele, borrando aquela linha delicada entre prazer e dor. Eu tinha certeza de que teria marcas vermelhas nos pulsos quando isso acabasse, e não me importei.

As mãos dela bateram no meu peito, as unhas cravando na minha pele. Eu sibilei. Ela arranhou meu estômago enquanto se movia cada vez mais rápido, literalmente me engolindo.

Minhas

costas

arquearam,

o

prazer

gloriosamente excruciante. Se ela não parasse logo, eu iria gozar na boca dela.

Tentei pensar em outra coisa — qualquer outra coisa —

para me distrair. Mas vê-la engolir meu pau com seriedade era quase demais.

“Tati-você tem que parar. Eu vou gozar,” eu ofeguei, a sensação das minhas bolas se contraindo me dizendo do meu orgasmo iminente.

Soltei um suspiro trêmulo quando meu pau caiu da boca dela.

“Você não vai gozar até estar dentro de mim.” Ela enfiou a camisinha entre meus dentes. “Abra.”

Deus, eu adorava quando ela me dizia o que fazer. Eu já tinha descoberto há muito tempo que eu era um trocador na cama. Tatiana também. Na verdade, era uma tara que tínhamos descoberto juntos. Ela era quem estava assumindo o controle agora, e eu estava fodendo tudo para isso.

Agarrei a camisinha com os dentes e a rasguei.

Ela sorriu, tirando-o do pacote. Ela deu dois tapinhas na minha bochecha. “Você é um menino tão bom, Nikolai.”

Ela rolou o conteúdo pelo meu pau e então se penetrou profundamente em mim, deixando sua cabeça cair para trás com um gemido.

O prazer me envolveu. Ele me engoliu inteiro. Não havia nada melhor do que a sensação de sua pequena boceta apertada enrolada em mim. Minhas mãos se fechavam e se abriam, essa necessidade avassaladora de tocá-la, senti-la , me fazendo puxar rudemente as algemas.

A cama balançou enquanto Tatiana se movia, o redemoinho sexy de seus quadris incendiando todo o meu corpo. Sua boceta me apertou, o prazer explodindo pela minha alma.

“Você é linda pra caralho. Absolutamente linda,” eu sussurrei em reverência, totalmente enfeitiçado por ela e seus movimentos.

Ela me deu um sorriso travesso e sexy, apertando os seios com as duas mãos enquanto continuava a cavalgar em mim.

Seus olhos percorreram sobre mim, do meu peito, para o meu rosto, para minhas mãos algemadas à cama. Calor brilhou em seus olhos e ela se moveu mais rápido. Ela gostava de me ver assim.

Nós gememos juntos, eu empurrando para cima e ela empurrando para baixo. Eu implorei para ela desfazer as algemas para que eu pudesse tocá-la. Era agonizante ver seus peitos balançando bem na minha frente e não poder colocá-los na minha boca.

“Eu vou deixar você ir, se você disser sua palavra segura.”

Ela balançou para frente e para trás, girando seus quadris.

Minhas costas arquearam. “Você vai dizer isso, Nicky? ”

Minha palavra segura era Nicky, e ela sabia que eu nunca diria isso. Eu rosnei e puxei as algemas enquanto Tatiana pulava e pulava, um prazer incandescente queimando em minhas veias.

A madeira gemeu e os olhos de Tatiana se arregalaram, sua respiração engatou. Ela se moveu mais rápido, ofegante, gemendo, sua boceta espremendo a porra da vida para fora de mim.

"Porra, porra, porra", eu resmunguei. Puxei as algemas com força e a madeira estalou, libertando um dos meus braços. Minha mão disparou e a agarrei pelos

cabelos rudemente, puxando-a para baixo para esmagar sua boca na minha. Meu braço esquerdo ainda estava algemado à cama, completamente esticado enquanto eu me esforçava para frente, tentando ficar o mais perto possível de Tatiana.

"Porra, goze para mim", eu sussurrei sobre seus lábios.

Eu empurrei para cima ao mesmo tempo em que ela se abaixou e gritou, sua boceta apertando e tendo espasmos ao meu redor.

Eu gozei. Forte . Um prazer entorpecente me percorreu e eu gemi fundo na garganta, beijando-a com mais força, meus olhos rolando para trás da cabeça. Meu corpo inteiro estremeceu,

meus

quadris

subindo

repetidamente

enquanto eu me esvaziava dentro dela.

Tatiana caiu contra mim, respirando pesadamente. Ela se enrolou em volta de mim e eu tentei o meu melhor para abraçá-la de volta com um braço, meu coração ainda batendo forte no meu peito. Meu pulso esquerdo queimava.

Eu podia sentir o sangue escorrendo pelo meu antebraço, mas não me importei.

Não foi a primeira vez que ela me fez sangrar durante o sexo, e eu realmente esperava que não fosse a última.

Tatiana ficou deitada sobre mim, seus seios pressionados bem contra meu peito, e eu perdi a noção do tempo, apenas curtindo estar perto dela. Estar com ela.

“Prometa-me que você vai voltar, Nikolai.”

Olhei para baixo, encarando o topo da cabeça dela. Ela estava se escondendo na curva do meu pescoço, seu corpo

inteiro tremendo como se estivesse chorando. Usei minha mão livre, algemas

ainda penduradas no meu pulso, para puxar seu rosto para cima. Aqueles lindos olhos castanhos estavam tingidos de vermelho, vidrados com lágrimas.

Passei meu polegar em sua bochecha, meu coração tão cheio de amor, que pensei que fosse explodir.

"Eu prometo."



Capítulo Trinta e Três

NIKOLAI VOLKOV

EU OLHEI PARA A vista da sacada do meu quarto designado, um pouco admirado. A ilha era realmente linda. Águas azuis cristalinas e claras. Praias de

areia branca. Florestas deslumbrantes e bem cuidadas com palmeiras imponentes e enormes prados cercados por grama alta e flores silvestres.

Era totalmente autossuficiente. Eu tinha feito um breve tour quando cheguei tarde da noite anterior. Era como se uma cidade inteira tivesse sido embalada e largada ali.

Havia um shopping que estava cheio de todo tipo de loja que você possa imaginar: lojas de roupas, supermercados, livrarias. Até um salão de beleza e uma pista de boliche.

Havia até um monte de bares e clubes.

Havia vários hotéis grandes, estilo resort, construídos com uma sensação quase gótica/de castelo. Três feitos especificamente para hóspedes, um para os trabalhadores e um para Talon, cada um capaz de acomodar algumas centenas de pessoas, pelo menos. Elegantes restaurantes cinco estrelas. Piscinas Gunite de cinco pés de profundidade com todas as comodidades mais recentes.

Cassinos. Cinemas de última geração. O lugar tinha literalmente tudo.

E então veio a Arena.

Construído para ser tão grandioso e opulento quanto tenho certeza de que o Coliseu era em sua época, foi o que mais chamou minha atenção. Tinha facilmente 1000 por 1000

pés de largura, com espaço suficiente para acomodar pelo menos 100.000 pessoas.

Eu duvidava muito que houvesse tantas pessoas assistindo aos jogos, mas uma coisa que eu já tinha deduzido sobre Talon era que o homem não fazia absolutamente nada em metades.

Ele era o epítome de "Vá com tudo ou vá para casa". De "Se você tem dinheiro, por que diabos não?"

O patrimônio líquido de Talon era de bilhões, então ele claramente tinha dinheiro, e eu não acho que isso inclua o dinheiro que ele ganhava com os jogos que realizava anualmente.

Feita inteiramente de pedra e concreto, a estrutura tinha mais de sete andares de altura e tinha um grande oval no centro. Havia seções que eram divididas em diferentes terrenos. Uma cheia de areia, outra com grama. Armas enfileiravam-se na gaiola de metal que a cercava: espadas, facões, machados, cajados longos, nunchakus, lanças e até foices. Tinha tudo, exceto armas de projéteis.

Os assentos em estilo arena, dispostos em cascata para cima, garantiam que todos pudessem ver o que estava acontecendo.

Era a arena de luta perfeita.

Imaginei que meu pai irritaria um dos homens mais ricos e poderosos do mundo. Só alguém com altos volumes de dinheiro e recursos incríveis poderia montar algo tão extravagante.

Virei-me e voltei para meu quarto de hotel de um quarto.

Eu odiava admitir, mas o lugar todo era realmente muito impressionante. Não apenas a ilha em si, mas tudo que eu tinha visto e vivenciado desde que saí daquele avião. Eles eram bem organizados, meticulosos e extremamente vigilantes. Todas as precauções de segurança que Mikhail havia mencionado eram completamente verdadeiras.

Depois que aterrissei em Nápoles, fui levado para uma sala segura, onde fui revistado meticulosamente, assim como meus pertences. Eles até me fizeram ficar em um enorme raio-X corporal para garantir que eu não estava carregando nada internamente. Então, fui vendado antes de ser colocado em um carro e levado para uma doca para embarcar em um barco. Fui revistado novamente lá. Cada vez que fui transportado para um novo local, fui revistado, permanecendo com os olhos vendados o tempo todo.

Como eu disse, extremamente completo. Foi uma coisa boa eu não ter tentado e levado nenhum rastreador ou arma comigo, porque eles definitivamente os teriam encontrado.

Assim que cheguei na ilha, recebi uma orientação, onde me foi explicado em grandes detalhes qual era meu papel. Eu, junto com outros seis homens que tinham viajado comigo no barco, deveríamos nos juntar aos outros soldados de baixa patente para ajudar a manter a ordem dentro da ilha e garantir que nenhum dos convidados saísse da linha.

Nada foi mencionado sobre o que exatamente aconteceria na ilha, nada sobre os jogos ou as atividades ilegais, então eu tive que assumir que era algo que já estava coberto no processo de entrevista original que foi criado pela empresa de segurança da qual eu tinha "vindo". Algo que eu já deveria saber. Nosso único trabalho era fazer patrulhas regulares, monitorar a área e impedir que os convidados fizessem

qualquer

coisa

que

Talon

considerasse

inapropriada (que era basicamente vandalizar sua propriedade).

Como parte da equipe de segurança, eu tinha acesso a certas áreas que outros trabalhadores não tinham, o que funcionou bem a meu favor. Eu tinha um cartão-chave que me dava entrada em áreas restritas do resort, assim como na própria Arena, que era onde eu suspeitava que os

prisioneiros estavam sendo mantidos — e onde eu precisava entrar.

Peguei meu relógio na mesa de cabeceira e o bati no meu pulso. Não consegui evitar o sorriso irônico de se curvar em meus lábios enquanto eu afivelava o fecho. O sexo com Tatiana algumas noites antes tinha deixado meus dois pulsos machucados e sangrentos, exatamente como eu havia previsto. Não que eu me importasse.

Dizer adeus foi mais difícil do que eu pensava que seria.

Não apenas para Tatiana, mas para meus irmãos também.

Havia uma chance muito real de eu não conseguir voltar vivo disso. Um movimento errado, uma palavra errada e meu disfarce estava descoberto, provavelmente resultando em uma bala na cabeça. Era algo que sempre estava na vanguarda da minha mente, mesmo quando eu saía do meu quarto e

caminhava pelos corredores dourados da acomodação dos trabalhadores, indo em direção à torre de segurança que ficava bem no meio deste prédio e da acomodação de hóspedes.

Vários outros funcionários estavam saindo de seus quartos ao mesmo tempo, vestidos com uniformes diferentes para indicar onde trabalhavam na ilha. Meu uniforme era um suéter preto de mangas compridas e calças pretas. Não era muito apertado, então pude usar a roupa que Tatiana tinha feito para mim. A que ela insistiu que eu usasse.

Mesmo que eu provavelmente fosse desmaiar de insolação porque estava 400 graus e eu estava usando duas roupas, eu tinha feito uma promessa a ela e tinha certeza de que iria cumpri-la.

As pessoas me cumprimentaram enquanto eu descia as escadas e saía para aquele ar fresco e refrescante. Tentei sorrir educadamente, balançando a cabeça, mas era um movimento ao qual eu não estava acostumado. Parecia incrivelmente estranho para mim.

Lukyan era bom nisso. Ele era geralmente um cara feliz.

Sempre sorrindo, sempre contando piadas. Aleksandr era o rei da adaptação. Ele era capaz de se transformar em qualquer coisa que precisasse ser para fazer o trabalho.

Meu?

Eu simplesmente não era construído assim. Eu não falava a menos que tivesse algo a dizer. Eu não sorria a menos que quisesse (geralmente apenas na presença de Tatiana).

Andei pelo caminho de paralelepípedos marcado da acomodação dos trabalhadores até a torre de segurança, tentando memorizar tudo o que vi. Apesar de ter uma memória muito boa, temi que levaria algumas tentativas para memorizar corretamente os caminhos corretos a seguir. O lugar era como um labirinto. Tantas voltas e reviravoltas, trilhas levando a direções diferentes. Seria confuso para nosso pessoal se infiltrar, a menos que eu pudesse dar a eles um caminho claro de onde ir.

A torre de segurança surgiu. Era um prédio longo e alto com centenas de janelas

transparentes e arquitetura afiada e angular. Guardas patrulhavam o andar térreo até sua entrada. Mais podiam ser vistos à distância nas sacadas que a envolviam, expressões focadas e vigilantes em seus rostos e metralhadoras em suas mãos. Eles não apenas olhavam para a ilha, mas também para o mar azul profundo, procurando por quaisquer barcos que pudessem tentar chegar sem serem detectados.

Seria mais difícil do que eu pensava.

Quando cheguei à porta da frente, um dos guardas me parou, com a mão erguida no ar. “Distintivo,” ele exigiu.

Eu levantei o crachá que me deram quando cheguei. Ele tinha meu nome (nome falso, pelo menos), minha foto e meu nível de autorização.

“Disseram-me para me apresentar aqui de manhã para começar a trabalhar.”

O guarda assentiu. Ele escaneou o código de barras sob minha foto, verificou algo no computador e gesticulou para que eu entrasse com um movimento de cabeça. Agradeci e entrei.

Outra coisa que notei rapidamente sobre o lugar era que havia diferentes tipos de guardas/soldados. Havia aqueles como eu, cuja principal função era patrulhar. Recebemos um bastão e uma maça para usar caso algum dos convidados saísse da linha. Depois, havia os outros.

Aqueles que tinham as armas e estavam vestidos com equipamento tático, como se estivessem prestes a fugir em alguma missão secreta e secreta. Suspeitei que fossem a equipe de segurança pessoal de Talon e aqueles em quem ele mais confiava, daí as armas.

O andar de baixo estava agitado com atividade, pessoas indo e vindo rapidamente com uma sensação de urgência.

Hoje era o primeiro dia de chegadas, os hóspedes já estavam começando a se dirigir à ilha, e estava claro que as pessoas estavam surtando pra caramba com isso. Tentei não parecer deslocado, como se não tivesse ideia do que exatamente aconteceria enquanto me dirigia ao elevador.

Alguns dos homens que conheci na noite anterior estavam parados no elevador,

esperando que ele chegasse. Luke era um homem comum, com cabelo curto e constituição magra.

Pelo pouco que eu sabia dele, ele era tímido, nervoso e arisco. Ryan estava ao lado dele. Ele estava um pouco mais seguro de si. Confiante, forte. Seu cabelo loiro mel era curto e bem penteado. Ele mantinha uma mão no bastão na cintura, como se quisesse estar preparado caso algo acontecesse. O último homem era John. Ele era alguém de quem se deve ter medo. Estava nos olhos. Castanho escuro

— quase preto — e cheio de malícia.

Luke olhou para mim quando parei no elevador. “Você é Damien, certo? Eu sou Luke. Nós nos conhecemos ontem à

noite.”

“Sim. Olá.” Ofereci minha mão e ele a apertou, um pouco tímido. Ele estava no lugar errado. Não havia como ele conseguir lidar com a brutalidade do que estava por vir.

Eu balancei a cabeça em saudação aos outros homens.

Ryan retribuiu o gesto, mas John apenas me encarou com aqueles olhos mortos e sem alma. Eu desviei o olhar. Não porque eu estava com medo do homem, mas porque eu não precisava causar problemas. Eu precisava ficar o mais discreto possível. Mas ele estava na minha lista.

O elevador chegou com um ding . Todos nós subimos e ele nos levou ao décimo andar. Atravessamos o andar até a sala de conferências para onde fomos levados ontem à noite para

orientação.

Meu

olhar

vagou

pelo

espaço

secretamente. Era noite quando passamos por lá pela primeira vez, então todas as outras salas estavam mergulhadas na escuridão, tornando impossível ver qualquer coisa.

Agora eles estavam cheios de luz e completamente transbordando de pessoas. Mais à frente, à minha esquerda, através da janela de vidro do chão ao teto, avistei um quadro branco que ocupava uma parede inteira.

Fotografias de pessoas estavam pregadas nele como fotos de identificação. Vinte e quatro no total. Diminui o ritmo dos meus passos para ter mais tempo de olhar para ele.

Elas estavam dispostas em algum tipo de ordem, semelhante a um desafio de colchetes que as pessoas usavam durante o March Madness. Duas fotografias foram colocadas lado a lado com uma linha, correndo para outras duas fotografias que estavam diretamente abaixo delas.

Então havia um espaço vazio no espaço ao lado delas. Era a ordem de luta para os jogos. Quem estaria contra quem. O

espaço vazio era para o vencedor, o que significava que o

time perdedor seria eliminado, provavelmente significando que eles tinham sido mortos.

Fiquei de joelhos, desamarrei os cadarços rapidamente e então comecei a amarrá-los novamente lentamente, enquanto continuava a estudar o tabuleiro o mais discretamente possível.

Um lado estava marcado como “Manhã” e o outro como

“Noite”. Eles estavam tendo duas lutas no mesmo dia. Corri meus olhos rapidamente pelas fotografias, procurando…

procurando… ali .

Eu estava olhando para uma foto do meu pai. Precisei de todas as minhas forças para não reagir fisicamente. Ele parecia tão ameaçador naquela foto quanto na vida real. O

olhar odioso, a linha firme dos lábios, o maxilar cerrado.

Ah, ele parecia positivamente maligno . Zangado e maligno.

Ao lado da foto dele, havia uma de uma mulher.

Estava claro na forma como foi arranjado que as lutas eram dois contra dois. E aquela mulher era sua parceira.

“Damien? Você vem?” Luke chamou da porta aberta de uma das salas de conferência.

Merda .

Eu queria estudar mais o tabuleiro, mas se demorasse mais, ele começaria a ficar suspeito. Exagerei no último laço de amarrar meus cadarços e pulei de pé, correndo para alcançá-los.

"Desculpe."

Luke apenas sorriu. Ryan deu de ombros. Mas John... ele estreitou os olhos com ceticismo.

Merda dupla.

“Entre, cavalheiro. Rápido. Temos muito o que fazer e pouco tempo para fazer isso”, disse Andrea, sentando-se na cabeceira da mesa. Ela tinha um laptop aberto na frente dela, seus dedos digitando furiosamente enquanto todos nós nos sentávamos. Ela estava vestida com trajes de

negócios, um terninho escuro e recém-passado com seu cabelo loiro preso firmemente em um daqueles coques que você sabia que eram incrivelmente desconfortáveis.

“Como você sabe, você foi trazido aqui para ajudar com o controle da multidão. Este é o maior Til Death Games que já hospedamos antes e tivemos um fluxo de

convidados adicionados à lista de convidados, devido a quem lutaremos este ano.” Ela não levantou os olhos do laptop nenhuma vez, suas sobrancelhas franzidas em uma carranca, cheias de concentração. “A primeira rodada começa amanhã de manhã, então todos os convidados chegarão hoje. Seja cortês. Seja educado. Faça o que eles pedirem para você fazer, desde que não vá contra o conjunto de regras que lhe dei ontem à noite. Preciso de um de vocês monitorando a Arena o tempo todo, pois não tenho outros homens para dispensar agora. Todo ano, algum idiota tenta entrar furtivamente e dar uma olhada nos lutadores antes do início dos jogos. Eles acham que isso pode lhes dar uma vantagem, em termos de apostas. Ninguém tem permissão para acessar os lutadores.”

Levantei minha mão, me oferecendo para a posição. Não tão rápido que parecesse que eu estava super ansioso, mas rápido o suficiente para derrotar os outros três homens.

Não me passou despercebido que ela estava se referindo a eles

como

"lutadores",

não

"prisioneiros".

Compartimentalização no seu melhor. Ela provavelmente nem pensava neles como seres humanos, apenas mercadorias para ganhar algum dinheiro.

Andrea assentiu. “Obrigada, Damien. Você pode se reportar lá agora.”

Agradeci e saí da sala, com uma nova onda de excitação fervendo em minhas veias.

Eu estava um passo mais perto do meu objetivo. Eu só precisava descobrir como diabos eu iria entrar naquela

Arena sem estragar meu disfarce.



Capítulo Trinta e Quatro

NIKOLAI VOLKOV

UM NDREA NÃO ESTAVA BRINCANDO . O dia todo, tive convidados tentando entrar furtivamente e dar uma olhada nos prisioneiros. Eles usavam a mesma coisa: ternos elegantes que custavam entre US$ 20.000 e mais.

Todos tinham aquela arrogância rica e privilegiada. Aquele que dizia: "Como você ousa tentar me dizer o que fazer?"

Alguns deles até tentaram me subornar para deixá-los passar.

Eu fiz meu trabalho, mantendo-os longe da Arena e direcionando-os de volta

para a área principal. Andei por todo o perímetro pelo menos umas cem vezes, apenas andando em círculos repetidamente, estudando a estrutura e dizendo às pessoas para se foderem (mas de um jeito legal).

Reconheci alguns dos convidados. Alguns políticos corruptos. Alguns governadores. Eram pessoas que eu tinha visto na TV, pessoas responsáveis não só pelo nosso país, mas por dezenas de outros também. Isso me fez rir. Se o público em geral soubesse o que esses caras estavam fazendo nas horas vagas, o inferno iria se soltar.

A Arena ficava a uma curta distância de qualquer um dos prédios principais. Ela ficava aninhada na natureza selvagem, completamente cercada pela natureza. Apenas uma trilha levava de volta à civilização.

Apesar de estar longe de tudo, o local estava lotado de pessoas se preparando para o primeiro evento programado

para amanhã de manhã, entrando e saindo por diferentes entradas e carregando cargas de equipamentos.

Pensei brevemente em tentar entrar furtivamente com alguns desses trabalhadores, mas isso só me levaria até certo ponto. Eu precisava de algum tipo de desculpa para descer até a masmorra onde os prisioneiros estavam sendo mantidos.

Minha salvação veio na forma de uma mulher pequena e jovem empurrando um carrinho enorme pela calçada. Nele havia pratos de comida e garrafas de água. Ela estava usando o uniforme azul-petróleo da equipe da cozinha com um avental branco amarrado na cintura. Ela tinha cabelos escuros presos em um rabo de cavalo, pele clara e um rosto cheio de sardas. Ela lutou com o carrinho, as rodas ficaram presas no caminho de paralelepípedos, fazendo a coisa toda chacoalhar.

Aproximei-me dela rapidamente, esperando que meus instintos estivessem certos. “Olá. Precisa de ajuda?” Pela primeira vez na minha vida, a sorte parecia estar do meu lado. Naquele preciso momento, uma garrafa de água tombou da borda do carrinho e caiu em direção ao chão. Eu a peguei, girei na minha mão e ofereci a ela em um movimento suave.

Ela engasgou de surpresa e então riu. "Oh! Obrigada!" Ela era jovem e

extremamente tímida. Ela me deu um sorriso tímido antes de pegar a água e colocá-la de volta no lugar.

"E-eu já disse a eles tantas vezes o quão difícil é arrastar essa coisa até aqui da cozinha. Eu consigo derrubar alguma coisa todas as vezes."

Ofereci o que esperava ser um sorriso amigável. “Se precisar de ajuda para levar o resto do caminho, ficarei feliz em oferecer uma mão.”

“O q-sério?”

“Claro.” Sorri de novo e pareceu incrivelmente forçado. Ela não pareceu notar, porém, muito perturbada com a atenção. “Isso é comida para os prisioneiros?”

O nariz dela franziu. “Eu não gosto dessa palavra. Nós os chamamos de lutadores.”

Primeiro deslize, Nikolai.

“Oh, sim, minhas desculpas. Foi um dia terrivelmente longo. Tudo o que posso dizer é que estou feliz que o sol finalmente esteja se pondo,” eu ri. “Aqui, deixe-me ajudá-lo com isso.”

Ela protestou levemente quando tomei seu lugar na parte de trás do carrinho e comecei a empurrá-lo, mas então viu como era fácil para mim e deu de ombros, caminhando ao meu lado.

“Eu sou Daniella.”

“Damien.”

“É um prazer conhecê-lo, Damien. É sua primeira vez aqui?

Nunca o vi antes.”

“Sim. Primeira vez.” O carrinho balançou, os itens balançaram levemente, mas nada caiu. “E você?”

“Oh, não,” ela riu. “Este é meu terceiro ano.”

“Sério? Então você gosta?”

“O dinheiro, sim. Ajuda a pagar as contas médicas da minha mãe. Ela está doente, e a única maneira de pagarmos o tratamento era se eu aceitasse esse emprego.

Mas todo o resto? Não realmente.” Era assim que Talon conseguia seus trabalhadores? Visando os desesperados, pessoas que não tinham outra escolha? Isso garantiria o silêncio deles. Especialmente se fossem pessoas como Daniella, que tinham um ente querido em jogo.

Ela mostrou seu distintivo para a pessoa que estava de guarda em frente a uma das entradas da Arena. “Ei, Jerry,”

ela cumprimentou.

“Ei, Daniella.” Ele escaneou o código de barras sob a foto dela. “Quem é?”

“Este é Damien. Ele está me ajudando com o carrinho.”

Jerry riu suavemente enquanto escaneava meu distintivo.

“Ainda derrubando coisas?”

“Sim”, ela suspirou. “Pelo menos dessa vez não foi um dos pratos de comida.” Ela se virou para olhar para mim. “Da última vez, eu realmente deixei cair um prato e a comida caiu toda no chão. Eu tive que voltar até a cozinha para pegar outro. Foi o pior.”

Sinceramente, não me importo nem um pouco, mas sorri e ri junto com eles.

“Dessa vez era só uma garrafa de água”, ela disse a Jerry.

“Oh. Bem, isso é bom então,” ele riu. “Ok, você está pronto.

Você sabe o caminho. Vejo você em breve.”

"Sim."

Daniella assumiu a liderança pela entrada e pelos corredores escuros e sombrios à frente. Não havia quase nenhuma luz natural, então a única iluminação ao longo do caminho eram as tochas e arandelas nas paredes.

Daniella sabia exatamente para onde estava indo, sem hesitação em seus passos enquanto liderava o caminho pelos corredores intermináveis e todas as voltas e reviravoltas. Eu me senti como se estivesse caminhando por velhas e antigas catacumbas. Um labirinto de paredes de pedra, pisos de concreto e túneis arqueados cheios de um ar perigoso e ameaçador. Em cada arco estavam dois guardas, armados com metralhadoras. Profissionais. Estava claro na maneira como eles estavam e naquele foco de laser em seus olhos. Eles eram o time A de Talon. Seu melhor para proteger a mercadoria.

Eu segui Daniella o mais lentamente que pude sem levantar suspeitas. Quanto mais eu tinha que estudar o layout deste

lugar, mais chance eu dava à minha família de conseguir resgatar o pai.

Uma esquerda, duas direitas, outra esquerda, através de uma pequena ponte, mais uma direita. As rodas do carrinho guinchavam enquanto nos movíamos, um som realmente desagradável que irritava meus nervos. Daniella fez uma conversa fiada que eu mal ouvi, me contando sobre sua vida, sua mãe, seu gato. Eu respondi com as respostas adequadas, agindo interessado no que ela tinha a dizer, mas eu estava perdendo a paciência rapidamente.

Então, quando Daniella finalmente parou em frente a essa enorme e imponente porta de metal, dei um suspiro silencioso de alívio. Ela olhou para a câmera, levantou seu distintivo e deu um pequeno aceno. Houve um barulho alto, um gemido e então a porta se abriu, outro soldado da equipe A saindo.

Merda. Se não pudéssemos ir mais longe e eles levassem o carrinho até os próprios prisioneiros, tudo isso teria sido uma grande perda de tempo.

“Daniella. Conseguiu finalmente arranjar alguma ajuda dessa vez, hein?” ele brincou, examinando o distintivo dela.

Ela parecia bem amigável com todos os guardas, como se todos se conhecessem bem.

“Oi, Patrick. Sim, aqui é Damien.”

“Olá,” eu cumprimentei, oferecendo meu crachá para ele escanear. Ele mal me deu atenção. Sua atenção estava toda em Daniella. Alguém tinha uma quedinha.

“Acho que é bom que ele esteja aqui. Não poderei ajudá-lo desta vez. Sei o quanto você odeia entrar naquela sala. E

você sabe que não me importo de fazer isso por você, mas tenho que me reportar à torre de segurança para uma reunião de emergência.”

“Oh.” Ela torceu as mãos na frente dela. “E-está tudo bem.

Eu entendo. Obrigada.”

Patrick deu um passo para trás e abriu mais a porta para nos permitir passar. Qualquer esperança de tirar meu pai daqui despencou em um instante. As paredes de ambos os lados da sala estavam cobertas de telas de computador, cada uma exibindo diferentes ângulos de câmera dos prisioneiros, trancados em suas celas. Sentados na frente deles estavam mais guardas do Esquadrão Classe A, observando os monitores e catalogando tudo o que estava acontecendo. Dois, quatro, seis, oito, dez... havia doze deles, e tudo o que estavam fazendo era observar os prisioneiros. Esses caras não estavam brincando. Não havia risadas, nem brincadeiras. Era apenas concentração completa. Foco completo.

Havia um pequeno e claro caminho que corria bem no centro da sala em direção a um elevador nos fundos.

Patrick nos levou para baixo e eu empurrei o carrinho, mantendo meu olhar para frente. Embora eu estivesse morrendo de vontade de dar uma olhada em seus sistemas, eu sabia que seria muito suspeito.

Patrick colocou o polegar em um scanner de impressão digital na parede e o elevador apitou , as portas se abrindo.

“Um dos guardas lá embaixo vai deixar você voltar.

Desculpe novamente por não poder ajudar você dessa vez, Daniella.” Ele colocou a mão entre as portas para evitar que fechassem enquanto carregávamos o carrinho no elevador.

Eu poderia muito bem ter sido invisível para o homem, considerando quanta atenção ele estava me dando. Não que eu estivesse reclamando disso.

“Está tudo bem! Não se preocupe com isso!”

“Estarei aqui amanhã de manhã, no entanto, para ajudar você com o café da manhã. Lembre-se, ele foi adiantado em uma hora para acomodar o horário da luta.”

“Eu lembro,” ela sorriu. “Obrigada, Patrick. Vejo você amanhã.”

“Até mais.” Patrick ficou exatamente onde estava, com os olhos grudados em Daniella até o momento em que as portas se fecharam.

“Você sabe que ele gosta de você”, eu disse enquanto o elevador descia. Havia apenas um botão lá dentro para apertar, o que significava que ele só ia para um lugar.

“O quê?!” O rosto dela ficou vermelho brilhante. “Não, ele não quer. Ele só está sendo amigável, só isso.”

“Confie em mim, Daniella. O homem gosta de você. Você deveria chamá-lo para sair.” Eu pareci sincero o suficiente?

Porra, eu esperava que sim. Eu não dava a mínima para nada disso, mas não podia demonstrar isso. Eu tinha que mostrar interesse, como se eu me importasse . Ugh, revoltante.

Eu precisava de Daniella distraída, preocupada. Não prestando atenção em mim e pensando em outra coisa.

Patrick forneceu essa distração perfeita.

“Sério?” Sua voz ficou mais alta com excitação. “Você realmente acha que ele gosta de mim?”

“É óbvio.” As portas se abriram e empurramos o carrinho para fora. Mais dois soldados do Esquadrão A estavam bem no elevador. Eles assentiram em saudação, mas não fizeram nenhum movimento para fazer mais nada. Outra porta enorme de metal estava na outra extremidade da sala, sendo guardada por outros dois deles.

Jesus, Talon realmente não poupou nenhuma despesa.

Qualquer tipo de infiltração neste lugar seria quase impossível.

Quando nos aproximamos da porta, um dos soldados colocou o dedo no scanner e então o empurrou para abrir quando ele destrancou. Daniella assumiu a liderança novamente, descendo a rampa circular.

Juro por Deus, se houvesse outro conjunto de guardas e outra porta trancada, eu ia enlouquecer. Três era o suficiente, porra.

Quando chegamos ao fundo da rampa, Daniella parou.

Surpresa-porra-surpresa. Outra porta de metal trancada.

Mais dois soldados do Esquadrão Classe A.

Esse cara, Talon, estava realmente começando a me irritar.

“Você está bem?”, perguntei. Eu estava ficando muito bom nessa coisa toda de atuar.

Ela mordeu o lábio nervosamente, olhando para a porta com um olhar enjoado no rosto. "Eu não gosto de entrar aí", ela sussurrou suavemente, seu olhar caindo para o chão.

"Normalmente, Patrick faz isso por mim. Os lutadores, eles me deixam nervosa. Eles dizem coisas. Coisas horríveis."

Provavelmente porque estão passando por coisas horríveis.

Lutar pela sua vida não é exatamente um passeio no parque.

Tentei controlar a vertigem que explodiu pelo meu corpo com as palavras dela. A sorte realmente estava do meu lado naquele dia. “Eu posso fazer isso por você.”

“Oh, não, eu não poderia pedir isso a você—”

“Você não está. Eu estou oferecendo.” Coloquei uma mão em seu ombro. Um gesto inocente, mas ainda parecia tão errado tocar outra mulher, mesmo sem nenhuma conotação sexual.

Alívio encheu seu rosto. “Oh, obrigada. Muito obrigada. Eu pensei em pedir uma tarefa diferente, mas tenho medo que se eu fizer isso eles me demitam, e eu

realmente preciso desse emprego. Não posso me dar ao luxo de perdê-lo.”

“Não se preocupe. Você espera aqui. Eu levo a comida.”

Ela assentiu. “Cada um recebe um prato e uma garrafa de água. Haverá um vão no fundo da cela para você empurrar.

Só tome cuidado.”

“Tudo bem.” Empurrei o carrinho para frente antes que ela pudesse dizer outra palavra, sem lhe dar a chance de mudar de ideia. Era minha oportunidade de entrar naquela sala e ficar cara a cara com meu pai. Eu não ia deixar passar. Não quando eu estava tão perto.

Um dos soldados do Esquadrão A abriu a porta para mim e eu desapareci lá dentro, o barulho dela fechando atrás de mim ecoando pela sala. Eu absorvi tudo com olhos rápidos e avaliadores. Seis celas de um lado da sala, outras seis do outro, cada uma abrigando dois prisioneiros. Vinte e quatro pessoas no total. O ar cheirava a opressão, crueldade, desespero.

Era uma das masmorras mais legais que já vi. Melhor que a nossa, isso era certo. Havia bastante luz e cada cela tinha duas camas e um banheiro. Isso me lembrou de uma cela de prisão de verdade, possuindo as necessidades básicas que um humano precisa para sobreviver. Apesar de serem mantidos em cativeiro, parecia que eles não estavam sendo totalmente maltratados. Ênfase em "inteiramente". Não teria sido um esforço para Talon tê-los alojados em condições muito piores do que essas, e ainda assim parecia que ele não poupou despesas para garantir que eles estivessem sendo mantidos em cativeiro em acomodações relativamente sem graça.

Avancei lentamente, passando o olhar rapidamente por cada célula, procurando.

Onde ele está? Onde ele está- **ali.** Eu o avistei na cela bem no final.

Pai.

Ele estava fazendo flexões, seu corpo arfando para cima e para baixo, para cima e para baixo, suor brilhando ao longo de sua pele nua. Ele não usava camisa. Apenas um par de calças largas. Havia uma coleira em volta do pescoço dele

— em volta de todos os pescoços — que me colocou

instantaneamente em alerta. Eu não tinha certeza para que serviam, mas sabia que não podiam ser para nada de bom.

Eu lentamente empurrei o carrinho para a cela mais próxima. A maioria dos prisioneiros foi para a frente de suas celas, sabendo claramente o que estava por vir e ansiosos para colocar as mãos na comida.

Conforme me aproximei da primeira cela, o olhar do Pai se desviou para mim e nossos olhos colidiram. Ele congelou, seu corpo suspenso no ar enquanto o reconhecimento tomava conta. Então ele continuou com seu exercício, dando nada além daquele breve momento de hesitação como uma indicação de que ele me reconheceu.

Foi preciso um esforço consciente para que eu não olhasse para ele novamente quando parei em frente à primeira cela. O homem lá dentro se aproximou das barras, me observando com aqueles olhos raivosos e repulsivos que falavam muito sobre o que ele pensava de mim e deste lugar.

Ele era um homem grande com pele pálida, nariz torto e um corte de cabelo curto que me fez pensar que talvez ele fosse um fuzileiro naval, ou já tivesse sido antes. Também havia uma mulher lá. Na verdade, enquanto eu sutilmente olhava para todas as celas, notei que todas tinham um homem e uma mulher. Uma maneira de manter as lutas justas, eu suspeitava. Qualquer equipe com dois homens teria uma ligeira vantagem sobre aqueles que não tinham.

“Você deveria ter vergonha de si mesmo,” o homem cuspiu, olhando para mim com escárnio. “Nós somos pessoas.

Seres humanos . Você não pode nos tratar desse jeito.”

Não disse nada, peguei dois dos pratos de papel cheios de comida e os empurrei lentamente pelo vão que Daniella mencionou. A mulher pegou as garrafas de água que rolei em seguida.

“Por favor,” ela implorou, os olhos brilhando com lágrimas.

“Isso não está certo e você sabe disso. Por favor, deixe-nos ir.”

Ah. Então ele era o policial mau e ela era a policial boa. Ou, mais precisamente, a policial triste. Ele tinha a intenção de me envergonhar das minhas ações e ela tinha a intenção de apelar para o meu lado humano. Fazer com que eu sentisse pena dela, culpada. Para me fazer querer ajudá-la.

Uma tática inteligente que tenho certeza que eles tentaram com todos que foram lá. Admirável, muito admirável. Eu tinha que dar pontos a eles por tentarem. Mas havia apenas uma pessoa que eu estava interessado em salvar.

Eu me movi de cela em cela, distribuindo a comida e a água alocadas. Levei meu tempo em cada uma, arrastando-a o máximo que pude para que, quando chegasse à cela do meu pai, não parecesse suspeito quando demorasse um pouco mais. Eu sabia que cada uma dessas celas tinha uma câmera, e os prisioneiros estavam sendo vigiados vigorosamente. Isso significava que eu também estava. Eu tinha que ter cuidado para não estragar meu disfarce.

Cada pessoa tentou a sorte para que eu a deixasse ir.

“Por favor, eles vão nos matar!”

“Tenha um coração.”

“Seu bastardo sem alma!”

Não respondi a nenhuma, o que pareceu deixá-los ainda mais chateados. Isso solidificou toda a coisa de "sem coração" que todos eles continuavam gritando comigo.

Uma coisa que notei quando fui a cada cela foi que todas estavam em uma forma incrível. Os homens não usavam camisa, então era fácil ver que eles malhavam de uma forma ou de outra. O mesmo acontecia com as mulheres.

Todas usavam sutiãs e shorts esportivos idênticos. Algumas delas até tinham um abdômen melhor do que o meu. Se elas conseguiam lutar ou não era outra história.

O pai ainda estava fazendo suas flexões quando finalmente me aproximei de sua cela. A mulher estava sentada na cama, jogando bolas de papel higiênico enrolado nele. Ele simplesmente ignorou, levantando seu corpo para cima e para baixo, para cima e para baixo. O leve tique em sua mandíbula me disse que isso

o irritou.

Ela parecia ter mais ou menos a mesma idade, com cabelos ruivos rebeldes, olhos verdes brilhantes e, apesar da expressão irritada que ela lançava para meu pai, um rosto suave e delicado.

Há quanto tempo eles estavam trancados lá juntos? Tempo suficiente para deixar um ao outro louco, isso era certo.

O pai caiu do bar e caiu de pé. Ele estava ofegante, suor escorrendo pelo corpo. Ele rolou o pescoço pelos ombros e então caminhou em direção aos bares com total casualidade, sem pressa. Como se tivesse todo o tempo do mundo.

Agora que ele estava mais perto, eu podia ver as cicatrizes em sua pele. Cortes de faca. Hematomas roxos/amarelos.

Queimaduras de cigarro. Ele tinha sido torturado. Se foi pelas mãos do meu tio ou do Talon, eu não tinha ideia.

Vê-lo daquele jeito foi mais difícil do que eu pensava que seria, mas tentei trancar esses sentimentos para longe.

Eles não me ajudariam, só me atrapalhariam.

“O que você está fazendo aqui, garoto?”, ele falou pelo canto da boca, suas palavras mal passando de um sussurro.

Ele estava bravo. Essa foi a única vez que ele fez aquela merda idiota de “garoto”, como se eu ainda fosse um adolescente babaca.

Peguei um dos pratos e me agachei. O pai seguiu, se esgueirando para baixo.

“Temos um plano para tirar você daqui”, eu disse suavemente, empurrando-o pela abertura lentamente.

“ Nós? ” Ele pegou, colocando-o de lado. “Você envolve seus irmãos nisso?”

“Foi um esforço conjunto, na verdade.” Passei o próximo prato. “Conte-me sobre a coleira.”

“Aço titânio. Definido para explodir se passarmos pelas portas das celas, a menos que seja desativado primeiro.

Equipado com anti-adulteração e ativação remota.”

Eu xinguei internamente. Esse cara do Talon estava realmente, realmente me irritando pra caramba.

Isso significava que teríamos que tirar a coleira dele antes de tentar ir a qualquer lugar, e o dispositivo anti-violação tornaria isso quase impossível. Um passo para frente, dez passos para trás.

“Vá para casa, Nikolai,” sussurrou meu pai, pegando a última garrafa de água que eu rolei. “Não tem como sair disso. Saia enquanto pode. É uma ordem.”

Fiquei de pé em minha altura máxima e ele também. Eu mexi na parte da frente do carrinho como um disfarce para continuar a conversa, chegando até a fazer uma careta.

Quando falei em seguida, mal movi minha boca, mas ele ouviu cada palavra. “Desculpe, pai. Você não é Pakhan .

Você não dá mais ordens. Aleksandr dá.”

Seus olhos se estreitaram em fendas. Antes que ele pudesse responder, a mulher veio pulando, pegando um dos pratos.

“Quem é essa?”, ela perguntou disfarçadamente atrás de um pedaço de bife. Pelo menos ela foi esperta o suficiente para não estragar nosso disfarce.

“Cuide da sua vida, mulher diabólica”, meu pai sibilou com veneno.

Ela sorriu e pareceu completamente inocente, até que pisou forte na parte de trás da perna dele. O pai cambaleou para frente, batendo a testa nas barras de metal com um grunhido doloroso.

“Idiota,” ela sibilou de volta, seu sorriso ainda firme no lugar. Ela caminhou de volta para a cama e começou a comer sua comida, não prestando mais atenção em nós.

O pai resmungou em aborrecimento, limpando o sangue que tinha começado a escorrer pelo lado do seu rosto.

Quando ele não fez nenhum movimento para retaliar, eu dei a ele um olhar estranho.

“O quê?” ele retrucou baixinho.

Se eu tivesse mais tempo, eu definitivamente o teria questionado, porque o Dimitri Volkov que eu conhecia nunca teria deixado uma transgressão como essa passar.

Talvez ele não quisesse arriscar machucá-la, já que ela era sua parceira de luta. Qualquer fraqueza que ela tivesse, ele também tinha.

Ainda assim, a interação foi… estranha.

“Vejo você em breve, pai”, sussurrei antes de ir embora.



Capítulo Trinta e Cinco

NIKOLAI VOLKOV

E A MULTIDÃO ESTAVA SELVAGEM. Elétrica. Eles gritavam e aplaudiam, ansiosos para a próxima luta começar.

Foi na noite seguinte à que vi meu pai em sua cela, bem abaixo da Arena. A segunda luta dos Games estava marcada para começar em dez minutos, a primeira tendo sido concluída esta manhã.

De acordo com a programação que vislumbrei, havia duas lutas marcadas para cada dia. Uma luta matinal e uma luta noturna. Isso significava que — a cada dia — quatro pessoas saíam da Arena vivas e quatro mortas.

A primeira luta foi entre um ex-ranger do exército e um lutador de MMA contra um boxeador e um artista marcial.

Suas imagens, junto com suas estatísticas — nome, idade, altura, peso, pontos fortes, fracos e lista de habilidades —

apareceram em um enorme telão suspenso no ar acima do oval, bem acima de suas cabeças.

No começo, ambos os times se recusaram a lutar, chegando até a implorar e implorar para que a multidão os ajudasse.

Quando isso não funcionou, eles se voltaram para a raiva, gritando e berrando que bastardos sem coração nós éramos.

Quando a multidão começou a vaiar, foi quando Talon interveio.

Ele apareceu no telão com um smoking de US$ 50.000, uma taça de martini na mão e um sorriso brilhante e

radiante no rosto. Era o tipo de sorriso que deixava bem óbvio que ele tinha facetas. Acho que ele seria um homem bonito se não estivesse enfiando botox no rosto. Ele tinha aquele olhar, aquele olhar de "fiz centenas de cirurgias plásticas, então não pareço tão velho quanto sou".

Talon deu aos lutadores uma escolha. Eles poderiam lutar ou morrer, bem ali onde estavam. Isso fez as coisas começarem a andar. Não havia nada mais motivador do que a ameaça de morte iminente para realmente fazer as coisas

andarem.

A luta tinha sido brutal. Eles estavam lutando no terreno de areia e, apesar de estarem unidos no começo, as coisas rapidamente se transformaram em um enorme vale-tudo.

Ambas as equipes mergulharam para as armas que estavam dispostas, tentando obter a vantagem. Facas cortavam. Machados balançavam. Morcegos esmagavam.

Era o epítome do sangue e da violência.

No final, apenas um time saiu vitorioso, passando para a próxima rodada. O ex-ranger do exército, Samuel Marlon e a lutadora de MMA, Jessica Clifford. Quando acabou, Jessica se enrolou em uma bola e chorou, coberta de sangue. Samuel pareceu lidar um pouco melhor com isso.

Suspeitei que talvez não fosse a primeira vez que o homem tirava uma vida.

A luta foi transmitida para os outros prisioneiros em suas celas por um monte de câmeras espalhadas pelo oval. A mesma filmagem também foi exibida no telão para que todos na Arena pudessem ver o que estava acontecendo, não importa onde estivessem sentados.

Era um assento estilo arena. Os mais ricos tinham camarotes no topo, e os menos ricos tinham que ficar em pé na parte de baixo. Tentei dar uma olhada nas pessoas lá em cima, mas elas estavam muito longe.

Como um dos soldados de nível inferior a serviço de Talon, eu estava preso no andar térreo, fazendo controle de multidão junto com Ryan, Luke, John e vários outros.

O lado positivo é que eu tive um lugar na primeira fila para assistir às lutas.

“Estamos prontos para a segunda rodada dos Til Death Games?!” Uma voz soou pelos alto-falantes.

A multidão rugiu . Todos pularam de pé, gritando e batendo palmas enquanto a Arena escurecia e o telão exibia o primeiro conjunto de lutadores.

“Temos um presente especial para vocês hoje à noite, senhoras e senhores! Um presente realmente especial, especial. Vamos conhecer nosso primeiro time!” Um holofote brilhou no oval, revelando uma mulher alta e atlética e um homem forte e musculoso. Ambos levantaram uma mão para proteger os olhos da luz ofuscante do holofote, caminhando mais para dentro do oval com expressões atordoadas. “Lily Nicole é uma sargento-mestre da Marinha com mais de trinta e três mortes confirmadas.”

A câmera deu zoom em Lily, seguindo cada movimento dela enquanto o locutor continuava a apresentá-la. Uma foto dela apareceu ao lado da transmissão ao vivo com suas estatísticas. “Pesando apenas quarenta quilos, ela pode parecer pequena e inofensiva, mas ela é tudo menos isso!

Suas habilidades garantem uma boa luta!”

A multidão aplaudiu novamente. A câmera girou para o homem ao lado.

“Roger Ward é alguém para ficar de olho, pessoal!

Presidente de uma gangue de motociclistas perversa em Las Vegas, ele é perigoso, implacável e não tem escrúpulos em sujar as mãos com um pouco de sangue!”

O locutor continuou a falar sobre Lily e Roger, deixando a multidão mais e mais animada a cada segundo que passava.

Eles pareciam oponentes dignos. A única fraqueza deles

seria a moralidade de Lily. Ela era uma fuzileira naval. Ela teria uma linha clara entre o certo e o errado. Ela poderia lutar contra matar alguém por esporte sangrento.

Eu não achei que Roger teria o mesmo problema. Ele pode estar um pouco atordoado com toda a situação, mas ele era um assassino frio, provavelmente graças à sua ocupação.

A Arena escureceu novamente. “Certo! Hora de conhecer os oponentes deles!” o locutor gritou. “Tenho a sensação de que vocês vão amar esses! Isso mesmo! É a dupla que sabemos que vocês estão morrendo de vontade de ver!”

Os holofotes brilharam sobre as duas pessoas ao lado, e meu corpo inteiro ficou frio.

Não .

Dimitri Volkov estava no oval, sua expressão sombria e assassina. Como os lutadores antes dele, seu colarinho tinha sumido, e ele apenas ficou ali de peito nu, encarando a multidão com olhos frios e mortos. Aquele olhar em seu rosto... não era meu pai lá fora. Não. Meu pai estava em outro lugar, trancado em sua mente. A pessoa lá fora era o Açougueiro da Bratva.

A mulher apareceu, caminhando até o lado dele. Eles estavam juntos, uma frente unida. Contraditório, considerando como eu os tinha visto na cela na noite anterior. Eles devem ter deixado suas diferenças de lado pela briga.

“O Açougueiro Bratva e a Morte Carmesim!”, rugiu o locutor.

A multidão foi à loucura, os gritos e aplausos eram tão altos que tive que tapar os ouvidos.

Ela era a Morte Carmesim? Diziam que ela era uma das assassinas mais mortais do planeta. Fiquei mais do que chocado. Eu cresci ouvindo histórias sobre ela. Sua identidade sempre foi um segredo, mas os poucos vislumbres de cabelo vermelho brilhante foram o que lhe

deram o apelido de Morte Carmesim, porque era tudo o que seus alvos viam dela antes de encontrarem seu fim.

Suas habilidades eram renomadas. Rápida. Eficiente.

Engenhosa. Inteligente. Incrível combate corpo a corpo.

Pontaria especializada.

Não é de se espantar que a multidão estivesse tão louca.

Individualmente, meu pai e essa mulher eram lendas. Mas juntos? Juntos, eles eram um casal poderoso.

O pai era um profissional em esconder suas emoções. No entanto, no momento

em que o locutor revelou a identidade da mulher, nem ele conseguiu esconder o lampejo de surpresa que passou por seus olhos. Ele olhou para ela e ela sorriu para ele brilhantemente, cheia de atrevimento.

Como se eles não estivessem prestes a lutar por suas vidas ou algo assim.

A multidão ainda estava enlouquecida, torcendo e cantando para a Deadly Duo. O locutor não conseguiu nem terminar de apresentá-los porque eles estavam gritando muito alto, impacientes para a luta começar.

“Certo! Vejo que todos estão ansiosos para começar a noite! Então, por que não começamos?! Senhoras e senhores, Segunda Rodada dos Til Death Games!”

Energia tensa e nervosa me encheu quando o oval se inundou de luz e as câmeras focaram nos lutadores. Eu tinha total fé em meu pai e suas habilidades, mas havia algo realmente repugnante em assistir alguém que você ama em uma situação perigosa, independentemente de quão bom ele fosse, e não ser capaz de fazer nada para impedir. Qualquer coisa poderia acontecer. E eu teria que ficar ali e assistir.

Uma música começou a tocar ao fundo, algo sombrio e grave para combinar com o evento da noite. Pai e Autumn (esse era o nome ao lado da imagem dela no telão) se espalharam, avaliando seus alvos. Ela pegou Lily e ele

pegou Roger, claramente tendo bolado algum tipo de plano de ataque antes da luta. Eles ficaram perto o suficiente para poderem se alcançar se necessário, mas longe o suficiente para poderem lutar sem impedimentos.

Continuei minha volta pelo térreo da Arena, fingindo estar fazendo meu trabalho, monitorando a multidão, quando na verdade todo o meu foco estava lá no oval.

Eles estavam no terreno de grama e pequenos obstáculos foram colocados por todo ele: pedras, pedregulhos, troncos. Havia até um pequeno riacho correndo de um lado para o outro, separando os dois times.

Havia apenas duas armas que eu conseguia ver acessíveis

— um machado e um facão — o que significaria que seria uma luta para chegar até elas primeiro. Elas pareciam estar colocadas a uma distância igual de cada

equipe, então tudo se resumiria a quem fosse mais rápido.

Não havia contagem regressiva. Nenhum relógio marcando quando a luta iria começar. Ambos os times apenas se encaravam do outro lado do campo.

Então tudo entrou em ação.

Eles correram um para o outro, saltando sobre qualquer obstáculo que estivesse em seu caminho enquanto corriam em direção às armas. O pai era rápido, apesar de seu tamanho grande. Roger também. Eles alcançaram o machado ao mesmo tempo e ambos escolheram deixá-lo e se envolver em combate corpo a corpo em vez de arriscar se abaixar para pegá-lo.

O pai deu um chute frontal e Roger saltou para a esquerda, desviando. O pai balançou uma cotovelada reversa e então girou rapidamente para golpear o abdômen de Roger. Ele gemeu com o golpe, mas se recuperou rápido, atacando com seu próprio golpe. Eles trocaram golpes, nenhum dos dois segurando nada enquanto socavam e chutavam,

usando toda a sua rapidez e força para tentar pegar o outro desprevenido.

Autumn e Lily estavam na mesma situação, ambas lutando uma contra a outra implacavelmente para tentar obter vantagem. Lily escorregou e Autumn rolou pela grama, pegando o facão. Ela balançou para a cabeça de Lily. Lily pulou para fora do caminho e se arrastou, procurando algo para usar para se defender. Alguém jogou um escudo no oval e Lily o pegou, usando-o para bloquear o golpe que Autumn desferiu bem no último segundo, o som de metal contra metal ecoando pelo ar.

Meu olhar voltou para o Pai e Roger. Eles estavam circulando um ao outro, punhos erguidos e corpos agachados, enrolados para atacar. A multidão gritava por mais derramamento de sangue. Mais violência. Eles não ficariam felizes até que tivessem rasgado um ao outro membro por membro.

Roger chutou algumas pedras perto do riacho no rosto do meu pai. Ele sibilou, arranhando o rosto e Roger atacou, derrubando-o no chão. A multidão gemeu em uníssono.

Roger começou a bater e o pai fez o melhor que pôde para bloquear, mas o presidente do MC estava em vantagem. Ele tinha a vantagem.

Levante-se. Levante-se.

O pai desviou os golpes e então se empinou para frente, envolvendo os braços em volta da cabeça de Roger em uma chave de braço e puxando-o para baixo. Ele tentou se soltar, mas o pai segurou firme, suas pernas se curvando em volta da cintura e fortalecendo o aperto. O braço de Roger disparou para o lado, sua mão procurando por algo para usar como arma. Seus dedos se curvaram em torno de uma pedra e então ele atingiu o rosto do pai com ela.

O golpe foi forte o suficiente para desorientá-lo e o aperto do Pai afrouxou. Roger se libertou e levantou o braço,

pedra na mão, preparando-se para atacá-lo novamente. Do nada, veio Autumn. Ela bateu em Roger de lado, derrubando-o do Pai.

A multidão rugiu .

Eles rolaram pelo chão, lutando pela posição dominante, e quando finalmente pararam de rolar, ela estava por baixo, com os braços em volta do pescoço dele e as pernas presas ao redor dele em um mata-leão perfeito e clássico.

Roger lutou. Lily se arrastou, tentando chegar até ele para ajudá-lo, mas sua perna estava arrastando atrás dela.

Autumn a quebrou?

O pai pulou de pé e a chutou no peito quando ela tentou passar por ele. Lily voou para trás, aterrissando em uma pilha com um grito de dor que podia ser ouvido sobre a multidão barulhenta. O pai não hesitou em pegar o machado e, graças ao controle que Autumn tinha sobre Roger, o alojou profundamente em seu peito exposto com um golpe poderoso.

Roger gritou em agonia, seu corpo inteiro se sacudindo.

Autumn soltou e saiu de baixo dele enquanto o Pai se preparava para atacar novamente. O machado cortou seu braço em seguida, a força por trás dele era tão forte que o Pai cortou o membro completamente. Sangue espirrou, encharcando-o da cabeça aos pés, mas isso não o impediu de balançar novamente. E de novo, e de novo. Ele cortou Roger até que ele estivesse em pedacinhos minúsculos, sem parar mesmo quando o homem estava morto há muito tempo.

Autumn foi até Lily, que ainda estava segurando o peito, gemendo de dor, seu corpo todo encolhido em uma bola.

Ambas as mulheres estavam cobertas de sujeira, água e sangue. Os sinais reveladores de uma luta brutal e cruel.

Tenho certeza de que pude ver mechas do cabelo vermelho

brilhante de Autumn lá na grama. Puxar o cabelo nem estava fora dos limites. Mulheres lutavam sujo.

Autumn pegou o facão casualmente, chutou Lily para suas costas e então balançou a arma sem um pingo de hesitação, a lâmina afiada da lâmina se alojando profundamente na testa de Lily. Seu rosto congelou em uma mistura de horror e dor e então seu corpo inteiro caiu, sua vida desaparecendo na noite.

Houve um breve momento de silêncio e então a multidão irrompeu em uma enorme ovação, gritando e cantando

'Dupla Mortal! Dupla Mortal!' Eles batiam os pés. Batiam o que tinham ao longo das grades de metal. Tentavam fazer o máximo de barulho possível para transmitir o quanto eles amavam pra caramba o que tinham acabado de testemunhar.

O pai se juntou a Autumn ao seu lado, com sangue literalmente escorrendo pelo rosto e o corpo coberto de sangue. O machado ainda estava em sua mão.

“Seus vencedores da segunda rodada dos Til Death Games!

O Bratva Butcher e o Crimson Death!”, rugiu o locutor.

A câmera fez uma panorâmica bem próxima deles. Eles não fizeram nada além de olhar para a frente com expressões sem emoção. Não houve comemoração. Nenhum aceno para a plateia gritando que tinha vindo aqui para assisti-los. Nada.

Então o campo oval escureceu e eu suspirei aliviado, sabendo que meu pai havia sobrevivido à sua primeira luta nos jogos.



Aproveitei a cobertura da noite para sair furtivamente do meu quarto e ir em direção à torre de segurança. Eram 2

da manhã e, embora a maioria das pessoas estivesse dormindo na cama, ainda havia algumas pessoas acordadas. Principalmente seguranças fazendo patrulhas.

Depois que a segunda rodada dos jogos terminou, a multidão se dissipou rapidamente, embora a noite estivesse longe de acabar. Muitos convidados foram aos bares e cassinos da ilha, bebendo e festejando a noite toda.

Eu não podia esperar mais um momento para conseguir o que precisava. Não depois do que testemunhei. Embora o Pai tivesse vencido, eu não queria que ele estivesse naquela situação novamente. Eu tinha que tirá-lo de lá antes da próxima luta, e a única maneira de fazer isso era se eu invadisse aquela torre de

segurança, encontrasse as coordenadas para esta ilha e as enviasse para meu irmão.

Mais fácil falar do que fazer.

Eu tinha autorização para entrar no prédio, sim, mas para chegar ao último andar onde ficava o centro de comando?

Isso eu não tinha. Mas eu tinha um plano.

Cada trabalhador tinha um distintivo com sua imagem e um código de barras para escanear. Consegui tirar um de um dos soldados da equipe A depois da luta e, depois de alguns ajustes, alterei para que parecesse meu distintivo, substituindo a foto por uma minha. O problema estava no código de barras. Eu não tinha certeza de quais

informações apareciam quando eles o escaneavam, mas eu sabia que, fosse o que fosse, não corresponderia ao distintivo. A menos que eu pudesse acessar um computador e alterar os registros.

Isso também não era possível, já que todos os computadores estavam em locais de segurança de alto nível. Então, a única coisa que eu conseguia pensar em fazer era mexer no código de barras para que ele não escaneasse, e esperar que quem estivesse de plantão na porta estivesse cansado demais para se importar. Tudo o que eu precisava fazer era subir lá.

Aproximei-me da torre de segurança com passos lentos e medidos, como se não tivesse pressa nenhuma, quando na verdade era o oposto. Eu estava ficando sem tempo e senti a necessidade de me apressar. Mas eu sabia que tinha que manter a calma e agir completamente indiferente, ou correria o risco de ser descoberto.

O homem de guarda era alguém que eu não conhecia.

Apesar do tempo, ele ainda estava extremamente vigilante, seu olhar examinando os arredores em constante busca por perigo. Havia também uma leve queda em seus olhos, como se ele estivesse tendo problemas para mantê-los abertos.

“Olá, eu—”

“Distintivo”, o homem resmungou, claramente sem humor para gentilezas. O que geralmente era bom para mim, mas seu humor irritado não funcionava muito bem a meu favor.

Ele provavelmente diria “foda-se” ou não daria a mínima e me deixaria entrar.

Eu levantei o crachá que eu tinha alterado e ele tentou escaneá-lo. Quando nada aconteceu, ele soltou um suspiro frustrado e continuou tentando, movendo o scanner para um lado e para o outro, tentando fazê-lo ler o código de barras.

Não daria certo. Eu tinha certeza disso.

"Pelo amor de Deus", ele gemeu.

“Tecnologia, ei,” dei de ombros, tentando fazer uma piada.

Aliviar o clima. O homem apenas resmungou novamente, e não parou de tentar escanear o código de barras. “Olha, eu só preciso correr lá rapidinho e pegar algo que deixei para trás. Talvez você pudesse-”

“Ninguém entra sem que seu crachá seja escaneado.”

Puta merda.

“Entendo totalmente. Você tem um trabalho a fazer. Eu entendo isso. Que tal—”

“Olha, cara. Você não vai entrar a menos que essa coisa escaneie. Fim de—” ele franziu a testa, sua mão subindo para o lado do rosto para tocar o fone de ouvido em seu ouvido. Ele estalou a língua, olhando para o distintivo novamente antes de devolvê-lo para mim. “Eu tenho que resolver uma coisa. Você entra e sai imediatamente, ouviu?

Sem brincadeira.”

“Entendi.” Eu não conseguia acreditar na minha sorte. O

homem virou as costas e saiu, desaparecendo na esquina do prédio.

Mantive meu ritmo rápido, mas não apressado, enquanto caminhava pelo andar principal em direção ao elevador.

Havia algumas pessoas por perto, mas não tantas quanto naquele primeiro dia. Peguei o elevador até o último andar, com a adrenalina correndo em minhas veias.

Eu assisti os números subirem e subirem a cada andar que subíamos. Só mais alguns e eu estava um passo mais perto do meu objetivo. Um passo mais perto de salvar meu pai.

Ainda havia muito que precisava ser feito, mas se eu pudesse apenas obter essas coordenadas, tudo ficaria bem.

Eu já tinha passado do prazo que meus irmãos e eu tínhamos concordado. Esperávamos tirar meu pai daqui antes mesmo dos jogos começarem, antes mesmo que ele tivesse que lutar. Mas levou mais tempo do que eu

esperava não só para reunir as informações que eu precisava, mas também para entrar no prédio.

Eu temia que, por não terem ouvido falar de mim, meus irmãos pudessem ter tomado as coisas em suas próprias mãos. Isso poderia comprometer nosso plano original. Eu tinha que esperar que, apesar de não serem as pessoas mais pacientes, eles tivessem esperado como planejamos.

O elevador apitou, anunciando minha chegada ao último andar. Inspirei fundo e soltei o ar para me estabilizar.

Você está quase lá, Nikolai. Quase lá.

As portas se abriram e eu dei um passo à frente, me preparando para sair. O choque me congelou no local.

Dominik estava na minha frente, apontando uma arma para o meu peito. "Olá, sobrinho", ele disse, com um sorriso vitorioso no rosto. Algo afiado perfurou meu pescoço e eu grunhi. Minha mão se moveu para cima, os dedos se curvando em torno do que parecia ser um dardo. Eu o puxei para fora e olhei para baixo.

O que?

Meu mundo inteiro se inclinou, a visão turva serpenteando.

Houve outra pontada de dor, depois outra. Eu me afundei contra a parede do elevador, tentando descobrir o que estava acontecendo, tentando me orientar, mas meu corpo começou a ficar dormente. A tontura tomou conta de mim.

Eu cambaleei em meus pés, tateando em busca da minha arma, mas era tarde demais. O que quer que estivesse naquele dardo me dominou. Eu caí para frente, sucumbindo à escuridão.



Capítulo Trinta e Seis

TATIANA ANDREEVA

"EU APRECIO O QUE VOCÊ ESTÁ tentando fazer, Illayana, mas não vai funcionar."

“Ah, vamos lá, você ama Modern Family.”

Ela estava certa. Eu fiz. Mas nem um dos meus programas de televisão favoritos iria me ajudar a me acalmar.

Nikolai estava atrasado. Deveríamos ter ouvido algo a essa altura, e o fato de que não queríamos dizer que algo tinha dado errado.

Deus, por que eu o convenci a ir naquela missão idiota? Eu deveria tê-lo deixado ficar em casa por culpa e preocupação. Pelo menos ele estaria vivo. Pelo menos ele estaria seguro. Ele provavelmente estava sendo torturado, cortado em pedacinhos minúsculos, e não havia nada que eu pudesse fazer para salvá-lo. A dor perfurou meu coração e eu esfreguei meu peito. Eu não aguentava. Não aguentava não saber. Não aguentava viver em um mundo onde não havia Nikolai. Continuei andando de um lado para o outro no quarto de Illayana, incapaz de ficar parada.

“Você vai fazer um buraco no meu chão”, Illayana comentou, seu olhar fixo na TV à sua frente. Ela estava sentada aconchegada em sua cama, uma tigela de pipoca em seu colo.

“Como você consegue estar tão calma?” Nikolai era o irmão dela. Ela deveria estar tão preocupada quanto eu! No entanto, ela estava sentada ali agindo como se nada estivesse errado.

“Estou seguindo o conselho muito sábio que alguém me deu quando eu estava saindo do controle. 'Não deixe seu medo e preocupação consumirem você. Seja forte por ele.'

É isso que estou fazendo. Estou sendo forte por Nik e por meu pai. Confiando neles. Tendo fé neles.”

“Quem disse isso? Parece estúpido pra caralho,” eu disse, continuando a andar de um lado para o outro.

Ela me lançou um olhar inexpressivo. “ Você disse isso, seu idiota.”

“Eu fiz?” Voltei para minha mente, lembrando vagamente de ter dito algo assim para ela quando ela estava surtando sobre seu pai. Eu realmente deveria ter seguido meu próprio conselho, mas não consegui. Eu estava cheio de toda essa

energia insuportável e inquieta, sem nenhuma maneira de me livrar dela.

Geralmente, quando eu estava me sentindo assim, eu ia correr. Mas prometi a Nikolai que não faria nada que me colocasse em perigo. Não que eu considerasse correr uma atividade perigosa. Mas eu sabia que ele considerava.

Por favor, Deus, que ele fique bem.

Depois de todas as nossas lutas, de todo o nosso coração partido, finalmente estávamos juntos novamente. Podemos não ter tido a conversa "oficial" ainda, mas para todos os efeitos, estávamos juntos. Ele era meu e eu era dele. Eu não achava que fosse possível, mas finalmente deixei o passado para trás. Eu finalmente encontrei uma maneira de não apenas seguir em frente, mas perdoá-lo pelo que aconteceu. Especialmente depois que Illayana me contou sobre o que ele disse antes de ir embora. Seus eventos daquela noite.

Eu nunca tinha dado a ele a oportunidade de falar sobre isso antes. No começo, eu estava sofrendo demais para ouvir o lado dele. E então, conforme o tempo passava, eu

simplesmente não queria pensar em tudo. Então... eu nunca perguntei.

A culpa me atingiu com força quando ela me contou sobre como ele caiu nos braços de Aleksandr, gritando e soluçando para que a dor parasse. Atingiu-me com mais força quando percebi que ele nunca tinha conseguido falar sobre isso com ninguém. Que nos últimos dois anos, ele estava mantendo todas as suas emoções daquela noite engarrafadas porque eu o fiz prometer que não contaria a ninguém.

Eu pelo menos tive meu pai para me ajudar a me sustentar durante aqueles primeiros meses. Aqueles meses em que eu queria acabar com minha vida só para ficar com meu filho. Nikolai não tinha ninguém. Ele teve que lidar com tudo sozinho. Eu deixei minha dor me engolir inteira, ignorando o fato de que ele também estava sofrendo.

Na verdade, eu não o merecia. Não mesmo. Mesmo depois de eu tê-lo cortado e mantido à distância, tê-lo feito lidar com aquela dor sozinho, sem ninguém em quem confiar, ele ainda me colocava em primeiro lugar... em tudo. Em todos os sentidos. O homem provou várias e várias vezes que me amava. Faria qualquer coisa por mim. Me protegeria a todo custo.

O cavaleiro com quem eu sonhava desde que era uma garotinha realmente estava bem na minha frente o tempo todo. Eu estava apenas cega demais pela dor e pelo ressentimento para ver isso.

Mas eu vi agora.

“Tudo bem, você está me deixando louco pra caralho. Você pode parar com isso?!” Illayana estalou, jogando pipoca em mim.

"Não consigo evitar", quase choraminguei, enterrando o rosto nas palmas das mãos.

“Jesus, eu nunca vi você assim. Você realmente o ama , não é?”

Espiei por entre os dedos para olhar para ela. Simpatia brilhou em seus olhos. Foi um pouco estranho falar sobre isso com ela, considerando quanto tempo eu estava escondendo esse segredo dela. Mas fiquei tão feliz que tudo estava exposto. Acontece que ser sequestrada por Franco foi a melhor coisa que poderia ter acontecido para nossa amizade.

Quem imaginaria? Não eu. Isso é certeza.

Illayana se sentiu tão culpada pelo que me disse. Sobre como ela reagiu quando descobriu pela primeira vez. A ideia de eu morrer e nunca conseguir resolver as coisas entre nós foi o chute no traseiro que ela precisava para deixar tudo para trás e seguir em frente. Nós conversamos por horas e tudo voltou ao normal. Foi como se a coisa toda nunca tivesse acontecido, como se ela soubesse o tempo todo.

“Eu sei. Porra, eu sei, Illayana. Algo está errado. Eu posso sentir nos meus ossos. Nós já deveríamos ter ouvido falar dele.”

Ela assentiu, sem negar. “Mas isso não significa que algo esteja errado. Talvez ainda não seja seguro entrar em contato conosco. Talvez ele não tenha reunido as informações de que precisa. Pode haver mil razões pelas quais ele não entrou em contato.”

“Sim. E uma dessas razões pode ser que ele foi descoberto.”

Ela exalou pesadamente. “Não vou contestar isso. Você está certa. Pode ser. Só

espero que não seja.”

Eu resmunguei e retomei o andar de um lado para o outro.

Houve uma batida na porta de Illayana.

“Entre!” ela gritou.

Drea entrou na sala, uma mulher de um metro e meio de altura. Eu mal tinha trocado duas palavras com ela, mas ela era da família agora. Ela estava coberta da cabeça aos pés de tatuagens e piercings e tinha uma vibe bem "garota roqueira", com jeans preto rasgado e camiseta de banda.

Eu nunca imaginei Aleksandr com alguém como ela. Ela era o oposto do homem: divertida, enérgica. Como uma grande bola de energia louca que não podia ser domada.

“Drea, ei. O que está acontecendo?” Illayana pausou a TV e se virou para encará-la.

“Ei. Você viu seu irmão?”

“Qual deles? Se Lukyan, não. Ele saiu ontem à noite e ainda não voltou para casa. Se Aleksandr, eu o vi cedo esta manhã quando ele estava treinando os soldados. Mas não o vi desde então.”

Drea mordeu o lábio. “Eu também não. Ele saiu há pouco tempo e não tive notícias dele desde então.”

“Tenho certeza de que não é nada.” Illayana pegou o telefone. “Vou tentar ligar para ele.”

“Eu tentei. O telefone dele está desligado.”

Com certeza, quando Illayana discou o número de Aleksandr, a ligação caiu direto na caixa postal.

“Isso é estranho,” Illayana franziu a testa. “O telefone dele nunca está desligado.”

“Talvez ele esteja em uma reunião?”, sugeri. “Para onde ele estava indo quando saiu daqui?”

“Ele disse que ia se encontrar com um cliente. Não sei, eu só—”

Eu engasguei, meus olhos se arregalando para ela. “Você tem 'a sensação', não é?”

Illayana gemeu. “Oh, não comece.”

“Qual é 'o sentimento'?” Drea perguntou, olhando entre nós dois.

“Como se algo ruim tivesse acontecido.” Esfreguei meu esterno. “Está bem aqui. E parece que você não consegue respirar.”

“Sim, na verdade.” Suas sobrancelhas franziram. “Não consigo explicar. É como uma sensação de… de—”

“Premonição”, terminei.

Ela assentiu, preocupação estampada em seu rosto. "Sim."

Apontei para Illayana. “Viu? Eu disse que algo está errado.”

Illayana revirou os olhos. Ela sacudiu os cobertores e pulou da cama, seus pés descalços batendo contra o piso de madeira. “Talvez o telefone dele tenha acabado de morrer?”

"Talvez", resmungou Drea, mas percebi que ela realmente não acreditava.

“Você quer andar comigo?”, perguntei, inclinando minha cabeça para o lado. “Isso me ajuda a me sentir um pouco melhor.”

Illayana interrompeu antes que ela pudesse responder.

“Não! Chega de andar de um lado para o outro.” Ela passou a mão no ar. “Vocês realmente vão fazer um buraco no meu chão. Por que não vamos correr ou algo assim?”

“Não posso,” eu disse, andando de um lado para o outro, apesar das palavras dela. “Eu disse a Nikolai que não faria nada que me colocasse em perigo.” Eu

levantei a mão para impedi-la de dizer o que eu sabia que ela diria. “Sim. Eu sei que não é realmente perigoso. Mas nós dois sabemos como seu irmão se sente quando eu vou correr, e eu prometi a ele.”

Um sorriso atrevido enfeitou seus lábios. "Eu pensei que isso era só se você corresse sozinho ?"

Eu congelei. Tecnicamente, ela não estava errada. Nikolai sempre surtaria porque eu corria sozinha. Mas se eu fosse com alguém, isso não seria quebrar minha promessa, seria?

Corri e agarrei Illayana pelo rosto, apertando suas bochechas. “É por isso que você é minha melhor amiga!”

Illayana lutou. “Você poderia sair?!”

Eu ri e plantei um beijo grande, molhado e desleixado em sua bochecha. Ela me empurrou para longe com um rosnado.

“E você, Drea? Quer correr?”, perguntei enquanto Illayana ia até o armário para calçar um par de tênis de corrida.

Ela balançou a cabeça. “Estou bem. Quero ficar aqui e esperar por Aleksandr. Ele pode voltar enquanto você estiver fora.”

“Boa ideia.” Olhei para Illayana. “Você quer ir agora?”

“Sim. Preciso sair desta casa.”

“Eu sinto isso.” Eu não tinha ido embora desde que Nikolai foi para a missão. Liguei para Belinda e disse a ela que estava com problemas familiares e que não conseguiria fazer nenhum dos meus turnos na semana seguinte. Ela foi surpreendentemente muito compreensiva sobre isso. Ela me disse para levar o tempo que precisasse, o que eu apreciei muito.

Drea apontou por cima do ombro para a porta. “Você quer que eu diga aos seus guarda-costas?” ela perguntou a Illayana.

“Porra, não,” minha amiga suspirou, uma máscara de horror tomando conta de seu rosto. “Eu preciso me afastar deles. Eles estão me deixando louca, me

seguindo para todo lugar . Juro, eles estão piorando cada vez mais.”

Eu ri. “Eu teria pensado que, depois de todo esse tempo, você estaria acostumado a eles.”

“Você se acostumaria a nunca mais poder mijar em paz?”

ela retrucou, irritada. “É como se, desde o seu sequestro, Arturo tivesse ficado mais paranoico de que algo iria acontecer. Que ele disse a eles para serem mais vigilantes.

Este quarto aqui é o único lugar em que posso ficar sozinha sem um deles respirando no meu maldito pescoço.”

“Sensível, sensível”, brinquei, dando-lhe um sorriso brilhante e radiante.

Ela estalou os dedos em um gesto do tipo "cale a boca". Ela olhou para Drea. "Quem está aí?"

“Os gêmeos”, respondeu Drea. “Eles estão apenas sentados lá fora brincando de 'Go Fish'.”

“Vai Pescar?” Eu ri. “Quantos são, doze?”

Drea riu. “Como você planeja contorná-los? Eles estão bem na porta.”

Illayana olhou para a janela, com um brilho travesso nos olhos.

“Você não pode estar falando sério,” Drea arfou. “Se você cair—”

“Eu não vou cair,” Illayana disse com total convicção. Ela prendeu o cabelo em um rabo de cavalo alto. “Eu já pulei daquela janela mil vezes. Só preciso que você diga a eles que vou dormir e não quero ser incomodada.”

Drea balançou a cabeça em diversão. “Tudo bem. Mas se algo acontecer, estou dizendo que tentei te impedir, mas você não quis ouvir.”

“Isso é totalmente crível”, eu assenti.

Illayana caminhou até a janela e a abriu bem. “Voltaremos em breve.”

Fiz uma saudação de despedida e então segui Illayana para fora. Havia um cano de esgoto bem ao lado da janela dela que costumávamos descer, um que tínhamos usado no passado para fazer exatamente a mesma coisa quando éramos mais jovens, quando o pai dela não nos deixava sair.

Havia alguns guardas circulando a propriedade, mas eles apenas balançaram a cabeça para nós quando nos avistaram, sem interferir. Illayana esperou por mim quando chegou ao fundo, estreitando os olhos em advertência aos

guardas, uma mensagem silenciosa para manterem suas bocas fechadas sobre o que viam. Eu suspeitava que eles fariam isso. Minha melhor amiga podia ser meio assustadora quando queria.

Eu me abaixei ao lado dela e tirei o cabelo do rosto. "Isso é meio divertido", sussurrei, sorrindo para ela. Por que eu estava sussurrando, eu não tinha ideia. Parecia apropriado para o momento.

Illayana sorriu. “Certo? É como aquela vez que escapamos para ver aquele show na cidade.”

Eu soltei uma risada. “Meu Deus, sim. Você se lembra de como nossos pais ficaram putos quando descobriram?”

Ela bufou. “Como se eu pudesse esquecer.” Ela balançou os dedos. “Papai acabou quebrando dois dos meus dedos no anel como punição.”

Eu suguei o ar entre os dentes. “Certo. Esqueci disso.

Droga, seu pai pode ser tão durão às vezes.”

“Só quando você desobedece uma das ordens dele,” ela deu de ombros. “Ok, a costa parece limpa. Vamos.”

Corremos pelo jardim da frente em direção ao portão principal, olhando constantemente por cima dos ombros como se esperássemos ver os guardas de Illayana nos perseguindo a qualquer momento. Não conseguíamos segurar as risadas enquanto corríamos. Era como se fôssemos crianças de novo. A nostalgia que isso trouxe foi inacreditável, e honestamente ajudou a me distrair, de ser sugado para todos os pensamentos negativos que minha mente insistia em jogar na minha cara.

Os guardas no portão principal nos lançaram olhares estranhos enquanto corríamos em direção a eles, quase tropeçando uns nos outros.

“Abra, abra”, Illayana ordenou, saltando sobre os pés, a excitação literalmente transbordando dela.

Nem esperamos que ele abrisse completamente. No segundo em que começou a se mover, nos espremos pela pequena abertura e irrompemos pelo outro lado.

“Para onde?!” eu gritei, minha cabeça virando da esquerda para a direita.

“Eu não sei!” ela riu. “Por aqui!” Ela foi para a direita e eu a segui, nós dois uivando de tanto rir. Nós corremos pela estrada como se estivéssemos sendo perseguidos por um louco com uma motosserra, e só começamos a diminuir a velocidade quando a casa estava bem longe.

“Ok, ok, acho que estamos seguros”, Illayana ofegou, mudando para uma caminhada leve.

Eu fiz o mesmo. “Gostaria de estar lá para ver a cara deles quando descobrirem que você se foi.”

“Eu também.” Ela colocou as mãos nos quadris e estabilizou a respiração enquanto andava. “Mas eu me sinto um pouco mal. Eles vão surtar.”

“Eh. Eles vão superar isso. Será que a gente não deve correr até minha casa e voltar? Talvez a gente volte antes que eles percebam.”

Ela assentiu. “Sim. Isso parece bom.”

“Você define o ritmo. Eu sigo.”

"Tudo bem."

Corremos em um ritmo leve e fácil. Era fim de tarde, então não estava muito quente (o que era bom, porque Illayana ficava meio irritada com o calor). Minha mente vagava, mas era fácil voltar ao momento contando minhas respirações e focando nos meus passos.

Era exatamente o que eu precisava. Eu estava tão distraído com tudo na minha

vida que não tinha ido correr direito em quase um mês. Eu esqueci o quanto isso me acalmava. A única desvantagem era que eu não tinha minha música, mas tudo bem.

Chegamos à minha casa em tempo recorde, entramos para beber água e depois saímos de novo, tudo às pressas.

Agora que a adrenalina da fuga havia passado, acho que Illayana estava determinada a voltar antes que seus guardas percebessem que ela estava desaparecida. Embora ela estivesse desesperada por um tempo longe deles, eu sabia que ela se sentiria culpada se Arturo descobrisse e os punisse porque ela decidiu abandoná-los. Ela ainda se sentia mal pelo que ele fez com eles quando Rayna a sequestrou.

Vadia idiota. Fiquei feliz que ela estava morta. O único ponto negativo foi que não consegui ver.

Eu estava tão zonzo e no meu próprio mundinho, que não notei a van até que fosse tarde demais. Ela desviou bem na nossa frente em uma velocidade alucinante, quase batendo em nós.

“Cuidado!”, gritei. Nós mergulhamos em direções diferentes, conseguindo evitá-lo por pouco. Rolei pela estrada, a dor queimando por todo o meu corpo enquanto minha pele raspava no asfalto.

Estremeci, colocando as mãos no chão e tentando me levantar.

Que diabos?

“Sai de cima de mim!” Illayana rugiu.

Meu olhar se voltou para ela em pânico. Quatro homens mascarados a estavam empurrando para dentro da van.

“Ei!” Ignorei a dor e me levantei, correndo. A porta bateu bem quando a alcancei e minhas mãos bateram nela. “Ei!

Solte-a!” Fui até a maçaneta, tentando freneticamente abri-la, mas estava trancada. Bati meus punhos contra a porta.

“Solte-a!”

A van começou a se mover e eu corri com ela, batendo nela violentamente. "Illayana! Illayana!" Ela ganhou mais velocidade e eu tentei acompanhá-la, correndo ferozmente

ao lado dela o máximo que pude, mas ela rapidamente saiu em disparada pela estrada com um guincho.

Parei relutantemente, incapaz de ir mais longe. Fiquei olhando para a van, sem fôlego. “Illayana,” ofeguei pesadamente, observando a van desaparecer da minha linha de visão.

O que diabos aconteceu?



Capítulo Trinta e Sete

NIKOLAI VOLKOV

“N IKOLAI. NIKOLAI, ACORDE .”

Eu gemi, rolando para o meu lado. Minha cabeça latejava, um baque, baque, baque constante atrás dos meus olhos que me deixou completamente desorientado.

O quê-como—

“Nikolai.”

Eu me esforcei para abrir os olhos, a tontura na minha mente tornava impossível me orientar. A última coisa que eu lembrava era de estar no elevador, indo para o último andar. As portas se abriram e—

Meus olhos se abriram de repente. Dominik .

Oh não.

Pisquei rapidamente e meus arredores gradualmente apareceram. A primeira coisa que vi foram as barras de metal.

Não. Não, não, não.

Lutei contra a névoa que continuava tentando me puxar de volta para baixo e gemi enquanto me sentava lentamente, meus membros parecendo gelatina.

Sim. Eu estava lá embaixo na masmorra abaixo da Arena.

Soltei um suspiro derrotado. Porra. Isso não é bom. Olhei em volta, vendo meu pai na cela à minha esquerda e, à minha direita—

“Alexandre?”

Meu irmão mais velho estava encostado na parede de concreto no fundo de sua cela, sua cabeça inclinada para o

teto e braços cruzados sobre o peito. Quando ele me ouviu dizer seu nome, sua

cabeça rolou na minha direção e ele me deu um sorriso triste.

“Eu também estou aqui.” Na cela ao lado da de Aleksandr, Lukyan acenou com a mão.

"Eu também." Illayana colocou a cabeça ao redor do corpo de Lukyan da cela ao lado da dele, que estava bloqueando sua visão.

Eles estão todos aqui?

"Não", eu gemi, enterrando minha cabeça em minhas mãos.

"Vocês idiotas tentaram nos resgatar quando não tiveram notícias minhas?" Teria sido uma missão suicida completa.

Eles não tinham nenhuma informação necessária para fazer algo assim. Não é de se espantar que eles também tenham sido pegos. Eles deveriam ter esperado—

“Não,” Aleksandr resmungou e eu franzi a testa.

“Você não fez?” Olhei ao redor da sala. “Então o que diabos vocês estão fazendo aqui?”

“Fui atacado”, respondeu Aleksandr, com a voz cheia de raiva.

Lukyan levantou a mão. “O mesmo.”

“Idem”, interrompeu Illayana.

“Espera, vocês todos foram sequestrados? Ao mesmo tempo ?”

“Não,” Illayana disse, balançando a cabeça. “Lukyan foi o primeiro. Aleksandr o segundo. Depois eu. Acho que foi esse o cronograma que elaboramos, hein?”

“Parece certo”, Lukyan assentiu. “Eu estava com as bolas enfiadas nessa loirinha bonitinha quando um bando de caras mascarados entrou e me atirou com um dardo.” Ele me lançou um olhar impassível. “Um dardo de merda .”

“Eu estava entrando no meu carro depois de visitar um cliente quando esta van parou ao meu lado.” Aleksandr agarrou as barras com as mãos, o metal gemendo enquanto

ele apertava com força. “O filho da puta me deu um dardo também. Mas consegui matar alguns deles antes de desmaiar.”

"Você fez?" Lukyan franziu a testa em confusão. "Eu não fiz." Juro por Deus, ele fez beicinho. "O que quer que estivesse naquelas coisas me derrubou de bunda. Eu nem tive tempo de puxar minhas malditas calças para cima."

“Fui atacada enquanto estava correndo.” O rosto de Illayana era uma máscara de raiva furiosa. “Eles quase me atropelaram com a van e eu tive que pular para fora do caminho. Então quatro caras simplesmente me pegaram e me empurraram para dentro dela.”

Eu enrijeci com suas palavras, meu olhar se voltando para ela. "Você estava com Tatiana." Eu não formulei isso como uma pergunta, porque não era uma. Minha irmã não corria.

Ela se mantinha em forma, sim. Mas correr não era sua válvula de escape. Era de Tatiana.

Illayana evitou meus olhos e eu sabia que estava certo.

Pulei de pé, tentando freneticamente olhar para as outras celas.

Por favor, Deus. Não. Não faça isso comigo. Já era difícil lidar com o fato de que minha família inteira estava lá. Se Tatiana estava muito—

“Ela não está aqui”, Illayana disse, mas suas palavras não me deixaram à vontade. “Eles só me queriam.”

“Você não sabe disso.” Todas as outras celas que eu conseguia ver estavam vazias. As únicas pessoas naquela sala éramos nós. Talon deve ter tirado todos os outros prisioneiros quando nos levou para lá.

“Eu sei. Ela estava batendo na van tentando me tirar quando decolamos. Eles a deixaram lá. Acredite em mim, era só a mim que eles queriam.”

“Confiar em você?”, sibilei, movendo-me para a direita para agarrar o conjunto de barras entre Aleksandr e eu, olhando

para ela. “Você acha que eu não sei que foi sua ideia de correr? Ela não teria

feito isso a menos que você a convencesse a fazer. Ela me prometeu—”

“Você está falando sério agora?” Illayana gritou incrédula.

“Olhe ao redor, seu idiota. Ela não está aqui. Ela está bem.

Sai da minha cola, porra.”

Eu rosnei, sacudindo as barras. "Você tem muita sorte de estar aí, senão eu te estrangularia."

“Ok, pessoal, vamos nos acalmar—”

“Cale a boca, Lukyan!” Illayana e eu gritamos.

Lukyan arfou, então franziu o cenho com raiva. “Não! Vocês

, calem a boca! Estou farto de todos vocês sempre me dizendo para calar a boca.”

Illayana chutou as barras que a separavam de Lukyan. “É

porque ninguém quer ouvir o que você tem a dizer!”

Lukyan investiu, suas mãos alcançando o pescoço dela através das barras. Illayana conseguiu pular para trás bem a tempo. “Venha aqui e diga isso na minha cara!”

“E se Tatiana estiver caída na beira da estrada, ferida?

Como você pôde ser tão idiota—”

“Não me chame, idiota!” Illayana retrucou.

“Por que não?” Lukyan interrompeu. “Você vai.”

Começamos todos a gritar uns com os outros. Eu com Illayana. Illayana com Lukyan. Lukyan com Illayana e eu.

Nós três gritamos uns com os outros, sem deixar ninguém falar nada. Nós alternamos entre inglês e russo enquanto a briga começava a mudar, questões do

passado vindo à tona que não tinham absolutamente nada a ver com o que estávamos discutindo, mas apenas jogavam lenha na fogueira.

“Eu sei que foi você quem comeu o último brownie!”

Lukyan gritou para Illayana.

“Sabe de uma coisa? Eu fiz! E foi uma delícia pra caralho!”

Illayana gritou de volta. Seu olhar se voltou para mim. “E

você! Tem algum outro amigo meu que você gostaria de foder?!”

Joguei minhas mãos para o alto. “Que amigos?! Você só tem um, porque as pessoas não te suportam,” eu sibilei.

Illayana engasgou de indignação. “Você—” Ela olhou para Aleksandr. “Você vai ficar aí parada e deixá-lo falar comigo desse jeito?”

“Isso não me envolve”, ele resmungou.

“Oh, não vá correndo até Aleksandr para salvá-lo,” eu disse, balançando a cabeça. “Lute suas próprias batalhas.”

“Espere até eu sair daqui,” ela rosnou. “Eu vou te foder—”

“Certo. Porque isso funcionou tão bem da última vez, hein?

Me diga, como está seu braço?”

Lukyan riu, apontando para Illayana. “Ha, ha, ele chutou sua bunda.”

“Vou chutar sua bunda!”

“TIKHIY!” QUIETO! meu pai rugiu.

Todos nós fechamos a boca ao seu comando, aquela palavra tão poderosa que não podíamos fazer nada além de ouvir.

Eu me virei para encará-lo. Foi a primeira vez que o ouvi dizer algo desde que acordei. Para ser honesto, eu tinha esquecido completamente que ele estava no

quarto. Meu medo e raiva por Tatiana me consumiram tão completamente que eu ataquei sem pensar.

O silêncio que se seguiu depois de tantos gritos e berros foi totalmente chocante.

Autumn tossiu desajeitadamente, o som ecoando pela sala.

“Bem—”

O pai se virou para ela e apontou um dedo. “Nem uma palavra sua.”

Ela levantou as mãos no ar. “Aye-aye, Sr. Grouchy.”

Lukyan riu baixinho, levando a mão à boca para tentar disfarçar o riso.

Assim, a tensão no ar desapareceu e tudo voltou ao normal.

Illayana e eu nos olhamos.

“Desculpe”, nós dois resmungamos ao mesmo tempo.

“Ahem,” Lukyan apontou para seu peito. “Onde está meu pedido de desculpas?”

Illayana e eu reviramos os olhos, mas também lhe pedimos desculpas.

“Tudo bem,” Pai começou, cruzando os braços sobre o peito. “Agora, precisamos bolar um plano—”

A enorme porta de metal no final da sala se abriu e todos nós ficamos em posição de sentido quando Dominik entrou.

Quaisquer diferenças que tínhamos um momento atrás se foram. Nós apresentamos uma frente unida, cada um de nós se movendo para a frente das barras e olhando para o homem responsável por nos colocar lá. Eu agarrei as barras com tanta força que meus nós dos dedos ficaram brancos, imaginando que eram o seu maldito pescoço.

Ele parecia exatamente com o Pai, mas não ao mesmo tempo. Eles eram gêmeos idênticos, então tinham as mesmas características faciais. Mas onde o Pai parecia forte, resistente e em forma, Dominik parecia fraco, ligeiramente gordinho e pálido. Ele não tinha a mesma aura aterrorizante que meu pai exalava, o respeito

instantâneo que as pessoas sentiam que um homem como Dimitri merecia.

Acho que esse sempre foi um dos fatores que contribuíram para o ódio que Dominik sentia por meu pai. Ele odiava que ele nunca pudesse se comparar a ele.

“Minha família.” Dominik sorriu, seus braços abertos como se estivesse se preparando para nos abraçar. “É tão bom ver todos vocês novamente. Faz tanto tempo que não estamos todos juntos assim.”

“Você quer dizer desde que você explodiu meu casamento?” Illayana rosnou, arqueando uma sobrancelha.

Dominik dispensou isso. “Ah, aquela coisinha? Foi só uma brincadeira.”

Illayana sorriu, um sorriso verdadeiramente sombrio e maligno que fez Dominik enrijecer apesar de estar separado por grossas barras de metal. “Estripar sua filha também foi.”

Seus olhos se estreitaram, mas então ele apenas deu de ombros. Essa era uma das grandes diferenças entre meu pai e Dominik. Meu pai amava todos os seus filhos com cada célula do seu corpo. Ele morreria para nos proteger.

Dominik, no entanto, não se importava nem um pouco. Ele usou Rayna como seu peão para realizar qualquer plano que tivesse e então simplesmente a jogou de lado quando ela não era mais útil para ele.

"Se ela não fosse uma decepção tão grande, eu poderia realmente me importar", Dominik riu. Ele soltou um suspiro de satisfação, andando para cima e para baixo em nossa fileira de celas com olhos admirados, como se estivesse muito feliz em ver o que estava vendo. Ele parou na frente da cela de Aleksandr e inclinou a cabeça. "Você se lembra da nossa última conversa, não é? Aposto que você está desejando agora mesmo ter aceitado minha oferta."

Aleksandr se inclinou para frente ameaçadoramente.

Dominik se inclinou para trás no piloto automático, um movimento inconsciente que ele não conseguia parar e que mostrava que ele estava com medo do meu irmão.

Aleksandr não disse nada, deixando seu olhar assassino falar por si.

Dominik engoliu nervosamente e lambeu os lábios. Ele se afastou da cela e parou na frente da minha. Se não fosse pela situação em que estávamos, eu teria gostado de assistir aquilo.

“Oi, sobrinho. Desculpe pelo dardo.”

“Não, você não está”, eu zombei.

“Eu realmente estou.” Ele quase soou… sincero. “Você sempre foi meu favorito, sabia. Eu gostaria de ter te mantido fora disso, mas quando te vi aqui na primeira rodada dos jogos, eu sabia que não podia.”

Eu franzi a testa. “Você me viu?”

“Eu estava esperando para testemunhar a queda de Dimitri desde que eu tinha dez anos. Você realmente achou que eu não estaria aqui para vê-lo morrer?” Ele balançou a cabeça.

“Eu estava em um dos camarotes assistindo às lutas quando vi você como um dos seguranças. Inteligente, entrando sorrateiramente como um dos trabalhadores.

Talon não acreditou quando eu contei a ele.”

Eles sabiam que eu estava aqui desde a primeira rodada?

Por que não me capturaram imediatamente? Eles ainda me deixaram vagar por lá até—

“Você esperou até que eu visse meu pai lutar antes de me capturar.”

Dominik deu de ombros preguiçosamente, seus lábios se curvaram em um sorriso irônico. “Talon e eu achamos que seria divertido para você assistir seu pai nos jogos.” Ele foi até a cela do pai em seguida e os dois homens se encararam, anos de ódio e raiva se formando entre eles.

“Como se sente, Dimitri? Finalmente ser derrotado por mim.”

O pai bufou. “Você não me derrotou, Dominik. E nunca derrotará. Se você achasse que poderia me derrotar sozinho, você teria me desafiado. Mas, em vez disso, você se escondeu atrás de Talon e recorreu a subterfúgios. Isso só mostra o quão fraco você realmente é. Não é de se espantar que o pai nunca tenha lhe dado uma posição que valha qualquer substância.”

O maxilar de Dominik se apertou. “Existem diferentes formas de força, irmãozinho. Existe o físico, e então existe a mente.” Ele bateu na têmpora duas vezes. “Quem se

importa como eu fiz isso. Eu fui mais esperto que você. E

quando você e seus filhos morrerem, o papel de Pakhan vai cair para mim . Onde deveria ter estado legitimamente o tempo todo.”

Talon entrou, seis guardas do time A atrás dele. Ele estava usando outro smoking caro, sua gravata borboleta vermelha ligeiramente torta. Um pequeno detalhe para notar, mas estava me irritando pra caramba.

Dominik sorriu e acenou pretensiosamente para todos nós.

“Estou ansioso para ver todos vocês muito em breve. Pela última vez.” Ele acenou para Talon e então saiu sem olhar para trás.

Talon parou no centro da sala, seu olhar se movendo de Illayana para meu pai. “Olá, Volkovs.” Ele sorriu, e não continha nada além de arrogância e triunfo.

Nenhum de nós respondeu.

“Não é um grupo muito falante, eu vejo. Compreensível, dadas as suas circunstâncias.” Ele andou pela fila de celas, começando na de Illayana e indo até a do meu pai, olhando atentamente para cada um de nós enquanto passava. Ele parou quando chegou à cela do meu pai e balançou para trás nas pontas dos pés, as mãos atrás das costas. “Ah, Dimitri,” ele exalou. “Dimitri, Dimitri, Dimitri. Você sabe que eu não queria que chegasse a isso. Sério, eu não queria.”

“Sério?”, o pai falou lentamente, parecendo entediado.

A irritação piscando nos olhos de Talon dizia que ele não gostava disso. "Eu ficaria feliz só com você, mas então você teve que ir e mandar seu pequeno

rebanho atrás de mim."

Ele acenou no ar para meus irmãos e eu. "Agora vocês todos vão poder fazer parte dos meus jogos."

“Você está ainda mais iludido do que eu pensava se pensa por um segundo que estou lutando contra meus filhos.”

“Ah, vamos lá, me dê um pouco de crédito,” Talon sorriu.

“Até eu sei que tarefa inútil seria essa. Afinal, o amor que você tem pela sua família é famoso, Butcher .” O ciúme e o ódio naquela única palavra falavam muito .

“Você não gosta do fato de que a multidão torceu mais alto para meu pai do que para você, não é?”, perguntei, e as peças de repente se encaixaram. Percebi isso na noite em que meu pai lutou, mas pensei que talvez fosse só porque a multidão estava ansiosa para começar a luta. Mas não era isso.

Antes da primeira rodada dos jogos começar, Talon apareceu no telão para se apresentar e apresentar os jogos que ele havia criado. Ele recebeu aplausos leves. Nada mais do que alguém pode receber depois de fazer um discurso chato que fez metade da sala dormir.

Mas quando meu pai foi anunciado? A arena inteira tremeu com o rugido da multidão. Parte disso também poderia ser atribuído ao seu parceiro, The Crimson Death, mas eu duvidava muito que tal detalhe importasse para Talon.

“É disso que se trata, não é?” Inclinei a cabeça. “Você tem ciúmes do meu pai. E qual melhor maneira de derrubá-lo do que fazê-lo lutar em seus joguinhos.”

Talon manteve a compostura muito bem, mas o leve tique em seu maxilar me disse que minhas palavras o incomodaram. "É ridículo, sabia? Fui eu quem criou tudo isso." Ele abriu bem os braços. " Eu criei os jogos. Eu fiz esta ilha e a Arena. Eu criei um lugar seguro para os ricos e poderosos virem e soltarem todos aqueles pequenos demônios desagradáveis que eles mantêm trancados no mundo. E ainda assim, você é aquele por quem eles torcem?" ele zombou. "Por quê? Porque você matou um monte de gente? O que diabos faz você ser tão especial, Dimitri?"

Meu pai sorriu. “Parece que você está projetando o que aconteceu todos aqueles anos atrás para o presente. Então seu pai lhe disse que queria que eu fosse filho dele. E daí?”

Isso era novidade para mim. Mikhail também não tinha mencionado isso. Mas, por outro lado, talvez ele não soubesse.

O rosto de Talon ficou vermelho de raiva. "Eu te trouxe aqui para que eu pudesse ter um lugar na primeira fila para sua morte e, não só eu posso assistir você morrer, mas eu posso ver toda a sua família morrer junto com você." Um sorriso maligno e diabólico enfeitou seus lábios. "O que eu planejei fará você implorar por sua vida e pela vida de seus filhos."

Ele voltou sua atenção para Autumn. "Você, Srta. Devalos, tem uma escolha. Você não está envolvida nisso, então eu vou te dar a oportunidade de trocar de parceiros de luta.

Jessica Clifford, a vencedora feminina do primeiro round...

faleceu inesperadamente. Samuel precisa de um parceiro ou ele corre o risco de continuar nos jogos sozinho. Como eu sou um anfitrião tão gracioso, vou permitir que você se desvencilhe dessa situação e deixe os Volkovs sofrerem sozinhos."

Autumn não disse nada a princípio, seus olhos se movendo sobre nós um por um até que finalmente pousaram em meu pai. Ele não falou, mas eles compartilharam algum tipo de momento que o resto de nós não tinha acesso. Algo que estava acontecendo apenas entre os dois.

“Obrigada pela oferta, mas vou ter que recusar.” Autumn se inclinou contra a lateral da cela, braços cruzados sobre o peito. “Eu vi o que Samuel pode fazer, e sem ofensa, mas acho que tenho mais chances com esse pessoal,” ela terminou, erguendo o polegar para nós.

Talon sorriu maldosamente. “É o seu funeral.” Ele caminhou de volta pela linha de celas e parou na frente de

Aleksandr, admirando-o. “Você matou três dos meus homens, mesmo depois que eles te deram dardos.”

Aleksandr apenas resmungou.

“Imagino que não consegui te convencer a lutar por mim em uma competição diferente? Poderia te render muito dinheiro.”

“Eu tenho muito dinheiro.”

“ Mais dinheiro.”

“Não estou interessado.”

Talon cantarolou. “Decepcionante.” Ele passou por Lukyan, que estava olhando para ele com a morte, seus olhos seguindo o homem enquanto ele continuava e parava na frente da cela de Illayana. “Vocês provaram ser muito engenhosos, então acho que algumas precauções extras são necessárias para garantir que vocês não tentem executar algum tipo de plano de fuga ridículo.” Ele olhou para um dos guardas. “Abra a cela.”

O pânico percorreu minha espinha. Meu pai, Aleksandr, Lukyan e eu nos esgueiramos para frente, observando com medo enquanto a cela de Illayana era aberta e quatro dos guardas entravam, cercando-a. Dois deles a agarraram pelos braços enquanto os outros dois colocaram um par de algemas grossas de metal em seus pulsos. Então eles a escoltaram para fora para ficar ao lado de Talon.

Illayana não disse uma palavra. Não lutou. Ela apenas encarou Talon com um olhar furioso que envergonharia meu pai.

O pai rosnou, e sua gaiola chacoalhou. “Toque nela, Talon, e eu juro por Deus, eu vou—”

"Você vai o quê?" Talon sorriu, movendo-se atrás dela. Ele se pressionou contra ela, enterrando o rosto em seu cabelo e

cheirando-a.

Illayana

respirou

fundo

e

ficou

completamente parada, cabeça erguida, rosto forte, como se o que ele estava fazendo não a estivesse afetando. Mas

eu sabia que tinha que afetar. Ela estava se mostrando forte para nosso pai, para nós.

“Não há nada que você possa fazer, Dimitri. Eu sou a única no controle aqui. Você pode passar os próximos dias pensando em todas as maneiras desagradáveis que estou contaminando sua linda filhinha aqui.”

Meu cérebro explodiu de fúria e eu bati nas barras com meu corpo ao mesmo tempo que o Pai e Aleksandr fizeram.

As celas tremeram . Todos nós continuamos batendo enquanto Lukyan optou por chutar furiosamente, cada um de nós gritando e xingando Talon para deixá-la ir, para não tocá-la.

Mas o homem apenas sorriu, parecendo feliz com a reação que suas palavras e ações provocaram. "É isso", ele encorajou, nos incitando. "Deixe essa raiva aumentar! Isso tornará a luta mais divertida." Ele agarrou o queixo de Illayana e passou a língua por sua bochecha. Ela estremeceu de repulsa e isso fez o Pai rugir de fúria, seu corpo batendo nas barras repetidamente.

Meu ombro doía. Eu já podia sentir os hematomas se formando na minha pele, mas não parei de tentar quebrar a cela. Nem Aleksandr ou Lukyan. Nós chutamos, batemos e batemos nossos punhos. Tudo isso enquanto Talon ria.

"Ostanavlivat'sya." Pare, Illayana sussurrou.

Eu não queria. Eu sabia que era fisicamente impossível quebrar as barras, mas eu não queria parar de tentar.

Como eu poderia? Ela era minha irmãzinha. Era trabalho de um irmão mais velho proteger sua irmãzinha. Eu não conseguia parar.

“Ostanavlivat'sya.” Pare, Illayana disse novamente, implorando, implorando.

O olhar no rosto dela e o sofrimento em camadas naquela única palavra foi o que fez isso por mim. Ver a gente se

machucando tentando chegar até ela estava machucando ela .

Um por um, todos nós paramos. Primeiro Lukyan. Depois eu. Depois Aleksandr. O pai foi o único que não parou. Seus punhos sangraram. Seu corpo estava coberto de marcas vermelhas

brilhantes

que

se

transformariam

em

hematomas dolorosos. Marcas das barras apareciam em seus ombros. E ainda assim ele continuou tentando, recusando-se a desistir.

"Otets. Ostanavlivat'sya. Pozhaluysta." Pai. Parar. Por favor.

Illayana sussurrou tristemente.

O pai tentou mais algumas vezes antes de finalmente fazer o que ela pediu, soltando um suspiro derrotado. Illayana olhou para ele e lhe deu um pequeno sorriso.

"Vse normal'no." Está tudo bem, ela disse, a voz forte. "Eu vou ficar bem."

“Aww,” Talon arrulhou condescendentemente. “Que fofo.”

Sua risada seguinte me fez cerrar os punhos, meus dentes rangendo. “Vocês todos deveriam tentar descansar um pouco. Confiem em mim quando digo que vocês vão precisar.”

A agonia tomou conta de mim enquanto ele conduzia Illayana para fora do quarto, fechando a porta com força atrás deles.



Capítulo Trinta e Oito

TATIANA ANDREEVA

“H OMO ISSO ACONTECEU ?” Mikhail perguntou, a pergunta dirigida a ninguém em particular.

Estávamos todos reunidos no escritório de Aleksandr; eu, Drea, Arturo, Vincenczo, meu pai, os guardas de Illayana, alguns dos soldados de alta patente da Bratva, o Sovietnik , Vladimir e, claro, Mikhail.

Depois que Illayana foi sequestrada, corri de volta para a casa deles para relatar. Eu tinha dado uma descrição da van, mas não havia placa, então as chances de encontrá-la eram mínimas. Foi quando descobrimos que não só ela tinha sido

sequestrada, mas também Aleksandr e Lukyan.

Era uma situação completamente sem precedentes. Nunca na história da Bratva, não só o Pakhan, mas todos os seus filhos também, foram sequestrados. Se a notícia vazasse, poderia significar o fim da Bratva.

Como esposa de Aleksandr, Drea estava tecnicamente no comando agora, mas eles estavam casados há pouco tempo.

Alguns soldados da Bratva já tinham começado a mostrar indiferença a ela. Isso não era um bom presságio para ela, ou para nós. Precisávamos da lealdade de todos os soldados se quiséssemos realizar qualquer tipo de resgate.

Como? Bem, eu ainda não tinha descoberto isso.

Arturo andava de um lado para o outro no escritório e todos ficavam fora do seu caminho. A raiva que emanava daquele homem era o suficiente para fazer até eu me afastar dele. "Quem diabos se importa com como isso

aconteceu?", ele gritou para Mikhail, sem parar de andar.

"A questão é que aconteceu, e precisamos fazer um plano."

Mikhail sentou-se para frente e entrelaçou os dedos, encarando Arturo. “Eu me importo,” ele disse severamente.

“Se há um rato, alguém relatando os movimentos desta organização para Talon, então precisamos saber e encontrá-los antes de bolarmos qualquer tipo de plano de ataque. Caso contrário, estaremos apenas caminhando direto para uma armadilha.”

“Você tem certeza de que é Talon que os tem?”, perguntei, franzindo a testa em pensamento. Claro, fazia mais sentido.

Era a conclusão mais lógica. Mas tínhamos que ter certeza

.

“Tão certo quanto posso estar.”

Drea estava sentada atrás da mesa na cadeira de Aleksandr. Ela parecia ainda menor nela, o tamanho gigantesco da coisa quase a engolindo inteira. Mas ela não deixou que isso a afetasse. Ela estava sentada alta e orgulhosa, como se tivesse todo o direito de estar ali, naquela posição. "Primeiramente, vamos descobrir como todos eles foram sequestrados."

“Foi claramente um ataque coordenado.” Vladimir cruzou os braços sobre o peito, de pé ao lado de Drea. Ele não demonstrou nada além de respeito a ela e deixou claro que era leal a ela e seguiria suas ordens, algo que não poderia ser dito de alguns dos outros soldados na sala. Assim que Aleksandr descobrisse, ele os mataria. Com certeza.

“Cada um deles foi alvo quando estava mais vulnerável.

Quando estava longe de casa”, Vladimir concluiu.

“Como Talon poderia saber disso?” meu pai perguntou.

A resposta veio a mim num momento de inspiração.

Toquei a parte de trás do meu pescoço. “Os rastreadores deles,” sussurrei, passando um dedo pela pequena cicatriz.

Olhei para Mikhail. “Isso é possível?”

Ele franziu os lábios em pensamento. “Pode ser.

Especialmente se eles soubessem qual frequência os rastreadores usam. É seguro assumir que Talon e Dominik estão em conluio um com o outro. Dominik sabe sobre os rastreadores. Ele cortou isso de Dimitri antes de sequestrá-lo. Tudo o que ele precisaria é do número de série dele e então ele poderia usar isso para hackear o sistema e rastrear os outros. Os de Aleksandr, Lukyan e Illayana.”

“Então Talon usou seus rastreadores contra eles e esperou o momento oportuno para sequestrá-los?” Drea franziu a testa. “Por quê? O que ele quer com eles? Não é a rixa dele com Dimitri? Não faz sentido pegá-los. Ele tem o que quer: Dimitri acorrentado.”

“Pode haver uma série de razões,” Mikhail respondeu.

“Talvez para usá-los para torturar Dimitri. É bem sabido o quanto ele ama seus filhos. Talvez Nikolai tenha sido descoberto e Talon decidiu capturar os outros para garantir que eles não interfiram em seus planos.”

“Ou?” Arturo pressionou, parando de andar para encarar Mikhail. Ele claramente sentiu o que eu senti — que pode haver outra razão pela qual Talon os sequestrou. Uma razão pela qual Mikhail estava hesitante em falar.

“Ou… ele quer usá-los em seus jogos. Pense nisso. Ter o coração da Bratva em algo assim? Seria o jogo do século.”

Ansiedade, preocupação, medo... todos eles me agarraram de uma vez e eu apertei meu peito, lutando para respirar.

Eu sabia que algo estava errado. Eu senti isso em meus ossos, em minha alma. E eu ignorei.

Arturo xingou em italiano e voltou a andar de um lado para o outro, seus passos ecoando pela sala. Seu irmão tentou oferecer apoio, mas ele não queria ouvir uma palavra, batendo em suas mãos quando tentou confortá-lo.

Drea exalou, esfregando as têmporas, os ombros tensos de estresse. “Estou me inclinando para isso.”

Um coro de acordos ecoou pelo ar, com todos concordando.

“Tudo bem.” Ela empurrou a apreensão que eu podia ver em seus olhos, sentando-se mais ereta e projetando um ar de força e confiança. “Então, precisamos bolar um plano para—”

“Desculpe, mas por que estamos ouvindo você?” Era um dos soldados de alta patente da Bratva. Peter? Paul? Não, Perry? Porra, por que eu sempre fui tão ruim com nomes?

“Você não é o Pakhan . Você só é casada com ele. Só porque ele se foi não significa que temos que receber ordens suas

__”

Drea sacou uma arma e atirou na cabeça dele sem hesitação nenhuma. Seu corpo

caiu no chão, sangue e massa encefálica espirrando pela parede. Fumaça saiu do cano da arma, curvando-se no ar. Ninguém moveu um músculo, a sala ficou mortalmente silenciosa. Ela colocou o cotovelo na mesa e se inclinou para frente, deixando a arma pousar em sua mão enquanto preguiçosamente a apontava ao redor da sala.

“Havia mais alguém?” Ela moveu os olhos de uma pessoa para outra, desafiando-as a darem um passo à frente.

Desafiando-as a questionar seu direito de estar sentada naquela cadeira, de dar ordens.

"Não."

"Não."

“Não.”

"Não."

Ela assentiu, satisfeita. “Bom.” Ela colocou a arma no chão, mas a manteve ao alcance dos braços. “Agora, precisamos bolar um plano.”

“Qualquer plano que inventarmos será inútil a menos que encontremos a localização daquela ilha”, disse Mikhail, sua voz cheia de frustração. “Essa foi a razão pela qual enviamos Nikolai disfarçado.”

“E não há outra maneira de descobrir onde fica?”, perguntou Vincenzo.

As pessoas começaram a lançar ideias, todas esmagadas por Mikhail. A tensão na sala aumentava cada vez mais a cada sugestão que ele rejeitava, e eu sentia a esperança dentro de mim diminuir a cada segundo. Eu não gostava de me sentir tão impotente, como se não houvesse nada que eu pudesse fazer. As pessoas que eu amava estavam em perigo mortal e tudo o que eu podia fazer era ficar ali e ouvir desesperadamente enquanto cada ideia era desperdiçada. Considerada muito arriscada ou sem chance de sucesso.

Não podia ser assim que terminava. Tinha que haver algo que pudéssemos fazer. Talon não podia vencer. Não podíamos deixar que ele simplesmente entrasse em nossas vidas e levasse aqueles que amávamos sem consequências.

“Você está bem?” Meu olhar cortou para meu pai que tinha se movido para o meu lado. Ele me observou com olhos preocupados enquanto todos continuavam a discutir entre si sobre o que fazer.

“Não, não estou”, respondi honestamente. Como eu poderia estar bem? O homem que eu amava iria morrer... se ele já não estivesse morto, é claro. A dor apertou meu coração, apertando-o a ponto de eu sentir que ia desmaiar de agonia. Eu não conseguiria viver em um mundo sem ele.

Meu pai colocou uma mão no meu ombro. “Vai ficar tudo bem. Nós o encontraremos.”

“Achei que você ficaria feliz que Nikolai tivesse ido embora.” Era uma coisa maldosa de se dizer. Eu sabia disso. Mas eu tinha uma tendência a atacar quando me sentia encurralada, inútil.

“Como eu poderia estar, sabendo quanta dor isso causaria a você?” Ele me deu um pequeno sorriso triste. “Eu não gosto do homem, claro. Eu deixei isso mais do que claro.

Mas eu sei o quanto dói perder quem você ama. É algo que eu nunca desejaria ao meu pior inimigo, muito menos à minha filha.”

“Você está falando da mamãe.”

“Sim,” ele sussurrou tristemente. “Você realmente deveria dar outra chance a ela, Tatiana. Ela—”

Eu levantei uma mão. “Não é hora .”

“Okay. Justo. Mas precisamos conversar sobre isso eventualmente.”

“Não. Realmente não temos.” Essa era uma conversa que eu não estava nem remotamente interessado em ter. Nem agora, nem nunca.

O debate que voava pela sala sobre o que fazer a seguir atingiu um crescendo, todos gritando e berrando uns sobre os outros, tentando fazer seu ponto ser entendido. A frustração dentro de mim atingiu o ponto de ebulição. Não estávamos chegando a lugar nenhum, e quanto mais tempo perdíamos discutindo entre nós, mais provável era que Nikolai e os outros estivessem mortos quando

os encontrássemos. Drea parecia estar sentindo a mesma frustração que eu, porque ela bateu a mão na mesa, exigindo silêncio. Funcionou.

A sala ficou tão quieta, a única coisa que você podia ouvir era a respiração das pessoas. Para uma mulher tão pequena, ela certamente tinha muito poder sobre esses homens. Ou talvez nenhum deles quisesse se juntar a Percy no chão.

“Certo. Aqui está o que faremos. Vamos nos preocupar em encontrar a ilha mais tarde. Agora, quero deixar nossos soldados prontos para que, assim que tivermos a localização, estejamos prontos para ir.” Ela olhou para Arturo. “Quantos você pode trazer para a mesa?”

“Quarenta. Alguns deles ainda estão nos estágios iniciais de treinamento, no entanto.”

Drea assentiu. “Meu irmão pode trazer dezessete. Quais são nossos números?” ela perguntou a Vladimir.

“Nossa força foi recentemente reabastecida após o ataque.

Atualmente, temos sessenta e cinco. Metade disso são os novos soldados enviados da Rússia. Eles ainda estão no meio da avaliação, então não tenho certeza do conjunto de habilidades deles, mas todos devem ser proficientes em combate corpo a corpo básico e treinamento com armas.

Poderíamos conseguir mais se contatássemos Sergei—”

“Não,” Drea e eu dissemos ao mesmo tempo. Nós trocamos um olhar. Ela sabia tão bem quanto eu que eles não tinham um ótimo relacionamento com o avô, que eles não iriam querer que ele se envolvesse. Nós tínhamos que fazer isso sem ele.

"Não vamos até Sergei", disse Drea severamente, sua voz cheia de autoridade.

Vladimir abaixou a cabeça em reconhecimento ao comando dela.

“Onde nos sentamos com as armas?”

“Temos o suficiente para abastecer nossos próprios soldados, mas não os outros”, respondeu Vladimir.

Arturo finalmente sentou-se, mas sua perna quicava repetidamente, como se ele ainda não conseguisse ficar parado. Um hábito nervoso, sem dúvida. “Ainda temos o carregamento de armas fornecido a nós por Dimitri. Não é o suficiente para armar todo mundo, mas podemos nos virar.”

“Eu posso cobrir o resto”, Mikhail acrescentou. “Só me dê os números finais e eu vou tirar do meu inventário pessoal.”

Vincenzo pegou seu telefone. “Nele.”

Drea respirou fundo. “Ok, vamos começar a trazer todos os soldados para cá. Não quero perder tempo. Quero ir embora no momento em que tivermos uma localização.” Ela

levantou a mão para silenciar Mikhail, que estava prestes a dizer algo. “Sim, eu sei que ainda não descobrimos isso, mas descobriremos.”

O homem pareceu duvidar, mas manteve a boca fechada.

Para ser honesto, eu também. Certamente, se houvesse outra maneira de encontrar a ilha, eles teriam pensado nisso desde o início, em vez de colocar Nikolai disfarçado.

“Os meus já estão a caminho”, disse Arturo. “Eles chegarão em uma hora.”

Drea checou o telefone para ver as horas. “Bom. O cartel estará aqui mais ou menos na mesma hora. Agora—”

O laptop na mesa apitou com uma notificação de entrada.

Drea ignorou, mas quando tentou continuar, apitou novamente.

E de novo, e de novo.

Sim.

Sim.

Sim.

Sim.

Sim.

Sim.

Sim.

"Ah, pelo amor de Deus!", ela gritou, pegando-o e se preparando para jogá-lo do outro lado da sala.

“Whoa, whoa, whoa.” Corri para frente e rapidamente peguei o laptop das mãos dela antes que ela pudesse soltá-lo.

Nikolai tinha uma queda por destruir eletrônicos. Ele ainda guardava rancor de Aleksandr por algum computador chique que o bruto havia quebrado anos atrás.

Drea rosnou, liberando-o com um bufo. "Estou bem. Estou bem." Ela passou as mãos pelos cabelos e as sacudiu pelo peito, respirando fundo e se acalmando.

O laptop ainda estava tocando. Alguém estava claramente desesperado para falar com Aleksandr ou algo assim. As notificações estavam disparando. Os olhos de Drea se voltaram para ele e eu juro que parecia que ela ia me levar para pegá-lo.

Comecei a abrir o laptop. “Ok, vou desligá-lo — que diabos é isso?”

A tela inteira estava preta, e bem no centro dela havia um conjunto de números em uma fonte grande e branca.

“O quê? O que está acontecendo?” Arturo perguntou.

Mostrei primeiro para Drea e depois virei o laptop para que ele ficasse de frente para a sala.

Mikhail franziu a testa e se levantou, chegando mais perto.

“São… coordenadas. Latitude e longitude.”

Os olhos de Vincenzo se arregalaram quando algo brilhou na tela. “Uau.”

Curvei meu corpo sobre o topo do dispositivo para poder ver. O texto estava literalmente sendo escrito na tela abaixo dos números bem diante dos meus olhos, como se alguém estivesse digitando em tempo real, mas ninguém estava.

Pelo menos não tem ninguém lá.

“Você está ficando sem tempo.

Salve meu Lukyan.”

“Salve meu Lukyan?” Vincenzo leu em voz alta, sobrancelhas unidas. “Salve meu—” ele engasgou ao perceber e apontou vigorosamente para a tela. “Esse é o perseguidor de Lukyan!”

“Ela invadiu o laptop de Aleksandr para nos dar essas coordenadas para salvá-lo?” Christian perguntou, falando pela primeira vez.

Quando Arturo lhe lançou um olhar furioso, entendi por que ele não havia dito uma palavra antes, por que nenhum dos quatro guardas responsáveis pela segurança de Illayana havia dito uma palavra. Os pobres coitados estavam em apuros por perder Illayana... de novo.

Meu pai foi até a janela e olhou para fora cautelosamente.

“Isso significa que ela está nos observando. Agora mesmo.

De que outra forma ela saberia que estamos perto do laptop de Aleksandr para ver aquela mensagem?”

Fazia sentido. Pelo que Nikolai me contou sobre a mulher, ela era incrivelmente inteligente e engenhosa. Ela também era completamente apaixonada — obcecada — por Lukyan.

Mikhail pegou o laptop de mim e o olhou. “Como ela encontrou a localização da ilha?”

“Quem se importa?” Arturo pulou de pé, com ânsia nos olhos. “Temos o que precisamos. Vamos.”

Vladimir limpou a garganta. “Nós nem sabemos se podemos confiar nessa informação. Pelo que sabemos, Talon pode ter enviado isso.”

“É altamente duvidoso.” Mikhail digitou no laptop, mas nada aconteceu. O dispositivo estava sendo controlado por outra pessoa. “Talon tem o que quer.

Não há razão lógica para que ele arriscasse enviar um exército à sua porta.”

“Então estamos de acordo?” Drea olhou ao redor da sala.

“Trataremos as informações como precisas e nos prepararemos para atacar?”

“Uh, espere um segundo”, eu disse, levantando um dedo no ar. “Podemos ter a localização da ilha agora, mas como diabos vamos chegar lá? Talon certamente tem algum tipo de precaução para isso. Vigias ou algo assim. Pessoas observando intrusos. Não há como chegarmos a dez milhas daquela ilha sem sermos vistos.”

“Ah, isso é fácil.” Mikhail fechou o laptop com força, claramente desistindo de tentar hackear o hacker. “Eu

tenho um submarino.”



Capítulo Trinta e Nove

NIKOLAI VOLKOV

E AS CORRENTES EM VOLTA DOS MEUS pulsos e tornozelos chacoalhavam, ecoando pelas cavernas subterrâneas da Arena enquanto eu me arrastava.

Nós nos movemos em fila única, Pai e Autumn atrás de mim, Aleksandr e Lukyan na minha frente. Nossas algemas estavam todas travadas juntas. Conectadas para dificultar a fuga se tentássemos escapar. Inútil, considerando que nunca tentaríamos escapar sem Illayana.

Dez soldados do Esquadrão A nos escoltaram, cinco liderando o ataque e cinco

cobrindo a retaguarda. Cada um deles estava armado com uma metralhadora de alta potência, seu foco inabalável. Eles não nos disseram para onde estavam nos levando, mas, novamente, eles realmente não precisavam. Eu podia ouvir o rugido da multidão de lá de baixo.

A próxima rodada de jogos do Talon estava prestes a começar... e nós éramos a atração principal.

Lukyan olhou por cima do ombro. “Você tem que admitir, morte iminente à parte e tudo, esse lugar é muito foda.”

Olhei feio e abri a boca.

“Eu sei, eu sei. 'Cale a boca, Lukyan',” ele disse, revirando os olhos antes de se virar novamente.

Aleksandr grunhiu concordando com suas palavras.

Para ser justo, eu concordei com Lukyan. Se você tirasse quem fez a Arena e o que estava prestes a acontecer, o lugar era bem incrível. Mas, como sempre, o timing de

Lukyan estava errado. Havia um tempo e um lugar para isso, e não era enquanto estávamos sendo levados para a morte.

Eu não tinha ideia de quanto tempo havia se passado desde nossa captura. Não havia como diferenciar a noite do dia lá embaixo. Mas com base na quantidade de refeições que recebemos, eu diria que foram aproximadamente dois dias.

Durante esse tempo, eu não fiz nada além de malhar, rezar para que Illayana estivesse bem e pensar em Tatiana.

As chances de sairmos vivos de lá eram basicamente inexistentes. Mesmo que alguém tentasse nos resgatar, eles não tinham ideia de onde estávamos. Eu tinha aceitado e aceitado que eu iria morrer muito, muito em breve. A única coisa com que eu me importava era como isso afetaria Tatiana.

Minha linda deusa de cabelos dourados. Eu prometi a ela que voltaria para ela. Isso é o que mais doeu. Em meus momentos finais, eu a decepcionaria... de novo.

Ninguém mais veio nos visitar desde Talon e Dominik.

Nossa comida foi até entregue por um dos soldados do Esquadrão A, como se Talon não confiasse em mais ninguém para chegar perto de nós (provavelmente inteligente, considerando como consegui entrar lá).

Lukyan tinha sido surpreendentemente... tolerável durante o tempo em que ficamos trancados nas celas. Ele mal disse duas palavras, na verdade. Acho que, como o resto de nós, ele estava preocupado demais com Illayana para realmente se concentrar em qualquer outra coisa.

Fomos levados por corredores sombrios e escadas em espiral (presumivelmente porque não cabíamos todos nos elevadores de uma vez), até que finalmente paramos em frente a uma pesada porta de gaiola. Através das barras de metal, pude ver um enorme campo de areia cercado por tochas tiki flamejantes. Prateleiras de armas estavam do

lado, junto com escudos de todos os formatos e tamanhos diferentes.

Estava dando uma vibe bem "gladiador romano", o que fez com que as TVs montadas no alto das paredes parecessem completamente fora do lugar.

“É aqui que viemos treinar todos os dias antes dos jogos começarem”, disse meu pai por cima do meu ombro.

“Talon deixou você treinar?” Lukyan olhou para o campo com uma expressão quase onírica no rosto.

“Claro que sim. Acima de tudo, Talon quer fazer um bom show. Ele não pode fazer isso se os lutadores estiverem desnutridos e fora de prática. É uma das razões pelas quais ele nos alimenta tão bem. Não ficaria bem se os lutadores desmaiassem de desidratação e fome dois minutos depois do início da luta.” Ele apontou para o que parecia uma enorme porta de concreto que ocupava metade da parede.

“Essa é a entrada para a área principal de luta, onde todos assistem. Nós treinamos aqui antes das lutas começarem a esquentar, e então somos conduzidos pela porta para o público.”

“Ele não estava preocupado que vocês pudessem usar aquelas armas ali para

tentar escapar?”, perguntei.

As correntes chacoalharam quando ele levantou o braço para bater na coleira em volta do pescoço. “Elas impediram isso. As coleiras não são removidas até que estejamos prestes a entrar na arena.”

Um dos guardas girou a manivela e a porta da cela começou a subir com um gemido. Um por um, eles destrancaram nossas algemas, nos empurrando para o campo de areia.

Primeiro Lukyan, que não estava preparado para isso, tropeçou para a frente, caindo bruscamente de quatro com um grunhido.

Próximo Aleksandr. O mesmo guarda que empurrou Lukyan desfez suas algemas. No momento em que meu irmão estava livre, ele agarrou o guarda pelo colete tático, puxou-o para frente e bateu sua testa bem no nariz dele, quebrando-o. O guarda gritou de dor. Aleksandr o empurrou para longe e então foi direto para Lukyan, ajudando-o a se levantar.

Os outros guardas levantaram suas armas e apontaram para nós instantaneamente, esperando que todos nós começássemos a lutar e tentar escapar, mas não era disso que se tratava. Aleksandr não estava tentando escapar. Ele só queria punir o guarda por machucar Lukyan. Sua superproteção cobria todos aqueles que ele amava. Além disso, nunca tentaríamos escapar sem Illayana.

Quando os outros guardas perceberam que não estávamos tentando fugir, eles terminaram de nos destrancar, optando por não nos empurrar para dentro como o primeiro guarda havia feito, permitindo que entrássemos no nosso próprio ritmo.

A porta da gaiola bateu com um estrondo sinistro . Os guardas se dispersaram, deixando-nos sozinhos.

“Não vejo Illayana”, disse Lukyan, olhando ao redor da sala.

Nem eu. Se ela não estava lá, então onde diabos ela estava?

Minha mente foi para lugares escuros e malignos. Lugares onde coisas impensáveis aconteceram. Tentei bloquear isso.

Talon não faria isso. Ele queria que o Pai sofresse nos vendo morrer. Isso incluía Illayana. Ainda assim, ela tinha sumido por quase dois dias inteiros. O que Talon tinha feito com ela naquele tempo?

"Ela estará aqui." A voz de Aleksandr soou mais confiante do que tenho certeza de que ele se sentia.

“Sim. Ela vai,” o pai concordou.

A mulher, Autumn, estava ao lado do meu pai, com uma postura forte. Eu não tinha certeza se ela era confiável ainda. Sim, ela tinha concordado em lutar conosco em vez de contra nós. Mas ainda assim, não a conhecíamos. Havia todas as chances de ela se virar e nos apunhalar pelas costas.

“Vão se aquecer. Não sei quando seremos chamados para a Arena, mas quero que todos estejam prontos quando formos,” ordenou o Pai.

Todos nós abaixamos a cabeça. “Sim, Pai.”

Ele agarrou meu braço, me impedindo de ir embora como Aleksandr e Lukyan. Eu franzi a testa, olhando para sua mão em confusão.

“Dê-me um momento a sós com meu filho”, ele disse a Autumn.

Ela o saudou. “Como sua Real Rabugice ordena.” Então ela se curvou eloquentemente antes de ir embora.

O pai balançou a cabeça, com uma leve diversão nos lábios antes de desaparecer. Ele nivelou o olhar em mim, a seriedade queimando em seus olhos. "Tem certeza de que está tudo bem com o que todos nós discutimos ontem à noite?"

Ah. Nós todos tivemos uma conversa em família sobre o que faríamos quando os jogos começassem. Não tínhamos certeza do que Talon havia planejado, mas havia apenas duas opções.

Ele poderia nos colocar contra os outros. Nossa família contra os outros lutadores.

Ou... ele poderia nos colocar um contra o outro. Uma luta até a morte entre nós, onde apenas um sairia vitorioso.

Claro, todos nós esperávamos que essa não fosse a opção, mas havia toda a probabilidade de que fosse.

Se fosse... bem, precisávamos estar preparados. Então, ontem à noite, bolaríamos um plano.

“Tenho certeza.” Dei um pequeno sorriso a ele. “Não sou capaz de matar nenhum de vocês.”

“Nem eu.” Ele apertou meu ombro. “É o trabalho de um pai proteger seus filhos, e eu sinto muito que seja um trabalho no qual eu tenha falhado miseravelmente.”

"Pai-"

Ele levantou a palma da mão, me silenciando. “Se eu pensasse por um momento sequer que faria alguma diferença, eu imploraria a Talon para deixar todos vocês irem.”

Eu zombei internamente. Não havia nada que alguém pudesse dizer ou fazer que fizesse Talon nos deixar ir. Ele estava determinado a fazer meu pai sofrer, e nós fornecemos a ele a maneira perfeita de fazer isso.

“Mas nós dois sabemos que isso é inútil. Eu queria que essa nunca fosse uma posição em que você tivesse que estar—”

“ Pai ,” eu pressionei, a voz severa. Ele parou de divagar e me olhou nos olhos. Aquela máscara sem emoção que ele sempre mantinha no rosto tinha sumido. Ele estava me mostrando tudo. Pela primeira vez na minha vida, ele estava compartilhando suas emoções comigo. Tristeza.

Desesperança. Desespero. Amor. Estava tudo ali. Ele não estava escondendo nada, me deixando ver tudo.

“Todos concordamos. Se apenas um de nós puder sair vivo deste lugar, é Illayana.” Foi uma decisão unânime.

Se, na pior das hipóteses, Talon decidisse nos colocar uns contra os outros nos jogos — algo que nenhum de nós seria capaz de fazer —, decidiríamos nos sacrificar, para que Illayana fosse a última sobrevivente.

O pai não queria que nenhum de nós morresse. Na verdade, quando Aleksandr sugeriu a ideia pela primeira vez, ele recusou terminantemente. Ele tentou pensar em outras soluções, outras ideias, mas todas elas fracassaram.

“Vamos tentar escapar.”

“Vamos exigir um jogo diferente.”

“Nós nos recusaremos a lutar.”

Ele sabia tão bem quanto eu que, se nos recusássemos a lutar, Talon simplesmente nos mataria. Pelo menos assim, Illayana poderia viver. Ela poderia sobreviver. Então o plano era simples. O Pai seguraria Illayana enquanto A Morte Carmesim tirava nossas vidas de forma rápida e indolor — algo que a mulher alegava que poderia fazer facilmente — e então o Pai a mataria antes de finalmente se matar, deixando Illayana como a última sobrevivente. Essa última parte do plano havia sido organizada quando Autumn estava dormindo. Precisávamos que ela matasse porque nenhuma de nós era capaz de machucar uma à outra daquele jeito. Mas uma vez que ela cumprisse seu propósito, o Pai a acabaria para que Illayana pudesse viver.

Era um plano horrível, um que rezávamos para não ter que implementar. Mas Aleksandr, Lukyan, meu pai e eu não éramos física ou mentalmente capazes de matar uns aos outros. Se Talon escolhesse que lutássemos um contra o outro, não teríamos outra escolha a não ser seguir em frente.

O pai se inclinou para frente e descansou a testa na minha.

Ele fechou os olhos, respirando fundo e profundamente antes de sussurrar três palavras que eu nunca o tinha ouvido dizer para mim antes.

"YA tebya lyublyu." Eu te amo.

E então ele se foi, deixando-me olhando para ele, estupefata, com a boca aberta.

Ah, ele deve estar muito, **muito** preocupado que não vamos sobreviver a isso.

Ele foi até Aleksandr em seguida, puxando-o de lado para ter a mesma conversa que ele tinha acabado de ter comigo.

Minhas suspeitas foram confirmadas quando um olhar de

puro e absoluto choque passou pelo rosto do meu irmão, sem dúvida pela declaração de amor do Pai.

Não era como se não soubéssemos que ele nos amava.

Claro que sabíamos. Ele nos mostrou isso na maneira como nos protegeu ferozmente, na maneira como cuidou de nós.

Ele só nunca tinha dito as palavras antes.

Quando ele chegou em Lukyan... bem... é Lukyan. O idiota agiu exatamente como eu previ que ele agiria.

“Oh meu Deus! Eu também te amo!” ele gritou, jogando seus braços ao redor do Pai em um enorme abraço de urso.

O pai resmungou, cambaleando para trás com a força do golpe, mas não o empurrou, dando-lhe um tapinha leve nas costas com um pequeno sorriso nos lábios.

“Senhoras e senhores, estamos prontos para a próxima rodada dos Til Death Games?!”

Todos nós olhamos para o conjunto de TVs penduradas na parede, vendo um homem vestido de smoking e segurando um microfone, exibindo em cada tela. A tensão desceu sobre nós quando o homem anunciou os eventos da noite, dizendo que havia algo especial planejado para todos. Que seria uma noite que ninguém jamais esqueceria. Que algo que nunca havia acontecido antes na história dos jogos estava prestes a acontecer.

Achei a voz dele irritante. Se eu conseguisse sair dessa, eu ia tirar a caixa vocal dele para que ele nunca mais pudesse falar. Tenho certeza de que estaria fazendo um favor a todos. Talvez—

"Pai!"

Com aquela voz, todos nós giramos, vendo Illayana correndo em nossa direção de outra entrada. Atrás dela marchava uma linha de soldados do A-Team, todos

armados.

“Illayana!” O pai a segurou quando ela pulou em seus braços.

O alívio literalmente me tirou o fôlego. Meu corpo caiu levemente, minha mão agarrando meu peito.

Ela está bem. Ela está bem.

Nós a cercamos, fazendo um milhão de perguntas.

"Você está bem?"

"O que aconteceu?"

"Ele tocou em você? Eu vou matá-lo, porra."

Illayana riu suavemente da nossa inquietação. Isso é um bom sinal, certo?

Ela não parecia pior pelo desgaste. Ela ainda estava com as mesmas roupas que usava antes de ser tirada das celas.

Não havia sangue nem hematomas. Se alguém tentasse levá-la contra sua vontade, ela teria lutado. Duro.

"Estou bem", ela disse, afastando-se dos braços do pai.

"Talon não me tocou. Não era para isso que ele me queria.

Ele só queria foder com todos vocês. Irritá-los para os jogos. Além disso, eu disse a ele que morreria antes de deixar qualquer homem me tocar, e ele disse que isso interferiria no que ele havia planejado, então ele apenas me deixou trancada em um quarto o tempo todo."

Soltamos um suspiro coletivo, todos muito satisfeitos em saber que ela não havia se machucado.

Antes que pudéssemos dizer qualquer outra coisa, um dos soldados gritou uma ordem. “Vocês dois, contra a parede.”

—ele apontou para Autumn e Pai— “Vocês quatro, perto da porta.”

Nenhum de nós se mexeu.

“Agora!” ele exigiu, balançando sua arma.

Aleksandr, Lukyan, Illayana e eu olhamos para nosso Pai e esperamos. Quando ele deu o menor aceno de cabeça, nós nos movemos para onde o guarda indicou.

Pai e Autumn foram até a parede e colocaram as palmas das mãos contra ela, abrindo as pernas como se estivessem prestes a ser revistados. Eles claramente sabiam o que

viria a seguir, tendo obviamente passado pelo processo antes.

Um guarda se aproximou de cada um deles por trás e usou uma chave para destrancar suas coleiras. O pai esticou o pescoço quando o dispositivo foi finalmente removido, Autumn fez o mesmo. Os guardas mantiveram suas armas apontadas para todos nós enquanto conduziam o pai e Autumn para o resto de nós.

Apreensão borbulhou dentro de mim. O rugido da multidão era tão alto que as paredes tremeram enquanto o locutor continuava seu discurso, irritando-os mais e mais a cada palavra que ele dizia. Eu me movi de um pé para o outro, a adrenalina subindo em minhas veias. Meus irmãos fizeram o mesmo, determinação e raiva queimando em seus rostos.

Eu desprezava cada pedacinho disso. Eu odiava que não havia nada que pudéssemos fazer. A desesperança. O

desamparo. Ou lutávamos ou morríamos. Não havia meio termo.

“Apresentando os próximos competidores dos Til Death Games, The Crimson Death e a família mais notória da Bratva, The Volkovs!”



Capítulo Quarenta

NIKOLAI VOLKOV

EU SAÍ PARA o campo, com a mão erguida para proteger meus olhos da luz ofuscante que caía sobre mim. A multidão irrompeu, gritando, cantando, batendo os pés e batendo palmas .

“Volkov!”

“Volkov!”

“Volkov!”

A atmosfera era elétrica. A excitação era contagiante. Estar do outro lado, exatamente onde eles estavam, fez com que estar lá embaixo fosse um pouco desorientador.

Você mal conseguia ver alguma coisa lá em cima nas arquibancadas. Os holofotes colocados ao redor da Arena tornavam isso quase impossível. A única coisa que eu conseguia ver eram os contornos dos camarotes lá no topo, mas eles estavam muito longe para ver quem estava dentro deles.

Lukyan e Illayana giraram lentamente em um círculo, bocas ligeiramente abertas enquanto observavam a Arena. O

campo havia sido condensado em um terreno em vez de ser quebrado em vários.

Areia. Eles escolheram areia. Eu não estava feliz com isso.

Era mais difícil lutar com areia.

Talon apareceu no telão balançando acima de nossas cabeças. Ele tinha um sorriso no rosto, mas seus olhos ardiam de raiva. Suspeitei que fosse pelo quão alto a multidão estava torcendo por nós, gritando nossos nomes.

Bem, se não são as consequências de suas próprias ações.

“Uau! Não estamos animados?!” Ele não tinha microfone, mas sua voz ecoou no ar.

A multidão aplaudiu novamente, mais alto dessa vez.

“ Apresento a vocês, os Volkovs, a família mais letal e perigosa de toda a máfia.” Ele enfatizou o 'eu' naquela declaração, tentando deixar claro que ele era o responsável por nos capturar. Um feito não facilmente realizado. “Vocês todos já ouviram falar do Açougueiro Bratva. Permitam-me apresentá-los aos seus filhos. Todos feitos do mesmo tecido que seu pai assassino. Todos nascidos e criados para serem assassinos cruéis e violentos. E todos trazidos aqui para vocês por mim, para lutar por suas vidas no que promete ser o show de uma vida!”

Aplausos estrondosos irromperam de todos os lados. Talon estava realmente exagerando.

Lukyan levantou a mão e acenou para a multidão, como se ele fosse algum tipo de superstar da música e todos tivessem vindo aqui para vê-lo cantar, não para serem espancados até a morte. Aleksandr deu um tapa em sua cabeça, e Lukyan estremeceu, esfregando a parte de trás do crânio.

“Agora, tenho certeza de que todos vocês estão morrendo de vontade de saber o que planejamos para a família esta noite,” Talon sorriu maldosamente. “Como essas não são pessoas comuns, pensei que algo especial seria necessário, algo diferente. Algo para equilibrar um pouco as chances e garantir que haja uma luta boa e brutal para todos vocês verem. Então, esta noite, será uma luta até a morte entre os Volkovs e eu. Ou, mais especificamente, todos os meus homens.”

O alívio que senti ao descobrir que não estávamos lutando um contra o outro durou pouco, pois a Arena ficou lotada de soldados, vindos de todas as direções para nos cercar.

Cinco soldados. Dez soldados. Quinze soldados. O número só aumentou.

“De costas um para o outro!”, ordenou o pai. Rapidamente formamos um pequeno círculo, ficando ombro a ombro com nossas frentes voltadas para fora. O pai agarrou Autumn pelo braço e a colocou em posição ao lado dele quando a mulher não se moveu.

Vinte. Vinte e cinco. Trinta.

“Aleksandr, com sua irmã.” Meu irmão deu um passo para trás no círculo e foi para o outro lado para ficar ao lado de Illayana. Todos nós nos arrastamos para que ele pudesse se encaixar, mantendo a formação firme.

Trinta e cinco. Quarenta. Quarenta e cinco.

Os soldados continuaram chegando, sem fim à vista. Era uma mistura de soldados do Esquadrão A e guardas normais. Alguns estavam vestidos com equipamento tático.

Alguns tinham facas. Outros tinham bastões. Cassetetes.

Acho que vislumbrei uma maça?

Meu olhar colidiu com o de Luke. Seus olhos brilharam com arrependimento.

Ele não queria estar ali, isso era óbvio.

Ryan estava ao seu lado, assim como John, cuja expressão estava cheia de alegria. Ele sorriu para mim, mostrando os dentes em um sorriso selvagem. Ele apontou para mim, depois para si mesmo, uma promessa silenciosa de que ele estava vindo atrás de mim.

Isso foi bom para mim. Eu estava esperando para matá-lo desde o momento em que o conheci.

“Eu entreguei, ou eu entreguei?!” Talon rugiu, seus braços abertos.

A multidão aplaudiu, batendo os pés e batendo palmas.

“Agora, como essa é uma luta com a Família Volkov, é justo que todos os membros da família participem. E, olha só, temos outra bem aqui!” A câmera se afastou, pousando em Dominik.

Seus olhos se arregalaram em choque enquanto ele era cercado por soldados. "O quê? O que está acontecendo aqui?!" Eles o agarraram firmemente e, ao comando de Talon, o escoltaram para fora do assento da caixa. Alguns momentos depois, ele foi jogado no campo de areia conosco.

“Pai,” eu rosnei, meus olhos presos no homem traidor que era meu tio enquanto ele se levantava, tirando a areia de suas roupas. Sua cabeça se movia da esquerda para a direita em aflição, procurando uma saída.

“Deixe-o. Ele é meu ,” Pai jurou, escuridão e vingança escorrendo de seu tom.

“Claro, queremos manter isso justo, então armas estarão em jogo,” Talon continuou como se nada tivesse acontecido.

Ele tinha acabado de trair o próprio homem responsável por trazer meu pai — e, por extensão, nós — até ele. O

olhar no rosto de Dominik era impagável pra caralho. “Mas eles vão ter que chegar até eles primeiro.”

O chão tremeu, e paredes de armas se ergueram da areia nas bordas da Arena. Facas, espadas, lanças, escudos, machados, katanas. Tudo ali. Seu exército de

soldados estava entre nós e as armas, o que significava que teríamos que passar por elas para chegar até elas.

Talon não dava a mínima para o justo. Se desse, não seria cinquenta contra seis. Não havia como vencermos, porque ele não queria que vencêssemos. Ele queria nos humilhar.

Ver-nos sermos atropelados e massacrados.

Bom, não íamos facilitar para eles, isso era certo.

Os homens nos cercaram de todos os lados, formando um grande círculo solto. Eles se aproximaram cada vez mais como um, deslizando para a frente como uma cobra. Eu podia ver Dominik nos arredores, correndo para a parede de armas.

Talon ainda estava falando, mas eu parei de ouvir. Acho que todos nós paramos, focando em vez disso no exército de homens que estava se aproximando cada vez mais.

O pai se moveu ao meu lado, seus olhos nunca deixando a ameaça à sua frente. “Lutem bastante. Cuidem uns dos outros. E lembrem-se, eu amo todos vocês.”

Illayana arfou, seu olhar chicoteando para ele em choque.

Ela não estava lá quando o Pai puxou cada um de nós para o lado, um por um, para dizer um último adeus, então foi a primeira vez que ouviu essas palavras dele. E isso a chocou, como chocou a todos nós.

Aleksandr agarrou o topo da cabeça dela com toda a mão e a virou, forçando-a a olhar para frente novamente.

"Sosredotoch'tes'!" Foco! ele estalou.

Uma música grave e grave começou a tocar. Lukyan pulou para cima e para baixo no local, sacudindo as mãos. O pai estalou o pescoço e levantou os punhos. Autumn esticou os braços acima da cabeça, torcendo o corpo na cintura para a esquerda e para a direita.

"Se não sairmos dessa, Vossa Real Mal-humorada, não foi bom trabalhar com

você", ela disse ao Pai, assumindo uma postura de luta.

O pai resmungou. “O mesmo para você, mulher diabólica.”

Aleksandr sussurrou para Illayana ficar perto dele e ela assentiu. Pela primeira vez, ela não estava puxando a carta toda de “eu posso cuidar de mim mesma”, porque essa era uma situação em que todos nós precisávamos ajudar uns aos outros. Cada um deles assumiu posição, corpos tensos e prontos para a ação.

Respirei fundo, meu olhar mudando de uma pessoa para a outra, avaliando. Pensei em Tatiana. Em seus encantadores olhos castanhos e cabelos dourados sedosos. Em seu lindo sorriso e sua pele macia e suave. Seu rosto se materializou diante dos meus olhos e não pude deixar de sorrir.

Tatiana, eu te amo.

“Que os jogos comecem!” Talon rugiu.

Aleksandr correu para frente e deu um chute frontal no primeiro soldado ao seu alcance, mandando-o voando para trás. Uma faca veio voando em sua direção. Ele bloqueou, deu um soco no rosto do homem, pegou a lâmina de sua mão e jogou por cima do ombro para Illayana. Ela a pegou, virou-a para um lugar melhor e cortou bem na garganta de um homem.

Eu me abaixei e ziguezagueei, tentando o meu melhor para evitar o golpe de um machado e punhos arremessados em direção ao meu rosto. Eu me desviei do caminho do machado, agarrei um homem pela parte de trás da cabeça e esmaguei seu rosto no meu joelho enquanto o empurrava para cima. O grito de guerra estridente de Lukyan ecoou em meus ouvidos enquanto ele corria por mim e literalmente pulava nos braços de um homem, derrubando-o.

Pegando o machado, agarrei-o com as duas mãos, levantei-o sobre a cabeça e lancei-o em direção ao soldado que corria em direção a Lukyan. Seu corpo inteiro foi lançado no ar pela força do machado empalando profundamente em seu peito e ele soltou um grito de gelar o sangue. Um grito que me fez sorrir como um lobo selvagem.

Eu desviei e soquei, chutei e bloqueei. Meu corpo trabalhou em piloto automático completo. Memória muscular. Ataque, defenda. Ataque, defenda. Não pare para pensar. Apenas mova, mova, mova.

A adrenalina ajudou a anestesiar a dor dos golpes que eu não conseguia evitar. Braços e pernas balançavam em todas as direções. Lâminas se curvavam no ar. Ossos estalavam. Narizes quebravam. Pescoços torcidos em ângulos ímpios. Era um caos completo e absoluto. Um vale-

tudo total. Você se defendia e revidava, ou morria. Não havia como ficar de fora dessa.

Lukyan mergulhou para frente, rolando pela areia e pegou um facão. Ele se virou, balançando-o em um arco poderoso que fez a ponta afiada se alojar profundamente na lateral do pescoço de um soldado. Sangue espirrou. Ele o arrancou e atacou novamente. Cortando e cortando e cortando, encharcando-se de sangue.

Um chute no estômago me fez gemer de dor. Consegui agarrar o pé dele no último segundo, aliviando um pouco o golpe, mas ainda doeu pra caralho. Eu me virei bruscamente, ouvindo um estalo retumbante , e então bati a lateral do meu punho na canela dele, quebrando o osso.

Ele gritou e caiu como um castelo de cartas.

Eu recuei, evitando por pouco outro golpe, abaixei-me sob outro de um soldado diferente e lancei uma combinação rápida e perversa: uppercut no queixo, gancho de esquerda no rosto, joelhada no estômago, chute frontal no peito, chute giratório no queixo, alternando cada golpe entre os dois homens. Ambos desmoronaram sob o ataque.

Um corpo grande e pesado se chocou contra mim, me levantando em um tackle de corrida. Minhas costas bateram na areia. A dor subiu pela minha espinha. O brilho prateado chamou minha atenção e eu mal consegui levantar minhas mãos a tempo de impedir que a lâmina perfurasse meu peito.

Era John. Ele sorriu, bateu sua mão livre na que estava enrolada no cabo da faca e empurrou para frente, jogando seu peso corporal atrás dela.

Rosnei, lutando para segurar. Meus braços tremeram, meus dentes cerraram em esforço.

Ele riu, a lâmina se aproximando cada vez mais. “Eu sabia que havia algo de errado com você. Eu simplesmente sabia

.”

O que ele quer, uma porra de uma medalha ou algo assim?

Eu girei minha cabeça da esquerda para a direita, procurando por algo — qualquer coisa — para me ajudar a sair da situação. Eu vi Aleksandr lutando contra quatro homens, tentando mantê-los longe de Illayana, que estava no chão cuidando do que parecia ser um golpe bem feio na cabeça. Havia sangue escorrendo pela lateral do rosto dela.

O pai e Autumn tentavam alcançá-los, mas para cada soldado que matavam, outros dois tomavam o lugar deles.

Lukyan estava na mesma posição que eu, exceto que em vez de tentar parar uma faca, ele estava tentando arrancar as mãos em volta de sua garganta. Seus pés cravaram no chão enquanto ele sacudia seu corpo, ofegante, desesperado por ar.

Eu absorvi tudo em apenas alguns segundos e uma nuvem escura de raiva tomou conta de mim, enterrando-se profundamente em minha alma, em cada célula do meu ser.

Eu não podia deixá-lo morrer. Eu não podia. Eu tinha que fazer alguma coisa.

Não é meu irmãozinho.

Rosnei, agarrei um punhado de areia e joguei no rosto de John. Ele xingou, o choque me dando a distração perfeita para eu arrancar a faca de suas mãos. Eu levantei com toda a força que eu tinha e nós rolamos, rosnando e rosnando enquanto lutávamos pela posição dominante.

A raiva pulsava em minhas veias e eu me inclinei para frente e arranquei um pedaço de sua bochecha com meus dentes. Ele gritou, a dor o dominando o suficiente para me permitir acabar em cima. Sangue manchava sua pele. Ele agarrou o lado de seu rosto, chorando. Cuspi sua carne em seu rosto, agarrei sua cabeça e quebrei seu pescoço em um movimento rápido.

Levantando-me rapidamente, corri em direção a Lukyan, tentando desviar dos ataques de outros soldados enquanto

corria. Abaixe-se, soque. Desvie, chute. Bloqueie, golpeie com o cotovelo.

Eu não vou chegar a tempo. Eu não vou chegar a tempo. Eu não vou—

Estrondo!

Fiquei paralisado, enquanto todos na Arena faziam exatamente a mesma coisa, trocando olhares confusos.

Aquilo foi…um tiro?

O homem em cima de Lukyan deslizou para o lado e então caiu no chão, areia flutuando no ar ao redor dele. Bem no centro de sua testa havia um enorme buraco de bala. Não parecia ter sido feito de uma arma padrão, como uma pistola ou mesmo uma metralhadora. O ferimento de entrada era muito grande. Calibre 50, fácil. E o som do tiro não tinha sido próximo. Provavelmente de um atirador de elite.

Lukyan pulou de pé, mão na garganta, pele vermelha e marcada por hematomas. Ele olhou para o corpo sem vida a seus pés em choque.

Um movimento atrás dele chamou minha atenção. “Lukyan!

Atrás de você!”

Meu irmão girou e—

Estrondo!

O soldado que estava correndo em sua direção caiu morto, com um buraco de bala idêntico bem no meio da testa como o outro. De repente, os soldados começaram a cair como moscas... mas apenas os que estavam ao redor de Lukyan.

Apenas os que se aproximavam dele . Toda vez que alguém tentava se aproximar dele, era morto a tiros. Nenhum dos soldados que lutavam contra mim ou meus irmãos foi baleado. Era apenas Lukyan. Quem quer que fosse o atirador, eles o estavam protegendo, e somente a ele. Ele apenas ficou parado, observando em choque enquanto os soldados caíam no chão ao seu redor.

Peguei um punho voando em direção ao meu rosto. Eu me virei bruscamente e dei um chute frontal no peito dele antes de atacar com outro golpe um soldado

que vinha em minha direção pelo lado. Eu não me importava com quem era o atirador. Eu não me importava que eles estivessem apenas protegendo Lukyan. A única coisa que importava era que eles estavam mantendo-o seguro, protegendo-o do perigo.

“Vá para Illayana!”, gritei, desviando de um chute giratório.

Lukyan assentiu e correu até nossa irmã. O atirador o seguiu, eliminando qualquer soldado em sua vizinhança, fornecendo um caminho livre para ele correr em qualquer direção que quisesse.

Bloqueio, bloqueio, chute, soco. Meu corpo doía, minha energia se dissipava rapidamente. Eu não tinha certeza de quanto tempo mais eu conseguiria aguentar. Meus reflexos estavam ficando mais lentos. Mais golpes estavam fazendo contato com meu corpo, enviando dor por todo o meu corpo. Eu não sabia quantos soldados eu tinha matado, mas não parecia fazer nenhuma diferença. Eu estava sendo atropelado. Dois soldados. Três. Quatro. Cinco. Eles me cercaram, cada um tentando pegar um pedaço de mim, batendo, socando, chutando.

Eu bloqueei e ataquei, tentando tirá-los de mim, mas mais simplesmente tomaram seus lugares. Eu não consegui—

BUM!

Uma força enorme e concussiva me lançou para o ar.

Curvei meu corpo em uma bola apertada para tentar me proteger e então bati dolorosamente no chão.



Capítulo Quarenta e Um

TATIANA ANDREEVA

EU ATRAVESSEI OS ESCOMBROS E ENTREI NA ARENA BEM ILUMINADA, MANTENDO MEU

APERTO FIRME NA METRALHADORA QUE ESTAVA AMARRADA EM MEU CORPO . Meus ouvidos se encheram com os sons de gritos, choro, pessoas brigando. A fumaça subia no ar, dificultando minha capacidade de enxergar direito, e pequenas labaredas de fogo queimavam intensamente ao meu redor, cortesia do explosivo que tínhamos acabado de disparar. Um alarme estridente soou na noite.

Disparei minha arma, o recuo martelando em meu ombro.

Baque, baque, baque. Não diferenciei meus alvos. Não me contive, não hesitei. Qualquer um que não fosse um Volkov ou parte do nosso grupo de ataque era um jogo livre.

Incluindo as pessoas enterradas sob montanhas de pedra, clamando por ajuda. As pessoas que estavam sentadas nas arquibancadas, torcendo pela morte do meu Nikolai quando explodimos a lateral da Arena.

Tinha sido uma missão e meia para chegar lá a tempo, e mesmo assim, quase não conseguimos. Felizmente para nós, a maioria do exército de Talon tinha sido chamada para a Arena, então não só conseguimos entrar furtivamente na ilha relativamente sem sermos detectados, mas com todo o barulho e alarido do que estava acontecendo, era como um farol brilhante no céu noturno, nos dizendo exatamente para onde precisávamos ir.

Nós todos nos separamos em nossos grupos pré-arranjados.

Drea e seu irmão com a Bratva e os soldados do cartel, e Arturo, Vincenzo e eu com os da La Cosa Nostra.

Cada um de nós tinha um trabalho a fazer. Drea e Juan eram responsáveis por encontrar Aleksandr e Lukyan.

Arturo estava em Illayana. Eu estava em Nikolai. Mikhail estava em Dimitri. Não havia um plano definido exatamente. Apenas entre, encontre-os e saia.

Eu não conseguia parar para pensar em que condição Nikolai poderia estar. Toda vez que eu parava, isso quase me aleijava. Eu tinha que acreditar que ele estava bem.

Qualquer outra coisa era inaceitável. Se ele estivesse ferido... se ele estivesse morto , eu mataria todos eles.

Cada. Último. Um deles.

Fiquei ao lado de Arturo enquanto forçávamos nosso caminho através do buraco que tínhamos explodido na lateral do prédio, tomando cuidado onde eu colocava meus pés calçados com botas para não torcer um tornozelo. O

colete à prova de balas amarrado ao meu peito oferecia pouco conforto contra o perigo em que estávamos caminhando. Eu tinha tantas armas quanto eu podia carregar presas ao meu corpo sem que elas se tornassem um obstáculo. Quadril, cintura, tornozelo, coxa. Uma mistura de punhais e armas de fogo.

Cadáveres espalhados pelo chão. Muitos para contar, a maioria em pedaços. Sangue pingava fundo na areia. O ar fedia a cadáveres queimados e carne podre. De morte e destruição.

Arturo e eu avistamos Illayana ao mesmo tempo, agachada sobre o corpo de um dos soldados de Talon, repetidamente batendo uma pedra em seu rosto. Minha melhor amiga, sem dúvida, já tinha visto dias melhores. Ela estava coberta da cabeça aos pés de sujeira e sangue. Parte dele era dos

outros. Parte dele definitivamente dela. Suas roupas estavam rasgadas, seu cabelo uma bagunça crespa.

Aleksandr estava lutando ao redor dela, quebrando pescoços e ossos, mas eu não conseguia ver nenhum dos outros Volkovs. Eu não conseguia ver Nikolai.

O pânico dentro de mim cresceu. Onde ele está?

A visão de Illayana fez Arturo rosnar e ele saiu correndo, avançando em sua direção. Ele explodiu qualquer um que entrasse em seu caminho, sem oferecer misericórdia, sem hesitação. Vincenzo e eu lutamos para acompanhá-lo. Ele caiu de joelhos ao lado dela, sua metralhadora erguida e disparando uma saraivada de balas enquanto seus soldados nos cercavam em um círculo protetor, impedindo

que os homens de Talon se aproximassem.

Illayana olhou para cima, surpresa brilhando em seus olhos. “Arturo,” ela respirou. Seu olhar disparou para mim e fez uma tomada dupla. “Tatiana, o que você é—como você nos encontrou?”

“Mais tarde,” Arturo retrucou. Ele rapidamente desabotoou o colete à prova de balas do corpo e então o empurrou sobre a cabeça dela, forçando-a. Illayana não lutou. Se era porque ela não queria perder tempo ou se ela simplesmente não tinha mais energia, eu não tinha certeza.

Ela parecia ter ido ao inferno e voltado.

O peito de Aleksandr arfava para cima e para baixo enquanto ele levava um segundo para recuperar o fôlego, a surpresa em seus olhos espelhando os de Illayana. Ele estava coberto de sangue, cortes e hematomas salpicando sua pele. A exaustão marcava seu rosto, mas ele não deixou que isso o afetasse, mantendo sua postura poderosa e seu corpo pronto para a ação.

Estiquei o braço para trás e puxei uma arma de trás das costas, oferecendo a ele. Ele assentiu em agradecimento,

pegou a arma, verificou-a e então a ergueu, mantendo vigilância sobre a área.

“Você consegue andar?” Arturo perguntou, ajudando Illayana a se levantar.

“Estou bem.” Embora ela tenha tropeçado quando finalmente se levantou. Os braços dele imediatamente envolveram sua cintura, segurando-a.

“Illayana, onde está Nikolai?”

“Nik?” ela olhou ao redor, ainda um pouco atordoada.

Havia sangue escorrendo pela lateral do rosto dela de um corte feio. Ela apontou para o outro lado da Arena, todo o caminho para o outro lado. “A última vez que o vi, ele estava lá em algum lugar.”

Eu xinguei. Entre nossa posição e lá, era como um maldito campo de batalha. Corpos por todo lugar. Alguns vivos e lutando por suas vidas, outros deitados imóveis no chão.

"Dê-me uma arma", Illayana exigiu, saindo dos braços de Arturo para ficar de pé sem sua ajuda.

Arturo balançou a cabeça. “Não, você está ferido. Vou tirar você daqui.”

“Eu não vou embora sem minha família!” ela sibilou. “Agora me dê uma porra de uma arma.”

Arturo rosnou antes de entregar a ela sua metralhadora.

Ela a examinou rapidamente, como Aleksandr havia feito, antes de segurá-la.

“É Drea?” Aleksandr olhou para o campo, os olhos estreitados em concentração.

“Sim. Ela e o irmão dela—” e ele foi embora, abrindo caminho para fora do círculo protetor dos homens de Arturo e correndo atrás dela, nem me deixando terminar a frase. Tanto faz .

“Preciso encontrar meu pai.” Illayana olhou ao redor freneticamente, procurando. Era difícil ver qualquer coisa

no lugar com a fumaça e todas as pessoas se movendo, algumas brigando, algumas fugindo.

Eu não dava a mínima para Dimitri, por pior que isso parecesse. Só havia uma pessoa que eu queria encontrar.

“Você encontra seu pai. Eu encontro Nikolai.”

“Não deveríamos nos separar”, Arturo interrompeu. “É

muito perigoso.”

“Diga a alguém que se importa. Eu vou.” Eu me afastei e ele gritou.

“Espera! Vin, vai com ela.” Seu irmão mais novo assentiu e se moveu para o meu lado, arma em punho. Não havia nada daquela brincadeira brincalhona pela qual ele era muito conhecido. Apenas foco e determinação puros.

Os braços de Illayana me envolveram em um abraço apertado. “Fique segura.”

Rapidamente retribuí o abraço. “Você também.”

Os homens de Arturo se dissiparam, seguindo ele e Illayana enquanto eles seguiam por caminhos diferentes. Corri na direção que Illayana havia indicado, Vincenzo correndo ao meu lado. Um homem veio até mim pela minha direita.

Atirei, sem nunca diminuir o ritmo. Outro pela esquerda.

Vincenzo o derrubou. Uma faca veio voando em minha direção. Abaixei-me, arranquei uma adaga da minha coxa, joguei-a e continuei correndo. Quatro soldados entraram em nosso caminho, perto demais para eu tentar atirar, e atacaram. Dois em Vincenzo e dois em mim.

Abaixei, desviei, torci; evitei os golpes deles, meus movimentos eram rápidos e fluidos. Puxei outra adaga e cortei para cima em um arco poderoso. Um dos homens gritou, cambaleando para trás. Bloqueei um golpe do outro soldado e o esfaqueei duas vezes em rápida sucessão, um golpe na costela, outro golpe na lateral do pescoço. Ele desmoronou.

Continuei correndo.

Nikolai, onde você está?

Vincenzo me alcançou rapidamente, voltando para correr ao meu lado. Depois que tudo acabasse, eu provavelmente me sentiria mal por não ter ficado com ele, mas no momento eu não me importava. Eu precisava encontrar Nikolai. Ele estava lá, em algum lugar no caos—

“Cuidado!” Vincenzo mergulhou, me derrubando do caminho de um machado voando pelo ar. Eu grunhi com o impacto. Soldados nos cercaram, puxando Vincenzo para seus pés e socando-o.

Uma bota veio voando em direção ao meu rosto e eu mal consegui rolar para fora do caminho antes que ele literalmente me pisoteasse até a morte. Ele estava em cima de mim rapidamente, me prendendo no chão com as mãos em volta da minha garganta.

Eu engasguei, lutando para respirar enquanto me debatia descontroladamente. Seu pedaço estúpido de—

Deslizei freneticamente a mão pelo meu corpo até meus dedos se curvarem em volta do cabo de uma arma.

Estrondo!

Ele caiu contra mim e eu o empurrei para longe, montando nele. Enfiei a arma que tinha acabado de usar para atirar em seu estômago em sua boca. Seus olhos se arregalaram.

Ótimo. Ele ainda está vivo. Esvaziei o pente. Sangue espirrou em meu rosto, junto com o que eu acho que era parte de sua língua (eu não tinha certeza).

Limpei meu rosto com as costas da mão e corri para ajudar Vincenzo. O cara tinha acabado de salvar minha vida. Eu não podia simplesmente sair correndo de novo.

Sem escrúpulos em atirar em alguém pelas costas, disparei minha arma no homem agachado sobre Vincenzo e atirei nos outros dois parados sobre ele. Não querendo perder mais tempo, corri e coloquei Vincenzo de pé.

"Você está bem?"

Ele gemeu, segurando o lado, mas assentiu. “Bom. Vai.”

Partimos novamente, um pouco mais devagar dessa vez por conta dos ferimentos que sofremos ao longo do caminho, mas ainda assim, rápidos o suficiente.

“Onde ele está?!” Eu quase chorei quando ainda não o tínhamos encontrado. O pânico dentro de mim aumentava a cada segundo que passávamos sem encontrá-lo, quase me sufocando. Comecei a perder a esperança, minha vontade de viver indo junto com ela.

“É ele ali?” Vincenzo apontou para a direita e eu quase quebrei meu pescoço girando minha cabeça naquela direção.

O alívio quase me fez cair de joelhos e minhas pernas fraquejaram.

Lá estava ele.

Meu Nikolai.

Eu sempre amei vê-lo lutar. Havia algo verdadeiramente hipnótico na maneira como ele se movia. A maneira como ele balançava os braços. O longo alongamento de suas pernas enquanto ele dava chutes poderosos. A brutalidade com que ele tirava a vida de seus inimigos. Era como se nada pudesse pará-lo, como se ele fosse a morte reencarnada.

Dada a quantidade de corpos espalhados no chão ao redor dele, a analogia se encaixou muito bem, e eu me daria um tapinha nas costas por isso mais tarde.

Ele estava a uma curta distância, cercado por todos os lados por soldados com um muro às suas costas. Eu corri a toda velocidade, focando em nada além dele. Chegando até ele. Eu me abaixei e desviei de outras pessoas, ignorando tudo e todos os outros. Eu soltei uma saraivada de balas em sua direção, tomando cuidado para não acertá-lo, então eu tirei a metralhadora do meu ombro e a soltei para que eu

pudesse correr mais rápido, o peso dela não fazendo nada além de me segurar.

Ele estava contra a parede, uma faca se aproximando cada vez mais de sua garganta enquanto ele lutava para segurá-la. Uma última explosão de velocidade me trouxe direto para ele e eu bati no soldado em um tackle brutal, nos fazendo voar para o ar e pousando em uma pilha no chão.

O soldado foi pego completamente de surpresa, permitindo que eu ganhasse vantagem rapidamente. Nós rolamos na areia e eu empurrei para a posição dominante, terminando em cima. Eu arranquei uma adaga da minha cintura e a empurrei para baixo do seu queixo, a lâmina deslizando através de sua pele como manteiga. Seus lábios se abriram em um grito silencioso e eu vislumbrei a faca dentro de sua boca. Eu a arranquei e a enfiei fundo em seu olho antes de rolar para longe dele e pular para ficar de pé.

Braços fortes me seguraram pelo pescoço e me levantaram do chão, apertando com força.

Porra!

Eu chutei, me debatendo selvagemente, mas quem quer que estivesse me segurando não me soltou. Eles apertaram mais forte e eu engasguei, arranhando freneticamente o braço que esmagava minha garganta, ficando sem ar rapidamente.

O corpo atrás de mim de repente enrijeceu, ficando completamente imóvel.

“Deixe-a ir.” Aquela voz… Eu reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Ela estava cheia de escuridão, raiva, mas eu sabia sem sombra de dúvida que era Nikolai.

“Largue a faca ou eu quebro o pescoço dela”, meu agressor avisou.

“Filho da puta, você acha que eu estou brincando?” Eu fui empurrado para frente levemente quando Nikolai agarrou um punhado do cabelo do meu agressor. “Eu vou te foder

até sangrar com esta faca se você não a soltar. Certo.

Porra. Agora!”

Essa ameaça assustou meu agressor o suficiente para que ele me largasse imediatamente, suas mãos voando em sinal de rendição. Caí bruscamente de quatro, respirando com dificuldade. Olhei por cima do ombro bem a tempo de ver Nikolai cravar a faca profundamente no pescoço do homem, até o cabo. Ele literalmente o jogou para o lado e então seus braços estavam ao meu redor, me segurando firme.

"Amor, o que você está fazendo aqui?" ele sussurrou em meu cabelo, seu corpo inteiro tremendo.

Eu o abracei de volta, apertando com tanta força que o fez gemer de dor. "Que pergunta idiota de se fazer." Eu meio que ri, meio que chorei. Todo o medo e ansiedade que eu estava segurando desde o momento em que descobri que ele tinha sido levado saíram de mim e eu solucei, agarrando-o a mim como se ele fosse desaparecer de novo.

"Você não deveria estar aqui", ele me repreendeu, beijando o lado do meu pescoço, meu queixo, minha bochecha.

“'Obrigada, Tatiana, por vir me salvar' é o que acredito que você quis dizer.”

Ele riu suavemente, agarrando os lados do meu rosto com as duas mãos. Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e apenas me encarou, aqueles olhos azuis hipnotizantes segurando toda a minha atenção. Ele me beijou

suavemente, cheio de amor e ternura que fez todo o meu corpo derreter nele.

“Com licença?!” Nós dois lançamos olhares para Vincenzo, que tinha acabado de arrancar sua lâmina do estômago de um soldado e então o chutou para longe. “Beija depois, luta agora!” Ele se abaixou sob um golpe, cortou para cima, se abaixou sob outro e girou, dando um poderoso chute giratório no queixo de um soldado.

Certo.

Nikolai e eu pulamos, voltando para a luta.

“Você viu minha família?” ele perguntou, defendendo e atacando, defendendo e atacando.

“Illayana e Aleksandr, sim. Abaixe-se.” Ele caiu e eu dei um chute sobre sua cabeça, esmagando meu pé na lateral do rosto de um homem. “Lukyan e seu pai, não.” Nós nos mantivemos próximos, avançando lentamente pelo campo em direção ao buraco que tínhamos aberto na Arena. Não era como se fosse fácil perder.

A voz de Mikhail soou através do meu fone de ouvido.

“Dimitri protegido.”

A voz de Arturo veio em seguida. “Illayana protegida.”

“Aleksandr e Lukyan estão seguros”, disse Drea por último.

Vincenzo tocou seu fone de ouvido. “Nikolai protegido.

Saindo agora.”

“Encontro no submarino,” Arturo ordenou. Um coro de

“Sim" se seguiu.

Olhei para Nikolai. “Sua família está segura.”

"Tem certeza?"

“Sim, eles—” meus olhos se arregalaram quando vislumbrei uma figura aparecer atrás de Nikolai, uma arma apontada bem para suas costas. Não parei para pensar, não hesitei.

Eu o empurrei para fora do caminho e—

Estrondo!

Uma dor incandescente explodiu em meu peito. Meu corpo foi impulsionado para trás pela força do tiro e eu caí com força no chão, gritando em agonia.

A dor. Porra, a dor!

Eu nunca tinha levado um tiro antes e, se era assim que me sentia, nunca mais queria levar um tiro. Jesus.

O rosto de Nikolai apareceu acima de mim, os olhos brilhando com lágrimas. “Porra, Tati. Você está bem. Por que diabos você fez isso?! Você está bem. Está tudo bem.”

Ele freneticamente abriu meu colete à prova de balas e literalmente caiu em cima de mim. “Você está bem. A bala não penetrou no colete. Você está bem. Oh, porra, você está bem.”

"Isso é bom." Uau, foi só eu ou isso saiu meio lento?

Sua cabeça se levantou de repente e ele olhou para mim com preocupação enquanto embalava meu rosto. "Ei, o que

—" seus olhos se arregalaram de medo quando ele olhou para sua mão. Estava coberta de sangue. Ele levantou minha cabeça lentamente e eu estremeci. Ele puxou uma pedra de trás de mim.

Eu caí ali?

“Porra.” Ele jogou para o lado. “Me dê uma porra de ajuda!” ele rugiu para Vincenzo.

“Estou me sentindo um pouco... tonto.” A escuridão penetrou nos cantos da minha visão. Minha cabeça pendeu para o lado e Nikolai agarrou meu rosto com

força.

“Não. Ei! Não. Fique acordado, está me ouvindo? Você vai ficar bem. Só fique acordado.”

Tontura tomou conta de mim. Meus olhos de repente ficaram pesados, muito pesados. Havia uma dor surda pulsando no meu crânio. Algo molhado escorreu pela parte de trás do meu pescoço.

“Tati! Oi!”

A escuridão ao redor da minha visão aumentou, espalhando-se e engolindo mais da minha visão.

Nossa, isso não pode ser bom.

Nikolai começou a gritar, mas eu não conseguia ouvi-lo. Por que eu não conseguia ouvi-lo? Eu me sentia tão fraco, não conseguia nem levantar os braços. Eu queria tocar seu rosto. Ele tinha um rosto tão bonito. Lindo. Absolutamente lindo.

Náuseas me percorreram, misturadas com tontura. A última coisa que vi foi Nikolai chorando antes que a

escuridão tomasse conta completamente.



Capítulo Quarenta e Dois

TATIANA ANDREEVA

EU GEMEU, MINHA CABEÇA batendo como uma britadeira em meus ouvidos.

Onde diabos eu estou? O que está acontecendo?

Minha boca estava seca, uma pesada tontura percorrendo cada um dos meus membros, tornando quase impossível para mim me mover. A última coisa que eu lembrava era de lutar na Arena. O clarão de uma arma. A dor de ser atingido no peito. Caindo. Uma onda completa de desorientação. Nikolai.

Engoli o nó na garganta e lutei para empurrar a névoa que controlava minha mente. Havia algum tipo de ruído repetitivo de bipe nadando na minha cabeça. Isso me lembrou do que você ouviria em um hospital, como um monitor cardíaco. Era lá que eu estava?

Fazia sentido, considerando os últimos fragmentos de memórias que consegui entender.

O peso sobre meus olhos começou a desaparecer lentamente, e usei toda a minha força para abri-los.

Eu estava certo. Eu estava em um hospital. O quarto trouxe de volta memórias dolorosas da última vez que estive em um quarto como aquele, mas eu as afastei. Eu as tranquei de volta naquele cantinho da minha mente para onde eu me recusava a ir.

Nikolai estava caído para frente ao meu lado, sua cabeça apoiada em seu antebraço, mão apertada sobre a minha.

Ele estava dormindo. Linhas de exaustão marcavam seu

rosto. Seu cabelo estava uma bagunça desgrenhada, suas roupas todas amarrotadas e sujas. Pareciam as mesmas que ele estava usando na Arena. Ele não tinha descansado o tempo todo em que estive fora?

Puta merda, provavelmente não. Esse cara, eu juro.

Lambi

meus

lábios

secos,

movendo

meu

corpo

ligeiramente. Eu não queria acordá-lo, especialmente considerando o quão cansado ele parecia. Meu corpo inteiro doía. A dor latejava em todos os lugares. Meu peito.

Minhas pernas. Até meus malditos dedos dos pés. Tudo doía .

Agora que a adrenalina não estava mais fluindo pelas minhas veias, mascarando a dor, eu conseguia sentir tudo.

E era uma merda.

Eu estava coberto de fios. Alguns deles grudados no meu peito, alguns na minha testa. Eles corriam de mim para os monitores ao redor da cama, monitorando meus sinais vitais.

A porta de vidro do chão ao teto na minha frente deslizou e abriu, uma mulher baixa e gordinha em uma roupa de enfermeira entrou na sala. Ela me deu um sorriso caloroso.

“Oh, você finalmente acordou—”

“Shhh,” eu sussurrei, colocando um dedo nos meus lábios.

Os olhos dela se voltaram para Nikolai dormindo ao meu lado e ela levantou a prancheta em suas mãos para cobrir sua boca.

“ Desculpe ,” ela murmurou quando o pegou. Ela deu mais um passo para dentro do quarto, parando ao meu lado na cama. “Eu estava começando a me perguntar se ele já dormiu. Ele está acordado desde o momento em que te trouxe,” ela sussurrou suavemente.

“Só por curiosidade, quando foi isso?” Minha voz estava rouca, minha garganta toda arranhada. Isso me fez tossir.

Ela me entregou um pequeno copo de isopor cheio de água.

O nome em seu crachá dizia “Marie”. Agradeci e esvaziei o copo inteiro de um gole só. O líquido refrescante deslizou pela minha garganta e eu gemi.

“Você está aqui há pouco mais de um dia.” Marie verificou o monitor, anotando

algumas leituras em sua prancheta.

“Como você está se sentindo?”

“Uma merda”, respondi honestamente.

“Eu não te culpo, dada a condição em que você chegou.

Concussão grave, costela quebrada, alguns cortes, hematomas intensos, múltiplas torções nos dedos. A lista continua. Deve ter sido um baita acidente de carro do qual seu namorado aqui te tirou.”

“Foi”, concordei, mentindo facilmente. Não fiquei surpreso ao ouvir que ele inventou algum tipo de desculpa para explicar meus ferimentos. Não é como se ele pudesse ter entrado no pronto-socorro e dito “Ah, ela se machucou tentando me resgatar de um torneio de luta até a morte no estilo gladiador. Você sabe, a mesma coisa de sempre.”

“Alguém mais foi trazido comigo?”, perguntei, removendo os tubos do meu nariz. Eu estava morrendo de vontade de saber como os outros estavam. Se mais alguém tinha se machucado. O que aconteceu depois que desmaiei.

“Só você. Você esteve entrando e saindo da consciência nas últimas vinte e quatro horas. Vamos mantê-lo aqui por mais um dia ou mais, apenas para monitorar sua concussão, e então você estará livre para ir. Não se preocupe, nós anotamos sua condição pré-existente em seu arquivo, então se você precisar voltar por qualquer motivo, as devidas precauções podem ser tomadas.”

“Condição preexistente?” Eu gemi, tentando me sentar sem empurrar Nikolai.

“A gravidez”, ela sorriu.

Minhas sobrancelhas se franziram. “Acho que você tem o arquivo errado aí. Eu não estou grávida.”

Sua carranca combinava com a minha. “Uhh.” Ela folheou sua prancheta, folheando os papéis. “Isso é estranho.”

"O que é?"

“Você estava com bastante dor quando chegou. Sempre fazemos um exame de sangue antes de administrar morfina, e os resultados revelaram que você certamente está grávida. Estágios bem iniciais, apenas cerca de duas semanas ou mais. Mas definitivamente grávida.”

Fiquei olhando para ela, suas palavras demoraram um pouco mais para serem processadas do que o normal.

Grávida...grávida...grávida.

Minha mente continuou repetindo a palavra várias vezes, como se estivesse esperando que eu entendesse o significado do que ela tinha acabado de dizer.

Oh, Deus… o quê? Como? Nikolai e eu usávamos proteção toda vez que fazíamos sexo. Quão fortes eram os malditos nadadores dele?

"Sinto muito se isso não é uma boa notícia", ela disse suavemente, me dando um tapinha simpático na mão.

“Não é isso. É… bem…” Não era uma boa notícia, certo?

Claro que eu sempre quis tentar ter outro filho. Mas isso foi anos depois, quando eu tive a chance de me curar adequadamente do trauma da morte de Nikolas.

Era muito cedo. Eu não conseguiria passar pelo que passei da última vez. Não tem como eu sobreviver perdendo outro filho.

Meus olhos se voltaram para Nikolai, ainda dormindo profundamente. “Ele sabe?”

“O

namorado?

Não.”

ela

balançou

a

cabeça.

“Confidencialidade médico/paciente.”

Eu assenti, levemente aliviado. Eu precisava de tempo para processar aquela informação antes mesmo de tentar contar



a Nikolai.

“Tatiana, por favor, deixe-me tirar a venda. Você está me deixando nervoso.”

Olhei para Nikolai no banco do passageiro do carro, e um lampejo de diversão percorreu meu corpo diante da palidez repentina de sua pele.

Uma semana se passou desde o hospital. Desde que descobri que estava grávida. E ainda acho que não aceitei isso. Não realmente.

Por um lado, eu estava animada. Feliz. Exultante. A ideia de um bebezinho, a chance de fazer tudo de novo — do jeito certo, com o resultado certo — era uma oportunidade que eu não achava que teria por muito tempo... se é que teria.

Por outro lado, eu estava absolutamente aterrorizado.

Aterrorizado de que o que aconteceu da última vez aconteceria novamente. Era um tipo de medo paralisante.

O tipo que literalmente me tirava o fôlego. Acho que tive pelo menos dez ataques de pânico nas últimas setenta e duas horas.

E o pobre Nikolai. Ele não tinha ideia do que estava acontecendo. Por que, de repente, eu estava ofegante.

Tremendo. Sentindo que ia desmaiar. Mas ele logo desmaiaria.

Era o dia em que eu ia contar a ele. Só tinha uma coisa que eu tinha que fazer primeiro.

“Qual é o problema, Nicky? Você não confia em mim?”

Minhas mãos deslizaram pelo volante enquanto eu fazia uma curva, uma risada borbulhando na minha garganta quando Nikolai soltou um som agudo que eu poderia jurar que era um grito de medo.

“Atrás do volante enquanto estou vendado e não consigo ver o que está acontecendo? Não. Não, eu não consigo.”

Revirei os olhos. “Relaxa. Não vou nos matar.”

“Diga isso ao ciclista que você atropelou.”

“Ele estava bem! Ele se levantou imediatamente. Eu sou um excelente motorista.”

“Eu acreditaria que se você não estivesse—” suas palavras foram interrompidas

quando eu desviei abruptamente para evitar um carro na estrada, e ele grunhiu quando sua cabeça bateu contra a janela, “—dirigindo como um maldito maníaco,” ele sibilou. “É isso. Vou tirar isso—”

“Não, não!” Eu bati a mão sobre seus olhos para impedi-lo de remover a venda.

“Duas mãos no volante, Tati!”, ele gritou aflito.

“Tudo bem, tudo bem. Só não tire.”

“Não vou, só me diga que você tem duas mãos no volante.

Por favor.”

“Eu gosto. Nossa, você realmente não gosta quando eu dirijo, não é?”

Ele escolheu não responder. “Isso é ridículo,” ele suspirou, mas não tentou tirar a venda novamente. “Por que eu preciso usar isso?”

Porque eu sabia que quando ele visse para onde eu o estava levando, ele iria querer dar meia-volta.

“Porque eu não quero que você reconheça para onde estamos indo e estrague a surpresa. Apenas sente-se e relaxe. Estamos quase lá.”

“Isso é impossível com você dirigindo”, ele murmurou.

“Quando chegarmos lá, eu terei envelhecido trinta malditos

anos.”

“Oooo, raposa prateada Nikolai? Essa é uma versão sua que eu definitivamente posso apoiar.”

Ele deu aquela risada profunda e grave que sempre me arrepiava.

O suor escorria pelas minhas palmas, o nervosismo inundava minhas veias. Embora eu estivesse confiante de que Nikolai não me abandonaria novamente, não podia dizer com certeza como ele reagiria à notícia quando eu lhe contasse. A primeira vez que ele descobriu que eu estava grávida, ele ficou em êxtase. Mas, assim como para mim, essa notícia veio com cicatrizes.

Ele ficaria realmente feliz com isso?

Sinceramente, eu não tinha certeza.

Conversamos um pouco enquanto eu continuava dirigindo, tomando cuidado para não fazer nada maluco ou errático que pudesse causar uma parada cardíaca nele.

As coisas estavam agitadas para a Bratva desde todo o fiasco dos Til Death Games. Embora todos os Volkovs tivessem saído relativamente ilesos, ainda havia muitos negócios inacabados. Talon tinha fugido no momento em que nos infiltramos na Arena. Ele ainda estava no vento.

Dimitri estava decidido a encontrá-lo, dedicando todo o seu tempo e recursos para tentar localizá-lo.

Illayana finalmente voltou para casa com Arturo.

Sinceramente, não achei que aquele homem fosse deixá-la fora de vista novamente. Eu me senti um pouco mal por ela.

Ele estava grudado ao lado dela como uma maldita sombra.

E os guardas dela? Bem, antes que eles saíssem, Arturo tinha cavado o ringue e os demolido completamente.

Pobres rapazes.

Virei à direita e dirigi por uma estrada de terra, passando lentamente pelos portões. Meu coração acelerou com a

placa, uma onda de tristeza me invadiu. Parei o carro e desliguei o motor.

“Você pode tirar a venda agora.”

“Graças a Deus.” Ele o removeu e todo o seu corpo ficou rígido ao meu lado enquanto ele observava o ambiente.

“Tatiana, o que estamos fazendo aqui?”

O sorriso que dei a ele foi cheio de tristeza, dor e desespero. "Vamos." Abri a

porta e saí do carro. A brisa fresca soprou meu cabelo dos ombros e farfalhou as folhas no chão. Ela rodou ao meu redor, trazendo consigo os aromas de solo recém-cavado, musgo úmido e chuva.

Fiz questão de pegar minha bolsa antes de fechar a porta e dar a volta no carro para ficar cara a cara com Nikolai.

“Eu não quero estar aqui, Tati,” ele sussurrou, tão suavemente que eu mal o ouvi. A tensão saiu dele, seus olhos azuis hipnotizantes cheios de ansiedade. Com perda.

Com tristeza.

Meu coração se partiu e me senti mal por deixá-lo em tal sofrimento, mas era algo que eu sentia que nós dois precisávamos seguir em frente. Para dar o próximo passo.

Para finalmente deixar o passado para trás.

“Eu sei, meu amor.” Estendi minha mão em oferta e esperei. Se ele realmente não quisesse fazer isso, eu não o forçaria. Tinha que ser uma escolha que ele fez sem nenhuma solicitação minha.

Ele exalou pesadamente, sua respiração saindo trêmula, e colocou sua mão na minha. Eu a apertei firmemente em apoio e então o levei pelo caminho de pedra até a grama.

Eu não precisava ver para onde estava indo. Se eu quisesse, eu poderia fechar meus olhos e ainda chegar aonde eu precisava ir sem um único passo em falso, porque eu vinha aqui uma vez por semana nos últimos dois anos.

Parei de andar e caí de joelhos, passando um dedo amorosamente pela lápide. “Oi, querida, mamãe está aqui.”

Nikolai ficou parado como uma estátua atrás de mim, seu rosto passivo, mãos entrelaçadas na frente dele. Ele evitou olhar para o túmulo, seus olhos vagando por tudo, exceto o que estava bem na frente dele. Como se ele não suportasse olhar para aquilo, não conseguisse se obrigar a reconhecer o que estávamos fazendo neste lugar.

Tirei o pequeno buquê de flores da minha bolsa e coloquei-o em seu pequeno túmulo, as lágrimas turvando minha visão. “Sinto muito por não ter podido vir na semana passada. Mamãe estava lidando com algumas coisas. Mas eu trouxe seu pai para vir visitá-la.”

Olhando por cima do ombro, pedi a Nikolai que se aproximasse com um pequeno aceno de mão.

Ele hesitou, o rosto contorcido com uma mistura de dor e angústia. “Por que você está fazendo isso comigo?” ele sussurrou tristemente. “Você está tentando me machucar?”

Simpatia tomou conta de mim. “Não, Nikolai. Claro que não.” Enganchei meus dedos nos dele e o puxei para baixo.

Ele relutantemente se esgueirou para o meu lado, observando o túmulo do nosso filho com trepidação, a dor em seus olhos tão clara quanto o dia.

“Você sabia que eu venho aqui quase toda semana?”

Ele não respondeu, mas tive a sensação de que sim.

“No começo, eu evitava.” Olhei para a lápide, as palavras

“NIKOLAS IVAN VOLKOV” como uma adaga no peito.

“Depois que o enterramos, não consegui vir aqui. Para me permitir pensar que ele tinha partido. Mas então percebi que este era o único lugar onde eu poderia ir para estar com ele. Para estar perto dele. Para falar com ele. Então comecei a vir uma vez por semana. Eu ficava sentado aqui por horas, dizendo a ele o quanto sentia sua falta, o buraco gigante que sua ausência deixou em meu coração.”

Lágrimas brotaram em seus olhos. Ele não respondeu, olhando entorpecido para a lápide.

“Eu queria me desculpar com você.”

Sua cabeça virou-se para mim, os olhos cheios de confusão.

"Por que diabos você tem que se desculpar comigo ? " O

ridículo em camadas em sua voz me fez rir baixinho, como se ele não conseguisse entender a ideia de eu me desculpar com ele por algo.

“Depois que Nikolas morreu, eu fiquei tão… bravo.” Eu reajustei minha posição, sentando para cruzar minhas pernas. “Bravo com o que aconteceu. Bravo com a vida.

Bravo com… você.”

A angústia passou pelo seu rosto. “Sinto muito—”

"Não, pare." Eu agarrei seu rosto com as duas mãos e o forcei a olhar para mim. "Você já pediu desculpas um milhão de vezes, repetidamente. Agora é a minha vez de pedir desculpas a você." Eu alisei a carranca em suas sobrancelhas que minhas palavras causaram com meu polegar, admirando todos os pequenos detalhes de seu rosto. A ligeira curva de seu nariz. Aquele maxilar forte.

Olhos que brilhavam como o oceano. "Eu estava tão cego pela minha raiva e tristeza, nunca percebi que o que eu estava fazendo com você era exatamente a mesma coisa que eu estava punindo você por fazer comigo . Eu abandonei você. Eu deixei você para lamentar sua morte sozinho. Eu nunca lhe dei a chance de lamentar adequadamente porque eu fiz você prometer não dizer uma palavra a ninguém. Então eu simplesmente desapareci.

Sinto muito por não estar lá por você, Nikolai, mas eu estou aqui agora. Estou aqui agora se você quiser se despedir do nosso filho."

Ele fechou os olhos, lágrimas rolando por suas bochechas e então ele se inclinou para frente, enterrando sua cabeça em meu peito. Seu corpo inteiro tremia enquanto ele soluçava baixinho, e eu suavemente esfreguei uma mão para cima e para baixo em suas costas.

Eu não tinha certeza de como eu sabia. Chame isso de intuição, ou talvez fosse apenas o fato de que eu o conhecia melhor do que qualquer outra pessoa no mundo, mas eu sabia que ele não tinha realmente se permitido lamentar Nikolas. Que em vez disso, todo esse tempo, ele apenas manteve essas emoções enterradas profundamente em sua mente e fingiu que elas não estavam lá.

Isso foi parcialmente culpa minha. Eu entendi isso e me senti horrível por isso. Minha insistência em ignorar o que aconteceu e me recusar a reconhecer isso o

fez sentir que não podia lamentar, porque não havia mais ninguém com quem ele pudesse falar sobre isso, exceto eu.

A culpa daquela decisão ficaria comigo por muito tempo.

Eu não tinha certeza de quanto tempo havia passado quando Nikolai finalmente se recostou, seus olhos injetados de sangue. Dei um beijo suave em cada olho, primeiro o direito, depois o esquerdo, antes de finalmente dar-lhe um beijo nos lábios, um cheio de todo o amor e cuidado que eu sentia por ele.

Ele me beijou de volta, me envolvendo em seus braços grandes e fortes e me segurando firme. "Eu te amo. Eu te amo tanto."

Sorri, acariciando o lado do seu rosto. “Eu também te amo.” Agora era um momento tão bom quanto qualquer outro. “Tenho algo para te contar.”

"O que?"

Eu me afastei do abraço dele e peguei minha bolsa. Ele me observou, um pouco confuso, enquanto eu procurava dentro dela até encontrar o que estava procurando. Eu a ofereci a ele. Ele enrijeceu, seu olhar passando de mim para o ultrassom, de volta para mim. Para frente e para trás, para frente e para trás.

Esperei pacientemente, deixando-o processar a informação como ele precisasse. Ele estava completamente chocado.

Como eu tinha ficado. Nenhuma surpresa nisso, realmente.

“Como-como-o quê—”

“Você aparentemente tem uns nadadores muito fortes pra caralho. Veja isso aqui”—apontei para a coisinha que parecia um amendoim—“Este é o bebê número um. E

este”—apontei para o segundo amendoim—“é o bebê número dois.”

Ele recuou como se eu tivesse lhe dado um tapa. De certa forma, acho que sim. Só que foi com uma informação surpreendente em vez da minha mão.

Foi um choque para mim também, quando descobri que eram gêmeos. Eu só

tinha realmente aceitado estar grávida quando o médico deixou escapar essa pequena informação.

Depois que saí do hospital, decidi marcar uma consulta com meu obstetra e ver por mim mesma se eu realmente estava grávida. Eles fizeram um ultrassom pré-natal e bum, lá estavam eles: duas pequenas manchas no monitor.

“T-gêmeos?”, ele gaguejou. Ele hesitantemente pegou o ultrassom, como se estivesse com medo de que ele pudesse desaparecer ou algo assim. Ele olhou para ele, passando um dedo amorosamente sobre a superfície. “Gêmeos”, ele repetiu novamente, dessa vez mais forte, mais certo. Com confiança.

O choque se transformou em felicidade. Seus lábios lentamente se curvaram em um grande sorriso radiante e ele se lançou em mim, me envolvendo no abraço mais apertado. “Eu prometo que as coisas serão diferentes desta vez, Tati. Eu prometo que não vou te decepcionar.” Ele colocou uma mão na minha barriga. “Eu não vou decepcionar nenhum de vocês.”

Seus olhos, tão cheios de amor e ternura, fitavam profundamente os meus, e eu sabia, sem sombra de dúvida, que ele falava sério em cada palavra.

Ele me beijou, suavemente no começo, mas como sempre acontecia conosco, depois se transformou em algo mais.



Capítulo Quarenta e Três

NIKOLAI VOLKOV

“D “VENHA MAIS RÁPIDO, NIKOLAI,” TATIANA ofegou, beijando a lateral do meu pescoço.

Tentei evitar que meus olhos revirassem, a sensação dos lábios dela na minha pele me fez gemer.

A mulher seria a minha morte absoluta. Reduzi uma marcha, engatei a terceira e pisei fundo no acelerador, acelerando.

Quando acordei esta manhã, a última coisa que eu esperava era que Tatiana me

levasse ao túmulo do nosso filho. Não estávamos lá juntos desde que o sepultamos. Eu não estava lá desde que o sepultamos.

Eu sabia que Tatiana ia lá constantemente, mas nunca tive coragem.

No fundo, havia uma parte de mim que sentia que eu não merecia ir vê-lo. Que eu não tinha o direito, que seria um insulto à sua memória. Eu não estava lá para ele quando ele veio ao mundo. Que direito eu tinha de perturbar sua vida após a morte só para me sentir melhor?

Tirando aquela primeira noite quando cheguei em casa, quando Aleksandr me tirou do carro, eu nunca deixei esses sentimentos saírem, nunca deixei que eles me dominassem.

Eu apenas os mantive trancados, fingindo que eles não estavam lá. Se eu não pensasse sobre isso — sobre ele —

então não faria mal, certo?

As palavras de Tatiana fizeram a única coisa que eu vinha tentando evitar nos últimos dois anos.

“Eu trouxe seu pai para vir te visitar.”

“Estou aqui agora, se você quiser se despedir do nosso filho.”

Eu desmoronei. Todos aqueles pensamentos e sentimentos que eu estava tentando desesperadamente ignorar vieram à tona, e eu não tive escolha a não ser senti-los. Doeu.

Deus, doeu, tanto que eu não achei que sobreviveria. Acho que, quando você finalmente se permite sentir emoções que você estava suprimindo por anos, elas voltam com força. Com uma vingança.

Não sei dizer por quanto tempo acabei chorando. Quanto tempo Tatiana ficou sentada ali, me confortando. Quando terminei, porém, me senti... mais leve. Como se um pedacinho da minha alma tivesse finalmente se curado. Não fiquei nem um pouco envergonhado de chorar nos braços da minha mulher. Não havia nada mais debilitante, mais esmagador para a alma do que a perda de um filho. Eu simplesmente me deixei sentir essa perda em sua totalidade, sem restrições.

Sem restrições. Nenhuma parte de mim se segurando.

Então, pela segunda vez em um dia, ela me surpreendeu pra caramba ao me dizer que estava grávida. De gêmeos.

Puta merda, meu mundo tinha sido completamente e totalmente abalado.

Depois que o choque passou, percebi que Tatiana estava me encarando com um olhar assustado nos olhos, quase como se ela estivesse com medo do que eu ia dizer. Como se ela temesse que eu reagisse mal. Como se isso fosse possível.

O mundo me deu uma segunda chance, a oportunidade de aprender com meus erros passados. De finalmente fazer as coisas do jeito certo. Foi uma benção, um milagre, um presente.

Claro, eu sabia que Tatiana ficaria em pânico com isso. Isso explicava muito do comportamento dela nos dias anteriores. Ela deve ter descoberto no hospital e estava se conformando com isso sozinha antes de me contar.

As coisas ficaram muito quentes depois disso. Eu não pude evitar. Eu estava tão feliz, tão animado. Completamente nas nuvens que eu simplesmente tive que beijá-la e, como sempre quando nos beijamos, foi de zero a cem num piscar de olhos.

Ela me implorou para levá-la para casa e transar com ela, e é claro que eu atendi com prazer.

Então, lá estava eu, tentando nos levar para casa o mais rápido que podia sem nos matar enquanto Tatiana me deixava completamente louco no banco do passageiro. Me beijando, me tocando, sussurrando coisas sujas no meu ouvido que deixavam meu pau tão duro que doía.

"Não posso esperar mais", ela choramingou, e antes que eu pudesse perguntar o que ela queria dizer, sua mão estava dentro do vestido, um gemido profundo saindo de seus lábios.

Esse som do caralho. A coisa mais quente que eu já ouvi.

“Sua garotinha safada. Não consegue nem esperar até chegarmos em casa, hein? Você vai se foder aqui mesmo no meu carro?”

Ela murmurou algum tipo de concordância, jogando a cabeça para trás em prazer.

"Deixe-me experimentar um pouco", exigi asperamente, meu olhar alternando entre ela e a estrada.

Ela tirou a mão de baixo do vestido, os dedos brilhando com sua excitação, e os ofereceu para mim. Eu me certifiquei de manter meus olhos na estrada enquanto enrolava minha língua em volta dos dedos dela e os chupava em minha boca. Seu gosto delicioso inundou minha boca. Eu estava impotente contra aquele gosto e não

conseguia me impedir de colocar meu pau por cima da minha calça, tentando desesperadamente obter algum tipo de alívio da pressão crescente.

Tatiana, a pequena safada, sorriu para mim. Ela levantou o vestido todo para que eu pudesse ver seus dedos desaparecerem dentro da sua boceta novamente.

Eu bati um punho contra o volante em frustração. Porra, eu queria que fossem meus dedos entrando ali. Minha língua.

Meu pau. "Você vai pagar por me provocar assim, amor", eu avisei.

A cerca de ferro que cercava minha casa apareceu.

Finalmente .

“Está tudo bem. Eu gosto das suas punições. Elas sempre me fazem sentir tão. Porra. Boa,” ela suspirou, agarrando um punhado do seu seio. Ela se esfregou contra a mão dela, seus quadris se movendo em círculos lentos e profundos.

A visão que ela fez... Jesus Cristo. Eu ia gozar nas minhas malditas calças só de olhar para ela. Virei o volante, entrando na minha garagem muito rápido e parando bem no portão principal. Sujeira e cascalho foram jogados para o ar e um dos guardas pulou para trás assustado.

“Abre a porra do portão!” Eu gritei pela janela.

Tatiana riu da minha impaciência. Ela sempre amou me provocar pra caralho.

No momento em que o portão se abriu o suficiente para passar, disparei pela entrada da garagem, acelerando em direção à casa como se eu fosse morrer se não chegasse lá agora .

Lukyan surgiu da porta da frente quando eu estacionei, meio vestido e carregando uma metralhadora. Eu nem desliguei o carro. Eu apenas o coloquei no estacionamento e escancarei a porta, correndo para o lado do passageiro.

“Os guardas disseram que você estava com pressa. O que está acontecendo? Quem está te perseguindo—” As

palavras de Lukyan morreram quando eu puxei uma Tatiana rindo para fora do carro e por cima do meu ombro.

Sua boca caiu aberta enquanto eu corria pela varanda, subindo os degraus de dois em dois e passando direto por ele. “Ninguém está te perseguindo, está? Você está correndo para casa só para vocês dois poderem transar!

Você me deu um maldito ataque cardíaco!”

Eu não disse nada, muito focado em levar Tatiana para algum lugar privado para que eu pudesse finalmente sentir aquela bucetinha apertada enrolada em volta do meu pau.

Meus pensamentos tinham voltado ao estilo de pensamento do homem das cavernas. Quer minha mulher. Foder minha mulher. Quer. Foder. Quer. Foder. Quer. Foder. Quer. Foder.

Aleksandr e Drea irromperam no saguão ao mesmo tempo que eu, Aleksandr com uma metralhadora nas mãos e Drea com duas lâminas. Fui direto para as escadas, ignorando-os completamente.

“Oh, não se preocupe. Está tudo bem.” Ouvi Lukyan dizer, vindo atrás de mim. “Aqueles pagãos não correm perigo algum. Nikolai entrou correndo pelo portão principal porque está com tesão e quer transar.”

“Aw! Eu amo isso!” Drea jorrou, então ouvi o som distinto de um tapa forte. “Por que você não faz algo assim para mim?”

“Mulher, você não me deu um tapa.” Ouvi um grito de menina e olhei por cima

do ombro para ver Aleksandr marchando para fora da sala com Drea sobre seu ombro.

“Pervertidos sexuais! Todos vocês!” meu irmão mais novo gritou.

“Desculpe, Lukyan!” Tatiana riu.

Dei um tapa na bunda dela, fazendo-a gritar. “Não se desculpe. Você não tem nada do que se desculpar.”

“É assim que vai ser o tempo todo, agora que vocês saíram do armário?!”

Não me incomodei em responder a Lukyan, subindo as escadas correndo. Quando cheguei ao segundo andar, Tatiana exigiu que eu a colocasse no chão. No momento em que o fiz, ela começou a correr as mãos pelas paredes, procurando por algo.

"O que você está fazendo?"

“Eu sei que está aqui em algum lugar.” Seus dedos clicaram no pequeno botão embaixo de uma das arandelas de luz, e parte da parede se moveu, revelando uma das muitas passagens escondidas na casa. Ela se virou para olhar para mim, olhos cheios de travessura. “O que você diz, Nicky? Pelos velhos tempos?”

A excitação crepitava em meus ossos. Passei a língua sobre meu lábio inferior e dei um passo à frente, forçando-a a voltar para a passagem.

"Você se lembra dessa, não é, Nicky?", ela respirou pesadamente,

seu

peito

subindo

e

descendo

profundamente, chamando minha atenção para aqueles peitos gloriosos e empinados.

“Como se eu pudesse esquecer.” Aquele ponto ali, aquele exato ponto foi o ponto onde eu finalmente cedi e tive meu primeiro gostinho dela. Onde minha obsessão por ela começou.

Era meu lugar favorito na casa.

“Você vai me manter quieto, como da última vez?”

Eu ri profundamente. Com um toque de um interruptor, a parede deslizou de volta para o lugar, nos envolvendo quase inteiramente na escuridão. Faixas tênues de luz do outro lado fizeram seu caminho para o pequeno espaço, iluminando apenas o suficiente para que nos víssemos, mas não muito mais. Usei meu corpo para pressioná-la contra a parede, o engate de sua respiração fazendo meus lábios se curvarem em um sorriso selvagem.

“Não vejo por que preciso fazer isso”, sussurrei, passando o nariz pela lateral do pescoço dela. Sua cabeça pendeu para o lado, me dando mais acesso. “Todo mundo sabe sobre nós agora. Não temos nada a esconder. Então faça tanto barulho quanto quiser. Grite se quiser. Ninguém virá para te salvar.”

Meus dedos subiram por suas pernas, engancharam em sua calcinha e as puxaram para baixo. A sensação de sua pele, aquele som quente de merda que ela fez quando eu enfiei meus dedos dentro dela, fez o prazer percorrer minha espinha. Sua boceta me agarrou em um torno apertado e o pensamento de ter aquele calor enrolado em volta do meu pau me deixou em um frenesi de merda.

Bati meus lábios nos dela, forçando minha língua profundamente em sua boca enquanto a pegava no colo, prendendo suas pernas bem abertas.

“Nikolai,” ela gemeu, beijando-me com mais força, suas unhas cravando-se em meu couro cabeludo.

Ela começou a se esfregar na minha barriga, buscando alívio.

Tirei minha camisa. “É isso, amor. Use-me para se masturbar. Vá em frente. Você sabe que eu adoro quando você me usa.”

Ela choramingou. Ela se moveu mais rápido, sua boceta esfregando em círculos sobre meu abdômen, escorregadia e quente.

“Deus, eu amo seu corpo. Você é tão duro. Em todo lugar ,”

ela gemeu de prazer.

As mãos dela estavam por todo o meu corpo. Agarrando, apertando, apertando, como se ela não conseguisse parar de me tocar. Como se ela não conseguisse ter o suficiente de mim.

Eu amava que eu a deixava tão selvagem, tão louca. Porque era exatamente isso que ela fazia comigo.

"Chupe meus peitos", ela exigiu sem fôlego, esfregando, esfregando e esfregando.

Usei uma mão em sua garganta para prendê-la contra a parede. "Peça gentilmente", sussurrei sobre seus lábios.

"Ou melhor ainda, por que você não me implora?"

A verdade é que ela não precisava me implorar. Eu daria minha vida para chupar aqueles peitos gloriosos dela, mas eu gostava do jogo. Ela também.

"Por favor", ela implorou, lambendo meus lábios.

“Eu acho que você pode fazer melhor do que isso, amor.

Implore-me .”

Ela choramingou, um som realmente impaciente que me fez pensar que ela não poderia esperar mais nem um segundo para ter minha boca nela.

“Por favor, Nikolai. Por favor, chupe meus peitos.”

Eu ri. "Você é uma garotinha tão carente." Eu puxei a frente do vestido dela para baixo com força e seus peitos se espalharam. Cheios, carnudos e perfeitos, pequenos mamilos rosados.

Delicioso pra caralho.

Tatiana engasgou quando fechei meus lábios em volta dela, chupando seu peito profundamente em minha boca. Sua mão se moveu para embalar a parte de trás

da minha cabeça, me mantendo exatamente onde ela queria enquanto ela continuava a esfregar, seus movimentos se tornando febris. Caóticos. Ela estava perto.

O som de passos ecoou ao redor de nós. Alguém estava subindo as escadas.

O peito dela caiu da minha boca com um plop molhado .

“Aqui está sua chance, amor. Deixe que eles ouçam você.”

“Oh, porra .” Ela se desfez. Seu corpo inteiro tremeu, um grito cheio de prazer irrompeu de sua garganta. Sua boceta ficou escorregadia contra meu abdômen, encharcando minha pele.

Eu ia fazê-la lamber tudo — de joelhos.

Baque, baque, baque.

Tatiana enrijeceu-se, arregalando os olhos ao ouvir as batidas vindas do outro lado da parede, bem atrás dela.

“Vocês estão transando nas paredes?!” Lukyan gritou incrédulo, sua voz ligeiramente abafada.

Tatiana deu uma risadinha, enterrando o rosto no meu peito.

“Você é!” Lukyan gritou em descrença. “Oh meu Deus! Por que eu não pensei em fazer isso?”

“Vá embora, Lukyan.” Coloquei Tatiana de pé, então movi minha boca para o ouvido. “De joelhos, amor.”

Ela sorriu maliciosamente, se esgueirando para baixo. Ela apoiou as mãos nas minhas coxas para se apoiar e olhou para mim, esperando seu próximo comando. Ela parecia tão doce, tão inocente. O que tornou isso ainda mais quente foi o fato de que eu sabia que ela era tudo menos isso.

Para o mundo, ela era um anjinho perfeito, mas para mim, ela era um demônio astuto que faria qualquer coisa que eu mandasse.

“Olha só essa bagunça que você fez, Tati,” eu sussurrei, apontando para a umidade cobrindo meu abdômen. “Lamba isso.”

Aquele sorriso travesso ficou grudado em seus lábios. “Peça com educação.”

Uma risada sombria borbulhou na minha garganta. Agarrei um punhado do rabo de cavalo dela, enrolando-o na minha mão, e puxei sua cabeça para trás com força. “Eu estou no comando dessa vez. Então. Lambe. Isso.”

Sua língua correu pelo lábio inferior provocativamente antes que ela se inclinasse para frente e passasse a parte plana da língua pelo meu abdômen em uma lambida longa, lenta e lânguida.

Estremeci, jogando minha cabeça para trás com um gemido.

“O que está acontecendo?” Lukyan bateu na parede novamente. “Não consigo ouvir nada.” Bang, bang, bang.

“Vocês já terminaram?”

“Vai se foder, Lukyan, ou você e eu estaremos no ringue.”

Ouvi o som de passos correndo nem um segundo depois.

Tatiana continuou a lamber, beijar e morder minha pele.

Ela agarrou minha cintura com força, unhas cravando em minha carne, aquela pequena mordida de dor me levando ao limite.

"Chega de provocações", gritei rudemente, pegando-a no colo.

Ela gritou de excitação. "Alguém está ansioso", ela riu, envolvendo seus braços em volta do meu pescoço enquanto ela abria suas pernas largas em volta do meu corpo.

“Claro que sim. Quer saber por quê?” Rapidamente puxei meu pau para fora e o alinhei com sua entrada. “Porque vou te foder crua. Você tem algum problema com isso?”

Ela balançou a cabeça, com ânsia nos olhos. “Não é como se eu pudesse

engravidar mais .”

Eu ri suavemente. “Espera aí, amor. Essa vai ser uma viagem louca.”



Capítulo Quarenta e Quatro

NIKOLAI VOLKOV

EU ENTREI NO ESCRITÓRIO DO MEU pai alguns dias depois, a trepidação percorrendo minha espinha.

Ele havia convocado uma reunião familiar improvisada.

Muito diferente dele. Ele era um planejador meticuloso e agendava qualquer tipo

de reunião com antecedência.

Sempre que ele nos chamava para seu escritório do nada assim, geralmente significava que algo estava acontecendo.

Aleksandr e Lukyan já estavam sentados quando cheguei, Aleksandr esparramado no sofá de três lugares (seu lugar de sempre) e Lukyan em uma das duas poltronas em frente à mesa do pai.

“O pai ainda não chegou?”, perguntei, sentando-me na cadeira ao lado de Lukyan.

“Não,” Aleksandr resmungou.

Lukyan olhou para mim. “Tatiana chegou em Nova York, ok?”

“Sã e salva.” Me matou não poder ir com ela ainda. Eu tinha toda a intenção de ir. Não tinha como eu lidar com ficar longe dela, mesmo que ela não estivesse grávida. O

fato de ela estar apenas intensificou todos aqueles sentimentos protetores e possessivos que eu já tinha em relação a ela. Vezes um bilhão.

Eu só tinha que falar com meu pai primeiro e deixá-lo saber que eu estava indo embora. Ele não estava no melhor dos humores desde que voltou. Você pensaria que ele estaria feliz, tendo sido resgatado e libertado dos jogos estúpidos

de gladiadores de Talon. Mas ele estava exatamente o oposto: mal-humorado, retraído, completamente mal-humorado.

Parte disso, eu suspeitava, era porque ele estava procurando por Talon e não teve sorte em encontrá-lo. O

homem estava obcecado por vingança, e eu honestamente não achava que ele iria descansar até conseguir.

A outra parte, tenho certeza (embora ele negasse), tinha algo a ver com a mulher ruiva. Autumn. Seu humor tinha ficado ainda mais azedo depois da partida dela, a ponto de os soldados e a equipe terem medo de falar na presença dele, caso ele surtasse e arrancasse suas cabeças (algo que ele vinha fazendo muito

ultimamente). Se alguém respirasse perto dele, ele tinha um acesso de raiva do caralho. O pai já era mal-humorado, mas isso? Isso era algo totalmente diferente.

“Você sabe do que se trata?” Peguei meu telefone, checando duas vezes se estava no volume alto, só para garantir, caso Tatiana me ligasse. Se ela precisasse de mim, eu não queria perder a ligação.

“Nem uma única pista,” Lukyan respondeu. “Você, Zander?”

“Não faço ideia.”

Isso não era um bom presságio.

Meu pai entrou no quarto alguns minutos depois, com aquela nuvem escura e raivosa que o perseguia nos últimos dias pairando sobre sua cabeça.

Ele olhou ao redor da sala. “Onde está sua esposa?”

Considerando que apenas um de nós era casado (por enquanto), era fácil adivinhar que ele estava falando com Aleksandr.

Meu irmão franziu a testa, levantando-se. “Ela está lá em cima.”

“Traga-a aqui”, ele retrucou. “Que parte de ‘reunião de família’ você não entendeu? Ela é família, não é?”

Aleksandr escondeu bem sua surpresa. Apenas uma leve ruga no canto dos olhos mostrou que ele estava assustado com a ordem do pai, mas ele fez o que ele ordenou, saindo e reaparecendo um momento depois com Drea a tiracolo.

Sua pequena esposa do cartel parecia um pouco nervosa quando entrou na sala. Surpreendente, considerando o quão segura de si ela era, a confiança que ela sempre demonstrou. Ela estava nervosa... com medo do meu pai?

Muitas pessoas estavam, então não seria totalmente surpreendente, eu acho.

Ela limpou a garganta sem jeito e parou na frente do meu pai. “Olá, Sr. Butcher — quero dizer, Sr. Volkov — é um prazer conhecê-lo. Bem, acho que já nos conhecemos antes.

Não sei se você se lembra. Provavelmente não, foi há muito tempo. Bem, não muito, muito tempo atrás, mas foi antes de você ser sequestrado e tudo mais —" ela estremeceu e balançou a cabeça. "Desculpe, uhm, Aleksandr disse que você queria me ver? Talvez? Ou ele estava errado? Eu posso ir."

Sua divagação colocou o primeiro pedaço de diversão no rosto do meu pai que eu vi em dias. Lá estava — aquele pequeno, pequeno brilho em seus olhos que mostrava que ele achava a coisa toda completamente engraçada.

"Eu me lembro de você", foi tudo o que ele respondeu.

"Okay. Legal. Bem, eu lembro de você. Obviamente."

Aleksandr franziu a testa para ela enquanto ela continuava a divagar. "Quero dizer, quem não se lembraria de você, sabe, por causa de todo esse 'kkkkkkkkkk'." Ela passou um dedo pela garganta. "Você matou muitas pessoas. Quantas pessoas você matou , afinal? Você sabe? Você conta? Eu conto—" Aleksandr colocou a mão sobre a boca dela para fazê-la finalmente parar de falar.

Lukyan riu.

"Certo." Meu pai limpou a garganta com uma tosse estranha e foi até sua cadeira atrás da mesa. Mas ele não se sentou. Ele apenas a segurou aberta, olhando fixamente para Aleksandr. Lukyan e eu trocamos um olhar, nossos rostos refletiam choque.

"Pai?" Aleksandr questionou, confusão em seus olhos.

Drea retirou à força a mão que ainda cobria sua boca. "Ele quer que você se sente," ela sussurrou pelo canto da boca.

"Eu sei disso," ele sibilou de volta. Era isso que o estava confundindo.

Era a cadeira do Pai . Era onde ele se sentava. Onde o Pakhan se sentava. Oferecer o assento a ele tinha um significado significativo, um que todos nós entendíamos.

Quando o Pai foi sequestrado, o papel de Pakhan foi para Aleksandr por padrão. Agora que ele estava de volta, porém, sua posição anterior era sua novamente, e

Aleksandr voltou a ser seu segundo em comando. Tudo voltou ao normal, o status quo restaurado. Pelo menos, assim pensávamos. Até agora, porque não era apenas seu assento que o Pai estava oferecendo. Era sua posição.

Antes, Aleksandr não tinha escolha a não ser preencher o papel. Com o Pai fora, alguém tinha que se apresentar.

Todos nós presumimos que, quando ele retornasse, ele retomaria o papel permanentemente, mas o que ele estava fazendo agora sugeria o contrário.

O pai não disse nada, encarando Aleksandr. Esperando.

Todos nós esperamos para ver o que ele faria. Ele ainda era jovem em termos de liderança da Bratva. Aos cinquenta e quatro anos, ele ainda tinha uns bons dez anos antes de precisar pensar em renunciar.

Então por que ele estava oferecendo isso a Aleksandr agora? Mais de uma década antes?

Determinação e orgulho brilharam nos olhos do meu irmão.

Com os ombros para trás, cabeça erguida, postura perfeita, ele marchou e tomou o assento que lhe foi oferecido, condições e tudo.

O obturador de uma foto sendo tirada soou no ar. Todos nós olhamos para Lukyan, seu telefone na mão. Ele mostrou os dentes em um sorriso inocente.

“O quê? Temos que documentar isso. É um momento especial.”

Revirei os olhos.

O pai foi até o canto da sala, pegou outra cadeira e a empurrou, colocando-a bem ao lado da de Aleksandr. Ele olhou incisivamente para Drea, esperando novamente.

Drea olhou para trás. “Ele está olhando para mim?” ela sussurrou.

"Duh", Lukyan sussurrou de volta, e Aleksandr lançou-lhe um olhar mordaz que o fez endireitar a coluna.

Apesar do nervosismo inicial que sentiu ao entrar na sala, a pequena esposa de cartel de Aleksandr caminhou até ela com total confiança e tomou seu devido lugar ao lado do novo Pakhan .

O pai assentiu, satisfeito. Ele caminhou até lá e ficou na frente de Lukyan. Ele arqueou uma sobrancelha.

“Vou sentar ali”, disse Lukyan, levantando-se e indo até o sofá.

"Pai-"

Ele levantou uma mão, silenciando Aleksandr de dizer outra palavra enquanto se sentava galantemente. “Durante minha ausência, você e sua esposa provaram que têm o que é preciso para não apenas preencher o papel de Pakhan , mas preenchê-lo bem .” Ele enfatizou a última palavra, orgulho ecoando em sua voz.

Aleksandr engoliu em seco.

“Não vejo razão para que isso tenha que mudar só porque estou de volta. Falei com os soldados, com Ivan e Vladimir, e eles não fizeram nada além de cantar louvores a você.

Você se manteve forte diante de uma incerteza avassaladora. Não desmoronou sob a pressão, mas prosperou. E sua esposa” — seu olhar mudou para Drea —

“conseguiu realizar uma das maiores infiltrações que já testemunhei. Ela mostrou onde estavam suas verdadeiras lealdades e que ela iria além por você. O que, meu filho, é um dos maiores presentes que homens como nós podem esperar receber. É minha hora de me afastar e sua hora de brilhar. Vocês dois. ”

O queixo de Aleksandr caiu. Ele olhou para mim, de volta para o pai. Ele parecia lutar para saber o que dizer de volta. Eu não podia culpá-lo.

Dizer que fiquei completamente e completamente chocado seria o eufemismo do século. Com base nos olhares de Aleksandr e Drea, eles claramente pensaram a mesma coisa.

“O que…uh,” Aleksandr lambeu os lábios. “O que você vai fazer agora, então?”

“Normalmente, há um período de transição quando uma nova liderança está em

andamento, mas, com base no que ouvi, você não precisa disso. Ainda estarei aqui, no entanto, caso precise de mim ou de algum conselho. Mas, no final das contas, você estará no comando."

"Oooo," Lukyan se animou. "Isso significa que ele pode mandar em você por uma vez?"

Uma pergunta muito interessante.

Aleksandr arqueou uma sobrancelha, esperando que o pai respondesse.

Ele deu o menor sinal de um sorriso irônico. "Eu não sou nada se não respeitoso com a cadeia de comando

apropriada," foi tudo o que ele disse sobre o assunto. "A reunião é sua, filho."

Aleksandr sentou-se um pouco mais ereto, a determinação enrijecendo sua espinha, e limpou a garganta. "Primeira ordem do dia, a Cosa Nostra. Eu coordenei com Arturo e uma greve está em andamento contra todos os estabelecimentos de Franco para tentar tirá-lo do esconderijo."

"Interessante", comentou o pai. Ele tinha sido atualizado sobre tudo o que tinha acontecido desde seu desaparecimento. Havia muita coisa para discutir.

"Com nossas forças combinadas, será fácil derrotar os homens que ele deixou para trás", Aleksandr continuou. "O

único problema será quem vai matá-lo quando ele for encontrado."

"Eu vou," eu rosnei. "Depois do que ele fez com Tatiana, essa morte é minha ."

"Normalmente, eu concordaria com você." Simpatia brilhou em seus olhos. "Mas depois de todos os problemas que ele causou a Arturo, ele também tem direito a um pedaço."

"Você acha que eu dou a mínima para o que aquele filho da puta tem direito?" Eu ainda estava puto com o papel que ele desempenhou na captura de Tatiana.

"Ele ajudou a nos resgatar", Lukyan ressaltou.

“E daí?” O fato de ele fazer parte do grupo de resgate não significava merda nenhuma para mim. Eu ainda queria ver a cabeça dele numa estaca.

“Então deixe o homem matar. Tatiana está bem—”

“Ela quase foi estuprada ”, rosnei. “Por um dos homens dele . Se alguém vai matar Franco, serei eu .”

“Só estou dizendo—”

“Chega,” Aleksandr gritou. “Até que ele seja encontrado, essa conversa é inútil, então lidaremos com isso quando

chegar a hora. Para a próxima edição. Os dois últimos MCs responsáveis pelo ataque à nossa casa foram tratados.”

“Eles têm?”, o pai falou lentamente. “Isso é decepcionante.

Eu gostaria de ter participado disso.”

“Pode haver repercussões menores de outras cartas, como Nikolai e Tatiana enfrentaram em Nova York da Brotherhood. Se houver, com certeza vou lhe poupar algumas, padre.”

Ele assentiu com a cabeça. “Muito apreciado.”

“Como eles foram tratados?”, perguntei.

Drea escolheu responder a essa. “Alguns dos meninos e eu fizemos uma visitinha a eles. Não se preocupe, eu continuei com o tema de todo o 'V' na testa. Belo toque, a propósito,”

ela piscou.

"Obrigado."

Lukyan limpou a garganta. “Então, com os MCs desaparecidos e Dominik morto, isso significa que a ameaça acabou, certo?”

Olhei para meu pai ao meu lado. Ele não tinha falado sobre o que aconteceu exatamente, mas todos nós sabíamos de uma coisa. A rixa deles finalmente tinha

chegado ao fim, com o pai vitorioso.

Não tenho certeza se ele planejava explicar os detalhes específicos mais tarde, mas, por enquanto, o assunto estava fora de questão.

“A ameaça está longe de acabar,” disse o Pai ameaçadoramente. “Talon ainda está lá fora.”

“Mas a ilha dele não é. Não mais.” Eu ainda conseguia imaginar. As chamas, os gritos, a fumaça. Tudo queimando à distância enquanto nos afastávamos cada vez mais da ilha,

remando

para

o

submarino

de

Mikhail.

Aparentemente, Drea havia ordenado a destruição completa e total. Acontece que a pequena esposa de cartel de Aleksandr era tão protetora e vingativa quanto o resto

de nós. Ela queria que o lugar inteiro queimasse até virar cinzas.

Então, alguns soldados receberam ordens de plantar explosivos em todos os prédios enquanto faziam o resgate, programados para explodir em trinta minutos.

Ela não se importava com as baixas porque, na opinião dela, nenhuma delas era inocente. Eu estava inclinado a concordar. Todos sabiam quem era seu chefe. Todos sabiam o que aconteceu naquela ilha.

Fossem cozinheiros, zeladores ou soldados, todos eles contribuíram para a funcionalidade da ilha. Eles a ajudaram a prosperar. Quando você trabalhava para um homem como Talon, não importava o trabalho, sua vida estava em risco.

Seja por suas mãos, ou pelas de seus inimigos.

“Ele vai construir outro”, resmungou o pai. “Ele tem recursos ilimitados. Haverá outro pronto e funcionando em uma semana.”

“Mas quem iria comparecer?” Lukyan questionou. “Já se espalhou a notícia sobre o que aconteceu. Está em todos os noticiários... os políticos desaparecidos, a ilha em chamas no meio do nada. Mesmo que ele construísse outra, ninguém confiaria que ele poderia mantê-los seguros. Ele perdeu toda a sua base de clientes. Ele terá que começar do zero.”

“Ele não vai gostar disso”, Drea franziu a testa.

“Ótimo”, meu pai suspirou com raiva.

“Ele pode estar buscando retaliação”, Aleksandr apontou.

“Vingança pelo que fizemos a ele e ao seu negócio.”

Um sorriso escuro e selvagem se curvou nos lábios do meu pai. “Estou contando com isso.”

“Devíamos dobrar as patrulhas ao redor da casa, caso ele planeje atacar”, sugeriu Drea.

Aleksandr assentiu. “Boa ideia.”

“Eu farei isso acontecer”, disse Lukyan, levantando-se.

“Antes de você ir, há outra coisa que precisamos discutir.”

Aleksandr sustentou seu olhar e Lukyan caiu de volta em seu assento.

“O que eu fiz agora?” ele suspirou.

“ Você não fez nada—”

“Pela primeira vez”, não pude deixar de acrescentar.

Lukyan me lançou um olhar irritado.

“É sobre o seu perseguidor”, Aleksandr concluiu.

Lukyan deu de ombros despreocupadamente. “O que tem ela?”

“Você sabia que ela foi quem enviou a localização da ilha para Drea? Ou que ela foi a sniper que te salvou na Arena?”

Os olhos dele se arregalaram. “Ela era?” ele suspirou em choque. “Como você poderia saber disso?”

“Porque eu não ordenei que ninguém subisse.” Um olhar preocupante cruzou o rosto de Drea. “Nem Arturo, Mikhail ou meu irmão.”

“Okay? Não entendi qual é o problema. Se o que você está dizendo é verdade, significa que ela me salvou, nos salvou

.”

"O grande problema é que a mulher é altamente treinada, altamente qualificada, conseguiu entrar e sair furtivamente de nossa propriedade completamente sem ser detectada, e não temos a mínima ideia de quem diabos ela é. O grande problema é que ela é uma ameaça enorme, enorme , e no momento em que ela perceber que não pode ter você, será o momento em que tudo mudará."

Lukyan não disse nada, suas sobrancelhas franzidas em uma carranca profunda.

“Precisamos encontrá-la e lidar com ela.” O significado subjacente nas palavras de Aleksandr era claro. “Ela está seguindo você . Isso significa que você é o único que pode

fazer isso. Você faz o que for preciso para encontrá-la e a mata. Entendeu?”

A sala ficou em silêncio por um momento até que, finalmente, Lukyan concordou. “Entendi.”

“Bom.” Aleksandr abordou mais algumas questões; onde nos sentamos com o inventário, nossos novos clientes em Nova York, o progresso dos novos soldados enviados da Rússia. Lukyan e eu nos sentamos e ouvimos, entrando na conversa sempre que tínhamos algo a acrescentar. O pai não disse nada. Ele apenas se sentou e observou Aleksandr completamente em seu elemento. Se alguma vez

houve alguma dúvida sobre Aleksandr ser capaz de lidar com esse trabalho, tudo foi esmagado naquele momento.

Depois que ele terminou, o Pai falou. “Vou viajar por algumas semanas. Tem uma coisa que eu tenho que fazer

__”

“Esse 'algo' tem algo a ver com uma certa ruiva atrevida?”

Lukyan cantou, seu rosto cheio de atrevimento.

A cabeça do meu pai virou-se para ele tão rápido que fiquei preocupado que ele quebrasse o pescoço, e aquela nuvem escura e raivosa pairando sobre ele, que lentamente começou a diminuir, voltou imediatamente à vida.

Aleksandr e eu gememos. Seu idiota de merda.

Todos nós sabíamos que não era para mencioná-la a ele.

Toda vez que alguém o fazia, seu humor ficava ainda pior.

Mais sombrio, mais enfurecido.

Lukyan estremeceu diante do olhar aterrorizante do pai, encolhendo os ombros para tentar ficar menor.

Agora é um momento tão bom quanto qualquer outro para compartilhar suas notícias. Pode distrair o Pai o suficiente para salvar a vida de Lukyan.

“Já que estamos compartilhando notícias,” eu tossi. “Tenho algo para contar a todos vocês. Estou indo embora.”

Pronto.

O olhar do meu pai se voltou para mim e todos falaram por cima uns dos outros.

Pai: “Do que você está falando?”

Aleksandr: “Onde você está indo?”

Lukyan: “Posso ficar com seu quarto?”

Todos nós olhamos para ele, com um olhar impassível.

“O quê?” ele deu de ombros. “Não é como se fosse uma surpresa. Claro que ele está indo embora. Como se ele pudesse viver em algum lugar diferente de Tatiana.”

Lá estava ele de novo, sendo um completo idiota em um minuto e incrivelmente perspicaz no outro.

Aleksandr se inclinou para frente, apoiando os cotovelos na mesa. Ele franziu a testa em concentração. “Tatiana não pode se mudar para cá?”

“Nós conversamos sobre isso e ela se ofereceu, mas as aulas dela acabaram de começar. Voltar significa que ela tem que desistir. Eu não quero que ela faça isso. Isso é algo com que ela sonha há anos. Eu não quero ser a razão pela qual ela não pode fazer isso.”

O maxilar de Aleksandr se apertou. “Preciso de você aqui, Nikolai.”

Sorri tristemente. “Respeitosamente, Zander, não há nada que você possa dizer que me manterá aqui. Ela está grávida.”

“O quê?!” Lukyan gritou. “Já?! Droga, quão fortes são seus nadadores?”

Uma mistura de emoções rodou nos olhos do meu irmão: choque, perplexidade, felicidade, derrota. Ele sabia que não havia nada na Terra verde de Deus que pudesse me manter longe de Tatiana então.

Claro que me senti mal. Costumávamos falar sobre esse momento o tempo todo quando éramos crianças. O

momento em que o Pai finalmente deixaria o cargo e nós estaríamos no comando. Apenas garotos de oito e dez anos

rindo debaixo dos cobertores tarde da noite sobre todas as mudanças que faríamos.

Trocando todas as senhas para “fart knuckles”. Fazendo todos os soldados

usarem capas. Nada mais de vegetais em casa. Mudanças idiotas, é claro. Mas para duas crianças pequenas, elas eram perfeitas.

“Meu Deus! Parabéns!” Drea gritou, pulando para cima e para baixo na cadeira. “Um bebê! Que emocionante!”

“Dois, na verdade.”

“Gêmeos?” Os olhos de Aleksandr se arregalaram com a revelação.

Eu assenti.

Ele se levantou e marchou até mim. Pensei que ele fosse me bater ou algo assim, mas ele me levantou e me abraçou com tanta força que engasguei. "Parabéns, irmãozinho."

Demorei um segundo para reagir, atordoado que meu irmão mais velho, normalmente nada afetuoso, estava me abraçando. Envolvi meus braços ao redor dele e o abracei de volta.

“Parabéns, filho.” Meu pai me deu um tapinha no ombro.

“Eu quero entrar nessa.” Nem um segundo depois, Lukyan se juntou a nós, seus braços envolvendo nós três. “Isso é tão legal,” ele respirou sonhadoramente.

Aleksandr resmungou. “Sai de cima de mim.”

“Eeeee olha só, você estragou tudo, seu grande rabugento.”

Rindo suavemente, voltei para meu assento, os outros seguindo o exemplo. “Só porque estou saindo não significa que não vou mais trabalhar. Vou coordenar com nossos novos clientes em Nova York e supervisionar as entregas e pagamentos. Tatiana só planeja ficar na FIT tempo suficiente para ganhar créditos suficientes para que, quando uma vaga abrir em uma faculdade aqui, ela possa se transferir.”

Aleksandr assentiu. “Então quando você vai embora?”

"Agora."



Capítulo Quarenta e Cinco

TATIANA ANDREEVA

S 6 MESES DEPOIS

“Fique parado ou vou acabar cutucando você.”

“Estou tentando,” Drea gritou, se remexendo no local.

“Estou tão animada! Nunca estive em um desfile de moda antes.”

Ao lado dela estava o marido, com um olhar perpetuamente azedo no rosto enquanto ele estava sendo ajustado com seu próprio terno original de três peças

Tatiana Andreeva. Ele claramente não queria estar lá. E sim, eu me senti um pouco mal por isso, mas minha avaliação valia sessenta por cento da minha nota final e eu precisava da ajuda dele. Eu precisava de toda a ajuda deles.

Não só tive que criar uma coleção inteira, mas também tive que montar meu próprio desfile de moda e exibir todos os meus designs usando modelos da vida real. Não é exatamente uma coisa fácil de realizar quando você está grávida de mais de seis meses de gêmeos que insistem em usar sua bexiga como um brinquedo de mastigar.

Minha única salvação durante toda essa loucura foi Nikolai.

Ele não só esteve lá em cada passo do caminho, me apoiando, me ajudando a cortar e costurar cada peça, mas também conseguiu convencer seus irmãos a desfilarem para mim.

Os últimos seis meses foram um turbilhão. Ele se mudou para Nova York para poder ficar comigo — algo que tenho

certeza que irritou Aleksandr profundamente — mas não era permanente. Na verdade, estávamos nos preparando para voltar nas próximas semanas. Eu consegui uma vaga em outra faculdade, onde planejava terminar meus estudos depois de dar à luz os bebês. Era importante para nós dois que os bebês nascessem em casa. Em Vegas. Além disso, não havia como tê-los tão longe do meu pai. Ele estava tão animado para ser avô. Ele já havia transformado meu antigo quarto em um berçário para os bebês.

“Tatiana!” gritou uma voz profunda e raivosa que eu reconheceria em qualquer lugar.

Vestido com seu próprio terno para modelar no desfile, Nikolai veio furioso, seu rosto uma máscara de descontentamento e preocupação.

Ah não.

Seu toque era leve, suave. Surpreendente, considerando a tensão que emanava dele enquanto ele gentilmente me pegava pelos braços e me ajudava a levantar. “Eu disse que se houvesse alguma alteração que você quisesse fazer, era para me ligar. Eu farei.”

Eu sorri, o amor explodindo no meu peito. Honestamente, como eu tive tanta sorte? “Oi, meu amor.”

Os olhos dele se estreitaram. “Não me chame de 'meu amor'. Você prometeu que pegaria leve.”

“E eu estou. Eu só tive que ajustar a bainha—”

“Ok, bem, eu farei isso. Por favor, sente-se.” Eu não discuti enquanto ele me guiava em direção a uma das muitas poltronas confortáveis que ele tinha colocado ao redor do backstage para mim. “Quão alto você quer que ele fique?”

“Só alguns centímetros, por favor. Eu esqueci o quão baixa ela era.”

“Ei! Eu ouvi isso!” Drea repreendeu, seu olhar fixo firmemente no espelho à sua frente enquanto ela girava em seu vestido todo preto de estilo gótico. Eu havia adaptado

cada roupa para combinar com as personalidades dos Volkovs. Eu não queria que eles se sentissem desconfortáveis com as roupas. Eu queria que eles gostassem do que estavam vestindo, que gostassem delas.

Drea era fácil. Ela tinha um estilo bem punk-rock, heavy metal, então qualquer coisa preta era garantida. Ela se recusava um pouco a usar um vestido, mas depois que o vestia, mudava de ideia.

Eu assisti com espanto enquanto o amor da minha vida —

um homem que, seis meses atrás, não conseguia nem enfiar uma agulha — dobrava e costurava sem esforço a bainha do vestido de Drea para mim. Eu não merecia aquele homem.

“Tatiana, Tatiana, olhe para mim. Observe-me.” Lukyan passou por mim, indo direto para o espelho, balançando sua bunda extravagantemente com um olhar azul-aço em seu rosto. Ele parou, esticou seu quadril, franziu seus lábios ainda mais enquanto posava da esquerda para a direita antes de girar e se pavonear de volta para mim, terminando em outra pose. Ele levantou suas sobrancelhas para cima e para baixo. “O que você acha? Muito bom, certo? Eu tenho praticado.”

“Ah, eu posso dizer,” eu ri, esfregando minha barriga.

Houve dois grandes chutes em resposta que colocaram um grande e radiante sorriso em meu rosto.

Embora essa gravidez tenha sido difícil com a dor, tornozelos inchados e azia, eu não poderia estar mais feliz.

Passei os primeiros meses em terror constante, com medo de perdê-los, como perdi Nikolas. O estresse e a preocupação não foram bons para os bebês, mas eu não conseguia evitar. Os pensamentos que ocupavam minha mente eram sombrios, perigosos, que me paralisavam completamente, originados de traumas passados.

Então Nikolai, o enviado de Deus que ele é, me deu a habilidade de checar os gêmeos sempre que eu quisesse,

sem ter que ir ao hospital. Ele comprou uma máquina de ultrassom de US$ 300.000 — a melhor disponível no mercado — e contratou alguém para nos ensinar a usá-la.

Todas as noites, antes de irmos dormir, nós os checamos, lemos uma história e nos demos boa noite. Nós lhes dissemos o quanto eles já eram amados e que mal podíamos esperar para conhecê-los.

Havia muito barulho. Muita atividade. Muitas pessoas corriam de um lado para o outro enquanto os outros alunos tentavam vestir suas modelos com seus designs. Muita confusão, nervosismo e caos. Eu amei cada segundo disso.

Três garotas se aglomeraram em volta de Aleksandr, bajulando-o como fãs descontroladas. Elas fingiram admirar seu terno como uma desculpa para tocá-lo, dando-lhe sorrisos flertadores e toques prolongados. Ele imediatamente recuou em direção a Drea, que o empurrou para trás dela e sibilou para as garotas como um gato selvagem. Elas correram para longe muito rápido, me fazendo rir.

Illayana saiu do vestiário, seu vestido vermelho esvoaçando ao redor dela. Ela estava impecável, exatamente como eu imaginei. Eu sabia que vermelho seria absolutamente perfeito para ela. Era a cor dela, como um anjo vermelho e vingador.

Balancei minhas mãos no ar. “Lukyan, me ajude a levantar.”

Ele veio até mim e apertou minhas mãos nas dele, me puxando para ficar de pé. Eu cambaleei até Illayana.

"Qual é o veredito, T?", ela perguntou, com os braços estendidos ao lado do corpo, dando uma pequena volta.

Eu a examino, examinando cada ponto, cada costura.

Serviu como uma luva, as medidas exatas. "Você está incrível", sorri.

“Fácil de fazer quando a mercadoria é essa. Incrível.

Incrível.” Ela passou as mãos amorosamente pelo corpete.

“É melhor eu ficar com o vestido depois.”

“Claro”, pisquei. “De que adianta modelar em um desfile de moda simulado se você não pode ficar com as roupas depois que tudo estiver pronto?” Eu a estudei atentamente.

“Você parece particularmente alegre esta noite. O que está acontecendo?”

Ela me lançou um sorriso. “Eu me vinguei.”

“Sério?” Eu ri. “A bruxa má de La Cosa Nostra finalmente encontrou seu fim, não é?”

“Sim.” Seu sorriso era positivamente diabólico. “Demorou um pouco mais do que planejei originalmente, admito, mas Gabriella se foi.”

"O que aconteceu?"

“Ela ganhou 30 quilos, perdeu todo o cabelo e ficou meio louca porque eu ficava drogando a comida dela com benzodiazepínicos. Agora ela está trancada em um hospício.”

Ergui as sobrancelhas, impressionada. “Uau. Como você conseguiu isso?”

“Foi fácil”, ela deu de ombros. “Eu pedi para o cozinheiro, Giuseppe, certificar-se de que todas as refeições dela fossem cheias de todas as coisas boas e gordurosas que fazem você ganhar peso loucamente. O que ele ficou feliz em

fazer, porque Gabriella é uma vagabunda. Troquei o xampu dela por depilação. O truque da hera venenosa que você fez foi um toque legal, a propósito", ela piscou. "E

depois que ela começou a falar sozinha e a fazer coisas malucas, eu sugeri que ela fosse trancada por 'segurança'.

Arturo ficou mais do que feliz em obedecer. Ele estava tentando encontrar um marido para ela, mas depois que ela tirou todas as roupas em uma reunião importante e começou a gritar que os postes de luz estavam tentando matá-la, ninguém quis chegar perto dela."

"Você é diabólico," eu ri. "Matá-la foi mole demais para você, hein?"

" Muito mole. Matá-la significava que seu sofrimento acabaria rápido. Dessa forma, ela pode passar o resto da vida trancada em um lugar para onde os malucos vão", ela riu. "Quer saber? Eu posso visitá-la de vez em quando.

Sabe, só por diversão."

Eu balancei a cabeça. Meu melhor amigo, senhoras e senhores, era louco pra caralho.

Ela colocou as mãos na minha barriga, calor e amor brilhando em seus olhos. "Como estão meus sobrinhos e sobrinhas?"

"Absolutamente perfeito," sorri de orelha a orelha.

Descobrimos há alguns meses que teríamos uma menina e um menino.

"Bom. Caso você esteja sem ideias de nomes, Illayana é um nome fantástico ."

"Vou me lembrar disso", eu ri.

Ela olhou para trás de mim. "Uh-oh, parece que Aleksandr está tentando escapar de fazer isso de novo."

Virei-me para ver Nikolai e Aleksandr discutindo entre si em silêncio. "Eu deveria ir até lá."

"Boa sorte."

Eu cambaleei em direção a eles, apenas pegando o final do que Nikolai estava dizendo. “—fazendo isso. Não me importo se você não quiser. Tati precisa disso. Seja homem.”

Aleksandr rosnou. Se ele fosse o tipo de homem que bate o pé, eu tinha a sensação de que ele faria isso ali mesmo, naquele momento.

Talvez fosse a culpa. Talvez fossem os hormônios. Talvez fosse só porque eu não queria colocar uma tensão no relacionamento deles. Não tenho certeza, mas eu queria

que ele soubesse o quanto eu apreciava seu envolvimento, o quanto Nikolai e eu o apreciávamos .

“Você já contou a ele, meu amor?”

Nikolai olhou para mim com olhos confusos.

“Me disse o quê?” Aleksandr resmungou. “Que tem mais uma coisa que você vai me fazer fazer contra a minha vontade?”

Passei a mão lentamente pela barriga, olhando fixamente para Nikolai. Seu olhar foi para baixo e para cima novamente, a realização passando rapidamente por seu rosto.

“Agora?” ele questionou.

“Por que não?” Dei de ombros.

"Do que vocês dois estão falando? Se vocês vão me pedir para modelar roupas íntimas para vocês, a resposta é, porra, não."

A ideia era intrigante. Eu tinha a sensação de que, se eu fizesse isso, todas as mulheres na multidão desmaiariam.

Nikolai de repente pareceu um pouco nervoso, como se estivesse com medo de como Aleksandr reagiria. Toquei seu rosto gentilmente, dando-lhe um sorriso encorajador.

Ele limpou a garganta. “Seu sobrinho, finalmente decidimos um nome para ele.” Ele desviou o olhar, evitando os olhos de Aleksandr. “Aleksei. Depois de você.”

Nikolai ainda não estava olhando para o irmão, então não viu a miríade de emoções que tomaram conta de seu rosto.

Calor. Ternura. Amor. Honra.

“Eu?” A voz de Aleksandr ficou levemente rouca.

Ah, merda. Agora não.

Comecei a chorar. O pânico tomou conta do rosto de Nikolai

e

ele

se

moveu

em

minha

direção

instantaneamente, mas eu o acenei para ir embora. “Não, não, estou bem. São os hormônios. Finja que não estou aqui.”

“Tati—”

“É um momento tão especial,” eu funguei. “Não me deixe estragar isso. Olhe para o seu irmão. Ele está tão”—soluço

—“tão”—soluço—“feliz,” eu solucei histericamente.

Isso acontecia muito. Mais do que eu queria admitir. Se eu via algo triste ou doce, eu simplesmente caía no choro.

Braços fortes me envolveram e, por um segundo, pensei que fosse Nikolai, mas rapidamente percebi que o formato do corpo estava errado. Era Aleksandr. Ele estava me abraçando. Algo que ele nunca tinha feito nos vinte e tantos anos em que o conheci.

“Obrigado,” ele sussurrou. “Obrigado por esse privilégio.”

Chorei ainda mais.

“Ok, pare. Você está deixando ela mais chateada.” Nikolai se intrometeu entre nós e Aleksandr o abraçou também por trás.

A mudança de assunto fez exatamente o que eu pretendia.

Distraiu Aleksandr de seu descontentamento por estar no desfile de moda. Nós tínhamos planejado contar a ele logo de qualquer maneira. Por que não então?

“Tatiana?” Virei-me para olhar para um dos meus professores, enxugando as lágrimas do meu rosto. Ele era um homem baixo, magro e careca, com bigode e sotaque texano. “Você é o próximo.”

Eu assenti.

Certo, aqui vamos nós.

NIKOLAI VOLKOV

Estou tão nervoso.

Respirei fundo, tentando controlar meus nervos em frangalhos. Eu podia ouvir meu coração batendo forte em meus ouvidos. Senti-o martelando em meu peito. Meus lábios estavam secos, minhas palmas encharcadas de suor.

Por que estou tão nervoso? Eu não deveria estar. Eu tinha tudo planejado, até o mais microscópico detalhe. Eu tinha seis planos de contingência em vigor, caso algo desse errado. Eu era o mais preparado que qualquer pessoa na minha posição poderia ser, e ainda assim, eu ainda era um completo e total desastre nervoso.

Passei as mãos pelo lindo e imaculado terno que Tatiana fez e ajeitei minha

gravata, observando os segundos passarem no relógio pendurado na parede da sala de estar do nosso apartamento.

A qualquer momento agora. Você consegue fazer isso, Nikolai. Você consegue fazer isso,

O desfile de moda hoje à noite para a nota final de Tatiana tinha ocorrido sem problemas. Eu temia que Aleksandr desistisse no último segundo e estragasse tudo, mas a ideia de Tatiana de revelar o nome que tínhamos escolhido para nosso filho tinha dado a ele o empurrão que ele precisava para seguir em frente sem mais confusão.

Para ser honesto, eu esperava algum tipo de resistência dele sobre o assunto de qualquer maneira, então não fiquei tão surpreso quando ele veio até mim antes do desfile e me disse que não iria desfilar. A coisa toda estava completamente fora de sua zona de conforto. Quando você pensa nas palavras "desfile de moda" ou "passarela", meu irmão mais velho rabugento não foi exatamente a primeira coisa que veio à mente.

Ou o segundo.

Ou o décimo.

Foi uma missão e tanto fazê-lo concordar , quanto mais aparecer e vestir o terno.

"Não. Porra. De. Maneira."

"Desculpe, devo ter dado a impressão de que você tinha uma escolha nisso. Deixe-me reformular. Você **vai** marchar

sua bunda pela passarela e ajudar Tatiana a tirar nota máxima na aula dela, ou eu vou bater sua cara no chão.

Estamos entendidos?"

Ele arqueou uma sobrancelha. "Parece muito confiante aí, irmãozinho. Isso não é algo que você conseguiu realizar ainda."

"Nunca tive a motivação adequada antes. Agora, tenho."

Olhei para ele, algo que era fácil de fazer pela primeira vez na minha vida desde que ele estava sentado atrás da mesa.

"Estou falando sério, Aleksandr. Tenho uma mulher grávida incrivelmente estressada em casa e juro por Deus que se você causar mais estresse a ela, farei você se arrepender."

Ele zombou. "Você não me assusta, Nikolai."

Cruzei os braços sobre o peito e sorri. " **Talvez** não, mas e sua esposa?"

Ele enrijeceu-se e estreitou os olhos.

Havia uma piada recorrente na família agora que se você quisesse que Aleksandr fizesse alguma coisa, tudo o que você tinha que fazer era ameaçar ir até a esposa dele. Ela tinha um temperamento forte e estava no limite daquela linha de "louca pra caramba". Mas essa não era a única razão. Sim, acho que parte disso era porque Aleksandr estava um pouco assustado com o que aquela mulher faria se ela estivesse brava, mas a parte principal, a **maior** parte, era que ele faria o que pudesse para fazê-la feliz.

Como eu faria com Tatiana.

Aleksandr gemeu, passando a mão pelo rosto. "Que parte de mim grita 'desfile de moda'? Sério? Você consegue **me imaginar** andando em alguma plataforma modelando uma roupa ridícula com um bando de pessoas me encarando?"

Sim, eu poderia. E a imagem era risível pra caralho. Mas eu não podia dizer isso **a ele** , então eu só disse, "por favor, Aleksandr. Eu preciso da sua ajuda. Faça isso por mim."

Ele gemeu novamente e bateu a cabeça com força na mesa.

"Tudo bem", ele resmungou.

Um estalo surgiu no meu ouvido vindo do meu fone de ouvido.

"Girassol e Chapeleiro Maluco entraram no prédio. Repito, Girassol e Chapeleiro Maluco entraram no prédio." A voz de Lukyan ressoou na minha cabeça.

Exalei pesadamente e endireitei minha coluna, ficando mais ereto. Aqui vamos nós.

"Que porra é Girassol e Chapeleiro Maluco?" Aleksandr resmungou para Lukyan pelo fone de ouvido.

"Os codinomes de Tatiana e Illayana. Você não leu o resumo da missão que eu lhe dei?"

"Por que não podemos simplesmente dizer os nomes deles?"

"Porque estamos em uma missão, seu idiota. Missões exigem codinomes. Eu sou 'Pretty Wizard' porque eu sou a bonita. Você é 'Angry Demon' porque você está, você sabe, bravo. Illayana é 'Mad Hatter' porque ela é louca pra caralho, e Nikolai é-"

"Vocês vão ficar quietos?", sibilei frustrado. "Estou tentando me preparar." Pedi ajuda aos meus irmãos para isso, mas agora estava me arrependendo seriamente.

"Desculpe", meus irmãos repetiram ao mesmo tempo, e então imediatamente fecharam a boca.

Esse foi um dos maiores momentos das nossas vidas. Tinha que ser perfeito. Tatiana merecia que fosse perfeito.

Bati no meu fone de ouvido. "Traga-os para fora."

Um segundo depois, uma das portas do quarto se abriu, o fotógrafo e cinegrafista que contratei entrando no quarto.

Pesquisei no Google "obrigatórios" para uma proposta e as principais respostas em quase todas as listas eram alguém para documentar o momento. Outra coisa que foi mencionada bastante foi pagar para que fizessem as unhas.

Então, paguei um salão de beleza para ficar aberto depois do expediente e dar a ela todos os serviços que ela quisesse.

Eu tinha feito Illayana levá-la sob o pretexto de que era ideia dela , para celebrar um desfile de moda de sucesso.

Minha irmã mais nova ficou mais do que feliz em entrar na brincadeira. Quando eu disse a ela que estava planejando pedir Tatiana em casamento, ela praticamente me implorou para fazer parte disso.

Enquanto ela estava distraindo Tatiana, Aleksandr, Lukyan e Drea estavam me ajudando a montar.

"Girassol e Chapeleiro Maluco estão se aproximando da porta. Repito, Girassol e Chapeleiro Maluco estão se aproximando da porta." Lukyan retransmitiu.

Dei mais uma olhada ao redor da sala, certificando-me de que tudo estava no lugar, tudo estava em ordem. Os nervos não tinham se acalmado. Na verdade, eles tinham piorado.

Algo que eu nem achava possível.

Ouvi o tilintar das chaves e o rangido da porta se abrindo.

"Girassol está abrindo a porta. Repito, Girassol está-"

Arranquei o fone de ouvido e o joguei do outro lado da sala com um chiado frustrado.

Um suspiro audível atingiu o ar. Tatiana tinha visto o caminho de velas que eu coloquei para levá-la até a sala de estar.

Não há como voltar atrás agora. Não que eu voltaria.

Tatiana e eu pertencíamos um ao outro.

Ela saberia o que estava prestes a acontecer. Eu não tinha sido realmente sutil com a configuração. Ela veria todas as flores, ouviria a música tocando levemente no fundo

combinada com a iluminação romântica e juntaria dois e dois,

O caminho de velas com aroma de lavanda que eu coloquei na frente da porta a levaria direto para mim. Se ela escolheria esse caminho determinaria o que estava prestes a acontecer. Nós tínhamos percorrido um longo caminho nos últimos seis meses. Eu sabia que queria passar o resto da minha vida com ela,

mas ela sentia o mesmo?

Especialmente depois de tudo que passamos.

O clique-claque de saltos altos ecoou pelo corredor, e soltei um grande suspiro de alívio.

Ela está chegando.

Lambi meus lábios secos, soltei um suspiro forte e deixei a determinação preencher meus ossos. Tatiana deu um passo para a esquina. Sua mão voou para sua boca enquanto ela observava o quarto antes que seus olhos vidrados pousassem em mim.

Meu coração parou de repente.

Ela é absolutamente de tirar o fôlego.

"Nikolai", ela sussurrou, com emoção transbordando daquela única palavra.

Eu sorri, plena e brilhantemente, e caí de joelhos. Um joelho não era o suficiente. Não para minha Rainha.

"Tatiana—"

Ela começou a chorar.

A emoção brotou no meu peito. Lágrimas começaram a se formar atrás dos meus olhos, mas eu as segurei, exalando um suspiro trêmulo. "Tatiana, eu agonizei por meses, tentando encontrar as palavras certas para transmitir o quanto você significa para mim, as palavras que você merece, mas eu sempre fiquei aquém. A verdade é que nada nunca pareceu bom o suficiente. Não havia nenhuma combinação de palavras que eu pudesse inventar que explicasse com precisão o seu valor para mim, o quanto eu

te amo, o quanto eu te valorizo, mas eu vou tentar de qualquer maneira." Outra respiração. "Eu vivi em um mundo com você, e vivi em um mundo sem você, e embora nosso tempo separados tenha sido um dos piores momentos da minha vida, ele me mostrou algo incrivelmente vital.

Que eu nunca mais quero fazer isso. Tatiana, eu te amo tanto, mais do que qualquer outra coisa neste mundo, e não há uma única coisa que eu não faria por você. Eu mentiria por você. Mataria por você. Morreria por você. Eu faria qualquer coisa que você me pedisse porque sua felicidade é a minha felicidade. Eu quero passar o resto da minha vida te banhando com o amor e a devoção que você merece. Eu quero envelhecer com você, e eu rezo para que quando nossa hora chegar eu vá primeiro, para que eu nunca mais tenha que experimentar um mundo sem você."

Com as mãos trêmulas, tirei a caixa do anel e a abri.

Tatiana engasgou, seus olhos se arregalando.

"Tatiana Vera Andreeva, você me daria a honra de se tornar minha esposa?"

Meu coração batia tão forte no peito que eu tinha dificuldade para respirar.

Oh Deus, e se ela disser não? E se ela não quiser se casar comigo? E se—

"Sim", Tatiana gritou, sorrindo. "Sim, sim, sim."

Uma pequena nota minha para você E MUITO OBRIGADA POR RESERVAR UM TEMPO PARA LER BRATVA KNIGHT! ESPERO QUE TENHA gostado de ler sobre Nik e Tati tanto quanto eu gostei de escrevê-los !

Algumas informações sobre a série para vocês.

Como você sabe, a série Bratva é uma série interconectada, onde cada livro é centrado em um casal diferente e o enredo geral e o enredo fluem por toda a série. Alguns dos livros até se sobrepõem, dando a você a oportunidade de ver coisas que já aconteceram, mas da perspectiva de um personagem diferente.

O próximo livro será centrado em Dimitri e Autumn. Ele começará bem no momento em que Dimitri foi sequestrado por seu irmão, então você verá tudo o que aconteceu com ele enquanto ele estava fora. Você também verá os jogos do seu ponto de vista, o que aconteceu entre ele e Dominik na Arena, e o que aconteceu no salto temporal de seis meses no final da história de Nik e Tati.

Mais uma vez, eu gostaria de dizer um enorme obrigado a todos os meus leitores. Sem vocês, esta história não teria vindo à tona, especialmente tão

rápido.

Se você tiver tempo e gostou da história, não hesite em deixar um comentário!

TJ x



Me persiga

EU GOSTO DISSO ;)

Document Outline

- Direitos autorais
- Aviso de conteúdo
- Dedicação
- Menção especial
- 1. Capítulo Um
- 2. Capítulo Dois
- 3. Capítulo Três
- 4. Capítulo Quatro
- 5. Capítulo Cinco
- 6. Capítulo Seis
- 7. Capítulo Sete
- 8. Capítulo Oito
- 9. Capítulo Nove
- 10. Capítulo Dez
- 11. Capítulo Onze
- 12. Capítulo Doze
- 13. Capítulo Treze
- 14. Capítulo Quatorze
- 15. Capítulo Quinze
- 16. Capítulo Dezesseis
- 17. Capítulo Dezessete
- 18. Capítulo Dezoito
- 19. Capítulo Dezenove
- 20. Capítulo Vinte
- 21. Capítulo Vinte e Um
- 22. Capítulo Vinte e Dois
- 23. Capítulo Vinte e Três
- 24. Capítulo Vinte e Quatro
- 25. Capítulo Vinte e Cinco
- 26. Capítulo Vinte e Seis
- 27. Capítulo Vinte e Sete
- 28. Capítulo Vinte e Oito
- 29. Capítulo Vinte e Nove
- 30. Capítulo Trinta

- 31. Capítulo Trinta e Um
- 32. Capítulo Trinta e Dois
- 33. Capítulo Trinta e Três
- 34. Capítulo Trinta e Quatro
- 35. Capítulo Trinta e Cinco
- 36. Capítulo Trinta e Seis
- 37. Capítulo Trinta e Sete
- 38. Capítulo Trinta e Oito
- 39. Capítulo Trinta e Nove
- 40. Capítulo Quarenta
- 41. Capítulo Quarenta e Um
- 42. Capítulo Quarenta e Dois
- 43. Capítulo Quarenta e Três
- 44. Capítulo Quarenta e Quatro
- 45. Capítulo Quarenta e Cinco
- 46. Uma pequena nota minha para você
- 47. Persiga-me